VIDAS NAS SOMBRAS COM KRISHNAMURTI

RADHA RAJAGOPAL SLOSS

TRADUÇÃÓ: AMADEU ANTÓNIO

VIDAS NAS SOMBRAS

Radha Rajagopal Sloss 1991

Àqueles que me deram as minhas memórias e
àqueles que partilharam comigo as suas,
este livro é carinhosamente dedicado.

Sumário

Prefácio da Edição Americana
Prefácio
Ilustrações
Agradecimentos
Introdução
O Jardim dos Sábios
PARTE UM
HISTÓRIA INICIAL
O Caminho do Discipulado (Final do Século XIX a 1931)
1 Os Anciãos
2 O Veículo
3. O Veículo Assume o Controlo
4 A Nova Descoberta
5 De Volta ao Caminho
6 Califórnia
7 O 'Processo'
8 Problemas no Caminho
9 Uma Curva à Esquerda
10 Ignorando os Mestres
11 Encontrar o Caminho
12 A Terra Sem Caminho
PARTE DOIS
MEMÓRIAS PESSOAIS
A Verdade é uma Terra Sem Caminho (1931-47)
13.Um Cuco no Ninho do Outro Pássaro
14 Infância no Jardim dos Sábios
15 Para além do Jardim
16 Sábios e Sombras
17 Um Jardim de Paz num Mundo em Guerra

18 Wrightwood
19 O Nascimento de uma Escola
VIDAS NA SOMBRA COM J. KRISHNAMURTI
PARTE TRÊS - DESFECHO
Perdido numa Terra Sem Caminhos (1947-86)
20 A Sombra Aprofunda-se
21 A Carta
22 Velas na Tempestade
23 Apagando-se Breves Velas
24 A Índia Revisitada
25 Exilado
26 Uma Moratória
27 Uma Casa Dividida
28 Um Novo Círculo na Sombra
29 As Rodas da Justiça
30 Das Cinzas às Cinzas
Notas e Referências

Prefácio à Edição Americana

Desde que este livro foi publicado em Inglaterra, em Maio de 1991, e posteriormente encontrou o seu caminho para outras partes do mundo, recebi numerosas cartas e chamadas telefónicas. Quase sem exceção, todas exprimiam gratidão pelo facto de as áreas de obscuridade a que me referi no meu primeiro prefácio se terem agora tornado mais claras. Conhecer melhor o lado humano de Krishnamurti, e as inconsistências entre os seus ensinamentos e a sua vida privada, tornou os seus ensinamentos mais significativos em vez de os diminuir.

Da minha parte, estou grata por todas estas comunicações. Reafirmaram a minha esperança de que a maioria de nós não teme descobertas que possam alterar a nossa perceção da realidade e de que cada um de nós é livre de atribuir a essas descobertas a relevância que lhe seja essencial enquanto indivíduo.

Lamento que Krishnamurti não tenha vivido para ver este livro, pois tentei arduamente publicá-lo durante a sua vida. Talvez não o tivesse lido, mas teria sabido que ele existia e, pelo menos, uma parte de si teria compreendido porque tive de o escrever.

Prefácio

Esta não é apenas a história de uma pessoa. É a história das relações de J. Krishnamurti com pessoas intimamente ligadas a ele, especialmente Rosalind Williams Rajagopal e D. Rajagopal, minha mãe e meu pai, e das consequências desse envolvimento nas suas vidas. Recentemente surgiram biografias e um filme biográfico sobre Krishnamurti que deixaram áreas inteiras, e um vasto período de anos, mergulhados numa obscuridade misteriosa. Não é do interesse da integridade histórica, especialmente quando se trata de uma personalidade desta natureza, que existam tais zonas de sombra.

Agradecimentos

As recentes leis de direitos de autor exigem autorização para a publicação das cartas de uma pessoa, quer do autor quer do seu espólio literário. Portanto, por razões óbvias, as cartas de Krishna para a minha mãe foram omitidas deste livro. Estão na minha posse e sustentam os factos da história tal como a apresentei.

Certos outros documentos relativos aos acontecimentos aqui descritos permanecerão selados durante alguns anos. Outros, aos quais tive acesso, fazem parte da coleção histórica do meu pai.

Gostaria de agradecer a Matthew Huxley a autorização para citar cartas de Maria Huxley; a Christian von Ledebur e Ivan Moffat a autorização para citar cartas e poesia de Iris Tree; a Joan Watts Tabernick a autorização para citar a carta de Alan Watts a Blanche Matthias; a Beatrice Wood a autorização para utilizar quaisquer das suas cartas e escritos; e a Sybille Bedford a autorização para citar Aldous Huxley (*Alfred Knopf/Harper & Row*, Nova Iorque, 1974).

Aprecio profundamente a edição sensível e perspicaz de Liz Cowen e o apoio e conselho úteis de Liz Calder e dos outros membros da Bloomsbury que ajudaram a produzir este livro. Gostaria também de acrescentar um agradecimento especial ao meu agente, Rivers Scott, pela sua confiança no livro e pela forma competente como o conduziu. Quero ainda expressar a minha gratidão aos muitos amigos que me deram conselhos e partilharam comigo as suas recordações. Eles saberão quem são.

Finalmente, e acima de tudo, quero agradecer ao meu marido, que me sustentou com o seu amor, paciência e observações iluminadoras durante os tempos frequentemente difíceis envolvidos na escrita desta história; ao meu pai, pela sua profunda preocupação e apoio silencioso enquanto eu escrevia; e à minha mãe, pela sua extraordinária generosidade ao partilhar comigo toda a sua correspondência, bem como os aspetos mais íntimos da sua vida, que, não fosse o seu respeito pela verdade, teriam permanecido intatos.

Entre a ideia

E a realidade
Entre o movimento
E o ato
Cai a Sombra

Entre a conceção
E a criação
Entre a emoção
E a resposta
Cai a Sombra...

Entre a potência
E a existência
Entre a essência
E a descida
Cai a Sombra.

— T. S. Eliot, *The Hollow Men* (1925)

Introdução

O Jardim dos Sábios

Ainda o vejo em sonhos tecidos pelas memórias mais antigas. A grande pérgula coberta de madressilva e trepadeiras-de-trombeta abrigava um terraço de tijolo. Numa extremidade havia um tanque retangular de nenúfares onde nadavam os meus patinhos. Para além dele estendiam-se relvados em socalcos, sombreados por imensos pinheiros; um pátio coberto por roseiras cor-de-rosa que brotavam de troncos antigos; e, finalmente, a casa de madeira vermelha, pintada de amarelo-claro.

Por detrás de tudo isto erguiam-se as colinas áridas de Ojai, cobertas pelo *chaparral* frequentemente inóspito, embora belo — salva-preta e branca, manzanita, sumagre e carvalho-venenoso.[1] O nosso jardim, com os seus relvados sedentos de água e os seus caramanchões, desafiava esse ambiente natural. Com o tempo, a sua natureza, tal como a inocência rara das nossas vidas, modificou-se.

O jardim acabou por ser transformado, não apenas pelas secas realidades do ambiente, mas também pelas necessidades práticas de uma produtiva plantação de laranjeiras. A necessidade de espaço — e sobretudo de água — do pomar vinha em primeiro lugar.

A plantação era domínio do meu tio, Willie Weidemann. Com a sua competência prática alemã, administrava os recursos da nossa terra. A água vinha do desfiladeiro de Big Horn, logo atrás de nós. As secas não eram raras. Adaptávamo-nos ao que nos era concedido em chuva e clima. No Verão, o relvado de croqué no terraço superior era deixado a secar até se tornar um tapete castanho de ervas secas. Para conservar ainda mais água, o pomar era irrigado durante a noite. Ainda consigo evocar o *tsk-tsk-tsk* dos aspersores e o odor que a terra ressequida libertava quando era

humedecida. As laranjeiras, brilhando num prateado pálido ao luar, viravam as folhas como mãos recebendo uma prece atendida.

Nos Invernos rigorosos e gelados, Willie trabalhava toda a noite, ligando os aspersores para elevar a temperatura, pois não tínhamos aquecedores a óleo (a que chamávamos *smudge pots*), como os que existiam no vale, alinhados entre as árvores. No entanto, éramos poupados ao véu negro de fumo que cobria o vale nas manhãs frias.

À medida que o pomar consumia a nossa água, consumia também o nosso espaço. A pérgula, o terraço de tijolo e o tanque — assim como todas as plantas exóticas do jardim — desapareceram. O aroma da salva-preta esmagada entre os dedos durante os passeios pelas colinas seria mais recordado do que o perfume dos caramanchões de madressilva.

À minha coleção de patos, gansos e perus domésticos juntaram-se os animais selvagens do *chaparral* — uma doninha-fedorenta, um esquilo-listado, gambás, uma pequena cobra-real e um tangará de asa partida. Por vezes, nas noites de luar, os coiotes aproximavam-se até ao relvado superior para dançar e ladrar antes de a alvorada os fazer regressar às colinas. Muitas vezes o odor da doninha-fedorenta pairava em redor da casa durante a noite. Uma vez vimos um condor planar bem alto sobre o nosso jardim, em direção ao ninho na próxima montanha Topa Topa.

O nosso mundo era o paraíso de uma criança e, olhando para trás, penso que devia ser também o paraíso de um adulto.

A casa já era antiga quando nasci. Crescera em torno de uma única sala de aula construída muito tempo antes para as filhas dos professores da escola masculina Thacher, situada mais acima na estrada. Chamava-se *Arya Vihara*, sânscrito para "Casa do Ariano", um nome que sempre me embaraçou, sobretudo nos meus anos de escola durante a Segunda Guerra Mundial. Não era fácil explicar o significado aos meus amigos, mas havia muitas coisas na nossa casa que não eram fáceis de explicar; felizmente, fui criada sem sentir necessidade de o fazer.

Bastava-me que os adultos da minha vida parecessem ter encontrado um equilíbrio harmonioso entre o retiro espiritual e intelectual e a quinta ativa que coexistiam naquele invulgar jardim de sábios.

Os visitantes frequentes de Arya Vihara eram tratados pela minha mãe, Rosalind. Havia três refeições por dia: pequeno-almoço na cama para os hóspedes que o preferissem, almoço no relvado ou no pátio quando o tempo era bom e jantar na sala de jantar. Tomávamos banho e mudávamos de roupa antes de nos reunirmos ao fim da tarde. Todos os visitantes compreendiam que não haveria tabaco, álcool nem carne.

O meu pai, Rajagopal, trabalhava todo o dia e até altas horas da noite, organizando e editando as palestras e cadernos de Krishnamurti, aparecendo apenas ao jantar e ocasionalmente para o jogo de badminton das quatro horas.

Com o tempo, até a fila de acácias que ladeava o caminho entre a casa de campo de Krishnamurti e a casa principal foi sacrificada ao pomar. Mas antes disso acontecer, eu escondia-me muitas vezes num ramo alto entre os perfumados tufos amarelos das flores de acácia. Aí esperava que a minha vítima favorita passasse por baixo para lhe despejar água sobre a cabeça. Ignorava completamente que aquela pessoa fora outrora proclamada mestre do mundo por membros destacados da Sociedade Teosófica. Ninguém usava esse termo na minha infância. Como eu não conseguia pronunciar o nome Krishnamurti, ele era sempre, para mim, "Krinsh".

A vida mudou consideravelmente com a Segunda Guerra Mundial. A minha mãe passou a ter muito mais trabalho. Acrescentaram-se às tarefas uma horta, vacas e galinhas, queijo feito com o leite excedente e manteiga batida à mão. Havia também colmeias. A minha mãe e Krinsh eram os que vestiam redes e luvas para tratar delas, enquanto eu extraía o mel. Durante a guerra éramos, na prática, autossuficientes; essa era a ideia, pois, sendo pacifistas, não queríamos ser um peso para ninguém. O nosso contributo para o esforço de guerra consistia em enviar o máximo possível de alimentos para o estrangeiro.

São esses anos de guerra que permanecem mais nítidos na minha memória. Enquanto a vida da maioria das pessoas era dilacerada, as nossas uniram-se como nunca antes nem depois voltariam a unir-se. As viagens do meu pai e de Krinsh cessaram. Ficámos todos juntos em Ojai durante toda a guerra.

Durante esse período, o meu pai transferiu o escritório de Hollywood para Ojai. Devido ao racionamento da gasolina, as deslocações de

automóvel foram reduzidas. Poupávamos durante todo o ano cupons suficientes para nos levar ao Parque Nacional de Sequoia durante seis semanas no Verão. Aí, entre aquelas gigantescas árvores com três mil anos, juntava-se a nós toda uma comitiva de Ojai: família, amigos e as habituais devotas solteiras que seguiam discretamente Krinsh para onde quer que ele fosse.

Os que então nos eram mais próximos — os que ainda vivem — devem perguntar-se o que correu tão mal para que tamanha aparente harmonia e vitalidade de espírito, mente e atividade física se desintegrassem desastrosamente numa guerra judicial. Como três pessoas que, durante quase meio século, pareceram inevitavelmente ligadas em vidas totalmente altruístas puderam envolver-se em acusações amargas e feias lançadas por uma delas contra outra. Como os elevados ideais da fraternidade humana, da rejeição da violência contra qualquer criatura, da procura de liberdade em relação à ambição, culpa e medo, puderam dissolver-se em tamanha discórdia.

As sementes do conflito devem ter sido lançadas algures pelo caminho, para lá das minhas memórias.

Na Parte Um retraço o caminho até às origens da Teosofia, à forma como se relacionou com a minha família próxima e ao modo como foi o catalisador que os uniu. A Parte Dois entrelaça-se com as minhas recordações pessoais de acontecimentos e pessoas que influenciaram as nossas vidas, e a Parte Três descreve a triste colheita das sementes plantadas há muito tempo.

1

Os Anciãos

Crescer com o mestre do mundo, mesmo que ele tivesse renunciado a esse título quatro anos antes do meu nascimento, tinha muitas vantagens colaterais. Havia um fluxo constante pela nossa casa de pessoas interessantes e invulgares, a maioria delas mentalmente equilibradas. A nossa vida estava longe de ser um retiro místico ou de tranquila contemplação, embora Krinsh certamente reservasse espaço para “estar só” na sua rotina.

Graças a ele fui poupada a um dos piores efeitos de ser filha única: o de ser o centro das atenções. Existia uma clara consciência de quem era o nosso centro, e do círculo que irradiava dele com magnetismo intato até aos confins da Terra. Só gradualmente viria a perceber que um homem nem sempre é profeta no seu próprio vale e que mesmo um luminar como Krinsh possuía o seu lado sombrio.

Muito antes de eu nascer, ambos os meus pais se haviam comprometido com Krinsh e com a gestão das inevitáveis complexidades ligadas à vida em torno dele. Contudo, apesar de todo o seu trabalho árduo, a minha mãe Rosalind nunca perdeu a aura de glamour inconsciente que a acompanhava desde que chegara a Hollywood em 1919. Nem as tensões crescentes da sua vida dissiparam o seu talento para criar diversão e entusiasmo a partir das circunstâncias disponíveis. Adorava jogos de todo o género e podia jogar xadrez com o meu pai tão bem quanto badminton com Krinsh.

Quando criança via muito pouco do meu pai, e também depois disso não o vi muito mais, mas a sua personalidade era tão forte que bastava pouco dele para deixar marca, e hoje sei que a sua influência sobre mim foi profunda. Os raros momentos que passava com ele eram preciosos, pois nele não havia trivialidade alguma e tudo o que dizia, até o seu humor (do qual era abundante), tinha significado.

Havia frequentemente uma tensão silenciosa quando os meus pais e Krinsh estavam juntos e, por vezes, o silêncio transformava-se em discussões bastante acaloradas, cuja origem eu só compreenderia muitos anos depois. Quando havia outras pessoas presentes, essas tensões evaporavam-se e os três pareciam formar um círculo mágico reconfortante no qual os perturbados, os espiritualmente cansados ou os confusos podiam entrar e repousar.

Então havia muito riso; piadas e jogos quebravam a rotina das discussões “sérias”. O vínculo transparente entre eles tornava-se quase tangível.

As duas imagens de Krinsh — a pública e a privada — ficaram gravadas nas minhas primeiras memórias. Não me intrigava nem preocupava, em criança, que o nosso Krinsh privado fosse tão diferente daquele que aparecia quando estranhos chegavam à casa.

O nosso Krinsh, cujo cabelo eu puxava em bebé, em cujo colo me sentava, que beijava os meus joelhos feridos e fazia tranças no meu cabelo, que me pegava ao colo quando eu tinha medo, que beijava a mão da minha mãe ao cumprimentá-la de manhã, que a repreendia quando ela era descuidada ou permitia que ela o repreendesse quando ele era difícil — esse Krinsh nunca aparecia diante de estranhos.

No momento em que Krinsh entrava numa sala cheia de novos visitantes ou amigos menos íntimos, tanto ele como eles mudavam percetivelmente, sobretudo se fossem devotos. A própria forma como tentava fundir-se discretamente com a sala, como se desejasse que ninguém reparasse nele, atraía imediatamente toda a atenção. A conversa cessava.

— "Por favor, continuem, não deixem que eu interrompa", dizia ele.

Mas quem ousaria continuar quando *Ele* estava presente?

Seguia-se um silêncio reverente enquanto toda a atenção e energia da sala convergiam para ele, e então o pobre Krinsh tinha a tarefa de restaurar a conversa.

As raras pessoas que testemunhavam o nosso comportamento "normal" deviam ficar profundamente chocadas. Felizmente ninguém estava presente quando a minha mãe, numa mistura de exasperação e brincadeira, lhe despejou um prato de ovos mexidos sobre a cabeça. Todos acabámos por achar aquilo muito divertido. Não eram incidentes desse género que originavam discussões entre eles. As discussões provinham de causas que eram mantidas em segredo até de mim.

Notas

1. Chaparral é um tipo de vegetação arbustiva típica das regiões secas da Califórnia e do sudoeste dos Estados Unidos.

Havia outros adultos na minha infância que contribuíram muito para moldar a minha visão do mundo. A minha avó, Sophia Williams, com quem passei grande parte dos meus primeiros nove anos, transmitiu-me o amor pela música; e a sua filha mais velha, a minha tia Erma, transmitiu-me o amor pelos livros, pela História e pela natureza. Outra das filhas de Sophia, Grace, casara com Willie, e o filho deles, David, era um dos meus

dois companheiros de brincadeiras, sendo o outro Krinsh. Como os Weidemann viviam ao lado, na mesma propriedade, David e eu éramos inseparáveis desde o pequeno-almoço até ao jantar.

Foi sobretudo através de Erma que aprendi as raízes da nossa vida. Foi com ela que soube como a minha mãe, uma rapariga americana de Buffalo, Nova Iorque, conhecera três jovens indianos num distante vale californiano: Krishnamurti, o seu irmão Nitya e Rajagopal, o meu pai. Tudo isto acontecera por causa da Teosofia.

Durante a minha primeira infância, apenas Erma discutia seriamente comigo a Teosofia. A grande ruptura entre Krinsh e a Sociedade Teosófica ocorrera poucos anos antes do meu nascimento. Foi Erma quem me contou muitas histórias acerca dos fundadores e dos seus princípios. Disse-me também que o encontro e casamento dos meus pais ilustravam a base da Teosofia: a união entre Oriente e Ocidente, a fraternidade universal da humanidade, a eliminação de barreiras culturais e preconceitos. Independentemente das atitudes que viessem a adotar mais tarde na vida, não havia qualquer dúvida, no espírito de Erma, de que todos os adultos da minha vida deviam muito da sua condição presente — filosófica, psicológica e material — aos seus anciãos teosóficos.

Erma explicou-me que a Sociedade Teosófica, fundada por uma russa e um americano, se baseava largamente na interpretação que faziam do Budismo, do Hinduísmo e de uma mistura de várias teorias ocultistas próprias dos fundadores. O seu objetivo era explorar os mistérios da natureza e os poderes latentes do ser humano sobre os quais o estudo da filosofia oriental pudesse lançar alguma luz. Estava aberta tanto a crentes como a não crentes, aos ortodoxos e aos heterodoxos.

Nos primeiros tempos, a Teosofia exercia forte atração sobre aqueles que encontravam pouco consolo ou satisfação na ortodoxia religiosa e, ainda assim, não se contentavam em considerar-se ateus. Também atraía aquele pequeno mas articulado grupo de livres-pensadores e ateus declarados que procuravam alguma forma de sustento espiritual entre as sementes da ciência do século XIX.

No final do século XIX era inevitável que a diversidade de ideias e atividades propostas pela Teosofia atraísse um leque igualmente vasto de

pessoas. Havia aqueles que, como estudiosos, estavam interessados em explorar os aspetos interculturais dessa nova sociedade. Muitos jovens políticos na Índia, após décadas de repressão e desvalorização por parte dos britânicos, encontravam esperança e apoio na ideia de ocidentais demonstrarem tal interesse pela sua herança cultural e filosófica.

Quase todos os países do mundo ocidental, bem como a Ásia e a Austrália, acabaram por ter secções nacionais e regionais da sociedade. As afirmações e atividades coloridas, e por vezes sensacionalistas, de alguns dos seus membros intrigavam a imprensa mundial, que durante muitas décadas permaneceu atenta às suas movimentações.

Quando jovem, achei os relatos de Erma sobre esses primeiros teosofistas muito mais coloridos do que a filosofia que Krinsh formulara ao afastar-se da sociedade. Apesar do ceticismo frequentemente expresso acerca das ideias teosóficas e dos incidentes que eram comentados à mesa de jantar — especialmente na companhia de hóspedes como Aldous Huxley — Erma mais tarde fornecia-me o contexto dessa história inicial. Com os seus belos olhos verde-avelã abertos de espanto, oferecia-me esses relatos não por desafio ou contradição, mas como componente vital da sua própria memória psicológica.

Assim aprendi que, em 1873, Helena Petrovna Blavatsky, uma emigrante russa e neta de uma princesa, chegara a Nova Iorque. Com o seu interesse inquisitivo pelo espiritualismo, rapidamente encontrou caminho para uma reunião com o coronel Henry Olcott, advogado que servira na Guerra Civil Americana como investigador de fraudes. Olcott estava então a observar as atividades de um grupo de espiritualistas para uma série de artigos de jornal. Juntos, em poucos anos, estes dois exploradores dos fenómenos ocultos fundariam a Sociedade Teosófica.

Erma parecia aceitar com naturalidade a afirmação de Blavatsky de que, desde a infância, era visitada por uma figura alta, morena e misteriosa que considerava seu protetor. Blavatsky acreditava que ele a salvara de vários perigos de morte ou ferimentos graves. Mais tarde identificá-lo-ia como o Mestre Morya que, juntamente com outro adepto, o Mestre Kuthumi, a escolhera como sua mensageira terrena.

Blavatsky acreditava que estes adeptos eram mortais, nascidos como nós nascemos e eventualmente sujeitos à morte. O propósito deles era ajudar a humanidade através dos seus períodos mais difíceis. Ao longo da sua vida, Blavatsky afirmava sentir a proteção deles e a sua escrita estava intimamente associada a eles. Ela fez deles a pedra angular do movimento teosófico. Com o tempo, outros membros viriam a reivindicar comunicação direta com eles, alegando receber também as instruções e orientação dos Mestres. Como até Erma teve de admitir, estas comunhões independentes levavam por vezes a conflitos e cisões dentro da sociedade. Quando eu me aventurava a verificar a ideia dos Mestres com Krinsh, ele bufava: «Isso é tudo irrelevante.»

Achei Blavatsky e os seus Mestres demasiado interessantes para serem descartados com um bufo e depressa imploraria a Erma por mais histórias. Soube que Blavatsky era uma jovem voluntariosa e não convencional. Para espantar uma governanta, que desdenhosamente lhe dissera que ninguém se casaria com ela, noivou com um homem com o triplo da sua idade. Horrorizada com o que fizera, tentou, sem sucesso, romper o noivado. Exibindo considerável engenho e coragem, eludiu então a vigilância estreita daquele marido desapontado e, aos dezassete anos, embarcou em extensas viagens. Estranhamente, Krinsh parecia tolerar as façanhas de Blavatsky no plano terreno com melhor cara do que as no plano oculto.

Era aceitável acreditar que ela se juntara às forças do patriota italiano Garibaldi na sua campanha para unificar a Itália. O Coronel Olcott afirmava que lhe tinha sido mostrado o braço esquerdo dela, partido em dois lugares por um sabre quando servira como voluntária na batalha de Mentana. Ela também lhe revelou o rasto de uma bala de mosquete ainda incrustada no seu ombro e outra na sua perna direita. Uma cicatriz logo abaixo do seu coração registava o local onde tinha sido esfaqueada por um estilete — uma ferida tão profunda que fora deixada numa vala como morta.

Blavatsky aparentemente não pretendia estes detalhes para o público pois, quando leu um relato no *American Mercury*, declarou que era uma mentira e que não era da conta de ninguém, que nunca fizera parte do estado-maior de Garibaldi e que tinha apenas ido com amigos a Mentana

para ajudar a dar tiros nos papistas. (Krinsh adorava a parte sobre dar tiros nos papistas.)

À medida que o episódio em Mentana circulava entre os teosofistas, no entanto, ganhava ainda mais cor. Uma versão era a de que Blavatsky tinha morrido na batalha de Mentana. Estava morta na vala quando o Mestre Morya intercedeu, decidindo que o corpo dela seria um bom veículo para outro *Chela* (discípulo estudante) assumir e continuar o trabalho dos adeptos. Por mais estranho que este relato pudesse ser, recebeu algum apoio do Coronel Olcott. Este homem longânimo, racional, mas por vezes ingénuo, teve muitos momentos difíceis com o espírito temperamental e poderoso de Blavatsky, que tinha dificuldade em conciliar com o exterior físico de uma senhora vitoriana.

Olcott por vezes deparava-se com Blavatsky tarde da noite, a trabalhar nas suas memórias. Alheia à presença dele, ela estaria a fazer os movimentos de abrir e puxar sobre cada orelha uma barba invisível. Ela fazia uma pantomima tão gráfica que Olcott quase conseguia ver a longa barba rala, usada neste estilo Rajput por um dos Mestres.

Certamente, muitas histórias sobre a vida de Blavatsky, apócrifas ou não, são extraordinárias, mesmo quando aplicadas a uma senhora de uma época abundante em mulheres extraordinárias. Certa vez, espantou um capitão de mar que, mais tarde, contou ter visto ela acender o seu charuto, sem fósforos ou outra assistência observável, enquanto estava de pé junto à amurada no meio de uma tempestade furiosa. Todas as outras criaturas vivas tinham sido recolhidas abaixo do convés. De maior significado para Blavatsky, na sua evolução espiritual, foram os anos que afirmou ter passado a viver e a estudar com os Mestres no seu lugar de habitação oculto, o Tibete. Ela aprendeu a materializar objetos e a receber mensagens escritas dos Mestres. Quando Aldous Huxley entrou na nossa vida, sustentou que Blavatsky era uma completa charlatã, referindo-se às suas materializações como embustes. Ver os objetos alegadamente materializados no Museu Teosófico em Adyar, uns trinta anos mais tarde, não me trouxe qualquer iluminação adicional.

Era a missão especial de Blavatsky formar a Sociedade Esotérica dentro das fileiras teosóficas. A Sociedade Teosófica acolhia qualquer pessoa sincera como membro. A Sociedade Esotérica, ou SE como passou a ser chamada, era estritamente para aqueles que tivessem provado a sua

dedicação à Teosofia, maioritariamente através do trabalho. Estes membros selecionados eram considerados prontos para a exposição às sabedorias antigas que os ajudariam ao longo do «Caminho» dos Mestres. A filiação na SE devia ser absolutamente secreta. Mas depressa percebi que, a dada altura, Krinsh e o meu pai, bem como Erma, tinham pertencido a ela.

Até ao fim, Blavatsky manteve uma forte antipatia em relação à religião, especialmente ao Cristianismo (uma atitude que lhe valeu muitos inimigos). Ela via as religiões modernas como formas decadentes da «religião da sabedoria» original. Também não gostava de cerimónias e rituais, nunca se comprometendo com restrições pessoais no comportamento ou na dieta, como o vegetarianismo, habitualmente abraçados pelos seus companheiros teosofistas.

Erma costumava dizer que uma cadeia inevitável de circunstâncias que levou ao casamento dos meus pais foi posta em marcha no dia em que o seu avô, Carl Waldo, conheceu a Madame Blavatsky. Carl Waldo tinha deixado o seu ambiente aristocrático na Alemanha enquanto jovem para emigrar para a América, onde acabou por fazer fortuna em carruagens de aluguer. Foi também excomungado por se tornar maçom. Este avô foi a fonte original do envolvimento de Erma na Teosofia, um envolvimento que afetaria não só a vida dela, mas as vidas da sua mãe e das suas três irmãs.

«Tudo começou com um corpo», disse-me Erma um dia, «não, não um corpo astral — um cadáver.»

Um dia, em maio de 1876, Carl Waldo desceu de Buffalo até à cidade de Nova Iorque para assistir a um funeral no templo maçónico. O falecido nobre bávaro, Joseph Henry Louis, Barão de Palm, Cavaleiro de São João de Malta, Príncipe do Império Romano e Membro da Sociedade Teosófica, alcançaria mais fama como cadáver do que alguma vez tivera em vivo. Tinha deixado os seus bens terrenos (que eram nulos) e o seu corpo, que provaria ser mais significativo, à execução do Coronel Olcott. O Barão especificou que desejava ser cremado. Isto não era um pedido simples. Olcott teve de esperar seis meses após o funeral antes que o primeiro crematório na América estivesse concluído. O do Barão foi o primeiro corpo nos Estados Unidos a ser publicamente cremado com sanção oficial; um evento amplamente coberto pela imprensa nacional.

No funeral na cidade de Nova Iorque, Carl Waldo encontrou o Templo Maçónico cheio de espiritualistas, jornalistas e desordeiros. Naquela assistência, dando o seu apoio moral ao seu amigo Olcott, estava Helena P. Blavatsky. Embora esta ocasião tenha despertado o interesse de Carl por Blavatsky e pela sua recém-nascida sociedade, ele voltou para casa em Buffalo tão descomprometido com a Teosofia como estava com todas as muitas filosofias que tinha explorado ao longo da sua vida. Mas o seu relato acendeu um interesse duradouro na sua neta Erma.

Os antepassados de Erma eram uma mistura de idealistas e ateus, pacifistas e excêntricos. Ela manter-se-ia sempre orgulhosa deles. O seu pai, John Williams, era, se não um ateu declarado, totalmente contra qualquer ida à igreja. No entanto, conseguia citar as escrituras em seu proveito quando optava por fazê-lo.

Pando Rosalind nasceu em 1903, a última de quatro filhas, o casamento dos seus pais tinha-se tornado cada vez mais infeliz. Sophia Williams tinha casado com John por despeito e nunca chegara a amá-lo. Tinha chorado ao longo da sua primeira gravidez e chorado ao longo de todas as três seguintes. A disposição outrora equilibrada de John tornou-se errática. Erma dizia que ele saía de casa como um cordeiro de manhã e voltava a casa a rugir como um leão, ou vice-versa. Apesar da sua dedicação à política (foi eleito para a Assembleia do Estado de Nova Iorque duas vezes), John nunca esqueceu que era um artista e passava longas horas a pintar no sótão à noite, fazendo Rosalind segurar uma lanterna para ele até ela pensar que o seu braço iria definhar no ombro.

In 1919, quando Rosalind tinha dezasseis anos, Erma Williams conduziu a sua família para a Califórnia, a sua mãe para longe de um marido afastado e as suas irmãs de um pai tirânico.

Tanto Erma como Rosalind eram dotadas de naturezas aventureiras. À medida que o comboio as transportava pelas pradarias e desertos, as suas mentes limpavam-se e estendiam-se com os céus. O terreno do longínquo oeste espalhava-se numa imensidão cada vez maior diante delas. Elas não imaginavam então quão abertas teriam de estar para abraçar o futuro que as aguardava.

Aninhado nas colinas a poucos quarteirões do glamour do Hollywood Boulevard estava o enclave teosófico. Aqui, em fantasias arquitetónicas

que variavam desde a cabana inglesa ao estilo de templo hindu, habitava uma variedade internacional de teosofistas. Eles não foram, claro, atraídos para Hollywood pelo seu mundo do cinema, mas pelo ar puro e pela luz solar, pelas laranjas e pelo ambiente de liberdade espiritual que a bacia de Los Angeles oferecia.

Rosalind, com o seu rosto clássico, cabelo dourado e tez naturalmente viva, era fitada e frequentemente tomada por uma jovem atriz, para grande consternação da sua mãe Sophia. Nesses dias, o Hollywood Boulevard, com o seu elétrico no centro, era o cenário de muito exotismo. Pola Negri passeava ali o seu leopardo de estimação, a beleza de banho de Sennett, Gloria Swanson, passeava por lá, e Harold Lloyd realizava as suas acrobacias no Taft Building. A uma milha ou duas de distância, ao longo do ainda rural Sunset Boulevard, mansões vistosas estavam a ser erguidas para as estrelas e magnatas do cinema.

Mary Gray, uma eminente bostoniana e teosofista, ofereceu a Erma um cargo a gerir a sua pequena *School of the Open Gate* no Vale de Ojai, oitenta milhas a norte de Hollywood. A Sra. Gray tinha-se transplantado a si e aos seus filhos para este vale, já um centro teosófico. Erma depressa providenciou para que a sua família subisse para Ojai. Rosalind ficou na casa de Mary Gray com Erma, enquanto Sophia e Grace viviam num pequeno bangaló na propriedade adjacente às terras de Mary Gray.

Sophia, uma pianista talentosa, então na casa dos cinquenta anos, nunca aprendeu a gostar do campo. Tinha-se mudado do seu local de nascimento, onde vivera toda a sua vida no meio de uma família muito unida de irmãos e irmãs, com fortes laços musicais, para uma pequena cabana rústica num vale seco e rochoso, no meio de um grupo de teosofistas em relação aos quais não sentia nem interesse nem desapreço. A sua mudança para a Califórnia tinha exigido muita coragem. Intrinsecamente uma pessoa da cidade, regressou a Hollywood, para aí se estabelecer pelos restantes vinte anos da sua vida.

Nenhum dos meus anciãos conhecera realmente Blavatsky, pelo que as diferenças nas suas opiniões sobre ela não eram tão intrigantes, mas havia outra pessoa colorida daqueles primeiros dias que tanto os meus pais como Krinsh tinham conhecido bem. Eu permaneceria perturbada por muitos anos pela marcada divergência de opinião entre Krinsh e os meus pais no que tocava a Charles Webster Leadbeater. Estava claro que

Leadbeater tinha desempenhado um papel fundamental nas vidas tanto do meu pai como de Krinsh. Foi ele quem os «descobriu» quando eram rapazes jovens, e os elevou dos seus ambientes e famílias para serem lançados no que ele propunha serem futuros extraordinários.

Todos concordavam que Leadbeater era uma figura impressionante com o seu rosto forte e focado, barba branca e olhos penetrantes. Uma vez contaram-me uma história sobre a sua chegada a Hollywood onde, durante uma digressão de palestras, ele iria ficar com companheiros teosofistas. Depois de ver dois homens corpulentos a lutar para levantar o seu baú muito grande escadas acima, ele comentou com um desprezo fulminante: «Humph! Comedores de carne!», e içou-o para os seus próprios ombros sem qualquer dificuldade.

A minha mãe lembra-se de Leadbeater como um homem idoso e gentil, embora firme, que não despertava medo nela. O meu pai, que conhecia Leadbeater principalmente através de uma correspondência constante que durou mais de uma década, falava sempre dele com afeto e gratidão pela sua orientação prática e espiritual. Erma tinha fé teosófica no conhecimento oculto de Leadbeater. Krinsh retratava-o como áspero e prepotente. Embora devesse a Leadbeater a sua educação inicial, a saúde restabelecida e um futuro incrível, não pressenti nem gratidão nem afeto nas suas referências ao seu antigo protetor. Nenhum dos meus pais alguma vez questionou a integridade de Leadbeater. Nem mesmo Krinsh duvidava da sua veracidade no plano terreno, embora na altura em que nasci ele soasse como se tivesse rejeitado as descobertas ocultas deste homem, que afirmava tê-lo encontrado através do conhecimento oculto.

As aventuras na vida de Leadbeater são tão fantásticas como as de Blavatsky. Ele tinha uma imaginação vívida. O seu estilo de escrita não traçava uma linha entre facto e fantasia. Poder-se-ia facilmente acreditar que cada palavra estava enraizada em factos, pois as suas descrições eram impressionantes e convincentes. Por exemplo, ele conseguia colocar em palavras simples observações complexas no campo em desenvolvimento da ciência molecular. Quando confrontados com o corpo total dos escritos de Leadbeater, que explora tudo, desde a evolução metafísica do homem ao sistema solar, ao plano astral, formas-pensamento, estrutura molecular, a consciência das rochas, transubstanciação e elementais, é compreensível que alguns acreditem que só poderia ter sido alcançado através de meios

clarividentes. Os seus escritos são um esforço fenomenal que se equipara de perto à realização da própria Blavatsky.[1]

Uma das minhas histórias favoritas de Leadbeater é um relato das suas façanhas na América do Sul, onde o seu pai dirigia a construção de uma ferrovia. Numa viagem à selva, Charles, o seu irmão Gerald e o pai de ambos foram capturados por rebeldes, cujo líder exigiu que se juntassem ao seu exército ou seriam executados. Os rebeldes prepararam-se para administrar um juramento de fidelidade que envolvia pisar um crucifixo. O pai horrorizado de Leadbeater fez uma corrida súbita para a selva e desapareceu. Gerald foi então ordenado a pisar o crucifixo. Recusando-se a fazê-lo, foi morto. Charles foi amarrado entre duas árvores e atearam um fogo sob os seus pés. Desmaiando de dor, Charles viu subitamente o seu irmão morto, Gerald, de pé à sua frente, com um aspeto pacífico e feliz. Leadbeater sentiu-se reconfortado por esta visão e aguentou até ao meio da noite, quando o seu pai regressou e o resgatou.

Quando um bando de voluntários partiu para combater os rebeldes, Charles implorou permissão para cavalgar com os homens, esperando que isso lhe desse a oportunidade de vingar a morte do seu irmão. Eventualmente, Charles deu por si a atacar o líder com uma espada. Embora estivesse a medir forças com o «melhor espadachim» da América do Sul, o jovem Charles saltou para cima do seu inimigo, segurando a ponta da sua espada contra a garganta deste.

Nesse preciso momento, o crucifixo de prata e ébano que trazia ao pescoço caiu para fora. Ao vê-lo, o líder rebelde clamou por misericórdia. Inabalável, Leadbeater estava prestes a cravar a espada no pescoço da sua vítima. No entanto, sentiu o seu braço ser contido. Voltando-se, viu o seu irmão morto, Gerald. O rebelde também o viu e ficou aterrorizado. Incapaz agora de levar a cabo a sua vingança, Leadbeater deixou o seu inimigo caído deitado no chão e afastou-se, «salvo por um fantasma», como mais tarde intitulou esta história.[^2] (Esse não foi o fim de Gerald que, segundo Leadbeater, reencarnou mais tarde num jovem cingalês, Jinarajadasa, a quem Leadbeater descobriu, educou e acolheu no seio da Sociedade Teosófica, para um dia se tornar o seu Presidente.)

As biografias iniciais de Leadbeater relatam a sua frequência em Oxford e a sua ordenação na Igreja de Inglaterra. Ele depressa descobriu que não era adequado para tal ortodoxia. A Igreja concordou plenamente.

Certa vez, numa viagem por mar, Leadbeater tinha falado com o mesmo capitão que observara Blavatsky a acender o seu charuto na tempestade. Leadbeater ficou tão intrigado que investigou esta mulher extraordinária. As suas descobertas levaram-no à Sociedade Teosófica, à qual se juntou em 1883. No ano seguinte, conheceu Blavatsky e viajou com ela para a Índia, onde esperava encontrar os Mestres. A sua fé na sociedade e em Blavatsky já era tão grande que abdicou de tudo para o fazer. Em 1885, o Coronel Olcott convidou-o a ir a Ceilão para ajudar a reavivar um interesse pelo Budismo local. Nisso foram ambos eminentemente bem-sucedidos. Em Ceilão, Leadbeater acabou por fundar uma escola de inglês para rapazes que viria a crescer até ser um colégio importante.

A biografia de Leadbeater por Gregory Tillett, publicada em 1982, lançou dúvidas, pelo menos entre os não-teosofistas, sobre alguma da história aceite de Leadbeater. Tillett desenterrou uma data de nascimento que tornaria Leadbeater demasiado jovem para as suas façanhas sul-americanas na altura alegada. Tillett não encontrou qualquer registo do irmão mais novo, Gerald. É possível, como é possível com Blavatsky, que Leadbeater estivesse sujeito a um impulso de embelezar ou reescrever a sua história inicial para se conformar mais de perto com o papel que sentia ser o seu destino.

Eu tinha conhecimento, por conversas ouvidas ao dezoito, que Leadbeater era a causa e o centro de muitas tempestades dentro da Sociedade Teosófica, mas os meus adultos estavam unidos em repudiar as alegações que tinham sido feitas de tempos a tempos sobre a moral de Leadbeater.

Qualquer que fosse a perspetiva de cada um sobre as histórias ocultas, experiências e moral de Leadbeater, ele tinha, como o meu pai sempre enfatizava, muitas qualidades admiráveis. Dedicou a última metade da sua vida a vários aspetos da Teosofia. Era dedicado à educação e trabalhou diligentemente para expandir a consciência dos jovens ao seu redor. Este foi o seu principal trabalho de vida. Muitas das suas ideias, particularmente aquelas preocupadas com o que hoje seria chamado de educação sexual, estavam suficientemente à frente do seu tempo para causar indignação na era vitoriana.

Havia uma pessoa sobre quem todos os meus anciãos estavam em completo acordo — Annie Besant. Ela, mais do que ninguém, inspirou-os a

embarcar naqueles caminhos separados e confluentes que levaram ao seu trabalho de vida.

Aqueles no nosso círculo, toda a gente que conheci que a tinha conhecido, falavam dela com a mais alta — quase reverencial — estima. O meu pai sente até ao dia de hoje que deve tudo o que há de bom na sua vida a ela. A minha mãe foi guiada por ela em níveis alguns dos quais só emergiram em anos posteriores. Até Krishna, que quase lhe partiu o coração, expressou o seu amor por ela muito depois da sua morte. Eles conheceram-na nas últimas duas décadas da sua longa e multifacetada vida — depois de ela se ter tornado teosofista.

A minha mãe descrevia os seus extraordinários olhos azuis penetrantes e a sua cabeça belamente moldada com a sua cabeleira farta de cabelo branco que ela adorava que a minha mãe escovasse. Ela exercia uma mão firme, mas sempre gentil, com os jovens ao seu redor, ensinando através do seu próprio exemplo, do seu esmero pessoal, sentando-se calmamente sem se agitar para conservar energia valiosa, da sua pontualidade, fiabilidade e dedicação a tudo o que cada um escolhesse como a sua vocação. Era firme e leal nas suas amizades.

Annie orgulhava-se de ser três quartos irlandesa. Quando tinha apenas cinco anos, o seu pai morreu de tuberculose. A sua mãe tinha previsto o funeral do marido, mas depois esteve demasiado doente de desgosto para comparecer. Ao início, Annie tinha atribuído esta clarividência não invulgar da sua mãe a uma aberração psicológica. Mais tarde, como teosofista, achou mais fácil de explicar.

Em 1867, Annie casou com um jovem clérigo, Frank Besant. O interesse mútuo de ambos na igreja anglicana tinha-os aproximado, mas o casamento estava condenado desde o início a ser infeliz. Frank Besant exibia uma insistência fria e implacável na obediência da sua esposa, que frequentemente reforçava com violência física.

O nascimento do seu primeiro filho, Arthur Digby, seguiu-se a uma gravidez difícil. Annie quase perdeu a sua segunda filha, Mabel, devido a um caso grave de tosse convulsa. Sentou-se durante dias com a bebé em sofrimento no colo, impotente para dar alívio. O médico, acreditando que a morte era inevitável, acabou por deixar um pequeno frasco de clorofórmio para atenuar a agonia. A administração cuidadosa de Annie relaxou o

paroxismo o suficiente para permitir a respiração, o que acabou por ser a cura.

Este vislumbre da morte e o testemunhar do sofrimento de uma criatura inocente empurraram Annie no seu primeiro passo em direção ao ateísmo. Após um profundo escrutínio interior e entrevistas fundamentadas com alguns dos porta-vozes mais influentes da Igreja de Inglaterra, ela acabou por concluir que Deus não existia. Deixou o seu marido, virando-se depois filosoficamente para o ceticismo e para o materialismo, um rumo que provocou Frank Besant a obter a custódia de ambos os filhos. (Inicialmente, Annie tinha recebido a custódia da menina, Mabel.) Em vez de envolver Digby e Mabel num conflito amargo, Annie aceitou este duro julgamento. No entanto, nunca perdeu a fé de que na maturidade os seus filhos regressariam para ela de livre vontade. Nisto, como em muito mais, ela estava correta.

Embora se tenha contido de se envolver numa batalha jurídica prolongada com o seu marido pelos seus direitos como mãe, resolveu que outras mulheres não deveriam sofrer tão facilmente o mesmo destino. Trabalhou para mudar a lei relativa aos direitos das mulheres no divórcio. Também resolveu que nenhuma criança sem-abrigo ou maltratada se cruzaria no seu caminho sem ser notada. Dedicou as suas energias a movimentos de reforma ativa.

[1]: Nota original: O autor refere-se aqui à magnitude e impacto comparável da obra literária e teosófica de Leadbeater em relação à de Blavatsky.

[^2]: Nota original: Esta narrativa corresponde ao conto publicado e difundido por Leadbeater sobre as suas supostas vivências juvenis na América do Sul.

Aos quarenta anos, Annie era conhecida em todo o mundo anglófono como uma das grandes oradoras do seu tempo e como uma mulher corajosa que mergulhou nas áreas de reforma que mais horrorizavam a sociedade conservadora da década de 1880: o controlo de natalidade e a organização sindical. Suportou com coragem e dignidade tanto o ridículo como o renome que as suas atividades atraíram sobre si. Movia-se nos círculos radicais de Charles Bradlaugh, um conhecido materialista, dos socialistas fabianos e das sufragistas.

Quando, em 1888, conheceu Blavatsky, tendo já lido e feito a crítica do último livro de Blavatsky sobre os mistérios, *A Doutrina Secreta*, Annie Besant estava pronta para uma mudança radical. Tinha chegado a sentir que uma filosofia materialista já não a sustentava. Acreditava que o seu trabalho pela fraternidade da humanidade poderia florescer melhor sob a bandeira da Teosofia. Mas se a Teosofia operou profundas mudanças nela, também ela traria mudanças à Teosofia, através da sua natureza altruísta e interesses humanitários. Blavatsky afirmava que o materialismo e o ateísmo não eram impedimentos para se ser teosofista. No entanto, Annie Besant afastou-se rapidamente do seu próprio ceticismo.

Passou a acreditar, sem reservas, na existência dos Mestres e no plano oculto no qual eles procuravam guiar o mundo para fora do seu conflito, um conflito travado entre a fraternidade negra e a fraternidade branca, magia negra e branca. Ela e Blavatsky tornaram-se amigas pessoais próximas, após o que Annie passou por uma série de experiências místicas que tiveram um efeito profundo sobre ela, sustentando-a nas dificuldades posteriores.

Uma das amigas mais próximas de Annie era George Bernard Shaw, que há muito a admirava pelo seu intelecto, bem como pelo seu charme e magnetismo. Shaw tinha-a introduzido ao vegetarianismo como uma prática ética alguns anos antes de ela se tornar teosofista. Mas ele ficou surpreendido e perplexo, até mesmo irritado, por esta mudança surpreendente numa mulher que ele respeitava tão profundamente pelas suas atividades racionais e eficazes no plano terreno. Certa vez, ele chegou a sugerir casamento com ela, mas ela recusou, elaborando em vez disso um contrato sob o qual viveriam juntos. Shaw, ao ler este documento, ergueu as mãos e exclamou: «Valha-me Deus, mulher! Isso é pior do que qualquer casamento.» Por mais próximos que tenham permanecido, ele nunca a seguiu na sua nova filosofia.

Ao contrário de Blavatsky que, para embaraço posterior dos teosofistas, fumava charutos incessantemente, comia carne, proferia profanidades e tinha frequentemente uma língua cortante, Annie Besant adotou um código hindu estrito na sua vida diária, incluindo o vestuário indiano e *puja* (rituais purificadores de limpeza). No entanto, nunca procurou impor as suas próprias convicções a mais ninguém. Mesmo quando se tornou Presidente da Sociedade Teosófica em 1907, a Teosofia

não se tornou o mundo inteiro de Annie, por muito absorvida que estivesse por ela.

O seu grande interesse residia na causa da independência indiana. Chegou o momento em que ela deixou deliberadamente de lado a sua vida oculta para dar novamente lugar à sua vida política. Nunca perdeu os poderes de oratória e de resistência que tinham vindo com anos de luta na linha da frente pelos direitos humanos e por uma melhor ordem social. Seria difícil encontrar uma pessoa em qualquer época que tivesse equilibrado com tanto sucesso tantas causas para melhorar a condição humana.

Embora Annie Besant tivesse sempre certas revelações próprias, à medida que se tornava mais ocupada na sua luta pela autonomia indiana (*Home Rule*), permitiu-se ser guiada mais fortemente pelo conhecimento oculto e experiências de Leadbeater com os Mestres. Em Leadbeater, encontrou um amigo espiritual em quem confiava para muitas das suas decisões mais cruciais — aquelas tomadas naquela região supersensível que se acreditava existir além do mundo tangível — o plano astral.

Leadbeater, fosse através de meios ocultos ou através de uma aguçada intuição, tinha talento para escolher jovens promissores. Jinarajadasa, que ele acreditava ser a encarnação do seu irmão Gerald, foi apenas a primeira destas descobertas. Seis anos mais tarde, em 1907, Leadbeater fez o seu segundo achado, um que teria graves consequências para a sociedade e para muitos dos seus membros, e acima de tudo para Annie Besant. Esta nova descoberta iria elevá-la aos píncaros da esperança e expectativa espiritual para depois a conduzir à velhice, com a saúde e o espírito quebrantados.

Todas as nossas vidas estão enraizadas num passado; por vezes misterioso e meio esquecido, por vezes bem documentado com orgulho familiar. Entre os imigrantes há habitualmente, na recolocação, um enxerto da antiga cultura na nova. «Ganhar raízes» tem sido, até recentemente, um objetivo generalizado e respeitável. A minha família era invulgar para o seu tempo por considerar tanto a respeitabilidade como as raízes irrelevantes. No entanto, teriam de admitir que, durante cinquenta anos, permitiram que um pedaço de terra de catorze acres com uma casa chamada Arya Vihara os atraísse para um redil e fosse o seu ponto cardeal fixo.

A partir daqui, as suas vidas rodavam pelo mundo, individualmente e em conjunto. Soube das suas infâncias a partir de uma série de histórias que me foram contadas por eles e por outros, mas nunca senti que o passado e o local de onde tinham vindo tivessem muita importância para eles. Quando perguntei à minha mãe onde sentia que era a sua verdadeira pátria, ela respondeu que tinha sido em muitos lugares — onde quer que estivesse na altura, que não se sentia ligada a um lugar. Nem o meu pai. Quando perguntei isto a Krinsh, ele respondeu: «sem teto».

Até certo ponto, herdei dos meus adultos esta filosofia sem raízes, mas, nos primeiros vinte anos da minha vida, olhei para Arya Vihara como a minha casa. Agora é doloroso regressar lá, tal como pode ter sido doloroso para eles regressar às suas primeiras casas. No entanto, eu ainda alimentava uma certa curiosidade sobre esses lugares e os passados que os acompanhavam.

Cinco dias antes de ele morrer, vi a casa onde Krinsh nasceu. Viajávamos pelo sul da Índia, o meu marido, o meu filho e eu, na estrada principal entre Bangalore e Madras. Foi um desvio espontâneo e não programado, pois eu tinha visto um pequeno ponto — Madanapalle — no mapa. O pavimento desta estrada secundária depressa deu lugar à poeira e ao cascalho. Mesmo assim continuámos, atraídos por uma busca improvável da casa em que Krinsh tinha vivido noventa anos antes, e depois atraídos pela beleza crescente do campo, o verde-jade do arroz recentemente plantado, búfalos-d'água a lavrar lentamente campos rochosos, uma cabana de lama isolada com telhado de colmo. À distância, como que espalhadas por uma mão gigantesca, jaziam as rochas mais antigas do mundo, ou pelo menos era o que eu sempre ouvira dizer.

Perto destas, ele tinha nascido em 1895: Jiddu Krishnamurti, o oitavo filho de uma família de brâmanes saivitas de casta elevada, de língua telugu, na cidade de Madanapalle, Andhra Pradesh, no sul da Índia. O Senhor Krishna, segundo a lenda, tinha sido o oitavo filho. Tradicionalmente na Índia, o oitavo filho é chamado Krishna.

Desde os seus primeiros anos, de acordo com os seus próprios relatos, Krishna era impreciso ao ponto de parecer mentecapto. Cresci a ouvir as suas histórias de como era espancado na escola por falta de atenção e por não aprender as lições. Em casa, também tinha dificuldade em realizar a tarefa mais simples corretamente. Mas enquanto a sua mãe esteve viva, a

sua vida foi relativamente feliz. Ela tinha um amor profundo por ele. De acordo com Rukmini Arundale, cuja família e a de Krishna eram amigas próximas e vizinhas, a mãe dele também acreditava que este filho estava destinado a ser uma grande pessoa e a ter uma vida extraordinária. Estava tão certa disso, mesmo antes de ele nascer que, quebrando as regras ortodoxas, insistiu em dar à luz Krishna na sala de *puja*, um local tradicionalmente reservado para a oração e meditação.

Acho as afirmações posteriores de Krishna de que não tinha memória dos seus primeiros anos difíceis de acreditar perante tantas histórias de infância vividamente contadas. Ele dizia que não eram da sua própria memória, mas baseadas no que outros lhe tinham contado mais tarde. Não há dúvida na minha mente, contudo, de que Krinsh se lembrava da sua mãe e do seu amor por ela. Ele costumava contar-me como, à maneira convencional dos brâmanes, beijava a bainha do sari dela quando a saudava todas as manhãs. A simples menção da sua mãe evocava uma profundidade notória de emoção nele que me comovia quando era criança. Qualquer escassa felicidade juvenil que tenha experimentado estava relacionada com ela. Ela parece ter tido a natureza gentil e amorosa da mãe indiana modelo, que substituía a disciplina pelo amor e atenção.

Ao falar do seu pai, Narayaniah, Krinsh não exibia o mesmo calor emocional. Soube que Narayaniah trabalhava sob a administração britânica como coletor de impostos. Krinsh não parecia particularmente orgulhoso da profissão do seu pai. E apesar deste emprego estável, a família não era abastada, embora não fosse empobrecida. Narayaniah era transferido frequentemente e tinha de mudar a família consigo. Apenas seis dos onze filhos sobreviveram até ao início da adolescência. Enquanto permaneciam numa cidade, Cuddapah, uma zona com muita malária, o jovem Krishna, com a idade de dois anos, contraiu esta doença. Sofreria de sintomas recorrentes durante muitos anos.

Embora Narayaniah se tivesse tornado teosofista antes do nascimento de Krishna, os rituais hindus ortodoxos habituais eram respeitados. Krinsh contava com um certo orgulho como foi submetido à cerimónia do cordão sagrado quando tinha seis anos. Banhado e com roupas totalmente novas, sentou-se no joelho do pai enquanto a mãe guiava o seu dedo para traçar a palavra *AUM* em grãos de arroz numa bandeja de prata. O sacerdote

entoava *mantrams*. A família seguiu numa carroça puxada por bois brancos com cornos brilhantemente pintados até ao templo.

Aqui rezaram pelo seu bom futuro. Depois seguiram para a escola, onde a sua formação intelectual foi oficialmente confiada ao mestre-escola. Na tradição hindu, este dia marcava o início do verdadeiro nascimento de Krishna no mundo. Foi também o início das suas dificuldades. A disciplina começa na escola. Ali a criança, tendo passado pela sua cerimónia do cordão sagrado, é preparada para as duras realidades da vida.

Krinsh sofreu mais do que a maioria das crianças na escola, pois não conseguia aprender nem concentrar-se. Quando não conseguia responder às perguntas, era enviado para o alpendre, onde ficava muitas vezes de pé, esquecido, pelo resto do dia. Poderia ter ficado ali também toda a noite, num transe vago, se o seu irmão mais novo, Nitya, não se tivesse lembrado de o levar para casa. Krinsh era frequentemente vergastado com uma cana. Esquecia-se dos seus livros e ardósia e, quando não se esquecia deles, por vezes oferecia-os a uma criança mais pobre que não tinha nenhuns. Esta generosidade apenas lhe valia uma vergastada severa.

Krinsh estava sempre consciente de ser um brâmane de casta elevada. Muitas vezes me falava das sessões de meditação todas as manhãs na sua casa, quando tinha de se sentar sem mover um músculo ou a sua orelha seria beliscada pelo pai. Acreditava que tal treino, mais séculos de genes brâmanes, tinham desenvolvido uma inteligência superior nos brâmanes, uma opinião que o meu lado americano da família considerava antidemocrática. Era óbvio que ele estimava o seu direito de nascença de esmero brâmane. Lembrava-se do feitor do seu pai, um inglês, que ocasionalmente aparecia para o chá, pensando que estava a honrar a família com as suas visitas.

O feitor não poderia suspeitar que, após a sua partida, cada utensílio que tinha usado tinha de ser partido e descartado e a casa toda esfregada do chão ao teto, de tal forma estava poluída pela presença deste estrangeiro. Krinsh contava-me frequentemente estas histórias, mas nunca deu muita importância ao facto de ter visto fantasmas. Talvez não quisesse encher a minha mente com conceitos tão imateriais.

Krishna era muito próximo da sua irmã mais velha. A primeira tragédia da sua vida foi a morte precoce dela. Um dia ficou alarmado

quando viu a sua mãe a conversar no jardim com alguém que ele não conseguia ver. A sua mãe explicou que era a sua irmã morta e que, se ele assim o desejasse, poderia vê-la. Ao início ele riu-se e depois, talvez para agradar à mãe, disse que também conseguia ver a irmã. Mais ninguém na família tinha esta capacidade.

A sua mãe também afirmava ver auras. Daí a pouco tempo, o rapazinho seguiu o exemplo dela nisto também. Era natural que exibisse um esforço infantil para agradar à mãe, partilhando a sua disposição psíquica. Krishna nasceu e cresceu num ambiente que, de uma forma geral, não era cético em relação ao oculto ou ao místico. A sua família hindu e a sua posterior «família» teosófica eram semelhantes nisto.

Mais tarde, ele afirmou que nenhuma destas coisas, incluindo as vergastadas, o tinha condicionado de todo ou deixado quaisquer marcas na sua mente. A sua memória ou a falta dela é um dos aspetos mais complexos e elusivos da sua personalidade. É também fundamental para a compreensão, não só das suas observações sobre o condicionamento, a consciência e a liberdade, mas também das suas próprias ações.

Em 1905, quando Krishna tinha dez anos, a sua mãe morreu e o que tinha sido uma existência difícil tornou-se agora sombria. Os rapazes pequenos ficaram ao cuidado de um pai já sobrecarregado de trabalho. Krishna veria a sua mãe após a morte dela, ouviria o som das suas pulseiras a segui-lo para a escola e tentaria agarrar o seu sari enquanto ela subia as escadas, apenas para ver a aparição desaparecer quando ela chegava ao topo. A perda dela iria assombrá-lo por muitos anos, se não por toda a sua vida.

Oitenta anos mais tarde, olhei para aquelas escadas. Tínhamos encontrado a casa através de uma série de investigações que começaram num Rotary Club local. Dali tínhamos sido encaminhados para um comerciante de têxteis que era um velho amigo da família de Krinsh. «O meu pai sentou-se no mesmo banco de escola com Krishnamurti», contou-nos ele.

A casa erguia-se numa rua estreita e tranquila no centro da movimentada cidade. Tinha sido vendida recentemente e estava agora vazia e fechada a cadeado. As escadas para as divisões superiores abriam diretamente para a rua. O telhado de colmo original fora substituído e a

casa tinha sido melhorada, mas uma pequena cisterna na frente ainda se mantinha cheia de água. Não vi fantasmas, mas tive um pressentimento estranho e infeliz de que esta peregrinação inadvertida ao seu local de nascimento significava a minha despedida final de Krinsh.

A sede teosófica em Adyar, que se estende por 300 acres, é ainda um oásis. Além dos portões guardados reside a beleza tranquila de uma outra época. À exceção de alguns edifícios adicionais, pouco mudou desde a primeira década deste século. O rio Adyar, agora poluído, ainda corre ao longo de um limite, a praia ainda se estende ao longo de outro. Uma estrada ladeada de árvores serpenteia graciosamente através de olivais de palmeiras e jardins exóticos, passando pela segunda maior figueira-dos-pagodes (*banyan tree*) na Índia, até às Leadbeater Chambers, alojamentos de três pisos construídos durante a infância do meu pai.

Membros individuais adicionaram habitações privadas aqui e ali e faleceram, deixando estas casas para a sociedade. É necessário, ao caminhar à noite, levar uma lanterna e bater na madeira como precaução contra as cobras-capelo. O clima de inverno nunca é frio e, no verão, o calor intempestivo é modificado pela paisagem verde e fresca e pelas brisas do mar.

Quando Narayaniah se reformou em 1907, a sua pensão mal conseguia sustentar os quatro rapazes ainda sob o seu teto. Tentou obter um posto em qualquer capacidade em Adyar em troca de comida e alojamento. A Sra. Besant era avessa a ter a distração de crianças no recinto e recusou o pedido. Mas isto não desanimou Narayaniah, que persistiu com os seus apelos e acabou por receber trabalho, mas não alojamento, no recinto.

Teve de instalar a sua família numa pequena cabana degradada fora dos portões. A caminhada de três milhas através do rio para a escola no subúrbio de Mylapore, em Madras, e as condições insalubres da sua casa não eram uma grande melhoria para os rapazes pequenos. No entanto, a proximidade do oásis teosófico iria trazer uma grande mudança.

Nos quatro anos anteriores à chegada de Krishna a Adyar, Leadbeater tinha ganho grande aclamação pela sua digressão de palestras americana, apenas para cair em desgraça devido a uma acusação de má conduta moral. Isto colocou uma tensão na amizade de Leadbeater com a Sra. Besant e forçou a sua demissão, sob pressão, da sociedade. Parece provável que ele

tenha sido uma vítima do seu tempo, pois acreditava que a pressão da sexualidade nos rapazes e raparigas jovens aumentava ao ignorar o assunto e ao recusar falar sobre ele.

Objetava à visão ortodoxa de que os pensamentos não importam desde que não se tornem manifestos, e escreveu explicitamente sobre os efeitos de melhoria da masturbação em livrar a mente de tais pensamentos. Sentia que não o fazer poderia levar a consequências mais graves, citando São Paulo de que é melhor permanecer celibatário, mas é melhor casar do que queimar. Leadbeater concluiu no seu melhor estilo que o «médico comum não consegue ver os horríveis efeitos astrais do desejo perpétuo».

«É melhor casar do que queimar.» Quão frequentemente eu tinha ouvido Krinsh resmungar isso nalgum momento vago para ninguém em particular. Seriam precisos muitos anos até que eu percebesse o significado que isso tinha para ele.

A Sra. Besant, liberal como era noutras frentes, estava dividida entre o choque vitoriano com as visões de Leadbeater e os seus sentimentos de lealdade para com um velho amigo. A mesma onda de confusão foi sentida em toda a sociedade. Alguns membros permaneceram leais a ele, como Jinarajadasa, que afirmava que em todos os seus anos de proximidade com Leadbeater nunca encontrara a menor impropriedade. A pressão contra Leadbeater era tão forte, contudo, que até Jinarajadasa teve de se demitir temporariamente.

Quando a Sra. Besant se tornou Presidente da Sociedade Teosófica em 1907, gradualmente reaproximou-se de Leadbeater. Chegou mesmo a tomar posições em sua defesa, declarando que ele tinha sido injustiçado por ela e pela sociedade. Leadbeater regressou a Adyar, onde se limitou, por enquanto, a investigações ocultas sobre o passado da Terra e as vidas passadas daqueles que nela habitavam.

Se a Sra. Besant tinha expressado dúvidas sobre as suas teorias sexuais, não tinha nenhuma sobre a sua fiabilidade oculta. Continuou a aceitar sem questionar as mensagens e instruções que ele lhe transmitia da parte dos Mestres.

Blavatsky tinha negado de forma bastante enfática a vinda de um novo instrutor mundial num futuro próximo, escrevendo que:

Nenhum mestre de Sabedoria do Oriente aparecerá ele próprio ou enviará alguém à Europa ou à América... [pelo menos] até ao ano de 1975... Ele aparecerá como Buda Maitreya, o último dos Avatares e Budas, na sétima Raça. Apenas não é no Kali Yuga, a nossa atual era de Trevas tacanha e materialisticamente terrível, a 'Era Negra', que um novo Salvador da Humanidade poderá alguma vez aparecer. [3]

Ela também afirmou enfaticamente: «Com o advento da Teosophy, a mania do Messias teve certamente o seu dia e assistiu à sua ruína.» [4] Nisto ela estava enganada. A ideia de uma encarnação iminente do Senhor Maitreya como instrutor mundial estava definitivamente no ar, pelo menos para a Sra. Besant e Leadbeater que, apesar do pronunciamento claro de Blavatsky, se propuseram encontrar o veículo adequado para a nova encarnação.

Tinha-se tornado um hábito para Krishna e para o seu irmão mais novo Nitya, de quem era inseparável, parar na praia no caminho de regresso da escola nas noites quentes de verão. Aqui observavam timidamente um grupo de jovens teosofistas a divertirem-se nas ondas. Um dia, Leadbeater reparou por acaso em Krishna. Mais tarde disse que tinha ficado impressionado com a natureza invulgarmente pura e generosa do rapaz, conforme revelado na sua aura. Leadbeater concluiu, a partir desta impressão inicial, que Krishna poderia vir a provar ser o veículo que ele acreditava que os Mestres o estavam a orientar para encontrar.

Em pouco tempo, afirmou ter sido instruído pelo Mestre Kuthumi para treinar este rapaz. Havia aqueles ao redor de Adyar que acharam esta escolha muito surpreendente. Um jovem estudioso teosófico, Ernest Wood, que tinha estado a ajudar Krishna com os trabalhos de casa, achava-o particularmente destituído de inteligência. As descrições iniciais de Krishna, e até as suas próprias descrições posteriores de si mesmo, evocam um rapaz franzino, sujo, atormentado pela tosse, cheio de piolhos, com dentes tortos e pernas raquíticas.

[3]: Nota: Transcrição traduzida da advertência textual de Blavatsky sobre a cronologia e condições da vinda de um novo instrutor ou Messias espiritual.

[4]: Nota: Referência direta à perspetiva crítica de Blavatsky face aos movimentos messiânicos contemporâneos da sua época.

O irmão mais novo, Nitya, que era desperto, encantador e fácil de ensinar, poderia ter parecido um melhor candidato. Mas, apesar de toda a aparência pouco promissora de Krishna, Leadbeater tornou-se cada vez mais certo de que este era o veículo pelo qual tinha estado à espera. Entretanto, a Sra. Besant, alheia à descoberta de Leadbeater, tinha enviado para Adyar, a partir dos Estados Unidos, Hubert Van Hook, um jovem americano que ela acreditava ser um candidato promissor para veículo do instrutor do mundo. Hubert chegou a Adyar com a sua mãe em novembro, poucas semanas antes do regresso da Sra. Besant. Deve ter sido um choque considerável para Hubert descobrir que já tinha sido ofuscado por um jovem indiano bastante franzino. Apesar disso, os dois irmãos indianos e Hubert uniram-se nas suas lições. Durante algum tempo, Hubert e Nitya seriam os únicos companheiros juvenis de Krishna. A suplantação de Hubert, contudo, não seria esquecida pelos Van Hook. No futuro, o seu clamor de conduta imoral seria adicionado a ainda mais acusações contra Leadbeater.

Além de nutrir o corpo astral de Krishna, Leadbeater tinha a tarefa ainda mais difícil de nutrir o seu corpo físico e a sua mente, ambos os quais pareciam estar abaixo do desenvolvimento normal para a sua idade. Isto de forma alguma dissuadiu Leadbeater, que continuaria por mais alguns anos convencido de que tinha escolhido corretamente. Ele depressa convenceu também a Sra. Besant. Tanto Krishna como Nitya foram retirados da casa do pai, e da escola onde Krishna continuara a receber um tratamento cruel. Na verdade, foram completamente retirados do seu círculo familiar, para nunca mais voltarem.

Leadbeater passara anos a fio a desvendar e a tabular as vidas passadas de pessoas, importantes e sem importância, com base numa fonte oculta de conhecimento que estava, evidentemente, apenas disponível para ele. Começou agora a investigação sobre as vidas passadas de Krishna (que foi identificado para este propósito como Alcyone). As trinta vidas de Alcyone ocuparam dois volumes. Os quadros de Leadbeater envolviam centenas de pessoas, todas relacionadas entre si através de trinta encarnações. O que se tornaria da maior importância na presente encarnação destas pessoas era a sua relação anterior com Alcyone. Pode imaginar-se uma quase epidemia de orgulho espiritual e de acotovelamento quando Leadbeater publicou os seus quadros. Shiva Rao, então um jovem professor no *Central Hindu College* em Benares que teria um longo futuro

com Krishna, assistiu Leadbeater nestas tabulações. Mais tarde, ele comentou que, embora fosse impossível provar que tivessem uma origem genuinamente clarividente, o complexo entrançamento de tantos milhares de ligações familiares detalhadas através de tantas vidas, sem erro, era um feito mental ainda mais difícil de explicar.

Leadbeater tinha o seu próprio plano evolutivo espiritual no qual existem dez níveis ou iniciações diferentes a passar. Alcançar sequer a quarta iniciação ou nível de *Arhat* é mais do que a maioria dos indivíduos pode esperar numa vida. Para apressar o processo naturalmente lento da evolução, pode-se tornar pupilo de um Mestre e ser colocado sob provação. Os Mestres passaram a quinta iniciação. Após a sexta iniciação, os indivíduos podem sair completamente da órbita terrena, ou podem permanecer como membros da hierarquia oculta, ainda ocupados com o governo do plano interior. Acima do sexto nível estão os três cargos que administram o mundo oculto: o *Mahachohan*, o *Bodhisattva* e o *Manu*. Sozinho, no oitavo nível, está o Buda. Acima do Buda está o Senhor do Mundo. No topo absoluto, no décimo nível, reside a Trindade do *Logos*.

Gautama Buda tinha outrora ocupado o cargo de *Bodhisattva*, mas já não. Era agora ocupado pelo Senhor Maitreya, que tinha encarnado em Jesus, conhecido durante esse período como o Cristo. A população da Terra passou por uma série de raças-raízes e sub-raças-raízes, algumas sobrepondo-se através de períodos sucessivos. A etapa atual é a ariana ou teutónica, cujas características são grandemente comerciais, científicas e individualistas. Esta etapa evoluirá brevemente para a austral/americana ou sexta sub-raça-raiz, que será de natureza intuitiva e cooperativa. Para ajudar na emergência desta nova raça, o Senhor Maitreya, a quem Leadbeater visionava com longos cabelos e barba ruivo-dourados e olhos violeta, reencarnaria em breve no corpo de um dos seus pupilos — esperançosamente no de Krishnamurti.

Não era de admirar que os preparativos para esta iminente encarnação causassem tal agitação no mundo teosófico. A palavra espalhou-se rapidamente e muitos olhos e ouvidos focaram-se em Leadbeater e nos dois pequenos rapazes indianos que ele encontrara na praia de Adyar. Leadbeater estava plenamente consciente, contudo, de que primeiro teria de haver muitas provações ao longo de «o Caminho» que poderiam resultar em fracasso; Krishna não devia ser tomado como uma escolha final. O

curso de preparação era de toda a importância e haveria sinais a vigiar ao longo do caminho que verificariam ou desacreditariam o candidato.

Para começar, Leadbeater passava muitas horas a ler para Krishna sobre as suas vidas anteriores. Mas como o rapaz sabia muito pouco inglês naquela altura, isso provavelmente passou pela sua mente de forma tão limpa quanto tinham passado as suas aborrecidas lições escolares.

Ele descrever-se-ia mais tarde como um crivo, absolutamente intocado e não condicionado por estas ideias. Durante cinco meses, enquanto o seu corpo era deixado confortavelmente na cama, supunha-se que Krishna fazia viagens astrais noturnas à casa do Mestre Kuthumi nos Himalaias para receber instrução. Ele passava as manhãs seguintes, de volta a Adyar, a registar meticulosamente estes encontros em notas que se tornariam o seu primeiro livro, *Aos Pés do Mestre*. Vários teósofos afiançaram mais tarde que Krishna tinha escrito estas notas pelas suas próprias palavras e que apenas a ortografia e a pontuação tinham sido corrigidas. Dado o provável nível de progresso do rapaz no inglês, parece provável que isto tenha sido um ligeiro exagero. Ernest Wood, que já tinha expressado surpresa com a escolha de candidato por Leadbeater, notou que o livro estava no estilo de Leadbeater e até tinha algumas frases notavelmente semelhantes às de um dos próprios livros de Leadbeater prestes a ir para a imprensa.

É por vezes difícil distinguir com certeza as fronteiras do possível ou conduzir um rumo reto através das áreas ocultas da Teosofia. De um lado estão clamores de hipnotismo e autoilusão e, do outro, as alegações feitas por aqueles que acreditam implicitamente nestes fenómenos e cujas vidas os proclamam como indivíduos honestos e fiáveis. Para aqueles que consideram impossível acreditar nos acontecimentos ocultos dos teósofos, uma explicação menos complexa do que o hipnotismo é que personalidades tão magnéticas e poderosas como a de Blavatsky e a de Leadbeater (e como a de Krishna viria a ser) são capazes de criar uma atmosfera na qual a «suspensão voluntária da descrença» é avassaladora.

Eventualmente, Krishna repudiaria todas estas alegações feitas em seu nome. Elas seriam um embaraço na sua busca por um caminho independente para a verdade. Depois, ele encontraria para si próprio uma saída elegante desse dilema. Em 1929, alegaria não se lembrar de nada dos seus anos de juventude. Como resultado, nunca precisou de ofender os seus benfeitores ao negar a autenticidade daquele primeiro pequeno livro, nem

precisou de reivindicar a responsabilidade por ele. Onde Blavatsky e Leadbeater podem ter rearranjado o seu passado para se ajustar, mais apropriadamente, ao seu presente, Krishna escolheu apagar completamente a sua juventude. No entanto, embora Krishna viesse mais tarde a alegar que tinha sido intocado pelas ideias teosóficas, ele reteve certos conceitos e imagens que lhe foram dados durante este período e viria mais tarde a incorporá-los nos seus próprios ensinamentos.

Certamente, uma influência fundamental na formação inicial de Krishna foi a Sra. Besant. As suas palestras publicadas sobre *The Way of the Path* [O Caminho da Senda] devem ter sido facilmente acessíveis para ele. Nelas, ela tinha descrito a sua versão da rota da evolução espiritual. A Sra. Besant enumerava os primeiros passos em direção à provação, envolvendo vários requisitos e testes que deviam ser cumpridos. Após estes passos preliminares estarem cumpridos, poder-se-ia proceder em direção à preparação para o discipulado, atraindo a atenção de um Mestre para orientação ao longo do caminho probatório. Não se espera que alguém atue perfeitamente, mas sim que pratique e tente.

Aprendendo gradualmente a discriminar entre o real e o irreal, a pessoa torna-se indiferente aos objetos mundanos. Aprende-se o controlo da mente, dos sentidos e do corpo, e também a tolerância e a resistência. Pode-se agora escolher um atalho, deixar o trilho batido e subir diretamente a montanha. Isto acarreta pagar em dificuldades o que se ganhou em tempo e atrair sobre si imediatamente toda a dívida cármica que poderia ter sido liquidada ao longo de muitas vidas.

Antes da segunda iniciação, a pessoa deve livrar-se de três coisas: a ilusão do eu pessoal, a dúvida e a superstição, ou aquela «confiança em ritos e cerimónias sectárias externas para ajuda espiritual» que são necessárias apenas nos estágios inferiores para subir a escada em direção à realidade. 3

Como Krishna depressa descobriu, «o Caminho do Discipulado» nem sempre era fácil. No futuro, ele morderia o freio com bastante frequência até encontrar o seu próprio atalho para o topo. Por enquanto, as visitas noturnas no plano astral ao Mestre Kuthumi, nas quais Leadbeater disse à Sra. Besant que acompanhava os rapazes, não eram árduas. Leadbeater pôde em breve anunciar que Krishna tinha sido colocado em provação e

estava a caminho do passo seguinte em «o Caminho», a aceitação por parte do Mestre e uma estreita união com este.

Para uma criança que, inicialmente, tinha sido considerada por alguns como atrasada, Krishna começou a fazer progressos notáveis nesses primeiros meses em Adyar. Ele reteria a sua dificuldade em aprender, pelo menos em certas matérias, mas não exibiu qualquer dificuldade, então ou na vida posterior, em aprender o que queria aprender.

Ambos os irmãos acharam as suas novas redondezas um verdadeiro paraíso, mesmo sem as comparar com o seu lar empobrecido e os dias de escola severos. Cedo superaram o medo intrínseco, de que os jovens indianos frequentemente sofriam, dos europeus com o seu sentimento arrogante de superioridade. Com a idade de catorze anos, apenas oito meses após ter sido descoberto por Leadbeater (quando não sabia inglês de todo), com a provável assistência de Leadbeater, Krishna escreveu cartas afetuosas e gramaticais à Sra. Besant.

Ele via-a como uma nova mãe e implorou-lhe que o deixasse tratar por tal. Aquela senhora calorosa e de coração generoso, que tinha lutado tanto pelos desfavorecidos, deve ter ficado tocada pelo rapaz sem mãe que lhe agradecia pela sua bondade, pela sua bicicleta, pelo uso do seu quarto, no qual os irmãos dormiam quando ela estava fora. Ser retirado da cabana de chão de terra batida fora dos portões de Adyar para a bastante magnífica sede de estuque de dois andares, com as suas salas espaçosas e varandas arejadas; ser nutrido fisicamente com a excelente comida vegetariana e nutrido mentalmente por meia dúzia de tutores jovens e dedicados era, de facto, muito a agradecer. Havia também o glorioso futuro para o qual Krishna estava a ser preparado.

Uma fotografia, tirada em 1910 no telhado do edifício da E.S. (*Esoteric Section*) em Adyar, regista profeticamente o novo Krishna emergente. Ele está de frente para o seu irmãozinho Nitya e para Leadbeater, que colocou de forma protetora uma mão branca e grande no ombro magro do rapaz mais novo. A curva graciosa da postura de Krishna expressa as expectativas da sua mãe, incutidas nele muito antes de serem reafirmadas por Leadbeater. Afirma a sua autoconfiança, até arrogância, de pé em oposição ao seu benfeitor.

As memórias posteriores que Krishna tinha de Leadbeater, aquelas que passavam pela sua muralha de esquecimento, não eram de todo calorosas. Ele costumava dizer-me, como tinha frequentemente dito a outros, como Leadbeater, tendo-lhe instado repetidamente para que não ficasse de boca aberta, lhe tinha um dia desferido um golpe seco no queixo. Krishna nunca mais Advisory deixou a boca aberta. Nem nunca perdoou Leadbeater. Outra vez, ele e Nitya tinham pedido para comer papa de aveia ao pequeno-almoço. Como resultado, nada mais lhes foi servido durante as semanas seguintes. Krishna ofereceu um exemplo ainda mais gráfico da disciplina severa de Leadbeater.

Um dia, os dois irmãos tinham estado a nadar com Leadbeater no rio, que na altura ainda não estava poluído. Estava a ficar tarde. Notando uma mancha escura ominosa, evitaram-na e nadaram para a margem. Sentiram que tinham escapado com aquela evasão inofensiva. Mal estavam em segurança na margem do rio, Leadbeater disse: «Agora vamos voltar e nadar através daquela mancha.» Esta visão da severidade de Leadbeater parece exclusiva de Krishna. De acordo com o meu pai e a minha mãe, e de acordo com a recordação deles sobre a visão de Nitya, era algo completamente fora do seu caráter. Isto foi corroborado por Rukmini, que me disse que não conseguia imaginar Leadbeater alguma vez a bater em alguém. No entanto, como era da maior importância para ele erradicar o medo, é possível que tenha sentido que eram necessárias medidas fortes na preparação do veículo.

Que ele não teve sucesso nesta tentativa particular, ver-se-á. O medo permaneceria uma parte intrínseca da personalidade de Krishna e tornar-se-ia um factor básico na sua filosofia posterior. A sua abordagem ao problema seria diametralmente oposta à de Leadbeater. Krinsh contou-me estas histórias sobre Leadbeater muitas vezes. Embora ele pudesse preferir alegar que não eram memórias suas, mas sim transmitidas por outros, parecia-me que eram contadas com uma intensidade de primeira mão.

Havia demasiada emoção, por vezes até um estremecimento percetível, quando ele falava de Leadbeater, tornando difícil acreditar que as suas próprias recordações já não estivessem disponíveis para ele.

Embora o agora despromovido Hubert fosse autorizado a brincar com Krishna e Nitya, não lhe era permitido tocar em nenhum dos pertences de Krishna. Leadbeater acreditava que mesmo os objetos inanimados podiam

receber más vibrações e passá-las para outrem. Embora esta restrição pudesse ser dura para Hubert, que tinha sido levado a pensar que seria o candidato para veículo, ela não pareceu afetar a natureza generosa de Krishna. Ele persistiu ao longo da vida em querer partilhar as suas posses, pelo menos com os seus favoritos do momento.

É certo que, a partir do momento em que Krishna foi acolhido no círculo interno em Adyar, tanto ele como o seu irmão Nitya foram cumulados com todos os benefícios intelectuais, materiais e não materiais. A par disto, seguiu-se uma rotina estrita de exercício, limpeza e asseio pessoal. Como parte do programa de aptidão física, Krishna foi encorajado a andar de bicicleta. De acordo com Richard Balfour-Clarke, um dos tutores dos rapazes em Adyar, que tive a fortuna de conhecer em 1973, Krishna mostrava uma proeza considerável em pedalar longas distâncias.

Leadbeater estava determinado a substituir as ideias indianas pelas europeias no que tocava à higiene pessoal. Enquanto os brames achavam o hábito inglês de ficar imerso na própria água suja do banho bastante revoltante, Leadbeater desaprovava a forma indiana de despejar água sobre o corpo enquanto trajados com uma tanga, um procedimento que ele considerava inadequado. No espaço de dois anos, os irmãos tinham sido suficientemente preparados, na opinião da Sra. Besant, para fazerem a sua estreia europeia.

Na primavera de 1911, Krishna e Nitya acompanharam a Sra. Besant a Inglaterra, onde foram recebidos com considerável alarde pelos teósofos. O recentemente publicado *Vidas de Alcyone* de Krishna tinha-os precedido. As portas dos círculos mais elevados abriram-se de par em par para eles, pois havia muitos teósofos ricos e aristocráticos naquela era. Entre estes estava uma pessoa que seria tão próxima de Krishna como qualquer outra durante a sua juventude, uma tal Lady Emily Lutyens.

Ela era filha do Conde de Lytton, Vice-Rei da Índia, e esposa de Sir Edwin Lutyens, o renomeado arquiteto que desenhou os edifícios governamentais da Nova Deli britânica. Na altura em que Lady Emily conheceu Krishna, era uma recente aderente da Teosofia. Tal como a Sra. Besant, Lady Emily sentiu-se atraída pelo rapaz cada vez mais belo, mas ainda frágil e sem mãe. Até à sua morte, quase meio século mais tarde, ele tratava-la por «Mum» [Mãe]. A corda que ele vibrou nela foi uma que viria a vibrar em muitas mulheres ao longo da sua vida.

A par de todos os luxos da vida no seio da alta roda de Inglaterra, Krishna, agora com apenas dezasseis anos, e Nitya, três anos mais novo, foram sujeitos a uma bem planeada e rigorosa anglicização. Tiveram de suportar sapatos europeus desconfortáveis, factos de alfaiataria caros, gravatas e, o pior de tudo, comida que durante vários anos lhes causou grave indigestão. Como esta dieta tinha sido prescrita pelo Mestre Kuthumi (via Leadbeater), ninguém se teria atrevido a interferir com ela. Anos mais tarde, Krinsh descreveu-me os desconfortos de dois jovens brames transplantados para Inglaterra.

Ele deixou claro o seu desagrado pela culinária inglesa, a sua repulsa pela falta de limpeza básica — o mordomo que cuspia no copo de água para o fazer brilhar — o jovem aristocrata que mudava de colarinho mas não de camisa. Krinsh contava histórias também da vida na escola pública, da água coberta de gelo com que tinham de lavar o rosto de manhã, da comida terrível e, finalmente, do *bullying* a que ele e Nitya puseram fim através da alegação, puramente por *bluff*, de que sabiam jiu-jitsu. Contudo, estes dias de escola não duraram muito.

Em 1912, o pai dos rapazes, Narayaniah, moveu uma ação judicial para ter os filhos de volta à sua custódia. Se ele estava genuinamente perturbado com os rumores sobre Leadbeater e queria retirá-los da sua influência, ou se sentia que a promessa original de promover a educação e as oportunidades dos rapazes tinha tomado um rumo indesejável, nunca ficou totalmente claro. No entanto, enquanto o caso era disputado em Madras, Krishna e Nitya estavam em segurança, enclausurados na idílica cidade de Taormina, na ilha da Sicília, bem fora do alcance do pai caso o veredicto fosse favorável a este.

Apesar dos seus brilhantes argumentos de defesa, a Sra. Besant perdeu as primeiras instâncias nos tribunais indianos. Mas ganhou o seu recurso para o *Privy Council* em Londres. Isto deu-lhe o controlo de que necessitava sobre os seus pupilos para assegurar a Krishna o futuro que ela acreditava ser o destino dele. Foram-lhe mesmo concedidas as custas judiciais, mas declinou caridosamente cobrá-las ao derrotado Narayaniah. Krishna ficou exultante e deu-lhe os parabéns por esta vitória que asseguraria o seu «maravilhoso futuro».

Entre o grupo de teósofos importantes em Londres estava uma americana que desempenharia um papel financeiro vital no futuro tanto de

Krishna como dos meus pais. Tratava-se de Mary Dodge, a herdeira da fortuna do cobre Phelps Dodge. A Miss Dodge apoiava não só causas, mas também muitas pessoas e as suas perpétuas viagens em nome da Teosofia. Ela própria estava demasiado incapacitada pela artrite para viajar e disse uma vez à minha mãe que a única viagem oceânica em que tinha embarcado, da América para Inglaterra, lhe tinha causado tal enjoo que decidira permanecer em Inglaterra pelo resto da sua vida.

Partilhava a sua casa, *Westside House* em *Wimbledon Common*, com uma colega teósofa, Lady De La Warr. A Sra. Besant era sempre bem-vinda ali, juntamente com os seus pupilos. A Miss Dodge chegou a oferecer a Krishna uma casa em *Hampstead Heath*. Também lhe instituiu uma renda de £500 por ano vitalícia. Esta generosidade para com um jovem rapaz indiano que ela mal conhecia é uma marca da fé teosófica, nada invulgar, nos seus líderes. Krishna ainda não tinha atingido a força magnética que em breve viria a exibir. Mas aqueles que conheciam a Sra. Besant confiavam nela absolutamente. Se ela dizia que acreditava que Krishna havia de ser o veículo para o instrutor do mundo, eles não questionavam o seu julgamento e faziam tudo o que estava ao seu alcance para a assistir.

Na primavera de 1913, não muito depois desta benesse financeira, Krishna começou a revelar um novo lado do seu caráter, diferente do rapaz afetuoso, sonhador e por vezes ausente de apenas quatro anos antes. Com a aproximação do seu décimo oitavo aniversário, Krishna começou a mostrar o seu desagrado pela crítica e a exercitar a sua independência.

A Sra. Besant tinha pedido a George Arundale, o diretor do *Central Hindu College*, que ela própria fundara, para vir a Inglaterra expressamente para ser tutor de Krishna e Nitya. Tinha também pedido a Jinarajadasa, agora um membro importante da Sociedade Teosófica, para se juntar a eles. Sendo teósofos leais, estes dois homens não hesitaram em abdicar de um trabalho que muito os interessava para esta nova tarefa — uma tarefa que não se tornou mais fácil pela asserção de Leadbeater de que, embora fossem ambos professores de Krishna, o Mestre Kuthumi tinha revelado que eles eram também discípulos dele. Pode-se imaginar que ser tutor de um rapaz adolescente que sabia que nós éramos seus discípulos não era uma empresa fácil.

A Teosofia tinha uma forma de gerar uma enorme quantidade de entusiasmo, particularmente entre os seus escalões mais elevados. A Sra. Besant continuava uma conferencista infatigável. Viajava extensamente, dando conferências sobre os preceitos da Teosofia e sobre os preparativos para a vinda do instrutor do mundo. Havia já 15 000 membros mundiais da Ordem da Estrela, uma sociedade formada no seio da Teosofia para se prepararem a si próprios e ao mundo para «a Vinda». Uma publicação chamada *Herald of the Star* mantinha estas pessoas esperançosas a par dos últimos desenvolvimentos. Krishna figurava em destaque como o editor, embora fosse George Arundale quem fazia o trabalho.

3 Nota do original: Ver referência correspondente no texto original (numeração mantida conforme instruções).

Apesar dos esforços responsáveis de Jinarajadasa para incutir alguma cultura no futuro instrutor do mundo, a diversão com os detalhes da edição, tais como escolher tinta e papel vistosos, ocluiu facilmente quaisquer pensamentos de Shakespeare e Sânscrito da mente de Krishna. Jinarajadasa cedo descobriu por si próprio a mudança neste jovem outrora dócil. Krishna não tinha intenção de abdicar da sua nova e emocionante vida por estudos que o aborreciam. A par do desagrado pela crítica, Krishna também desagradava da disciplina. Tinha provavelmente sofrido com ela em criança.

Aqueles que usavam de mão demasiado firme com ele perdiam rapidamente o seu favor. Entre estes estava o seu outrora amado tutor Jinarajadasa. Como parte da proclamação de independência de Krishna, este escreveu a Leadbeater opondo-se a que as instruções do Mestre lhe fossem transmitidas por intermédio de outros. Sentia que poderia cumprir melhor as instruções do Mestre se estas não lhe fossem impostas e tornadas desagradáveis. A generosidade da Miss Dodge tornaria agora, teoricamente, possível que ele planeasse os seus próprios arranjos de vida. Neste plano, eliminou Jinarajadasa de quem, dizia ele, não poderia de modo algum aprender Sânscrito. O mais jovem George Arundale era muito mais do seu agrado e era alguém — naquela altura — que Krishna sentia poder controlar.

Contudo, ele estava a ter alguns problemas também com George, decorrentes da sua relação com Lady Emily. George e alguns dos mais velhos em cena criticavam o afeto evidente entre Lady Emily e Krishna. O

facto de ela ter idade para ser mãe dele não mitigava a opinião deles. Mas Krishna encontrara em Lady Emily as qualidades maternais gentis pelas quais ansiara desde a perda da sua própria mãe. A Sra. Besant amava-o profundamente e dava-lhe calor e afeto, mas ele raramente estava com ela. Ela encontrava-se sempre envolvida em atividades transcendentais e ele não era o seu único ponto focal. Ser o objeto único do foco e do amor de uma mulher seria a sua necessidade vitalícia. Lady Emily foi apenas a primeira a preencher esse papel.

Por esta altura, Krishna tinha finalmente adquirido um domínio fluente da língua inglesa. A sua aptidão natural para línguas, a única matéria na qual conseguia sobressair (embora não conseguisse passar nos exames), aliada a um ouvido para a poesia e a um dom para a elocução, servir-lhe-ia bem — para já não falar da sua agora impressionante boa aparência. Com o cabelo elegantemente cortado, os dentes endireitados e a sua postura despertada, ele tinha-se distanciado muito do rapazinho raquítico e desalinhado, com piolhos nas sobrancelhas e um olhar vago no olho.

Os teósofos, como bons hindus, estavam imbuídos de qualidades de fé e *dharma*, ou dever. Muitos deles sustentavam também a confiança na existência dos Mestres e na realidade das mensagens enviadas através de mensageiros como Leadbeater. Enquanto Blavatsky fora altamente cética em relação a fenómenos que ocorressem fora da sua própria experiência, a Sra. Besant tornara-se uma pessoa confiante, se não mesmo ingénua. A sua fé baseara-se inicialmente nas suas próprias experiências, mas há já alguns anos que depositava grande parte da sua confiança oculta em Leadbeater.

Os primeiros sinais de independência de Krishna foram tomados pelos seus mais velhos como uma manifestação natural de rebeldia adolescente. Os seus protetores (oú protetores da ordem, como a Sra. Besant e Leadbeater se referiam a si próprios), tendiam a desculpar o seu comportamento difícil como sintomas de uma preparação insuficiente no veículo. Aparentemente, não conseguiram perceber a verdadeira natureza daquela mente incipientemente independente; uma mente que, em última análise, procuraria o seu próprio atalho para subir a montanha.

A nova demonstração de independência de Krishna era, a outro nível, também parte de um padrão de comportamento vitalício, o de subitamente mostrar interesse e exigir controlo sobre assuntos que anteriormente não o

tinham interessado de todo. A sua insistência na autonomia era compreensível, mas os seus métodos para a obter criavam por vezes situações confusas e difíceis. No futuro, muitas pessoas próximas de Krishna acreditariam estar na presença de um ser sem ego e perfeito, contudo achariam os seus modos oclusos e surpreendentes.

Como resultado do protesto de Krishna a Leadbeater, Jinarajadasa foi chamado de volta à Índia. Mas, evidentemente, os Mestres não cooperavam com o desejo de Krishna de uma comunhão direta com eles. Portanto, mesmo que por mais nada, Krishna continuava dependente de Leadbeater para transmitir os seus avanços ao longo de «o Caminho», tal como estavam outros no pequeno círculo de Krishna, incluindo Lady Emily. Talvez não por coincidência, nenhuns novos avanços chegaram para qualquer um dos seus favoritos durante algum tempo. Percebendo que a sua rebeldia tinha incorrido no desagrado de Leadbeater, Krishna escreveu uma carta de desculpas muito longa, implorando perdão pelo seu mau comportamento e reconhecendo que devia tudo a Leadbeater.

O que Krishna não sabia naquele momento era que Leadbeater já não estava a depositar todas as suas expectativas em Krishna. Tinha acabado de anunciar uma nova descoberta na pessoa de D. Rajagopalacharya, um bame Ayyangar de treze anos de quem se dizia ter «um passado maravilhoso e um grande futuro». Privadamente, Leadbeater esperava que este rapaz pudesse inclusive cumprir o papel atribuído a Krishna, caso Krishna de alguma forma ficasse aquém. Enquanto a Sra. Besant parecia ter empenhado inequivocamente a sua fé e o seu amor em Krishna, Leadbeater, por muito que gostasse do jovem, não acharia impossível admitir que tinha cometido um erro na sua escolha inicial.

Entretanto, o desejo de Krishna por arranjos de vida mais independentes tinha sido rejeitado, se não pelos Mestres, pelo menos pela Sra. Besant, que, no verão de 1914, mudou os irmãos para Bude, na Cornualha. Permaneceram ali durante um ano, continuando os seus estudos sob a tutela de George Arundale em preparação para Oxford.

Krishna nunca achou o esforço académico formal nem interessante nem fácil, e este ano não deve ter sido muito confortável para ele. Nitya, por outro lado, adorava os seus estudos e aplicava-se com um entusiasmo que poderá ter sido a causa da sua severa fadiga ocular e da sua condição geralmente debilitada. Krishna sentia tanto simpatia como impaciência com

a saúde fraca de Nitya. Por vezes queixava-se do mau humor do irmão, uma visão que está muito em desacordo com qualquer outra oferecida por aqueles mais próximos de Nitya, quer na altura quer mais tarde.

Todos os que conheciam bem Nitya comentavam a sua natureza calorosa e amorosa e o seu riso e sorriso belos e espontâneos. Não tinha a beleza física de Krishna, mas a sua personalidade encantadora compensava isso. Desde o início, contudo, nem os desejos de Nitya, nem as suas capacidades, nem a sua saúde seriam alguma vez colocados à frente ou sequer em pé de igualdade com os de Krishna. Ele seria sempre considerado uma parte inseparável do futuro do irmão mais velho, uma parte que fora decretada pelos Mestres.

Como seria de prever, Krishna chumbou nos exames de admissão para Oxford. A universidade deixou claro, em todo o caso, que preferia não incluir um messias no corpo estudantil. Este foi o primeiro dos desapontamentos académicos de Krishna e teria influência na sua atitude em relação ao esforço intelectual. Pelo resto da vida, ele enfatizou, com mais orgulho do que arrependimento, a sua incapacidade de passar em exames.

A Primeira Guerra Mundial teve um efeito mínimo na vida de Krishna. Na primavera de 1915, Nitya partiu para França para se juntar à Cruz Vermelha como estafeta motociclista. Krishna ficou desapontado por não lhe ser permitido acompanhá-lo. Como compensação por ter de permanecer na Cornualha, foi-lhe dada a sua própria moto. Em junho, os irmãos reuniram-se em Londres e decidiu-se que ambos deveriam estudar para a admissão na Universidade de Londres.

Naquela altura, conheceram um eminente e amável advogado chamado Harold Baillie-Weaver, que acolheu os dois rapazes sob a sua proteção. Com ele adquiriram o gosto por roupas elegantes (Baillie-Weaver tinha o mesmo alfaiate que o Príncipe de Gales) e por um asseio perfeito, que incluía a arte de engraxar sapatos, uma arte que Krishna nunca perdeu. Os teósofos sérios ao seu redor notaram a emergência de um aspeto novo e distinto da personalidade de Krishna. Ele adquiriu não só uma paixão por roupas caras, mas também por automóveis finos, pelo cinema e pelo desporto. Apesar destes gostos elegantes, Krishna e Nitya também se voluntariaram para tarefas de limpeza num hospital de guerra, deveres que, para rapazes bames, devem ter sido altamente desagradáveis.

Por muito que tivessem gostado de se mudar para casa dos Baillie-Weaver, aos rapazes não se havia de permitir ainda sequer este nível de independência. Durante os anos seguintes, tiveram de viver sob estrita supervisão numa sombria casa alugada na qual nunca se sentiram em casa. Todas as suas travessuras, por mais inocentes que pudessem ser, eram transmitidas à Sra. Besant.

Em 1920, Nitya passou na sua Matrícula com distinção. Decidiu-se que Krishna, que tinha chumbado repetidamente, deveria ir para Paris e estudar francês. Nitya permaneceu em Londres, estudando para a ordem dos advogados e, até certo ponto, vivendo a sua própria vida, o que incluiu fazer uma aposta num cavalo vencedor. Na altura, Krishna exibiu uma atitude moralista quando soube do triunfo do irmão, lembrando a Nitya o quanto os outros deveriam ter perdido para que ele pudesse ganhar. Contudo, na altura em que ouvi a história da boca de Krinsh, ele mostrava orgulho na proeza de Nitya e um humor irónico no seu próprio fracasso numa patuscada semelhante.

Apenas dois meses após o seu severo julgamento de Nitya, Krishna demonstrou que ele próprio não estava acima do jogo. Acompanhado por um camarada teosófico, foi ao Casino de Nice com a ambiciosa intenção de falir a banca usando a sua força de vontade para controlar a bola. Ao início transformou dez francos em cem, mas no fim saiu com vinte a menos.

Os ganhos de Nitya, por outro lado, compraram-lhe um carro Isotta Fraschini. Quando a Sra. Besant soube disso, parece ter partilhado do descontentamento inicial de Krishna. Obrigou Nitya a devolvê-lo. Este incidente, contudo, fortaleceu a determinação de Nitya em tornar-se financeiramente independente. Com a ajuda de um indiano abastado em Bombaim, gizou um plano para importar automóveis e tratores para a Índia. Foi igualmente travado a seco nesta empresa pela Sra. Besant, a quem tinha escrito a anunciar que iria adiar o seu exame de direito penal. Ela lembrou-lhe que o seu dever era cuidar de Krishna, ainda em Paris, e permanecer ao alcance caso Krishna se metesse em dificuldades. Ela reconhecia que era o irmão mais novo quem devia cuidar do mais velho, um sacrifício esperado e exigido de Nitya.

Numa breve viagem a Paris em fevereiro de 1920, Nitya conhecera uma charmosa família francesa, a Mme de Manziarly e os seus quatro filhos, que ficariam estreitamente associados a ambos os irmãos. Na

verdade, a Mme de Manziarly e a sua filha mais velha, Mima, seriam das poucas pessoas que deram a Nitya o primeiro lugar, acima de Krishna, nos seus corações. Ele confidenciou-lhes, durante a sua curta vida, alguns dos seus sentimentos mais profundos. «Nunca desfrutei de nada até hoje sem que tivesse pago caro por isso, acho que deve ser porque os meus prazeres estão entre os proibidos, e os que são permitidos não são prazerosos.» 1

Krishna, entretanto, estivera a tentar viver por sua conta num apartamento em Paris, mas gastou toda a sua mesada nas primeiras semanas e esteve em breve praticamente a passar fome. Admitiu, então e mais tarde, que nunca saberia gerir dinheiro. Estava bastante claro, particularmente para la Sra. Besant, que ele precisaria sempre de alguém ao seu lado com uma orientação firme sobre os seus assuntos mundanos.

Aos vinte e cinco anos, Krishna oscilava entre uma ampla gama de estados de espírito. Por vezes envolto numa depressão romântica, duvidava seriamente das coisas que lhe tinham sido ditas sobre os Mestres e o seu próprio futuro. Por vezes mostrando uma nova maturidade, resolvia procurar a sua própria filosofia de vida, meditar e trabalhar arduamente para se preparar para ajudar os outros. Já estava ciente de que, para fazer isso, teria primeiro de se encontrar a si próprio, que tinha de desenvolver simpatia, compreensão e amor. No momento seguinte, explodiria rudemente (e em privado) contra os líderes teosóficos, poupando sempre a Sra. Besant dos seus arrebatamentos.

As buscas filosóficas sérias não foram as únicas que ocuparam Krishna naquele verão em Paris. As duas filhas mais novas de de Manziarly trouxeram um novo sentido de diversão e alegria à sua vida. Krishna encontrou o seu primeiro romance com Marcelle de Manziarly e admitiu que se poderia apaixonar por ela, mas sustentou que o casamento estava fora de questão. Expressou o seu sentido de um propósito mais elevado.

A sua vida amorosa era, naturalmente, algo que Krinsh nunca discutia comigo. Duvido que alguma vez a tenha discutido seriamente com alguém exceto, nos anos muito iniciais, nas suas cartas quase diárias a Lady Emily. A maioria das pessoas tem a impressão de que nada desse género poderia alguma vez ter existido para ele. Veremos, contudo, que isso está muito longe da verdade.

A leitura séria foi adicionada ao seu reportório de novas atividades. O círculo intelectual em redor da Mme de Manziarly alimentou-o com livros tais como *O Idiota*, *Guerra e Paz* e *Buddha's Way of Virtue* [O Caminho da Virtude de Buda]. Neste último, encontrou uma passagem que poderá ter ecoado o seu próprio desenvolvimento interior naquele momento.

«Tudo conquisto e tudo sei, desapegado, imaculado, livre de entraves, totalmente libertado pela destruição do desejo. A quem chamarei Instrutor? Eu próprio encontrei o caminho.» Isto poderia perfeitamente ser tomado como o cerne a partir do qual a sua filosofia emergiria gradualmente. Ele viria eventualmente a alegar que todo o seu condicionamento passado tinha caído por terra, a par da sua memória passada.

Persistia na sua rebeldia — sabiamente não revelada à Sra. Besant — mas secundado pelos jovens de Manziarly, com cuja ajuda «esperava mudar o mundo». A estas irmãs ele insinuava o desprezo que um dia expressaria por certos teósofos, dizendo que estava farto de todo aquele bando de tolos. Contudo, em 1920 sentia-se ainda integralmente ligado à sociedade e esperava fazê-la eventualmente conformar-se com a sua visão do caminho correto. Esta visão estava ainda por formular e passariam nove anos antes que se tornasse publicamente conhecida.

Neste ponto, uma nova personalidade entraria na sua vida, a qual se tornaria, pelos cinquenta anos seguintes, o seu associado mais próximo. Mas primeiro, a reação inicial de ciúme de Krishna perante este novo «rival» seria outra revelação do seu caráter.

4

A Nova Descoberta

O meu pai sempre evitou os holofotes. Nunca teria olhado para si próprio como o rival de Krishna. Leadbeater e o próprio Krishna é que o fizeram. Desde que me lembro que ele era uma pessoa reservada, vivendo uma vida à parte de nós, juntando-se a nós apenas para as refeições e ocasiões especiais.

Pelas histórias que me contava da sua infância, eu visualizava um lar feliz, limpo e meticuloso de acordo com os mais elevados padrões bames. Tinha pais amorosos. Entre os seus seis irmãos contava-se uma irmã mais nova especialmente amada e um irmão mais velho bastante prepotente.

Nasceu no estado de Madras, agora chamado Tamil Nadu, a 7 de setembro de 1900, o quarto de sete filhos, e foi batizado Desikacharya Rajagopalacharya, sendo Desikacharya o nome próprio do seu pai. (No Sul da Índia, o nome próprio de uma criança é precedido pelo nome próprio do pai.) A família do meu pai era bame Ayyangar, vixnuísta, uma das mais altas e estritas castas hindus. O seu pai, V. K. Desikacharya, era juiz — e também teósofo, membro da E.S., e o Presidente da loja local da sociedade.

A minha avó indiana, Doraichi, era profundamente religiosa. Mesmo com a idade de noventa anos, fazia ainda uma peregrinação diária ao templo, uma milha para cada lado a partir de sua casa. Dos seus sete filhos, apenas o meu pai, tal como o pai dele, se tornou teósofo.

Apesar da influência liberalizadora da Teosofia, la família aderia estritamente a certos costumes hindus ortodoxos. Comer cebolas ou vegetais de raiz, pelos quais o meu pai tinha um infeliz gosto, era proibido. Gostar de alimentos que eram ou proibidos ou maus para si seria um hábito vitalício de Raja. Um dia, escondido atrás de um velho celeiro a mastigar uma cebola crua, Raja foi apanhado pelo seu irmão mais velho neste desafio às restrições de casta da família. Como acontece tantas vezes, a disciplina de um irmão mais velho pode ser muito mais severa do que a dos pais.

Noutro dia, em dezembro de 1913, Raja estava novamente em lágrimas após um desses incidentes com o irmão. A sua mãe sugeriu subitamente que Desikacharya levasse o seu jovem filho consigo para a convenção de Natal da Sociedade Teosófica, a realizar em Calecute, a um dia de viagem de comboio.

Como bame Ayyangar, Desikacharya não comeria comida preparada por mais ninguém que não fosse membro da mesma casta. Portanto, o cozinheiro teve de os acompanhar. Infelizmente, numa das estações de entroncamento, o cozinheiro afastou-se um pouco demais e perdeu o comboio, fazendo com que Desikacharya e Raja chegassem à conferência com um dia de atraso. Este incidente não teria ficado na memória se não fosse o facto de Leadbeater, que ia presidir à conferência, ter afirmado mais tarde que, na noite antes de partir para a mesma, lhe tinha sido dito pelo Mestre Kuthumi que encontraria ali alguém novo e muito especial.

Olhou cuidadosamente ao seu redor à chegada e não viu ninguém, ou melhor, nenhuma aura, fora do comum. Embora intrigado, não duvidou da palavra do Mestre. Quando Desikacharya e o seu filho apareceram no dia seguinte e Leadbeater viu a aura do rapaz, reconheceu que aquela era a pessoa que estivera à procura. Registou no seu diário a 26 de dezembro de 1913: «Conheci D. Rajagopalacharya e reconheci-o instantaneamente como um dos nossos.» 1

O facto de, nos últimos seis meses, Leadbeater ter estado a lidar com a contínua rebeldia de Krishna poderá tê-lo impelido (ou ao Mestre Kuthumi) a continuar a busca pelo veículo. A notícia desta «descoberta» ecoaria eventualmente por todo o caminho até à Europa.

Para Raja, este momento foi o início de um novo e longo caminho. Desikacharya ficou naturalmente satisfeito por o seu jovem filho ter atraído a atenção de um líder da sociedade. Embora os encontros pessoais com Leadbeater fossem poucos e distanciados para Raja, o homem mais velho havia de demonstrar um interesse profundo e duradouro pelo rapaz, a começar por cartas diárias. O seu inglês era ainda limitado, mas Raja respondia com cartas próprias «cheias de afeto, e pedindo sempre orientação sobre como viver a vida de dedicação ao Mestre, que ele tinha aceitado com alegria». 2 Desta vez, Leadbeater tinha escolhido um candidato que estava bem nutrido, desejoso de aprender e disposto a obedecer. (Exceto quando se tratava de comida.) A dada altura, Desikacharya deve ter mencionado a disciplina exercida pelo seu filho mais velho sobre os hábitos alimentares de Raja.

Isto evocou um forte apelo por parte de Leadbeater. «Mil bolos de piripiri não valem o transtorno dos sentimentos desta grande alma», disse Leadbeater, que recomendou então firmemente que Desikacharya proibisse aquele irmão mais velho de interferir com o jovem Raja de qualquer forma, já que ele evidentemente não era capaz de compreender a verdadeira natureza do seu irmão mais novo. O próprio Leadbeater alertaria frequentemente Raja para cuidar melhor da sua saúde. Mas Raja não percebia este conselho como nada mais do que uma preocupação afetuosa e nunca se ressentiria com Leadbeater.

Dois meses mais tarde, Leadbeater partiria para a Austrália naquela que pretendia então ser uma curta estadia de seis meses ou perto disso; mas ficaria ausente da Índia por vinte anos. Preocupado com o futuro da sua

nova descoberta, antes de partir mandou chamar Raja para visitar Adyar por uns dias, para que pudesse inspirá-lo a prosseguir a sua educação. Jinarajadasa, que, por instigação de Krishna, tinha acabado de ser chamado de volta à Índia, foi solicitado a zelar por Raja na ausência de Leadbeater.

Com as bênçãos da sua família, Raja foi enviado para a escola teosófica em Benares. Fez ali amigos para a vida, entre os quais estava Yagna Shastri, irmão de Rukmini. Yagna tinha a mesma idade do meu pai. Conheci-o pela primeira vez quando ele tinha setenta e quatro anos, enquanto estávamos hospedados nos *Leadbeater Chambers* em Adyar. Uma manhã, Yagna apareceu na varanda com a sua *kurta* e calças brancas imaculadas, com o sorriso de um rapaz pequeno no rosto.

«Não é exatamente igual ao do teu pai?», foram as suas primeiras palavras para mim. Apontou para o nariz curto e largo que pode ser encontrado na escultura Chola do século IX, bem como entre a atual população de Tamil Nadu. O meu pai nunca me tinha falado de Yagna. Em poucos minutos, Yagna contou-me imenso sobre o meu pai.

«No primeiro dia em que o Raja chegou à escola, atirei lama aos ovos dele, em parte para o picar e em parte porque achava errado que os teósofos nos fizessem comer ovos, estritamente proibidos aos bames *(NT: do sânscrito vanyia, comerciantes).*

«Ele tinha saudades de casa e isso fez com que chorasse. Lembro-me tão bem daquele momento — de como ele se sentia e de como eu me sentia.

«A nossa verdadeira amizade só começou quarenta anos depois daqueles dias de escola em Benares. Eu tinha ciúmes do Raja na altura. Via-o como um rival espiritual — essa rivalidade já tinha descido aos mais jovens. Até lhe bati uma vez sem motivo nenhum e ele nunca me devolveu o golpe. Ele era o favorito de todos. Todos o amavam.»

1 Nota do original: Ver referência correspondente no texto original (numeração mantida conforme instruções).

2 Nota do original: Ver referência correspondente no texto original (numeração mantida conforme instruções).

«O Raja e eu pertencíamos a um pequeno grupo de rapazes, selecionados por Leadbeater devido às nossas vidas passadas significativas

e potencial futuro. Nós sentíamos certamente o nosso estatuto especial e fazíamos uma boa quantidade de travessuras. O Raja não, ele nunca foi de criar problemas, mas alguns de nós recusavam-se a tratar os professores formalmente por *Senhor* e atirávamos os jarros de latão da lavagem aos outros rapazes durante o banho.

«O pobre do Shiva Rao, o nosso tutor [anteriormente tutor de Krishna em Adyar], sentiu-se finalmente compelido a escrever a Leadbeater a queixar-se dos seus rapazes. Obteve pouca satisfação com isso! Leadbeater respondeu que, se Shiva Rao não conseguia controlar os seus rapazes, não estava apto para ser o professor deles.

«Nós vínhamos ambos para Adyar durante as férias e trepávamos juntos pelas vigas expostas deste mesmo edifício, que estava a ser construído na altura. A única coisa marota que alguma vez vi o teu pai fazer foi assustar a Sra. Jinarajadasa com uma corda enrolada. Ela pensou que era uma cobra e quase teve um ataque cardíaco. Nós achávamo-la uma inglesa muito afetada e tesa e ríamo-nos do sotaque dela. Mais tarde, claro, fomos todos bons amigos, mas a ideia de um indiano casar com uma inglesa era muito estranha naqueles dias. Foi inclusivamente perturbador quando a minha irmã, Rukmini, casou com George Arundale. Depois eu casei com uma americana e o teu pai também. Foi isso que a Teosofia fez por todos nós.»

Desde 1914, quando Raja deixou o lar rumo a Benares, nunca mais regressou para a sua família, exceto para visitas. As suas relações mais próximas passariam a basear-se numa irmandade de ideais e não num parentesco de sangue. Se a sua família se ressentia disso — e, segundo Rukmini, por vezes ressentia —, também sentia uma profunda gratidão pela ajuda que ele infalivelmente lhes daria ao longo de várias gerações. O irmão mais velho de Raja, contudo, que permaneceu um hindu ortodoxo, continuou a sentir que Raja estava a ser «levado pelo mau caminho» pelos teósofos, que não aderiam às tradições. (Ele poderá ter tido razão, do seu ponto de vista, pois quando o pai deles faleceu, Raja, então com dezoito anos, desafiou o irmão e defendeu os desejos de Desikacharya de que a sua viúva fosse poupada aos ritos ortodoxos hindus de luto, tais como rapar a cabeça. Este comportamento excêntrico causou tanto falatório em Tanjore, onde viviam na altura, que Raja tomou a iniciativa de mudar toda a família para Madras.)

Após um ano em Benares, Raja decidiu que preferia ir para a escola e colégio teosóficos em Madanapalle, a terra natal de Krishna. Por esta altura, Leadbeater tinha determinado, através das suas investigações únicas, que Raja, na sua última encarnação, tinha sido São Bernardo de Claraval. As capacidades políticas e a empolgante oratória deste santo, demonstradas ao sanar um cisma no seio da Igreja e ao pregar para a cruzada em 1145 d.C., os seus talentos organizacionais no planeamento e construção de mosteiros e o seu amor pela preservação de livros e manuscritos tinham sido descritos em biografias de São Bernardo publicadas em inglês na década de 1890.

Esses livros estavam acessíveis a Leadbeater. Algumas destas qualidades são também consideradas inerentes ao verdadeiro vixnuísta, devoto de Vixnu, o Preservador. Quando Raja ficava em Adyar, o seu pequeno quarto no edifício da sede era adjacente ao quarto e à biblioteca do ausente Leadbeater. Estava livre para usufruir da biblioteca e viria a desenvolver um apreço vitalício pelos livros. Quem poderá dizer com certeza se os traços e talentos manifestados mais tarde por Raja se deveram à consciência da sua alegada encarnação anterior, à influência de Leadbeater, ou se eram simplesmente naturais nele? Não seria fácil separar as influências que recebeu quando rapaz entre os teósofos da rigorosa formação bramânica na sua própria casa. Não há dúvida de que ele acabou por desenvolver uma vontade forte, dirigida inabalavelmente para aquilo que percebia ser o propósito da sua própria vida ou *sva-dharma*, um conceito perfeitamente exemplificado por Arjuna no *Bhagavadgita*, quando este afasta o seu horror de entrar na batalha para cumprir a sua natureza intrínseca e dever como guerreiro.

Num assunto, Raja permaneceria intratável durante toda a vida. O exercício. Simplesmente não o fazia, exceto em ocasiões esporádicas e raras, quando impelido por alguma motivação peculiar. Durante as férias de Raja, ele ficava em Adyar com Jinarajadasa, que lhe instava a dar uma boa volta de bicicleta todas as tardes. Ele estava provavelmente convencido de que o seu conselho estava a ser seguido. Raja aparentava partir pela estrada fora e ficar ausente por umas boas duas horas. Mas logo ali ao virar da esquina, praticamente porta com porta, vivia a família de Rukmini.

Aqui ele era calorosamente acolhido para o chá e passava a tarde na companhia de duas jovens muito belas. Segundo Rukmini, a sua irmã

Shivakamu era a principal atração. Raja instava Rukmini a ir experimentar uma panóplia infindável de saris que, um a um, ela vinha modelar para ele enquanto ele conversava com a outra irmã. Qualquer que fosse o benefício que Raja perdia com a falta de exercício, ganhava-o no calor e na diversão destas visitas vespertinas. Mesmo com acompanhamento severo, este convívio entre rapazes e raparigas era altamente pouco ortodoxo e um exemplo do efeito liberalizador que a Teosofia podia ter na cultura hindu.

As amizades espontâneas e duradouras que se desenvolveram ajudaram a moldar as suas vidas posteriores, vidas de complexidade e idealismo que fariam a ponte entre culturas diversas. Estes tempos em Adyar também expuseram Raja a ocasionais correntes de dissensão entre os seus mais velhos. Certa vez, sentado discretamente e sem ser notado, ouviu Jinarajadasa repreender George Arundale, que tinha acabado de deixar Krishna em Inglaterra.

«Devias ter ficado lá a cuidar dele.»

«Não aguentei mais», respondeu George.

Esta troca de palavras não fez sentido para o meu pai na altura, mas permaneceu na sua memória. Anos mais tarde, ele veria cartas entre estes dois homens que tinham sido tão devotados a Krishna, expressando a sua desilusão face aos primeiros poderes de Krishna para manipular e explorar aqueles que o tentavam ajudar.

Por volta dos dezasseis anos, Raja começou a cumprir, de uma forma muito concreta, as esperanças iniciais que Leadbeater depositara nele.

Tinha encontrado várias aldeias nos arredores de Madanapalle sem qualquer escola. Para ele, era uma tragédia ver tanto as crianças como os seus mais velhos incapazes de ler ou escrever. Conseguiu que os aldeãos limpassem um celeiro e convenceu os seus colegas estudantes a dar aulas na escola noturna. Angariou dinheiro para livros e luzes e organizou o programa. Tendo sucesso com a primeira escola, avançou para a criação de outras. Este idealismo não passou despercebido a Annie Besant.

Em 1919, Raja foi convidado a acompanhar os Jinarajadasa à Austrália, onde iriam visitar Leadbeater em Sydney. Seria a primeira vez em cinco anos que veria o homem que tinha reconhecido o seu potencial para um «maravilhoso futuro». No caminho para a Austrália, pararam em

Java. Aqui Raja exibiu um dos seus raros mas dramáticos exemplos de resistência física. Subiu a pé descalço um vulcão. A capacidade do meu pai para suportar estes esforços não preparados, sem quaisquer efeitos secundários negativos, manifestou-se ao longo da sua vida e era frequentemente a inveja daqueles que, como Krinsh, se preparavam arduamente durante muitos dias para tal empreendimento.

Quando Raja e os Jinarajadasa chegaram à Austrália, confrontaram-se imediatamente com as contínuas dificuldades de Leadbeater face a acusações não fundamentadas de má conduta sexual. Na verdade, ele estava a ser atacado não apenas por motivos de imoralidade, mas também de loucura. Estas últimas acusações decorriam das suas previsões sobre a vinda do instrutor do mundo. Leadbeater tinha-se também tornado Bispo na Igreja Católica Liberal, outrora chamada Antiga Igreja Católica, que fora formada como um protesto contra a infalibilidade papal. Seguia o ritual da Igreja Católica Romana na Missa, mas não havia confessionário na Igreja Católica Liberal e o celibato não era exigido ao clero. A liturgia em inglês tinha sido composta por um esforço conjunto da Sra. Besant e de Leadbeater.

As provas contra Leadbeater baseavam-se largamente na alegação de Hubert Van Hook de que Leadbeater lhe tinha feito avanços impróprios em Adyar e que tinha forjado as *Vidas*. Contudo, uma vez que o futuro de Hubert como veículo, antes de lhe ser dada uma oportunidade justa, tinha sido abruptamente terminado pela descoberta de Krishnamurti por Leadbeater, Hubert não era uma testemunha isenta. E poder-se-á questionar que prova de fraude poderia alguém oferecer quanto a se as *Vidas de Alcyone* foram ditadas pelo conhecimento oculto de Leadbeater ou pela sua imaginação fértil. Jinarajadasa ficou horrorizado com o colapso implícito, inerente a este escândalo, de toda a hierarquia oculta, desde Leadbeater para baixo — para já não falar da Igreja Católica Liberal e da confiança nos relatórios de Leadbeater sobre as iniciações de incontáveis pessoas esperançosas. Mas, tal como no passado, o furor depressa acalmou. Um dos princípios centrais da Teosofia era evitar o falatório, e a maioria das acusações que voavam de todos os lados acabou por não passar disso mesmo.

No verão de 1920, Raja navegou com Jinarajadasa para Inglaterra, onde ficou hospedado com a Miss Dodge enquanto se preparava para fazer os seus exames de admissão a Cambridge.

Quando Krishna e Nitya souberam da chegada iminente ao seu palco da «nova descoberta» de Leadbeater, a reação deles foi, para dizer o mínimo, surpreendente para quem estava a ser preparado para tão elevado propósito. Nitya, que tinha estado a desfrutar de viver por sua conta finalmente, ficou furioso ao descobrir que em breve teria de partilhar o seu apartamento. Yolande e Marcelle de Manziarly picavam Krishna por estar com ciúmes do seu novo rival, ao que Krishna retorquia que entregaria de bom grado o seu lugar àquele «pisca-pisca» do Rajagopal.

Ele troçava do nome, contudo, e escarnecia quando ouvia dizer que Raja usava luvas brancas. (Raja não saberia das mofas de Krishna senão trinta anos mais tarde, quando leu sobre elas na biografia escrita por Lady Emily.) Num plano mais sério, Krishna tinha estado a desabafar a sua crescente impaciência com os teósofos e com as noções que o rodeavam desde a sua própria descoberta. Em breve, ele ficaria agradavelmente surpreendido ao encontrar em Raja um amigo com fortes capacidades racionais e intelectuais, em quem podia procurar apoio na sua luta por uma independência total. Mas foi Nitya quem se tornou o amigo mais próximo de Raja. Tinham mais em comum intelectual e temperamentalmente do que qualquer um deles tinha com Krishna.

Raja foi, pelo menos num aspeto, mais afortunado do que os irmãos. Sendo menos o centro das atenções, pôde perseguir o que mais queria fazer: aproveitar a oportunidade para estudar em Cambridge. Nitya, que tinha uma mente brilhante, tinha passado em todos os seus exames e estudava para a ordem dos advogados em Londres, esperando ainda alcançar a independência financeira. Devido às necessidades de Krishna, e à sua própria saúde fraca, ele não seria capaz de continuar este intento por muito mais tempo. Graças à Miss Dodge, a vida de Raja no *St John's College*, em Cambridge, não era apenas intelectualmente interessante, mas também confortável. Tinha um conjunto de salas com o seu próprio mobiliário, em suma, as instalações que qualquer jovem inglês da classe alta esperaria.

Por estar numa universidade e a trabalhar arduamente desde o início para tirar o máximo partido desta oportunidade, obtendo finalmente os seus

diplomas com distinção, ele foi poupado ao esnobismo inglês da alta roda que tinha infetado tão seriamente Krishna e Nitya nos seus anos iniciais nessa sociedade. Raja adotou fortemente a cultura ocidental, estudando grego e latim. Especializou-se em história e direito europeus e ingleses. Desenvolveu um ouvido apurado para a música clássica ocidental, mas reteria sempre o seu amor pela música e cultura indianas.

Tendo sido atraído rapidamente para o círculo interno em redor de Krishna e Nitya, Raja era alvo de grande afeto por parte daqueles mais próximos dos irmãos e pelos próprios irmãos. Foi também acolhido rapidamente na confidência deste círculo. As expectativas de Leadbeater em relação a Raja tinham-no precedido. Tinha uma postura tímida e respeitosa para com os seus mais velhos. A Miss Dodge ficou suficientemente encantada com ele para lhe confiar a sua crescente preocupação com o comportamento de Krishna.

Ela não voltaria atrás no seu prometido apoio financeiro a Krishna por consideração à Sra. Besant, mas estipulou uma quantia ainda maior para Raja. Alguns anos mais tarde, Krishna suspeitaria disto e questionaria Raja de perto, mas a sua curiosidade não obteve satisfação.

Passavam todos as férias ou com Lady Emily e as suas filhas, ou com a família de Manziarly, ou com ambas. De acordo com Marcelle e Yolande, Raja era muito tímido, mas adorava rir com elas. Picavam-no imenso, tentando assustá-lo com barulhos estranhos fora do seu quarto à noite. Nessa altura, Raja e a jovem Mary Lutyens também se tornaram bons amigos. Sentavam-se debaixo de uma árvore a ler Shelley. Ele e Lady Emily desenvolveram igualmente um afeto vitalício, embora ela nunca tenha demonstrado por ele, ou sequer por Nitya, a adoração que tinha por Krishna.

Em fevereiro de 1921, Nitya, ainda a viver em Londres, teve um ataque de varicela tão severo que a sua saúde ficou permanentemente enfraquecida. Krishna também estivera doente com uma infeção sinusal e bronquite, e ficou tão impressionado com o médico naturopata dos de Manziarly que, quando em maio Nitya teve a sua primeira hemorragia, Krishna insistiu para que ele viesse para França para ser tratado. Em setembro, Nitya não estava melhor, apesar da sua existência de inválido. Assim, os dois irmãos e Raja foram para Villars, nos Alpes Suíços.

Uma bela propriedade de cinco mil acres com um castelo cercado por um fosso tinha sido oferecida a Krishna pelo barão holandês Phillip van Pallandt. Deixando Nitya ao cuidado de Raja em Villars, Krishna foi para a Holanda para aceitar o Castelo de Eerde em nome da Ordem da Estrela. Foi nesta viagem à Holanda que Krishna conheceu o seu primeiro amor «sério», uma rapariga americana de dezassete anos, Helen Knothe. Era um momento extremamente inoportuno para contrair tal afeto, pois ele e Nitya estavam destinados a regressar em breve à Índia pela primeira vez desde que tinham partido em 1911.

Após o seu verão tranquilo, Nitya foi considerado suficientemente bem para empreender esta jornada. As vidas de ambos os irmãos continuavam nas mãos dos seus protetores. Sobre as decisões fulcrais, nenhum deles tinha qualquer controlo. Krishna estava miserável por deixar o seu novo amor e sentia ser um grande sacrifício da sua parte fazê-lo. Mas se era inoportuno para Krishna, a viagem anunciaria o desastre para Nitya, cuja recuperação não tinha sido tão completa como todos tinham assumido. Enquanto os irmãos embarcavam no navio rumo a Bombaim, Raja regressava pacificamente a Cambridge.

5

De Volta ao Caminho

Na Índia, por toda a parte onde passavam, de Bombaim a Benares, os teósofos saudavam Krishna e Nitya com calor e entusiasmo. Os irmãos tinham deixado a sua terra natal dez anos antes como rapazes pequenos, tímidos e ingénuos. Regressavam agora nos seus factos da *Savile Row* com cortes de cabelo elegantes, mas tiveram o bom gosto de assumir a vestimenta indiana muito rapidamente, a qual era também consideravelmente mais confortável.

Krishna foi arremessado imediatamente para uma exibição de adoração que poderá ter existido numa escala menor na Europa, mas que seria sempre altamente ampliada na Índia. O mero número de pessoas a saudá-lo nas estações de comboio, esticando-se para tocar nas suas vestes ou nos seus pés, milhares de rostos castanhos e sorridentes a erguerem-se de *kurtas* brancas e saris radiantes — tudo isto direcionado a um jovem de vinte e seis anos, que ainda não tinha provado publicamente (ou em privado) o seu destino proclamado —, era avassalador.

George Arundale tinha, entretanto, casado com a bela e jovem rapariga indiana, Rukmini, a amiga de infância de Raja que tinha sido também, muitos anos antes, vizinha de Krishna. Rukmini, juntamente com todos os outros, estava cheia de antecipação com a chegada deles. Ela lembrava-se de que Krishna se aproximou de George, que tentou apresentá-la como a sua noiva. Mas Krishna limitou-se a interjetar: «George, o que se passa contigo e com o Jinarajadasa?» George respondeu, tentando parecer bem-humorado: «Oh, valha-me Deus, o que é que eu fiz agora?» Ficou claro para Rukmini que Krishna desaprovava o casamento de ambos os homens. Este primeiro encontro, no qual se sentiu muito rebaixada, afetaria a relação de Krishna e dela até ao fim das suas vidas. 1

Nitya tinha convencido Krishna de que deveriam tentar uma reconciliação com o pai que não viam há dez anos. Krishna, caracteristicamente, diria mais tarde que não se lembrava de nada do encontro, o qual podemos imaginar que não tenha sido muito feliz. Nitya escreveu a Marcelle de Manziarly dizendo que tinham encontrado um pai gagá e um irmão mais novo louco.

Da Índia, os irmãos seguiram com Jinarajadasa para a Austrália, via Colombo. Viajar em navios europeus naqueles dias era frequentemente um calvário para os indianos, especialmente para aqueles que, como Krishna e Nitya, tinham sido, na sua maior parte, protegidos, mas que eram por vezes inevitavelmente expostos ao hostil fanatismo europeu. Krishna era por natureza tímido, como muitos indianos são, tímido e não agressivo. Parecia enfrentar o desafio do seu novo papel com pose, mas ficava por vezes interiormente miserável quando lhe era exigido estar em exibição pública.

Falava frequentemente dessa e de viagens semelhantes, com a sua recordada infelicidade subtilmente mascarada pelo humor sardónico de vinte anos de retrospetiva. É possível que a sua natureza interior e a sua vida pública estivessem já em desacordo, causando uma divisão na sua personalidade que seria a origem de muitos problemas nos seus relacionamentos posteriores.

Com um pouco de imaginação, poder-se-ia visualizar o jovem esbelto e gracioso; a beleza do seu rosto com o nariz ligeiramente aquilino, a boca cheia que tão facilmente revelava os seus aspetos mutáveis, os grandes olhos de girafa com pestanas longas e direitas que os velavam dos mais curiosos. Poder-se-ia senti-lo dividido entre o seu erradicável orgulho bame

— o seu desprezo pelas opiniões dos seus companheiros de viagem — e o seu sentimento de incapacidade em viver à altura de um papel que não tinha escolhido para si próprio — perguntando-se como poderia enfrentar as multidões que sabia que o iriam receber à sua chegada a Perth, a primeira paragem desta digressão australiana.

A bordo do navio, testemunhou uma pequena humilhação de Jinarajadasa que, ao sentar-se num sofá ao lado de um inglês, foi rudemente mandado circular. Krishna admitiu um impulso de violência, que conseguiu refrear. Por vezes, sentia que os discursos públicos e as multidões devotas iam contra a sua natureza. Havia outro lado dele, contudo, que estabilizava o seu desempenho. Como muitas figuras públicas, aprendeu que a energia podia fluir das multidões para ele, bem como no sentido inverso.

A Austrália daquela era, com o seu forte fanatismo racial por um lado e o espírito pioneiro por outro, o qual atraía muitos buscadores espirituais aventureiros para a Teosofia, era um verdadeiro campo de testes para um jovem instrutor do mundo, e esta primeira viagem estabeleceu-o em muitos corações como tal. Após paragens em Perth e Melbourne, chegaram a Sydney para a Convenção Teosófica. Aqui foram calorosamente recebidos por Leadbeater, a quem não viam há dez anos e que aparentemente tinha suavizado desde os dias de Adyar. Onde outrora evitava as mulheres, encontravam agora o velho amável com as senhoras idosas e a admitir raparigas jovens no seu círculo. Mas cedo iriam descobrir que alguns acontecimentos muito pouco teosóficos se desenrolavam em redor da Convenção.

Alguns dissidentes tinham formado o movimento *Back to Blavatsky* [Regresso a Blavatsky]: a Teosofia sem cultos de personalidade, sem a Igreja Católica Liberal, sem iniciações, sem a Ordem da Estrela ou sem a vinda. Esta última teria eliminado Krishna, ou melhor, o seu papel como veículo para o instrutor do mundo. No futuro, a própria posição de Krishna viria a assemelhar-se em alguns pontos a esta divergência. Mas, nesta altura, a sua lealdade básica a Leadbeater continuava intacta. Isto deve ter tornado ainda mais dolorosa a vulgaridade nua de um renovado alvoroço contra o seu velho protetor, Leadbeater.

Todas as anteriores acusações de imoralidade foram repisadas. Todas, segundo Krishna, eram mentiras. Ele não vacilou na sua defesa. Com o

apoio de Nitya, Krishna defendeu absolutamente a pureza de Leadbeater, embora não fizesse tal compromisso em relação à sua clarividência. Alguns anos antes, as dúvidas da Sra. Besant sobre Leadbeater tinham sido precisamente o inverso. Muito mais tarde, quando o próprio Krishna se virou contra Leadbeater, não foi por motivos de moralidade.

Em Sydney, um médico diagnosticou que Nitya, novamente numa condição fraca, tinha tuberculose nos pulmões direito e esquerdo. Este foi um golpe terrível. Nitya foi enviado imediatamente para as montanhas. Krishna acompanhou-o, mas não antes de ter conhecido e de se ter sentido levemente atraído por uma rapariga inglesa, Ruth Roberts, que se encontrava no jovem círculo em redor de Leadbeater. Ruth era alta, morena e deslumbrante, e a atração de Krishna por ela não passou despercebida, mas ele estava também ciente dos rumores e falatórios que flutuavam incessantemente ao seu redor. Ele estava, afinal, tão confuso como qualquer jovem que se vê dividido entre duas raparigas atraentes, Helen, o seu primeiro amor verdadeiro deixado para trás na Holanda, e a outra ao seu lado em Sydney. No topo deste dilema comum estava a tomada de consciência de que dele se esperava, de facto, que renunciasse por completo a tais sentimentos.

Após apenas dez dias nas montanhas, onde tinha começado a sentir-se melhor, Nitya teve de regressar a Sydney com Krishna para receber a Sra. Besant quando esta chegasse.

1 Nota do original: Ver referência correspondente no texto original (numeração mantida conforme instruções).

«O Raja e eu pertencíamos a um pequeno grupo de rapazes, selecionados por Leadbeater devido às nossas vidas passadas significativas e potencial futuro. Nós sentíamos certamente o nosso estatuto especial e fazíamos uma boa quantidade de travessuras. O Raja não, ele nunca foi de criar problemas, mas alguns de nós recusavam-se a tratar os professores formalmente por *Senhor* e atirávamos os jarros de latão da lavagem aos outros rapazes durante o banho.

«O pobre do Shiva Rao, o nosso tutor [anteriormente tutor de Krishna em Adyar], sentiu-se finalmente compelido a escrever a Leadbeater a queixar-se dos seus rapazes. Obteve pouca satisfação com isso! Leadbeater

respondeu que, se Shiva Rao não conseguia controlar os seus rapazes, não estava apto para ser o professor deles.

«Nós vínhamos ambos para Adyar durante as férias e trepávamos juntos pelas vigas expostas deste mesmo edifício, que estava a ser construído na altura. A única coisa marota que alguma vez vi o teu pai fazer foi assustar a Sra. Jinarajadasa com uma corda enrolada. Ela pensou que era uma cobra e quase teve um ataque cardíaco. Nós achávamo-la uma inglesa muito afetada e tesa e ríamo-nos do sotaque dela. Mais tarde, claro, fomos todos bons amigos, mas a ideia de um indiano casar com uma inglesa era muito estranha naqueles dias. Foi inclusivamente perturbador quando a minha irmã, Rukmini, casou com George Arundale. Depois eu casei com uma americana e o teu pai também. Foi isso que a Teosofia fez por todos nós.»

Desde 1914, quando Raja deixou o lar rumo a Benares, nunca mais regressou para a sua família, exceto para visitas. As suas relações mais próximas passariam a basear-se numa irmandade de ideais e não num parentesco de sangue. Se a sua família se ressentia disso — e, segundo Rukmini, por vezes ressentia —, também sentia uma profunda gratidão pela ajuda que ele infalivelmente lhes daria ao longo de várias gerações. O irmão mais velho de Raja, contudo, que permaneceu um hindu ortodoxo, continuou a sentir que Raja estava a ser «levado pelo mau caminho» pelos teósofos, que não aderiam às tradições.

(Ele poderá ter tido razão, do seu ponto de vista, pois quando o pai deles faleceu, Raja, então com dezoito anos, desafiou o irmão e defendeu os desejos de Desikacharya de que a sua viúva fosse poupada aos ritos ortodoxos hindus de luto, tais como rapar a cabeça. Este comportamento excêntrico causou tanto falatório em Tanjore, onde viviam na altura, que Raja tomou a iniciativa de mudar toda a família para Madras.)

Após um ano em Benares, Raja decidiu que preferia ir para a escola e colégio teosóficos em Madanapalle, a terra natal de Krishna. Por esta altura, Leadbeater tinha determinado, através das suas investigações únicas, que Raja, na sua última encarnação, tinha sido São Bernardo de Claraval. As capacidades políticas e a empolgante oratória deste santo, demonstradas ao sanar um cisma no seio da Igreja e ao pregar para a cruzada em 1145 d.C., os seus talentos organizacionais no planeamento e construção de mosteiros e o seu amor pela preservação de livros e manuscritos tinham

sido descritos em biografias de São Bernardo publicadas em inglês na década de 1890. Esses livros estavam acessíveis a Leadbeater.

Algumas destas qualidades são também consideradas inerentes ao verdadeiro vixnuísta, devoto de Vixnu, o Preservador. Quando Raja ficava em Adyar, o seu pequeno quarto no edifício da sede era adjacente ao quarto e à biblioteca do ausente Leadbeater. Estava livre para usufruir da biblioteca e viria a desenvolver um apreço vitalício pelos livros.

Quem poderá dizer com certeza se os traços e talentos manifestados mais tarde por Raja se deveram à consciência da sua alegada encarnação anterior, à influência de Leadbeater, ou se eram simplesmente naturais nele? Não seria fácil separar as influências que recebeu quando rapaz entre os teósofos da rigorosa formação bramânica na sua própria casa. Não há dúvida de que ele acabou por desenvolver uma vontade forte, dirigida inabalavelmente para aquilo que percebia ser o propósito da sua própria vida ou *sva-dharma*, um conceito perfeitamente exemplificado por Arjuna no *Bhagavadgita*, quando este afasta o seu horror de entrar na batalha para cumprir a sua natureza intrínseca e dever como guerreiro.

Num assunto, Raja permaneceria intratável durante toda a vida. O exercício. Simplesmente não o fazia, exceto em ocasiões esporádicas e raras, quando impelido por alguma motivação peculiar. Durante as férias de Raja, ele ficava em Adyar com Jinarajadasa, que lhe instava a dar uma boa volta de bicicleta todas as tardes. Ele estava provavelmente convencido de que o seu conselho estava a ser seguido. Raja aparentava partir pela estrada fora e ficar ausente por umas boas duas horas. Mas logo ali ao virar da esquina, praticamente porta com porta, vivia a família de Rukmini. Aqui ele era calorosamente acolhido para o chá e passava a tarde na companhia de duas jovens muito belas.

Segundo Rukmini, a sua irmã Shivakamu era a principal atração. Raja instava Rukmini a ir experimentar uma panóplia infindável de saris que, um a um, ela vinha modelar para ele enquanto ele conversava com a outra irmã. Qualquer que fosse o benefício que Raja perdia com a falta de exercício, ganhava-o no calor e na diversão destas visitas vespertinas. Mesmo com acompanhamento severo, este convívio entre rapazes e raparigas era altamente pouco ortodoxo e um exemplo do efeito liberalizador que a Teosofia podia ter na cultura hindu. As amizades espontâneas e duradouras que se desenvolveram ajudaram a moldar as suas

vidas posteriores, vidas de complexity e idealismo que fariam a ponte entre culturas diversas. Estes tempos em Adyar também expuseram Raja a ocasionais correntes de dissensão entre os seus mais velhos. Certa vez, sentado discretamente e sem ser notado, ouviu Jinarajadasa repreender George Arundale, que tinha acabado de deixar Krishna em Inglaterra.

«Devias ter ficado lá a cuidar dele.»

«Não aguentei mais», respondeu George.

Esta troca de palavras não fez sentido para o meu pai na altura, mas permaneceu na sua memória. Anos mais tarde, ele veria cartas entre estes dois homens que tinham sido tão devotados a Krishna, expressando a sua desilusão face aos primeiros poderes de Krishna para manipular e explorar aqueles que o tentavam ajudar.

Por volta dos dezasseis anos, Raja começou a cumprir, de uma forma muito concreta, as esperanças iniciais que Leadbeater depositara nele.

Tinha encontrado várias aldeias nos arredores de Madanapalle sem qualquer escola. Para ele, era uma tragédia ver tanto as crianças como os seus mais velhos incapazes de ler ou escrever. Conseguiu que os aldeãos limpassem um celeiro e convenceu os seus colegas estudantes a dar aulas na escola noturna. Angariou dinheiro para livros e luzes e organizou o programa. Tendo sucesso com a primeira escola, avançou para a criação de outras. Este idealismo não passou despercebido a Annie Besant.

Em 1919, Raja foi convidado a acompanhar os Jinarajadasa à Austrália, onde iriam visitar Leadbeater em Sydney. Seria a primeira vez em cinco anos que veria o homem que tinha reconhecido o seu potencial para um «maravilhoso futuro». No caminho para a Austrália, pararam em Java. Aqui Raja exibiu um dos seus raros mas dramáticos exemplos de resistência física. Subiu a pé descalço um vulcão. A capacidade do meu pai para suportar estes esforços não preparados, sem quaisquer efeitos secundários negativos, manifestou-se ao longo da sua vida e era frequentemente a inveja daqueles que, como Krinsh, se preparavam arduamente durante muitos dias para tal empreendimento.

Quando Raja e os Jinarajadasa chegaram à Austrália, confrontaram-se imediatamente com as contínuas dificuldades de Leadbeater face a acusações não fundamentadas de má conduta sexual. Na verdade, ele

estava a ser atacado não apenas por motivos de imoralidade, mas também de loucura. Estas últimas acusações decorriam das suas previsões sobre a vinda do instrutor do mundo. Leadbeater tinha-se também tornado Bispo na Igreja Católica Liberal, outrora chamada Antiga Igreja Católica, que fora formada como um protesto contra a infalibilidade papal. Seguia o ritual da Igreja Católica Romana na Mass, mas não havia confessionário na Igreja Católica Liberal e o celibato não era exigido ao clero. A liturgia em inglês tinha sido composta por um esforço conjunto da Sra. Besant e de Leadbeater.

As provas contra Leadbeater baseavam-se largamente na alegação de Hubert Van Hook de que Leadbeater lhe tinha feito avanços impróprios em Adyar e que tinha forjado as *Vidas*. Contudo, uma vez que o futuro de Hubert como veículo, antes de lhe ser dada uma oportunidade justa, tinha sido abruptamente terminado pela descoberta de Krishnamurti por Leadbeater, Hubert não era uma testemunha isenta. E poder-se-á questionar que prova de fraude poderia alguém oferecer quanto a se as *Vidas de Alcyone* foram ditadas pelo conhecimento oculto de Leadbeater ou pela sua imaginação fértil.

Jinarajadasa ficou horrorizado com o colapso implícito, inerente a este escândalo, de toda a hierarquia oculta, desde Leadbeater para baixo — para já não falar da Igreja Católica Liberal e da confiança nos relatórios de Leadbeater sobre as iniciações de incontáveis pessoas esperançosas. Mas, tal como no passado, o furor depressa acalmou. Um dos princípios centrais da Teosofia era evitar o falatório, e a maioria das acusações que voavam de todos os lados acabou por não passar disso mesmo.

No verão de 1920, Raja navegou com Jinarajadasa para Inglaterra, onde ficou hospedado com a Miss Dodge enquanto se preparava para fazer os seus exames de admissão a Cambridge.

Quando Krishna e Nitya souberam da chegada iminente ao seu palco da «nova descoberta» de Leadbeater, a reação deles foi, para dizer o mínimo, surpreendente para quem estava a ser preparado para tão elevado propósito. Nitya, que tinha estado a desfrutar de viver por sua conta finalmente, ficou furioso ao descobrir que em breve teria de partilhar o seu apartamento. Yolande e Marcelle de Manziarly picavam Krishna por estar com ciúmes do seu novo rival, ao que Krishna retorquia que entregaria de bom grado o seu lugar àquele «pisca-pisca» do Rajagopal. Ele troçava do

nome, contudo, e escarnecia quando ouvia dizer que Raja usava luvas brancas. (Raja não saberia das mofas de Krishna senão trinta anos mais tarde, quando leu sobre elas na biografia escrita por Lady Emily.)

Num plano mais sério, Krishna tinha estado a desabafar a sua crescente impaciência com os teósofos e com as noções que o rodeavam desde a sua própria descoberta. Em breve, ele ficaria agradavelmente surpreendido ao encontrar em Raja um amigo com fortes capacidades racionais e intelectuais, em quem podia procurar apoio na sua luta por uma independência total. Mas foi Nitya quem se tornou o amigo mais próximo de Raja. Tinham mais em comum intelectual e temperamentalmente do que qualquer um deles tinha com Krishna.

Raja foi, pelo menos num aspeto, mais afortunado do que os irmãos. Sendo menos o centro das atenções, pôde perseguir o que mais queria fazer: aproveitar a oportunidade para estudar em Cambridge. Nitya, que tinha uma mente brilhante, tinha passado em todos os seus exames e estudava para a ordem dos advogados em Londres, esperando ainda alcançar a independência financeira.

Devido às necessidades de Krishna, e à sua própria saúde fraca, ele não seria capaz de continuar este intento por muito mais tempo. Graças à Miss Dodge, a vida de Raja no *St John's College*, em Cambridge, não era apenas intelectualmente interessante, mas também confortável. Tinha um conjunto de salas com o seu próprio mobiliário, em suma, as instalações que qualquer jovem inglês da classe alta esperaria. Por estar numa universidade e a trabalhar arduamente desde o início para tirar o máximo partido desta oportunidade, obtendo finalmente os seus diplomas com distinção, ele foi poupado ao esnobismo inglês da alta roda que tinha infetado tão seriamente Krishna e Nitya nos seus anos iniciais nessa sociedade.

Raja adotou fortemente a cultura ocidental, estudando grego e latim. Especializou-se em história e direito europeus e ingleses. Desenvolveu um ouvido apurado para a música clássica ocidental, mas reteria sempre o seu amor pela música e cultura indianas.

Tendo sido atraído rapidamente para o círculo interno em redor de Krishna e Nitya, Raja era alvo de grande afeto por parte daqueles mais próximos dos irmãos e pelos próprios irmãos. Foi também acolhido

rapidamente na confidência deste círculo. As expectativas de Leadbeater em relação a Raja tinham-no precedido. Tinha uma postura tímida e respeitosa para com os seus mais velhos. A Miss Dodge ficou suficientemente encantada com ele para lhe confiar a sua crescente preocupação com o comportamento de Krishna. Ela não voltaria atrás no seu prometido apoio financeiro a Krishna por consideração à Sra. Besant, mas estipulou uma quantia ainda maior para Raja. Alguns anos mais tarde, Krishna suspeitaria disto e questionaria Raja de perto, mas a sua curiosidade não obteve satisfação.

Passavam todos as férias ou com Lady Emily e as suas filhas, ou com a família de Manziarly, ou com ambas. De acordo com Marcelle e Yolande, Raja era muito tímido, mas adorava rir com elas. Picavam-no imenso, tentando assustá-lo com barulhos estranhos fora do seu quarto à noite. Nessa altura, Raja e a jovem Mary Lutyens também se tornaram bons amigos. Sentavam-se debaixo de uma árvore a ler Shelley. He e Lady Emily desenvolveram igualmente um afeto vitalício, embora ela nunca tenha demonstrado por ele, ou sequer por Nitya, a adoração que tinha por Krishna.

Em fevereiro de 1921, Nitya, ainda a viver em Londres, teve um ataque de varicela tão severo que a sua saúde ficou permanentemente enfraquecida. Krishna também estivera doente com uma infeção sinusal e bronquite, e ficou tão impressionado com o médico naturopata dos de Manziarly que, quando em maio Nitya teve a sua primeira hemorragia, Krishna insistiu para que ele viesse para França para ser tratado. Em setembro, Nitya não estava melhor, apesar da sua existência de inválido. Assim, os dois irmãos e Raja foram para Villars, nos Alpes Suíços.

Uma bela propriedade de cinco mil acres com um castelo cercado por um fosso tinha sido oferecida a Krishna pelo barão holandês Phillip van Pallandt. Deixando Nitya ao cuidado de Raja em Villars, Krishna foi para a Holanda para aceitar o Castelo de Eerde em nome da Ordem da Estrela. Foi nesta viagem à Holanda que Krishna conheceu o seu primeiro amor «sério», uma rapariga americana de dezassete anos, Helen Knothe. Era um momento extremamente inoportuno para contrair tal afeto, pois ele e Nitya estavam destinados a regressar em breve à Índia pela primeira vez desde que tinham partido in 1911.

Após o seu verão tranquilo, Nitya foi considerado suficientemente bem para empreender esta jornada. As vidas de ambos os irmãos continuavam nas mãos dos seus protetores. Sobre as decisões fulcrais, nenhum deles tinha qualquer controlo. Krishna estava miserável por deixar o seu novo amor e sentia ser um grande sacrifício da sua parte fazê-lo. Mas se era inoportuno para Krishna, a viagem anunciaria o desastre para Nitya, cuja recuperação não tinha sido tão completa como todos tinham assumido. Enquanto os irmãos embarcavam no navio rumo a Bombaim, Raja regressava pacificamente a Cambridge.

Na Índia, por toda a parte onde passavam, de Bombaim a Benares, os teósofos saudavam Krishna e Nitya com calor e entusiasmo. Os irmãos tinham deixado a sua terra natal dez anos antes como rapazes pequenos, tímidos e ingénuos. Regressavam agora nos seus factos da *Savile Row* com cortes de cabelo elegantes, mas tiveram o bom gosto de assumir a vestimenta indiana muito rapidamente, a qual era também consideravelmente mais confortável.

Krishna foi arremessado imediatamente para uma exibição de adoração que poderá ter existido numa escala menor na Europa, mas que seria sempre altamente ampliada na Índia. O mero número de pessoas a saudá-lo nas estações de comboio, esticando-se para tocar nas suas vestes ou nos seus pés, milhares de rostos castanhos e sorridentes a erguerem-se de *kurtas* brancas e saris radiantes — tudo isto direcionado a um jovem de vinte e seis anos, que ainda não tinha provado publicamente (ou em privado) o seu destino proclamado —, era avassalador.

George Arundale tinha, entretanto, casado com a bela e jovem rapariga indiana, Rukmini, a amiga de infância de Raja que tinha sido também, muitos anos antes, vizinha de Krishna. Rukmini, juntamente com todos os outros, estava cheia de antecipação com a chegada deles. Ela lembrava-se de que Krishna se aproximou de George, que tentou apresentá-la como a sua noiva. Mas Krishna limitou-se a interjetar: «George, o que se passa contigo e com o Jinarajadasa?» George anunciou, tentando parecer bem-humorado: «Oh, valha-me Deus, o que é que eu fiz agora?» Ficou claro para Rukmini que Krishna desaprovava o casamento de ambos os homens. Este primeiro encontro, no qual se sentiu muito rebaixada, afetaria a relação de Krishna e dela até ao fim das suas vidas. 1

Nitya tinha convencido Krishna de que deveriam tentar uma reconciliação com o pai que não viam há dez anos. Krishna, caracteristicamente, diria mais tarde que não se lembrava de nada do encontro, o qual podemos imaginar que não tenha sido muito feliz. Nitya escreveu a Marcelle de Manziarly dizendo que tinham encontrado um pai gagá e um irmão mais novo louco.

Da Índia, os irmãos seguiram com Jinarajadasa para a Austrália, via Colombo. Viajar em navios europeus naqueles dias era frequentemente um calvário para os indianos, especialmente para aqueles que, como Krishna e Nitya, tinham sido, na sua maior parte, protegidos, mas que eram por vezes inevitavelmente expostos ao hostil fanatismo europeu. Krishna era por natureza tímido, como muitos indianos são, tímido e não agressivo. Parecia enfrentar o desafio do seu novo papel com pose, mas ficava por vezes interiormente miserável quando lhe era exigido estar em exibição pública.

Falava frequentemente dessa e de viagens semelhantes, com a sua recordada infelicidade subtilmente mascarada pelo humor sardónico de vinte anos de retrospetiva. É possível que a sua natureza interior e a sua vida pública estivessem já em desacordo, causando uma divisão na sua personalidade que seria a origem de muitos problemas nos seus relacionamentos posteriores.

Com um pouco de imaginação, poder-se-ia visualizar o jovem esbelto e gracioso; a beleza do seu rosto com o nariz ligeiramente aquilino, a boca cheia que tão facilmente revelava os seus aspetos mutáveis, os grandes olhos de girafa com pestanas longas e direitas que os velavam dos mais curiosos. Poder-se-ia senti-lo dividido entre o seu erradicável orgulho bame — o seu desprezo pelas opiniões dos seus companheiros de viagem — e o seu sentimento de incapacidade em viver à altura de um papel que não tinha escolhido para si próprio — perguntando-se como poderia enfrentar as multidões que sabia que o iriam receber à sua chegada a Perth, a primeira paragem desta digressão australiana.

A bordo do navio, testemunhou uma pequena humilhação de Jinarajadasa que, ao sentar-se num sofá ao lado de um inglês, foi rudemente mandado circular. Krishna admitiu um impulso de violência, que conseguiu refrear. Por vezes, sentia que os discursos públicos e as multidões devotas iam contra a sua natureza. Havia outro lado dele, contudo, que estabilizava o seu desempenho. Como muitas figuras

públicas, aprendeu que a energia podia fluir das multidões para ele, bem como no sentido inverso.

A Austrália daquela era, com o seu forte fanatismo racial por um lado e o espírito pioneiro por outro, o qual atraía muitos buscadores espirituais aventureiros para a Teosofia, era um verdadeiro campo de testes para um jovem instrutor do mundo, e esta primeira viagem estabeleceu-o em muitos corações como tal. Após paragens em Perth e Melbourne, chegaram a Sydney para a Convenção Teosófica. Aqui foram calorosamente recebidos por Leadbeater, a quem não viam há dez anos e que aparentemente tinha suavizado desde os dias de Adyar. Onde outrora evitava as mulheres, encontravam agora o velho amável com as senhoras idosas e a admitir raparigas jovens no seu círculo. Mas cedo iriam descobrir que alguns acontecimentos muito pouco teosóficos se desenrolavam em redor da Convenção.

Alguns dissidentes tinham formado o movimento *Back to Blavatsky* [Regresso a Blavatsky]: a Teosofia sem cultos de personalidade, sem a Igreja Católica Liberal, sem iniciações, sem a Ordem da Estrela ou sem a vinda. Esta última teria eliminado Krishna, ou melhor, o seu papel como veículo para o instrutor do mundo. No futuro, a própria posição de Krishna viria a assemelhar-se em alguns pontos a esta divergência. Mas, nesta altura, a sua lealdade básica a Leadbeater continuava intacta. Isto deve ter tornado ainda mais dolorosa a vulgaridade nua de um renovado alvoroço contra o seu velho protetor, Leadbeater.

Todas as anteriores acusações de imoralidade foram repisadas. Todas, segundo Krishna, eram mentiras. Ele não vacilou na sua defesa. Com o apoio de Nitya, Krishna defendeu absolutamente a pureza de Leadbeater, embora não fizesse tal compromisso em relação à sua clarividência. Alguns anos antes, as dúvidas da Sra. Besant sobre Leadbeater tinham sido precisamente o inverso. Muito mais tarde, quando o próprio Krishna se virou contra Leadbeater, não foi por motivos de moralidade.

Em Sydney, um médico diagnosticou que Nitya, novamente numa condição fraca, tinha tuberculose nos pulmões direito e esquerdo. Este foi um golpe terrível. Nitya foi enviado imediatamente para as montanhas. Krishna acompanhou-o, mas não antes de ter conhecido e de se ter sentido levemente atraído por uma rapariga inglesa, Ruth Roberts, que se encontrava no jovem círculo em redor de Leadbeater. Ruth era alta, morena

e deslumbrante, e a atração de Krishna por ela não passou despercebida, mas ele estava também ciente dos rumores e falatórios que pairavam incessantemente ao seu redor.

Ele estava, afinal, tão confuso como qualquer jovem que se vê dividido entre duas raparigas atraentes, Helen, o seu primeiro amor verdadeiro deixado para trás na Holanda, e a outra ao seu lado em Sydney. No topo deste dilema comum estava a tomada de consciência de que dele se esperava, de facto, que renuncie a tais sentimentos por completo.

Após apenas dez dias nas montanhas, onde tinha começado a sentir-se melhor, Nitya teve de regressar a Sydney com Krishna para receber a Sra. Besant quando esta chegasse.

O assédio a Leadbeater e àqueles próximos dele continuou, tanto na imprensa como nas ruas. Os irmãos eram referidos como «pretalhões janotas», e os seus factos bem cortados eram ridicularizados. As pessoas davam de cotovelo umas às outras, apontavam para Krishna como o messias, «aquele tipo com trinta vidas», e riam-se alto. Krishna disse que também se teria rido se não estivesse envolvido, indicando que interiormente já começava a questionar a sua posição.

Leadbeater deve ter discernido a miséria de Krishna. Alguns dias mais tarde, confortou-o com uma mensagem do Mestre Kuthumi, a qual estipulava que os Mestres tinham as mais elevadas esperanças em Krishna, mas que ele devia trabalhar arduamente para encontrar o seu verdadeiro eu, para ser tolerante e para ajudar os outros. Krishna levou a peito este conselho. Falou com a Sra. Besant e disse-lhe que queria deixar todo o trabalho da Estrela e da Teosofia por um tempo e estudar seriamente filosofia, economia, religião e educação, que queria melhorar a sua mente e também desenvolver em si mesmo o amor, a tolerância e a compaixão.

A saúde de Nitya não melhorava, e foi considerado imperativo por aqueles que lhe eram próximos que, o mais depressa possível, ele regressasse à Suíça. Como a viagem via Índia e Mar Vermelho seria demasiado quente, o Sr. Warrington, o Presidente da Sociedade Teosófica na América, que se encontrava então em Sydney, sugeriu que fossem via Califórnia e interrompessem a viagem no Vale de Ojai, onde ele tinha um amigo que os poderia acomodar durante o verão. Este desvio não programado teria um efeito significativo nas vidas de ambos.

6

Califórnia

As duas semanas de viagem através do Pacífico, embora suficientemente agitadas para terem causado enjoos a Nitya, pareceram melhorar a condição dos seus pulmões. Krishna, que nunca sofria de enjoos de viagem, achara a travessia monótona. Talvez desagradável fosse uma palavra melhor. Apesar da presença do Sr. Warrington, ele foi atormentado pela atenção indesejada de mulheres curiosas, por um lado, e de homens ofensivos, por outro. Um australiano perguntou agressivamente por que razão era permitido a estes «homens escuros» viajar em primeira classe. Todo este desagrado ficou para trás à medida que o navio a vapor entrava na baía e ali, erguendo-se acima do nevoeiro de verão que lambia as fundações da cidade, Krishna viu as colinas de São Francisco.

Foram recebidos por uma teósofa que era também professora em Berkeley. Ela tinha-os convidado para ficar em sua casa. No dia seguinte, que por acaso era o Quatro de Julho, atravessaram a baía de *ferry* para Oakland, onde apanharam o comboio para a Universidade da Califórnia, em Berkeley. A torre do campanário erguia-se em direção a um céu limpo e os edifícios de granito cinzento-pálido reluziam à luz do sol. Julho era pleno inverno em Sydney. Este dia perfeito de verão na Califórnia, com brisas suaves e refrescantes vindas do Pacífico, operou mudanças imediatas na saúde de Nitya e no espírito de ambos.

O primeiro convívio de Krishna com americanos deu-se num *campus* que continuaria a ser um baluarte de tolerância racial e idealismo democrático mais de meio século mais tarde. Berkeley, no Dia da Independência, poderá bem ter tido uma atmosfera intensificada que Krishna não conseguia compreender totalmente. Ele ficou, contudo, instantaneamente rendido ao que viu, e não esqueceria esta primeira impressão da América: as maneiras abertas e diretas dos estudantes que, rapazes e raparigas por igual, o olhavam diretamente nos olhos; a atmosfera de liberdade e igualdade. Gostava da atitude entre homens e mulheres. Podia abandonar a timidez em relação às suas próprias origens, a qual decorria das memórias de infância da superioridade inglesa.

Misturado com o seu entusiasmo por esta instituição americana estava um anseio de que a Índia tivesse uma universidade tão bela no seu solo.

Naquela altura, sentia que os indianos eram mais adequados do que qualquer povo na Terra para uma verdadeira atmosfera escolástica. (Quando passou a conhecer mais indianos em contextos académicos, exibiria uma frequente impaciência com a rigidez do seu condicionamento.) Ele revelaria sempre uma certa confusão em grande parte da sua atitude em relação à educação.

Na noite seguinte, embarcaram no comboio noturno para Ventura, trezentas e cinquenta milhas a sul. Foi uma pena que a maior parte desta primeira viagem pela Califórnia fosse realizada na escuridão. Mas podiam pelo menos ver a alvorada siluetar a cadeia de montanhas costeiras e a primeira luz daquela manhã de verão cintilar no Oceano Pacífico. Chegaram a meio da manhã ao pequeno centro agrícola de Ventura.

Ali foram recebidos por uma mulher alta, de cabelo escuro, com um porte e sotaque aristocráticos, um rosto forte e roupas impecáveis; no geral, uma figura improvável e imprevista de pé naquela pequena estação rural. Tratava-se de Mary Tudor Gray que, como descendente de uma antiga família da Nova Inglaterra, se sentia tão «bame» quanto os seus dois jovens convidados indianos. Ela seria a anfitriã deles durante muitos meses.

Ojai ficava quinze milhas para o interior e o calor seco do dia, dissipado à noite pelo ar do mar, começava a descer sobre o vale. O Sr. Warrington desatou a cantar, «Ojai — Ojai», à medida que contornavam a última curva e viam a extensão de laranjais verde-escuros cercados pelas colinas protetoras cobertas de salva.

Na extremidade oriental do vale, por baixo de uma falésia oblonga e escarpada chamada Topa Topa, ficava a propriedade de Mary Gray, aninhada contra colinas baixas sulcadas por milhas de trilhos equestres e pedonais, mantidos pela vizinha *Thacher School*.

O vale poderia situar-se em qualquer número de lugares na Índia, com as suas colinas de contornos suaves e mato seco. Mas uma familiaridade mais próxima cedo distinguiria a sua qualidade virginal. Poucas pessoas tinham alguma vez vivido ali. Algumas partes de Ojai tinham sido sagradas para os índios Chumash. Em 1922, havia apenas algumas centenas de pessoas espalhadas por cinquenta milhas quadradas, na sua maioria rancheiros de laranjas. Embora a sua casa fosse grande, Mary Gray tinha cedido uma das suas pequenas e rústicas cabanas de hóspedes aos irmãos.

Como não queria correr o risco de expor os seus filhos pequenos à tuberculose de Nitya, partilhou com eles o seu excelente cozinheiro vegetariano. Eles deleitavam-se com as frutas e vegetais frescos que abundavam. Havia cavalos disponíveis para passeios e caminhadas ao longo do ribeiro que geralmente secava por meados do verão. Mas este ano havia ainda um fio de água límpida a encher as poças rochosas. Aqui tomavam banhos de assento naquele paraíso intocado.

Apesar de toda esta vida saudável, Nitya piorou subitamente, fazendo febre noite e dia. Krishna sentiu o desgaste de cuidar dele e queixava-se de que o irmão era temperamental, irritável e não fazia nada do que ele lhe dizia.

O Sr. Warrington tinha combinado que a sua filha ajudasse os dois jovens. Mas esta tarefa cedo provou ser um fardo demasiado pesado para ela. Foi Erma quem surgiu com uma solução.

Durante os últimos três invernos, Rosalind estivera a trabalhar e a viver com a mãe em Hollywood. Durante os verões, Mary Gray, que se tinha tornado muito afeiçoada à família de Erma, oferecia-lhes a sua casa de verão em Montecito e encorajava Rosalind a frequentar cursos de verão no colégio estadual em Santa Bárbara. Mary Gray sentia que ela deveria progredir na sua educação, e tinha inclusive oferecido enviar a sua pessoa para Radcliffe, se ela cumprisse os requisitos necessários. Além dos seus cursos, Rosalind entrava nos torneios de ténis de verão.

O ténis tinha sido sempre a sua maior paixão. Os seus verões em Buffalo tinham sido passados nos cortes, a aperfeiçoar um estilo que não era convencional, mas que era suficientemente eficaz para ter atraído a atenção da *Lawn Tennis Association* nos torneios de Santa Bárbara. Queriam acolhê-la e treiná-la. Certa vez, por falta de comparência de outra jogadora, defrontou Helen Wills, então no seu auge, que desportivamente lhe permitiu um jogo por *set*. Nem Erma nem Mary Gray aprovavam um futuro no ténis para Rosalind. Sentiam que ela tinha demasiado potencial para desperdiçar a vida no desporto.

Mas Rosalind estava a desfrutar plenamente dos seus habituais estudos de verão e do ténis em Montecito. Não partilhava dos interesses teosóficos de Erma. Tinha dezasseis anos, era espirituosa e tinha uma natureza amante da diversão. Era devotada à mãe, Sophia, que era

suficientemente sábia para dar rédea solta à sua filha mais nova. Sophia confiava no caráter intrinsecamente generoso e verdadeiro de Rosalind para a safar de quaisquer dificuldades em que o seu espírito impulsivo a pudesse meter.

Erma chegou um dia com a sugestão de que Rosalind substituísse a filha do Sr. Warrington nos cuidados aos dois jovens indianos que tinham chegado recentemente a Ojai. Era típico de Rosalind, brincalhona como era, abdicar dos seus próprios interesses e de um verão delicioso para cuidar de dois jovens que nunca tinha visto — um deles bastante doente.

Rosalind nunca esqueceu aquele primeiro encontro. Nitya pegou na mão dela entre as suas, olhou-a nos olhos e disse: «Ora, eu conheço-te», e mesmo nessa altura ela soube exatamente o que ele queria dizer. Não notou a cegueira dele num dos olhos, a fragilidade do seu corpo ou o rubor febril de que ele sofria na maior parte do tempo. Ouviu o belo timbre da sua voz e a exuberância do seu riso. Ficou tocada pelo calor do seu sorriso e sentiu-se instantaneamente atraída por ele. Mal reparou em Krishna, que era quase sempre o centro das atenções de toda a gente. Não teria ocorrido a ela, nem a mais ninguém, perguntar-se quais poderiam ter sido os sentimentos dele em relação a ela.

Para o enfermo Nitya, esta rapariga americana vital e calorosa, viçosa de um verão nos cortes de ténis, com a pele clara ligeiramente bronzeada e os olhos azuis radiantes, detinha um fascínio especial. Os ocidentais parecem frequentemente grosseiros aos indianos, especialmente aos bames que possuem uma rara meticulosidade na sua higiene pessoal. (Era irónico que Leadbeater, um inglês, tivesse achado necessário insistir tanto em treinar os irmãos para se banharem adequadamente, mas isso deveu-se provavelmente à condição de negligência em que se encontravam.) Nitya queixar-se-ia mais tarde a Rosalind da falta de asseio das raparigas inglesas que tinha conhecido, e de como tinha sido afastado de uma relação próxima com uma delas por essa razão.

Sophia tinha transmitido o seu sentido meticuloso de limpeza às suas quatro filhas. A educação de Rosalind como vegetariana, devido a um capricho quixotesco do pai e ao seu amor apaixonado pelos animais, eram outros atributos nesta nova relação. Acima de tudo, ela tinha um talento inato para a maternidade. Uma criatura doente ou ferida, não importava a

sua espécie, atraía os seus cuidados imediatos e o seu instinto de cura. Ela infundiu em Nitya não apenas amor, mas vitalidade.

Krishna ficou aliviado com a resposta do irmão aos cuidados de Rosalind. Nitya fazia exatamente o que ela lhe dizia para fazer. Krishna ficou também imensamente impressionado com o que pensava serem as capacidades naturais americanas dela. O primeiríssimo jantar que ela lhes cozinhou, contudo, foi um desastre. Rosalind tinha preparado um *soufflé* de queijo, implorando aos dois jovens que aparecessem a horas para o jantar. Os irmãos esqueceram-se completamente disso e partiram para uma caminhada à tarde, chegando tarde. Confrontaram-se com um *soufflé* abatido e uma cozinheira desolada.

É surpreendente que a família de Rosalind não partilhasse da preocupação bastante razoável de Mary Gray relativamente a esta associação próxima com um doente tuberculoso. Erma poderá bem ter deixado que a prudência fosse varrida pela oportunidade extraordinária de a sua irmã mais nova cuidar de alguém tão próximo do veículo, mas Sophia não acreditava em nada disso. Resta apenas especular. A minha avó nunca foi pessoa de insistir em levar a sua avante, e talvez tivesse o seu próprio género de fé no bom senso e na boa saúde da sua filha mais nova.

Em todo o caso, Rosalind nunca sofreu quaisquer maus efeitos do amor entre ela e Nitya. Talvez por apenas o ter conhecido durante três anos antes da sua morte, este amor, com a sua qualidade inocente e mágica, assombrou não só a ela e ao seu casamento, mas também a minha infância. Tal amor, eternizado pela morte, poderá não sobreviver às realidades de um relacionamento vivo.

7

O «Processo»

Enquanto Nitya tinha finalmente encontrado o amor pelo qual há tanto ansiara, Krishna foi deixado muito por sua conta. Em Ojai estava sem os seus velhos amigos, os de Manziarly, Helen ou Lady Emily. Embora se alegrasse com a melhoria que os cuidados de Rosalind traziam a Nitya, também ele ansiava por conforto e afeto.

Os teósofos daquele período acreditavam na sublimação do sexo, mesmo dentro do casamento. Assumia-se categoricamente que Krishna

seria casto. À idade de vinte e sete anos, nunca tinha tido um relacionamento amoroso consumado. O seu amor por Helen situava-se num plano «superior» ou, pelo menos, inteiramente «puro». De acordo com o próprio testemunho de Helen, nunca tinha sido outra coisa. Durante uma visita a Ojai em 1984, Helen Knothe (a recentemente viúva Sra. Scott Nearing) afirmou que ela e Krishna tinham por vezes deitado juntos na mesma cama, mas nunca tinham tido relações sexuais.

Duvidava que ele alguma vez tivesse tido relações sexuais com alguém. 1 Que sintomas poderiam emergir de uma sexualidade suprimida num jovem altamente sensível, imaginativo e de natureza calorosa é matéria para conjetura clínica, mas, à luz do que cedo transpirou, a conjetura não pode ser totalmente ignorada. Leadbeater tinha evidentemente oferecido conselhos nestas linhas a outros rapazes, o que, como vimos, lhe trouxe sérios problemas. Krishna, contudo, sustentou sempre que Leadbeater nunca tinha tocado em tais assuntos com ele ou com Nitya. Deve ter sido assumido por todos os seus mais velhos que ele se encontrava num plano completamente diferente do da maioria dos jovens.

Embora Krishna afirmasse frequentemente que nem as experiências agradáveis nem as desagradáveis da vida o tocavam, é difícil acreditar que os eventos recentes em Sydney não o tivessem abalado. A bruteza de linguagem e de comportamento a que tinha sido sujeito, as acusações arremessadas contra o seu velho protetor, Leadbeater, devem ter-lhe causado desgosto em algum grau. Estava também confrontado com a ilustração gráfica de como até um membro exaltado da Sociedade Teosófica podia sofrer de uma reputação manchada. Ele e Nitya tinham ambos saído em defesa de Leadbeater, mas todo o assunto tinha abalado a visão de Krishna sobre grande parte do seu mundo teosófico.

Krishna tinha também problemas de saúde, reais ou imaginados. Um teósofo e quiropata sueco, o Dr. John Ingelman, tinha apresentado Nitya ao Dr. Strong em Los Angeles, um discípulo médico do famoso Dr. Abrams, para tentar o diagnóstico e tratamento Abrams. O Dr. Albert Abrams possuía as mais elevadas qualificações médicas e não era geralmente considerado, no seu tempo, um charlatão. Alegava que podia curar a tuberculose, o cancro e a sífilis por meio de uma máquina *Oscilloclast*, que enviava impulsos elétricos através das áreas afetadas.

Acreditava que a vacina contra a varíola era a causa da maioria das doenças, incluindo a sífilis, que pensava estar muito mais disseminada do que as pessoas supunham. Com algumas gotas de sangue do paciente, diagnosticava estas doenças e prescrevia o tratamento na sua máquina. Muitas celebridades, incluindo o escritor Upton Sinclair, atestavam as suas curas. O Dr. Abrams diagnosticou Nitya como tendo tuberculose no pulmão esquerdo e em ambos os rins, e sífilis no baço. Após duas semanas de tratamento, as novas análises de sangue mostraram que todos estes germes tinham desaparecido do seu corpo. Krishna, totalmente convencido por isto, enviou então amostras do seu sangue. Foi-lhe dito que tinha cancro nos intestinos e no pulmão esquerdo, e sífilis no baço e no nariz. Após o tratamento na máquina *Oscilloclast*, sentiu-se muito melhor. Foi suficientemente sábio, contudo, para não mencionar o diagnóstico de sífilis a ninguém exceto a Lady Emily.

Apesar dos relatórios otimistas sobre Nitya, descobrir-se-ia em testes posteriores que ele ainda tinha manchas de tuberculose nos pulmões; o stresse de qualquer tipo fá-lo-ia retroceder consideravelmente. Continuava um inválido e Rosalind cuidava dele ternamente todos os dias. Os irmãos tinham-se mudado para a pequena cabana onde Sophia tinha outrora ficado. Desfrutavam do aumentado sentido de privacidade ali e achavam que a cabana tinha a atmosfera de um pequeno *ashram*. Na verdade, preferiam não ter quaisquer estranhos por perto.

Assim, Rosalind ajudava regularmente na cozinha, deslocando-se durante o dia a partir da casa vizinha de Mary Gray, onde se encontrava hospedada. O Dr. Ingelman possuía, para os tempos de então, um conhecimento avançado de nutrição, especialmente aplicada a uma dieta vegetariana, e a sua orientação foi de valor inestimável para Rosalind. Krishna fazia o seu melhor para ajudar. Desagradava-lhe a aparência de ser servido e era sempre o primeiro a erguer-se para oferecer assistência.

As vicissitudes na saúde de Nitya não impediram Rosalind e os dois irmãos de passarem momentos muito bons. Ela não via Krishna como uma pessoa especial, certamente não como um instrutor do mundo. Mas a par do seu amor por Nitya, desenvolveu um grande afeto pelo irmão mais velho deste. Liam em voz alta e memorizavam Milton, Keats, Shelley e o favorito de Krishna, o *Cântico dos Cânticos*. Caminhavam juntos nas colinas e, nos dias muito quentes, iam com a família Gray para a praia.

Desde que recebera a mensagem do Mestre Kuthumi em Sydney, Krishna tinha mostrado sinais de uma atitude modificada em relação aos Mestres, à Teosofia e ao seu papel no «Trabalho». Agora tomava um rumo ainda mais sério, talvez devido em parte à ausência de luxos e distrações proporcionados pela vida europeia e inglesa da classe alta. Estava também, pela primeira vez, cortado da vigilância dos seus protetores. Estava mais livre do que alguma vez estivera e numa atmosfera propícia à concentração espiritual. Parece ter tirado o máximo partido disso e passou a meditar regularmente, adiando previsivelmente as suas intenções de aperfeiçoamento intelectual.

Rosalind tinha aliviado Krishna da pressão de cuidar de Nitya, libertando-o daquela responsabilidade que ele tinha sentido como um fardo. Nitya era demasiado sensível às necessidades de Krishna para alguma vez, conscientemente, usurpar o lugar do seu irmão mais velho em qualquer relacionamento. O seu amor por Rosalind só poderia ter florescido sob a crença de que Krishna não partilhava de um sentimento semelhante por ela. Não obstante, por muito consideradas que sejam, duas pessoas apaixonadas tendem a isolar uma terceira pessoa do seu círculo encantado. Krishna afirmaria sempre ser incapaz de solidão, contudo haveria alturas na sua vida em que o isolamento forçado produziria algumas reações estranhas.

Derivando ostensivamente das suas sessões de meditação, Krishna desenvolveu subitamente sintomas físicos perturbadores que progrediram do desconforto para a dor. A par disto veio uma série de experiências peculiares. Tanto Krishna como Nitya escreveram relatos destas experiências (a que Nitya chamou o «processo»). Duraram esta primeira vez por um período de cerca de três dias. Estes relatos foram dactilografados por Erma e enviados, a pedido de Krishna, a Leadbeater e à Miss Dodge. Cópias adicionais foram feitas mais tarde por Rajagopal para serem entregues à Sra. Besant e a Lady Emily. Todos os envolvidos foram jurados a uma vida inteira de segredo por Krishna. (Lady Emily ver-se-ia envolvida numa tempestade quando, trinta anos mais tarde, quis publicar estes relatos na sua biografia, *Candles in the Sun* [Velas ao Sol]. Vinte anos depois disso, Krishna abandonou as suas objeções e permitiu que a filha de Lady Emily, Mary Lutyens, o fizesse.)

Rosalind estava bem ciente de que Krishna estava a experienciar alguns sintomas estranhos. Ele queixava-se de uma dor aguda no pescoço e

ela detetou um ligeiro inchaço ali, mas não viu nada de alarmante. Após alguns dias, ele descreveu o que parece ser uma clássica experiência psíquica ou de *samadhi*. Sentiu-se uno com um operário distante, com a própria ferramenta na mão dele e a pedra que ele quebrava, com a erva, a poeira, as aves e as árvores. Passou então para um estado semiconsciente.

Esta condição deu lugar no dia seguinte a pior dor física e a um desgaste mental que o fazia sentir que tudo ao seu redor era imundo. A pequena sala da frente da cabana era escura e abafada nos dias quentes de verão, e a varanda da frente e o alpendre com rede na lateral, onde Krishna dormia, barravam a luz do sol. Num canto escuro, ele encolhia-se em miséria e permitia apenas a Rosalind que lhe segurasse a cabeça no regaço e o confortasse.

Nitya, que testemunhou tanto a êxtase como o sofrimento do irmão, escreveu o seu próprio relato, que enviou mais tarde a Leadbeater, descrevendo os acontecimentos diários ao longo de quatro dias. Deferiu a interpretação para Leadbeater, mas a sua descrição é detalhada e sincera, embora de certo modo intensificada pela sua condição febril e imaginação poética.

No primeiro dia, Krishna começou a sentir-se irrequieto e desenvolveu-se um nódulo doloroso na nuca. Na manhã seguinte tudo estava bem até depois do pequeno-almoço, quando Rosalind o encontrou a agitar-se na cama em evidente dor. Ela não conseguia determinar a causa do seu sofrimento. Nitya pensou que fosse como um ataque de malária, que sabia que Krishna tinha contraído pela primeira vez em criança. Mas Krishna queixava-se de calor intenso e não de calafrios.

Nitya ficava continuamente tocado e cheio de admiração ao testemunhar a habilidade e a ternura de Rosalind enquanto cuidava de Krishna. A rapariga de dezasseis anos não tinha experiência de enfermagem nem interesse pela Teosofia, contudo os seus cuidados, dispensados com aquilo que Nitya percebia ser uma combinação notável de amor altruísta e ao mesmo tempo impessoal, haviam de fazer ambos os jovens perguntar-se se ela não seria a encarnação da sua mãe, falecida há muito tempo.

1 Nota do original: Ver referência correspondente no texto original (numeração mantida conforme instruções).

No terceiro dia, quando Rosalind tinha estado quase continuamente ao lado de Krishna, Nitya sentiu toda a casa preenchida por uma grande força e Krishna, como que possuído, queixava-se de imundície na casa e na sua cama, embora tudo estivesse impecavelmente limpo. Não deixava ninguém aproximar-se dele, clamando em voz alta que queria ir para as florestas na Índia, e encolhia-se num canto escuro. Nitya, Rosalind e o Sr. Warrington esperaram na varanda, observando o céu escurecer após o pôr do sol. Conseguiam ainda ver a forma de uma jovem pimenteira a poucos metros de distância, que todo o dia abrigara abelhas e pequenos pássaros, atraídos pela sua fragrância. O Sr. Warrington convenceu então Krishna a deixar a cabana — ainda abafada com o calor da tarde — e a desfrutar do frescor da noite debaixo da árvore. Krishna não tinha comido quase nada durante três dias, contudo, agora sentado debaixo da árvore, começou a entoar *mantrams*. Nitya recordou-se de um momento, há muito tempo em Taormina, quando Krishna contemplara uma pintura de Gautama Buda com vestes de mendigo e ambos tinham sentido ter recebido um pensamento divino.

Depois, Nitya disse a Rosalind que tinha sentido novamente essa presença e que vira uma grande estrela acima da árvore. Estava convencido de ter visto este momento glorioso refletido no rosto dela — e disse-lhe que ela tinha exclamado repetidamente: «Estás a vê-lo?» Nitya assumira sem questionar que ela se referia ao Divino *Bodhisattva*. Embora nem ele nem o Sr. Warrington fossem capazes de partilhar da sua visão, ouviram a música dos divinos *Gandharvas*. Tudo isto durou cerca de trinta minutos e depois, quando Krishna se levantou e se aproximou deles, Rosalind desmaiou. Quando recuperou, para grande desgosto de Nitya, não se lembrava de nada exceto de ouvir música.

Rosalind, que, de acordo com Nitya, fora a única testemunha real do fenómeno oculto, não aceita aquilo que ele assumiu que ela tinha visto. Noite após noite, Nitya, Rosalind e o Sr. Warrington reuniam-se na varanda da cabana para meditação. Rosalind costumava adormecer e, nessa ocasião, acordou para que lhe dissessem que tinha testemunhado a vinda da presença. Até ao dia de hoje, ela acorda frequentemente a ouvir música, como fez toda a sua vida. Desde o nascimento que adormecia ao som de música de câmara executada pela sua mãe e tias. Não partilhando das preconceções dos outros, permitia-lhes as suas interpretações sem as aceitar como suas. Acredita que o que quer que Nitya tenha lido no seu rosto

derivava dos seus próprios sonhos. Não se lembrava de nada e não sentia que nada de notável tivesse acontecido.

Encontrava-se num estado de exaustão. Todos os seus dias eram passados a cuidar de Nitya e depois, quando os sintomas dele começaram a ocorrer, de Krishna. Rosalind nunca achou estes sintomas tão estranhos ou alarmantes quanto Nitya ou Krishna achavam. Krishna, gemendo por causa de um inchaço no pescoço, dores nas costas e um estômago perturbado, colocava a cabeça no regaço dela para conforto. Por vezes, também lhe acariciava o peito. Ela atribuía este comportamento à forte necessidade que ele tinha de receber cuidados maternais. Mas isso dificilmente ajudava a confirmar, para ela, as implicações espirituais deste evento, tão emocionante para os outros.

Durante os últimos dez anos, houvera uma atividade considerável em grande parte do mundo teosófico em antecipação da vinda do instrutor do mundo, conforme previsto por Leadbeater. Dinheiro tinha sido angariado, publicações iniciadas, terras doadas, e milhares de indivíduos trabalhavam arduamente para fazer avançar a sua própria preparação espiritual. O «processo» de Krishna, como Nitya lhe chamou inicialmente, teve lugar contra um pano de fundo de intensa antecipação e entusiasmo.

Dada a condição mental de toda a gente, exceto de Rosalind naquele momento, não é de admirar que tivessem concluído que o suposto fenómeno estava a acontecer. Nitya, devido à sua condição febril, somada ao facto de estar apaixonado, poderá ter exagerado grandemente a expressão no rosto de Rosalind. Ele também não era de natureza cética. Não viveu tempo suficiente para que saibamos se teria seguido o irmão num eventual repúdio da Teosofia. Pelo que transpirou entre eles antes da sua morte, parece improvável.

Se não se tiver propensão para a crença no oculto, os sintomas físicos de Krishna poderiam ser explicados por uma variedade de enfermidades, tais como ataques recorrentes de malária, de que tinha sofrido pela primeira vez aos dois anos de idade e que se sabia terem-no afligido na vida posterior.

Quando eu era uma rapariga jovem, falei a Krinsh um dia sobre um rapaz epilético na minha escola. Descrevi as convulsões aterrorizantes e como fôramos todos instruídos para ajudar o rapaz colocando um lenço na

sua boca para que não tralhasse a língua. E depois acrescentei que o Warren me tinha admitido que, por várias vezes, tinha fingido estes ataques para evitar uma situação difícil, e tinha enganado inclusivamente os professores. Krinsh respondeu que sabia tudo sobre essa afeção, pois a sua própria mãe tinha sofrido dela.

Fiquei devidamente impressionada e repeti esse comentário ao meu pai, que me disse muito seriamente que nunca mais o deveria repetir ou discutir com ninguém. Krinsh nunca mais se referiu a isso. Não encontrei qualquer referência a esta possibilidade em nenhuma da literatura sobre ele, mas as suas palavras permanecem como uma memória clara e definida. A epilepsia é um distúrbio complexo e manifesta-se numa ampla gama de sintomas, tais como ver visões e outros sintomas na altura não facilmente diagnosticados.

A explicação mais plausível poderia residir num complexo de factores que incluem a dissociação de personalidade, os sintomas alucinatórios que frequentemente a acompanham, e a subsequente emergência de uma ou mais personalidades parciais mas distintas. 2 Ninguém pensou em chamar um médico de qualquer espécie quando os primeiros sintomas de Krishna emergiram. Mesmo antes da popularidade da medicina psicossomática, um médico competente poderia ter sugerido que os sintomas de Krishna eram bastante simplesmente o resultado de uma necessidade intensa, consciente ou inconsciente, de receber os cuidados maternais e o amor que Rosalind vinha dispensando a Nitya. No futuro, estes sintomas seriam testemunhados habitualmente por uma mulher pela qual Krishna sentisse um envolvimento ou amor especial. O que é importante é para onde estas manifestações conduziram e porquê e como a aceitação da interpretação oculta moldou o seu futuro.

Não é fácil definir uma experiência mística, embora para o experimentador autêntico a veracidade da mesma pareça inquestionável. O estado de sentir um afastamento do corpo ou um flutuar para longe e olhar de cima para ele não é invulgar. Acontece a pessoas que sofreram crises prolongadas de disenteria, insolação ou outras enfermidades físicas. Classicamente, no Budismo tal como com alguns dos místicos cristãos, um *samadhi* ou experiência mística parece ser, simplisticamente falando, um desvanecimento do ego e um sentido de unidade com o universo, ou como Blake expressou com tão precisa beleza:

Ver um mundo num grão de areia
E um céu numa flor silvestre,
Segurar o infinito na palma da tua mão
E a eternidade numa hora.

Este estado, habitualmente temporário, de ausência de ego deveria ter um efeito na personalidade que seja duradouro, mesmo que a condição do ego regresse. A própria essência é o desvanecimento do ego; não pode haver vantagem retirada dele ou uso para benefício futuro ou sentido de autoridade e conhecimento por parte do experimentador. Por outras palavras, não pode haver o motivo do lucro. O místico Mestre Eckhart disse: «Algumas pessoas querem ver Deus com os seus olhos como veem uma vaca e amá-lo como amam a sua vaca — amam a vaca pelo leite e queijo e pelo lucro que ela lhes traz.»

Certamente, se a iluminação derivada do *samadhi* for usada para promover desejos nascidos do ego, ou crenças, ou para elevar a posição do indivíduo de qualquer forma, uma grave suspeita pode ser lançada sobre a integridade de toda a experiência.

A experiência de Krishna no primeiro dia, o seu sentimento de unidade com o que o rodeava, soa a verdade no sentido em que não coloca exigências indevidas à credibilidade. Não é oculta. Não requer interpretação, nem parece colocar o sujeito numa posição de avanço hierárquico. Poderia, por outras palavras, acontecer a qualquer um de nós e poderíamos esperar que, se acontecesse, como resultado deste instante de ausência de ego, passaríamos doravante a ver o mundo numa nova dimensão. Não pode conceder qualquer autoridade para liderar, apenas para partilhar e, ao partilhar, oferecer a outros a esperança do sentido de realidade transmitido.

Um dia, o próprio Krishna proclamaria que a verdade é uma terra sem caminhos. Mas ele não tinha chegado a esse ponto ainda. Embora exigisse um manto de segredo do público em geral, permitiu que cópias do relato fossem enviadas aos seus protetores e não protestou quando a sua experiência debaixo da pimenteira foi tomada por eles como um sinal do seu rápido avanço ao longo de «o Caminho».

8

Problemas no Caminho

O «processo» continuou ao longo do verão e do outono em Ojai, mas sem os aspetos êxtaticos. Krishna parecia sofrer apenas os desconfortos físicos. Em certas circunstâncias, estes continuariam a manifestar-se ao longo dos anos vindouros. O «processo» apenas ocorria na presença de Rosalind — pelo menos até então. Krishna professava acreditar que Rosalind era a sua mãe há muito perdida. Ele e Nitya chegaram a escrever a perguntar a Leadbeater se seria possível que ela fosse a reencarnação da mãe deles.

O facto inconveniente de Rosalind ter dezasseis anos e a mãe deles ter falecido apenas dezassete anos antes não passou despercebido nem a eles nem a Leadbeater, mas esperavam que os Mestres pudessem explicar tais paradoxos intempestivos. Toda a experiência do «processo» de Krishna tinha impelido ambos os irmãos para um renovado entusiasmo pelo trabalho e serviço aos Mestres, o que incluiu a declaração de Krishna a Leadbeater do seu amor e respeito e um pedido de desculpas pelo seu comportamento obstinado do passado.

Isto estaria de acordo com a descrição da Sra. Besant sobre a via de «o Caminho», embora, segundo esse código, o comportamento de Krishna tivesse sido demasiado recalcitrante para alguém que tinha passado a segunda iniciação. Não obstante, Leadbeater parecia não ter duvidado de que a experiência de Krishna debaixo da pimenteira significava que ele tinha passado a terceira iniciação. Os sintomas físicos, contudo, intrigavam-no. Acreditava que tanto ele como a Sra. Besant tinham percorrido as mesmas etapas em «o Caminho», mas sem dor. Leadbeater ponderou esta questão durante um mês, enquanto Krishna aguardava a sua resposta sem total paciência. Nunca receberia uma resposta plenamente satisfatória. Leadbeater parecia achar difícil encaixar os sintomas de Krishna no seu esquema. Aos olhos de Leadbeater, Krishna era ainda um pupilo e tinha um longo caminho pela frente, cheio de armadilhas, a percorrer. O seu destino final não estava, de forma alguma, assegurado. Por outro lado, muitos dos teósofos que rodeavam Krishna estavam dispostos a vê-lo como um ser já perfeito. Isto tornava-os e às suas vidas muito mais imediatamente significativos e importantes. A insistência de Leadbeater num árduo caminho passo a passo em direção à divindade poderá ter tornado Krishna impaciente, para dizer o mínimo.

Contudo, nas palestras públicas de Krishna com jovens teósofos, com quem esteve muito ocupado durante este ano na América, ele atribuía ao treino que recebera de Leadbeater o seu atual estado de desenvolvimento espiritual. Estava, ao mesmo tempo, plenamente consciente da cultura religiosa impregnante na qual tinha nascido e do papel que a sua mãe tinha desempenhado, durante esses anos iniciais anteriores à descoberta, ao treinar a sua jovem mente para se focar em figuras religiosas, no Senhor Krishna, no Buda Maitreya, cujas imagens se encontravam na sala do santuário familiar. Tinha-lhe sido dito para meditar três vezes por dia, ainda que brevemente, em grandes coisas.

Mas foi Leadbeater quem lhe deu o treino coeso e rigoroso, tanto em hábitos de pensamento como de cuidados físicos — sendo a limpeza pessoal de primordial importância. Repetiu aos jovens americanos a visão de Leadbeater de que não havia virtude em ser um homem santo ou santo imundo, fosse cristão ou hindu, embora tenha acrescentado de forma algo melodramática que a implicância de Leadbeater com a limpeza o tinha tornado temporariamente miserável. Em 1923, continuava disposto a conceder a Leadbeater um papel vital no seu treino a estes níveis e defendia para outros o programa que Leadbeater tinha traçado para ele: ler uma grande quantidade de romances a fim de obter variados pontos de vista e ideias; aprender sobre modos de vida diferentes do próprio, inclusive ler lixo; acima de tudo, ler livros religiosos.

A inconstância dos afetos de Krishna por Leadbeater continuaria por alguns anos, resolvendo-se, em certas ocasiões, numa exibição de horror à mera menção do nome de Leadbeater. Esta atitude por parte de Krishna seria um dia a causa de uma séria discussão entre ele e Nitya, pois Nitya permanecia fiel aos seus protetores e à Teosofia.

Quando as chuvas de outono chegaram a Ojai no início de novembro, após o habitual período seco de seis meses, Krishna ficou encantado com o milagre do verde a brotar através do castanho ressequido e seco do terreno. Viu que era um verde diferente daquele da primavera num clima frio, que surge com um suave abrandamento do tempo. Na Califórnia, a erva aparece quase de um dia para o outro, estendida como um tapete sobre os contornos das colinas.

Rebentos tenros de carvalho-venenoso emergem nos caules secos. As folhas verde-escuras dos carvalhos-vivos, lavadas e limpas da poeira do

verão, brilham. Os ribeiros correm com água cristalina sobre as rochas de granito branco. Krishna carregaria esta imagem da Califórnia consigo para sempre.

O amor dos irmãos pelo Vale de Ojai aumentou, tal como o seu anseio de terem o seu próprio lar. Com donativos angariados pela Sra. Besant, na sua maioria da Miss Dodge, a propriedade de seis acres adjacente às terras de Mary Gray foi comprada para eles. Esta terra incluía a cabana onde tinham estado alojados e a grande casa principal em forma de L, com pátio e varanda frontal. A esta chamaram *Arya Vihara* (casa do ariano ou do homem nobre), muito embora fosse meramente uma decrépita casa de rancho de madeira de sequoia da Califórnia, mal mobilada e a precisar de pintura. Mais tarde, a Miss Dodge comprou-lhes outros sete acres para que a privacidade da sua propriedade ficasse salvaguardada. Krishna já era suficientemente astuto para recusar possuir propriedade pessoalmente, percebendo talvez que um jovem com o seu futuro espiritual deve parecer materialmente desimpedido.

Uma associação fiduciária chamada *Brothers Association* [Associação de Irmãos] tinha sido formada para deter a propriedade. Evidentemente que isto era, em todo o caso, uma necessidade, pois ao abrigo das leis de terras da Califórnia daquela altura, os orientais — categoria em que os indianos eram incorretamente integrados — não podiam possuir terras. Quaisquer que fossem as tecnicidades envolvidas, *Arya Vihara* havia de ser o lar amado de Krishna durante muitos anos. Contudo, haveria sempre uma ambivalência nele que o fazia ansiar pela Índia quando estava na Califórnia e pela Califórnia quando estava na Índia.

Por junho de 1923, a saúde de Nitya estava vastamente melhorada e os irmãos regressaram finalmente à Europa. Rosalind não foi com eles. Para ela e para Nitya, a despedida foi triste e difícil. O amor entre eles tinha-se tornado muito forte. Mas ambos tinham compreendido que, no círculo de Krishna, «o Trabalho» era de toda a importância e a busca da felicidade pessoal devia tomar o segundo lugar.

Entretanto, Raja tinha sido poupado às infindáveis distrações e entusiasmo gerados em redor da Sra. Besant e dos irmãos. Enquanto eles estavam na Índia e na Califórnia, ele tinha sido capaz de se concentrar totalmente nos seus estudos e tinha acabado de passar no primeiro conjunto de exames para o *Tripos*. A vida em Cambridge adequava-se-lhe até ao

âmago do seu ser. Era um académico nato, a sua vida era confortável, e rapidamente conquistou o respeito do seu tutor.

Em deferência à saúde de Nitya, organizou-se que o mês de agosto seria passado em Ehrwald, no Tirol austríaco, onde um chalé tinha sido emprestado a Krishna. Raja foi convidado a juntar-se ao grande grupo, que incluía Lady Emily com as suas filhas, Betty e Mary, Helen Knothe, Ruth Roberts e Marcelle de Manziarly. Durante estas férias de sete semanas, Raja esteve pela primeira vez por perto (embora não realmente presente) durante o «processo» de Krishna. Quando o «processo» recomeçou em Ehrwald, não havia pimenteira; não havia música, ou uma grande estrela, ou seres reluzentes e, claro, não havia Rosalind. Em todo o caso, Krishna não teria querido a sua presença; pois agora, muito definidamente, queria Helen.

Para aqueles que estavam à margem, com as suas imaginações e expectativas maduras para um acontecimento miraculoso, a atmosfera parecia carregada de presenças poderosas. A maioria deles sentia-se envolvida por vibrações extraordinárias. Mas todo o assunto do «processo» de Krishna, apesar das implicações assumidas, deve ter sido preocupante, senão mesmo aterrorizante para Nitya. Embora experiências semelhantes tivessem sido alegadas por Blavatsky e outros teósofos, bem como por ocultistas em geral, de acordo com Leadbeater, estes não tinham registado ter a miséria física de Krishna.

Contudo, Nitya e Krishna não recebiam quaisquer diagnósticos claros, fossem médicos (pois não consultavam médicos regulares) ou ocultos (da sua fonte habitual, Leadbeater). De acordo com os desejos de Krishna, continuava a ser um assunto de extrema privacidade e supunha-se que muito poucas pessoas sabiam dele. Embora, de forma nada atípica em tais situações, o próprio manto de segredo alimentasse e espalhasse o segredo.

Em setembro, o grupo mudou-se para o Castelo de Eerde, na Holanda. Uma associação fiduciária estava a ser estabelecida para deter o castelo pois, tal como com *Arya Vihara*, Krishna sustentava que não queria possuir propriedade pessoalmente. Quando vi o Castelo de Eerde pela última vez, este tinha sobrevivido à Segunda Guerra Mundial e era um colégio interno privado. O fosso estava seco e a atmosfera romântica de um magnífico castelo do início do século XVIII estava diminuída. Em criança, lembrava-me dos grandes peixes a nadar no fosso, alimentado por um ribeiro natural,

e da fileira de grandes árvores que ladeavam a longa alameda de entrada. A propriedade abrangia cinco mil acres de pinhal com pequenas lagoas e quintas. Era uma dádiva inacreditável para qualquer pessoa — mesmo para um instrutor do mundo.

O amor impetuoso que Krishna tinha proclamado por Helen no ano anterior tinha suavizado consideravelmente, apesar da ajuda dela com o seu «processo», embora ele continuasse ainda por alguns anos a escrever-lhe cartas de amor.

Nitya tinha-se agora tornado amigo próximo de Raja. Naquele verão, tinha pedido a Raja que tirasse um ano de licença de Cambridge e regressasse com ambos a Ojai para o inverno seguinte, pois sentia que a sua presença poderia ser uma ajuda se o «processo» continuasse em Ojai. Com isto Raja concordou. Tinha ouvido falar longamente de Rosalind por Nitya, cujo amor por ela tocava Raja. (Muito mais tarde, ele diria a Rosalind que achava que se tinha apaixonado por ela ao ouvir Nitya falar a seu respeito no comboio que atravessava a América.)

Por muito sério que pudesse ser o enquadramento das suas vidas, eram ainda jovens e certamente capazes de desfrutar das possibilidades do romance e de se apaixonarem. Nunca houve qualquer questão de um triângulo. Eram todos muito próximos e Raja guardaria para si próprio quaisquer sentimentos sérios que nutrisse por Rosalind. Nunca se teria interposto entre ela e Nitya. Felizmente, nem Nitya nem Raja tinham naturezas ciumentas ou possessivas.

Agora, Rosalind tinha três jovens indianos de quem cuidar. Encontrou em Raja, tal como Nitya encontrara, um amigo constante. Ele ensinou-a a jogar xadrez e o amor por este jogo seria um longo vínculo entre eles. Embora Raja nunca viesse a ser muito dado ao atletismo, tornou-se bastante bom no badminton, um jogo em que Krishna sobressaía. Rosalind ficava com Erma no que era agora chamado *Pine Cottage* [Cabana dos Pinheiros], que a sua mãe tinha outrora ocupado, enquanto os jovens se mudaram para *Arya Vihara*.

Dedicaram-se todos a pintar a casa com a decoração vitoriana de amarelo-creme com guarnições em verde-escuro. Supunha-se que todos partilhavam também a cozinha e o trabalho doméstico, mas não é preciso muita imaginação para antever quem realmente fazia o trabalho,

sujeitando-se à ajuda simbólica de três jovens que nunca tinham tentado tais tarefas.

O trabalho era aliviado por caminhadas juntos nas colinas e viagens com os sempre generosos e amorosos Ingelman ao Grand Canyon e a Yosemite. Deveria ter sido uma existência muito feliz para os quatro jovens naquele vale idílico. Rosalind preparava-se para Radcliffe, onde pretendia entrar no outono, e recebia explicações de francês de Mary Gray, de álgebra de Raja e de poesia de Nitya. Estas últimas sessões eram o seu maior deleite e a voz excecionalmente bela de Nitya enquanto lia poesia ecoaria na sua memória pelo resto da sua vida.

Um dia, sentindo a sua saúde a robustecer-se, Nitya expressou as suas esperanças a Krishna de que se poderia casar com Rosalind. Mas, tal como com todos os seus anseios pessoais anteriores, estas esperanças foram abruptamente despedaçadas. Dirigiu-se a Rosalind com uma tristeza que ela nunca vira nele antes e disse que Krishna tinha ficado ultrajado com a ideia e tinha insistido que o seu irmão mais novo se devia dedicar unicamente a «o Trabalho». Por muito que amasse Nitya, o casamento estava ainda longe dos pensamentos de Rosalind. Tampouco seria alguma vez tendência nela preocupar-se com o futuro.

2 Nota do original: Ver referência correspondente no texto original (numeração mantida conforme instruções).

Houve outro aspeto não tão idílico naquele verão, o qual causou dor não só a si próprio mas também àqueles que o rodeavam. Krishna recomeçou o seu «processo», que continuou inabalável por semanas e semanas. Desta vez, ele recusava-se a ter Rosalind perto de si e, ocasionalmente, chamava em vez disso pela ausente Helen, mas na maioria do tempo não queria ninguém.

Tendo lido os relatos do «processo» do ano anterior e do papel que Rosalind tinha desempenhado, Raja ficou impressionado com a perplexidade que via em Rosalind perante a súbita rejeição de Krishna por ela. Em privado, o seu coração compadecia-se dela. Quem adivinharia que a mágoa no coração de Krishna estava por detrás desta rejeição? Os seus sentimentos por Rosalind permaneceriam não declarados enquanto Nitya vivesse (tal como os de Raja), mas ele bem poderia ter antevisto em Raja mais um rival pelo amor dela, e isto num homem que ele já tinha visto

como rival noutra frente. Contudo, Raja era gentil e afetuoso, com um lado amante da diversão na sua natureza tímida e muitas vezes séria. Era difícil não gostar dele. Krishna até admirava muitas das suas qualidades.

Krishna e Nitya estavam cientes de que Raja era também um protegido da Miss Dodge. Krishna tinha curiosidade em saber se Raja recebia um rendimento comparável ao deles e questionava-o frequentemente sobre isso. Raja, que tinha sido informado da dotação deles, recusava-se a discutir as suas finanças com Krishna. Percebia que o facto de estar a receber um rendimento substancialmente maior — talvez devido às suas despesas em Cambridge, mas talvez também devido à confiança especial da Miss Dodge nele — apenas causaria algum ressentimento em Krishna. Que ele tinha razão nesta suposição, cedo ficou indicado.

Um dia, ele pediu a Rosalind para ir a Hollywood com ele para o ajudar a comprar o seu próprio carro. Tinha poupado dinheiro para isso, mas não sabia conduzir. Ele e Rosalind regressaram a *Arya Vihara* ao fim da tarde, conduzindo um Buick bastante modesto. Raja, sentindo-se encantado com a sua nova posse e esperando que o seu entusiasmo fosse partilhado pelos amigos, ficou descolado ao ser recebido com o desprezo e a desaprovação de Krishna. Krishna tinha por essa altura recebido uma série de automóveis muito mais elegantes. Na verdade, naquele ano, através da generosidade de John Ingelman, ele era o orgulhoso proprietário de um Lincoln azul-claro.

«Esse carro não pode ficar aqui», decretou Krishna. «Não é adequado termos dois carros neste lugar. Tens de o levar imediatamente de volta.»

Raja, embora algo abalado, ignorou esta ordem, o primeiro mas longe de ser o último encontro desse género que teria com Krishna. Este choque mútuo de caracteres, precoce embora menor, entre eles poderia ter sido tomado como um prenúncio significativo para o futuro.

Krishna assumiria sempre uma atitude de superioridade em relação a Raja no que tocava a carros e à condução. Considerava-se um condutor de primeira classe e Raja um muito errático, embora tenha sido ele, e não Raja, quem acumulou multas por excesso de velocidade e teve vários acidentes quase fatais. Os automóveis desempenhariam sempre um papel especial na vida de Krishna. Tinha aprendido bem com o motorista da Miss

Dodge a lavar e a polir um carro. Embora fizesse um esforço para parecer mecânico e mostrasse um grande interesse pelo motor, nunca desenvolveu uma verdadeira aptidão como mecânico.

Na primavera de 1924, antes de os três jovens regressarem a Inglaterra, Krishna convenceu Rosalind a abdicar de Radcliffe e a ir, em vez disso, para a Austrália, para ficar na *Manor House* e ser «orientada» por Leadbeater, que acreditava que os cuidados dela para com Nitya lhe tinham dado o direito de ser colocada em provação. Erma, por muito que tivesse acalentado uma educação superior para a sua irmã mais nova, era sem dúvida demasiado boa teósofa para contestar o conselho de Krishna.

Não havia certamente mais ninguém preparado para o fazer. Rosalind, embora não acreditando nos Mestres, também não desacreditava fortemente e estava disposta a ceder ao julgamento de Krishna. Organizou-se que ela desceria de barco com um teósofo holandês abastado, Koos Van der Leeuw, como seu tutor. Mais uma vez, Sophia provou ser uma mãe excecionalmente desprendida e tolerante. Rosalind era-lhe muito querida e tinha sido um grande apoio desde que deixaram Buffalo. Embora Sophia nunca tivesse chegado a perfilhar nenhuma das noções dos teósofos, não interferiu no futuro da filha entre eles.

Naquele verão de 1924, realizou-se o primeiro Acampamento da Estrela em Ommen, nas novas terras doadas pelo Barão van Pallandt. As condições para a maioria das poucas centenas de pessoas que compareceram — aquelas que não tinham o privilégio de ficar no castelo — eram extremamente primitivas. O tema de Krishna incluiu as qualidades necessárias para o caminho do discipulado — um conceito que ele em breve rejeitaria completamente. Raja tinha acompanhado os irmãos até lá antes de regressar, no outono, a Cambridge para terminar as suas licenciaturas em direito e história. Ele não poderia adivinhar, naquele verão, quão profundamente estaria em breve envolvido nestes acampamentos.

Praticamente o mesmo grupo do ano anterior seguiu para umas férias em Pergine, nas Dolomitas italianas, onde um castelo de torre quadrada tinha sido convertido num pequeno hotel com vista para um lago prístino. Krishna e os seus companheiros seriam sempre abençoados com os locais de férias mais cénicos que o mundo tinha para oferecer. Mas, nesta altura, o propósito ostensivo destas reuniões próximas de amigos era aprender com

Krishna a via de «o Caminho», ter meditações sérias e esperar que a sua condição evoluída de algum modo os puxasse consigo.

Este elevado propósito não impedia aqueles momentos frequentes de diversão e jogos e, por vezes, piadas picantes, instigadas pelo próprio Krishna e muitas vezes secundadas pela veia marota de Raja. Surtos inesperados de uma leve picaresca confundiam e chocavam alguns no círculo de devotos de Krishna e encantavam outros, que sentiam que ele nunca poderia ser manchado pela vulgaridade, mesmo a sua própria, e que a própria perfeição do seu ser podia elevar tal comportamento a um plano superior.

Mais uma vez, o «processo» continuou com Krishna, por sua conta como em Ojai, exceto pela presença de Nitya. A agonia que ele parecia sofrer era novamente de cortar o coração para o irmão mais novo, agora ainda mais frágil. Na Califórnia, o Dr. Strong tinha alertado que Nitya nunca deveria regressar à Índia ou poderia morrer. Mas, como habitualmente, o bem-estar de Nitya não recebeu a primeira prioridade. Krishna desconsiderou a opinião médica em preferência à dos Mestres — ou ao seu próprio julgamento.

O lugar de Nitya ao lado de Krishna no trabalho tinha sido tão fortemente enfatizado pelos Mestres que era difícil para aqueles que acreditavam neles pensar que permitiriam que algo acontecesse a Nitya. Krishna aconselhou, tal como tinha aconselhado Rosalind, que Lady Emily levasse as suas duas filhas mais novas, Mary e Betty, a Leadbeater em Sydney para serem «orientadas». Defendeu também o mesmo rumo para Helen Knothe e Ruth Roberts, a jovem mulher que ele tinha achado tão atraente em Sydney em 1922.

Mary Lutyens, com a idade de dezasseis anos, tinha desenvolvido um forte apego por Nitya, a quem conhecia desde os três anos. Parece improvável que ele pudesse ter sentido mais do que um afeto fraternal por ela, pois tinha dito tanto a Krishna como a Raja e a outros que lhe eram próximos, como a Mme de Manziarly e à própria mãe de Mary, Lady Emily, que Rosalind era o amor da sua vida. Mas ele ainda não o tinha dito a Mary. Disse-lhe, sim, que tinha tido outra hemorragia pouco antes de desembarcarem em Bombaim.

Também a avisou de que as coisas seriam muito diferentes assim que chegassem à Índia, com as multidões constantes de pessoas em redor de Krishna, as reuniões todas as manhãs no quarto dele, incluindo todas as *gopis*, o grupo de raparigas jovens que o tinha seguido desde a Europa. (*Gopis*, na mitologia hindu, eram as pastoras que se juntavam em redor do Senhor Krishna e por uma das quais, Radha, ele se apaixonou.)

A condição de Nitya declinou a partir de então e ele nunca mais seria forte. Na Índia, tentou aguentar-se e acompanhar Krishna no árduo turbilhão de atividades e reuniões, mas cedo foi evidente que estava demasiado doente para participar.

Havia outro problema que ninguém saberia até que Nitya visse Rosalind novamente em Sydney. Ele estava a ficar cada vez mais perturbado com o comportamento de Krishna para com os teósofos e, em particular, para com os seus velhos amigos e protetores. Em privado com Nitya, Krishna fazia comentários sarcásticos e desdenhosos e não prestava atenção às objeções do irmão. A doença progressiva de Nitya poderá tê-lo tornado mais sensível do que o habitual, mas ele sentia que não conseguia dissuadir Krishna.

Tampouco conseguia suportar um comportamento que, em última análise, o magoava tão profundamente que se afastou de Krishna e preferia não falar de todo com ele. Krishna, entretanto, parecia alheio aos sentimentos do irmão e continuava com o seu comportamento e atividades. Estava radiante por estar de volta a Adyar, muito embora Nitya não o tivesse podido acompanhar. Nitya tinha subido para a estação de montanha de Ootacamund com a Mme de Manziarly para cuidar dele.

«Ooty», nesses dias, era o mais próximo do paraíso que se podia conseguir na Índia; um refúgio cravejado de pinheiros que se erguia acima de fileiras de plantações de café e chá. Havia a vivenda de um marajá e muitas outras vivendas, mais modestas e não tão modestas, de britânicos abastados. Havia lagos límpidos e caminhadas na montanha, e o amigável povo da tribo Toda que vivia em cabanas nas encostas das colinas. Mas para Nitya, deitado doente e sozinho numa cabana isolada, sem ninguém mais além da Mme de Manziarly — por muito devota que ela fosse — para lhe fazer companhia, a vida não devia ser muito radiosa.

O significado do afastamento silencioso de Nitya deve ter finalmente tocado Krishna. Uma noite, teve um sonho no qual tinha ido à casa do Mestre implorar para que Nitya ficasse bom e vivesse. Finalmente, foi conduzido ao próprio *Mahachohan*, perante o qual jurou que sacrificaria qualquer coisa se apenas Nitya pudesse viver. Ao contar esta visão, ou visita, Krishna estava a admitir a sua experiência direta com o *Mahachohan*, mas isso pouco fez para ajudar Nitya, que se sentia mais uma vez à beira da morte.

Rosalind tinha chegado a Sydney no anterior mês de junho de 1924. Na viagem de descida, aconteceu estar a bordo a equipa americana da Taça Davis, o que fez com que o seu tempo a bordo do navio fosse tudo menos monótono, com bailes todas as noites e jogos de convés durante o dia. O que pensaria de tudo isto o sério acompanhante, Koos Van der Leeuw? Na altura com cerca de quarenta anos, era um holandês bastante severo e íntegro que sentia ser seu dever mandá-la para a cama a uma hora razoável e tentar manter a mente dela focada no propósito sério pelo qual ia para a Austrália. Embora Rosalind tivesse já nessa altura um lado bastante sério na sua natureza, é duvidoso que ele tenha sido muito bem-sucedido nesse intento. Contudo, Koos e o seu irmão Kees permaneceram seus amigos próximos para toda a vida.

A *Manor House* era uma espécie de monstruosidade. Situada do outro lado do porto de Sydney, com uma vista adorável, era habitada por até cinquenta pessoas de cada vez. A gestão geral foi em breve atribuída ao capaz Koos, que colocou Rosalind encarregue das refeições e da sala de jantar. O seu conhecimento de uma dieta vegetariana adequada, aprendido com John Ingelman, foi-lhe de grande ajuda. Ser vegetariano naquela altura nem sempre era fácil e havia muito poucas pessoas que compreendessem como fazer disso uma dieta equilibrada.

Os assuntos na casa iam de mau a pior. Os criados eram pouco fiáveis e roubavam constantemente, muito embora todos tivessem referências impecáveis.

Um dia, Rosalind foi até à agência de emprego, sentou-se e observou os candidatos entrar e sair. A dada altura, entrou um jovem de faces rosadas que tinha uma aparência rústica e ingénua.

«Fico com ele», disse ela ao agente, que a avisou de que ele não tinha referências nem experiência. «Fico com ele de qualquer maneira.» O jovem acabou por revelar-se trabalhador e devoto e acabou por ficar com Leadbeater durante muitos anos. Embora Rosalind trabalhasse arduamente, havia a companhia de outros jovens, a oportunidade de, ocasionalmente, ir andar a cavalo nas colinas, jogar ténis e nadar nas águas infestadas de tubarões (supostamente protegidas de tubarões por redes através do porto e por uma vigia que disparava um canhão se tubarões fossem avistados).

Na noite de *Halloween*, quando decorria uma reunião oculta séria, Rosalind e alguns dos seus amigos menos piedosos vestiram-se com lençóis e aterrorizaram os ocupantes do salão aparecendo nas janelas. O Bispo Leadbeater não poderia ser muito formidável se estes jovens se atreviam a pregar-lhe tal partida. Rosalind aborreceu-o consideravelmente uma vez, quando mudou o gato dele de uma cadeira na qual ela esperava sentar-se. Quanto a treino de qualquer espécie num plano superior, não havia nenhum que ela conseguisse discernir, a menos que estivesse a ocorrer sem a sua perceção.

Krishna e Nitya deixaram a Índia rumo à Austrália no início de março de 1925, ainda na companhia de Lady Emily, das suas duas filhas e de Jinarajadasa. Houve paragens no caminho em Colombo, Fremantle, Perth, Adelaide e Melbourne, em várias das quais foram oferecidas extensões de terra a Krishna e milhares foram ouvi-lo falar. Tudo isto não fez bem nenhum a Nitya, e o pouco terreno que a sua saúde tinha ganho em Ootacamund foi rapidamente perdido. Durante a viagem, Krishna decidiu que deveriam regressar o mais depressa possível a Ojai e levar Rosalind de Sydney com eles para cuidar de Nitya. Na altura em que chegaram a Sydney, Nitya tinha sofrido outra hemorragia.

A 3 de abril de 1925, os irmãos com a sua comitiva entraram no porto de Sydney. Um único olhar para Nitya convenceu Rosalind da sua condição crítica; todos os envolvidos temiam que ele não passasse daquela noite. Foi numa casa tranquila, afastada da *Manor*, naquela primeira noite, que Nitya, doente como estava, desatou a chorar e contou a Rosalind quão miserável se sentira com o comportamento de Krishna para com os teósofos, com o seu sarcasmo e a ridicularização inclusive da Sra. Besant nas suas costas.

Krishna nunca tinha publicamente, ou em privado até onde alguém tenha revelado, falado uma palavra contra a Sra. Besant; portanto, o que Nitya tinha para dizer naquela noite é um vislumbre extremamente importante dos sentimentos íntimos do seu irmão. Ele era a única pessoa perante a qual Krishna se sentiria seguro para dizer o que pensava. Nitya disse a Rosalind que estava tão perturbado com isso que não falava com Krishna há três meses. Jurou-a a segredo e continuou dizendo como todo o stresse disso se tinha somado à sua condição já desesperada.

Rosalind estava preocupada naquela noite apenas com Nitya. Quando a manhã chegou, não conseguia pensar em mais nada senão no facto de ele continuar vivo. No dia seguinte, Krishna dirigiu-se a ela num estado de espírito muito infeliz e implorou-lhe que descobrisse o que estava errado. Já não podia evitar reconhecer que Nitya estava chateado com ele. Rosalind estava numa posição terrível. Tinha dado a sua palavra a Nitya de que não diria nada. Contudo, temendo que ele morresse e deixasse Krishna neste estado sem uma reconciliação, quebrou a sua palavra, embora lhe causasse muita dor fazê-lo, e contou a Krishna como Nitya se sentia em relação ao seu comportamento, implorando-lhe que resolvesse a disputa imediatamente e avisando que, se ele a denunciasse, ela nunca mais lhe perdoaria. Krishna foi ter com o irmão imediatamente e o que quer que tenha dito pareceu aliviar o desgosto de Nitya. Krishna cumpriu a promessa feita a Rosalind.

Krishna estava determinado a que Rosalind regressasse com eles para Ojai e deu-lhe a impressão de que teve de se impor firmemente perante Leadbeater para garantir isso. Leadbeater, disse Krishna, sentia que ela deveria permanecer em Sydney. Leadbeater sem dúvida achava-a útil, mas poderá bem ter tido também as suas razões mais ocultas. No entanto, Krishna venceu e Leadbeater deu finalmente a sua bênção para que ela voltasse para Ojai.

Apesar da sua reconciliação com Nitya, Krishna achava que o cisma entre si próprio e Leadbeater se estava a alargar. Deixava transparecer o seu tédio nos longos rituais que eram de toda a importância na Igreja Católica Liberal e escarnecia das *gopis* pela sua participação, muito embora tivesse sido ele a sugerir que viessem para Sydney para estar com Leadbeater. Não precisava de escarnecer de Rosalind. Ela nunca tinha desenvolvido qualquer interesse por esse aspeto da Teosofia. Na verdade, poder-se-ia

bem questionar que benefício a nível espiritual ou intelectual teria sido todo o seu ano em Sydney. Tinha encontrado a sua boa quota de momentos divertidos e tinha trabalhado arduamente para manter a sala de jantar da *Manor* a funcionar sem problemas. Não era da sua natureza questionar se esse ano poderia ter sido melhor passado em Radcliffe, para onde se dirigia antes de Krishna tomar o destino dela nas suas mãos.

Por junho, Nitya foi declarado pelo especialista como estando suficientemente bem para navegar para a Califórnia. Krishna tinha mandado chamar John Ingelman para vir desde Los Angeles à Austrália para os acompanhar no regresso e ajudar a cuidar de Nitya.

A Viragem à Esquerda

Após receber o seu *MA* e *LLB,* Raja encontrou-se num ponto crítico da sua vida. Tinha acabado de lhe ser oferecido um lugar de pós-graduação em Cambridge. O seu tutor, de quem se tinha tornado muito afeiçoado, encorajava-o a aceitá-lo. Mas a Sra. Besant pediu-lhe que abdicasse da oferta e ajudasse no trabalho para o futuro instrutor do mundo. Ela continuava a acreditar, tal como Leadbeater, que Krishna não passava do veículo para esta vinda e que havia ainda uma grande quantidade de preparação a ser feita. Raja acedeu ao seu pedido e recusou a oferta de Cambridge, não hesitando em seguir o caminho que ela defendia.

Krishna tinha cancelado o acampamento de Ommen para aquele verão de 1925, percebendo que devido à saúde de Nitya teriam de permanecer em Ojai. Foi uma indicação da crescente rutura entre ele e George Arundale o facto de Arundale decidir realizá-lo de qualquer maneira, dizendo que ele e outros podiam continuar o trabalho do Mestre sem Krishna lá estar.

Em julho, antes de o acampamento começar, George tinha reunido um grupo em Huizen, na Holanda. Por instigação sua, a Sra. Besant tinha mudado os seus planos a fim de se juntar a eles ali, dado que se dizia estarem a ocorrer iniciações extraordinárias. George anunciou a aceleração do avanço da sua jovem esposa, Rukmini, ao longo de «o Caminho».

Raja acompanhou a Sra. Besant, Lady Emily e Shiva Rao no comboio noturno para Huizen. Numa atmosfera de intenso entusiasmo, recebeu a sua segunda iniciação e foi nomeado diácono na Igreja Católica Liberal. Seria também considerado um dos doze apóstolos. Embora houvesse alguma confusão quanto a quem eram exatamente os doze, estes incluíam a Sra.

Besant, Leadbeater, Jinarajadasa, George, Rukmini, Nitya, Raja e Lady Emily.

Um dia, durante este tempo em Huizen, Rukmini e Raja estavam sozinhos com a Sra. Besant, a receber a sua iniciação na Loja Maçónica Mista (*Co-Masonic*), quando subitamente Rukmini foi assaltada por acessos de riso que cedo infetaram Raja. Lutavam com as mãos sobre os rostos para ocultar isto da Sra. Besant, nunca tendo a certeza de ela ter notado ou não. De acordo com Rukmini, Raja tinha sido sempre tímido, mas estava a tentar superar isso, pois Leadbeater dizia que a timidez era uma forma de orgulho. Apesar dos acessos de riso, Rukmini sentiu que a partir desta altura a natureza de Raja mudou. Ele disse-lhe então que desejava que o seu caráter se desenvolvesse mais na direção do da Sra. Besant, tornando-se mais sério e determinado. ^{1}

As iniciações posteriores de Raja foram abruptamente interrompidas quando Krishna escreveu a pedir-lhe que viesse imediatamente para a Califórnia para ajudar com Nitya. Após consultar a Sra. Besant, que disse que ele deveria ir se assim o desejasse, Raja deixou Huizen a 3 de agosto, chegando a Ojai a 24 de agosto. Encontrou Rosalind e Krishna exaustos. Nitya tinha sofrido recentemente outra hemorragia grave. Rosalind continuava a ser quem carregava o maior fardo de cuidar de Nitya, e a presença de Raja sob estas circunstâncias graves e tristes seria a pedra angular para um relacionamento duradouro entre Krishna, Rosalind e ele.

Entretanto, na Holanda, o cenário dos avanços espirituais tinha-se movido de Huizen para o Acampamento de Ommen, onde foi revelado que Krishna e Rukmini tinham atingido o quarto nível ou nível de *arhat* das iniciações e que, por isso, lhes era permitido pedir favores especiais. De acordo com George Arundale, que parecia ter uma perspetiva única a partir do plano astral, Krishna tinha pedido pela vida de Nitya e Rukmini por uma união mais estreita entre a Inglaterra e a Índia.

O primeiro destes desejos seria negado, o segundo adiado por muitos anos. Não obstante, as rodas continuavam a girar e no último dia do acampamento foi anunciado que a Sra. Besant, Leadbeater, Krishna, Jinarajadasa e Arundale tinham todos recebido a sua quinta e última iniciação — mas continuavam a esperar ser tratados como antes por aqueles que se esforçavam nos níveis inferiores.

Em Ojai, Raja descobriu que Krishna estava muito perturbado com o que tinha ouvido sobre os acontecimentos em Huizen e já tinha escrito a questionar Lady Emily sobre se Leadbeater os tinha ou não confirmado. Leadbeater tinha, de facto, lançado sérias dúvidas e desaprovação sobre todo o assunto e continuaria a fazê-lo. Krishna não tinha revelado nas suas cartas à Sra. Besant a força dos seus sentimentos, embora tivesse escrito sobre o seu desgosto a Lady Emily, pedindo-lhe que destruísse essas cartas por medo de revelar a outros a sua crítica à Sra. Besant, que assumia agora total autoridade pelas proclamações.

1 Nota: Ver referência correspondente no texto original (numeração mantida conforme instruções).

Aparentemente, Krishna não acreditava nem aprovava a ideia dos apóstolos ou das rápidas iniciações que tinham tido lugar. Contudo, dizia que ainda acreditava nos Mestres e acreditava que eles não deixariam que nada acontecesse a Nitya, já que tinham afirmado que este era essencial para «o Trabalho».

O desgaste de ver o irmão tão doente fazia com que, por vezes, Krishna o picasse para lhe incutir a vontade de viver. Certa vez, chegou a dizer-lhe que, numa visão, o próprio *Mahachohan* tinha dito que Nitya se devia recompor e curar ou poderia morrer. Raja achava tais táticas tão surpreendentes quanto a frequente tensão entre os irmãos, a qual não podia evitar notar. Uma tarde, quando Krishna estava na sala de estar a discutir alguns preparativos com um jovem teósofo, Nitya ficou bastante agitado e pediu a Raja para «ir deitar um olho ao Krishna e ver o que ele anda a tramar».

É provável que apenas Nitya se apercebesse da gravidade da revolução interior que fervilhava em Krishna e que, por vezes, transbordava sob a forma de um crescente desrespeito para com os líderes teosóficos. Com a Sra. Besant a aceitar inquestionavelmente os anúncios de George sobre as iniciações, com Leadbeater isolado na Austrália e com Nitya evidentemente intocado pelas dúvidas que cada vez mais o assolavam, Krishna encontrava-se certamente numa posição delicada. Tendo sido proclamado um *arhat*, mesmo que tivesse de partilhar essa distinção com Rukmini, cabia-lhe então questionar toda a encenação em Huizen e Ommen? Deve ter-se tornado claro para ele, por esta altura, que

teria de encontrar uma saída por si próprio daquilo que via como uma rápida descida em direção ao ridículo.

A Sra. Besant tinha expressado a esperança de que Krishna comparecesse no Jubileu Teosófico em Adyar naquele outono. Continuava a ser da maior importância para ele não a ofender, e ele tinha ainda de traçar o rumo cuidadoso que devia trilhar por entre as fações polarizadas no seio da sociedade. Por outubro, sentiu que havia melhoria suficiente na saúde de Nitya para lhe permitir cumprir os desejos da Sra. Besant. Raja, de quem se esperava que fosse também, ficou surpreendido com a insistência de Krishna para que Rosalind deixasse Nitya e os acompanhasse. Rosalind estava extremamente relutante em fazê-lo. Sem o conhecimento dela, Krishna tinha organizado para que a Mme de Manziarly viesse da Índia e chegasse a tempo de assumir os cuidados de Nitya enquanto todos estivessem fora.

Considerando, naquela era de viagens, o tempo envolvido que levaria a implementar tais planos, não foi certamente uma decisão de última hora. De acordo com a sua filha Mima, a Mme de Manziarly soube no momento em que viu Nitya que ele estava a morrer. Provavelmente Nitya também o sabia. Mas Krishna, fosse por facto ou ilusão, dizia ter recebido em pessoa uma confirmação direta, não só dos Mestres mas do próprio *Mahachohan*, de que la vida de Nitya era essencial para «o Trabalho», pelo que ele não podia morrer. Além disso, tanto ele como Rosalind tinham sido assegurados pelo Dr. Strong de que «o fio da vida estava a virar para cima e que Nitya viveria».

Rosalind, sofrendo de um caso agudo de urticária, uma grave erupção cutânea provocada pela exaustão, permitira-se ser tranquilizada por isto também. Tivera a seu cargo os cuidados de Nitya noite e dia durante muitos meses, sem interrupção. Foi um erro trágico — certamente para aqueles que amavam Nitya e teriam querido estar com ele até ao fim.

Um dia, Nitya falou muito a sério tanto com Raja como com Rosalind, pedindo-lhes que prometessem que, independentemente das dificuldades, ficariam sempre com Krishna. Mais tarde, eles olhariam para isto como uma solene promessa de leito de morte. No futuro distante, este juramento provaria ser uma terrível mó de moinho ao pescoço de Raja.

No dia da partida, Rosalind, transtornada e exausta e ainda relutante em partir, atirou as suas coisas para uma mala e correu para fora de casa, nem sequer notando que não tinha sapatos adequados até estar a caminho da estação de comboios. Mary Gray, bondosamente, tirou os seus próprios sapatos dos pés e deu-lhos.

A viagem para Inglaterra acalmou-os e descansou-os. Embora Raja não partilhasse completamente das dúvidas evolutivas de Krishna, ao colocar-se ao lado de Krishna neste momento, ele e Rosalind tomavam juntos uma nova direção que alteraria drasticamente as suas vidas. Contudo, tinham e continuariam a ter visões bastante separadas de Krishna, tal como tinham da Teosofia.

Rosalind nunca adotara os aspetos ocultos da Teosofia e nem sequer se tinha ela própria associado à sociedade. Na verdade, Erma tinha-a inscrito como membro vitalício. Mas se Rosalind estava sequer a par disso na altura, viria mais tarde a esquecê-lo. Tinha um amor e respeito tremendos por muitos teósofos, pela Sra. Besant, pela Miss Dodge e por vários outros, para já não falar da sua própria irmã Erma, e não teria deixado que qualquer diferença de crença se impusesse nessas relações.

Tinha reservas em relação a Krishna no que tocava ao seu papel como veículo. Ter-se-ia de acreditar que existem Mestres para poder acreditar que eles o tinham escolhido para ser o veículo para a encarnação do Senhor Maitreya. Rosalind nem tinha negado nem aceitado esta crença, mas tinha simplesmente observado, sem se sentir intelectual ou espiritualmente envolvida. As suas origens poderão ter desempenhado um papel nesta atitude. Mesmo que não tivesse sido cética por natureza, o seu pai fora, durante a maior parte da sua infância, um agnóstico, senão mesmo um ateu, e tinha expressado fortes sentimentos contra o espiritualismo. Tinha insistido em vender um belo refúgio de verão de que a família de Sophia era proprietária, simplesmente devido à sua proximidade com um centro espiritualista chamado *Lily Dale*. É verdade que Erma tinha conseguido adotar a Teosofia apesar do pai, mas tinha sido escorraçada de casa devido à desaprovação deste.

Raja, por outro lado, estivera rodeado desde o nascimento pelo hinduísmo devoto da sua mãe e pelos ideais teosóficos do seu pai. Até este ponto, não tinha razões para questionar as declarações dos líderes teosóficos. Agora, havia sérias divergências entre estes líderes, mas nada

disto abalaria a sua profunda fé interior num destino de algum modo guiado com propósito pelos Mestres. Tampouco perderia alguma vez de vista o que pessoalmente devia a Leadbeater e à Sra. Besant. Esta era uma distinção importante entre Raja e Krishna.

Embora Krishna estivesse profundamente perturbado e infeliz com os acontecimentos em Huizen e as proclamações no Acampamento de Ommen, tinha receio de que, se falasse abertamente contra todas estas coisas nas quais desatendia totalmente, dissessem que ele tinha falhado e que fora tomado pelas forças das trevas. Reivindicava ter tentado várias vezes falar com a Sra. Besant, mas ela não assimilava tudo aquilo. Há, contudo, uma versão diferente da forma como Krishna lidou com este problema.

Krishna rejeitava todas as revelações sobre Iniciações e Apóstolos, a Religião Mundial e a Universidade Mundial e coisas do género, mas não estava disposto a dizê-lo ele próprio à Sra. Besant. Mas estava determinado a que ela tinha de ser informada. Enviou o Professor Marcault, um funcionário da Universidade Mundial, para dar a notícia enquanto ele, Krishna, permanecia no carro em frente à residência londrina da Sra. Besant. Marcault contou à Sra. Besant o mais simplisticamente que pôde e partiu, deixando-a pálida como a morte e gravemente chocada. Durante algum tempo depois disso, ela esteve fisicamente doente e, a partir daí, mostrou sinais de rápido envelhecimento, perda de memória e uma tendência para se focar no passado. Estava dividida entre uma série de lealdades e exigências opostas e permaneceu num estado de incerteza e conflito pelo resto da sua vida.

A 3 de novembro de 1925, a Sra. Besant, com a sua comitiva, embarcou num navio rumo à Índia. Rosalind partilhava o camarote com Lady Emily e Krishna com Shiva Rao. Pararam brevemente em Roma, onde se lhes juntaram George Arundale e Rukmini. Agora era a vez de Krishna ser repreendido pelo *Mahachohan* — através de George como intermediário. Krishna foi censurado pelo seu ceticismo e avisado de que poderia arruinar as suas oportunidades.

Esta viagem não estava certamente destinada a ser fácil. Rosalind, Krishna e os Arundale passavam uma grande quantidade de tempo no convés a jogar bridge. Pode-se imaginar que a atmosfera em redor da mesa de bridge devia ser tensa, com Rosalind a definhar de saudades por Nitya, a

crescente hostilidade entre Krishna e George, e a irritação de George com Rukmini, cujos olhos seguiam o seu velho amigo de infância, Raja, enquanto este passeava pelo convés.

Apenas um dia após navegarem de Nápoles, receberam um telegrama a dizer que Nitya estava com gripe. Cinco dias mais tarde, em Port Said, receberam um telegrama de Nitya a dizer que a sua gripe era mais grave e a pedir as orações deles.

Apesar do ceticismo que Krishna tinha recentemente exibido, continuava a acreditar que os Mestres não o teriam deixado partir de Ojai se Nitya fosse morrer. Nessa noite, George sugeriu que fossem todos para a cama e tentassem entrar em contato com os Mestres a respeito de Nitya. Na manhã seguinte, relatou que Nitya estava destinado a avançar para grandes coisas, tanto no futuro de Krishna como no da Índia. Todos sentiram que ele ficaria bem, exceto Rosalind, que contou apenas a Lady Emily a sua experiência. Foi completamente diferente da de todos os outros.

Viu Nitya com um lenço de seda branca em redor do pescoço e soube que ele estava a morrer. Ele parecia bem-disposto e feliz por falar com ela. Contou-lhe muitas coisas e disse que ela se devia lembrar desta conversa. Ela disse que era um «Tomé de pouca fé» e como poderia ter a certeza, quando acordasse, de que não tinha sido apenas um sonho? Lembra-se de os olhos dele olharem em redor do quarto e depois fixarem-se no lenço em redor da sua garganta.

«Lembra-te deste lenço», disse-lhe ele.

Ela perguntou-lhe por que razão tinha o lenço em redor do pescoço e ele disse que a sua garganta estava muito inflamada. Ela ficou intrigada com aquilo porque não o reconheceu como uma peça do vestuário dele, cada uma das quais conhecia bem, já que tantas vezes lhe tinha feito as malas.

Lady Emily pediu-lhe que não contasse a Krishna o que tinha visto, pois isso iria perturbá-lo. Naquela mesma manhã, chegou um telegrama a informar da morte de Nitya. Tinha sido enviado durante a noite, mas fora retido por uma violenta trovoada quando entravam no Canal de Suez. Mais tarde, quando a Mme de Manziarly chegou a Adyar com as cinzas de Nitya, Rosalind perguntou-lhe sobre o lenço e ela disse que era o seu próprio lenço, que tinha colocado em redor da garganta de Nitya porque esta estava

inflamada. Enquanto tantos ao seu redor alegavam ter as mais incríveis experiências ocultas, Rosalind nunca deu muita importância àquele momento final, muito real e pungente, com Nitya. Com uma resiliência que demonstraria ao longo de toda a sua vida, guardou o seu luto bem fundo no seu interior.

Na altura em que chegaram a Adyar, também Krishna parecia exteriormente recuperado dos sinais de desgosto, pelo menos em público. No entanto, a morte de Nitya significava para ele mais do que a perda do irmão. Significava também que se tinha deixado embalar por falsas ilusões. Tinha evidentemente acreditado até àquele momento que os Mestres o protegeriam e guiariam. Agora, sentia-se não só traído mas duvidoso da própria existência dos Mestres. Foi o início da sua rutura declarada com a Teosofia.

Em Adyar, Rosalind ficou com Lady Emily e um grande grupo de raparigas jovens, enquanto Raja e Krishna se mudaram para os seus antigos quartos no edifício da sede.

Como Rosalind continuava a sofrer da urticária que a tinha atormentado em Ojai e estava relutante em ser vista, sentiu-se tocada pelo grande cuidado e bondade que Krishna mostrou ao mantê-la perto de si durante o dia e ao deixá-la descansar no seu espaçoso apartamento, tratando ternamente a sua afeção. Rosalind assumiu, muito naturalmente, que isto era por amor dela, mas um dia Helen Knothe veio, abraçou-a e disse quão importante era para Krishna estar com ela devido à sua proximidade com Nitya.

Helen, devido ao anterior apego de Krishna por si, bem poderia ter antecipado que ele se viraria agora unicamente para ela em busca de conforto; as suas palavras para Rosalind mostram a sua falta de mesquinhez. Contudo, como veremos, ele também não excluiu Helen.

Krishna dizia que ele e Nitya eram agora um só em corpo e espírito, o que poderia explicar a sua necessidade de estar perto da pessoa que Nitya tinha tão profundamente amado. Mas uma explicação igualmente válida poderia ser que Nitya já não estava entre ele e Rosalind. Krishna não tinha, afinal, hesitado na sua insistência em levar Rosalind para a Índia e negar ao seu irmão criticamente doente o consolo dos cuidados dela.

Mas enquanto Krishna se tinha aproximado de Rosalind, Rosalind tinha-se aproximado de Raja. Uma noite, para apanhar o ar fresco, ela e Raja tinham subido a escadaria exterior da sede e estavam sentados no telhado plano, deixando momentaneamente de lado o stresse e a infelicidade dos meses passados, conversando e rindo e desfrutando da bela vista que se estendia sobre o recinto e através do rio. Subitamente, Krishna apareceu e, direcionando o seu desagrado inteiramente para Raja, perguntou o que é que eles estavam ali a fazer afinal.

Não se tinham lembrado de que estavam mesmo por cima do quarto dele, mas Raja ficou com a nítida sensação de estar a ser repreendido por desfrutar daqueles poucos momentos a sós com Rosalind. Muitos anos mais tarde, Helen recordar-se-ia de que ela e Krishna estavam juntos no quarto dele quando ouviram Rosalind e Raja no telhado e que Krishna ficou chocado por eles conseguirem rir e brincar tão cedo após a morte de Nitya.

Entretanto, Leadbeater expressou a sua aberta desaprovação face aos acontecimentos na Holanda. Não acreditava que alguém tivesse passado tão rapidamente por iniciações que ele e a Sra. Besant apenas esperavam fazer na sua próxima vida. Que qualquer um deles tivesse passado a quinta iniciação e estivesse no mesmo plano que os Mestres era totalmente inaceitável. Mesmo como veículo, não se esperava que Krishna atingisse essa altura e o seu papel de veículo continuava em aberto no que tocava a Leadbeater. Isto não impediu Leadbeater de transmitir a sua própria versão das iniciações, e a fação liderada por George começou a insinuar que as faculdades de Leadbeater estavam a falhar-lhe ou, pior, que os «negros» o tinham apanhado. A desagradável implicação seria em breve aplicada a Krishna também.

Estes conflitos no seio do círculo interno não ofuscavam uma corrente subterrânea de grande entusiasmo e expectativa entre os menos avançados, por entre os quais se tinha espalhado a palavra de que o Senhor se manifestaria em Krishna durante o Jubileu. Quando dezenas de pessoas esperam todas o mesmo acontecimento, sobre o qual todas leram, ouviram falar e sonharam durante mais de uma década, não é inteiramente surpreendente que vejam de facto isso acontecer — pelo menos a maioria delas.

A 29 de dezembro de 1925, na sua palestra aos membros debaixo da grande figueira-dos-pagodes (*banyan tree*), Krishna mudou subitamente o

uso do pronome pessoal da terceira para a primeira pessoa. Aqueles que, como os Arundale, tinham reservas quanto à preparação do veículo, afirmam não ter notado nada fora do comum e apenas pensaram que ele estava a citar as escrituras quando disse: «Ele vem para nos guiar», e depois mudou para: «Eu venho não para destruir, mas para construir».

Rosalind, que tinha estado com Krishna enquanto este se vestia e preparava com invulgar cuidado para esta palestra, tinha ficado algo surpreendida quando ele disse subitamente: «Tu vais ver! Vou mostrar-lhes uma coisa». E ela notou, sim, o extraordinário poder magnético que ele parecia lançar sobre o seu público.

Este foi um momento crítico na vida de Krishna, pois a Sra. Besant tomou a mudança de pessoa e, como alguns notaram, a mudança de voz como prova de que a vinda tinha começado. Leadbeater, nesta altura, estava a dar a Krishna o seu total apoio, dizendo que não havia dúvida de que Ele tinha usado o veículo e continuaria a usá-lo, mas apenas intermitentemente, por outras palavras, em ocasiões apropriadas, não quando o veículo estivesse a comer ou a apanhar comboios.

Por momentos, Krishna aceitou esta posição e não pressionou por mais, embora o tempo viesse a chegar muito em breve em que ser um mero veículo não seria de modo algum suficiente.

Entretanto, Rosalind viajava pela Índia com Lady Emily e as suas filhas e ficava em lares luxuosos como o do irmão de Lady Emily, Lord Lytton, Governador de Bengala. Alguns meses mais tarde, viajou com a Sra. Besant num estilo muito diferente, ficando com indianos e conhecendo realmente as pessoas e o país. Com Raja, visitou a pequena aldeia perto de Madanapalle, a terra natal de Krishna, onde, como rapaz de dezasseis anos, Raja tinha iniciado a escola de educação de adultos em articulação com o colégio ali perto. Todos os aldeãos saíram com grinaldas para os saudar. Conheceu muitos indianos de quem seria amiga para a vida inteira e conheceu também a mãe de Raja, embora nenhuma delas adivinhasse naquela altura o que a relação delas havia de ser.

Raja foi agora solicitado pela Sra. Besant para assumir todo o trabalho da Estrela que se esperava que Nitya fizesse caso tivesse vivido. Na realidade, Nitya provavelmente não teria tido as forças para carregar o fardo daquilo em que a Estrela se havia de tornar. Ninguém previa então

que Krishna cortaria a sua relação com a Sociedade Teosófica e necessitaria da sua própria organização independente para financiar e tornar possíveis as suas contínuas viagens para palestras e reuniões em todo o mundo. Raja tinha demonstrado um talento precoce para este trabalho, o qual Leadbeater tinha visto quando escolheu pela primeira vez o jovem Raja para ser um dos seus pupilos especiais, e do qual a Sra. Besant estava bem ciente há muitos anos. Ela reafirmou claramente a sua fé nas capacidades de Raja no ano seguinte, quando se dirigiu a uma reunião do Conselho da Estrela, no Castelo de Eerde em Ommen.

Creio ser uma coisa muito afortunada para esta Organização que tenham não só o meu filho Krishnaji, mas alguém que conheço desde praticamente a sua juventude, Rajagopal, que acrescenta a uma aptidão literária muito brilhante, folgo em saber, uma capacidade empresarial muito considerável, uma qualidade essencial num trabalho deste género.

Acredito que têm dois oficiais excelentes para vos ajudar em cada lado do trabalho, e sei que terão sempre a bênção dos Grandes Instrutores do mundo. ∗

Muito mais tarde, Krishna desconsideraria estas palavras, as quais constituíam o cerne do motivo de Raja para assumir aquilo que seria o trabalho da sua vida e para a sua devoção a este. Krishna alegaria incorretamente que tinha sido ele a pedir a Raja para o ajudar.

Por maio, toda a Índia está envolta num calor insuportável e Rosalind, sofrendo ainda de uma recorrência de urticária, sentiu-se aliviada ao embarcar no navio rumo a Inglaterra. À Sra. Besant tinha sido atribuído um camarote com casa de banho privativa que pediu a Rosalind para partilhar com ela. Acordava Rosalind todas as manhãs cedo, depois de primeiro lhe preparar um banho, e depois instava-a a sair para que pudesse trabalhar em privacidade no seu manuscrito, *India: Bond or Free?* [Índia: Livre ou Escrava?]. Rosalind mantinha o rosto coberto com um lenço para esconder as marcas provocadas pela urticária, o que gerou um boato entre os passageiros europeus de que aqueles jovens escuros tinham algum tipo de controlo nefasto sobre ela. Para evitar mais falatório, teve de mostrar o rosto e declarar que era uma passageira livre e de livre vontade na companhia da Sra. Besant.

À chegada a Inglaterra, a Sra. Besant queria que Rosalind se preparasse para ir para Cambridge tirar uma licenciatura em ciências políticas. Rosalind ficou algo desanimada com a ideia, mas concordou em estudar francês e preparar-se para os outros requisitos de admissão necessários. Estava hospedada com a Miss Dodge, que ganhou uma simpatia imediata por ela e organizou para que recebesse explicações da Miss Ellison, a diretora de uma escola de raparigas.

Um dia, a Miss Ellison convidou Rosalind a levar Raja para o chá e disse a Rosalind depois disso que ela obteria uma educação tão boa quanto essa ao casar com ele e abdicar de Cambridge. Pode-se esperar que tenham sido ambos suficientemente discretos na altura para não transmitir este comentário à Miss Dodge ou à Sra. Besant, embora o dia viesse a chegar em que esta última acolheria o noivado deles por outras razões. Em todo o caso, Rosalind não estava pronta para tal compromisso, por muito afeiçoada que estivesse a Raja.

Quando regressou a Inglaterra naquele mês de maio, Raja teve de enfrentar a tarefa de organizar o Acampamento da Estrela em Ommen. Embora os arranjos primitivos do ano anterior devessem ser muito melhorados, a todos os membros do acampamento era agora pedido que fizessem uma quota-parte do trabalho, limpando os seus próprios quartos e lavando a loiça. Ser responsável pela gestão de um acampamento de grandes dimensões sujeitava naturalmente Raja à crítica de alguns membros do acampamento que não estavam habituados a fazer o seu próprio trabalho ou a receber tais ordens. Comparavam os modos eficazes de Raja com o gentil e pouco exigente Krishna.

Este foi o início de um papel vitalício para Raja: ele seria o bode expiatório para qualquer insatisfação que se centrasse nas atividades de Krishna. Não era concebível para a maioria das pessoas que Krishna pudesse ser menos do que perfeito; contudo, alguém tinha de ser culpado pelas confusões que bastante frequentemente ocorriam devido às ações deste. Poucos anos mais tarde, um seguidor entusiasta disse a Krishna que gostaria de dar dinheiro para um campo de golfe em Ommen e Krishna disse: «Que boa ideia! Vai falar com o Rajagopal».

Poderia ter ocorrido a Krishna que ele próprio deveria ter consultado Raja antes de dar qualquer parecer ao dador entusiasmado. Raja recebeu a ideia com uma frontal falta de entusiasmo, perguntando-se que propósito

possível poderia ter um campo de golfe para escassas semanas de acampamento. Os problemas que criaria eram óbvios, mas o homem partiu dizendo que Raja era um tipo extremamente desagradável. 5

∗ Nota do original: Ver referência correspondente no texto original (numeração mantida conforme instruções).

5 Nota do original: Ver referência correspondente no texto original (numeração mantida conforme instruções).

Entretanto, a Sra. Besant, perturbada pelas dissensões no seio da sociedade, escreveu de Londres a Leadbeater, a 17 de junho de 1926, uma declaração impressivamente franca e decisiva sobre a sua posição moral e espiritual face ao insinuar e ao falatório que tinham prevalecido em Adyar. Reafirmou o vínculo entre si própria e Leadbeater, excluindo qualquer mal-entendido. Evidentemente, ela não estivera a par da extensão do falatório em Adyar durante o Jubileu, o qual considerava agora responsável por impedir o que deveria ter acontecido, nomeadamente a «vinda». Jinarajadasa tinha-lhe escrito dizendo que Krishna não acreditava nas palavras dela em Ommen relativamente à «vinda». A Sra. Besant tinha confrontado Krishna pela primeira vez após a chegada deles a Londres, e ele tinha explicado a sua confusão perante a evidente descrença de Leadbeater e as diferenças que percebia entre os seus dois protetores. Acima de tudo, Krishna estivera desgostoso com o falatório e com a atribuição de rótulos. Evitar rótulos seria um tema central nas suas palestras, tal como a desconfiança em relação a experiências — significando as ocultas.

A Sra. Besant, contudo, permaneceu firme nas suas próprias convicções de que as suas palavras tinham vindo diretamente do Rei (da Hierarquia Oculta) e de que, portanto, existiam apenas três possibilidades se isso fosse posto em dúvida: primeiro, que ela estava a mentir; segundo, que estava iludida; e, terceiro, que estava tão segura dos seus rumos como sempre. Se ela estivesse errada sobre isto, tudo o que tinha recebido viria a ser posto em questão.

Teria conduzido ao erro muitas pessoas que tinham confiado nela e sentir-se-ia compelida a retirar-se da vida pública. Rejeitou totalmente esta última possibilidade, dizendo que continuaria a seguir quaisquer rumos que pudesse receber, mas que tudo isto não afetava a sua relação com Krishna,

e não se importava que duvidassem dela. Tinha dito a Krishna que talvez fosse melhor se ela não fosse a Ommen naquele ano, mas ele insistiu que ela tinha de ir. Ela respondeu que, então, ele teria de arriscar o que ela pudesse dizer.

Sem recriminações, comentou que tinha tentado falar destes assuntos com Leadbeater em Adyar, mas ele estivera sempre demasiado ocupado com os seus livros. Embora habitualmente cedesse perante ele em matérias ocultas e admitisse a sua superioridade nesse domínio, não duvidava da sua própria experiência quando esta vinha diretamente dos grandes seres. Se Leadbeater nem sempre tinha sido capaz de confirmar isto, era talvez porque alguns rumos não tinham chegado até ele. Instou-o a reconhecer que este era um tempo excecional em que a coragem era mais importante do que a prudência, e reafirmou a sua fé na «vinda». Nenhum deles se deveria interpor no caminho desse grande trabalho. Pediu-lhe mais uma vez que não permitisse que as fações dividissem e confundissem os jovens.

A carta era uma revelação marcante da coragem, integridade e lealdade da Sra. Besant; e, acima de tudo, da sua capacidade para um amor profundo e duradouro. Estas qualidades não seriam diminuídas, mesmo pelos choques desconcertantes que em breve receberia de Krishna.

Quando o Acampamento de Ommen de 1926 começou, a 23 de julho, estava pronto para acomodar mais de duas mil pessoas vindas de todo o mundo. Quase toda a gente se mudou para os terrenos com tendas nos pinhais, a uma milha de distância do castelo. Krishna, Raja e Rosalind ficaram no Castelo de Eerde. Krishna vinha a ter recorrências ocasionais e muito leves do «processo», durante as quais queria agora que Rosalind o acalentasse com cuidados maternais. Como anteriormente em Ojai, agarrava-se a ela como uma criança pequena e, com uma ingenuidade característica, ela não conseguia encontrar no toque dele nada além da necessidade de ser cuidado como um filho.

A cerimónia do acender do fogo ao Deus Agni foi realizada por Krishna e pela Sra. Besant quando esta chegou mesmo a tempo da abertura do acampamento. Krishna não dava, por enquanto, sinais da iconoclastia que havia de vir. Mas este acampamento e a reunião que o precedeu no Castelo de Eerde, no início de julho, assistiram a uma mudança fundamental na mensagem de Krishna. Não houve mais referência a «o Caminho do Discipulado». Em vez disso, ele instava a que cada um

encontrasse o seu próprio caminho e a sua lei e escutasse a sua própria voz. Numa série de palestras, dadas a algumas pessoas convidadas antes de o grande acampamento abrir, falou do reino da felicidade que se encontra dentro de cada indivíduo. A maior parte da multidão não fazia a mínima ideia de onde esta nova viragem haveria de conduzir. Alguns sentiam a diferença, embora continuassem a ver isso como o cumprimento da profecia de que o Senhor tinha de facto vindo realmente.

Na palestra de abertura ao redor da fogueira do acampamento, perante duas mil pessoas, muitos estavam certos de que o Senhor Maitreya falava através de Krishna. Outros estavam menos seguros. James Wedgwood (um Bispo Católico Liberal e amigo próximo de Leadbeater) sussurrou ao ouvido da Sra. Besant palavras tão alarmantes para ela que esta pediu a Raja que a conduzisse, a ela e a Krishna, de volta ao castelo no momento em que a reunião terminasse. Raja, alguns anos mais tarde, escreveu um relato daquela noite extraordinária em que A.B. disse a Krishnaji, no quarto dele no Castelo, que fora um grande mago negro que ela conhecia bem quem falara através dele.

Claro que eu sabia, embora tenha sido A.B. quem disse isto a Krishnaji, que fora na realidade Wedgwood quem alegara ter visto isso. Lembro-me bem de ele sussurrar algo a Amma em direção ao fim da palestra. Wedgwood estava sentado ao lado dela e eu estava sentado ao lado de Wedgwood. Assim que a palestra acabou, ela fez-me trazer o carro; e introduzindo rapidamente Krishnaji nele, ela e eu conduzimo-lo diretamente para o Castelo. Dirigiu-se então ao quarto de Krishnaji. Eu estava com ele nessa altura e saí porque vi que ela queria falar com ele. Estava à espera lá fora quando, em apenas escassos minutos, ela saiu, colocou as mãos nos meus ombros e disse: «Meu querido, tudo vai ficar bem, não te preocupes». Fiquei intrigado e pensei que ela queria dizer que Krishnaji tinha ficado de algum modo fisicamente abalado, pois ele estava certamente num estado de atordoamento. Desjei-lhe então boa noite e voltei para junto de Krishnaji, que estava sentado na cama com um ar muito espantado. Contou-me então o que Amma lhe tinha dito sobre o poderoso mago negro. Krishnaji disse que tinha dito a Amma que, se ela realmente acreditava nisso, ele não deveria falar mais de todo, com o que ela ficou muito perturbada e desgostosa. 6

Wedgwood traria à colação o mago negro sempre que considerasse as palavras de Krishna heréticas, mas a Sra. Besant nunca mais sugeriu que ele estivesse nas mãos das forças das trevas. Não obstante, para ela, a questão da consciência de Krishna estava longe de estar resolvida.

10

Ignorando os Mestres

Embora a nova direção de Krishna fosse perturbadora para alguns e empolgante para outros, a Sra. Besant, na sua idade avançada e com a mente muito ocupada com o movimento pela Autonomia da Índia (*Indian Home Rule*) e com os problemas que corretamente previa para o futuro da Índia, sentia-se cada vez mais confundida por ele. Estava também, como soubemos pela sua carta de 17 de junho de 1926 a Leadbeater, a tentar ao máximo reconciliar as fações na sociedade e permitir ainda assim que Krishna seguisse o seu próprio caminho.

No fim daquele verão, encontrava-se suficientemente perturbada pelas fações divergentes ao seu redor para ponderar a renúncia ao cargo de Presidente da sociedade, mas decidiu, em vez disso, fazer uma visita não programada à América. Há anos que Krishna e Nitya queriam mostrar-lhe o «seu» vale de Ojai. Talvez ela pressentisse que seria agora triste para Krishna regressar ao local onde tinham estado juntos pela última vez e onde Nitya tinha morrido.

Entre os passageiros a bordo do *SS Majestic*, com destino a Nova Iorque, encontrava-se um grupo de atores, incluindo Lillian Gish, John Barrymore e membros do *New York Theater Guild*, que exibiam uma polida curiosidade sobre o jovem «messias» de uma beleza impressionante. Haveria sempre um interesse por Krishna no meio cinematográfico de Hollywood. Este encontro casual a bordo do navio conduziria a ocasionais reuniões posteriores.

Alguns anos mais tarde, John Barrymore, numa visita a *Arya Vihara*, chegou ao ponto de sugerir que Krishna daria um bom ator de cinema para retratar a vida de Buda. Esta observação, lançada por acaso quando Barrymore estava sob o efeito do álcool, parece ter causado uma impressão surpreendente em Krishna. Ele alegaria mais tarde que lhe tinha sido oferecido o papel a cinco mil dólares por semana e sabia que poderia ter ganho a vida sempre dessa forma caso tivesse de o fazer.

Apesar da concorrência glamorosa pelos holofotes a bordo, a Sra. Besant e a sua comitiva foram recebidos com uma barragem de insinuações por parte da imprensa à chegada a Nova Iorque. *Gentlemen Prefer Blondes* [Os Homens Preferem as Loiras] estava na altura em cena com grande sucesso na Broadway e isto acrescentou um tempero colorido às histórias da imprensa, nas quais Rosalind era romanticamente ligada a Krishna como a loira misteriosa na sua comitiva. A Sra. Besant suspeitava de que uma velha adversária dos tempos iniciais da Sociedade Teosófica, a Mme Tingley, pudesse ter lançado os boatos.

Neste ponto, sem dúvida para alívio da Sra. Besant, Rosalind e Raja decidiram anunciar o seu noivado. Raja tinha convencido Rosalind do seu amor por ela e ela tinha sentido um profundo afeto por ele mesmo enquanto Nitya era vivo, mas continuava a ter certas reservas quanto a casar com ele. A sua natureza cada vez mais séria e o temperamento por vezes deprimido preocupavam-na, tal como o seu hábito de trabalhar todo o dia e a maior parte da noite no seu total empenho em «o Trabalho». Mas naquele verão, caminhando em *Wimbledon Common*, ele tinha-lhe assegurado eloquentemente que mudaria se ela casasse com ele.

Krishna manteve-se afastado do grande passo que os seus dois amigos próximos estavam prestes a dar. Os seus modos para com ambos eram frios e retraídos, mas não ofereceu nenhuma indicação aberta da sua opinião nessa altura, de forma bem diferente da sua atitude para com outros que tinham casado ou anunciado noivados e recebido o pleno embate do seu horror. Quando soube que a sua velha amiga Marcelle de Manziarly estava noiva, tinha respondido que ela era uma tola e que mais valia suicidar-se. Talvez olhasse para o noivado de Raja e Rosalind como uma questão de conveniência, feito por amor dele, para pôr fim aos boatos, e não como algo de escolha própria deles. Ou talvez não o levasse a sério.

Quando a Sra. Besant soube que os orientais não podiam tornar-se cidadãos americanos e que as mulheres americanas que casassem com orientais perderiam a sua cidadania, ficou tão ultrajada que lhes pediu para cancelarem o noivado, o que eles fizeram. É irónico que a Inglaterra fosse menos intolerante a este respeito. (Foi apenas após a Segunda Guerra Mundial que Raja obteve a cidadania americana.)

Para Krishna, que estivera fora de Ojai por quase um ano, a chegada deles foi cheia de uma triste nostalgia. *Arya Vihara* era o local onde ele e

Nitya tinham sido mais felizes juntos e o local que tinham considerado o seu lar. Sentia fortemente a presença do irmão, especialmente no quarto da frente onde Nitya tinha morrido.

A vida na Califórnia era austera. *Arya Vihara* continuava escassamente mobilada, tendo apenas lareiras para aquecimento. Krishna dormia lá em cima na *Pine Cottage*, e a Sra. Besant, Raja e Rosalind na casa grande, a qual Rosalind geria com facilidade após o seu ano em Sydney.

Uma noite, após o jantar, estavam todos reunidos na sala de estar em *Arya Vihara*. Krishna estava encostado à lareira e começou a explicar à Sra. Besant como a sua consciência se tinha agora fundido com o «amado», algo mais do que o Senhor Maitreya, na verdade possivelmente o Buda. Raja lembra-se do desgosto no rosto da Sra. Besant enquanto esta tentava compreender este novo conceito, o qual não fazia de todo parte do plano minuciosamente traçado para ela e para Leadbeater pelos Mestres e no qual ela tão fervorosamente acreditava.

Depois, caminhando com Krishna de volta à *Pine Cottage*, como fazia todas as noites, também Raja se sentiu muito perturbado com a discussão que acabara de presenciar. Tinha aceitado a visão da Sra. Besant e de Leadbeater sobre Krishna como um veículo para o Senhor Maitreya, mas não como uma consciência fundida. Esta distinção era, muito naturalmente, de grande importância para Krishna. Ser «uma só chama» com o Senhor é preferível a ser meramente um veículo disponível, mesmo que o resultado parecesse o mesmo para os seus públicos maravilhados.

Preocupada como estava com esta mudança na perceção de Krishna, a Sra. Besant concluiu que teria de aceitar o que quer que ele dissesse. Tinha-se realmente colocado nesta posição devido à sua indefetível lealdade exterior para com ele, embora entre ela e Leadbeater tivessem existido momentos de graves dúvidas, as quais tendiam a ser anuladas pelo seu amor por Krishna. Este amor foi logo demonstrado mais uma vez, pois quando os planos dele para ir com ela para a Índia em novembro tiveram de ser cancelados devido a um inchaço doloroso no peito, resultando em ordens firmes do médico de que ele devia permanecer em Ojai, ela decidiu ficar ali com ele durante o inverno.

Ela nunca se resignou totalmente à teoria da «fusão de consciência» dele. Mas, ao mesmo tempo, deu-lhe o seu inabalável apoio público e fez o máximo para reconciliar as duas visões. Ela reviu o desenvolvimento da teoria original dela e de Leadbeater sobre a apropriação de um corpo humano pelo Instrutor, e contou como em Londres, recentemente, tinha modificado esta teoria de acordo com a psicologia moderna para dar margem à «dupla personalidade» e tinha agora passado a pensar que não haveria «uma saída e uma entrada... mas uma coisa muito mais inspiradora... uma fusão da consciência do Cristo com a consciência do Seu Discípulo», um «levar da humanidade para Deus».

O estado da consciência de Krishna não absorvia a totalidade do interesse da Sra. Besant naquele inverno. Ela estava também a embarcar num sério empreendimento imobiliário. Um dia, tinha sido levada ao vale superior para ver uma extensão de terra, comprada no ano anterior para a Ordem da Estrela. Contudo, Krishna e Raja tinham achado as colinas ondulantes inadequadas para um local de acampamento.

Além disso, não havia água. Enquanto a Sra. Besant estava sentada naquelas terras, debaixo do bosque de eucaliptos, teve uma «visão» ou convicção muito forte de que aquele seria o centro perfeito para a futura sexta sub-raça-raiz. Ela e Leadbeater viam há já alguns anos a Califórnia como uma área fértil para esta nova geração se desenvolver com uma consciência avançada. Tornou-se da maior importância para ela nomear fiduciários que preservassem a terra para o momento certo. Quando este momento viria ou que tipo de atividade se manifestaria foi deixado suficientemente vago para dar margem a muitas possibilidades. Mas ela sugeriu um sem-número de potenciais utilizações, variando desde empresas agrícolas a escolas e comunidades, até à produção cinematográfica, tudo no interesse de fortalecer as forças da paz e o progresso espiritual, bem como físico e intelectual, da humanidade.

Ela visionava uma ligação natural, sob a orientação dos Mestres, entre o trabalho do instrutor do mundo e a comunidade que acabaria por florescer em *Happy Valley* [Vale Feliz]. Mas cada um seria separado em entidade e localização. Ela e Krishna concordaram que ela passaria à Ordem da Estrela um cheque pela terra superior, o qual cobriria todo o dinheiro que já tinha sido angariado para a sua compra. A Ordem da Estrela poderia então adquirir um local mais adequado para os acampamentos da Estrela, o qual

tinha sido encontrado na outra extremidade do vale. A Sra. Besant chamou à terra *Happy Valley*, pois disse que esta lhe lembrava um belo vale nos Himalaias. Tinha também em mente aquele estado de ser a que Krishna chamara o Reino da Felicidade.

Entre os fiduciários originais de *Happy Valley* encontravam-se Raja, Sara e Robert Logan, um eminente casal de Filadélfia, e Louis Zalk, um homem de negócios de Duluth. Ninguém, a Sra. Besant menos do que ninguém, poderia ter previsto que dois anos mais tarde Krishna cortaria os seus laços com todas as organizações, com os Mestres e com os planos deles para si. Na sua deserção, ele levaria consigo muitos dos subscritores que se tinham empenhado em ajudar a pagar a pesada hipoteca de *Happy Valley*. Muitos outros colaboradores seriam atingidos pela Grande Depressão. Assim, recairia primariamente sobre os Logan e sobre Louis Zalk manter financeiramente à tona esta bela mas vazia extensão de terra. *Happy Valley* permaneceria serenamente imperturbado durante os vinte anos seguintes, à espera de que a visão da Sra. Besant ganhasse forma na realidade.

Deveria haver outra reunião pré-acampamento no Castelo de Eerde em julho de 1927, na qual a Sra. Besant planeava comparecer após a sua ronda de palestras europeias. No último momento, Krishna convenceu-a em privado a não ir e, como habitualmente, ela cedeu aos desejos dele, muito embora estivesse intrigada. Krishna devia saber nessa altura o que ia dizer em Eerde e sabia que teria sido mais difícil para ele dizê-lo na presença dela. Possivelmente queria poupar-lhe a mágoa, mas nada o poderia ter magoado mais do que a forma como ele geriu este pedido.

A Sra. Besant pediu inesperadamente a Rosalind que ficasse com ela em Londres. Rosalind tinha-se tornado muito próxima dela e fazia muitas pequenas coisas pessoais que a Sra. Besant passara a considerar um conforto, tais como escovar-lhe o cabelo e conduzi-la. Em Ojai, no inverno anterior, a Sra. Besant passara a depender de Rosalind especialmente para a condução noturna, dizendo que se sentia mais segura com ela ao volante. Mas esta mudança de planos foi um terrível desapontamento para Rosalind, que estivera ansiosa por ver todos os seus velhos amigos. Passara também a olhar para Krishna e Raja como a sua família e sabia que ficaria desesperadamente sozinha sem eles. Contudo, não teria sonhado discutir com a Sra. Besant ou sequer mostrar a mínima relutância.

A Miss Dodge deve ter percebido que, para uma jovem de espírito vivo, ficar num lar de senhoras idosas durante o verão não era uma perspetiva muito empolgante. Fez tudo o que pôde para compensar isso, organizando bilhetes de teatro, festas e acompanhantes, nenhum dos quais interessou a Rosalind. Estas ocasiões, de facto, deram-lhe um desagrado vitalício pela alta sociedade inglesa e uma desconfiança em relação à riqueza. Quando a Miss Dodge, que na altura tinha declaradamente um rendimento de um milhão de dólares por ano, a quis adotar, Rosalind recusou, não só por lealdade à sua própria mãe mas também porque tinha um medo inato de tanta riqueza. A Miss Dodge demonstrou, não obstante, o seu grande afeto por Rosalind estabelecendo para ela, tal como tinha feito para Krishna e Raja, uma associação fiduciária vitalícia.

Embora Rosalind estivesse convencida de que a Sra. Besant queria a sua presença para conforto, é mais provável que, como os boatos que ligavam romanticamente Krishna a Rosalind andavam novamente no ar, agora que o seu noivado com Raja tinha sido desfeito, a Sra. Besant tivesse decidido mantê-los afastados durante o verão. Quando seguiu finalmente para a Holanda, deixou Rosalind para trás em Londres. «Mesmo entre os teósofos... havia fortes boatos de que Krishna estava na realidade apaixonado na altura e de que a Sra. Besant teve de exercer forte pressão para lhe recordar o seu dever como celibatário... a rapariga nomeada era... Rosalind Williams.» 3

A Sra. Besant teve outro aviso prévio do pensamento cada vez mais independente de Krishna. Numa rápida viagem a Paris, onde falou à Sociedade Esotérica, referiu-se aos Mestres como «meros incidentes».

Entretanto, em Ommen, Raja e Lady Emily estavam ocupados a mudar o nome do *Herald* para *Star Review* [Revista da Estrela] (dado que o instrutor do mundo estava agora oficialmente aqui, *Herald* [Arauto] já não era um nome adequado) e, com a total aprovação de Krishna, redigiram novos objetivos:

1 Unir todos aqueles que acreditam na presença no mundo do Instrutor do Mundo. 2 Trabalhar com ele para o estabelecimento dos Seus ideais. A Ordem não tem dogmas, credos ou sistemas de crença. A sua inspiração é o Instrutor, o seu propósito corporizar a Sua vida universal.

Tanto George Arundale como Jinarajadasa estavam em profundo desacordo com a ideia da fusão da consciência de Krishna com a do instrutor do mundo. Isto era colocar Krishna, que na opinião deles era ainda um discípulo, demasiado perto do Senhor. Esta controvérsia nunca seria efetivamente resolvida. Enquanto estivesse sob a influência de Krishna, Jinarajadasa poderia aparentar ceder. Mas voltaria mais tarde à sua própria opinião. O seu amor eterno por Krishna, apesar desta enorme diferença entre eles, colocava-o numa posição difícil. Via na perspetiva de Krishna a destruição de todo o plano teosófico da fraternidade, dos Mestres e de «o Caminho», o qual sentia agora que Krishna tentava ignorar.

3 Nota do original: Ver referência correspondente no textó original (numeração mantida conforme instruções).

6 Nota do original: Ver referência correspondente no texto original (numeração mantida conforme instruções).

Mas Krishna não foi dissuadido por nenhuma destas opiniões. Poucos dias antes da abertura do Acampamento, dirigiu-se aos representantes anfitriões de quarenta países. Sustentou que a sua consciência estava fundida com o seu amado, pelo que pretendia significar toda a criação. Foi mais longe ao recomendar que os seus ouvintes prestassem atenção apenas à verdade, não a formas externas ou autoridades. Não negou que era o instrutor do mundo, apenas que alguma vez o tivesse dito. Não obstante, na sua reiteração de ser um com o seu amado, o público foi certamente levado a acreditar que ele tinha atingido um nível muito elevado e que era seu desejo ajudar os outros a alcançarem o mesmo.

Durante a estadia da Sra. Besant não se registaram incidentes divisivos evidentes. Assim que ela partiu, contudo, Krishna falou a uma sessão especial do Acampamento de Serviço na qual foi ainda mais longe; tão longe, na verdade, que não resta qualquer registo impresso, levando alguns a especular que foi mais tarde suprimido devido à desaprovação da Sra. Besant. Mas várias testemunhas lembram-se claramente de ele ter afirmado que nunca tinha lido um livro teosófico e que não conseguia compreender o jargão teosófico, nem nenhuma das palestras teosóficas o tinha convencido do conhecimento deles sobre a verdade. Se isto era verdade, resta saber como justificava Krishna ter ocultado estas atitudes dos seus devotos protetores teosóficos ao longo dos últimos quinze anos.

O efeito desta declaração na Sra. Besant foi poderoso. De volta a Londres, Rosalind lembra-se de ter chegado um cabograma. Viu o rosto da Sra. Besant empalidecer à medida que o lia e, depois, a mulher subitamente envelhecida retirou-se para o seu quarto e não saiu de lá durante três dias, recusando-se a comer. Rosalind nunca a tinha visto doente, na verdade a reputação da Sra. Besant de uma incrível resistência física era lendária.

A Sra. Besant sabia que muitos teósofos estavam tão gravemente abalados como ela e perguntava-se se o atual espírito de Krishna seria destrutivo. Esta visão da dicotomia da consciência de Krishna, reforçada pelas suas próprias palavras e ações, segui-lo-ia pelo resto da sua vida.

Em Londres, Rosalind tinha ficado tão visivelmente sozinha que a Miss Dodge lhe instou a telefonar a Raja em Ommen. A resposta dele a esta comunicação foi aparecer no dia seguinte com um raminho de flores de laranjeira na mão. Esse gesto romântico dissipou quaisquer dúvidas remanescentes que Rosalind pudesse ter.

Discutiram os seus planos com a Sra. Besant, que disse querer entregar a noiva e realizar o casamento em Londres antes do seu regresso à Índia. Dirigiu-se imediatamente ao seu calendário e escolheu uma data, 11 de outubro, dez dias após o seu próprio aniversário. Nem a profunda preocupação com que se debatia em relação a Krishna, nem a sua preenchida agenda de palestras, ou todo o trabalho envolvido nos seus planos de regresso à Índia impediram a Sra. Besant de dedicar tempo e consideração ao casamento de Rosalind. Havia de ser uma grande cerimónia, na igreja Católica Liberal de *St Mary's*, após um ato civil uma semana antes, a 3 de outubro de 1927, na conservatória do registo civil.

Embora pudesse facilmente tê-lo planeado, Krishna não apareceu em nenhuma destas ocasiões. Estava em Londres para o octogésimo aniversário da Sra. Besant, a 1 de outubro, mas alegou que algo importante o chamava a Paris; possivelmente as suas sessões para o busto que lhe estava a ser feito pelo grande escultor francês, Bourdelle. Talvez ele simplesmente abominasse a ideia de casamentos, mas Rosalind sentiu vivamente a desaprovação dele em relação a ela e a Raja.

Os preparativos para o casamento estiveram completamente fora das mãos de Rosalind: a lista de convidados, o seu ramo, o seu vestido de veludo branco. Nenhuma mãe amorosa poderia ter planeado tudo com mais

cuidado. A Sra. Besant pediu ao motorista que andasse às voltas durante o que pareceu a Rosalind uma eternidade para permitir o tradicional atraso da noiva de cinco ou dez minutos, enquanto um jovem noivo muito nervoso esperava no altar.

O que se seguiu para os recém-casados foi menos uma lua de mel e mais uma digressão de palestras que Raja ia dar por toda a Europa. Depois, ele e Rosalind regressaram a Ojai e a *Arya Vihara*, o seu lar pelos quarenta e cinco anos seguintes.

Entretanto, Krishna regressou à Índia, como planeado, com a Sra. Besant. Aqui ela não deixou transparecer a sua confusão perante o público. Parecia ter aceitado pelo menos parcialmente a visão de Krishna sobre si próprio, pois concedeu que a consciência dele se tinha fundido com um fragmento do instrutor do mundo. Enquanto Krishna não estava disposto a contentar-se com um «fragmento», George Arundale regateava-lhe inclusive isso, sentindo que o seu próprio conhecimento do Senhor tornava improvável que Krishna tivesse sequer esse fragmento.

Leadbeater manteve mais ou menos a sua posição nesta altura, pisando a estreita berma entre a Sra. Besant e Krishna por um lado, e George Arundale e a sua fação por outro. Krishna tinha a impressão de que Leadbeater estava totalmente do seu lado, sendo inclusivamente «reverente» para com ele. Mas outros testemunharam que «Leadbeater em privado desejava que Krishna "nos deixasse em paz para continuarmos com o nosso trabalho" e declarava que "a Vinda correu mal"». ^{4}

Krishna havia de se tornar cada vez mais hostil em relação a George Arundale, embora alegando sempre que era George quem nutria sentimentos contra si. Rukmini declarou mais tarde que o seu marido George não tinha qualquer ressentimento pessoal contra Krishna, na verdade já o tinha amado e continuaria a fazê-lo caso Krishna não se tivesse virado contra ele. Mas via, sim, o comportamento de Krishna naquela altura como destrutivo para a sociedade. 5

Cedo se tornou aparente que Krishna não tinha tanta influência sobre Leadbeater ou sobre la Sra. Besant como poderia ter esperado. Lançaram subitamente um novo veículo sob a forma da mãe do mundo. E quem havia de preencher este papel? Ninguém menos do que Rukmini! Tipicamente, as memórias e os memorandos da época diferem frequentemente.

Conforme Rukmini Devi recordava, não teve qualquer aviso do que ia acontecer... quando interroguei o próprio Krishnamurti sobre todo o assunto da Mãe do Mundo, ele deixou escapar: «Oh, isso foi tudo inventad—» antes de se travar ao aperceber-se de que estava a admitir uma recordação de acontecimentos da sua vida inicial que mais tarde veio a negar possuir...

O que se passava na mente de Rukmini Devi Arundale enquanto estas coisas notáveis lhe aconteciam é uma história quase tão fascinante como o que se passava na mente de Krishnamurti quando se apercebeu do papel para o qual tinha sido selecionado. Uma resposta direta é, contudo, possível no caso dela, ao passo que no dele não é, porque ela contou-me franca e generosamente a sua história numa noite em que estávamos sentados no relvado do seu *bungalow*, na margem do rio Adyar que escurecia, ao passo que Krishnamurti, sentado de pernas cruzadas no chão do seu quarto despido no lado oposto [do rio], insistia que se tinha esquecido da sua vida inicial em resultado da sua rutura definitiva com o passado na Sociedade Teosófica. 6

Mas a mãe do mundo foi um projeto ainda de mais curta duração do que o instrutor do mundo. A própria Rukmini nunca sentiu uma orientação interior em direção ao papel e havia, em vez disso, de direcionar os seus consideráveis talentos para atividades humanitárias e artísticas que dariam uma grande contribuição ao seu país.

Krishna, não importava quais fossem as suas memórias ou não memórias posteriores, não acolheu de bom grado este novo veículo. Não queria ser arrastado para este novo assunto mais do que tinha querido estar envolvido no incidente dos apóstolos. Culpou George por todo o caso. Era razoável para ele ter assumido que George estava pesadamente envolvido no programa da mãe do mundo, mas tinha sido inicialmente uma ideia de Leadbeater. Toda a situação endureceu Krishna na sua determinação de fazer uma rutura completa com a sociedade.

11

Encontrando o Caminho

Como Rosalind originalmente suspeitara que poderia acontecer, Raja não mudou absolutamente nada. Dedicou pouco tempo ao seu casamento, então ou no futuro, mas ficou com ela em Ojai naquele inverno, ocupado a

organizar o primeiro acampamento da Estrela a realizar em maio nas novas terras, compradas no ano anterior. Balneários e um edifício para refeitório estavam em construção, canalizações de água, fossas séticas e eletricidade instaladas, e locais para tendas limpos. Teve de se providenciar uma equipa de trabalhadores e angariar fundos. Por tudo isto Raja era responsável. Este foi o início da sua estreita e longa amizade com os Logan e com Louis Zalk, todos eles muito prestáveis na organização do Acampamento da Estrela.

Raja havia também de estabelecer uma relação próxima com a sua sogra Sophia e com a sua cunhada Erma, ambas as quais o amavam. Sophia possuía a mesma natureza e hábitos meticulosos que Raja. De certa forma, ambos compreendiam a sua natureza melhor do que Rosalind e, quando se tratava de comida, cozinhavam o que ele gostava e não o que ele deveria comer, ao contrário de Rosalind. No seu crescente interesse pela nutrição, Rosalind tornar-se-ia cada vez mais determinada em comer o que era saudável. Não obstante, a sua natureza frugal e prática serviu bem as suas vidas, pois não só a frugalidade era necessária, como era algo em que ambos concordavam ser moralmente importante, já que assumiam, talvez incorretamente, que era importante para Krishna.

Ojai em maio é seco e suave. Os meses da época das chuvas ficaram para trás. Os campos, ainda não queimados pelo calor do verão, são de um ouro suave, contrastando com as folhas verde-escuras e os ramos antigos e nodosos dos carvalhos. Aninhado contra uma colina, um bosque destas árvores formava um anfiteatro natural. Abaixo do Bosque dos Carvalhos (*Oak Grove*) encontravam-se os balneários amplamente espaçados e o edifício do refeitório, estruturas baixas caiadas de branco num campo árido e sem árvores. Tendas foram erguidas no terreno plano. O horário diário do acampamento permitia tempo para o descanso mas não para a irrequietude, para a meditação mas não para o tédio. Havia palestras de manhã e à tarde, peças de teatro ou música — e uma fogueira de acampamento todas as noites após o jantar. Krishna fazia a maior parte das palestras, cantava e acendia sempre a fogueira do acampamento. Uma testemunha ocular no primeiro acampamento de Ojai registou as suas impressões dessa semana.

O espírito do acampamento foi extremamente delicioso, muito embora a totalidade das 900 pessoas tenha chegado na segunda-feira, e tenha havido toda a confusão de encaminhar as pessoas para as suas tendas,

conseguir trabalhadores para preparar o jantar e servi-lo. Toda a gente se alinhou de imediato, todos jantaram sem qualquer confusão e todos chegaram à fogueira do acampamento com prontidão, felicidade e o maravilhoso sentimento de terem regressado a casa para uma grande reunião familiar...

Sentámo-nos nos nossos cobertores ao lado de alguém que nunca tínhamos visto antes, mas sentimo-nos em unidade com essa pessoa de imediato... para mim foi um milagre muito grande, o facto de 900 pessoas se terem reunido ali, todas de uma só mente, de um só pensamento, uma grande família, radiantemente felizes, todas unas na grande elevação que prevaleceu ao longo de toda a semana do acampamento.

Durante as reuniões... Krishnaji... nunca se sentava num sítio durante muito tempo... mudando de lugar três ou quatro vezes... Sentíamos que ele fazia isto porque quando ficava num sítio várias pessoas não prestavam atenção nenhuma à palestra... mas segredavam entre si a respeito dele... sempre que escutava outro conferencista, dedicava grande parte da sua atenção ao chilrear e cantar dos pássaros nas árvores.

Numa das reuniões, foi pedido ao Sr. Jinarajadasa que desse as suas ideias quanto ao Instrutor do Mundo na Teosofia. Não creio que estivesse planeado que Krishnaji falasse, mas ele veio para a parte de trás da plataforma quando o Sr. Jinarajadasa terminou e perguntou se poderia dizer uma palavra... com um sorriso maroto no rosto e disse: «Tenho estado a tirar notas», com o que todos se riram — ele também. Depois continuou dizendo que o Sr. Jinarajadasa tinha dito isto e aquilo e que não era essa a forma como ele queria que fosse entendido, disse: «Vou trazê-[lo] ao cobertor quando chegar a casa».

É um prazer tão grande ver o amor que vibra entre Krishnaji e o Sr. Rajagopal — são ambos rapazes tão magros, esguios e doces; tão cheios de vida, alegria e felicidade, e falam sempre um com o outro com grande amor e compreensão, enche-nos simplesmente de felicidade vê-los juntos. Claro que Rajagopal é todo atenção aos desejos de Krishnaji, mas não há o mais pequeno toque de servidão. Rajagopal é muito bonito, um olhar vivo e brilhante, muito juvenil, mas percebe-se pela sua conversa que é muito poderoso. 7

Quem se interroga se haveria alguém naquele acampamento que se pudesse ter elevado por tempo suficiente acima da sua euforia para considerar a humilhação que as palavras de Krishna tinham infringido ao seu antigo tutor Jinarajadasa. É evidente que a controvérsia sobre a fusão de consciência de Krishna continuava e que Krishna estava agora forte e esclarecido sobre quem era. Mas continuava a ser uma questão emocional, como se pode ver pela sessão de perguntas e respostas no segundo dia de acampamento.

«Diz que não tem discípulos, nem seguidores; não está grato à Sociedade Teosófica pelo que fizeram ao organizar e trabalhar com o único propósito de promover a sua vinda?» Isto desgostou-o [a Krishna] grandemente, pareceu simplesmente espremer-lhe o próprio sangue do coração. Ele respondeu simplesmente: «Está a rosa grata à roseira, está o ramo grato à árvore?» Quando encerrou esta reunião disse: «Espero poder estar convosco esta noite, mas estou tão cansado e fatigado. Não pensem que estou a dar desculpas, mas este bater contra a parede em branco do preconceito e das personalidades é tão difícil e cansativo... pedem uma coisa e não escutam o que eu digo. Vós... colocais a vossa própria interpretação nas minhas palavras sem as deixardes entrar no vosso eu interior». 7

Esta seria uma queixa frequente de Krishna para com os seus públicos durante a meia centúria seguinte.

No fim de maio, Raja e Krishna foram para a Europa para o acampamento de verão em Ommen. Rosalind ficou em casa para permitir que a sua irmã Erma fosse à Europa e a Ommen pela primeira vez. Sentiam que uma delas deveria estar com Sophia, e Rosalind teria também de substituir Erma junto de Mary Gray. Raja não regressaria a Ojai até outubro. Estas longas separações haviam de se tornar o padrão da sua vida de casados.

A julgar pelas cartas que Erma escreveu para casa nesse verão para a mãe e para Rosalind, esta viagem foi uma experiência rara e hilariante para ela em todos os aspetos. Tinha sido Erma, com o seu interesse pela Teosofia, quem tinha conduzido Rosalind ao seu caminho atual. Agora Erma iria conhecer e fazer amizade com as pessoas em Inglaterra e na Holanda que já tinham acolhido tão calorosamente a sua irmã mais nova.

Ocupado como estava, Raja fez um esforço para proporcionar bons momentos a Erma em Londres antes do Acampamento.

Poucas semanas mais tarde, Erma escreveu a Rosalind e a Sophia a partir do Castelo de Eerde:

É muito divertido estar às mesas e ouvir pessoas da Polónia ou da Rússia falar na sua própria língua umas com as outras e mudar fluentemente para francês ou inglês. Isto é certamente uma grande tentativa de entendimento internacional, se nada mais.

Há partidas de ténis todas as tardes e muitos jogam nos excelentes cortes. Outros andam de bicicleta e caminham... O Sr. MacBean, etc., todos acham o Raja muito maravilhoso. Ele realizou coisas tremendas aqui. A Winifred disse-me ontem à noite que aprendeu muito a trabalhar para ele na semana passada e que ninguém no trabalho pode ter a mais pálida conceção do administrador cuidadoso de dinheiro que ele é. O Fenn disse-me que a pessoa é forçada a crescer rapidamente aqui, vê-se uma grande mudança em todos... Eerde em si é maravilhoso e a pessoa sente-se em completo contato com a natureza. Tenho a certeza de que se pode viajar rapidamente aqui se isso estiver no interior para o fazer.

Evidentemente Erma não se encontrava entre os teósofos ou devotos que aguardavam ansiosamente o instrutor do mundo; pois o pendor básico de Krishna naquele verão, abrindo caminho para a dissolução total da Ordem da Estrela, parece não a ter alarmado ou confundido, embora ela permanecesse na maioria dos aspetos uma teósofa devota pelo resto da vida.

Eerde, 11 de julho

Não há a menor dúvida na minha mente de que estamos a desfrutar do maior privilégio do mundo. Reunimo-nos na sala de meditação às 11 horas. Esta manhã Krishnaji estava a responder a perguntas. A sabedoria de que faz uso vai além de tudo o que alguma vez experienciei e ele torna a meta da Verdade tão real, tão necessária de atingir. Quando questionado sobre a Ordem da Estrela, diz que é útil como uma ponte para entrar na Verdade, mas assim que deixa de ser a ponte... devemos dissolver a Ordem. Que devemos desenvolver a beleza, a pureza e a verdade no interior, desdobrar a vida no interior, a qual brilha tanto no exterior que nos tornamos a ponte para essa vida de modo a que outros possam vir e atravessar.

Tive uma curta caminhada com ele ontem e disse-lhe que eu também queria atravessar a «corrente» para a outra margem de que ele falava, mas como encontrar o caminho. Ele disse: «Tu vais fazê-lo», que a força e a vontade eram necessárias para quebrar as amarras e aconselhou-me a ir para os bosques após as reuniões. De algum modo consigo ser mais livre com ele e mais próxima de mim mesma do que com qualquer outra pessoa. Uma coisa que ele disse esta manhã foi que a seiva não se preocupava com se havia de se expressar como folhas ou flores, mas cumpre a sua própria singularidade. Disse que a esperança e a verdade não eram a mesma coisa e parecia pensar que a esperança criava uma barreira para a verdade.

Considero todo o acontecimento o maior privilégio da minha vida e sinto-me tão grata por o estar a experienciar.

O Sr. e a Sra. Leopold Stokowski, o Diretor da Orquestra Filarmónica de Filadélfia, chegaram hoje. Todas estas pessoas têm histórias fascinantes e são esplêndidas de conhecer intimamente. Todos são devotados a Krishnaji e agora parece haver uma fusão e uma compreensão mais profunda entre todos.

O Raja está muito ocupado e vejo muito pouco dele. Trabalha até altas horas... Suponho que a época dos alperces esteja mesmo a terminar e que as coisas tenham estado muito ocupadas em Ojai.

Muito amor para a minha querida mãe,

ERMA

(Stokowski também deve ter ouvido falar desses alperces, pois cerca de um ano mais tarde visitou Marvel, irmã de Erma em Ojai, e perguntou se podia passar por lá para comer um pedaço da sua famosa tarte de alperce.)

Erma teve a oportunidade de fazer o que seriam amigos para a vida inteira em Ommen.

Notas:

4 Ver referência correspondente no texto original (numeração mantida conforme instruções).

5 Ver referência correspondente no texto original (numeração mantida conforme instruções).

6 Ver referência correspondente no texto original (numeração mantida conforme instruções).

7 Ver referência correspondente no texto original (numeração mantida conforme instruções).

A Marvel ficará interessada em saber que o avô da Sra. Hastings foi Josiah Bailey, que dotou o *Swarthmore College*, e o seu tio construiu o *Wharton Hall*. Ela provém de uma antiga família *quacre* e conhece toda a sociedade de Filadélfia. Disse que o seu avô tinha a melhor biblioteca oculta da América e, porque ela estava tão interessada nela quando a possuiu, o marido queimou-a nos primeiros tempos da vida de casados. Agora ele acredita nestas coisas e eles são muito devotos...

Ficou maravilhada com a sua conta, que considera espantosamente pequena, pelo que deu ao Raja 500 dólares para o campo de ténis e promete-lhe uma quantia todos os meses; porque o acha maravilhoso. (Eu paguei cerca de 65 dólares pelo mês.) Ela diz que Filadélfia ficaria chocada ao ver o Sr. Stokowski entrar descalço na sala de meditação. Ele passou-nos muitos dos seus discos de teste na outra noite e eram maravilhosos...

Muito amor para todos da

ERMA

P.S. A definição de J.K. de um homem culto é: «Um homem culto é aquele que é senhor absoluto de si mesmo, que não é dominado por sentimentos passageiros, mas que é dominado pela intuição e que não exige nada de nenhum indivíduo». Ele diz que existe uma faculdade criativa sem forma (com o que o Sr. Stokowski concorda), a qual é o estágio supremo, mas que a faculdade criativa expressa na forma é o início. «A vida deve tomar forma para funcionar, mas a forma não é tudo o que há da vida».

... ele diz que a verdade ou a vida não podem ser rebaixadas ou traduzidas em formas, credos, crenças ou cerimónias; no minuto em que isso é tentado, deixa de ser verdade; que deveríamos chegar à plenitude através de nós próprios e, no viver das nossas vidas, tornarmo-nos a própria vida e, assim, a ponte que outros, vendo o exemplo, possam atravessar em direção a essa verdade.

... o Krishnaji tem estado muito bem ultimamente, a jogar voleibol, etc. Toda a gente está muito entusiasmada com ele e com as suas palestras. Sei que estou bastante mudada e não teria perdido a experiência deste verão por nada deste mundo.

Resta apenas esperar que o próprio Krishna, por finais do acampamento, se tenha apercebido de que havia ali muitos que estavam dispostos e a tentar seguir a sua mensagem. Tivera a sensação, no início do verão, de que as pessoas estavam antagónicas em relação ao que dizia, talvez captando, da parte de certos teósofos, uma perplexidade perante a sua nova direção. Os relatórios do acampamento não trouxeram conforto à pobre Sra. Besant, cuja saúde continuava a declinar, tanto mental como fisicamente.

Tampouco a regra teosófica de nunca maldizer se mantinha sempre firme. Foi de certo modo desconcertante para Raja que várias pessoas lhe dissessem terem ouvido que Rosalind ia ter um bebé. Erma escreveu para casa perguntando:

Eerde, 2 de agosto

Caríssima Mãe,

O Raja veio ter comigo e perguntou-me se eu sabia de alguma coisa sobre o boato de que a Rosalind ia ter um bebé. Não conseguia acreditar que ela não lhe tivesse contado. Disse-lhe que várias pessoas me tinham perguntado e que eu o tinha negado alegremente, por acreditar que a Ros nos teria contado, se assim fosse. Mas agora a Sra. C.J. [Jinarajadasa] diz ao Raja que o Max Wardall lhe disse que era verdade e que era bastante aparente. Claro que eu ficaria feliz se assim fosse, e o Raja também. Mas esta é uma forma engraçada de saber de tais novidades, a serem verdade.

Com pressa,

ERMA

O boato não era verdadeiro. Passariam mais três anos antes que eu, a sua única filha, nascesse. Mas Raja tinha outras preocupações naquele verão. Krishna afastava-se cada vez mais da Sociedade Teosófica. Havia muitos que o conseguiam compreender e simpatizar com ele nesta questão, mesmo que não compreendessem o que ele estava a dizer. Alguns

conseguiam libertar-se da confusão emocional e espiritual que este afastamento criava, e alguns ficavam em total perplexidade.

Pois, por um lado, Krishna declarava que não deveria haver autoridade; contudo, por outro, tinha insistente e dramaticamente retratado a sua própria nova condição como estando unida «com a chama» e tendo a «visão do topo da montanha», o que parecia colocá-lo numa posição de autoridade suprema; tampouco negava especificamente que era o instrutor do mundo. Se ele tivesse estado disposto a, muito simplesmente, afastar-se ou descer do topo onde Leadbeater e a Sra. Besant o tinham colocado e manter-se como um mero ser humano assente na sua própria filosofia, uma grande parte da confusão presente e futura poderia ter sido evitada.

Mas então, como é evidente, arriscava-se a perder tudo o que a Sociedade Teosófica e os teósofos individuais voluntariamente lhe tinham dado — a Ordem da Estrela, o castelo, as terras em Ommen, Ojai e na Índia e, mais importante, um número considerável de seguidores internacionais. Reivindicava não querer seguidores, o que, talvez, ele não equiparasse aos públicos que encheriam os seus acampamentos e salas de palestras nos anos vindouros.

Para lhe agradar, a Sra. Besant tinha encerrado todas as secções da Sociedade Esotérica em todo o mundo, declarando que Krishna era o instrutor e devia ensinar — mais ninguém. Mas esta vitória seria de curta duração. Passado pouco tempo, a Sra. Besant reabriu a S.E. A sua saúde estava a falhar, estava a perder a memória e encontrava-se encalhada no meio de um conflito crescente.

Enquanto Krishna se debatia com os teósofos, Raja debatia-se com a sua perceção pessoal de Krishna e com as fricções internas que tinham surgido ao seu redor no seio da sociedade. Ao contrário de Krishna, que parecia considerar-se com direito a tudo o que lhe tinha sido dado, Raja sentia, e sempre sentiria, uma profunda gratidão e dever para com os seus benfeitores, independentemente das divergências que pudessem surgir. Tal como Nitya ficara perturbado com o comportamento de Krishna para com a Sra. Besant e Leadbeater, agora Raja sentia um desgosto semelhante.

Algumas das ideias que emanavam de Krishna eram de facto notáveis, e Raja reconhecia-o plenamente. Contudo, não tendo a mentalidade de um devoto cego, era capaz, por vezes para seu desconforto, de ver a bifurcação

frequentemente extrema no comportamento privado de Krishna e na sua mensagem pública. Saber que Raja via isto não o tornava querido a Krishna; especialmente visto que, com o passar dos anos, Raja seria mais direto com Krishna quando estas ocorrências se davam. Mas Krishna parecia também reconhecer e confiar em certas características de Raja: a lealdade e o empenho duradouros, e uma capacidade de amar que, uma vez desperta, nunca era retirada, por muito magoado que pudesse estar.

Quando Krishna regressou à Índia com a Sra. Besant após o Acampamento de Ommen de 1928, Raja regressou à América, onde se lhe juntou Rosalind noutra digressão de palestras. A digressão incluiu Cuba, onde conheceram uma *designer* de moda, a Mme Barrero, que ficou bastante impressionada com a aptidão de Rosalind para desenhar roupas, especialmente vestuário desportivo, e sugeriu que houvesse uma parceria entre elas. Nessa altura, Rosalind não conseguia ver como tal carreira se encaixaria na sua vida.

Raja tinha planeado dar cerca de trinta palestras em outras tantas cidades diferentes mas, após dezanove, impôs uma paragem e, sem dar o verdadeiro motivo, cancelou o resto da digressão. Sentia simplesmente que não podia continuar a falar de Krishna como o instrutor do mundo. Permaneceria apanhado entre o compromisso que assumira com a Sra. Besant, juntamente com a promessa que fizera a Nitya de ajudar Krishna no seu trabalho, e a sua própria consciência de que Krishna não era o veículo.

Não obstante, mantinha ainda uma convicção interior de que, ao continuar com a sua parte em «o Trabalho», editando e organizando as palestras de Krishna, estaria a realizar não só o seu próprio *dharma*, mas também a cumprir as expectativas que nele tinham sido depositadas por Leadbeater e pela Sra. Besant. Contudo, a partir daí, permaneceria nos bastidores.

12

A Terra sem Caminhos

Na primavera de 1929, Raja preparava-se novamente para o Acampamento de maio no Bosque dos Carvalhos (*Oak Grove*) quando Krishna regressou a Ojai exausto. As palestras foram adiadas. Krishna foi com Rosalind e os Ingelman recuperar as forças em Idyllwild, nas montanhas do sul da Califórnia. Aqui, sem preâmbulos do «processo», voltou-se para Rosalind em busca de conforto para a sua exaustão. Nas montanhas que amava e sob os cuidados dela, a dor na sua cabeça e a bronquite foram aliviadas. Krishna, aos trinta e quatro anos, conseguia ainda despertar numa mulher um instinto maternal habitualmente reservado a uma criança pequena. Quando ele por vezes ia para a cama dela, Rosalind segurava-o como a um rapazinho doente, relatando mais tarde inocentemente estas ocorrências a Raja, que aceitava as suas palavras pelo seu valor aparente. Não teria ocorrido a nenhum deles, ou a mais ninguém no seu círculo, agir de outra forma.

Embora tivesse cancelado a maior parte das suas palestras nessa primavera, Krishna tinha ainda energia para discutir a reorganização. Raja passara a sentir que a nova direção de Krishna tornava a Ordem da Estrela inadequada e que, em vez disso, se deveria estabelecer uma organização muito mais simples. Passavam horas todos os dias a conversar sobre planos que mudariam tudo: as publicações da Estrela, a natureza dos acampamentos.

Na altura em que o Acampamento de Ommen abriu, em agosto, Krishna tinha-se movido inexoravelmente em direção à dissolução da Ordem da Estrela. Podia agora descansar seguro de que Raja estava firmemente ao seu lado para construir a organização de que necessitaria para o futuro. Dificilmente estaria a dar um passo no abismo. A Ordem da Estrela seria substituída pelo *Star Publishing Trust* [Fundo Editorial da Estrela]. Agora que Phillip van Pallandt estava casado e à espera de um filho, o Governo holandês queria que ele reavesse o Castelo de Eerde para os seus herdeiros, por se tratar de uma propriedade histórica. No ano seguinte, Raja teria a complicada tarefa de devolver o título de propriedade e resolver os meandros financeiros resultantes desta troca, já que muitas benfeitorias tinham sido feitas pela Ordem da Estrela. A terra do pinhal com as cabanas rústicas, mas bastante confortáveis, foi retida para o Acampamento.

Krishna podia agora retirar-se de todas as suas responsabilidades terrenas, continuar a recusar a posse de propriedade e afastar-se de todos os seus fundos fiduciários. Tinha encontrado um homem em quem podia depositar total confiança para publicar as suas palestras, angariar dinheiro, gerir os Acampamentos em Ommen e Ojai, viajar com ele e garantir a sua desimpedida liberdade. Se haveria sempre uma discrepância entre as suas situações reais e a imagem que projetava, isso não parecia preocupá-lo.

Contudo, as suas frequentes referências a si próprio como um mendigo, sem pertences pessoais ou riqueza, eram expressas de forma demasiado literal para serem tomadas metaforicamente. Krishna possuía uma série de carros caros, as roupas mais elegantes e tinha sempre várias casas à sua disposição; não apenas figurativamente mas legalmente, quer detidas em título em seu nome quer em fundo fiduciário para si, o que é certamente irrelevante. Nunca admitiria publicamente que necessitava de roupas, automóveis, fundos de viagem, locais para viver, para falar e para descansar. Adquirir o dinheiro para todas estas coisas seria preocupação de Raja, deixando Krishna livre para fazer a sua declaração de independência. Nesse verão de 1929, na palestra de abertura do Acampamento de Ommen, Krishna anunciou a dissolução da Ordem da Estrela e declarou que «a verdade é uma terra sem caminhos», que doravante não queria seguidores, e que a sua única preocupação era libertar os homens do cativeiro de todas as religiões, crenças e medos, tal como ele próprio se tinha libertado.

«Tudo conquisto e tudo sei, desapegado, imaculado, livre de entraves, totalmente libertado pela destruição do desejo. A quem chamarei Instrutor? Eu próprio encontrei o caminho.» Aquelas linhas, enraizadas na mente de Krishna nove anos antes, frutificaram nesta palestra.

Contudo, Krishna continuava a falar para um público predominantemente teosófico, ali presente por convite. Houve muitos que acharam as suas palavras confusas — inclusive alarmantes. Tinham estado à espera durante dezoito anos para que o instrutor do mundo aparecesse e agora Krishna tinha-lhes dito para «esperarem por outro», que ele não tinha nada a ver com isso. É improvável que alguém fosse suficientemente intrépido para somar o tempo, a energia, o dinheiro e a esperança que tinham sido depositados nele ao longo de todos aqueles anos, agora despedaçados numa única hora muito eloquente.

Fosse qual fosse a confusão e a mágoa que as suas palavras tivessem infringido à Sra. Besant, ela revelou mais uma vez a sua própria grandeza de espírito ao apoiar publicamente Krishna, afirmando:

... a própria ausência de uma organização poderá apelar às pessoas mais inteligentes que gizam a sua própria «Grande Verdade»... A minha crença fundamental em Krishnamurti como o Instrutor do Mundo torna-me mais inclinada a observar e estudar do que a expressar uma opinião sobre alguém que considero de longe meu superior. 1

Em privado, ela permaneceria confundida a seu respeito pelo resto da vida. Publicamente, o seu amor maternal por ele parecia sustentar a sua fé de que ele acabaria por cumprir o papel para o qual tinha sido escolhido e nutrido ao longo dos últimos vinte anos.

Krishna e Raja compareceram ambos à celebração do octogésimo segundo aniversário da Sra. Besant em Londres, a 1 de outubro. Esta ocasião uniu-a não só aos seus filhos mas também juntou amigavelmente, pelo menos nessa noite, as fações da sua família «espiritual». A sua mensagem de aniversário para o mundo refletia a sua contínua esperança numa harmonia mundial e individual.

Se cada um de nós trabalhar, extenuante e continuamente, até que cada um tenha purgado o seu coração de qualquer vestígio de ressentimento contra cada pessoa que pensa que o prejudicou, descobriremos então, talvez para nossa surpresa, que a Paz reina sobre todo o mundo. 2

Krishna continuou com o seu próprio tema, não a paz mas a libertação; a libertação dos seres humanos das amarras das suas próprias crenças e medos, e a libertação para si próprio do papel que lhe fora imposto pela Sociedade Teosófica.

Três anos antes, em 1926, la Sra. Besant tinha encorajado o florescente interesse de Krishna pela educação ao nomeá-lo Presidente do *Theosophical Educational Trust* [Fundo Educativo Teosófico] (T.E.T.). O T.E.T. tinha surgido como parte do plano da Sra. Besant para libertar todo o sistema educativo indiano da sua dominação pelos britânicos, que tentavam desbalizar a identidade nacional de todos os indianos. Para este propósito, sob vários fundos fiduciários, a Sra. Besant angariou dinheiro, comprou terras e fundou muitas escolas e colégios por toda a Índia. Muito antes da presidência de Krishna, também os Arundale tinham viajado por

toda a Índia para angariar dinheiro para a *National High School* [Escola Secundária Nacional] em Adyar, sob o T.E.T. Esta escola, gerida por teósofos, tinha prosperado.

Quando Krishna decidiu demitir-se de todas as organizações em 1930, demitiu-se também do T.E.T. Isto desferiu um rude golpe em todas as escolas sob o fundo fiduciário. Os seus seguidores, que vinham a ajudar, perderam também o interesse e o fundo fiduciário já não podia funcionar. Ele queria vender as terras da escola em Adyar, para as quais a Sra. Besant e os Arundale tinham angariado dinheiro, e transferir a escola para uma extensão de terra perto de Madanapalle que um dos seus seguidores encontrara para ele.

Esta escola foi então renomeada *Rishi Valley* [Vale do Rife]. Praticamente o mesmo procedimento foi seguido com a escola em Benares, mais tarde chamada *Rajghat*. Eventualmente, um advogado bengali descobriu que a transferência do fundo fiduciário para a posse de Krishna não tinha sido legalmente decretada. Assim, o T.E.T. continuava vivo e podia ser reativado por teósofos interessados como George Arundale, por essa altura Presidente da sociedade. 3 Não é difícil imaginar os maus sentimentos que devem ter surgido durante todas estas transferências e negociações.

Se para algumas pessoas a Sra. Besant parecia confusa nas suas declarações sobre Krishna, Leadbeater via-a sob outra luz, como alguém que estava mais em sintonia com ele relativamente ao papel de Krishna como o veículo. Leadbeater apontou a George Arundale que a Sra. Besant era cuidadosa nas suas declarações na escola para deixar claro que a manifestação era apenas parcial, que Krishna era apenas o veículo do instrutor do mundo e que os membros não se deveriam limitar a estudar apenas os escritos de Krishna, embora ela solicitasse que estes fossem incluídos no seu programa. Leadbeater continuou dizendo que a Sra. Besant não aprovava as declarações intolerantes e exageradas de Krishna mais do que ele, Leadbeater, ou Arundale aprovavam, mas que também não se lhe oporia, sentindo que cada um tinha o seu próprio trabalho e não se deveriam interferir mutuamente. De acordo com Leadbeater, a Sra. Besant admitia que Krishna devesse mostrar um certo fanatismo a fim de causar um forte impacto no seu público.

Contudo, Krishna já não se preocupava com a opinião de Leadbeater. Escreveu à Sra. Besant em fevereiro de 1930 reiterando a sua confiança no seu próprio rumo, apesar da oposição de Leadbeater ou de um milhão de outros.

A tutela tinha terminado. Não se tornou uma questão aberta, mas havia agora um claro distanciamento entre Leadbeater e Krishna, o qual nunca cicatrizaria. Em última análise, Krishna expressaria a opinião de que Leadbeater era malévolo. 4 Os seus ensinamentos minavam agora Leadbeater e muitos dos outros líderes teosóficos. O esforço destes para manterem as suas posições, explicando que a vinda tinha corrido mal e que Krishna já não pertencia à sociedade, era, aos olhos dele, uma declaração de guerra aberta.

Leadbeater havia de se tornar cada vez mais assertivo em como a vinda tinha corrido mal, chegando ao ponto de sugerir que, se não tivesse sido pela certeza da Sra. Besant, ninguém teria prestado grande atenção a Krishna afinal. Embora tivesse sido ele a descobrir o jovem Krishna, muito cedo se mostrara aberto à possibilidade de ter cometido um erro. Agora parecia estar convencido.

Quando, em 1930, Krishna se demitiu da Sociedade Teosófica, Raja não o acompanhou neste passo formal e reteria a maioria das suas amizades próximas no seio da sociedade, apesar do crescente antagonismo de Krishna. Mais tarde, isto tornar-se-ia um pomo de discórdia entre Krishna e Raja.

As vidas de Raja e Rosalind estavam tão cheias de pessoas, viagens, idealismo e trabalho que seria de admirar se alguma vez tivessem tempo para parar e fazer um balanço do seu próprio relacionamento. Estavam separados por longos intervalos e, mesmo quando estavam juntos, raramente se encontravam a sós. Um ou outro estava habitualmente com Krishna, pois há muito que fora reconhecido que ele não deveria ser deixado por sua conta, e estavam sempre conscientes da sua promessa a Nitya. Contudo, havia o stresse inevitável de ter demasiadas pessoas ao redor, aquelas que se convidavam a si próprias e aquelas que Krishna inadvertidamente convidava — e depois desejava não o ter feito.

O interesse de Rosalind pelo *design* de moda não esmoreceu. Este talento serviu-lhe bem para fazer as suas próprias roupas e, por vezes, uma

camisola ou uma camisa para Raja. No verão de 1930, na sequência de um convite da Mme Barrero, que conhecera originalmente em Cuba, foi a Paris para assistir às aberturas das coleções de moda. Era típico de Raja nunca rebaixar o interesse de outrem, por muito afastado que estivesse do seu próprio. Ao longo da vida delas, Rosalind seguiria muitas atividades, cada uma com grande entusiasmo; ele encorajava sempre estes empreendimentos.

Krishna encontrava-se também em França nesta altura, onde as suas dificuldades com os teósofos não pareciam interferir com o seu sucesso. A 23 de outubro de 1930, Rosalind escreveu à sua mãe, Sophia, a partir de Paris:

Evidentemente o Krishnaji deu uma palestra maravilhosa em Estrasburgo e os jornais fizeram boas críticas. Disseram que, com exceção de Maurice Chevalier, Krishnamurti era o único que conseguia atrair milhares. Leu a sua palestra em francês...

A par dos chás e receções em que todos participavam em Paris, bem como exposições de arte e fins de semana adoráveis na casa de campo da Mme de Manziarly em *Les Tours*, Rosalind estava ciente da Depressão.

Ouvimos de todos os lados como toda a gente está financeiramente muito atingida com a bolsa de valores da semana passada. As condições estão más em todo o mundo. Espero que a Califórnia esteja melhor do que qualquer outro sítio.

Rosalind tinha uma preocupação mais pessoal naquele mês em Paris. Descobriu que estava grávida. Em vez de se sentir radiante, como normalmente deveria acontecer, pois ela e Raja esperavam há alguns anos ter um filho, caiu em desespero. Krishna vinha recentemente reiterando a sua antiga opinião de que ninguém próximo dele deveria ter filhos, mas devia manter-se livre e puro para «a Obra».

O facto de ela ter sido levada a considerar fazer um aborto na Suíça deve ser entendido não só como um sinal do seu desespero, mas também da sua disposição inicial para se deixar orientar pela atitude de Krishna; e pode perguntar-se por que motivo sentiu que não podia discutir o seu dilema com a pessoa que deveria estar mais diretamente envolvida — o marido. Talvez tivesse adivinhado que Raja se oporia totalmente a tal decisão.

Felizmente para mim, cujo futuro estava em jogo, Rosalind acabou por sentir, sozinha, que um aborto era completamente errado, independentemente do que Krishna pudesse dizer, e decidiu manter o bebé. Contudo, passou por um enorme stress durante toda a situação e viria a atribuir a isso uma gravidez muito difícil.

Ao ouvir a notícia pela primeira vez, Krishna mostrou o mesmo desagrado que demonstrara quando ela casara com Raja. Era uma reação que Krishna tinha perante qualquer pessoa próxima dele que tentasse seguir uma vida separada dos esforços em seu favor. Mais de uma pessoa talentosa foi levada a abandonar uma carreira promissora — felizmente, nem todos sucumbiram. Neste caso, outra razão poderá ter sido uma reação emocional à ideia de eles terem um filho. Quando Nitya morreu, Krishna presumira que Rosalind ficaria então mais próxima dele. O casamento dela com Raja provavelmente foi um choque que teve de suportar em isolamento. O facto de terem um bebé era, no mínimo, uma afronta adicional.

A serena cidade siciliana de Taormina, erguida acima de enseadas rodeadas de pinheiros e de águas cristalinas, sob a sombra vulcânica do Monte Etna, continuava a ser um lugar muito especial para Krishna. Fora ali que ele e Nitya tinham estado resguardados em 1913, durante o julgamento relativo à tutela entre o pai deles e Mrs Besant. Fora ali que ele afirmara ter visto o Senhor Buda.

Taormina exala romantismo e mistério, desde as suas ruas ladeadas por pequenas lojas de encanto simples, até ao antigo anfiteatro grego e ao omnipresente Monte Etna, por vezes coberto de neve e outras vezes envolto em fumos sulfúreos, com as suas chamas intermitentes a lamberem o céu noturno.

Krishna, Raja e Rosalind chegaram ali no fim do Outono, fora da época turística, com poucos visitantes — deixando-os numa feliz solidão. Naquele cenário, qualquer ressentimento que Krishna pudesse sentir em relação à gravidez de Rosalind desvaneceu-se.

Foi ele quem a ajudou ternamente durante os primeiros meses de desconforto. Acreditava possuir dons de cura e, fosse ou não verdade, nunca evitava tentar aliviar o sofrimento dos doentes. Raja, por outro lado, era de natureza impressionável, desmaiava facilmente ao ver sangue e,

tendo ele próprio um baixo limiar de dor, identificava-se demasiado depressa com o sofrimento alheio. Mas aquelas seis semanas foram um raro período de proximidade e refúgio entre os três.

Em Dezembro, Rosalind regressou a Ommen, enquanto Raja acompanhou Krishna à Grécia. Krishna ficou deslumbrado com o Parténon. Embora fosse invulgar nele ficar tão extasiado perante a beleza criada pelo homem, costumava contar-me que caiu de joelhos e beijou o solo quando o viu pela primeira vez. Achou a Grécia uma experiência profundamente estimulante e as suas palestras, a julgar pela dimensão das multidões, foram um sucesso esmagador. Mais tarde disse até que lhe tinham dito que, se permanecesse, o fariam presidente da câmara de Atenas.

Krishna tinha tendência para atribuir mais significado a comentários desse género do que aquele que realmente tinham, e isso por vezes subia-lhe à cabeça. A natureza amorosa e mística que demonstrara em Taormina sofreu uma mudança rápida em Atenas. Ele e Raja tinham ficado hospedados no hotel Grande Bretagne, e foi ali que tiveram o primeiro grande confronto. Embora a memória do que o provocou se tenha esbatido, a cena que se seguiu nunca desapareceu da mente de Raja.

Krishna voltou atrás em acordos já confirmados, colocando Raja numa posição muito difícil perante os anfitriões em Atenas. Raja ficou tão exasperado por voltar a suportar o peso de uma hostilidade que legitimamente não devia ser dirigida a ele, que disse a Krishna:

— Devias ser desmascarado.

Krishna riu-se e respondeu:

— Força, tenta. Quem acreditaria em ti contra mim?

Claro que tinha toda a razão, como muitos incidentes semelhantes ao longo dos anos viriam a confirmar.

É difícil para aqueles de nós que não foram inculcados com os conceitos de karma, dharma e reencarnação compreender exatamente o que motivava Raja a dedicar a sua vida de forma tão abnegada ao trabalho em torno de Krishna, bem como ao próprio homem. Tinha concordado em assumir uma tarefa e, com o seu sentido de perfeição, não permitia que nada o distraísse de lhe dedicar total concentração. Que essa tarefa viesse a ter dificuldades para além de tudo o que imaginara era irrelevante. Não

duvidava de que Rosalind estivesse firmemente ao seu lado em espírito e de que ambos estivessem ligados a esse propósito comum.

Mesmo assim, ao longo dos trinta anos seguintes haveria ocasiões em que sentiria não conseguir suportar mais e se ofereceria para partir. Mas Krishna persuadi-lo-ia sempre a ficar e iria a todos os extremos de desculpas, escritas e verbais, para voltar a compor as coisas. Claro que nunca existia uma verdadeira solução, nem poderia existir. E as cenas e o desespero tornar-se-iam cada vez mais intensos ao longo dos anos.

Tanto Raja como Rosalind queriam que o filho nascesse na América, e planeavam regressar juntos de barco atempadamente. Esta seria uma das raras ocasiões em que Raja, talvez ainda magoado com o episódio em Atenas, se permitiu afastar-se de Krishna, que fizera uma breve viagem à Roménia, onde fora convidado pela Rainha.

Pouco antes de embarcar para a América, Raja recebeu um telegrama informando que Krishna tinha sido envenenado. A Rainha, suspeitando de um complô, mandara retirá-lo do comboio antes da paragem prevista, mas, mesmo assim, ele adoecera subitamente de forma gravíssima. (Muitos anos mais tarde, em 1946, o médico que o tratara na Roménia apareceu em Ojai, durante outra doença séria, e confirmou esta história.)

Nessa noite em Ommen, Raja, por vezes em lágrimas, andou de um lado para o outro até ao amanhecer, dividido entre as suas duas responsabilidades — ir ter com Krishna, que talvez estivesse a morrer, ou acompanhar a mulher, ainda muito fragilizada, até à América. Foi para a Roménia e só voltou a ver a minha mãe e a mim quando eu já tinha seis semanas de vida.

Rosalind, de volta à América, encontrava-se no círculo amoroso da sua família. Estava também rodeada de amigas queridas, com uma das quais, Beatrice Wood, combinara iniciar um negócio de criação de roupa. Agora tinha de dizer a Beatrice que haveria um ligeiro adiamento nos seus planos.

— Não te preocupes — disse ela. — Assim que o bebé nascer, entrego-o à minha mãe para cuidar dele e continuamos logo com o nosso projeto.

O ceticismo de Beatrice quanto a esta solução revelou-se justificado, porque quando Rosalind viu o bebé disse a Beatrice que não conseguiria, de forma alguma, entregá-lo à mãe.[1] Talvez isso tenha sido igualmente bom para Beatrice, que então acrescentou a cerâmica aos seus outros talentos artísticos e, mais tarde, se tornou uma artista mundialmente famosa nesse meio.

Raja enviara a Rosalind uma lista de nomes indianos de que gostava e Rosalind escolheu para mim o nome Radha. A partir dessa altura, Raja deixaria a maior parte das decisões relativas à minha educação nas mãos da minha mãe, mantendo-se nos bastidores para garantir que tudo corria bem. Disse a Rosalind que só interviria se sentisse que algo estava a correr mal.

Em Julho, depois de um parto muito difícil, a recuperação de Rosalind complicou-se devido a uma grave ferida nas costas que, agravada pela negligência das enfermeiras no hospital, infecionou e teve de ser removida imediatamente. Descobriu-se que era maligna e o médico disse-lhe tratar-se da forma mais grave de cancro da pele e que viveria apenas entre dois e dez anos. Nunca contou esta notícia a ninguém (até ma revelar quarenta anos mais tarde). Contudo, durante os anos seguintes não duvidou do médico, que também a aconselhara a não ter mais filhos, porque outro parto seria ainda mais difícil do que o primeiro.

Raja regressou a Ojai em Setembro. Chegou a Arya Vihara tarde da noite e Rosalind, entusiasmada, apressou-se a levá-lo para ver o novo bebé. Escondeu a sua desilusão ao perceber que ele estava muito mais entusiasmado por lhe falar da situação económica mundial e da saída da América do padrão-ouro.

Na altura, ela não compreendeu que Raja continuaria a transformar em grande vantagem financeira as observações que fazia durante as suas viagens. Parecia possuir um sexto sentido para investimentos. Em 1929 avisara o amigo Louis Zalk para vender as ações que possuía na bolsa. Louis tinha o maior respeito pelo passado cármico de Raja, bem como pelas suas capacidades presentes, mas perguntava-se o que poderia um jovem hindu ensinar-lhe, a ele, um industrial americano bem-sucedido, sobre o mercado bolsista. Contudo, a sua própria formação teosófica persuadiu-o de que não devia ignorar completamente Raja. Vendeu metade dos seus investimentos. Quando, pouco tempo depois, essa metade era tudo

o que lhe restava, adquiriu uma confiança vitalícia na perspicácia financeira de Raja.

Nessa noite, Rosalind não prestou mais atenção às palavras de Raja do que ele ao bebé, mas quando de repente abri os olhos e olhei para o meu pai com um sorriso, ele ficou profundamente comovido.

A reação seguinte, que Rosalind recorda ter acontecido naquele momento ou pouco depois, foi muito mais difícil de compreender para ela. Raja comentou que, agora que tinham o bebé, já não havia razão para viverem como marido e mulher. Talvez ainda mantivesse uma atitude teosófica ortodoxa em relação ao casamento, segundo a qual o sexo servia apenas para ter filhos, ou talvez tivesse sido uma piada mal colocada (algo de que era capaz), sem intenção de ser tomada à letra.

Nenhum dos dois tinha tendência para discutir os seus pensamentos íntimos, talvez por estarem demasiado rodeados pelos problemas pessoais de tantas outras pessoas. Em todo o caso, existia nesse momento um enorme fosso de entendimento entre eles, porque Rosalind tomou aquele comentário, que Raja esqueceria ter feito, literalmente, sentindo-se rejeitada enquanto esposa.

Quaisquer que tenham sido os factores envolvidos, um aspeto do casamento deles que nunca fora muito satisfatório chegou abruptamente ao fim. A amizade forte e afetuosa entre ambos permaneceria intacta, mas Rosalind sentiria cada vez mais que o seu casamento não estava completo. Quando mais tarde pediu a Raja a sua liberdade, ele expressou a determinação, por princípio, de que não se deviam separar, em parte porque tinham um filho, mas sobretudo porque sentia uma obrigação para com Mrs Besant, que presidira pessoalmente e em espírito ao casamento deles.

Rosalind pensava enfrentar uma morte prematura e deixar para trás a filha pequena, a quem queria proporcionar o melhor começo de vida possível. Contudo, continuava cheia de vida, de alegria e do eterno otimismo dos jovens, que veem a morte como uma abstração distante. Queria retirar o máximo da vida que ainda lhe pudesse restar. Quando Raja disse que poderiam manter a independência dentro do casamento, ela tomou-o à letra.

PARTE DOIS

MEMÓRIAS PESSOAIS

A Verdade é uma Terra sem Caminhos (1931–47)

13

Um Cuco no Ninho de Outro Pássaro

Durante a minha primeira infância, Raja tinha uma saúde frágil. Foi submetido a várias operações e, entre elas, tinha de passar muito tempo a viajar em nome do trabalho que realizava: editar e publicar as palestras de Krishna e organizar os imensamente complicados acampamentos para milhares de pessoas, em Ojai na Primavera e em Ommen todos os Verões.

Embora fosse dotado de um físico robusto e de boa forma natural, ao contrário de Krishna, que fora obrigado a passar grande parte da vida a fortalecer-se fisicamente, Raja evitara desde jovem qualquer das precauções que assegurariam uma saúde duradoura. Desprezava o exercício físico, bebia demasiado café, mantinha horários irregulares e alimentava-se de forma errática, ora demasiado, ora demasiado pouco.

Talvez tivesse desenvolvido aversão à adesão quase ritualística às medidas de saúde física que Krishna impunha a si próprio e tentava incutir nos mais próximos, bem como à insistência de Rosalind numa alimentação correta. Mas Raja já demonstrava um desprezo rebelde pela própria saúde muito antes de conhecer qualquer um deles, como testemunham os avisos presentes nas primeiras cartas que Leadbeater lhe enviou.

Quando Krishna regressou a Ojai em Outubro de 1931 e me viu pela primeira vez, surpreendeu Rosalind ao perguntar:

— Achas que é Nitya?

Assumiu uma atitude ferozmente protetora em relação a mim, pairando sobre o meu berço como um leão e nunca permitindo que qualquer estranho me tocasse. Era ele, e não Raja, quem fazia todas as coisas que a maioria dos pais daquela época deixava para as esposas ou amas.

Rosalind dividia o seu tempo entre Krishna, em Ojai, e Raja, que recuperava de uma operação aos seios nasais, em Hollywood. Nenhum dos dois homens ficava sozinho durante a ausência dela. Erma e Sophia

cuidavam de Raja e uma das colaboradoras da Star, Hazel Crowe, que vivia numa pequena casa de hóspedes atrás de Arya Vihara, providenciava discretamente as refeições de Krishna quando Rosalind não estava presente.

Além dos dois homens na vida de Rosalind, havia eu, um bebé de poucos meses que ela levava consigo e de quem cuidava. Devia ser mais fácil para ela em Hollywood, numa casa bem aquecida e com a ajuda da mãe e da irmã. Arya Vihara ainda não tinha aquecimento, apenas lareiras, e as manhãs frias e escuras de Inverno naquela grande casa vazia não eram inteiramente agradáveis.

Krishna, contudo, era para ela uma companhia calorosa e afetuosa e fazia o melhor que podia para ajudar. Gostava de me contar, anos mais tarde, exatamente quão prestável tinha sido: mudando-me as fraldas, embalando o meu berço enquanto Rosalind fazia a sesta da tarde, massajando-me com óleo ao sol morno do meio-dia, sendo uma verdadeira amma indiana, ou ama, pelo menos era assim que se sentia.

Não há dúvida de que deve ter passado muito tempo comigo, porque, desde as minhas primeiras memórias, ocupou um lugar especial e único no meu coração — não como pai, mas certamente como muito mais do que uma ama. Compreendi muito cedo que a profundidade e amplitude do afeto no nosso círculo não estavam relacionadas com laços de sangue ou vínculos legais.

Oficialmente, durante grande parte daquele Inverno de 1931, Krishna declarou encontrar-se em samadhi[2]. Um jornalista perguntara-lhe se ele era Cristo e ele respondera que sim — no verdadeiro sentido; uma admissão algo desconcertante em alguém que desejava desencorajar seguidores, alguns dos quais, incluindo Lady Emily, começavam a perguntar-se se a vida dele não seria uma fuga às responsabilidades, já que conseguia viver sempre em lugares belos sem enfrentar os problemas que enfrentam aqueles que trabalham arduamente para sustentar as suas famílias.

Krishna respondeu que não era uma fuga evitar mergulhar em relações desnecessárias, ciúmes e modos de vida convencionais. Evitara deliberadamente os enredos familiares, juntamente com a necessidade de ganhar a vida, embora continuasse a acreditar que poderia ter ganho muito dinheiro — até como mendigo.

Esta rejeição da vida familiar teria deixado perplexo qualquer observador objetivo da sua vida nos meses seguintes.

Notas

1. *Beatrice Wood — Artista e ceramista norte-americana (1893–1998), associada ao movimento dadaísta e conhecida posteriormente pela sua obra em cerâmica.*
2. *Samadhi — Termo do hinduísmo e do budismo que designa um estado profundo de absorção meditativa ou iluminação espiritual.*

Krishna respondeu que não era uma fuga evitar mergulhar em relações desnecessárias, ciúmes e modos de vida convencionais. Evitara deliberadamente os enredos familiares, juntamente com a necessidade de ganhar a vida, embora continuasse a acreditar que poderia ter ganho muito dinheiro — até como mendigo. Esta rejeição da vida familiar teria deixado perplexo qualquer observador objetivo da sua vida ao longo daqueles meses seguintes.

A Primavera chegou e, com ela, o Acampamento de Ojai. Subitamente, Arya Vihara encheu-se de amigos íntimos, da excitação de espíritos esperançosamente elevados à espera das palavras de Krishna. A minha mãe dormia no grande quarto da frente e eu numa varanda envidraçada contígua. Raja não partilhava estes aposentos quando estava em Ojai, mas tinha quartos semelhantes voltados para o relvado, separados por um longo corredor traseiro. Krishna continuava a dormir, como sempre faria, em Pine Cottage. Arya Vihara regressava ao silêncio monástico durante a noite, com Raja a trabalhar, como era seu hábito, muito depois da meia-noite no seu escritório, enquanto hóspedes e devotos se retiravam cedo.

Krishna estava particularmente exaltado depois da sua primeira palestra naquela Primavera. Haveria sempre grandes altos e baixos no fluxo do seu poder magnético. Algumas pessoas saíam das suas palestras

abanando a cabeça em admiração, sem saber exatamente o que ele dissera, mas profundamente impressionadas. Por vezes, apenas uma frase atingia alguém e abria-lhe uma nova perceção vital. Mas Krishna sabia sempre quando uma palestra tinha sido especialmente inspirada. Mesmo que depois dissesse, como habitualmente:

— Não me lembro de nada do que disse, como correu?

nós percebíamos, pelo brilho do seu rosto, pelo sorriso íntimo, que ele sabia perfeitamente o que fizera e como o público o recebera.

À medida que envelhecia, a sua energia diminuía após algumas horas e precisava de ficar sozinho para um longo repouso; mas, ainda jovem, ficava muitas vezes demasiado estimulado para estar só. Era quase como se um outro eu tivesse despertado ou ganhado vida dentro dele.

Rosalind recordava essa primeira palestra da Primavera de 1932 por uma razão muito própria. Lembrava-se da excitação e inquietação dele quando regressaram a Arya Vihara. Estava cheio de riso e brilho quando se dirigiu para a sua cabana, mas quando a grande casa mergulhou na escuridão, regressou e entrou na cama dela. Não era agora o conforto para uma criança doente que procurava.

O que se seguiu assumiu então toda a força do inevitável, embora na altura a tivesse apanhado de surpresa. Contudo, ela acabou por perceber que ele desempenhara durante meses o papel de pai do seu filho e lhe prodigalizara todos os cuidados e atenções de um marido apaixonado e dedicado — um papel do qual Raja parecia ter-se afastado, permitindo a Rosalind envolver-se numa relação amorosa que duraria mais de vinte e cinco anos.

Partindo do princípio de que tinha consciência do estado do casamento entre Rosalind e Raja, e tendo em conta a sua atitude pouco convencional em relação ao matrimónio em geral, para ele os votos matrimoniais tinham pouco significado, as ações de Krishna são compreensíveis, embora não desculpáveis no contexto da relação com Raja, que dedicara a vida a ajudá-lo.

Também não eram desculpáveis no contexto da imagem casta que continuava a projetar e que tinha o cuidado de não manchar, ainda que isso significasse viver uma vida secreta. Continuaria a afirmar publicamente que o verdadeiro amor não distingue relações humanas, mas existe ilimitadamente para todos. Contudo, em privado, ao longo dos anos seguintes, declararia frequentemente e de forma eloquente o seu amor por Rosalind e insistiria em que «o que existe entre nós é a coisa mais importante das nossas vidas».

O milagre é que tão poucas pessoas, ou talvez nenhuma, parecessem suspeitar do que estava a acontecer. O facto de este ser «perfeito» poder ter uma relação daquela natureza teria sido uma reductio ad absurdum[3] para os teosofistas, que já ficariam suficientemente chocados se Krishna tivesse celebrado um casamento legítimo, e os novos seguidores não teosofistas continuariam a colocá-lo num pedestal celibatário.

Mas houve pelo menos uma exceção: Mme de Manziarly, que em 1938 ouviu a filha Mima dizer:

— Que encanto e que doçura, a maneira como Krishna ama Rosalind e a ajuda com Radha.

Ao que respondeu:

— Hum! Um cuco no ninho de outro pássaro.

Mima Porter contou-me isto em 1984, explicando que, quando a mãe a surpreendeu com tal comentário, ela o empurrou para o fundo da memória e não voltou a pensar nisso até acontecimentos posteriores lho trazerem novamente à mente.

Rosalind também possuía uma aura natural de inocência que a protegeu, ao longo da vida, de suspeitas, pelo menos entre os amigos mais próximos. Até Raja nada suspeitou até lhe contarem diretamente, vinte anos depois. Contudo, o desconforto e o sentimento de isolamento que ele sentiria cada vez mais como sendo o seu destino poderão muito bem ter tido origem nesta zona obscura das suas vidas.

Aos trinta e sete anos, Krishna vivera a sua primeira relação sexual e é razoável acreditar que tenha sido com alguém que amara secretamente durante muitos anos. A exuberância nova e jubilosa que frequentemente expressava nesses anos era naturalmente interpretada pelos seguidores como reflexo da sua condição espiritual transcendente, uma manifestação do místico iluminado, e não do amante feliz.

Naqueles primeiros tempos, os momentos a sós entre ambos eram poucos. Rosalind recorda uma noite de Verão em que estava sentada com Krishna no terraço de Arya Vihara, olhando a luz das estrelas no rosto dele, e se sentiu profundamente impressionada pela sua beleza enquanto ele lhe falava do amor que sentia por ela. Sempre fora profundamente tocada pela poesia e ele era um poeta nato.

No entanto, quando se perde pela morte um amor jovem, idealizado e nunca plenamente realizado, isso pode impedir um amor completo com outra pessoa. Rosalind sentiria sempre que Nitya fora o seu amor especial; mas esse amor nunca fora consumado sequer com um beijo e permaneceria um ideal romântico.

O amor que sentira por Raja baseava-se num sólido laço de amizade e talvez ela não tivesse ficado totalmente desolada quando o casamento se redefiniu nesses termos. Krishna proporcionava-lhe tudo aquilo que faltava no casamento: amor físico e a companhia calorosa e atenta que não encontrara em Raja.

Enquanto ela e Raja sentiriam sempre um profundo respeito mútuo pelos ideais e valores que partilhavam, as pequenas mecânicas triviais da vida quotidiana tendiam a afastá-los. Ela era uma pessoa matinal; ele trabalhava até tarde e dormia pela manhã dentro. Ela era ativa; ele sedentário. Não partilhavam o mesmo sentido de humor. Nenhum destes factores, isoladamente, bastaria para destruir um casamento, mas, somados à ausência de amor físico, criaram um vazio considerável. À medida que os anos passavam, Raja tornar-se-ia cada vez mais o vértice distante do triângulo.

Krishna e Raja regressaram à Índia em Dezembro de 1932. Não viam Mrs Besant há dois anos. Apesar de toda a dissensão entre ele e os

teosofistas, Krishna foi recebido calorosamente com grinaldas, uma comissão de boas-vindas e um convite para palestrar no Compound [4].

Mrs Besant encontrava-se num estado triste. A memória falhava-lhe gravemente, mas reconheceu Krishna e Raja e demonstrou-lhes grande afeto. Krishna sentia-se agora completamente deslocado em Adyar, afirmando que não o queriam ali. Segundo Rukmini, George Arundale dissera-lhe que era muito bem-vindo em Adyar, mas que, se não conseguisse evitar troçar dos teosofistas e causar perturbações, deveria partir.

Krishna interpretou isso como uma rejeição definitiva e continuaria a insistir nesse ponto.

Durante toda a minha infância ouviria comentários hostis sobre George, não apenas de Krinsh[5], mas também, de forma mais moderada, de pessoas do nosso círculo que se alinhavam com Krinsh contra os teosofistas, assim como de outros, como os Logan, que permaneciam teosofistas mas mantinham uma atitude crítica, embora nunca cruel, em relação a certas pessoas.

Suspeito que todas essas atitudes provinham das fortes afirmações de Krinsh de que George Arundale fora responsável pelo seu banimento de Adyar. Nunca perceberam que esse exílio resultara do próprio comportamento dele e fora, na verdade, autoimposto.

Um dia, Jinarajadasa chamou Raja de lado e repreendeu-o suavemente por permitir que Krishna saísse tão fora de controlo.

— Quem sou eu? — respondeu Raja, algo irritado. — Quem sou eu para lhe dizer como se deve comportar?

Jinarajadasa disse então a Raja que era uma pena que ele continuasse ao lado de Krishna.

— Se o deixasses e regressasses a Adyar, far-te-íamos vice-presidente daqui.

Ouvi exatamente estas mesmas palavras, em retrospetiva, quarenta anos mais tarde, quando conheci pela primeira vez Yagna, irmão de Rukmini, em Adyar.

— Nós, os teosofistas, perdemos um líder valioso quando o teu pai foi com Krishnaji — disse-me ele. — Mesmo agora, ele devia regressar a Adyar.

Mas já era demasiado tarde em 1932. O meu pai era um homem demasiado comprometido.

Notas:

3. Reductio ad absurdum — Expressão latina que significa «redução ao absurdo», usada para indicar que uma ideia conduz a uma conclusão contraditória ou absurda.

4. Compound — Neste contexto, designação do recinto ou complexo principal da Sociedade Teosófica em Adyar, Índia.

5. Krinsh — Forma abreviada e familiar usada no círculo íntimo para se referirem a J. Krishnamurti.

Quando Leadbeater veio da Austrália para estar junto de Mrs Besant no leito de morte dela, e depois adoeceu também, ouviu dizer que Krishna, na sua última visita, se referira aos que estavam em Adyar como exploradores, pessoas que influenciavam os outros para os seus próprios fins.

— Sou eu um explorador? — perguntou o velho a Rukmini, que cuidava dele.[1]

Leadbeater morreu no ano seguinte com a pergunta sem resposta — pelo menos da parte de Krishna, que nunca mais voltou a vê-lo.

Em Abril de 1933, Krishna e Raja despediram-se definitivamente de Mrs Besant. Ela morreu cinco meses depois e, durante os cinquenta anos seguintes, Krishna não voltou a pôr os pés em Adyar. Com George Arundale como novo Presidente, os laços dele com a Sociedade Teosófica ficaram completamente rompidos.

A memória de um passado tão profundamente dependente da Teosofia estava, segundo afirmava, completamente apagada. Esta afirmação era fundamental para a sua interpretação da mente livre, conceito que vinha desenvolvendo desde que rejeitara o papel de veículo [2].

Para que a mente seja libertada, não pode existir memória psicológica de todas as misérias pegajosas que a sociedade impõe àqueles que procuram respeitabilidade. A perda total da memória permitia-lhe também reivindicar originalidade em todos os seus ensinamentos, embora estes revelem uma marcada semelhança com muitos dos Upanishads[3] e com os ensinamentos do Buda, ambos profundamente estudados por ele na juventude em Adyar. Claro que há quem diga que existe apenas uma verdade e que a verdade soa sempre da mesma maneira.

No Verão de 1933, Rosalind levou-me consigo para Ommen, onde encontrou Krishna e Raja, regressados da Índia. Como habitualmente, Raja estava totalmente absorvido no trabalho e sofria também de ataques intermitentes de reumatismo doloroso. Mas havia muitos amigos à nossa volta que demonstravam um carinho especial por mim, e Rosalind tinha sempre muitas mãos disponíveis para ajudar.

Mesmo em Ommen, Krishna por vezes pedia a Rosalind que fosse ter com ele à cabana e, embora ela acedesse, isso deixava-a nervosa. O segredo era muito mais do interesse dele do que do dela, e, ainda assim, ele parecia não temer a possibilidade de serem descobertos. A atitude dele era realista.

Um dia, Annie Vigeveno, uma participante do acampamento, recebeu a incumbência de limpar a cabana de Krishna. Pensando que ele estivesse ausente, estava a varrer a sala quando ouviu Rosalind e Krishna a conversar no quarto e recorda ter ficado um pouco surpreendida com alguns comentários pouco elogiosos de Krishna sobre certas pessoas.

Fora isso, a situação não a perturbou; presumiu simplesmente que Krishna estaria a receber uma massagem de Rosalind. Não permitiu que qualquer outra possibilidade lhe ocorresse. Admite que teria achado tudo muito estranho se se tratasse de quaisquer outras pessoas. [4]

Rosalind não sentia culpa em relação a Raja, porque acreditava que ele lhe dera uma liberdade simbólica. Evidentemente, não se preocupava

com eventuais sentimentos de culpa de Krishna, caso ele fosse capaz de os sentir.

Nesse Verão, algo levou Krishna a escrever uma carta a Raja, carta essa que primeiro entregou a Rosalind para ela ler. Ela achou-a bela e ficou profundamente tocada pelo que nela estava escrito. Krishna explicava que amava Rosalind e o seu bebé e queria assumir plena responsabilidade por ambos.

E, em privado, disse-lhe que casariam e iriam viver juntos numa ilha qualquer. Certamente não foi a primeira mulher do mundo a ouvir tais palavras, e é sinal da ingenuidade dela ter-lhes dado algum crédito.

Quando Krishna regressou dessa missão, contou que Raja o magoara ao rir-se na cara dele e ao afastar toda a ideia como absurda.

Raja poderia perfeitamente ter perguntado como tencionava Krishna tomar conta de outras pessoas se nem sequer conseguia tomar conta de si próprio.

Krishna deve ter deixado claro a Rosalind que não existiria qualquer alternativa como viverem juntos abertamente sem casamento, e Rosalind também sentia que a relação sexual entre ambos dizia respeito apenas a eles e não ao mundo em geral.

Ela via Krishna primeiro como homem e amante, antes de o ver como mestre espiritual mundial; sempre tivera dificuldade em encará-lo nesse papel. Talvez tenha sido precisamente o facto de ele não lhe parecer extraordinário que tornou possível amá-lo — e que permitiu que ele a amasse da forma como a amou.

Naquela altura, Rosalind não questionou que Krishna tivesse realmente entregue a carta a Raja. O facto de Raja nunca lhe ter falado dela e de continuar a comportar-se exatamente da mesma forma para com ela, sem reação aparente, poderia ter levado a maioria das pessoas a estranhar. Ainda assim, é característico de Rosalind não se deter nisso e simplesmente presumir que Raja não ficara perturbado com o que soubera e aceitara tudo silenciosamente.

Quando interroguei Raja cinquenta anos depois, ele tinha a certeza de que nunca existira qualquer carta (se tivesse existido, teria certamente sido encontrada nos seus arquivos, pois nunca deitava fora o mais pequeno pedaço de papel).

Raja recordava apenas um comentário vago de Krishna, que interpretara como mais uma das suas ideias quixotescas, sem jamais suspeitar da verdadeira natureza da relação entre ele e Rosalind.

Porque Krishna conhecera Rosalind primeiro, e porque Raja reconhecia que existia entre eles um sentimento especial anterior ao seu casamento, sentia que não lhe cabia questionar uma relação que considerava totalmente inocente.

Quando terminaram as palestras em Ommen, Krishna tinha programada uma viagem à Noruega. Raja, ainda profundamente envolvido nos assuntos organizativos em Ommen, não podia acompanhá-lo. Assim, de forma perfeitamente natural, Rosalind foi no lugar dele, deixando-me aos cuidados do meu pai e de duas senhoras muito dedicadas em Ommen, Anneke Korndorfer e Annie Vigeveno.

Foi a primeira vez que a minha mãe me deixou sem ser ao cuidado da minha avó. Era implicitamente entendido por todos os que rodeavam Raja e Rosalind que as suas vidas estavam dedicadas a um propósito superior que envolvia cuidar de Krishna e, por essa razão, é improvável que alguém questionasse tais arranjos.

A relação amorosa continuou na Noruega de forma mais intensa do que nunca.

Ao regressarem à Califórnia no final do Verão, Raja ajudou Erma e Sophia a comprar uma casa na Gower Street, abaixo das colinas de Hollywood. Instalou o escritório do Star Publishing Trust numa propriedade adjacente.

Este bairro fazia fronteira com os antigos terrenos da sede teosófica e continuava fortemente povoado tanto por teosofistas como por devotos de Krishna. Raja passava cada vez mais tempo em Hollywood, satisfeito com a companhia de Sophia e Erma, assim como de numerosos amigos.

Se, inconscientemente, percebia a posição de excluído que ocupava em Ojai, teria achado psicologicamente doloroso trazer essas implicações à superfície. Tal reconhecimento implicaria afastar-se do compromisso que assumira não apenas com Mrs Besant, mas também consigo próprio, colocando-o, bem como o seu trabalho, numa posição insustentável, tanto pública como privadamente.

Raja estava bem consciente de muitas contradições em Krishna, mas havia já alguns anos que se convencera da amizade dele para consigo.

Para Raja, a amizade implicava uma reciprocidade de lealdade e afeto demasiado profunda e forte para precisar de afirmações explícitas; e, tal como Mrs Besant, que era ela própria demasiado sincera para detetar sempre a falsidade nos outros, Raja era cegado pelos seus próprios elevados ideais.

As cartas de Rosalind aos amigos neste período demonstram a proximidade entre os três e a estrutura das suas vidas — estranha segundo padrões convencionais, mas evidentemente não para nenhum deles.

Duvido que alguma vez se interrogassem sobre o que os outros pensavam. Mas também não precisavam de o fazer, porque, dentro do seu vasto círculo, estavam acima de qualquer reprovação ou crítica.

À superfície, pareciam viver uma vida encantada, cheia de pessoas interessantes, viagens e aceitação em qualquer meio social que escolhessem frequentar. Mas nenhum deles possuía a atitude habitual perante a sociedade. Os três eram inconformistas e desprezavam a própria ideia de serem considerados «respeitáveis». Na verdade, Krishna considerava o desejo de respeitabilidade a principal raiz da infelicidade.

14

Infância no Jardim dos Sábios

A minha primeira memória completa é estar deitada no berço em Arya Vihara e sentir cheiro a fumo. Mais do que ver, pressenti a forma de uma figura através da janela, mas vi claramente um brilho vermelho intermitente, como uma brasa.

Eu estava no quarto da frente, com o berço junto à janela aberta protegida por rede, porque era uma noite quente e escura de Julho. A sala de jantar parecia estar a uma enorme distância — para além da sala de estar e do grande hall de entrada.

Ouvia vozes de adultos e, acima delas, chamei pela minha mãe, que veio rapidamente, como sempre fazia, porque eu não tinha tendência para falsos alarmes.

Mas naquela noite ela não detetou o cheiro a fumo (nunca tivera um olfato apurado) e pensou que eu estava a imaginar coisas quando lhe descrevi a luz brilhante. Duvido que alguém tivesse alguma vez tido a ousadia de fumar diante de Krinsh [5], pelo que provavelmente nunca tinha visto um cigarro ou charuto.

Na noite seguinte voltei a chamar e, desta vez, a minha mãe acreditou em mim. Os outros não acreditaram em nenhuma de nós.

Muitos anos depois, a minha mãe contou-me que decidira que, se ninguém acreditasse e ela se convencesse de que eu corria verdadeiro perigo, teria pegado no carro e fugido comigo.

Suspeito que tanto o meu pai como Krinsh a teriam considerado histérica se soubessem o que lhe passava pela cabeça. Mas o rapto do filho de Lindbergh [6], poucos anos antes, continuava a ser uma história de horror profundamente viva na mente de muitas mães jovens, e a minha mãe sabia que, entre o vasto público de Krinsh, havia algumas pessoas pouco equilibradas.

Só um amigo, o Major Dev Meyers, se deu finalmente ao trabalho de olhar debaixo da janela, onde encontrou cinzas de charuto. Observou

durante várias noites e acabou por apanhar o homem: um pobre vagabundo com antecedentes de voyeurismo.

À exceção dessa lembrança, as memórias da minha infância são uma tapeçaria sem ordem cronológica, tecida de lugares belos e pessoas amorosas. As recordações dessas pessoas agrupam-se em torno dos lugares como limalhas de ferro, sem referência ao tempo, e não dão mais peso aos vivos do que aos mortos.

Notas:

1. Rukmini — Rukmini Devi Arundale (1904–1986), importante figura cultural indiana, ligada à Sociedade Teosófica e fundadora da escola de dança Kalakshetra.
2. Vehicle / veículo — Referência ao conceito teosófico segundo o qual Krishnamurti seria o «veículo» escolhido para a manifestação de uma entidade espiritual superior, o Instrutor do Mundo.
3. Upanishads — Textos filosóficos e espirituais do hinduísmo, considerados parte fundamental da tradição védica.
4. O episódio ilustra a idealização extrema de Krishnamurti pelos seus seguidores, incapazes de conceber nele comportamentos considerados mundanos ou íntimos.
5. Krinsh — Forma íntima e abreviada de tratamento usada no círculo próximo de J. Krishnamurti.
6. Rapto do filho de Lindbergh — Sequestro e assassinato, em 1932, do filho bebé do aviador Charles Lindbergh, caso que teve enorme repercussão internacional.

Em primeiro lugar estavam os Logan, que atravessavam o país desde a Pensilvânia duas vezes por ano num enorme Packard com uma coruja prateada orgulhosamente colocada na dianteira. Vinham durante dois meses na Primavera e novamente no Outono, e as nossas vidas estavam intimamente ligadas.

Rosalind conhecera Sara Logan pela primeira vez em 1926, na Índia. Quase de imediato desenvolveram uma amizade muito próxima.

Sara usava sempre vestidos brancos fluidos e xailes, tinha cabelos brancos sedosos e olhos azuis penetrantes suavizados por um sorriso gentil.

Robert, ou Mr Robbie, como todos lhe chamávamos, era mais intimidante — pelo menos para uma criança pequena.

Vestia-se com rigorosa adequação à ocasião: calções largos e boné com pala para golfe e caminhadas, factos brancos leves para badminton e calças e casaco de veludo para os jantares em Arya Vihara.

Robert e Sara compraram a antiga casa de hóspedes atrás de Arya Vihara, com os seus três ou quatro acres de terreno e duas pequenas casas. Chamaram à casa principal Saro Vihara e decoraram-na com tapetes indianos, cerâmicas e cestos que recolhiam todos os anos durante as viagens através das reservas indígenas.

Robert Logan era descendente direto de James Logan, secretário quacre de William Penn [7]. Ironicamente, James Logan fizera fortuna com o comércio de peles, enquanto o pai de Robert, Sydney Algernon Logan, fora um dos fundadores da Anti-Vivisection Society[8], à qual deixou a sua fortuna.

Robert foi ainda mais longe do que o pai na proteção dos animais. Era vegetariano e, juntamente com Sara, fazia campanha contra o uso de produtos de couro e peles.

Tinham encontrado muitos espíritos afins na Sociedade Teosófica, mas o pacifismo ardente de Robert era um ideal herdado da tradição quacre da família Logan.

Nos últimos anos da sua vida, Robert costumava dizer que Sara possuía o tipo de beleza que se aprofunda com a idade. Gostava também de descrever um momento da juventude, num baile de debutantes na Filadélfia, em que duas das mulheres mais belas que alguma vez vira estavam no topo da escadaria: Carolyn Hastings, uma morena deslumbrante, e Sara Wetherill, uma loira igualmente deslumbrante.

Nenhuma delas poderia imaginar naquele instante que um dia partilhariam o interesse por Krishnamurti.

Robert nascera em circunstâncias que lhe permitiam nunca precisar de trabalhar, mas, devido à sua formação quacre, esperava-se que adquirisse uma profissão e, pelo menos durante algum tempo, demonstrasse ser capaz de viver dela.

Ele e Sara chegaram a viver num pequeno apartamento sem elevador e sem água quente em Nova Iorque, enquanto ele exercia advocacia e almoçava refeições de quarenta cêntimos no Delmonico [9].

Entrara para o Players' Club [10] e, em anos posteriores, contava histórias dos encontros que tivera ali com o já idoso Mark Twain.

Acabaram por se mudar para a propriedade de quase duzentos acres perto da Filadélfia, a que chamaram Sarobia e que o pai de Sara lhes oferecera como presente de casamento.

Robert abandonou a advocacia e tornou-se agricultor abastado e erudito. Escrevia também excelente poesia, traduziu a Divina Comédia para um belo inglês, dedicou-se à escultura e geria os seus investimentos bolsistas.

Com o tempo, tanto Sara como Robert se afastaram da vida mundana para seguir um caminho humanitário e espiritual. Também ajudaram a promover artistas e atores e, antes do envolvimento com Krishna, apoiavam um teatro de Verão em Sarobia.

Acolhiam sob o seu teto inúmeras pessoas necessitadas, algumas já idosas e deslocadas, que permaneceram ali permanentemente.

Atrás dos relvados de Arya Vihara havia um pátio de tijolo, com uma trepadeira de trombeta, rochedos em socalcos e um lago retangular com nenúfares, tudo oferecido por Sara, que adorava desenhar jardins.

Também criou um campo de croquet abaixo do terraço e, embora não jogasse, mandou construir um campo de badminton em cimento na extremidade do pomar.

Numa Páscoa, a minha mãe trouxe-me um pequeno pato. O facto de lhe faltar uma glândula de óleo quase provocou uma tragédia tanto para ele

como para mim, pois não conseguia impermeabilizar as penas. Sempre que entrava na piscina afundava-se.

Com a lógica dos meus três anos, pensei simplesmente que ele não sabia nadar. Insistia em tentar mantê-lo à tona. Como eu própria também não sabia nadar, foi uma sorte haver sempre alguém por perto.

O pato e eu mergulhávamos ambos diretamente para o fundo da piscina.

Um dia, Mr Robbie pensou estar a ver-me tentar afogar o pobre animal, pois não compreendia o problema da glândula de óleo — na verdade, nenhum de nós compreendia ainda.

— Vi claramente a Radha a tentar afogar o pobre bichinho.

— Oh, não! A Radha nunca faria isso. Ela estava a tentar salvá-lo! — respondeu a minha mãe, enfrentando a irritação dele em minha defesa.

Mas nenhuma explicação da minha mãe acerca das minhas intenções, que pelo menos ela compreendia, conseguiu apaziguar a irritação dele comigo. Mr Robbie nunca tolerava qualquer crueldade ou sequer negligência para com os animais e, na opinião dele, as crianças eram frequentemente os piores infratores e nem sequer valia a pena conhecê-las antes de aprenderem a ser civilizadas.

Talvez sob influência de Sara, tolerasse melhor a minha presença do que a da maioria das crianças e, um dia, viríamos realmente a amar-nos muito. Mas durante três dias não falou nem comigo nem com a minha mãe por ela me ter defendido.

Por uma enorme sorte, poucos dias depois leu numa revista um artigo sobre a ausência da glândula de óleo noutro pato e desculpou-se da forma mais graciosa possível.

Quando se tratava de apertar rãs — ou srogs, como eu lhes chamava — até Mr Robbie teve de reconhecer que eu era culpada apenas de um amor excessivamente entusiástico por essas criaturas e, com enorme paciência, acabou por convencer-me de que devia demonstrar um pouco menos de paixão por elas.

Eu adorava Sara, que, ao contrário de Mr Robbie, nunca era severa e passava muito tempo a entreter uma criança pequena.

A filha deles, Deborah, que tinha aproximadamente a idade da minha mãe, encontrava-se tragicamente separada de Sara e Robert naqueles anos. Mas essa era uma história que eu viria a conhecer mais tarde.

Havia muitas pessoas à nossa volta que tinham sofrido tragédias e encontravam consolo e renovação nas palavras de Krinsh.

Algumas compreendiam que um caminho iniciado na dúvida e conduzindo à investigação e à busca constituía em si mesmo o objetivo; que não existia resposta para além da experiência individual direta e imediata para a qual Krinsh tentava abrir caminho nas suas palestras.

Os Logan estavam entre aqueles que tinham construído uma ponte entre Krinsh e a Teosofia, tal como a minha tia Erma. Pareciam não encontrar qualquer contradição entre os preceitos teosóficos da fraternidade universal e do alívio do sofrimento e a visão de Krinsh de que a liberdade reside numa mente não condicionada, livre de pensamentos, memórias e crenças do passado.

Acreditassem ou não nos Mestres [11] e nos aspetos ocultistas da Teosofia, consideravam irrelevante discuti-lo.

Por muito que gostasse de estar com a minha avó em Hollywood e sentisse a falta dela durante as minhas longas ausências, a vida em Ojai era melhor.

O meu primo David, filho de Grace e Willie, vivia lá. Era apenas um ano mais novo do que eu e éramos tão próximos quanto irmão e irmã. Passava a maior parte do tempo na nossa casa quando estávamos em Ojai.

Muitas vezes me perguntei como seria a vida de David quando nós não estávamos presentes, porque o mundo dele acabou por girar tanto em torno do nosso.

O pai dele, Willie, administrava o rancho e David e eu seguíamo-lo para todo o lado e andávamos com ele no trator. Provavelmente éramos um incómodo colossal, mas ele nunca nos fazia sentir isso.

Willie era imensamente forte e conseguia facilmente carregar-nos aos dois, um debaixo de cada braço. Por mais cansado que estivesse ou por mais longo que tivesse sido o dia, o riso surgia-lhe sempre com facilidade, brotando do seu peito robusto como água límpida de nascente.

Notas:

7. William Penn — Fundador da colónia da Pensilvânia e importante figura quacre inglesa do século XVII.

8. Anti-Vivisection Society — Organização dedicada à oposição à vivissecção, isto é, à experimentação em animais vivos.

9. Delmonico's — Restaurante histórico e prestigiado de Nova Iorque, famoso desde o século XIX.

10. Players' Club — Clube privado nova-iorquino fundado pelo ator Edwin Booth, frequentado por artistas, escritores e intelectuais.

11. Mestres — Na Teosofia, seres espiritualmente evoluídos ou «Mestres Ascensos», considerados guias ocultos da humanidade.

Willie Weidemann era filho de Frederick Weidemann, um célebre cantor de ópera em Viena no início deste século. Em jovem, Willie cantava frequentemente no coro da Ópera de Viena. Um dos irmãos seguiu as pisadas do pai e tornou-se também cantor de ópera. Mas não Willie.

Revoltou-se contra a vida mundana e luxuosa da Viena anterior à Primeira Guerra Mundial e fez a si próprio um voto — que nunca quebrou — de nunca tocar em álcool.

Frequentou uma escola superior agrícola na Dinamarca, formou-se em agronomia de relvas e cereais e depois partiu para a América, onde conseguiu trabalho a treinar cavalos no Dakota do Sul.

Acabou por chegar a Ojai, onde trabalhou com Marvel, a irmã mais velha de Rosalind e Grace, na criação de galinhas dela. Foi ali que viu Grace pela primeira vez, ajudando-a a sair do assento traseiro exterior de um automóvel. Foi amor à primeira vista.

Com o tempo, Raja pediu-lhe que assumisse a administração do pomar de laranjeiras de Arya Vihara e a família Weidemann mudou-se para uma das casas no terreno de Mr Robbie, ao lado.

Raja precisava também da ajuda de Willie no escritório e Willie, com a sua capacidade de aprender qualquer coisa até à perfeição, tornou-se não apenas diretor administrativo mas também amigo íntimo e confidente de Raja.

Embora estivesse no centro das nossas vidas, Willie nunca demonstrou qualquer interesse pelo lado filosófico da vida em torno de Krinsh. Ajudava em todos os assuntos financeiros e práticos, listas de correio, livros, chegando mesmo a sentar-se atrás da mesa para vender publicações durante as palestras.

Muitos anos depois, já reformado, disse-me que nunca se interessara pelo que Krinsh dizia porque cedo percebera a enorme discrepância entre aquilo que Krinsh afirmava e aquilo que fazia.

Willie nunca comentou isso com ninguém, porque não considerava ser assunto seu, mas decidiu silenciosamente que encontraria o próprio caminho, como sempre fizera — e exatamente como o próprio Krinsh recomendava publicamente.

Naqueles primeiros anos, eu também não tinha o mínimo interesse naquilo que Krinsh dizia em público. Parecia-me espantoso que milhares de pessoas pudessem ficar hipnotizadas pelas suas palavras. O comportamento privado dele era muito mais intrigante.

Também percebia, com gratidão, que as ações dele atraíam frequentemente para si a atenção e irritação dos meus pais, que de outra forma poderiam recair sobre mim.

O hábito de Krinsh comer apenas metade de tudo irritava a minha mãe. Ficavam sempre metades de bananas, maçãs, bolachas ou torradas para ela arrumar. Nunca se deitava nada fora nem se desperdiçava coisa alguma, por isso alguém tinha de ser encontrado para comer a outra metade.

A minha mãe também tinha a sua própria maneira de ser irritante. Creio que era jogadora por natureza, porque adorava correr riscos. Tinha quase sempre sorte e ganhava nos jogos de azar.

Certa vez, numa viagem de navio, Sara financiou-a numa partida de bridge e Rosalind devolveu-lhe o valor multiplicado por dez.

Essa sorte irritava particularmente o meu pai, que parecia possuir muito pouca sorte pessoal.

Era dolorosamente meticuloso em tudo, característica já de si irritante para alguns de nós, e, no entanto, era constantemente atormentado pelas graves consequências dos erros dos outros, enquanto a minha mãe atravessava essas desventuras sem sequer lhes prestar atenção.

A sorte dela revelava-se muitas vezes na condução. Certamente teria merecido algumas das multas que nunca recebeu, embora fosse sempre uma excelente condutora e nunca tivesse tido um acidente.

Nunca deixava tempo suficiente para nada e, ainda assim, conseguia fazer tudo e chegar quase a horas (considerava um atraso constante de dez minutos como pontualidade aceitável para ela).

Krinsh consultava constantemente o relógio de bolso Patek Philippe em ouro que Mr Robbie lhe oferecera, sublinhando assim a falta de pontualidade dela.

Krinsh nunca se atrasava para nada (a não ser por causa da minha mãe).

Lavar a loiça era frequentemente motivo de considerável tensão entre ela e Krinsh.

Primeiro, empilhava os pratos no lava-loiça de maneira tão instável que inevitavelmente deveriam cair — mas nunca caíam, hábito que atribuíamos ao seu espírito aventureiro.

Depois lavava-os à pressa e sem grande cuidado, enquanto Krinsh e eu secávamos. Ele inspecionava os pratos em busca de restos de comida e devolvia-os para serem lavados outra vez.

A irritação aumentava de ambos os lados e toda a rotina se transformava numa agitação marcada por conversas rápidas, meio a brincar, meio zangadas.

O meu pai já se tinha retirado há muito para o escritório. Não sentia qualquer obrigação de participar nessa tarefa doméstica e considerava tais pequenas escaramuças intoleravelmente mesquinhas.

As razões que ele tinha para se irritar com Krinsh pareciam-me, mesmo a mim, mais sérias.

Krinsh adorava prometer coisas às pessoas. Nunca conseguia dizer não a um pedido. Por vezes até se oferecia para emprestar dinheiro.

Claro que não tinha dinheiro consigo nem conta bancária. Duvido que alguma vez tenha passado um cheque na vida.

Krinsh não tinha qualquer noção do valor do dinheiro. Mil dólares significavam-lhe tanto como vinte.

O meu pai acabava então por ter de emitir o cheque ou explicar ao suplicante que não existiam fundos para empréstimos.

Mesmo em criança eu percebia que o dinheiro era escasso durante toda a minha infância.

A minha mãe administrava a casa com um orçamento rigoroso, fazia todas as minhas roupas e também as camisas e pijamas de Krinsh e do meu pai.

Aprendi muito cedo que o melhor era nunca pedir nada, embora também nunca sentisse necessidade disso.

A vida em Arya Vihara era divertida. Não precisávamos de brinquedos nem de distrações dispendiosas.

A escola Mary Gray's School of the Open Gate continuava ao lado de Arya Vihara, embora Erma já não tivesse qualquer ligação a ela.

David e eu estudávamos lá, embora a minha frequência devesse ser bastante irregular devido às muitas viagens daqueles tempos.

Era geralmente Krinsh quem me preparava para a escola e me ensinou a apertar os atacadores à maneira dos estudantes ingleses, com uma ponta presa por baixo para nunca se desfazerem.

Também engraxávamos juntos os sapatos todas as tardes antes do jantar.

Apesar de toda essa atenção aos sapatos, nunca gostei realmente deles e, assim que pude escolher, passei a usar sandálias ou andar descalça.

O próprio Krinsh costumava usar sandálias indianas ou ténis em Arya Vihara.

Quando eu era muito pequena, chamava-me Tum-Tums. Felizmente, modificou depois isso para Kittums, quando o nome já começava a importar, e assim ficou para sempre.

Fez um esforço sincero para partilhar comigo o seu interesse pela aprendizagem de línguas e tínhamos diariamente meia hora de discos Linguaphone de francês antes da escola.

Não era um bom professor de línguas, porque nunca me dava qualquer indicação de que a minha pronúncia estivesse a melhorar. Limitava-se a dizer:

— Não, não, não é assim.

e a lição terminava com um sorriso tolerante que estava longe de ser encorajador.

O mesmo método aplicava às minhas aulas de ioga, e desde então tenho achado ambas as disciplinas particularmente difíceis.

Mas, de todos os adultos à minha volta, Krinsh era sem dúvida o mais divertido. Nunca era severo nem rígido, sempre afetuoso e quase sempre disposto a brincar.

Arya Vihara era uma ilha à parte; nunca ouvíamos o que o resto de Ojai pensava de nós. Mas certamente havia quem se interrogasse sobre quem éramos e o que fazíamos.

Nem sequer pertencíamos à comunidade teosófica, que Krinsh evitava firmemente naquela época.

Mas nada na nossa vida me parecia estranho, nem mesmo mais tarde, quando alguns colegas de escola insinuaram que era.

Naturalmente, nos primeiros anos a maior parte dos meus companheiros eram filhos de seguidores de Krinsh, pelo que eu não tinha problemas.

Ele juntava-se sempre a David, a mim e aos nossos amigos no relvado para brincar às escondidas.

Eu tinha enorme orgulho em dizer que, além de Mummy e Daddy, também tinha um Krinsh — algo que mais ninguém parecia possuir.

Os animais selvagens faziam frequentemente parte da nossa vida.

Um dia, Krinsh trouxe para casa três crias de gambá cuja mãe tinha sido atropelada. Alimentámo-las com conta-gotas e elas penduravam-se pela cauda no topo da gaiola de arame, crescendo até serem suficientemente grandes para seguirem o próprio caminho no mundo.

Eu percebia que os animais selvagens eram apenas visitantes e não membros permanentes da casa, mas mesmo assim afeiçoava-me profundamente a eles.

Uma vez encontrámos um pequeno cangambá no jardim e tornou-se animal de estimação durante várias semanas. Mais afável do que o nosso gato, aninhava-se junto ao meu pescoço e eu adorava-o, cheiro incluído.

Numa manhã desapareceu da pequena casota instalada sobre um leito de terra no pátio.

O cheiro característico do cangambá pairara em torno da casa durante toda a noite. Conseguíamos ver as marcas das pequenas patas dele a

escavar de dentro para fora e as grandes pegadas da mãe a escavar do lado de fora para recuperar o filho perdido.

O meu pai adorava animais, mas também era extremamente asseado e não apreciava os meus patinhos a correrem sobre a cama dele nem um cachorro a urinar no tapete do escritório.

Só nessas ocasiões eu via a irritação que às vezes dirigia a Krinsh, mas nunca me senti intimidada por ele, porque havia sensatez na sua zanga e ela desaparecia assim que a causa era removida.

Havia visitantes constantes. Uma pessoa que ocupou um lugar muito especial nas nossas vidas durante mais de cinquenta anos foi Blanche Matthias.

Era excelente poetisa, crítica de arte e possuía grande talento para reunir boas combinações de pessoas. Estendeu o seu afeto e generosidade a três gerações da nossa família.

Blanche fora apresentada a Krinsh antes de eu nascer por Mima Porter, a mais velha das irmãs de Manziarly, agora viúva de um americano. Foi a única das irmãs de Manziarly a casar.

Blanche escreveu as suas recordações desse primeiro encontro com Krinsh:

A minha amiga conduziu-me através de um grande pomar de citrinos, passando por uma casa de boas dimensões, até uma pequena cabana de um só compartimento. Pediram-me que tirasse os sapatos e, deixando-os à porta, entrei sozinha na sala escurecida.

À minha espera, sentado calmamente no chão, encontrava-se o ser mais belo que eu alguma vez vira. Era tão tímido quanto eu e não me recordo de uma única palavra da nossa conversa — ou sequer se falámos.

Saí dali com a certeza de que existia algo na vida que eu nunca suspeitara. Algo para além da escrita, da música e da arte — algo para além do Cristianismo e das peles brancas. [12]

Foi Blanche quem deu início a uma série de Verões em Carmel. Aí apresentou-nos (na verdade, apresentou Krinsh) aos seus amigos: o poeta Robinson Jeffers, o escritor Erskine Scott Wood e o fotógrafo Edward Weston, entre outros.

Foi também Blanche quem organizou e providenciou o alojamento para todos nós.

Em 17 de Julho de 1934, Rosalind escreveu:

Querida Blanche,

Ontem decidimos todos que, considerando várias circunstâncias, preferíamos ir para Carmel em Setembro, se isso realmente vos for conveniente... Krishnaji acha que Raja deve primeiro ter um mês livre de trabalho para que a mente esteja fresca para o livro que irão fazer em Carmel.

...Quanto aos quartos: são todos excessivamente gentis com os vossos arranjos, mas na verdade não precisamos de tantos quartos. Se Krishnaji tiver o seu quarto e outro espaço onde possam trabalhar, pensamos que seria melhor ficarmos todos juntos no hotel — de outra forma eu nunca poderia estar com eles e ajudá-los se o bebé estivesse sozinho, a dormir, etc. Portanto, se eu pudesse ter um quarto para o bebé e para mim, e Raja outro quarto, seria perfeito. Por favor, não façam isso se significar expulsar alguém do Otek.

Muito amor de ambos,
ROSALIND

O hotel mencionado era o Peter Pan Lodge, em Carmel Highlands, que infelizmente, para tristeza dos muitos que o amavam, ardeu cerca de trinta anos depois.

Passaríamos ali muitos Verões.

Rosalind não podia imaginar, ao escrever essa carta, que o quarto dela e o de Krishna ficariam lado a lado, cada um com a sua pequena varanda, e que Krishna assumiria o risco tremendo de saltar entre elas à maneira de Errol Flynn para entrar no quarto dela durante a noite.

Tendo isto em conta, a aparente preocupação dele em que Raja estivesse descansado e com a mente clara para ajudar no livro mostra quão confortavelmente Krishna se colocava no centro daquele casamento.

Também demonstrava um instinto protetor paternal em relação ao bebé de Raja.

Numa noite, enquanto me levava ao colo pelas escadas do Lodge, Krinsh escorregou e caiu, e todos os presentes notaram — e comentaram durante anos — a forma como me protegeu a qualquer custo para si próprio.

As memórias de Carmel continuam vívidas: Peter Pan Lodge e Wendy, que o administrava; Tinkerbell, o gato; a gaivota de asa partida que tentámos curar.

Todas as noites havia caldo claro de potássio ao jantar, com um pouco de salsa a flutuar, e talos de aipo e cenoura servidos frios com gelo. Não me recordo do resto da refeição, mas sem dúvida esforçavam-se por oferecer boa comida vegetariana.

Era sobretudo o tempo de Krinsh e da minha mãe juntos.

Consigo vê-lo sentado na borda da cama dela, espalhando creme frio no rosto dela com massagens.

Ela vestia-se sempre bem e com cuidado e tratava da pele e do cabelo, mas, se não o fizesse, ele certamente encarregar-se-ia disso.

Devia ser muito forte, porque me carregava para todo o lado quando eu me cansava de seguir atrás deles pelos rochedos e poças de maré de Point Lobos e pelos trilhos protegidos pelos pinheiros nas colinas atrás do Peter Pan.

Onde estava o meu pai nessas ocasiões, não sei. Não faz parte das minhas recordações de Carmel.

Nos Verões em que esteve connosco ali, devia passar a maior parte do tempo no quarto a trabalhar em manuscritos.

Teria sido pouco característico dele acompanhar Krinsh, a minha mãe e a mim nos passeios. Também à noite, depois de todos se recolherem, trabalharia sozinho no quarto, e de manhã dormiria até tarde, como era hábito depois de passar metade da noite a trabalhar.

É Krinsh quem recordo nitidamente, rindo muitas vezes, sobretudo quando estava com a minha mãe.

O nosso mundo parecia então inundado de alegria, delicadeza — e amor.

Nota:

12. A expressão «white skins» («peles brancas») reflete o contexto racial e cultural da época e a perceção de Blanche Matthias de um mundo espiritual para além dos limites culturais ocidentais tradicionais.

15

Para Além do Jardim

Embora Raja tivesse alguns colaboradores dedicados no escritório de Hollywood, dirigia tudo praticamente sozinho e assumia responsabilidade pessoal por todos os detalhes das múltiplas facetas do trabalho.

Administrar os vários fundos fiduciários, manter as contas, calcular impostos, obter vistos, organizar os itinerários e palestras de Krishna em meia dúzia de países ou mais — tudo isso eram tarefas que Raja se recusava a confiar a qualquer outra pessoa.

Mas, acima de tudo, o mais importante era a edição meticulosa dos manuscritos e transcrições literais das palestras de Krishna.

Por isso, eu via muito pouco o meu pai.

Os horários dele não eram compatíveis com os de uma criança. Vestia-se geralmente a meio da manhã, muitas vezes saltava o almoço, fazia uma breve aparição ao jantar e trabalhava até às quatro da madrugada.

Quase nunca ia a Ojai, preferindo permanecer em Hollywood com a minha avó e Erma.

Erma admirava-o imensamente e costumava perguntar-se por que razão a minha mãe parecia gostar tanto da companhia de tantas outras pessoas quando estava casada com um homem tão fascinante como o meu pai.

Naturalmente, nunca suspeitou minimamente de Krinsh. Ter sabido disso poderia ter-lhe partido o coração — ou talvez tivesse integrado tal conhecimento na sua ampla visão filosófica da vida.

No início de 1935, Rosalind descobriu que estava grávida.

Fora severamente avisada de que outro parto colocaria a sua vida em perigo. Para evidente alívio de Krishna, decidiu não ter o filho dele — por razões de saúde e não de discrição.

Dirigiu-se a um amigo osteopata numa cidade a leste de Los Angeles. Só Krishna sabia do assunto.

Mostrou-se muito compassivo e atencioso, ajudando-a a entrar e sair do autocarro, embora não se oferecesse para a acompanhar.

Só ele podia compreender os cuidados de que ela necessitaria durante os dias seguintes.

Rosalind ficou bastante doente, mas a família atribuiu isso a uma ligeira crise de apendicite, de que sofria ocasionalmente e da qual recuperava sem ajuda médica.

Se Krishna sentiu qualquer remorso pela responsabilidade que tinha no sofrimento dela, não o demonstrou para além de ser gentil e carinhoso — nem sequer tomando mais precauções do que aquelas que garantia a Rosalind estar a usar. (Realisticamente, é difícil imaginar como o antigo Instrutor do Mundo teria adquirido tais precauções ou como ela poderia ter sido tão ingénua ao acreditar que ele as usava.)

Sophia não era tão cega como todos os outros pareciam ser.

Tinham passado todos juntos um período invulgarmente longo em Hollywood, sob a observação silenciosa de Sophia.

— Devias ter cuidado com Krishna — disse ela a Rosalind. — Ele pode destruir o teu casamento. Porque não pedes a Raja que leve a ti e à Radha para longe — até para a América do Sul?

Sophia não era de modo algum uma pessoa intrometida, nem sequer em relação às próprias filhas, mas gostava muito de Raja, como amigo e como genro.

A sua perceção — porque ninguém lhe dissera nada e nunca viria a saber da verdadeira relação entre Krishna e Rosalind — talvez tenha surpreendido Rosalind, mas, depois da provação recente, ela não estava disposta a partir com Raja para uma terra estrangeira nem a afastar-se de Krishna, de quem, afinal, se sentia mais próxima naquele momento.

Raja foi submetido à segunda operação aos seios nasais no final de Janeiro de 1935 e, como ainda precisava de tempo para recuperar, permaneceu na Califórnia enquanto Rosalind, Krishna e eu fomos para Nova Iorque, para casa dos Logan, onde estavam programadas palestras em Sarobia.

As fotografias tiradas nesse encontro documentam o amor que o rosto de Krinsh revelava quando olhava para a minha mãe.

Mais uma vez, é de espantar como centenas de pessoas à volta não reparavam nisso — ou talvez reparassem e os comentários, caso os fizessem, nunca chegassem aos nossos ouvidos, embora eu ache isso muito improvável.

Eu não gostava de me meter em problemas e raramente o fazia, mas nesse ano em Sarobia voltei a entrar em conflito com Mr Robbie.

Havia pelo menos vinte gatos que circulavam livremente pela casa inteira. Eu sabia perfeitamente que não devia incomodar o favorito de Mr Robbie, o Pack Wack, enorme, rabugento e sempre sentado sobre a secretária dele a fitar com desagrado meninas pequenas que o interrompiam.

Mas um dia encontrei um gatinho minúsculo sozinho no jardim e peguei nele cuidadosamente para o devolver à mãe.

Tinha visto a mãe transportá-lo pela pele do pescoço e parecera-me que ele não gostava muito daquilo. Achei que pela cauda seria melhor.

Subitamente, Mr Robbie apareceu sobre mim e, segurando-me firmemente pela mão, embora sem rudeza, entregou-me à minha mãe.

Nessa altura já estava furioso e repreendeu a minha mãe ainda mais do que a mim, recusando novamente acreditar nela quando tentava explicar que eu não tinha intenção de fazer mal.

Lembro-me de sentir conforto pelo facto de ela me defender, porque geralmente era a pessoa mais rigorosa da minha vida, embora nunca me recorde de qualquer dureza da parte dela.

É certo que nunca teria ocorrido a ninguém levantar sequer minimamente a mão contra mim.

Os indianos opunham-se culturalmente a disciplinar crianças pequenas e os ocidentais idealistas entre os meus adultos abstinham-se disso, não só porque eu estava ostensivamente a ser criada por Krinsh, mas também porque creio que os meus traços indianos evocavam uma imagem das massas indianas sofredoras. A ira recuava perante a sua compaixão. Claro que a minha mãe não sofria de tais ilusões culturais e punha-me no meu quarto a refletir sobre as minhas más ações, um castigo que eu considerava bastante humilhante.

Na sua maior parte, algumas das minhas memórias mais felizes centram-se em Sarobia. Os Logan adoravam *Alice no País das Maravilhas* e tinham criado um jardim em forma de tabuleiro de xadrez, com um Humpty Dumpty sentado no muro por cima dele. Sarobia também abundava em personagens vivas, estranhas e maravilhosas. Havia o artista Blossom Farley, um homem idoso que alguns consideravam um pouco excêntrico, mas que sabia apanhar cogumelos comestíveis e vivia numa pequena cabana atrás da mansão.

Às vezes via brownies [1] e fadas sentados nos seus cogumelos. Eu nunca os vi, mas aprendi com ele a encontrar as minúsculas tartarugas a sair dos ovos e a escutar, à noite, a coruja-das-torres[2], cujo som parecia o riso de uma bruxa. A grande casa tinha dezenas de relógios, muitos deles com sinos, todos regulados para tocar harmoniosamente em sucessão. O Sr. Robbie passava grande parte de cada domingo a dar-lhes corda e a acertá-los. Nessa tarefa eu parecia ser a sua bem-vinda companheira.

Krinsh era mais feliz quando rodeado de pequenos grupos de ouvintes inteligentes e sérios. Todos os presentes nos encontros de Sarobia estavam ali por convite, ao contrário dos campos de Ojai e Ommen. A atmosfera em torno de Krinsh estava carregada de muitos elementos, mas naqueles dias estava particularmente impregnada de um sentimento de amor — geralmente sem sentimentalismo nem exigências, salvo algumas exceções indesejáveis e rapidamente desencorajadas. Era o infeliz dever da minha mãe afastar de Krinsh aqueles devotos provavelmente desequilibrados e positivamente pestilentos que inevitavelmente apareciam onde quer que ele estivesse.

No final de Março, Raja e Byron Casselberry, um amigo e colaborador, depois de se terem juntado a Krishna na costa leste, partiram de navio para o Rio de Janeiro e Rosalind regressou comigo à Califórnia. Foi durante esta viagem à América do Sul que Krishna escreveu a Rosalind uma série das suas cartas de amor mais ternas. O hábito de lhe escrever todos os dias, como outrora fizera com Lady Emily, continuaria durante todas as suas separações.

Estranhamente, Krishna também conseguia concentrar a sua atenção e o seu afeto em Raja. A sua relação com Rosalind não parecia afetar o seu comportamento para com Raja. Aceitava sem questionar o amor e a dedicação que Raja lhe consagrava. Tal como Lady Emily observara uma «personalidade dividida» e Mrs Besant, com uma implicação bastante diferente, lhe atribuía uma dupla consciência, também Raja e Rosalind se interrogariam um dia se Krishna seria, de algum modo, mais do que uma pessoa. Mas essa interrogação ainda estava distante. Naquela época, Raja apenas se esforçava por manter o equilíbrio face à personalidade mutável de Krishna, o que conduzia a graves mal-entendidos entre ambos e com terceiros. As discussões, causadas pelo que Raja recorda como as

frequentes mentiras de Krishna e pela forma como este o desautorizava, concordando com propostas nas suas costas e fazendo promessas impossíveis de cumprir, tornaram-se tão graves, após vários meses na América do Sul, que Krishna, que só suportava críticas até certo ponto, chegou uma vez a esbofetear Raja.

Não seria a única vez que isso aconteceria, mas foi a primeira. Antes de a tournée, já encurtada, terminar, Raja deixou Krishna, sem explicações a ninguém, aos cuidados de Byron Casselberry, que traduzia as palestras para espanhol. Nem sequer Rosalind foi informada da súbita mudança de planos de Raja. Em 5 de Agosto de 1935 escreveu a Blanche Matthias repetindo a explicação de Krishna:

Cara Blanche,

[...] O próprio Krishnaji decidiu cancelar os países da América Central porque sentiu que havia muito pouco proveito em visitar cada um deles apenas durante uma semana. Essa é a única razão pela qual regressam mais cedo. No Rio permaneceu dois meses e as primeiras semanas foram passadas a discutir todas as antigas ideias da Teosofia, antes de poder dizer aquilo que tinha para dizer.

Poder-se-ia supor, a partir desta carta, que quaisquer problemas existentes entre Krishna e Raja foram agravados pela discórdia de Krishna com os teosofistas locais. O afastamento de Nitya do irmão, dez anos antes, refletia-se agora na desaprovação de Raja relativamente à atitude crítica de Krishna para com aqueles que ainda constituíam grande parte do seu público. Krishna convencera-se de que tinham sido os teosofistas a afastarem-se dele e a expulsá-lo de Adyar. Os teosofistas viam-no como alguém que os deixara num estranho limbo. Tinham-lhes dito que, fizesse ele o que fizesse, deveriam segui-lo porque era o Instrutor do Mundo, e interrogavam-se agora sobre para onde se virar quando ele rejeitava esse papel. Embora Raja simpatizasse com as críticas de Krishna a muitas crenças teosóficas, considerava que aqueles que tinham ficado nesse estado de confusão mereciam mais paciência e compreensão do que Krishna estava disposto a conceder-lhes.

Quando eu ainda era bastante pequena, passávamos muito tempo em Hollywood. A minha mãe tinha ali uma vida intensa, jogando ténis e indo a

festas, deixando-me muitas vezes com a minha avó. Era muito bondosa para com ela, levando-a várias vezes por semana a visitar as suas amigas idosas, e as três íamos juntas às compras às sextas-feiras ao Bullock's Wilshire e almoçávamos na sua sala de chá. Havia também almoços semanais com os Ingelman, em cuja casa Krinsh sempre se hospedava quando estava em Hollywood.

Hilda tinha um enorme gato preto e um grande jardim atrás da casa com colmeias que forneciam mel abundante para todos nós. Estava sempre a dizer-me que tinha sido a primeira pessoa a ver-me, antes até da minha mãe. Os Ingelman, sem filhos próprios, faziam-me sentir que eu era um excelente substituto. Eu adorava-os aos dois, com o seu encantador sotaque sueco melodioso e a sua incrível bondade. Não creio que, aos seus olhos, existissem pessoas más. Todos os que cruzavam o seu caminho pareciam ser amados e queridos por eles. Chamavam tanto a mim como à minha mãe «little darling» [3].

A minha tia Erma fazia parte deste círculo, assim como Louis Zalk, para quem ela agora trabalhava. Ele perdera um filho alguns anos antes e nunca recuperara da dor dessa perda até conhecer Krinsh, que, segundo sentia, lhe devolvera a capacidade de desfrutar da vida. Todos podiam ver que ele e Erma eram profundamente dedicados um ao outro.

A amizade de Rosalind com os Van der Leeuw despertara nela um profundo interesse pela arquitetura, acompanhado de uma exposição considerável ao movimento Bauhaus. Tinha visto a extraordinária fábrica moderna dos Van der Leeuw em Roterdão. Kees Van der Leeuw apresentara Rosalind ao jovem arquiteto austríaco Richard Neutra, que emigrara para a América na década de 1920.

Rosalind fascinava-se ao ver Los Angeles através dos olhos deles, especialmente o terreno do novo campus da Universidade da Califórnia em Westwood, que tanto Kees como Neutra criticavam severamente. Com o seu gosto Bauhaus, detestavam o tijolo neo-gótico antiquado. Rosalind pediu a Neutra que desenhasse um pequeno apartamento sobre a casa da mãe, na Gower Street, para que ela e Raja tivessem os seus próprios aposentos quando estivessem em Hollywood. Neutra e ela tornaram-se

bons amigos, embora discutissem veementemente acerca da cor, o único aspeto do gosto dele com o qual ela discordava.

Neutra comentaria mais tarde que ela fora a única cliente com quem nem sempre conseguia impor a sua vontade. Mas o apartamento foi um grande sucesso. Raja passou a ter privacidade quando estava em Hollywood, onde permanecia a maior parte do tempo, e podiam dar festas no grande terraço sem incomodar Sophia e Erma, que viviam no andar inferior. Afinal, ambos ainda tinham pouco mais de trinta anos.

Durante os últimos anos Rosalind tornara-se também amiga do realizador alemão William Dieterle e da sua esposa. Um dia fomos convidados para casa deles a fim de conhecer Keiro *(NT: Também conhecido por Cheiro)*, o famoso quiromante que previra muitos futuros eminentes com notável exatidão. Dez anos antes predissera que o Príncipe de Gales nunca seria rei de Inglaterra. Os Dieterle tinham tirado impressões das mãos de Krishna, Raja e Rosalind e mostrado essas impressões, misturadas entre as de outros amigos, a Keiro, que imediatamente escolheu aquelas três do monte e perguntou:

— Quem são estas pessoas? Nunca vi antes três mãos tão fortemente ligadas.

Não havia nomes no verso das impressões e, quando descobriu a quem pertenciam, quis conhecer todos eles, mas Krishna e Raja ainda estavam na América do Sul.

Keiro disse a Rosalind que ela tinha na palma da mão um sinal que indicava uma possível lesão ou morte causada por uma mulher ciumenta. Disse que Mrs Besant tinha o mesmo sinal e que, no antigo Egipto, raparigas com tais marcas eram colocadas em templos para sua própria segurança.

— Não me surpreenderia pegar um dia num jornal e ler que foste assassinada; o mesmo poderia ter acontecido a Mrs Besant.

A vida de Mrs Besant terminara pacificamente em Adyar dois anos antes e Rosalind não ficou excessivamente alarmada com esta sombria profecia. Mas Keiro disse-lhe também que em breve lhe pediriam para

fazer uma longa viagem aérea e que deveria recusá-la, porque o avião se despenharia. Quando regressámos à Gower Street, havia um telegrama de Raja à sua espera pedindo-lhe que se encontrasse com eles no México. Felizmente para ela, a discussão dele com Krishna deve ter ocorrido logo depois de o enviar. Outro telegrama chegou pouco depois cancelando o plano. Talvez porque Rosalind não estivesse a bordo, não houve notícia de nenhum desastre aéreo.

Dev Meyers, o mesmo amigo que me salvara do voyeur [4], ficou tão impressionado que também procurou Keiro para uma leitura, mas sofreu uma grande desilusão, porque Keiro quase nada lhe disse. Quando Rosalind interrogou o quiromante em privado e lhe explicou a deceção do amigo, Keiro respondeu que efetivamente vira muita coisa: o Major Myers morreria dentro de poucos anos num acidente de avião. Nunca revelava tais notícias às pessoas quando o destino era inevitável. Vários anos depois, Dev despenhou-se sozinho num avião da Força Aérea.

Em 1935, novamente através de Kees, Rosalind conheceu a recém-chegada actriz alemã Luise Rainer, que lhe perguntou se a ajudaria com o inglês, pois gostava particularmente do seu sotaque. Isso significava passar muito tempo com Luise; durante algum tempo pareceu que éramos todos uma única família, porque estávamos juntos quase todos os dias. Luise levava-me consigo para o estúdio.

Como o meu cabelo escuro combinava muito mais com a aparência dela do que com a de Rosalind, espalhou-se o rumor — e Luise nada fez para o desmentir — de que eu era a sua filha ilegítima. Eu nada sabia desse rumor e dificilmente o teria compreendido, mas os olhares que recebia do círculo cinematográfico de Luise perturbavam-me mais do que os olhares em torno de Krinsh, embora a minha timidez natural encontrasse mais refúgio na sua reserva do que no evidente prazer de Luise pela publicidade.

Luise também quis ser lida por Keiro e ficou consternada ao ouvir que subiria diretamente ao topo e alcançaria mais honras do que qualquer pessoa em Hollywood jamais alcançara, para depois cair como um foguete até ao fundo. (Luise ganhou três Óscares consecutivos e depois desapareceu tanto da cena hollywoodiana como da nossa.)

Nesse mesmo ano Max Reinhardt veio para a América realizar um filme de *Sonho de uma Noite de Verão*. William Dieterle era o co-realizador. O elenco era uma mistura improvável: Mickey Rooney, Olivia de Havilland, Dick Powell e James Cagney. Dieterle queria acrescentar-me ao elenco como o pequeno príncipe indiano. O meu pai estava na América do Sul, por isso não tinha nada a dizer sobre o assunto. Mas a minha avó, que raramente expressava desaprovação exceto quando o meu bem-estar estava em causa, opôs-se firmemente. Felizmente para a minha mãe, o problema resolveu-se elegantemente quando apanhei uma amigdalite que, a princípio, pareceu papeira. Ainda assim, o Sr. Dieterle permitiu-nos assistir às filmagens no plateau.

Hollywood era um mundo separado de Krishna, tanto para Raja como para Rosalind. Com a sua beleza e elegância no vestir (a maior parte das roupas era feita por ela própria), o marido indiano, o filho de aparência indiana e a estreita ligação a um sábio indiano, Rosalind possuía um certo exotismo que não passava despercebido à Hollywood daquela época. Os Dieterle eram mais do que simples conhecidos e ela desfrutou durante muitos anos de uma amizade íntima com eles. Todos os Natais enviavam o motorista até Ojai com um carro cheio de presentes de Natal para mim, todos os quais Rosalind distribuía a crianças menos afortunadas sem que eu tivesse consciência dessa excessiva abundância.

Através dos Dieterle, Rosalind conheceu outras personalidades de Hollywood, incluindo o compositor de bandas sonoras William Blanke e o realizador John Sturges, quase todos proprietários de piscinas — muito mais raras naqueles tempos — nas quais eu invariavelmente caía e de onde tinha de ser retirado.

Os tempos em que Rosalind jogava ténis também lhe foram úteis, pois fez novas amizades através desse desporto, entre elas o compositor Arnold Schoenberg e a argumentista Dorothy Arzner. Dorothy apresentou-lhe Galka Scheyer, uma mulher que teria considerável influência sobre Rosalind, encorajando-a a dedicar-se à pintura.

Galka chegara à América em 1924 para divulgar tanto as pinturas como as ideias dos artistas do «Blue Four» [5]: Feininger, Jawlensky, Kandinsky e Paul Klee, já muito conhecidos na Europa. Desempenhou um

papel importante no despertar do gosto americano pela arte moderna. Tive a minha primeira experiência de pintura com ela e adorei o seu método de aplicar aguarelas sobre papel já molhado, permitindo à tinta a sua própria liberdade de desenho.

Embora preferisse ensinar crianças, estava convencida de que Rosalind tinha de pintar e ficou suficientemente impressionada com o seu trabalho para conservar muitas das pinturas de Rosalind na sua coleção. Adorava o seu sentido da cor e, se Neutra alguma vez abalara a confiança da minha mãe — o que duvido — Galka certamente a restaurou. Recordo Galka como baixa, larga, de cabeça grande, cabelo ruivo e a voz mais sonora que alguma vez ouvira. A sua personalidade forte e afectuosa pode ver-se nos seguintes excertos (não colocados cronologicamente) das cartas que escreveu a Rosalind durante os dez anos da amizade entre ambas, até à morte de Galka em 1945.

Querida Rosaline,

Como estou ansiosa que continues a pintar comigo, organizei a aula de pintura para adultos às sextas-feiras. Espero que venhas, se te for possível...

Espero que recomeces em breve. Tu és uma artista e os artistas nascem para criar e não apenas para cumprir deveres e cuidar dos outros...

Querida Rosaline,

Encontro no meu livro de Huxley *Ends and Means* notas nas seguintes páginas:

Página 4, 44, 48, 158, 113, 313, 214, 278, 296, 309, 318, 361, 362.

Assinalei-as por discordar delas. Portanto, se quiseres, lê-as e vê o que pensas.

Foi maravilhoso em tua casa. Gostámos imenso. És um amor e és muito amada por nós e por mim, porque preciso de saber que existes...

Querida Rosaline,

Hoje escrevo-te para dizer que a pequena Puff, a menor e favorita dos dois cães, está comigo com o propósito de ir para Radha quando ela regressar. Quero que ela tenha esse cão. Tem metade do tamanho dos outros, é viva e alegre, e penso que está à espera de voltar para Radha e, por isso, finge não crescer e permanecer um bebé pequenino. Realmente não tenho coragem de dar esse cão a outra pessoa. Como disse, quero que Radha o tenha, a menos que te oponhas realmente. Se pensas que, por te deslocares tanto, isso traria dificuldades, eu não acredito. Podes sempre devolver-mo e Radha poderá ficar com ele com o entendimento, como antes, de que será apenas durante o tempo em que estiver em Ojai. Diz-me se concordas.

As nossas viagens durante aqueles anos eram de facto extensas e talvez por isso, como Galka receava, eu nunca tenha ficado com a pequena Puff.

Beatrice Wood também frequentava frequentemente as aulas de Galka. Eu chamava-lhe Beato — alcunha que se tornaria a assinatura da sua cerâmica. Ela e a minha mãe permaneceriam próximas até ao fim das suas vidas e Beato acabaria por mudar-se para Ojai, mesmo em frente de Arya Vihara. Beato interessava-se profundamente pelo que Krinsh dizia e era influenciada por isso, mas não se sentia atraída por ele enquanto pessoa da mesma forma que se sentia pelos meus pais.

Vestia-se de modo exótico e colorido, com abundantes j0ias prateadas pesadas, saias amplas e grandes chapéus, tudo em estranho contraste com o seu sotaque distinto da «main line» [6]. Beato, mais tarde conhecida como a «Mama do Dada» [7], conhecia toda a gente relevante no mundo da arte e do teatro. Mesmo quando acabou por alcançar fama como uma das principais ceramistas, Beato permaneceu uma pessoa encantadora e totalmente despretensiosa, cheia de humor e de um vivo e genuíno sentido do real.

Raja também tinha o seu círculo de amigos em Hollywood, muitos deles comuns aos de Rosalind, mas alguns particularmente próximos dele. Era um excelente jogador de xadrez e isso proporcionava muitas saídas noturnas. A quantidade de atividade social fazia com que nenhum dos dois sofresse verdadeiramente de solidão nas suas vidas frequentemente separadas. Embora basicamente tímido, Raja tinha um lado deliciosamente

maroto que encantava os amigos, sobretudo Beato, que sentia ter aprendido com ele a importância da verdade e da busca da perfeição. Contudo, as piadas de Raja pareciam muitas vezes chocar Rosalind. Isso naturalmente diminuía a diversão dele e demasiadas vezes as saídas noturnas dos dois terminavam em desarmonia.

Rosalind adaptava-se facilmente da vida em Hollywood ao tempo igualmente prolongado que passava em Ojai quando Krishna estava na América. Como o trabalho de escritório estava então concentrado em Hollywood, Raja tinha dificuldade em ausentar-se. Isso deixava Rosalind responsável por Arya Vihara e pelo bem-estar de Krishna enquanto este permanecia em Ojai.

Krinsh regressara exausto da América do Sul. Rosalind não fora informada da discussão com Raja, pelo que não tinha razão para se sentir apanhada no conflito entre os dois homens. Sabia apenas que o fluxo constante de cartas de Krishna reafirmara o amor dele por ela. No final do Inverno de 1936, os três — sem o meu pai — fomos para Carmel descansar durante um mês, ficando, como habitualmente, no Peter Pan Lodge. O Inverno em Carmel é ainda mais belo do que o Verão, porque o tempo é límpido e ondas enormes erguem-se e desfazem-se sobre os rochedos de Point Lobos. Os leões-marinhos ladram e o mar é de um azul-safira profundo.

Não demorou muito até Rosalind voltar a engravidar. Desta vez a decisão sobre o que fazer não esteve nas suas mãos. Um dia, em Hollywood, Krishna e Raja tiveram uma das suas discussões mais terríveis diante de Rosalind e Sophia. Rosalind não estava envolvida e já não consegue lembrar-se do motivo, mas ficou profundamente perturbada por ver os dois homens gritarem um com o outro diante da sua mãe. Devem ter esquecido a sua presença, porque era muito raro qualquer um deles — especialmente Krishna — expor esse lado da relação perante terceiros. Deixando-me em Hollywood, como por vezes fazia, Rosalind e Krishna partiram nessa mesma noite de carro para Ojai. Ela estava profundamente abalada e convencida de que fora essa discussão a causa de perder, no caminho para Ojai, num campo isolado, este segundo filho de Krishna. Ele mostrou-se, como sempre, terno, bondoso e afável, ajudando-a da melhor maneira possível.

Rosalind demorou, porém, algum tempo a recuperar totalmente dessa provação e Krishna manteve-se atencioso durante toda a Primavera. Insistia para que ela não se cansasse demasiado, descansasse o suficiente, lia-lhe para a manter tranquila e brincava comigo. Naturalmente eu não compreendia o que havia de errado com a minha mãe, mas recordo-me de partilhar da preocupação de Krinsh.

Tais cuidados amorosos raramente voltariam a ser desfrutados por Rosalind. Ela possuía grande resistência física e elevada tolerância à dor. Nunca se preocupava com o seu próprio conforto, embora tivesse de adaptar-se a viver com e cuidar de dois homens de extrema sensibilidade física. Tinha também uma notável capacidade para afastar e esquecer aquilo que a perturbava, vendo o mundo como desejava que ele fosse. Contudo, quando confrontada com uma memória concreta, conseguia evocá-la plenamente, mas parecia colocar-se à parte, como se fosse outra pessoa quem a tivesse vivido.

Talvez simplesmente possuísse uma extraordinária capacidade de aceitar certas coisas, como a dor e a morte, como circunstâncias naturais e inevitáveis. Ainda tinha o amor de Krishna e a relação deles continuaria sem ser descoberta. Na sua maior parte, os três mantinham os momentos de conflito num domínio privado. Nestes primeiros anos todos sentiam um laço de afeição muito real. Era esse laço que os tornava objeto de idealização tanto por amigos como por estranhos. Rosalind escreveu uma carta a Blanche que reflete um período de harmonia durante mais um encontro em Sarobia.

28 de Junho de 1936

Cara Blanche,

Devias realmente ter estado aqui; tudo foi tão maravilhoso e todos pareceram desfrutar tanto, num sentido tão profundo. Também as discussões realizadas dia sim, dia não, foram as melhores que alguma vez ouvi. Krishnaji deu duas magníficas palestras em Nova Iorque e três aqui. Foram corrigidas e enviadas no dia seguinte. Rajagopal disse também que estavam muito bem feitas. Ao todo houve cinco palestras e muitos disseram nunca o ter ouvido falar tão bem. Eu também penso assim. Dentro de poucos dias partiremos de navio.

Com cinco anos de idade eu navegava para a Europa pela segunda vez. O campo de Ommen era um lugar emocionante para mim. Por vezes Krinsh deixava-me sentar ao seu lado na grande tenda onde se realizavam as discussões; embora fosse difícil permanecer ali o tempo todo, creio que consegui fazê-lo. Havia outras crianças por perto, mas, como habitualmente, eu vivia sobretudo num mundo de adultos.

Por vezes aqueles dois Verões em Ommen confundem-se na minha memória e não tenho a certeza a qual deles pertencem certas recordações específicas. Tenho visões das irmãs indianas da família Sarabhai a tomarem longos duches quentes na sala de banhos coletiva ao fundo do corredor e da minha fascinação pela maneira graciosa como enrolavam e desenrolavam os seus saris.

Recordo a grande casa branca chamada Henan, onde ficávamos hospedados, rodeados de pessoas que derramavam sobre mim o amor e a gratidão que sentiam por Krinsh mas que não conseguiam expressar diretamente a ele, devido ao seu preceito contra devotos. A minha mãe travava uma batalha constante para impedir que eu me tornasse mimada.

Havia um pequeno assento preso à parte de trás da bicicleta de Krinsh para eu me sentar. Krinsh levava-me de bicicleta pelos belos terrenos cobertos de pinheiros, passando pelo celeiro com os leitõezinhos e a grande porca cor-de-rosa — provavelmente a primeira vez que vi tal espécie —, pelo castelo de Eerde com o seu fosso e cisnes, e pelo círculo da fogueira nas dunas de areia. Tinham-me advertido severamente para nunca tirar os pés dos apoios. Um dia, porém, a curiosidade venceu-me e levantei o pé direito do apoio. Ficou imediatamente preso nos raios da roda, atirando-nos aos dois da bicicleta. O meu calcanhar ficou cortado até ao osso. Krinsh era hábil em situações de crise física.

Notas:

1. *Brownies* — criaturas do folclore escocês e britânico, semelhantes a pequenos duendes domésticos benevolentes.
2. O original refere *screech owl*, espécie de coruja norte-americana conhecida pelo seu grito agudo.
3. Expressão inglesa afectuosa equivalente a «queridinha».

4. O original usa *Peeping Tom*, expressão inglesa para voyeur.

5. *Blue Four* («Os Quatro Azuis») — grupo artístico modernista composto por Lyonel Feininger, Alexej von Jawlensky, Wassily Kandinsky e Paul Klee.

6. *Main line accent* — sotaque associado à elite tradicional da costa leste dos EUA, particularmente da região de Filadélfia.

7. Referência ao movimento artístico dadaísta (*Dada*).

[…] consigo recordar que não senti medo algum e muito conforto enquanto ele me levava de volta para junto da minha mãe. Fiquei de cama durante algum tempo depois disso, mas fui cumulada de atenções pelas dezenas de seguidores do campo, profundamente preocupados com o bem-estar de uma criatura tão próxima de Krinsh. Contudo, a atenção não foi privilégio exclusivamente meu durante muito tempo. Sara Logan foi subitamente atingida por um grave ataque de apendicite e precisou de cuidados. Morreria alguns anos mais tarde devido a complicações resultantes da cirurgia subsequente.

Depois do campo, a minha mãe voou com Krinsh para Londres para um breve descanso, deixando-me novamente em Ommen, com muitas senhoras para ajudarem o meu pai a cuidar de mim. Recordo-me de uma manhã acordar no meu berço, coberto por um véu branco de rede, e ver uma grande rosa vermelha pousada sobre a minha cabeça. Não me lembro de sentir tristeza; apenas de olhar para a rosa e saber que ela estava ali em vez da minha mãe.

Tinha sido uma temporada extenuante para a minha mãe, tentando manter feliz uma criança imobilizada e cuidar da gravemente doente Sara. Estivera confinada à casa e perdera até as conferências, frequentadas por quase mil pessoas. Sentia-se também deprimida pela sombra iminente da guerra. Tal como o Sr. Robbie, o pacifismo corria-lhe nas veias e orgulhava-se do avô, Carl Waldo, que arriscara ser apedrejado nas esquinas de Buffalo por discursar contra a Guerra Civil Americana. Como muitos da sua geração, acreditara que a Primeira Guerra Mundial acabaria com todas as guerras, e a amizade do pai com Woodrow Wilson, bem como a participação deste na Comissão da Paz de Wilson, reforçara o seu

otimismo. Tornava-se agora evidente que a paz se afundava rapidamente sob um horizonte enquanto a guerra surgia sobre outro.

Eram raras as ocasiões em que eu ficava apenas com o meu pai. Recordo-as como momentos muito especiais. Com ele aprendi um tipo de conhecimento diferente daquele que Krinsh me transmitia. O meu pai ensinou-me a ver as horas, a usar números e a interessar-me por boa caligrafia. Lia-me histórias dos contos indianos *Jataka* [1] e da Bíblia. Os seus presentes eram geralmente livros. Nunca brincávamos às escondidas, mas jogávamos jogos de interior como damas chinesas [2]. Não se preocupava com o que eu comia nem com a hora a que me deitava e fazia muito poucas exigências ao meu comportamento, desde que eu não perturbasse ninguém. Foi ele quem, de algum modo, incutiu em mim a importância da verdade e a indesejabilidade da hipocrisia.

Após uma das suas operações perdera a sensibilidade da mão direita, o que lhe dificultava muitas coisas — entrançar-me o cabelo ou apertar atacadores. Pela força da vontade não deixou que isso afetasse a sua belíssima caligrafia.

Quando a minha mãe e Krinsh regressaram de Inglaterra, passámos todos férias em Villars, na Suíça. Ficámos num encantador hotel antigo, onde uma devota atenciosa, que obtivera uma cura milagrosa na Clínica Bircher-Benner em Zurique, já se instalara. Mostrou ao cozinheiro como preparar muesli Bircher [3], então uma maravilha nutricional desconhecida, e convenceu Krinsh de que devíamos todos comê-lo todas as manhãs. Até hoje hotéis por toda a Suíça e mesmo o Peninsula Hotel em Hong Kong servem muesli.

Depois deste pequeno-almoço invulgar, Krinsh e eu dávamos passeios todas as manhãs, observando as vacas, com os seus sinos suíços de diferentes tamanhos, a dirigirem-se para o pasto. Krinsh esfregava a cabeça com agulhas de pinheiro porque acreditava que faziam bem ao cabelo. (Mais tarde descobriria que era alérgico a agulhas de pinheiro.)

A nossa associação com Krinsh conduziu-nos ao encontro de uma incrível variedade de pessoas. Algumas aceitavam-nos apenas como parte do seu séquito. Muitas tornaram-se amigas íntimas de todos nós, ou de um dos meus pais, ou minhas, por razões que iam além da esfera de Krinsh.

Entre elas estava Molly Berkeley, uma americana da família Lowell, que se divorciou de um marido americano de quem se aborrecera e mais tarde casou com o oitavo e último Conde de Berkeley, que conhecera num fim-de-semana campestre em Inglaterra. A anfitriã avisara-a de que haveria um convidado que não gostava de americanos. Esse convidado, Lord Berkeley, chegou, viu Molly do outro lado da sala e dirigiu-se imediatamente para ela. Disse:

— Tenho uma pergunta para lhe fazer.

Foi interrompido de súbito e não voltou a ter oportunidade de falar com ela nessa noite. Algumas semanas depois encontraram-se novamente numa caçada e ele ficou impressionado com a extraordinária habilidade equestre de Molly. Convidou-a para jantar consigo e, no fim da noite, lembrou-lhe a pergunta que estivera prestes a fazer quando se conheceram.

— Gostaria de a fazer agora — disse ele. — Quer casar comigo?

— Quero — respondeu ela —, mas terá de viver na minha pequena casa de campo em Santa Barbara, Califórnia, porque não posso viver em mais lado nenhum.

Como aristocrata cuja ascendência remontava à Conquista Normanda, Lord Berkeley era conhecido por considerar indigno de si receber o Rei e a Rainha de Inglaterra, a quem chamava «aqueles Hunos». Disse que, naturalmente, não podia viver em Santa Barbara. E separaram-se.

Quando Molly regressou à América, foi recebida no navio com enormes ramos de rosas e um telegrama declarando: «Não consigo viver sem ti. Viverei em Santa Barbara.»

Passaram alguns Verões naquela que Molly chamava a sua «casinha», mas que na realidade era uma villa considerável no alto de uma colina acima de Montecito. Lord Berkeley mandou pintá-la de um horrível tom verde Kelly [4], a cor da sua caça. Como desejava oferecer grandes jantares a partir das nove da noite, ao estilo a que estava habituado, e como era impossível encontrar empregados em Santa Barbara que satisfizessem tais exigências e horários, Molly achou cada vez mais difícil viver ali. Em

1939, a guerra na Europa impediu-os de regressar à América e Molly ofereceu-nos a casa; vivemos nela durante seis meses.

Nunca conheci Lord Berkeley, mas a minha mãe ficara no Castelo de Berkeley antes de eu nascer e jogava xadrez com ele todas as noites. Quando visitei o castelo como turista muitos anos mais tarde, esperei que a minha mãe, sempre vegetariana, nunca tivesse ouvido falar do antigo costume de lançar carcaças de vacas para um poço na ala dos prisioneiros para os asfixiar com o fedor; nem da horrível morte de Eduardo II, que não foi asfixiado a tempo. Pessoas com formação teosófica, que se orgulham de ser sensíveis a vibrações, não se sentiriam tranquilas no Castelo de Berkeley.

Mantivemos amizade com Molly até à sua morte em Assis, há mais de uma década. Numa última visita que lhe fiz, contou-me como Krinsh a ajudara com uma única frase. Queixara-se-lhe da insatisfação com a sua vida: o grande castelo em Inglaterra para administrar, a villa em Roma, tudo aquilo era excessivo com os criados e os convívios.

— Ou partes ou suportas — disse-lhe ele.

E isso bastou para que ela conseguisse instalar-se pacificamente ao lado do marido até à morte dele. Sozinha durante a guerra, foi bombardeada em Londres e ficou enterrada durante dois dias numa cave. Depois disso converteu-se ao catolicismo romano e retirou-se para Assis, o seu derradeiro lar. Um padre americano estava presente no dia em que a visitei pouco antes da sua morte. De repente voltou-se para mim e disse:

— Krishnamurti tem mais sabedoria no dedo mindinho do que toda a Igreja Católica junta.

Nunca esquecerei a expressão do padre.

Em 1936, depois de Villars, Sara Logan juntou-se a nós e todos ficámos na villa de Molly, em Roma. Recordo uma enorme mesa de jantar, com um criado atrás de cada cadeira, e as coisas a serem-me entregues antes mesmo de eu saber que as queria.

Os meus pais estavam plenamente convencidos, naquele Verão, do grande perigo que ameaçava a civilização. A minha mãe não sabia que seria o nosso último Verão na Europa durante muitos anos, mas deve tê-lo pressentido, porque ainda me recordo dela levar-me à Capela Sistina e gravar em mim as pinturas de Miguel Ângelo como se eu talvez nunca mais as viesse a ver. Regressei vinte anos mais tarde, mas ainda me lembro vivamente dessa primeira visão, sobretudo da mão de Deus estendendo-se em direção a Adão.

Como as crianças têm o seu próprio sentido do importante, lembro-me igualmente bem da primeira girafa que vi no Jardim Zoológico de Roma, comentando, para divertimento dos meus adultos, que os seus olhos eram como os de Rukmini mas as pernas como as de Krinsh.

Uma tarde fomos tomar chá ao castelo do Conde Orsini, o último da sua linhagem. Desapareci prontamente por uma escada em espiral em direção às masmorras, causando consternação aos meus pais, mas evidentemente sem irritar o velho Conde, pois ofereceu-me um relógio de madeira esculpido em forma de cão, que ainda hoje funciona intermitentemente.

Sara Logan regressou à América de navio com a minha mãe e comigo. Passámos o rochedo de Gibraltar, outro marco profundamente gravado na minha memória. A viagem foi tão agitada que Sara e eu éramos as únicas passageiras no convés. Um dia um marinheiro descuidado deixou aberta a guarda da popa do navio. Não reparara numa menina pequena e numa senhora solitária que tinham sobrevivido ao mar revolto e vagueavam juntas pelo convés. Escapei à atenção de Sara por um instante quase fatal e fiquei fascinada sobre o vazio aberto para as águas agitadas acima da hélice. O *Conte di Savoia* era um navio enorme e eu devia estar vários andares acima da água. Nunca esqueci o aperto firme mas calmo de Sara no meu braço quando me puxou para longe do precipício e me conduziu, sem um traço de zanga, para um lugar seguro. Era demasiado justa para me culpar, mas hoje consigo imaginar o susto que lhe provoquei. Foi nessa viagem, deixada apenas na sua companhia, que desenvolvi uma ligação ainda mais profunda com aquela pessoa que acolhera tanto a mim como à minha mãe no seu coração como se fôssemos família. Ela seria a minha primeira perda — e uma perda que jamais esqueceria.

16

Sábios e Sombras

Embora Krinsh fosse certamente o íman que atraía pessoas para as nossas vidas, havia algumas, como Sara e Robert, que centravam sobretudo a sua atenção em Rosalind. Robert era como um pai para ela e fez muito para substituir o pai verdadeiro, que ela deixara aos dezasseis anos. Por muito que Sara amasse e admirasse Raja e Krishna, a minha mãe lembra-se de a ouvir dizer que as mulheres não deveriam viver dependentes dos homens e que trataria de garantir que um dia Rosalind tivesse independência financeira.

Na altura Rosalind não prestou atenção a esses comentários. Anos mais tarde compreenderia a seriedade das intenções de Sara. Antes de morrer, Sara pediu a Robert que respeitasse no testamento o seu desejo de que Rosalind herdasse uma parte considerável da sua fortuna. Ambos acreditavam que ela faria algo valioso com a vida, independentemente de Krishna ou Raja.

Sara construiu um apartamento para Rosalind no segundo andar de Arya Vihara. Pensava que o reumatismo de Raja melhoraria se ele dormisse num piso superior, mas o seu objetivo principal era proporcionar-lhes mais privacidade do que o rés-do-chão de Arya Vihara permitia. Sara não sabia que Raja e Rosalind levavam vidas conjugais separadas e certamente não imaginava que o apartamento, com escadas exteriores à frente e atrás, daria a Krishna ainda maiores oportunidades de visitar Rosalind durante as ausências de Raja em Ojai.

Nem eu jamais mencionei a alguém aquelas frequentes madrugadas em que, da janela do meu quarto, via Krinsh, vestido com as camisas de dormir de seda crua branca que a minha mãe lhe fazia, subir furtivamente as escadas com uma flor na mão. Eram os momentos deles juntos, de madrugada e por vezes tarde à noite, depois de eu supostamente estar bem aconchegada na cama.

No Verão de 1937, a minha mãe e eu fomos para leste, primeiro para a residência de Verão dos Logan em Winter Harbor e depois para Sarobia, para encontrar o meu pai e Krinsh, que chegavam da Europa.

A casa de Winter Harbor era uma grande típica residência de Verão da Nova Inglaterra. Havia um relvado verde inclinado até à arriba acima da praia rochosa. Comíamos mirtilos ao pequeno-almoço todas as manhãs, acabados de colher nos bosques circundantes. A minha mãe e Sara passavam horas a fazer puzzles ou a jogar xadrez enquanto eu vagueava pelos jardins, muitas vezes seguindo o Sr. Robbie nas tarefas que tão diligentemente se impunha a si próprio.

Os Logan acreditavam na autossuficiência e administravam a casa com um número mínimo de empregados. Os hóspedes lavavam a sua própria loiça e ajudavam a cozinhar; mesmo que fossem princesas europeias, como acontecia com uma delas naquele Verão. Não consigo recordar porque estava ali, pois ninguém parecia conhecê-la muito bem, mas os Logan começavam já a sua era de hospitalidade para refugiados deslocados pelo fascismo. Esta princesa em particular era bonita mas, na opinião dos meus seis anos, mimada. Não fazia ideia de como servir-se a si própria. Ela e a minha mãe jogavam ténis juntas enquanto eu permanecia à margem do campo e fazia amizade com um senhor idoso que mais tarde insistiu que a minha mãe me levasse a tomar chá no seu apartamento da Park Avenue.

Sara e Robert foram chamados abruptamente para a Califórnia devido a uma crise na vida da filha Deborah. A princesa aproveitou a ausência dos anfitriões para insistir que a minha mãe e eu abandonássemos o quarto que Sara nos destinara. Alegava que lhe convinha mais. A minha mãe concordou sem hesitar, pois a sua natureza fazia com que nunca se sentisse confortável com algo desejado por outra pessoa, mas Sara indignou-se quando mais tarde soube do sucedido.

A tragédia dos Logan girava em torno de Deborah, a filha única. Dezoito anos antes, quando ainda não tinha vinte anos, Deborah caíra sob a influência de uma espécie de médico, um hipnotizador que a induzira a casar com ele e adotar a filha dele, presumivelmente na esperança de se apoderar da fortuna dos Logan. Este homem já tivera duas esposas anteriores, e Deborah afirmava que a última morrera de forma pouco natural. Disse a Sara que fora mesmo obrigada a ajudá-lo a desfazer-se do corpo desmembrado, mas toda a história era tão improvável e macabra, tão alheia a tudo o que fazia parte das suas vidas — vidas que não toleravam

qualquer forma de matar, nem sequer uma mosca — que Sara não conseguia decidir se Deborah sofria de alucinações ou se fora hipnotizada pelo marido para ficar sob o seu controlo. Se a história fosse verdadeira, sabia que abrir um inquérito provocaria um escândalo horrível e causaria danos ainda maiores a Deborah. Tinha medo de contar a Robert, receando que o pacifismo dele fosse ultrapassado pela ira contra um homem que usara assim a sua filha. O mais doloroso para Sara era que fora o seu próprio interesse pela medicina heterodoxa daquele médico que levara ao encontro entre ele e Deborah e à indução desta a afastar-se dos pais rumo à Califórnia.

É sinal do amor e da confiança que depositava em Rosalind o facto de lhe ter contado, e só a ela, os detalhes desta história. Rosalind carregou em silêncio o peso desse terrível segredo durante mais de quarenta anos. Sara e Robert acabaram finalmente por libertar Deborah das garras desse homem, apenas para descobrirem que ela estava tão destruída que desesperavam de a ver recuperar do colapso mental que sofrera naquele Verão.

No meio das suas tribulações, Sara encontrou tempo para escrever a Rosalind logo após chegar à Califórnia.

Sexta-feira à tarde, 30 de Julho de 1937

Cara Rosie,

Espero sinceramente que estejas a tomar o pequeno-almoço na cama e a descansar, um verdadeiro descanso — e algum ténis também...

Vi Deborah duas vezes! É terrível! Não tenho a certeza de que me tenha reconhecido. Convenci o Dr. White [o marido de Deborah] a interná-la num hospital privado. Não deve ver ninguém e eles nem sequer querem que eu a visite, mas claro que simplesmente tive de o fazer...

Dizem que é um tipo de caso mental que nunca melhora ou então mata — ela é fisicamente forte. Se eu pudesse apenas estar com ela, sinto que talvez ajudasse num qualquer momento inesperado, mas, como Rob diz, o médico é excelente, está profundamente interessado no caso e nos estranhos modos de White, e ela está pela primeira vez em todos estes anos

fora da casa dele e da sua influência. Isso já é alguma esperança de que possa ao menos libertar-se da atração dele...

O médico diz que esta fase dura de três semanas a quatro meses e a fase seguinte de reação e depressão um tempo indefinido em anos — mas eu nunca desisto e, ainda assim, não espero nada para me refugiar nisso. Sem o Verão passado em Ommen asseguro-te que não poderia ter contemplado este canto do vórtice com tanta quietude e calma...

Naturalmente, na altura compreendi muito pouco disto, mas mais tarde fui juntando fragmentos de conversas de adultos. Grande parte da minha diversão em criança consistia em escutar conversas de adultos. Parecíamos rodeados de pessoas com problemas intensos e muitas vezes interessantes, e cedo descobri que, se permanecesse «quieta como um rato», como tantas vezes me diziam, e nunca interrompesse, a minha presença passava despercebida. Muitas vezes ouvia muito mais do que alguém pretendia que eu ouvisse.

No final daquele Verão, Krinsh, os meus pais e eu preparámo-nos para atravessar o país de carro no nosso novo Lincoln Zephyr, comprado ao preço de fábrica por apenas novecentos dólares. Era verde-prateado, com duas portas, um amplo banco dianteiro para os três adultos e um pequeno banco traseiro para mim.

J. KRISHNAMURTI

Sara deu-nos um cesto de piquenique com pratos e talheres de plástico vermelhos e brancos a condizer, tudo de qualidade tão boa que ainda os conservo. Os motéis começavam apenas então a surgir pelo país, não do tipo luxuoso de hoje, mas pequenos bungalows individualizados e modestamente mobilados. Fazíamos sempre piqueniques na estrada à hora do almoço. Como ainda se vivia a Grande Depressão, muitas vezes juntava-se a nós um vagabundo[1], a quem a minha mãe oferecia pelo menos um ovo cozido, preparado num fogão de campismo no motel, antes de partirmos todas as manhãs.

Não consigo imaginar como sobrevivemos todos àquela viagem, fechados durante semanas num carro de apenas um banco e meio. Não me lembro dela como um período feliz, mas também não recordo quaisquer

«cenas» particulares. Era uma coisa invulgar para todos eles. Nunca faziam longas viagens por prazer e talvez isto se aproximasse o suficiente de uma viagem recreativa para que se esforçassem ao máximo por se comportarem uns com os outros da melhor maneira possível.

Foi a primeira vez que tive consciência aguda de que, quando não havia outras pessoas por perto, os três juntos eram demais. Tudo era mais agradável quando estavam aos pares.

Krinsh escreveu um relatório minucioso ao Sr. Robbie acerca da viagem pouco depois de regressarmos a Ojai, dando todos os detalhes técnicos sobre o carro, o consumo de combustível, a potência de aceleração nas montanhas e o facto de lhe dar banho diariamente ao longo de toda a travessia do país. Estava verdadeiramente extasiado com aquele automóvel. Quando lhe cabia conduzir, arrancava a velocidades alarmantes. Isto, claro, apenas depois de o motor ter sido perfeitamente afinado segundo um calendário rigoroso que ele próprio estabelecera.

Krinsh orgulhava-se de ter aprendido a conduzir com o motorista da Sr.ª Dodge e de Lady De La Warr, no novo Rolls-Royce delas. Naquela época, a Rolls-Royce fornecia um motorista especialmente treinado juntamente com o automóvel. Krinsh aprendera um sistema de condução destinado a poupar os travões: aproximar-se sempre lentamente da paragem, nunca manter o pé na embraiagem, variar a velocidade do motor a cada dez minutos e, acima de tudo, «ter cuidado com o outro idiota». Isto soa sensato quando combinado com velocidades moderadas, essenciais nas estradas rurais inglesas, mas também pressupunha um limite de velocidade com o qual Krinsh não se preocupava minimamente.

Há quem se considere afortunado por estar vivo apesar de ter viajado com ele ao volante. A minha mãe, por outro lado, orgulhava-se de conduzir automóveis desde os doze anos e barcos a motor antes disso. O avô dela fora o primeiro homem em Buffalo a possuir um automóvel. Foi ela quem ensinou o meu pai a conduzir, embora este tenha tido o azar, numa das primeiras lições na Grã-Bretanha, de embater na traseira do carro de um escocês e arrancar-lhe o depósito de combustível. Tanto Krinsh como a minha mãe exprimiam frequentemente críticas algo desdenhosas à condução de Raja.

Mesmo o meu pai, contudo, teve menos acidentes e quase-acidentes do que Krinsh. Havia ainda o problema do enjoo automobilístico, de que a minha mãe e eu sofríamos. Era essencial cortar as curvas suavemente e manter um pé constante no acelerador, algo que Krinsh fazia razoavelmente bem, mas o meu pai tinha tendência para movimentos bruscos, travagens repentinas e curvas feitas de rompante. Tudo isto não contribuiu para uma viagem de cinco mil quilómetros completamente harmoniosa.

A visão que mais me impressionou foram as Cavernas de Carlsbad. Tendo ouvido o Sr. Robbie ler-me *Tom Sawyer* e *Huckleberry Finn* naquele Verão, as cavernas exerciam sobre mim um fascínio vívido. Krinsh, por outro lado, não ficou minimamente impressionado pelas cavernas e escreveu ao Sr. Robbie dizendo que preferira de longe a Barragem Hoover[2]. Talvez, como ele próprio sugeriu, os meus adultos estivessem simplesmente cansados no dia em que visitámos Carlsbad, pois essa reação era pouco característica de Krinsh, que exaltava sempre as obras da natureza acima das do homem.

Talvez tenha ficado impressionado pelo facto de um guarda perspicaz na barragem ter percebido que havia entre nós uma personagem importante. Por improvável que fosse que soubesse exatamente quem era Krinsh, ofereceu-nos uma visita privada exclusiva. Por alguma razão há muito esquecida, saltámos completamente o Grand Canyon. Naturalmente, todos eles já o tinham visto antes de eu nascer.

O Sr. Robbie dava-se ao trabalho de me escrever durante a viagem. A partir daí escreveu-me cartas semanais sempre que estávamos separados.

Miss Radha Rajagopal,
21 de Outubro de 1937
Hotel Paso del Norte,
El Paso, Texas

Querida Srog, [alcunha que o Sr. Robbie me dava devido à minha pronúncia errada de *frog*[3]]

Pergunto-me como estará a voar o Zeppelin e se ouviste alguns «srogs» ao longo do caminho a dizer «Brek-ek-ek-ek Co-ax Co-ax».

Temos sentido muito a tua falta, até Pack Wack [o seu enorme gato gordo] tem perguntado para onde desapareceu a sua amiga «scroggy», e o vento diz que mal vale a pena soprar sobre Sarobia quando não há pássaros de badminton para espalhar por aí.

Junto envio cartões para Krinch e para o Papá.

Muito amor do,

MR ROBBIE

Tínhamos sido convidados a visitar Frieda Lawrence em Taos, Novo México. Frieda estivera em Arya Vihara no ano anterior e escreveu a Rosalind pouco antes de partirmos de Sarobia.

Kiowa Ranch, San Cristobal, N.M.
12 de Outubro de 1937

Querida Rosalind,

Estamos ansiosos pela vossa chegada; venham assim que puderem por causa do tempo. Sabes que estamos muito elevados e podem encontrar neve. Diz-me se todos gostariam de conhecer pessoas ou antes descansar — tem estado tudo tão belo, as montanhas magníficas, com os choupos a ficarem amarelos e os carvalhos vermelhos e os pinheiros escuros.

Portanto esperamos-vos por volta do dia 26. Não me esquecerei de que são vegetarianos.

Com os melhores cumprimentos,

FRIEDA L.

(e de mim, Angelino)

Qualquer pessoa que conheça a história de Frieda reconhecerá naturalmente Angelino como o seu amante naquela época e mais tarde seu marido; D. H. Lawrence morrera sete anos antes.

Fiquei encantada por estar novamente numa casa privada depois de semanas em quartos apertados de motel, comendo comida preparada num

fogão de campismo. Deram-nos uma pequena casa de hóspedes e podíamos preparar os nossos próprios pequenos-almoços, mas fazíamos as outras refeições com Frieda. Era rechonchuda, ruiva e muito calorosa connosco todos, e eu sentia-me confortável entre os diversos animais, incluindo um pequeno porco que entrava e saía livremente da casa. Depressa me senti atraída pelo celeiro, onde encontrei Angelino a ordenhar a vaca. Era um homem grande, que ria facilmente — demasiado facilmente. Não gostei dele desde o primeiro instante, uma reação invulgar em mim. Não compreendia os comentários que fazia enquanto encostava a cabeça ao ventre da vaca e puxava pelas tetas, nem os consigo recordar agora, mas senti-me desconfortável e retirei-me em silêncio de volta para junto da minha família.

Numa carta a um amigo na Europa, Maria Huxley descreveu lindamente a casa de Frieda e Taos. Os Huxley, que ainda não conhecíamos, mas que encontraríamos pouco depois do nosso regresso à Califórnia, tinham acabado de partir dali um mês antes de chegarmos.

Este lugar, quero dizer Taos, a vinte milhas daqui e onde nunca vamos, é um ninho de escândalos e discussões. Frieda foi, e continua a ser, tão afetuosa, generosa e calorosa que não quero que nada lhe volte que possa ser mal interpretado...

As discussões com ela e Mabel Luhan, que queria roubar as cinzas de Lawrence da pequena e infantil capela que Frieda aqui construiu sobre elas...

O deserto começa a quatro milhas daqui... rosado sobre o solo árido, cinzento com a salva-brava, verde vivo nos oásis irrigados e com as fendas negras que são as curvas das margens do Rio Grande...

A vida de Frieda é extraordinária. Vive de forma tão primitiva que mal conseguimos compreendê-la. Angiolino construiu-lhe uma casa de betão... e a sala está coberta com todos os quadros de Lawrence. Mas o coração da casa é uma grande cozinha que tem apenas um fogão de lenha que aquece, ou antes amorna, um pouco de água para banho e que precisa de ser aceso para cada chávena de chá.

A facilidade poderia chamar-se desarrumação; o leite que vem da bonita vaca Jersey aparece sob todas as formas possíveis de natas, manteigas, leites azedos e afins... há também a tigela do porco, a tigela do gato e a tigela do cão, muitas coisas para me horrorizarem e chocarem; e contudo ela é essencialmente limpa, se se consegue imaginar isso; talvez porque é loira.

O meu maior horror é ser convidada para as refeições; então é dado por adquirido que sou eu quem lava a loiça — apareço com as minhas luvas de borracha — mas a desarrumação é tal que, se existisse um céu, eu mereceria um pedaço dele por cada lavagem de loiça que faço. Entretanto, ali está ela sentada, a falar de Montaigne ou do Buda ou de Mabel Dodge [Luhan]...

Frieda é continuamente visitada do nada por amigos vagos ou estranhos; querem conhecer a Sr.ª D. H. Lawrence e, embora se queixe, ela deixa-os entrar. Depois trazem-lhe bolos e julgam ter-lhe pago o incómodo.[4]

(A capela ainda lá estava quando, em 1972, o meu marido, os nossos filhos e eu visitámos o rancho, então administrado pela Universidade do Novo México como retiro para escritores. As cinzas de Lawrence encontram-se numa simples urna no interior. No exterior, sob uma lápide de mármore com o brasão e o título completo alemão de Baronesa von Richthofen, jaz Frieda.)

A afronta ao apuro de Maria provocada pela forma como Frieda mantinha a casa teria sido inteiramente partilhada pelos dois homens brâmanes [5] no seu encalço, se tivessem sido expostos a tal situação. Mas Rosalind era hábil em estabelecer, mesmo à custa de tato, o padrão de limpeza que eles esperariam.

Nesse Outono, pouco depois do nosso regresso à Califórnia, conhecemos Aldous e Maria Huxley, que alugavam um pequeno apartamento perto da casa da minha avó na Gower Street.

Maria, tal como Sara, viu imediatamente Rosalind por si mesma, para além da ligação dela a Krishna e Raja, e amou-a pelo que era. Compreendia também perfeitamente as complicações de viver com um «grande homem».

Admirava as capacidades e o sentido prático de Rosalind e depressa começaram a partilhar e a reunir as respectivas aptidões.

Apesar da proximidade com Sara, Rosalind não lhe confidenciou a parte mais essencial da sua vida — a relação com Krishna. Olhando para trás, é difícil acreditar que esta mulher simultaneamente profunda e mundana não reconhecesse exatamente o que se passava. Talvez reconhecesse, mas fosse demasiado sensível para se intrometer numa área da vida de Rosalind onde não fora convidada a entrar.

Sara nunca deixava de reservar tempo para escrever a Rosalind e manter contato estreito com ela. Por vezes escrevia-lhe diariamente. Escreveu a seguinte carta a 11 de Janeiro de 1938, alguns meses depois da nossa travessia da América. Evidentemente testemunhara alguns incidentes enquanto ainda estávamos em Sarobia.

Tenho pensado muito nos teus problemas, tais como são ou como imagino que sejam. Pessoalmente sinto que não podemos fazer mais do que aceitar as pessoas tal como são e deixá-las ser elas próprias — e, por mais próximas que sejam, deixá-las encontrar noutros aquilo que nós não lhes podemos dar.

Todo o homem precisa de ser mimado por alguém; precisa de pensar bem de si próprio a qualquer preço. Quanto mais duvida da sua capacidade de permanecer sozinho, mais o proclamará.

Um homem, tal como uma mulher, não deseja tanto que façam grande alarido à sua volta, mas antes sentir que a esposa ou o marido não o diminuem. O orgulho ferido está muitas vezes no segredo de muitas amizades de outro modo harmoniosas.

O casamento ou o amor, tal como são conhecidos, supostamente não devem dar causa a tal estado; por isso as pessoas procuram nisso independência como sinal de fraqueza num e insulto ao outro — maldito casamento, tal como se espera que seja!!

É necessária uma grande indiferença tanto no homem como na mulher em relação ao que os outros pensam para alcançar a feliz companhia que os interesses comuns proporcionam.

Raramente é aquilo que o marido pensa da mulher ou a mulher do marido que causa problemas, mas antes o receio do homem de parecer pequeno aos olhos do mundo ou o receio da mulher de parecer incapaz de conservar o afeição do marido!

O orgulho, o medo da piedade ou da censura arruínam muitas agradáveis lutas travadas lado a lado ao longo da vida.

Porque razão marido e mulher se sentem privilegiados para dizer um ao outro o que pensam um do outro não sei; contudo isso não é algo que possa ser escondido. Torna-se demasiado real quando posto em palavras; e nada é tão desesperante como ser colocado numa gaveta etiquetada e vigiado mal se tenta sair dela despercebido.

Espero que Raja tenha um carro só dele e consiga encontrar alguém que viaje com ele e pense que a sua condução, assim como tudo o resto que faz, é perfeita — isso ajudará muito.

Sem dúvida é estúpido casar; tão estúpido como descasar-se...

Qualquer que tenha sido a origem desta reflexão de Sara sobre o casamento, é certo que durante as semanas passadas em Sarobia depois da compra do Zephyr ela testemunhou as críticas à condução de Raja por parte de Rosalind e Krishna. Evidentemente reconhecia que o casamento de Rosalind e Raja tinha dificuldades; tanto Sara como Robert tiveram relações amorosas ao longo do casamento sem destruírem aquilo que mais valorizavam — a camaradagem e o amor baseados num profundo respeito mútuo. Teria compreendido uma relação amorosa no casamento de outrem se assentasse numa compreensão honesta entre os dois cônjuges. O que não compreenderia seria a hipocrisia.

Os problemas de Sara com Deborah continuavam. Trouxera a filha de volta para Sarobia após dezoito anos de afastamento. Embora a saúde de Deborah tivesse melhorado notavelmente sob os cuidados da mãe, danos irreparáveis haviam sido causados. Nas frequentes cartas a Rosalind, Sara exprimia tanto os seus momentos de depressão como os mais felizes.

Querida Rosie...

Sem dúvida existiram e poderão existir dias mais felizes para mim e para os outros; não há qualquer sentido de comparação presente, apenas parece bastar que o calor húmido de ontem, quebrado por uma trovoada ao entardecer, tenha dado lugar de forma dramática e maravilhosa ao ar feliz e abençoado de hoje.

A relva recém-cortada, as rosas de Junho e a madressilva perfumada enchem o ar.

Esta manhã Rob, elegante e impecável, com a ponta do lenço a sobressair exatamente na medida certa do bolso do peito, foi almoçar e jogar golfe no clube de campo e percebi nele uma serenidade e felicidade maiores do que antes da última viagem ao Oeste. Essa viagem deixou-o mais feliz, mais livre, algo se levantou.

Talvez também tenha feito algo em mim, mas não da natureza daquilo que os meus amigos e família evidentemente sentiriam ou esperariam que eu sentisse quando dizem: «Como deves estar feliz por teres a tua filha contigo.»

Mas não tenho qualquer sensação de realização...

O peso e a ansiedade do perigo imediato dela terminaram, de certo modo, mas o meu coração talvez conserve sempre demasiado daquele inútil refrão. Está «pesado com a dor do mundo», como disse o Buda num momento especial de desolação mais do que de feliz compaixão: se é que a compaixão pode ser feliz!

Da frigideira para o fogo! Que frigideira e que fogo! Quem o pode dizer — mas certamente alguma frigideira e algum fogo existem.

Assim terá de ser até estarmos iluminados e livres da servidão da ilusão e do amor ao poder.

Quanto desta garantia duradoura do estado de beatitude será revelação; quanto será apenas um cansativo caminhar através da vida e da morte; quanto será uma purificação da atmosfera criada pelas duas grandes feras da mente e do corpo para que o homem interior possa fazer uma fuga clara e livre, não sei.

Certamente a rosa parece não travar batalha alguma contra a ilusão para atingir a sua plenitude. Como somos produtos da natureza apenas até certo ponto e aqui começa a verdadeira luta consciente, para que ajuda podemos realmente olhar?...

O calor do sol é um factor na abertura da rosa; talvez Krishnaji pudesse, se eu não criasse a minha própria sombra, ajudar-me também.

Notas:

1. *Hobo* — termo americano para vagabundo itinerante, frequentemente associado aos desempregados errantes da época da Grande Depressão.
2. O original refere *Boulder Dam*, antigo nome da actual Barragem Hoover.
3. *Frog* significa «rã» em inglês.
4. Excerto reproduzido no original em inglês.
5. Referência aos brâmanes, a casta sacerdotal hindu tradicional.

Em suma, como, antes que seja demasiado tarde para este corpo, devemos manejar os nossos lemes para que o navio navegue livre ao sabor do vento? Um simples homem pode ensinar-me a governar um barco; ninguém pode ensinar-me a conduzir a embarcação de mim própria. Deborah está com dores de cabeça e espero que esteja a dormir. Por vezes fico dominada pela clareza do seu pensamento e pela sua energia dinâmica. Fico tão contente por sentires afinidade por ela. É, por natureza, extremamente equilibrada e feliz.

Parece que temos de ser constantemente recordados de que a ação nasce de uma espécie de ilusão; as coisas, mesmo as tragédias, os desgostos, a fuga por pouco a ser assassinada ou, pior ainda, a assassinar, vistas à luz de uma velha lâmpada familiar ou debaixo de uma árvore dos nossos dias de juventude com alguém que amamos, tornam-se subitamente como se nunca tivessem acontecido… e admiramo-nos de que tais dias de

conflito tivessem tido tanta importância na altura. Ontem, quando Deborah pôs um chapéu que comprara há dezoito anos, recordou a sensação do seu veludo macio que sentira no dia em que o usara pela primeira vez. «Mãe, como é possível? Ele podia ter-me morto! Houve um momento em que eu o teria morto de bom grado, mas o toque deste veludo e tudo o mais é subitamente como se nunca tivesse acontecido e a vida regressasse ao ponto em que estava há dezoito anos.»

Certo ou errado, assegurei-lhe: a vida é de facto perigosa; talvez a nossa consciência precise de conhecer os perigos que os nossos próprios medos e impulsos latentes criam. Eles encontram-se perto da superfície e assim aprendemos sabedoria e compaixão, prudência e a igualdade da nossa semelhança com aqueles que nos rodeiam.

… Tudo é intensamente, momentaneamente interessante, se conseguirmos estar atentos às nossas reações.

Neste último ano da sua vida, as cartas de Sara indicam que sofreu frequentemente de pensamentos depressivos. Os acontecimentos mundiais daquele ano davam motivos para depressão, como viriam a descobrir muitos dos americanos que viajavam pela Europa. Sara escreveu a Rosalind, em 19 de Junho de 1938, sobre o relato de um amigo vindo da Europa, pouco antes de ela própria partir para o campo de Ommen com Deborah:

quando as pessoas chegam ao porto de embarque… um médico para cada 8000 pessoas… sem dinheiro para simplesmente esperar até chegar a sua vez — a esperança de partir. O medo de não conseguir fugir e, além disso, a fome. Uns poucos homens tão cruéis para com tantos, e o mundo inteiro impotente para ajudar. É demasiado para contemplar. Faz-nos realmente adoecer e partir o coração. Contudo, a história repete-se e repetir-se-á sempre… O que será do mundo e das suas pobres pessoas estúpidas e amantes do horror? Não pode haver fim para tudo isto.

A 3 de Agosto de 1938, Sara começou uma carta-diário de sessenta páginas para Rosalind, que não estaria presente no Campo de Ommen naquele ano; esse seria o último campo alguma vez realizado ali. O diário de Sara é aqui citado em parte, pois oferece um relato vívido do efeito das palestras de Krishna sobre uma pessoa percetiva, lutando com intensos

problemas pessoais, enquanto se ajustava e tentava ajudar uma filha que lhe fora perdida durante dezoito anos. Sara não era devota nem sentimentalista.

Encontrava grande ajuda pessoal nas palavras de Krishna e reconhecia que aquilo que Krishna dava ao seu público frequentemente ia para além das palavras. Ele transmitia uma energia altamente carregada que podia despertar no indivíduo a capacidade de enfrentar as profundezas do seu ser. Nem todos respondiam a essa força. Alguns sentiam-na e depois transformavam-na numa adulação de Krishna, em vez de a aplicarem a si próprios. Alguns queixavam-se de que ele não oferecia método nem orientação, deixando-os a lutar sozinhos. «Esses», dizia ele, «falharam completamente o essencial.» Krishna parece ter tocado uma corda que já estava bem afinada em Sara. Ela escutava-o à sua maneira independente.

4 de Agosto

K. começou a sua palestra sem preliminares, dizendo que as palavras eram inúteis — e que através delas era difícil compreender outra pessoa. Ele ou nós não poderíamos encontrar-nos numa base amigável se o víssemos como um mestre, e ele não poderia encontrar ou compreender aqueles que aqui estavam com "ismos" ou propaganda para expor… Seria uma perda de tempo discutir essas coisas — por favor deixem toda a nossa propaganda e problemas para trás. Poucos vivem plenamente no seu grande e ardente desejo de viver ou agir à sua própria maneira e plenitude. Temos de descobrir o que realmente somos e vivê-lo em ação. Para descobrir isso temos de nos apanhar em flagrante, com uma consciência inteligente sem escolha… Falou da necessidade de um grande amor pela moralidade —

… sinto-me cansada, e como se desde 1934 nada houvesse a fazer em relação a coisa alguma. Desde então, embora ansiosa por Deborah, senti que era tarefa de Rob continuar, porque para mim parecia terminado, o que é absurdo. Nada está alguma vez terminado… mas como se esta vida e nascimento estivessem concluídos; e este corpo já não guardasse para mim qualquer interesse nem desejo de renascimento. Talvez, se sentisse que poderia acabar aqui e agora com esta roda, pudesse encontrar um esforço renovado possível — mas a minha única esperança de algum grau de iluminação deve agora vir não através da ação, mas através da renúncia — total e completa — mas isto parece ter de vir de alguma espécie de

frustração da qual não estou consciente, ou apenas vagamente consciente — o que, à minha idade e após dez anos a estudar os livros de Krishnaji, bem como ele próprio e as minhas próprias reações, constitui certamente dez anos bastante inúteis de introspeção, pelo menos para mim; quanto mais a mente, o intelecto e o desejo de conhecimento entram em tudo isto, mais encalhada fico e mais distante daquela felicidade interior mais profunda do fluxo desobstruído da vida. Deborah e eu recordávamos juntas a palestra de K. Pareceu significar mais para ela do que para mim. Ela presta mais atenção às palavras, é mais literal — diz que talvez eu esteja a procurar demasiados ângulos, profundidades e graus de significado enquanto ele fala e, por isso, perca muito do que ele está a dizer, o que foi interessante à luz do que Amma [Sra. Besant] dizia: que ela questiona em vez de escutar, e depois continua a questionar.

Para Deborah, a referência de K. ao pousio foi uma inspiração, que era algo bom e necessário. Para mim, lavrar, semear, colher e deixar a terra em pousio eram todos um processo cansativo, sem nada de espiritual. Ela achava que eu discutia até me convencer ao pessimismo, o que sentia ser, na verdade, estranho à minha natureza…

[não sei. Pelo menos alegra-me ver que ela vive plenamente o instante.]

Sexta-feira, 5 de Agosto

Encontrei Rajagopal. Está preocupado com receio de Deborah se envolver em alguma relação ou situação infeliz. É muito sensato — ela parece realmente ansiosa por fazer contatos, não sei porquê, e surpreendentemente interessada nos nomes das pessoas e em situá-las de alguma forma em ligação connosco. Diversas coisas fazem-me frequentemente sentir que ela continua a ser, de algum modo, agente de W. [Dr. White, ex-marido de Deborah] — mas isso é assunto dela, não meu. Raja disse que estava a tentar evitar-me mais situações desagradáveis através dela e que eu devia vigiá-la, mas realmente não consigo, embora esteja mais do que contente por estar com ela…

Raja tem tantas vezes razão que me alegra o seu aviso de não lhe dar demasiada liberdade aqui, onde sente haver muitas possibilidades indesejáveis de “aventuras ocasionais” para ela. Seria demasiado natural

que, na sua felicidade por estar livre de White, quisesse sair em alguma extravagância ou ter algum impulso de autoconfiança e autoexpressão com aqueles que a rodeiam.

6 de Agosto

Ontem à noite pensei muito no meu egoísmo, em estar tão sozinha — os pequenos aborrecimentos dos constantes «com licença» e «obrigada»; tentei descobrir por que motivo o hábito de estar só deveria resultar numa espécie de frustração… Finalmente, depois de uma sesta revigorante, dei por mim muito mais feliz, livre e disposta a não ter tempo algum para mim própria. Isto já é alguma coisa. Agora tenho de compreender por que razão ter alguém de pé ao nosso lado, gesticulando, dinâmico, repetindo vezes sem conta o mesmo pensamento, explicação, narrativa sobre coisas ou pessoas que não nos interessam, me deixa embaraçada e nervosa.

Hei de recorrer ao meu afeição e perceber que devo, ou estou, interessada naquilo que a interessa a ela. Tudo isto é muito divertido e estou realmente tão feliz por tê-la aqui comigo, e ela é tão querida e grata por tudo o que a vida lhe traz. É bom para mim aprender com ela e ver como funciona a mente de outra pessoa. Descubro que a minha pára! Sou impaciente com os meios para atingir fins, quando talvez apenas os meios realmente importem.

Esta manhã Krishnaji falou de forma tão maravilhosa, tão clara, e pareceu-me pela primeira vez falar com esperança do nosso derradeiro cumprimento da felicidade e da realidade. Falou de nacionalismo e internacionalismo e pediu-nos que refletíssemos profundamente sobre isso — sobre a nossa falta de amizade no campo devido a barreiras nacionais, políticas, financeiras ou sociais.

«Podemos todos, vocês e eu, ser bombardeados e mortos. Portanto, a questão ardente é política e nacional. O que vamos fazer em relação a isso? O nacionalismo resulta de um hábito, de um preconceito, do egoísmo ou da crença de que Deus está do nosso lado. Isto foi alimentado pelo hábito da meditação. Aqueles que meditam confiam num hábito para chegar a algum lugar — um hábito é estagnação, nunca conduzirá à verdade. Se meditam, descubram por que meditam. Aqueles que não meditam fariam igualmente

bem em descobrir por que não o fazem. Não digo que seja a favor ou contra a meditação…

Sugeria que, durante as próximas vinte e quatro horas, aqueles que têm o hábito de meditar o abandonassem apenas por esse período. Para pensar nestes problemas, não para conversar ou visitar, mas para pensar profundamente, sozinhos — depois do conflito, da luta, na calma que se segue poderá surgir o milagre da realização, não procurando-o nem esperando-o, mas talvez ele exista no silêncio após a luta.»

Ontem, portanto, ele queria dizer, como Deborah pensava — que isso poderia surgir apenas no pousio após o cultivo. Eu fui demasiado longe na ideia, sentindo-me desencorajada por, depois do pousio, haver novamente apenas o pobre agricultor a preparar o próximo trabalho.

Assim, fico como alguém que não medita. Deborah achou que isso talvez implicasse que seria bom para aqueles que não meditam experimentarem — não tenho a certeza…

Eu meditara, repetira mantras e participara em encantamentos vocais, e o resultado foi um poder, como se outro me utilizasse — a minha voz era sonora, cheia de segurança, o poder era forte embora não agressivo, como uma oração atendida, e fez-me sentir talvez que eu deveria utilizá-lo para alguma coisa; mas eu não queria fazer nada com ele, não queria ser líder, nem uma força ao serviço da E.S.[1] através da qual ele vinha… Não acreditava em rituais, as pessoas tornavam-se tolas — afetadamente piedosas — por causa deles… Eu pedira poder e ele viera. Era maravilhoso, mas assustou-me tanto que abandonei a meditação, mas não o pensamento silencioso; a concentração, que considero mais segura, inteligente e não uma retirada, ou aquilo a que K. poderia chamar uma fuga.

O extraordinário em Sara é que, tendo sentido esse «poder», preferiu renunciar-lhe, ao contrário de tantos que utilizariam tal experiência para promover a sua própria importância espiritual.

10 de Agosto

Deborah parece estar a fazer amizade com muitas pessoas; parece mais calma, menos brusca e dinâmica, embora não mais feliz — mais refletida. Hoje K. disse que se deve ser «tão espontâneo no medo como no amor».

Num terramoto ou numa calamidade, quando não há fuga possível, certamente acontece alguma coisa — apenas o real nos permanece.

Sinto que aquilo de que K. fala é muito mais simples do que toda esta discussão, mas suponho que eu não seja suficientemente simples…

Por vezes sinto que esta consciência é como separar botões ou cardar lã. Exige diligência constante… K. acha que tomar notas… ou escrever a amigos é mantermo-nos presos às nossas próprias ideias e nichos — certamente muitas vezes é para parecermos mais sábios do que somos, ou para querer partilhar, ou exibir-nos; mas quanto às notas que escrevo, ainda não tenho a certeza se prejudicam ou ajudam, por isso terei de pensar nisso — tenho a certeza de que nunca as relerei, por isso talvez seja uma perda de tempo escrever. Ao pôr as reações no papel, ele talvez sinta que as cristalizamos e voltamos a elas quando, uma vez eliminada alguma coisa, certamente não precisamos de regressar a ela. Reparei que, quando ele escreve uma carta ou um poema, não faz muitas comparações — apenas o pássaro a cantar.

12 de Agosto

Sinto-me profundamente feliz, como as correntes silenciosas no fundo do mar, e se a minha mente e atenção são atraídas para a superfície, não abandono as minhas profundezas, mas levo-as até à superfície à medida que as coisas acontecem. Não consigo resolver problemas, mas quando estou sozinha sou feliz com o fluxo ou a quietude à minha volta, na qual nos perdemos sem desejo de o fazer. É de facto espontâneo e, assim que descubro a minha mente a tentar analisá-lo, desaparece…

Vejo que toda esta escrita é realmente inútil, uma perda de tempo, porque pôr no papel aquilo que se recebe do campo não é uma ajuda nem a realidade.

Encontrei K. na oficina mecânica onde enchia um pneu. Parecia um pouco preocupado, ansioso ou cansado; perguntei-lhe se estava cansado e disse que não, e ocorreu-me que talvez houvesse muitas pessoas que ele tentara ajudar e certamente não ajudara — algumas um pouco, mas nenhuma o suficiente — e entre elas Rosie [Rosalind], pensei, e tenho estado preocupada com a sua saúde há muito tempo.

Em 1936 ela não quis dizer qual era o problema, o que me fez sentir que era realmente sério, e senti que, em Ojai, K. tentava mantê-la calma, sem excitação, não demasiado cansada, deitando-se cedo, por isso não ia jogar xadrez à noite como ela queria, com receio de que isso a mantivesse acordada e criasse um sentido de competição que não me agrada, se alguma vez chega a esse ponto. Fiquei acordada muito tempo ontem à noite a pensar se D. [Deborah] e eu poderíamos juntar-nos a Rosie em Ojai e a Radha — cuidar da casa, D. poderia cozinhar até Raja chegar no final de Outubro para estar com ela. Ele diz-me que ela quer uma operação por causa de qualquer coisa — alguma dor. Mas não penso que seja o apêndice, como ele insinuou. Surge demasiado depressa e de forma demasiado severa para ser adiado até ele chegar, como disse que lhe escrevera para fazer…

Quando esteve em Ojai na Primavera de 1936, Sara evidentemente reparara no estado de Rosalind. Não conhecia a causa, mas Krishna, que sabia, poderia muito bem estar a perguntar-se ali em Ommen, dois anos depois, se Rosalind estaria novamente grávida ou se sofrera outro aborto espontâneo. «K. visitou-nos. Senti que havia algo de que queria falar — senti ansiedade em relação a Rosie, mas não lhe perguntei nada sobre ela…»

No final do Campo, Sara expressou o desejo de ir ter com Rosalind caso ela viesse a ser operada.

22 de Agosto de 1938

Querida Rosie,

… Rajagopal disse-me que estavas a pensar fazer uma operação ao apêndice ou algo do género e que te escrevera para, se possível, esperares pela sua chegada a Los Angeles… quererás realmente dizer-me, querida Rosie, se houver alguma maneira ou lugar em que Deborah e eu possamos

ajudar-te ou estar contigo para te dar verdadeiro descanso e cuidar um pouco de ti, para que possas recuperar antes da operação? Sabemos que gostas de estar connosco as duas. Essa não é a questão. A questão é se podemos ser úteis antes ou depois da chegada de Raja. Pensámos que talvez pudéssemos ajudar com Radha ou com a tua mãe. Não queremos incomodar nem complicar nada… diz-me se posso ajudar pessoalmente ou um pouco financeiramente…

Sempre com carinho,
SARA

Qualquer que tivesse sido o problema de Rosalind, ficou resolvido quando Raja regressou e nunca mais se falou da operação. Sara não foi para a Califórnia nesse Outono. A 13 de Outubro de 1938, de Sarobia, escreveu a sua última carta a Rosalind.

Esta tarde apanhei algumas folhas, brilhando na suave quietude dourada de um sol acolhedor, e enviei-tas. Quando chegarem até ti estarão secas e enrugadas. São apenas precursoras da promessa do Outono. O campo significou muito para mim. Foi um campo estimulante. Houve uma altura em Ojai em que me impacientei com tudo aquilo e tentei esquecê-lo. Penso agora que o meu estado de saúde esteve na origem desse período.

Foste querida comigo e convidaste-me a ir enquanto tu e K. liam, e a partilhar comigo os pensamentos dele, e eu nada quis saber disso. A impaciência impediu-me de desfrutar e de questionar gentilmente — que criaturas estranhas somos e como é difícil conhecermo-nos a nós próprios. Aprende-se a valorizar esses sentimentos infelizes e, muito depois de algo impulsivo ter surgido, recorda-se isso subitamente num céu limpo e diz-se: agora compreendo, isto mostra-me o que estava por detrás daquele dia.

Fico contente por te sentires melhor. Não demorará muito, tal como o tempo passa, até estarmos todos juntos novamente.

Boa noite,
SARA

Sara morreu seis semanas depois. Rosalind sentiu que não apreciara plenamente a sua amizade com Sara até depois da sua morte. Não esperava

que essa perda fosse um golpe tão duro. Tinham partilhado tantas atitudes e tantos interesses; construção, puzzles, xadrez, pintura. Só quando Sara desapareceu Rosalind percebeu o enorme apoio que aquela amizade profundamente afectuosa representara.

A partir daí Robert iniciou uma correspondência com Rosalind muito regular da parte dele, embora não tanto da parte de Rosalind, que sempre se considerou má escritora de cartas.

8 de Dezembro de 1938

Querida Rosalind,

A tua carta tão querida e compreensiva tocou-me profundamente. Sei quanto amavas Sara.

Também eu senti, como tu, que ela conseguiria recuperar, porque já o fizera várias vezes antes, mas o seu coração estava fraco e acabou por ceder.

Estou absolutamente certo de que, embora tenha lutado corajosamente até ao fim, o seu ego decidira realmente partir, sentindo que, ao recuperar Deborah, tinha pago uma dívida cármica e estava livre para escapar para um mundo maior e mais verdadeiro e libertar-se da limitação incómoda do seu corpo problemático.

Deborah foi extraordinária durante a provação e o funeral, mas lamento muito dar-te a má notícia de que a tensão foi excessiva e ela teve um colapso, encontrando-se agora num hospital próximo depois de tentar suicidar-se.

Fielmente,
ROBERT

Também eu senti profundamente a perda de Sara. Depois da sua morte, o Sr. Robbie já não me pareceu a pessoa intimidante que antes fora. Era a única pessoa que eu conhecia que gostava das bandas desenhadas de domingo e, quando estava em Ojai, eu subia até Saro Vihara logo depois do pequeno-almoço nos domingos de manhã e passava uma ou duas horas absorvida em dois conjuntos de tiras cómicas. Não estavam disponíveis em

Arya Vihara porque, por frugalidade, nem sequer recebíamos jornal. De qualquer forma, as bandas desenhadas eram desaprovadas no meu caso, mas o Sr. Robbie nunca me denunciou. Penso que, embora fosse intelectual, acreditava que representavam um sector importante da cultura americana, tal como os programas de rádio *Hopalong Cassidy*, *The Lone Ranger* e *Charlie McCarthy*.

Se era severo comigo por maltratar um animal, podia ser igualmente severo com a minha mãe por pronunciar mal uma palavra, comer amendoins no carro ou cantar uma canção como «Mama's little baby likes shortnin' shortnin'», que depois nunca mais conseguia tirar da cabeça.

Mas sabia escrever cartas diretamente ao coração de uma criança, sobretudo sobre os seus ou os nossos animais. Depois da morte de Sara, refugiou-se cada vez mais nesse mundo dos animais e acolhia aqueles que podiam partilhá-lo com ele. Continuou ativamente envolvido na Sociedade Anti-Vivissecção, em vários grupos de direitos humanos e de bem-estar animal, e com as muitas pessoas a quem nunca recusava ajuda.

No Outono, pouco antes da morte de Sara, Blanche Matthias convidara-nos para um jantar que oferecia no Town House Hotel, em Los Angeles, ao famoso bailarino indiano Udai Shankar. O jantar seguiu-se ao espetáculo e a sobremesa, um palácio esculpido em diferentes sabores de gelado exótico, impressionou-me infelizmente muito mais do que o bailarino; embora o gelado nunca tenha descongelado o suficiente para o podermos comer.

Poucas semanas depois dessa noite memorável, Rosalind escreveu:

12 de Dezembro de 1938

Cara Blanche,

Foi tão agradável receber a tua carta e obrigada também pela carta de Shankar que incluíste.

Foi um enorme choque saber pelo Sr. Logan que a Sra. Logan faleceu. Sabes quanto gostávamos uma da outra e a sua morte deixou-me com um

profundo sentimento de perda. Não sabia que sentia tanto por ela e não estava preparada para que algo assim lhe acontecesse…

Quando te voltar a ver, quero muito falar contigo sobre levar Radha para a nova escola de Shankar. Raja nunca é muito favorável a que eu leve Radha e vá viver para a Índia, pois diz que o clima é muito mau, mas eu desejo-o muito.

Notas:

1. E.S. — provavelmente referência à *Esoteric Section* (Secção Esotérica) da Sociedade Teosófica.

Esta carta é característica da minha mãe, que conseguia, numa única frase, passar da sua dor e choque de novo para o seu entusiasmo pela vida. Contudo, sentia a tristeza intensamente. Vi-o muitas vezes no seu rosto: os seus olhos azuis, com toda a sua inocência, enchiam-se de lágrimas silenciosas enquanto mordia o lábio e olhava para fora da janela. Depois passava — a luminosidade regressava. O meu pai atribuía esta mudança constante ao facto de ela ser Gémeos — explicação de que ela não gostava.

Raja perdera há muito qualquer desejo de viver na Índia; regressava apenas porque tinha de acompanhar Krishna e visitar a mãe. Naquele momento estava também pessimista quanto ao futuro do mundo e achava sensato permanecermos todos juntos em Ojai.

Mas Rosalind estava inquieta. Perdera os dois últimos campos de Verão em Ommen. E a morte de Sara deixara um enorme vazio na sua vida. O meu pai parecia geralmente inconsciente ou indiferente à rotina quotidiana das nossas vidas e víamo-lo, no máximo, ao jantar. Mas por vezes apercebia-se de um descontentamento específico e então esforçava-se por ser mais companheiro — até ao ponto de ir caminhar connosco. Havia uma subida íngreme atrás de Arya Vihara chamada Twin Peaks. Um dia os meus pais e eu percorremos os quatro quilómetros até ao topo. As ocasiões em que o meu pai nos fazia companhia eram suficientemente raras para que eu me lembre nitidamente de cada uma delas.

A 20 de Junho de 1939 chegou outro choque vindo do Sr. Robbie. Coincidentemente, fora escrito no aniversário da minha mãe.

Caríssima Rozzie,

Deborah foi enterrada hoje. Escapou às enfermeiras e enforcou-se na noite de domingo, precisamente quando os médicos se sentiam muito encorajados com a sua recuperação.

Nas últimas vezes que a vi, parecia tão completamente normal e lúcida que comecei a pensar que talvez conseguisse libertar-se desta obsessão pela autodestruição e regressar a Sarobia… Contudo, nunca contei verdadeiramente com a sua recuperação, pois sentia que o verdadeiro dano tinha sido feito anos antes e que a morte de Sara apenas provocara uma crise aguda. A verdadeira tragédia ocorrera vinte anos antes, quando caiu nas garras do Dr. White, e é melhor que tenha partido do que passar a vida internada e sob uma nuvem de depressão e medo.

Robert afirmara sempre não gostar de bebés nem de crianças muito pequenas, mas depois de duas perdas tão terríveis num único ano, que suportou com aparente estoicismo, adoptou tanto a minha mãe como a mim como a sua família mais próxima.

Gostaria muito de ter uma fotografia tua e uma fotografia de Radha, ou uma de ambas, se não tiveres separadas. Se ainda não tiraste uma com Radha, devias fazê-lo antes que ela comece a crescer demasiado e fique desajeitada…

Sinto muito a falta de ambas, porque estão muito próximas do meu coração.

Com carinho,
ROBERT

Por causa da guerra na Europa, os Berkeley já não podiam fazer as suas viagens anuais a Santa Bárbara e, em 1939, Molly ofereceu-nos a sua «pequena casa de campo» praticamente por tempo indefinido. Era raro o meu pai aparecer por lá. Nesse Verão foi sozinho para a Europa, deixando a minha mãe e Krinsh desfrutarem da oferta de Molly. A casa de Molly era um castelo para mim. Deliciava-me com o papel de parede prateado do quarto principal e a banheira afundada em mármore preto. Havia aposentos para os criados e belos jardins cuidados por um jardineiro italiano. O seu

almoço, consistindo num ovo cru cuidadosamente perfurado em ambas as extremidades, sugado da casca e engolido com a sua cerveja de raiz caseira, fascinava-me.

Ao princípio Rosalind ficara horrorizada com o tamanho da casa e decidira recusar a oferta de Molly, mas Maria Huxley adorava-a, pois tinha um estilo e ambiente muito italianos. Convenceu Rosalind a aceitá-la e mostrou-lhe como fechar grande parte da casa, reduzindo assim os custos de manutenção.

O Sr. Robbie, que mesmo no meio da tragédia não perdera o seu toque de humor, escreveu:

29 de Agosto de 1939

Caríssima Rozzie,

Fico tão contente por tu e Krinsh estarem a sobreviver tão bem na pequena cabana de Lady Berkeley! Gostaria imenso de estar aí convosco.

Pergunto-me se me poderias enviar os negativos de três das fotografias instantâneas que me mandaste para eu as ampliar.

Uma é a fotografia tua sentada na grade, parecendo bastante uma jovem finalista a sonhar com Clark Gable.

A segunda é de Radha e Krinsh… e a terceira é de Radha, tu e Beato…

Tivemos muitos visitantes, entre eles Jinarajadasa e os Huxley, que vinham com bastante frequência e por vezes traziam o seu amigo Bertrand Russell. Russell estava a passar aquele ano em Santa Bárbara porque, tal como Aldous Huxley e Christopher Isherwood, decidira que a Inglaterra não era então um lugar fértil para pacifistas. Pelo menos encontrou espíritos afins entre nós, embora cada membro do grupo tivesse a sua própria abordagem muito individual.

Em Santa Bárbara, Rosalind descobriu que estava grávida pela terceira vez e agora, de forma algo imprudente, considerou ter a criança. Adorava crianças e sempre quisera ter mais. O cancro ameaçador não regressara e

ela praticamente esquecera tudo isso. Contudo, aos trinta e seis anos, compreendia que os riscos de uma gravidez eram ainda maiores do que antes e estava, por isso, parcialmente a pôr Krishna à prova quando lhe falou dos seus sentimentos.

Ele deixou bem claro que não considerava muito boa ideia terem aquele bebé. Não chegou ao ponto de dizer explicitamente que ela deveria fazer outro aborto, mas nunca precisou de palavras para tornar claros os seus desejos, e mais uma vez ela entrou sozinha no autocarro, enquanto ele permanecia tão solícito e carinhoso como sempre, prestando-lhe os mesmos cuidados ternos quando regressou.

17

Um Jardim de Paz num Mundo em Guerra

Krinsh era, de longe, a pessoa mais gratificante para fazer partidas. A árvore de limas ácidas do pomar dava frutos cujo sumo parecia exatamente sumo de laranja. Sempre que lhe servia aquilo ao pequeno-almoço, Krinsh proporcionava uma maravilhosa representação de surpresa e choque. Pôr rãs na cama dele tinha igual sucesso. A fila de acácias que conduzia de Arya Vihara a Pine Cottage fazia parte de um percurso que Krinsh percorria regularmente ao longo do dia.

Como era uma pessoa de hábitos extremamente precisos, era fácil para mim e para o meu primo David saber exatamente quando nos esconder numa árvore com um pequeno balde de água pronto para despejar sobre a sua cabeça. Nunca nos ralhava por lhe causarmos tal inconveniente e nunca nos falhava na reação exatamente como esperávamos, fingindo por vezes saber onde estávamos, segurando o grande chapéu de palha sobre a cabeça e correndo — apenas para descobrir que adivinhara mal.

O facto de as excentricidades da nossa família não me tornarem minimamente envergonhada devia-se em grande parte à minha mãe. Tinha uma forma de fazer com que tudo acabasse pelo melhor, pelo menos no que me dizia respeito. Quando certa vez mencionei que todos os meus amigos

tinham peru no Dia de Ação de Graças e porque não tínhamos nós, ela apareceu um dia em casa com um casal de peruzinhos.

Só muito mais tarde me ocorreu que esta não era a maneira habitual de servir peru. Por um acaso duvidoso, os peruzinhos cresceram e tornaram-se um macho e uma fêmea e, quando chegou a altura, a Senhora Peru dedicou-se intensamente à postura de ovos. Até o peru macho ficou transtornado com a obsessão dela de se sentar sobre intermináveis ninhadas de ovos. Finalmente voltou-se para mim em busca de conforto. A enorme ave, que pesava tanto como eu, saltava para o meu colo e pousava a estranha cabeça carnuda sobre o meu ombro. Na verdade, afeiçoou-se a mim com tal lealdade que dormia sobre a grade no topo das escadas exteriores junto ao meu quarto e ninguém se atrevia a subir sem a sua permissão.

Quando, por fim, os seus quarenta descendentes cresceram totalmente, o bando inteiro juntava-se a nós nos passeios da tarde pela estrada em direção à Escola Thacher; azar para os poucos carros que queriam usar a estrada àquela hora. Houve chuvas torrenciais naquele Inverno e, numa tempestade, a ponte no fundo da estrada foi levada pela corrente e a ponte acima de nós estava prestes a ceder. Se isso acontecesse, ficaríamos isolados da aldeia. Havia grande preocupação entre os adultos; os perus e eu juntámo-nos a eles junto à ponte, observando a água furiosa sobre as rochas e a corroer os pilares. Os perus inclinavam as cabeças e espreitavam sobre a margem com espanto.

Os meus amigos vinham ver os nossos perus, cuja atividade favorita era deslizar como em tobogã pela traseira do Lincoln Zephyr, moldado numa única curva elegante do tejadilho ao para-choques. Se Krinsh se sentia incomodado pelo facto de toda a sua limpeza e cuidado do carro serem inúteis, nunca o demonstrava. Depois do Dia de Ação de Graças seguinte ter passado, os nossos perus continuavam alegremente a correr pelo jardim.

Quando era muito pequena, fui poupada às realidades mais feias da vida. Num Verão partimos para a nossa habitual estadia em Carmel. Quando regressámos a Ojai, todos os jovens perus tinham desaparecido. Percebi que seria um erro insistir em saber o que lhes acontecera. Disseram-me que tinham ido embora porque não havia ninguém em casa

para cuidar deles. Foi Willie, claro, quem tratou desse lado da vida, poupando geralmente todos os outros aos detalhes; contudo, eu ouvira-o resmungar ocasionalmente quando o Sr. Robbie se queixava das armadilhas para esquilos-da-terra. «Não se pode ter tudo: se querem um bom pomar, têm de se livrar das pragas.» Pouco depois, os coiotes levaram a Senhora Peru e o meu peru macho. Essa foi a minha perda seguinte depois de Sara e, como todas as crianças acabam por aprender, eu começava a perceber que a dor é uma parte inevitável da vida.

Felizmente, dois gansinhos surgiram pouco depois do desaparecimento dos perus e depressa cresceram, tornando-se dois enormes gansos. Começaram a aparecer ovos, felizmente de ambos, o que nos poupou ao problema de mais bandos de aves. Os ovos davam deliciosas omeletas e os gansos pareciam felizes por não terem de passar o tempo sentados sobre eles. Em vez disso, tornaram-se ferozes guardiões e atacavam todos aqueles de quem não gostavam, embora nunca nos fosse claro o seu critério de amigo ou inimigo. Desgostavam particularmente de senhoras que usassem meias. Tenho a certeza de que algumas pessoas sentiam que estavam a falhar no seu progresso espiritual se gansos tão associados a Krinsh as escolhiam com tão indignada hostilidade.

A saúde da minha avó deteriorou-se em 1939 e Rosalind fazia viagens frequentes a Hollywood para ajudar Erma a cuidar dela. Krinsh tornou-se então meu guardião, bem como companheiro de brincadeiras, assegurando-se de que eu comia devidamente, me vestia com asseio para a escola e mostrava responsabilidade para com os animais. Era sempre protetor e eu sentia-me completamente segura com ele, mas David e eu aproveitávamos frequentemente a indulgência que tinha connosco.

Querida Mãezinha,

No outro dia Krinsh, Davit e eu demos um pequeno passeio e encontrámos uma cobra morta na estrada. Queríamos levá-la para casa. Mas não queríamos carregar aquela coisa malcheirosa todo o caminho, por isso Krinsh disse que o faria e, quando chegámos a casa, pusemos a cobra na garagem e, quando Grace desceu para trazer o jornal, viu a cobra. Então começou a gritar porque pensava que estava viva…

Sem dúvida foi novamente Willie quem teve de se livrar da cobra malcheirosa.

Mas quando se tratava do pensamento, Krinsh era outra pessoa. A sua natureza gentil e descontraída desaparecia e podia ser tão feroz comigo, se eu perguntasse ou dissesse algo que considerasse estúpido, como era com as suas audiências em Oak Grove ou nos pequenos grupos de discussão de domingo em Arya Vihara. Esforçava-me muito para não despertar esse lado dele, pois achava-o profundamente desconfortável e sentia uma terna piedade por aqueles pobres interlocutores que, imprudentemente, se expunham ao seu desdém e impaciência ao fazer perguntas tolas.

A expressão de sofrimento no seu rosto deveria bastar para refrear a curiosidade do mais determinado buscador da verdade, e contudo tentavam repetidamente. «E quanto à vida depois da morte, reencarnação e crença (ou descrença) numa realidade última?» Imaginem quando apareci eu a perguntar se ele acreditava em fadas, como acreditava a nossa cozinheira finlandesa!

«Isso», disse ele, «é como os três cegos e o elefante. O que apalpa a tromba afirma que é uma árvore, o que apalpa a cauda afirma que é uma corda —»

Não me lembro do que afirmava o terceiro, mas percebi a ideia e nunca me atrevi a fazer a pergunta seguinte que me ocupava a mente — acreditaria ele no Pai Natal? Com o tempo, à medida que crescia, percebi que a própria palavra crença não dizia respeito ao quê, mas ao porquê. Porque queríamos acreditar em algo revelava a nossa própria psicologia. Era importante observar e experienciar — a nós próprios, bem como o mundo à nossa volta — sem rotular nem julgar. Krinsh também não tinha qualquer apreço pela acumulação de factos ou conhecimentos e, se tivesse estado apenas sob a sua influência, teria considerado a educação uma colossal perda de tempo.

Para melhor ou pior, houve outras influências sobre mim. O meu pai ensinou-me a ler, escrever, aritmética e geografia muito antes de eu ir para a escola e eu valorizava profundamente esses momentos com ele. Erma vinha de Hollywood quase todos os fins-de-semana e ensinou-me a amar os livros, a História e a natureza. David e eu caminhávamos com ela pelas

colinas de Ojai e aprendíamos os nomes de todas as sálvias, ervas e formações rochosas. Tinha uma linda voz para cantar; quando era pequena queria sempre que ela me cantasse para adormecer. Erma dizia de si própria que era uma observadora.

Nunca procurava ser o centro de qualquer situação, contentando-se em observar sem críticas tudo o que acontecia à sua volta. Nunca conheci ninguém cuja companhia fosse mais agradável do que a de Ermie. Capaz de discussões filosóficas profundas, possuía também um delicioso sentido de humor. Krinsh chamava-lhe Irmã Erma, uma familiaridade afetuosa de que ela gostava. Politicamente, era sempre diferente dos restantes adultos à minha volta, mais conservadora, e defendia muito bem os seus argumentos, mesmo perante Krinsh, porque conhecia bastante História, aprendida por si própria. Erma, tal como Sara, era uma dessas raras mulheres que se tornam cada vez mais belas com a idade.

E depois havia os Huxley. Aldous e Maria vinham frequentemente a Ojai. Embora Aldous fosse cego de um olho e visse muito pouco do outro, a intensidade do seu interesse fazia-o parecer ter uma visão mais aguçada do que aqueles de nós com vista perfeita. Nunca era opressivo com o seu saber e, com um encanto infantil — tal como Krinsh — agachava-se na relva comigo para brincar com os gansos (a quem chamou Toddleiums e Susielums, nomes logo reduzidos pelo Sr. Robbie a Toby e Susie. O facto de Toby ser uma gansa foi ignorado.)

Eu era demasiado nova para sentir reverência por Aldous. Tenho uma imagem nítida dele, nesses fins-de-semana, sentado no relvado inferior debaixo do grande pinheiro, a dactilografar um livro. Primeiro, *After Many a Summer Dies the Swan*, cuja personagem, dizia ele, fora vagamente baseada na minha mãe, embora não lhe dissesse qual, parecendo surpreendido por ela não se reconhecer. Quando lhe perguntou se gostara do livro, ela respondeu: «Aldous, lamento, mas honestamente não posso dizer que gostei.» «Ótimo», respondeu ele, «não foi escrito para agradar.»

Maria tinha um pequeno Lulu da Pomerânia chamado LouLou, que a acompanhava quase para todo o lado. Não era exatamente uma pessoa de animais, tendo a mesma natureza extremamente meticulosa do meu pai. Contudo, foi ela quem, numa Páscoa, quando fomos tomar chá a casa deles

em Los Angeles, me ofereceu um cabrito. A minha mãe aceitou este presente invulgar com naturalidade e levámos a cabra para Ojai, onde acabou por ser minha tarefa ordenhá-la, embora nunca tenha sido o meu animal favorito. Aldous partilhava o amor da nossa família pelos animais e tanto ele como Maria se tinham tornado vegetarianos desde a chegada à América. Isso unia-nos a todos, tal como uma afinidade pela natureza — particularmente entre Krinsh e Aldous.

Nos seus longos passeios observavam juntos; Aldous conhecia todos os nomes latinos e ingleses de flores, arbustos e borboletas. Krinsh, geralmente desaprovando rótulos, parecia contudo fascinado pela capacidade de Aldous. As suas mentes abordavam a natureza por caminhos tão opostos e, ainda assim, encontravam harmonia na companhia um do outro. Aldous citava um filósofo alemão que dissera certa vez que a maior alegria é tirar macacos do nariz enquanto se observa o pôr-do-sol; Krinsh dizia apenas para observar, sem comentar nem tentar guardar a beleza na memória, ou ela perder-se-ia instantaneamente.

Adorava ir a casa dos Huxley. Acontecia sempre algo excitante à volta deles. Uma vez, um grupo bastante heterogéneo de nós, incluindo Bertrand Russell com os filhos, Aldous e Maria com o filho, várias figuras de Hollywood, mais Krinsh, foi passear pelo que então era uma zona agreste — as colinas de Los Angeles. Havia sinais por todo o lado proibindo fumar ou fazer fogo e todos nós andávamos ilegalmente a rastejar por baixo de cercas de arame farpado, atravessando propriedades privadas e ignorando sinais de «proibida a entrada». Isso estava tudo bem, até que os Russell começaram a fumar. Isso já não estava bem, nem mesmo para Aldous, que então compreendia os perigos da estação seca da Califórnia. Mas nada os demovia — até surgir um ajudante do xerife com arma em punho, pronto para prender-nos a todos. «Pois claro, e eu sou o Bob Hope», disse ele quando alguém tentou explicar que nenhum de nós era criminoso; «ali está um escritor famoso, ali uma atriz famosa e ali um filósofo famoso» — contudo deixou-nos ir embora depois de uma boa reprimenda por causa dos cigarros.

Os jantares em Arya Vihara, mesmo quando já não tínhamos cozinheira e a minha mãe tinha de fazer tudo sozinha, eram formais em comparação com o resto do dia. Ainda consigo imaginar a minha mãe, num

vestido comprido que fizera de seda indiana, numa extremidade da mesa, com Krinsh na outra ponta, sentado numa cadeira curva de espaldar alto. Quando o Sr. Robbie ou Aldous estavam presentes, ela cedia-lhes o lugar, permanecendo Krinsh sempre na extremidade oposta. Nunca me lembro do meu pai sentado em qualquer das pontas.

Todos, até mesmo Krinsh, mostravam deferência para com o Sr. Robbie. Havia algo para além da sua idade que inspirava isso. Depois do jantar jogávamos dados de póquer com os belíssimos dados chineses de marfim octogonais do Sr. Robbie, ou Monopoly, jogo em que a minha mãe era exímia. Até Krinsh jogava ocasionalmente, sempre com um ar algo sofrido, mas tenho a certeza de que não o faria se não gostasse realmente, pois nunca fazia nada que não quisesse verdadeiramente fazer. Na sua autobiografia, Beato descreveu essas noites e a forma como impressionavam algumas pessoas que não pertenciam ao nosso núcleo doméstico imediato.

Os amigos em Hollywood ficavam entusiasmados sempre que eu ia a Arya Vihara e pediam-me que escutasse atentamente tudo o que Krishnamurti dizia para depois lhes relatar. No início fui para Ojai esperando ouvir falar de assuntos «superiores», e fiquei surpreendida ao ouvir conversas que giravam em torno da horta de Rosalind e da vaca…

Ansiava discutir coisas como o terceiro aspeto do Logos, ou a vinda da Sexta Raça-Raiz, mas as conversas lidavam geralmente com assuntos humanos e as atividades eram simples e comuns. Na verdade, todos adoravam jogos, especialmente Monopoly. Numa noite Rosalind, que era uma verdadeira tubarão do imobiliário, ficou com todas as propriedades de toda a gente e até levou Krishnamurti à bancarrota. Eu estava ali sentada, paralisada de aborrecimento, quando Krishnamurti, apanhando o meu olhar distante, ergueu subitamente as mãos e disse: «Beatrice não faz ideia do que isto significa e nunca fará. Não se incomodem mais com ela.» Fiquei enormemente aliviada por me retirar daquele encontro, que continuou por mais três horas!!

Era raro Krinsh envolver-se o suficiente para permanecer tanto tempo num jogo. Gostava sobretudo de jogos que não exigissem absolutamente nenhum pensamento. Nunca teria sonhado jogar xadrez. Na maior parte das

vezes, precisamente às nove horas, retirava-se para a sua cabana depois de puxar cuidadosamente do seu Patek Philippe e o consultar.

O Sr. Robbie também tinha um Patek Philippe e ele e Krinsh comparavam diariamente os relógios até ao segundo. Todos os domingos sintonizavam o serviço oficial de hora do governo da Virgínia através da rádio de ondas curtas do meu pai. Eu costumava perguntar-me como, no género de vida que levávamos, a hora exata podia importar tanto. Conseguia perceber a importância do ponteiro dos segundos para Krinsh nos seus exercícios respiratórios de Yoga, mas não do ponteiro das horas. Talvez a pontualidade perfeita fosse um resquício da educação recebida sob Leadbeater.[1]

Embora a minha educação me parecesse rígida em comparação com a dos meus amigos, essa rigidez aplicava-se mais ao comportamento do que às atividades. Existiam relativamente poucas atividades naquele tempo e lugar que pudessem conduzir a problemas sérios. Aos olhos de todos os meus pais, mentir era a pior ofensa — nenhuma outra má conduta se comparava a ela; era sempre melhor dizer a verdade e enfrentar as consequências. Interpretei isto como significando que não precisava de fazer confissões espontâneas sobre coisas que não me perguntassem.

Provavelmente a coisa mais travessa (e mais perigosa) que David, eu e ocasionalmente algum amigo fazíamos era nadar nos reservatórios das quintas vizinhas. Estas maravilhosas grandes piscinas de água verde apenas ligeiramente viscosa aninhavam-se nas colinas e eram usadas para irrigação. As margens inclinadas e escorregadias podiam ser traiçoeiras quando pezinhos molhados tentavam voltar a subir e o afogamento não era de todo improvável. Claro que nenhum desses perigos significava alguma coisa num quente dia de Verão. Uma das minhas primeiras desilusões surgiu quando um dia confiei a Krinsh — só depois de ele jurar segredo de morte se nos traísse — que tínhamos nadado no reservatório, embora um de cada vez para que os outros dois pudessem ajudar o nadador a sair, baixando umas calças de ganga azuis para ele se agarrar.

Achávamos isso eminentemente sensato e acima de qualquer crítica, pelo menos vinda dele, que parecia estar sempre do nosso lado nas partidas. Mesmo então parecia estar do nosso lado e não ofereceu sequer a mais leve

reprimenda. Nunca esquecerei a sensação avassaladora de traição quando a minha mãe me chamou e me confrontou com essa aventura, admitindo que Krinsh lhe contara. Naquele momento perdi a confiança nele. Na altura não me perguntei porque escolhera quebrar a sua palavra em vez de assumir uma posição adulta e tratar ele próprio dessa pequena questão disciplinar. Poderia facilmente ter explicado que a situação era demasiado perigosa para se tolerarem segredos infantis e que precisava de ter a certeza de que eu nunca mais faria aquilo. Tenho a certeza de que teria desgostado dessa abordagem, mas teria preservado a minha confiança nele. Nunca mais lhe confiaria um segredo ou qualquer pequeno problema pessoal que surgisse com urgência na minha adolescência. A partir de então recorri sempre à pessoa a quem confiaria os momentos sérios — o meu pai.

Em Setembro de 1939 Raja regressou da Europa, depois de parar em Detroit a caminho da Califórnia para levantar um vistoso Cadillac descapotável. O novo carro foi recebido por Krishna e Rosalind sem mais entusiasmo do que a sua condução. Krishna demonstrou a mesma reação desdenhosa que tivera em 1924, quando Raja aparecera com um Buick. Rosalind considerava inadequado Raja possuir um Cadillac. Como a pintura fora destruída por uma tempestade de areia ao atravessar o deserto, Raja foi persuadido a trocá-lo por um Ford Coupé azul.

Antes de deixar a Holanda, Raja instara desesperadamente os seus amigos holandeses a emigrar para a América. Convencera-se, pelo que vira numa viagem à Alemanha, de que assim que a abundante colheita alemã fosse recolhida, Hitler voltaria as suas atenções para o Ocidente e acabaria por marchar sobre a Holanda. Apenas uma família, os Vigeveno, acreditou nele e, com os seus três filhos e valiosa coleção de arte, deixou tudo o resto para trás e embarcou no que viria a ser o último navio para a América. Depois da guerra, Annie Vigeveno viria a saber que quarenta dos seus familiares alemães tinham morrido em campos de concentração.

Fui protegida da maior parte dos horrores da guerra. A minha mãe certificava-se de que eu não ouvia os noticiários que Krinsh e o meu pai escutavam todas as noites. Temendo que o futuro reservasse grande incerteza, queria que a minha infância fosse normal e feliz durante o máximo de tempo possível. Ao mesmo tempo, incentivava-me a estar

consciente do infortúnio individual. Havia muitas pessoas à nossa volta que sofriam com a guerra muito antes da entrada da América no conflito.

Um dia, enquanto estávamos em Hollywood, convidei-me a mim própria para almoçar em casa dos Ingelman. Aí conheci outro convidado, um grande e muito sombrio pintor francês chamado Guy Ignon. Soube que era um refugiado vindo de França que saltara de um navio em Nova Iorque e nadara até terra, conseguindo milagrosamente chegar à Costa Oeste. John e Hilda Ingelman tentavam ajudá-lo a obter documentos e trabalho, pois estava praticamente a morrer de fome.

Apesar do seu ar lúgubre, simpatizei imediatamente com ele, ou talvez sentisse que fazia parte da tradição da nossa família convidar tal pessoa para tomar chá em casa, o que fiz. Talvez ele se tenha surpreendido com um convite tão formal vindo de uma menina de nove anos, mas apareceu efetivamente na tarde seguinte e os meus pais acolheram-no. Apresentaram-no aos Vigeveno que, embora eles próprios fossem imigrantes recentes, já tinham estabelecido uma galeria de arte bem-sucedida em West Los Angeles.

A sorte de Ignon mudou a partir daí e ele passou sempre a ver-me como a sua pequena mascote. Pintou o meu retrato, que a minha mãe comprou embora nunca tenha gostado dele, pois Ignon pintara-me com olhos enormes carregando todo o sofrimento do seu próprio coração e ainda mais. Mesmo depois de casar com uma adorável jovem e ter um filho, continuava com um ar melancólico.

Na Primavera de 1940 a minha avó Sophia morreu. Acabara de ser submetida a uma operação bem-sucedida à vesícula e recuperava bem no hospital quando o médico terminou o turno e se esqueceu de avisar a equipa de que ela era fatalmente alérgica a certos medicamentos. Quando lhos administraram inadvertidamente, piorou imediatamente. Com autorização do médico, Rosalind levou-a para casa, para Gower Street, onde ela e Erma cuidaram dela até à sua morte algumas semanas depois. Durante esse período, Aldous e Maria apareciam todas as manhãs e sentavam-se silenciosamente na sala, sem esperar conversar ou visitar, oferecendo apenas o seu apoio tranquilo.

Erma descreve esse período no seu diário:

Estamos realmente a passar por uma grande experiência e, teosoficamente falando, a Mãe deve ter um karma bastante bom, pois está muito bela neste seu desvanecer gradual e, quando chegar a libertação, sem dúvida terá sido separada de toda a matéria mais densa e ficará plenamente libertada, exatamente como todos gostaríamos de partir. O Dr. Norris parece muito satisfeito comigo e com Rosalind pela maneira como estamos a cuidar dela, pois mantém-se impecavelmente limpa — e estabelecemos uma paz tranquila na casa; é quase como um santuário agora, portanto tudo está bem de acordo com as nossas crenças — se é que podemos chamar crenças às nossas ideias.

Erma conseguia sempre equilibrar-se graciosamente entre a Teosofia e Krinsh.

Eu estava na escola em Ojai no dia em que a minha avó morreu. Lembro-me de pousar subitamente a cabeça sobre a secretária e saber que ela partira. Quando a minha mãe veio contar-me, respondi que já sabia. Senti profundamente a sua perda, pois nos seus últimos anos a minha avó concentrara toda a sua atenção em mim e dera-me, entre outras coisas, o amor pela música.

Depois da sua morte, o Natal nunca mais voltou a ser a ocasião especial que fora enquanto ela viveu, pois era a única época do ano em que vinha a Ojai. A minha mãe e eu, David, as minhas tias e Willie ficávamos em volta do piano, que a minha avó ainda tocava lindamente apesar da artrite nas mãos, e cantávamos canções de Natal. A minha avó conseguia por vezes inspirar Willie a cantar a «Ode à Alegria» da Nona Sinfonia de Beethoven, que recordava da juventude, quando cantava no coro da Ópera de Viena. Naturalmente, a bela voz de contralto de Erma enriquecia muito essas ocasiões. Eu ouvira falar das noites musicais em Buffalo e, apesar da riqueza de interesses e pessoas nas nossas vidas, sentia ainda falta de pertencer a um mundo musical.

Esse mundo desapareceu completamente quando a minha avó morreu. Ninguém sabia tocar piano. Krinsh detestava a própria ideia do Natal e deixava-nos todos bastante desconfortáveis em relação a isso; e todas as tensões latentes da nossa casa pareciam vir à superfície por causa desta celebração agora vazia.

Mas aquilo que faltava a Krinsh em espírito natalício compensava-o em pequenos rituais quotidianos: as flores da manhã cedo para a minha mãe e a única rosa bela e perfumada com orvalho matinal nos aniversários dela. Disse-me que nunca se deve cheirar uma flor antes de a oferecer, para não lhe retirar nada.

Robert, percebendo o cansaço de Rosalind após a morte de Sophia, escreveu-lhe em Maio de 1940:

Estou a acrescentar 100 dólares ao cheque para que tu e Radha possam ir a Sequoia ou Yosemite, ou a algum lugar, durante umas semanas de mudança e descanso; precisas certamente disso e tens de o fazer.

Com muito amor,
ROBERT

O meu pai também percebeu como ela estava cansada; em Junho levou-nos ao Parque Nacional de Sequoia, na Alta Serra, no seu Ford. Quando entrámos no parque vimos um urso no meio da estrada. Para minha surpresa e desespero do meu pai, quando lhe ofereci um pedaço de pastilha elástica, ela mostrou a sua falta de apreço deixando uma profunda marca de garra no estribo do carro. Os animais selvagens do parque, naquela época, ainda não tinham sido estragados pelos seres humanos, embora rapidamente nos informassem de que alimentar ursos era proibido. Este foi o início das caminhadas anuais de Verão a Sequoia, que continuaram durante os anos da guerra.

Em 1940 fora planeado um encontro no início do Outono em Sarobia. A minha mãe foi com Krinsh, deixando-me desta vez em Ojai, pois eu estava prestes a começar a frequentar a progressista escola privada Ojai Valley School. O meu pai ficou sozinho responsável por mim, juntamente com a Sra. Kaarna, a nossa cozinheira. Foi um período feliz para mim, mas deve ter sido difícil para ele.

Pouco depois do seu regresso à Califórnia, Rosalind escreveu a Blanche:

Cara Blanche,

Raja parece magro e cansado, pois está a trabalhar arduamente… Desde que regressámos, Radha esteve três semanas de cama com gripe e nunca a vi tão doente antes. Foi a primeira vez que tive de chamar um médico para ela. Mais de seiscentas pessoas em Ojai apanharam gripe. Krishnaji esteve de cama uma semana com uma ligeira perturbação brônquica e nunca antes o vira de cama mais do que um dia ou pouco mais. Estão perfeitamente bem outra vez e mais animados do que nunca…

O comentário de Rosalind sobre a saúde de Krishna é interessante tendo em conta os contínuos problemas de saúde que se dizia ter tido nos primeiros anos. Na realidade, era muito robusto nessa época e quase nunca apanhava constipações ou gripe, sofrendo apenas de alergias que lhe causavam algum inchaço à volta dos olhos e tosse ocasional.

Um dia, enquanto a minha mãe e Krinsh ainda estavam em Sarobia, olhei pela janela da sala de jantar, que dava para uma longa varanda ao longo de toda a casa. Ali vi, a andar de um lado para o outro, um gigante. Corri até à Sra. Kaarna que, acreditando em fadas, deveria saber se aquilo era realmente um gigante. Chamámos o meu pai, que o deixou entrar e descobriu que era apenas o marido muito alto de Iris Tree. Iris, juntamente com esse marido, o Conde Frederick Ledebur, o filho Christian e toda a troupe de atores de Chekhov que vieram com ela para Ojai (muitos deles pacifistas, como Iris), acrescentariam uma nova dimensão às nossas vidas, particularmente à da minha mãe e à minha. Tornaram-se parte da nossa vida separadamente de Krinsh (que se mostrava sempre ligeiramente desaprovador em relação a Iris). Embora Iris, tal como o restante círculo alargado, assistisse fielmente às palestras dele, Krinsh não era a razão pela qual Iris e o seu grupo se estabeleceram em Ojai. Tinham vidas próprias, muito cheias e coloridas, e rapidamente iniciaram um teatro de repertório.

Acostumados como estávamos a Hollywood, o teatro ao vivo era para mim uma experiência nova e maravilhosa. Iris Tree nascera nesse meio. O pai, Sir Herbert Beerbohm Tree, fora cavaleiro pela sua grandeza como ator e tornara-se particularmente famoso pela interpretação de Malvolio em *Twelfth Night* (*Noite de Reis*). A Rainha Vitória, ao tocar-lhe no ombro com a espada, repetira as palavras dessa peça: «Alguns nascem grandes, alguns alcançam a grandeza, e outros veem a grandeza imposta sobre si.» Graças aos atores de Chekhov, Ojai seria privilegiada durante muitos anos

com representações de primeira categoria de Shakespeare, Chekhov e muitas outras peças clássicas. Iris também dava festas maravilhosas, às quais compareciam Charlie Chaplin e outros atores de cinema.

Maria e Aldous eram velhos amigos de Iris em Inglaterra e tinham-na enviado visitar-nos quando ela pensava estabelecer-se na Califórnia. Na ausência de Rosalind, coube a Raja ajudar Iris. Já alterara a sua rotina habitual para cuidar de mim mas, como podemos ver pela carta seguinte, encontrou tempo para ajudá-la eficazmente. Era típico dele empenhar-se consideravelmente em tais situações, de formas de que poucas pessoas alguma vez se apercebiam.

Caro Sr. Rajagopal,

Foi extremamente gentil da sua parte ter-se dado a tanto trabalho comigo e com a casa, e estou-lhe muito grata —

Perdoe-me por o ter incomodado com tudo isto quando está tão ocupado com tantas coisas. Mas adorei o lugar e senti-me aliviada por me instalar ali com o rapaz — quando se põe o coração numa coisa, é sempre difícil desistir dela… talvez a Sra. Grey suavize em relação ao cão. Foi um grande prazer conhecê-lo e agradeço-lhe toda a sua hospitalidade e cortesia…

Atenciosamente,
IRIS TREE

Iris tinha um bonito cabelo louro cortado à pajem, que passava por sumo de cenoura para preservar a cor. Tinha grandes olhos violetas e um sorriso travesso. Conseguia imitar tudo, desde uma garça até ao encantador sotaque belga fortemente marcado de Maria Huxley. Iris nunca imitava as pessoas na frente delas, pois dizia que isso as deixaria constrangidas. Também nunca imitava Krinsh diante de nós, embora suspeite que se divertisse muito com isso.

Embora o meu pai apreciasse a companhia dela, achava os seus hábitos extremamente pouco asseados perturbadores. Certa vez a minha mãe convenceu-o a dar boleia a Iris de Los Angeles até Ojai. Ela viajava frequentemente com um conjunto de animais. Ele encontrou-a na esquina

combinada sem suspeitar, até ser tarde demais, que teria também de transportar uma grande cabra núbia no banco traseiro dobrável do seu minúsculo e imaculado Ford Coupé.

Nota:

1. *Referência a Charles Webster Leadbeater (1854–1934), influente teósofo britânico associado à Sociedade Teosófica e mentor de J. Krishnamurti nos seus primeiros anos.*

A Iris era uma cozinheira criativa e disposta a servir deliciosas iguarias vegetarianas, mas a sua cozinha deixava algo a desejar. Expostos numa disposição casual pelas prateleiras e bancadas encontravam-se latas abertas de comida para cão e gato, tinta, pratos por lavar e o último poema da Iris. Num certo jantar, o meu pai deu por si a meio do seu esparguete, que vinha engolindo educadamente apesar de um amargor que não conseguia identificar. De repente, a Iris observou com uma gargalhada forte que devia ter usado óleo de linhaça, pois andava a dar o acabamento à sua secretária e o tinha vertido para a garrafa do azeite. Passou algum tempo até que ele pudesse ser convencido a voltar lá para jantar.

A Iris deu-me generosamente um cachorro da ninhada dos seus raros e belos pastores-alemães brancos. Isto foi para me confortar pela perda do meu primeiro cão, o Jerry-bo, oferecido pela Maria e batizado pelo Aldous. O Jerry-bo tinha fugido e desaparecido enquanto vivíamos na casa da Molly Berkeley.

Os meus animais de estimação continuavam a ser um problema perpétuo; as viagens quer a Sequoia, a Santa Barbara ou a Hollywood tornavam os cuidados com eles difíceis, embora gansos, patos, gambás, doninhas e esquilos tivessem todos provado ser mais fáceis de lidar do que um cão. O Aldous batizou a cachorra de pastor-alemão como Babs (em homenagem a Elizabeth Barrett Browning).

Quando mal tinha atingido o crescimento completo, ela correu para a estrada em frente a Arya Vihara e foi atropelada por uma motocicleta. Os meus gritos e os uivos de dor dela trouxeram o Krinsh e a minha mãe a correr. O Krinsh demonstrou então a sua própria e considerável coragem física e fortaleza, pois permitiu que a pobre cadela se confortasse roendo o

seu punho. A Babs foi levada para o hospital de animais e colocada num arnês de tração na esperança de restaurar o uso das suas patas traseiras. Como sempre em tais momentos, o Sr. Robbie ofereceu-se para ajudar…

1 de junho de 1941

Querida Rozzie,

Os 75 dólares extra no cheque anexo são para ajudar... com as cabanas de Sequoia ou com as despesas de hospital da Babs ou o que achares melhor.

Por favor, escreve de vez em quando e diz-me como estão todos e sobre a pobre Babs e o visto do Krishnaji etc., etc. Afinal de contas, sabes, tu és praticamente a única "família" que me resta.

Muito amor,

ROBERT

(Um dos problemas persistentes que o Raja teve ao longo dos anos da guerra foi renovar o visto do Krishna, o que ele fez com sucesso, embora às vezes precisando de alguma ajuda influente.)

O Krishna, a minha mãe e eu partimos para Sequoia como habitualmente naquele verão, já que a Babs ficaria confinada ao hospital por algum tempo. A Iris seguiu-nos com a sua comitiva pouco depois de escrever esta carta:

Ojai

17.VI.41

Caríssima Rosalind,

Final da noite no nosso vale, acabo de chegar a casa. Os rios estão a secar e o verde está a arder, mas ainda há flores na minha propriedade e gansos na tua. Penso em todos vós com alegria, Hollywood era a Babilónia e uma "vida de diletante" sem pensamento ou amor.

Festa na casa de Marion Davies no Versailles a ouro e branco que construíram para ela na areia… pobre pastorinha, chamando os seus convidados como vacas para o estábulo, importará ela se é vigiada por Greuzes e Gainsboroughs? Champanhe, cálices venezianos, fofoca, decadência e terror furtivo com as ondas a bater tão perto — Mas quem sou eu para pregar, pois ali estava eu sentada a desfrutar dos meus sentimentos de superioridade… ah bem… que mais? — as vaidades de Earl Carroll. Noventa senhoras nuas exatamente do mesmo modelo em sutiãs patrióticos, sorrindo e dando pontapés em sincronia perfeita com uma orquestra ensurdecedora enquanto a assistência assiste e come e bebe ao mesmo tempo. Portanto, há progresso... que mais? … nada belo ou alegre? sim, os Ciganos, o violino, que perdoa tudo… que instrumento requintado, que companheirismo entre ele e o músico e o ouvinte, que concentração libertada em que facilidade e alegria —

Não tenho violino e a máquina de escrever não sabe soletrar. Esta é a estação das formigas.

No sábado talvez vá procurar-vos nas grandes árvores, trazendo o Boon e os cães e tanto amor. Por favor, não se tenham ido embora e não se apoquentem e ao mesmo tempo não se tenham esquecido de mim…Espero que gostem de tudo isso e que estejam felizes. Se vires uma cabana, por favor diz-lhe para esperar.

Tua,

IRIS

P.S. A Babs está um pouco melhor.

A chegada da Iris e da sua família foi uma mudança bem-vinda para mim. Agora, em vez de brincar sozinha toda a manhã, ler ou alimentar esquilos e veados, tinha amigos que me levavam nas suas passeatas a cavalo, faziam piqueniques adoráveis à volta da fogueira com as palhaçadas, imitações e pantomimas da Iris para entretenimento. E havia o filho dela, o Chris (Boon), mais velho do que eu, mas que nunca mostrava impaciência por ser seguido de perto por uma miúda de dez anos de tranças.

Havia também, a cada verão, uma ou mais devotas; senhoras solteiras que discretamente ocupavam uma cabana longe de nós e se contentavam em vislumbrar uma vez por dia o Krinsh enquanto ele caminhava até à aldeia para recolher o correio. Espreitando por baixo do seu grande chapéu de palha, eu conseguia ver que ele sabia que elas estavam ali a observar, mas ele nunca as reconhecia, pois era suposto estar em retiro. Para a Iris, para os Huxleys e para certos amigos, o "retiro" era modificado, embora ninguém alguma vez ousasse ser tão engraçado ou maroto quando o Krinsh estava por perto, mesmo a Iris.

Depois de termos regressado a Ojai, a Iris continuou por lá e escreveu:

Adeus e saudações para ti — volta depressa para as árvores — elas estão escuras agora, cheias de sombras e ursos e é um pouco desolador na nossa aldeia de cabanas de uma noite, todas prestes a descer a colina —

Como estão as coisas no vale e o que levaste contigo para baixo?

— deixaste muita coisa aqui em cima — comida e tarefas e muitas coisas que não estavam na lista —

Volta para os rios —
Volta para os prados
eles vão brotar verdes de novo,
saltar de novo — flor, fátuo,
cascata — volta
para as árvores,
silêncio luminoso, pássaro que murmura —
Mas onde quer que estejas
tudo vai contigo —
do topo das colinas -
quer tu
voltes ou não — e
amor de todos nós.

IRIS

Quando regressámos a Ojai, descobrimos que a pobre Babs não tinha melhorado, mas ela morreu pacificamente antes que se tivesse de tomar a decisão de a abater.

Antes de haver qualquer certeza de a América entrar na guerra, a Rosalind tinha combinado com um amigo em Inglaterra o envio de mais de trinta órfãos britânicos, de quem ela planeava cuidar nos edifícios não utilizados do campo Star até que a guerra terminasse. O modo exato como isso seria feito não estava totalmente traçado, mas teria sido tratado, sem dúvida, com a sua praticidade habitual. No último momento, com os órfãos quase a bordo e os papéis e a viagem todos organizados, o governo britânico cancelou o projeto, decidindo que a viagem seria mais perigosa para as crianças do que permanecer em Inglaterra. A Rosalind redirecionou então os seus esforços para a produção de alimentos para a nossa casa e para uma boa parte da nossa comunidade imediata de amigos e companheiros pacifistas, de modo a, tanto quanto possível, sermos autossustentáveis e não constituirmos um fardo para o abastecimento alimentar do mundo.

A vida cedo se tornou nada mais do que trabalho pesado, particularmente para a minha mãe, com o Krinsh e eu a ajudarmos imenso. Comprámos uma vaca dócil e mansa a que chamei Iolanthe. O Willie mostrou-nos como ordenhá-la depois de extrair a promessa de que não teria mais nenhum envolvimento. Só ele sabia o que significava ter uma vaca. Ele também avisou, e provou-se que tinha razão, que custaria mais alimentar aquela única vaca do que comprar leite na loja.

Mas o custo não era o objetivo principal e nem o Willie sabia então quão bem-vindas seriam a manteiga e o queijo dela no período de racionamento que se avizinhava. Havia uma horta abundante, toda plantada de acordo com os panfletos mais recentes do Departamento de Agricultura dos EUA. A Rosalind tinha mandado vir estes panfletos, juntamente com instruções sobre a produção de queijo e procedimentos de laticínio. Tínhamos colmeias das quais extraíamos mel. Todos os verões, a fruta fresca era seca sob redes no telhado e enviada, juntamente com outros produtos, através da agência da CARE para a Europa. Havia um enlatamento sem fim de tomates, feijões e fruta.

Felizmente para a Iolanthe, o Krinsh desenvolveu uma alergia a ela, pois ela não gostava do toque dos dedos cronicamente gelados dele e virava a cabeça para trás para olhar fixamente para ele, enfiando invariavelmente a pata no balde do leite. Portanto, a ordenha estava fora de questão para ele; em vez disso, ele recolhia as bostas de vaca e atirava-os para a pilha de composto e lavava o estábulo com a mangueira, calçado com as suas botas altas de borracha. A minha mãe e o Krinsh trabalhavam juntos na horta. Até experimentámos uma horta hidropónica que um amigo indiano nosso, chamado Sharma, tinha acabado de desenvolver para a Marinha dos EUA.

Supunha-se que o Krinsh passava a maior parte do seu dia em retiro, mas na realidade ele parecia preferir, ou sentia a obrigação de, andar perto da minha mãe durante as longas horas de trabalho pesado. Eu ordenhava a vaca todas as manhãs antes do pequeno-almoço e depois novamente antes do jantar. Embora andasse numa escola privada, eu apanhava o autocarro da escola pública e o Krinsh nunca falhava em caminhar comigo até à estrada onde o autocarro parava. Ele esperava discretamente atrás do muro de pedra até me ver partir em segurança. Quando o autocarro me trazia de volta à tarde, eu observava a ponta do seu chapéu de palha a mover-se por trás do muro até me encontrar com ele na entrada da garagem.

Ele nunca me envergonhava mostrando-se, nem perturbava o meu sentido de independência fazendo-me sentir que a sua presença era algo mais do que de companheirismo. O Krinsh fazia sempre uma caminhada à tarde quando não havia jogo de badminton. Ele tentava coagir a minha mãe exausta a ir com ele e às vezes íamos todos com a vaca atrás. Ela gostava de pastar ao longo da estrada na época da erva e isso poupava no custo da alfafa. A Maria e o Aldous apareceram um dia com uma grande batedeira de manteiga em forma de barril. A partir daí, fazer manteiga tornou-se uma rotina regular. A Frieda Lawrence enviou uma carta de encorajamento:

Cara Rosalind,

Quero enviar-te as minhas saudações porque é um prazer pensar em ti estes dias e em todos vós & na vossa boa vontade, quando o mundo está tão cheio de má vontade -

Uma mulher trouxe-me a vida de Krishnamurti por Ludowic Rebault e fiquei tão interessada na luta do Krishna com aqueles teósofos mudos!

Sempre a mesma história! Lembrou-me tanto o Lawrence de outra maneira — e as coisas que o Krishna diz são muito parecidas com as do Lawrence. Todos os grandes homens têm realmente a mesma fonte última da visão, apenas cada um à sua maneira individual.

A Maria escreveu há algum tempo que fazias manteiga & que é um sucesso.

Espero que estejam todos bem; é uma alegria pensar que uma criança como a Rhada [sic] tem tanto amor.

As minhas mais cordiais saudações e votos para todos vós —

FRIEDA

Ser pacifista naquela época era uma posição consideravelmente menos popular de manter do que é hoje, especialmente quando as atrocidades fascistas começaram a vir a lume. Quando confrontados com a pergunta: que alternativa à guerra existe contra forças tão malignas? a resposta poderia ser muito semelhante à de um médico de medicina preventiva a quem se pede para curar um paciente terminal com cancro do pulmão. As soluções baseadas em certas filosofias médicas ou morais devem começar na fonte, antes de a doença ter começado e progredido para uma fase crítica. O médico teria dito ao seu paciente para parar de fumar anos antes e o pacifista estaria constantemente alerta para atenuar as causas da guerra. Infelizmente, aqueles que estão no poder por todo o mundo raramente são, ou nunca são, pacifistas.

Robert Logan e Aldous Huxley, em ambos os lados do Atlântico, tinham-se esforçado afincadamente e de forma eloquente para oferecer soluções pacíficas ao alarmante crescimento do fascismo no início da década de 1930. Eles tinham filosofias muito semelhantes. No seu panfleto *Case for Constructive Peace*, Aldous escreveu em 1936:

A guerra é um fenómeno puramente humano. Os animais matam para se alimentar ... travam duelos no calor da excitação sexual . ...O homem é o único a organizar o assassínio da sua própria espécie. A guerra não é uma lei da natureza. O velho ditado sobre a sobrevivência do mais apto é

obviamente absurdo — a guerra ativa tende a eliminar os jovens e os fortes... a guerra aérea mata indiscriminadamente...

Toda a filosofia do pacifismo construtivo se baseia numa consideração dos factos da relação pessoal entre homem e homem.

Há homens que professam ser pacifistas na política internacional, mas que são tiranos nas suas famílias, patrões prepotentes ou concorrentes sem escrúpulos... [Não é] possível para um governo comportar-se como pacifista quando os indivíduos que ele representa conduzem os seus assuntos de uma forma essencialmente militarista. A paz construtiva deve ser, antes de mais, uma ética pessoal... Os meios determinam os fins… a única política correta e prática é aquela baseada na verdade e na generosidade.

Aldous continuou a traçar um plano prático através de uma conferência das grandes potências para lidar com a agressão de Mussolini contra a Abissínia e para tentar resolver algumas das injustiças do Tratado de Versalhes. Após o que continuou:

Os maiores sacrifícios imediatos... terão de vir daqueles que possuem mais. Estes sacrifícios, contudo, serão insignificantes em comparação com os sacrifícios exigidos de nós por outra guerra. Insignificantes em comparação até com aqueles que estão atualmente a ser exigidos pelas meras preparações para a guerra.

E com todo o impacto da sua enorme eloquência, concluiu:

"Um gesto generoso por parte de uma grande nação pode ser suficiente para libertar o mundo inteiro." [1]

Ojai haveria de se tornar um refúgio para pacifistas durante a guerra. Havia muitas faces do pacifismo entre nós, mas o Aldous, o Sr. Robbie e o Krinsh acreditavam todos que a paz deve ser uma questão clara dentro de um indivíduo antes que ele a possa promover publicamente. Além disso, eles reconheciam que durante a febre da guerra a pressão política já não era viável.

A Rosalind tinha a sua própria e muito forte tradição de pacifismo e de modo nenhum estava simplesmente a seguir o Aldous, o Sr. Robbie ou o Krishna quando escreveu à Blanche os seus sentimentos sobre o cenário cada vez mais sombrio na Europa.

Caríssima Blanche,

... Tenho tanto medo de todos os movimentos que estão a ser iniciados para tentar fazer a paz na Europa. Eles parecem fechar os nossos olhos para as coisas que estão a acontecer aqui e poderiam facilmente levar-nos para a guerra. Considerando que é suposto sermos idealistas de primeira categoria, pareço muito realista, não achas? Acho que se alguns dos chefes de governo fossem um pouco mais realistas tentariam encontrar alguma outra solução que não a guerra para os seus problemas. As pessoas estão tão ocupadas com os problemas caóticos exteriores que não têm tempo para saber o que significa viver...

A inevitabilidade da guerra aproximava-se cada vez mais, e a Rosalind escreveu novamente à Blanche, com o seu tom ainda mais desolador do que no ano anterior.

14 de fev de 1941

Politicamente tudo parece cada vez mais confuso e pergunto-me se alguma vez saberemos a verdade sobre o que quer que seja? Quanto mais se tenta ter uma mente aberta, mais tudo parece passar mesmo através dela e a pessoa fica sem absolutamente nada. Não se consegue ver muito à frente, pois não?

E depois, a 9 de dezembro de 1941: "Agora a conflagração está completa. Se vieres para a costa é melhor vires para a nossa casa aqui. O mundo está louco."

No início de 1942, o Raja vendeu o escritório do Star Trust em Hollywood e mudou todo o trabalho para Ojai. Jon D. Davidson, o arquiteto que estava a desenhar uma casa em Ojai para os Vigevenos, desenhou um pequeno apartamento para o Raja por cima de um escritório e de uma sala à prova de fogo situados no pomar ao lado do Pine Cottage do Krinsh. O Raja não tinha qualquer inclinação para se mudar para o

agregado familiar em Arya Vihara. Ele aparecia apenas para o jantar na casa grande, nunca para o almoço; às vezes o Krinsh levava-lhe uma bandeja de pequeno-almoço.

O meu pai tinha permanecido sempre nos bastidores e, aparentemente, desfrutava desse lugar. Mas nunca tinha gostado de ser referido como secretário ou gestor do Krinsh. Também não gostava que inúmeras senhoras idosas lhe perguntassem o que o Krinsh comia, quando meditava e outros detalhes pessoais. No entanto, ele tinha sempre arcado com este lado incómodo da sua vida como parte do seu trabalho.

Era um pouco demais quando ele era culpado pelos erros do Krinsh. Certa vez, a minha mãe e eu estávamos a tomar chá com uma senhora idosa em Santa Barbara e a Rosalind mencionou que o Krishna tinha sido apanhado em excesso de velocidade a caminho de Carmel. "Oh não!", disse ela, "Deve ter sido o Rajagopal. Não poderia ter sido o nosso querido Krishna." O meu pai nem sequer tinha estado no carro. Outro incidente que tinha irritado particularmente o Raja ocorrera uns anos antes na Índia. Ele e o Krishna estavam a ser acompanhados ao aeroporto pelo seu anfitrião muito rico e idoso, o qual, ao despedir-se do Krishna, lhe enfiou na mão um grande maço de dinheiro. O Krishna deixou-o cair no chão como se tivesse sido uma cobra. Ele disse: "Eu não lido com dinheiro, dá-o ao Rajagopal", deixando-o no pó para que outra pessoa o apanhasse.

Contudo, apesar das suas zangas, o afeto do Raja pelo Krishna nunca parecia vacilar. O seu isolamento e pessimismo aumentaram, mas todos no nosso círculo pareciam pessimistas naqueles anos de guerra. (O Aldous chegava às vezes num tal estado de melancolia que a Maria nos implorava para deixarmos de lado toda a conversa de guerra por uns dias.) O Raja desfrutava de grande parte daquela fração da sua vida que conseguia manter separada do Krishna e da Rosalind. Ele era uma pessoa que ficava mais contente quando trabalhava e era fortalecido nesta atitude pelo Willie, que a partilhava plenamente.

O Willie Weidemann era provavelmente a pessoa mais próxima do Raja, que tinha ensinado o Willie a fazer todas as contas e o trabalho de contabilidade ligado à gestão do rancho e da Star Publishing. Ele e o Raja partilhavam um sentido de humor semelhante, que incluía ver os costumes

americanos através dos olhos de quem nasceu no estrangeiro. Davam muitas gargalhadas com as canções populares mais recentes como "*I've got spurs that jingle jangle jingle*" e os idiotismos e dialetos americanos. Havia um casal chamado Hawkins que tinha vindo da região do *Dust Bowl* de Oklahoma. Eles ajudavam no pomar e nas tarefas domésticas. Tanto o Raja como o Willie adotaram logo muitas das frases deles, tais como: "*Everything's did that oughta be did*", e "*Go straight down there and don't turn no whichaways*".

Ainda conseguíamos ir até Sequoia, apesar do racionamento de gasolina durante a guerra. Só íamos à aldeia uma vez por semana e talvez uma vez por mês a Santa Barbara. Assim, poupávamos cupões suficientes para a única viagem longa até à Sierra.

Nota:

[1] Respeitando a numeração original, a citação final de Aldous Huxley remete para a documentação e panfletos pacifistas editados em 1936 (Case for Constructive Peace).

O meu pai passava apenas alguns dias de cada verão em Sequoia, arranjando boleia para subir e regressando connosco para Ojai. Ele não se conformava, de forma marcante, com as rotinas diárias bastante rígidas do Krinsh. Tinha sempre a sua própria cabana pequena, tal como o Krinsh, enquanto a minha mãe, o David e eu partilhávamos uma maior, onde cozinhávamos. Eu visitava o meu pai na sua cabana todas as manhãs e ele lia-me a história de Amós ou de algum outro profeta ou saga da Bíblia, provavelmente porque a Bíblia era fornecida pelo Albergue e não havia mais nada para ler exceto revistas com terríveis notícias de guerra, das quais eu era protegida. Alguns anos mais tarde, quando a *Modern Library* lançou uma tradução de *O Idiota* de Dostoievski, o Krinsh trouxe-o para as montanhas e, por sua vez, este manteve-nos a ambos ocupados. Eu deitava-me numa sequoia gigante caída perto da nossa cabana e lia toda a manhã, dando-lhe o livro à tarde.

Todos os verões fazíamos longas caminhadas na Alta Sierra, coroadas por uma caminhada árdua final para a qual tínhamos passado as férias inteiras a colocar-nos em forma. O meu pai chegava de Ojai alguns dias antes desta façanha e recusava-se a sair da cama o dia todo. O Krinsh fazia

tudo o que podia para o convencer a exercitar-se, mas sem o mínimo efeito. Quando chegou a manhã da grande caminhada, o meu pai estava de pé e pronto com o resto de nós. Para grande surpresa nossa, e para uma mistura de irritação e divertimento do Krinsh, ele venceu-nos a todos até ao topo do pico e no regresso (uma viagem de ida e volta de vinte milhas) sem quaisquer efeitos secundários evidentes, o que era mais do que se podia dizer do resto de nós, incluindo o Krinsh. Se ele fazia isto deliberadamente para irritar ou se estava apenas a funcionar no seu próprio trilho, nunca soubemos.

Num verão em Sequoia, escassos dias antes de nos irmos embora, encontrámos um sânguio com uma asa partida. A minha mãe em crochet fez-lhe uma tipoia delicada e, muito em breve, a avezinha ficou tão mansa que se sentava nos nossos dedos e nos deixava segurá-la contra a vidraça da janela para apanhar moscas vivas. Tivemos de a levar connosco de volta para Ojai, pois a sua asa ainda estava longe de estar curada.

O nosso hábito era partir ao final da tarde para evitar o calor do vale e chegar a Ojai por volta das dez da noite. Costumávamos levar um jantar de piquenique, já que o Krinsh detestava comer em restaurantes, mas nesta altura específica tínhamo-nos desleixado disso e fomos forçados a parar num pequeno café em Bakersfield. Nenhum de nós, nem mesmo o meu pai, reparou no letreiro à porta que declarava que o estabelecimento se reservava o direito de recusar o serviço a qualquer pessoa. Certamente não parecíamos piores, de calças de ganga e sapatilhas e com o Krinsh no seu chapéu de palha a tentar não ser reconhecido, do que qualquer um dos outros clientes daquele restaurante bastante porco.

Fomos tomados por trabalhadores agrícolas migrantes ou *braceros*, ou quem quer que o proprietário do café decidisse que tinha o direito de recusar o serviço, e foi-nos pedido, não de forma muito educada, que saíssemos. Nem a avezinha pousada no meu dedo o comoveu. Parados, um pouco em choque, do lado de fora da porta, ouvimos uma voz suave dizer: "Eu presenciei isso. É vergonhoso e sinto-me envergonhado pela minha cidade. Insisto que me deixem levar-vos a todos a um sítio decente para jantar."

Dificilmente podíamos recusar e seguimos o homem até um restaurante sofisticado com toalhas de mesa brancas que nos acolheu, calças de ganga, pássaro, vegetarianismo e tudo. Descobriu-se, surpreendentemente, que mesmo em Bakersfield o Krinsh tinha sido reconhecido.

O pequeno sânguio tornou-se um dos nossos animais de estimação mais amados e, embora a asa nunca tenha sarado o suficiente para ela voar, parecia desfrutar da sua vida sob os nossos cuidados. A nossa gata Minnie exibia um ciúme extremo em relação ao pássaro. Tínhamos o cuidado de a manter fechada em casa quando tínhamos o pássaro na rua. Uma tarde, o Ignon, o nosso amigo pintor francês, veio tomar chá. Ele, de entre todos os nossos amigos, tinha um amor especial pelo pássaro. De repente, do nada, a Minnie saltou, agarrou o pássaro e correu para fora de alcance para debaixo da casa. Fiquei com o coração partido; o Ignon estava tão furioso que jurou que mataria a gata se conseguisse deitar-lhe as mãos. A Minnie percebeu o suficiente para se manter fora de vista por mais de uma semana. Mas perdeu uma grande parte do nosso afeto.

Antes de os residentes japoneses na Califórnia serem internados, a Rosalind tinha encomendado setenta e cinco pintainhos recém-nascidos, o último lote que seria sexuado como ovos pelos japoneses, de quem se dizia serem as únicas pessoas com a capacidade de distinguir, a partir dos ovos, quais seriam galinhas e quais seriam galos. A minha mãe, o Krinsh e eu fomos de carro até à estação de comboios em Ventura, tarde de noite, para recolher a nossa preciosa carga e trouxemos os pequenos pintainhos para casa, para o galinheiro que o Krinsh e o Willie tinham construído.

Não havia um único galo no lote. Cedo descobrimos que um galo era necessário para manter a paz entre as galinhas e afugentar as doninhas. Juntámos um grande galo preto de reflexos irisados, o senhor do terreiro, chamado Hércules. Todos os sábados, o Krinsh, o David e eu rapávamos o galinheiro. O Krinsh parecia assumir as tarefas mais servis com um entusiasmo caloroso. Eu recolhia os ovos e alimentava as galinhas e, no processo, fiz animais de estimação de todas as setenta e cinco galinhas e do Hércules, que dominava as vidas delas. Várias galinhas tinham nomes da mitologia grega, que eu estava a estudar na escola na altura, e eu afirmava conhecer cada uma pela sua voz.

Em breve a produção de ovos estava a todo o vapor e tínhamos inclusivamente um excedente para conservar em cubas de lixívia para a estação de escassez. Os ovos eram separados, limpos e vendidos a vizinhos e devotos, que provavelmente pensavam que eles tinham qualidades especiais, pois sabia-se que o Krinsh ajudava em tudo isto. Havia tanta procura para os nossos produtos que comprámos outra vaca jovem chamada Tina, que tinha sido órfã e alimentada à mão com biberão. Ela era tão bem educada que eu podia trazê-la para a sala de estar e ela nunca se portou mal uma única vez. Nem o Hércules que, com uma ou duas das suas galinhas privilegiadas, comia o seu jantar numa tigela comum ao lado da gata por baixo do fogão da cozinha (geralmente enquanto a minha mãe tentava cozinhar o jantar).

Mesmo antes do jantar era também a hora favorita para o Norbert Schiller, o ator e poeta austríaco, chegar. Ele tinha construído a sua própria casa redonda de pedra no fundo da estrada, e subia a caminhar até Arya Vihara e entrava direto na cozinha com a sua cabra. A cabra mordiscava a toalha de mesa ou o chapéu de palha do Krinsh enquanto o Schiller tirava do seu bolso de couro um queijo de cabra muito cheiroso para a nossa refeição.

Isto era de facto extremamente generoso da parte dele, pois vivia quase exclusivamente de queijo de cabra e das folhas de mostarda e abacates que colhia no nosso pomar. Eventualmente ele haveria de prosperar conseguindo papéis de cariz no cinema. Naqueles dias, ninguém em Ojai prosperava, nem pareciam interessados em fazê-lo. O dinheiro desempenhava um papel muito pequeno nas vidas de qualquer um de nós.

Embora fosse simpático para com os nossos esforços, o meu pai não tomava parte ativa na exploração agrícola na qual trabalhávamos tão arduamente durante os anos da guerra. Mantinha-se ocupado no seu escritório, mas o Krinsh, impedido pela guerra das suas viagens habituais, ter-se-ia provavelmente sentido aborrecido e inquieto sem todas as suas tarefas.

A vida na quinta tornou-se mais difícil. Os dois trabalhadores do rancho foram recrutados para a guerra, restando apenas o Willie que, como gerente, estava isento. O entusiasmo inicial de pôr as empresas a funcionar

esmaeceu um pouco e as realidades intermináveis do labor e as exigências dos animais tornaram-se tudo para o qual tínhamos tempo ou energia. No entanto, com o mundo no estado em que estava, sentíamo-nos excecionalmente afortunados.

A Rosalind trabalhava desde as seis da manhã até depois do jantar todas as noites. Além do trabalho na quinta, ela ainda fazia as minhas poucas roupas boas e as camisas boas e camisas de noite do meu pai e do Krinsh. A maior parte do tempo usávamos calças de ganga e camisas de cotim, exceto o meu pai, que se mantinha fiel às suas velhas flanelas cinzentas inglesas. Eventualmente, foi-nos permitido providenciar trabalho agrícola para dois jovens objetores de consciência que vieram ficar em Arya Vihara e ajudar ali como alternativa ao serviço de guerra.

Um deles, o Bill Quinn, tinha andado em Harvard e era profundamente influenciado por Thoreau. De facto, ele era muito melhor a citar Thoreau do que a manejar uma forquilha, mas com o tempo os seus modos gentis conquistaram até as vacas. A vida em Arya Vihara servia-lhe perfeitamente. Tinha uma afeição pelos animais que era um requisito para cuidar deles, visto que as duas vacas, todas as setenta e cinco galinhas e o Hércules eram os meus animais de estimação pessoais.

A Rosalind fez o seu melhor para manter a correspondência com os seus amigos mais próximos. À Blanche, em novembro de 1942, escreveu: "Estamos bem e ocupados. Uma amiga que não vê o Krishnaji há meses diz que nunca o viu com um aspeto tão viçoso. Portanto, agora vais poder desmentir os boatos de Nova Iorque sobre morte e doença. O Raja num momento parece estar bem e no seguinte não tão bem." Os falsos boatos tinham trazido telegramas de condolências sobre a suposta morte do Krinsh.

O Sr. Robbie, sempre fiel com as suas cartas, deve ter sido um dos principais entretenimentos da Rosalind durante estes anos. Tinha um toque leve em tudo, mesmo ao expressar os seus fortes sentimentos sobre a guerra:

5 de jan de 1943

Querida Rozzie,

À parte o frio, o racionamento e os impostos, tudo está melhor — melhor do que no próximo ano! A Mabel [a secretária dele] e eu reservámos passagem na American Airlines para L.A. e esperamos que o O.P.A., o W.P.B., os japoneses e os alemães não impeçam a nossa ida...

25 de ago de 1943

Leste sobre o "*Big Inch*"? A conduta de 24 polegadas que acabou de ser concluída do Texas para a Pensilvânia e Nova Jérsia. Rompeu duas vezes desde que foi concluída na semana passada e milhares de acres a apenas escassas milhas daqui foram arruinados, e o Nesharminy Creek e o rio Delaware têm uma nata de óleo sobre eles que matou milhares de peixes. Belo trabalho! E agora o único homem no Gabinete — Sumner Welles — foi despedido porque a velha Hull e os eleitores do Sul acharam que ele tinha inteligência a mais.

23 de set de 1943

Querida Rozzie,

A Beato escreveu recentemente, de forma bastante casual, algo tão simpático a teu respeito e de forma tão habilmente expressa que tenho de partilhar. Ela disse: "Não vejo a Rosalind nem o Rajagopal desde que partiste. Anseio por um vislumbre da Rosie, ela tem o poder de dissipar com uma prontidão tão rápida a espessura da vida quotidiana."

Essa é uma frase preciosa e no teu caso, querida, é verdade. Como estás tu, a Radhi, o Raja, o Krinsh, as vacas, as abelhas e as galinhas? Não sintas que tens de escrever, mas uma linha é sempre apreciada.

Eu também meti a minha colher na causa pacifista ao voluntariar o meu pai para contra-argumentar um noticiário da *March of Time* sobre a Índia que tinha sido exibido na minha escola. Mesmo aos onze anos, fiquei indignada com o ataque generalizado a Gandhi e perguntei ao diretor se ele convidaria o meu pai para dar uma imagem mais verdadeira. Isto ele fez de bom grado e depois pediu-me um pouco de historial sobre o meu pai — uma tarefa difícil que eu simplifiquei dizendo:

"Quando ele era um rapaz pequeno era tão pobre que ficava de volta dos caixotes do lixo para apanhar os corvos para comer." Não faço ideia de como esta imagem do meu pai brâmane e vegetariano pôde ter entrado na minha imaginação ou que impulso travesso se apoderou de mim. Mesmo antes de o Raja ter de dar a sua palestra, o diretor perguntou-lhe se ele tinha realmente vivido à custa de corvos quando era jovem. O meu pai ficou tão perplexo com esta pergunta que é um milagre que tenha conseguido falar, mas falou e, para grande orgulho meu, explicou de forma tão brilhante as ações e a filosofia de Gandhi que não só o diretor mas a maioria dos meus amigos mudaram a sua atitude em relação à Índia — apesar da minha história dos corvos.

Os velhos tempos das belas pérgulas, rosas e lagos de lírios em Arya Vihara desapareceram com a guerra e com a necessidade de que todo o nosso esforço fosse para a atividade produtiva. Como o Sr. Robbie observou:

6 de jan de 1944

…Lamento o sucedido com a pérgula que a Sara teve tanto prazer em construir. Teria tido todo o gosto em ajudar a repará-la, mas suponho que o Willie, o Raja e o Krinsh sentiram que era de pouca utilidade e deveria ser substituída por algo que trouxesse algum rendimento...

Por favor, desculpa-me por te arrastar para este assunto da S——. Não sei o que ela tem em mente e duvido que ela saiba também, por isso experimentei a fórmula para o sucesso em Washington: "Diz baboseiras, passa a batata quente e faz sete cópias de tudo!"

Amor,

ROBERT

O Sr. Robbie referia-se a uma senhora desequilibrada que o andava a incomodar devido à sua fixação no Krinsh, querendo que o Sr. Robbie intercedesse em seu nome.

Como é de esperar em redor de pessoas como o Krinsh, nunca houve falta de pessoas desequilibradas; a maioria delas bastante inofensivas, mas

algumas criando uma grande dose de consternação. Só se podia esperar que, como o Aldous colocou numa das suas palestras posteriores, a franja de lunáticos não se tornasse como um xaile espanhol, onde a franja é maior do que o xaile. Nalguns casos, o Krinsh exacerbava o problema ao não lidar com eles de forma decisiva logo à partida. Alguns roçavam o perigoso. Um destes casos era o de uma mulher supostamente invisual ou deficiente e semiacamada que vivia no fundo da colina de Arya Vihara. Ela escreveu várias cartas piedosas ao Krinsh e ele finalmente concordou em ir visitá-la, o que depois continuou a fazer regularmente. Um dia atendi a campainha da porta da frente para encontrar uma mulher gorda e desalinhada ali de pé com as suas muletas.

Adivinhei imediatamente a sua identidade, a qual foi confirmada quando a nossa gata Minnie, que ela própria tinha ficado ligeiramente demente após o incidente do pássaro, olhou uma vez para a mulher, arqueou as costas e bufou. Senti que os meus mais velhos deveriam ter tomado isto como um aviso sério, mas não o fizeram.

Outro dia, a minha amiga Ellen e eu, caminhando nas colinas, vimos esta mulher a descer a caminhar apressadamente pelo trilho com as muletas enfiadas debaixo do braço. Disse ao Krinsh que achava que ele estava a ser enganado. A minha mãe começou a receber cartas anónimas ameaçando com terríveis consequências se ela não saísse da casa do Krinsh. Finalmente, o Sr. Robbie foi abordado pela mulher, que o ameaçou com a sua muleta. Isto foi levado a sério. Graças à cooperação pouco ortodoxa da senhora dos correios (que recolhia e entregava o correio no seu Modelo A), o meu pai conseguiu provar de onde vinham as cartas. Após muita dificuldade, foi movida uma ação judicial e o membro ameaçador da "franja" foi banido do estado da Califórnia.

Um dos nossos membros inofensivos da "franja" parecia bastante normal de dia, mas em noites de luar vagueava de um lado para o outro na estrada em frente a Arya Vihara com o seu longo cabelo branco a escorrer-lhe pelas costas, cantando *Krishnaji-i-i-, Krishnaji-i-i.* A minha mãe tinha feito um manequim de costureira, o que provavelmente justificou o boato iniciado por esta mulher de que a Rosalind guardava um esqueleto no seu armário. Aquela forma de *papier maché* da minha mãe deve ter

aterrorizado a pobre senhora lunática, mas talvez a tenha ensinado a manter-se fora dos armários alheios.

Embora eu tivesse sido estritamente educada pelo Krinsh a não me ceder a crenças (o que tinha efetivamente acabado com as fadas, os duendes, o Pai Natal e Deus), fiquei surpreendida numa noite ao descobrir que os fantasmas entravam noutra categoria, embora em que categoria exatamente eu nunca viria a descobrir. Eu pressentia já que os fantasmas poderiam não entrar no reino da crença. Mas ninguém na nossa família os tinha alguma vez mencionado também no reino da experiência pessoal. Uma vez, vi um olhar sobressaltado no rosto do Krinsh quando afirmei, como quem não quer a coisa, que tinha visto o fantasma do Nitya no corredor.

Havia algo na sua expressão que proibia que eu fizesse mais brincadeira com isto, que tinha sido tudo o que fora. Eu sabia que o Nitya tinha morrido no quarto da frente, mas ele estava, de certa forma, vivo para mim, embora eu nunca o tivesse visto. A minha mãe tinha falado dele frequentemente e dos seus tempos com ele, lendo poesia e cantando, e eu tinha absorvido alguma da sua nostalgia. Ele era raramente mencionado pelo Krinsh ou pelo meu pai.

Uma noite, ao jantar, o meu pai disse que pelas últimas três noites alguém tinha estado a entrar na sua sala à prova de fogo, que tinha fechadura dupla e era impossível de arrombar. A porta de metal fazia um estrondo peculiar quando se fechava, por mais cuidado que se tivesse. Cada noite ele tinha investigado e não encontrara sinal de qualquer pessoa. “Deve ser um fantasma”, disse ele. A minha mãe pareceu irritada com a história e não deu qualquer crédito à ideia de um fantasma, a qual estava determinada a enterrar de vez.

Ela tinha alguma ansiedade de que pudesse ser uma pessoa, um elemento da nossa “franja” talvez. O Krinsh sugeriu que nós os três, sem dizer ao Raja, nos revezássemos a vigiar toda a noite a partir da sua varanda, que dava para o escritório do Raja. Claro que achei tudo aquilo uma grande pândega e senti a certeza de que era de facto apenas isso até que, quando chegou a minha vez de fazer a vigília, o Krinsh me disse com a maior seriedade:

“Kittums, lembra-te disto: um fantasma nunca te pode magoar. Só pode fazer-te pensar que te magoou.”

Ao início, estive inclinada a assumir que ele estava apenas a dar um pouco de tempero à nossa aventura, mas quando olhei para o seu rosto soube que não estava a brincar. Estava realmente nervoso por me deixar ali sozinha. Absolutamente nada apareceu naquela noite e no dia seguinte perguntámos ao meu pai se tinha ouvido o seu fantasma. De forma muito dececionante, ele respondeu que não houvera sons a noite toda. Assim, o mistério nunca foi resolvido, mas os sons nunca mais se repetiram.

A guerra estava a aproximar-se do fim e chegavam da Europa relatórios que eram cada vez mais horrorosos. Até então, a Annie Vigeveno não soubera que mais de quarenta membros da sua família tinham morrido nas câmaras de gás. Ommen tinha sido usado pelos nazis como um campo de concentração. Alguns amigos tinham morrido e alguns tinham sobrevivido, mas Ommen nunca mais seria o mesmo e o Krishna nunca mais voltaria lá. O Sr. Robbie escreveu: “Lamento também pela Sra. Vigeveno. Receio que a Alemanha tenha merecido o seu destino ao permitir que um fanático louco ditasse as suas políticas e a afastasse de todo o mundo do senso comum (mesmo que largamente hipócrita).” E em referência a uma guerra privada mais pequena, comentou: “Sabias que o George Arundale repudiou — pelo menos para si próprio — a Co-Maçonaria, a L.C.C. e a E.S.? Ele diz que o único ensinamento essencial da teosofia é a fraternidade; pena que não se tenha lembrado disso mais cedo.”

18

Wrightwood

Os Huxleys tinham uma casa no deserto de Mojave num pequeno local chamado Llano. Não havia nada a não ser uma curva na estrada e uma placa para distinguir Llano de qualquer outro local naquela vasta extensão de pinheiros e árvores de Josué. O Aldous começou a sofrer de problemas brônquicos ali e, no decurso das suas frequentes explorações, tinham descoberto uma cidade de montanha entre o deserto e Los Angeles chamada Wrightwood.

O Aldous ficava muito aliviado com o ar da montanha. Mas a pobre Maria detestava a aldeia, achava as casas feias e a altitude deixava-a ligeiramente doente. Chamava-se a si própria uma rata do deserto e ao Aldous um esquilo da montanha e nunca veio a gostar de Wrightwood; mas com a sua preocupação característica pelo bem-estar do Aldous, aceitou alegremente uma casa impraticável e mal construída e todas as dificuldades envolvidas em viver num local tão remoto em tempo de guerra.

O final da primavera de 1945 encontrou o mundo ainda sob os estertores do terror e do caos; o futuro estava longe de ser claro. A primeira bomba atómica tinha sido detonada, embora tivesse sido admitido mais tarde dentro dos círculos científicos que não havia certeza absoluta de que toda a atmosfera não seria inflamada por esta experiência. O Aldous foi um daqueles poucos que viram tão claramente naquele momento as consequências futuras de tal experiência. Com os detalhes a virem a lume sobre os campos de concentração por um lado, e os resultados dos bombardeamentos incendiários de grande parte da Alemanha por outro, e a situação desesperada dos refugiados por toda a Europa, havia alguma razão para acreditar que grande parte do mundo tinha enlouquecido.

Usando de uma persistência afetuosa, os Huxleys convenceram-nos a passar o resto daquele verão em Wrightwood. Como habitualmente, fomos nós os três, a minha mãe, o Krinsh e eu que fizemos esta mudança. O meu pai subia de carro de Hollywood ou de Ojai para um fim de semana ocasional. A Maria, nas suas cartas à Rosalind, tinha rogado que fingíssemos gostar de Wrightwood, mesmo que não gostássemos, para fazer o Aldous feliz.

Encontrámo-los a pintar a casa deles, o Aldous borratado da cabeça aos pés, empunhando valentemente um pincel. Para nós, a aldeia era suficientemente charmosa, não alpina ou com a quietude e magnitude avassaladoras de Sequoia, mas não partilhávamos da aversão da Maria.

Wrightwood é seco, austero, sem a atração da água ou o ruído concomitante dos desportos aquáticos. Anos mais tarde, quando vi os Himalaias, senti a afinidade aqui. A terra prateada estava cravejada de pinheiros e *fremontia*, pequenos tufos de tremoceiro tardavam naquele

primeiro verão e o pincel-indiano, em explosões ocasionais de um laranja vivo, aninhava-se junto a rochas salpicadas de mica.

Víamos os Huxleys todos os dias — quer para o chá na casa deles ou para o jantar na nossa. A Rosalind e a Maria tentavam cada uma ajudar a outra à sua própria maneira. A Maria incluía-nos em muitas ocasiões quando pessoas interessantes subiam para ver o Aldous, pois ela compreendia que o Krinsh, em particular, parecia precisar destes encontros. A Maria começou um enxoval para mim, embora eu fosse apenas uma criança. Ainda guardo os belos linhos belgas que ela me deu na altura. Preparar comida e gerir grandes agregados familiares, algo que era uma provação para a Maria, era bastante rotineiro para a Rosalind, pelo que muitas vezes ela providenciava as refeições para todo o grupo.

Assim, as nossas vidas, embora em casas diferentes, estavam ligadas pelas horas das refeições e também pelas caminhadas, uma rotina diária tanto para o Aldous como para o Krinsh, acompanhados por quem quer que conseguisse acompanhar a passada longa do Aldous, à qual a passada rápida do Krinsh igualava facilmente. Estas eram as ocasiões das suas conversas mais sérias juntos, e eu colhia fragmentos de discursos profundos enquanto flutuava entre eles e a Maria e a Rosalind com a sua conversa, para mim, mais intrigante sobre amigos e família.

Há uma noite daquele primeiro verão que ainda se destaca na minha memória. O Raja tinha subido de Hollywood e, após o jantar, os três homens permaneceram na sala de estar, enquanto a Maria, a Rosalind e eu nos retirávamos para um quarto para conversar sobre assuntos mais leves do que aqueles em que suspeitávamos que os homens se iriam. Através da parede fina podíamos ouvir e distinguir as suas vozes, cada um com o seu sotaque britânico único e claro e belo tom.

Como um trio de cordas, os temas eram retomados por sua vez, nunca se interrompendo uns aos outros; desenrolavam uma conversa que subia e descia em tons sonoros numa escala menor, abrandando gradualmente até um silêncio absoluto que durou muitos minutos. Vencidas pela curiosidade, rastejámos até à sala para ver o que lhes tinha sucedido. Três pares de olhos estavam cravados no chão, rostos sombrios, cada um perdido numa

melancolia privada até à qual tinham conversado tão harmoniosamente. Era meados de agosto de 1945.

Finalmente a guerra tinha terminado, mas, tal como o Aldous, o Krishna e o Raja e muitos outros que tinham discernimento em relação ao futuro, o Sr. Robbie via o lado mais sombrio da vitória.

16 de agosto de 1945

Caríssima Radha,

Estamos, como é evidente, tremendamente contentes por a paz ter chegado, mas não há a mesma emoção que houve quando a última guerra terminou, pois nessa altura todos estavam cheios de esperança de que não haveria mais guerras e desta vez apenas nos regozijamos por esta guerra ter acabado e a próxima ainda não ter começado.

E um mês mais tarde escreveu à Rosalind: "A bomba atómica parece colocar o último prego no caixão da civilização cristã. Se ao menos o Gengis Khan pudesse ter feito uso dela, teria morto 180 000 000 de pessoas num ano, em vez de apenas 18 000."

Antes de esse verão terminar, ao Krishna e à Rosalind tinha sido mostrada a cabana em Wrightwood à qual o Krishna viria a dar o nome de *Greenwood Gate*. Ficaram juntos sob o grande carvalho de trezentos anos que ainda ali está e ambos sentiram a certeza de que esta era a cabana certa para nós. Tinha sido construída com troncos inteiros quase cem anos antes pelo primeiro guarda florestal daquela área.

Na década de 1920, uma senhora rica de Beverly Hills tinha acrescentado, no mesmo estilo, quartos e casa de banho, pisos de madeira e outros confortos, antes de perder tudo, incluindo a cabana, na Depressão. Havia um alpendre coberto de glicínias e um belo pátio de pedra. Uma floresta circundante de pinheiros abrigava a cabana do sol, que o Krinsh tanto detestava. O Aldous, por outro lado, procurava sempre toda a luz que conseguisse encontrar e achava a nossa cabana sombria, embora charmosa.

Utilizando uma pequena quantia deixada à Rosalind pela Sara Logan, o Raja, com considerável dificuldade, organizou a compra. Tinha havido

uma inundação no inverno anterior que arrastara várias casas, mas passou mesmo ao lado desta. A sua idosa proprietária tinha estado de joelhos toda a noite a rezar pela sobrevivência. Uma boa parte da montanha tinha descido numa avalanche de neve de finais de abril, seguida de chuvas intensas. O Raja teve de esperar por uma lei do Congresso para atribuir fundos para a reparação da barragem de terra entre nós e o leito de cheia, antes de a propriedade poder ser libertada para compra.

(Isso foi apenas o início das tribulações para nós e para a cabana. Seguindo a sua visão de que esta cabana teria um lugar longo nas nossas vidas, a minha mãe deu-a ao meu marido e a mim vinte anos mais tarde, instando-nos a nunca a vender. Até ao dia de hoje estamos contentes por não o ter feito, embora tenha havido alturas em que fomos fortemente tentados. Houve outra inundação logo após se ter tornado nossa, fazendo-nos retirar vinte camiões de lama da casa e da garagem. A cabana está situada na extremidade final da falha de San Andreas, na mira para o pior sismo do século. Mas a nossa família tem-na desfrutado, juntamente com as suas formigas carpinteiras e mamangabas residentes, ao longo dos últimos quarenta anos.)

Wrightwood marcou o fim das nossas jornadas anuais a Sequoia. O nosso tempo estava agradavelmente entrelaçado com os Huxleys. A Maria e a Rosalind partilhavam os seus problemas domésticos.

Queridíssima Rosalind,

Senti a tua falta em Wrightwood, mas descobri muita utilidade para nós as duas e isto é para to transmitir… Encontrei homens excelentes para fazer coisas urgentes; regular o fogão a óleo… fechaduras novas. Na verdade, detalhes bastante importantes. E descobri que o Sr. Steele, embora lento, é maravilhosamente consciencioso, prestativo e capaz. Se precisares dele para fogões ou luz elétrica ou gás ou qualquer outra coisa, não hesites. Descobri que o teu amigo da Austrália, o Harry, pode tornar-se muito útil para todos nós como homem para biscates. Parece honesto e certamente barato. Fala demais... 60 cêntimos por hora. Ele está a separar maçãs para ti e a deixá-las lá. Estão a apodrecer… Há uma Sra. Strott que vive perto do pomar de maçãs… ouvimos os chocalhos das suas vacas, perto do pequeno lago, quando caminhámos. Contratei-a uma vez. Acho que ela pode ser

muito útil e ir ter contigo se insistires que precisas dela — 75 cêntimos por hora. Diz-lhe que sou tua amiga. Creio que ela gostou bastante do trabalho com um tipo diferente de pessoas — Oh meu Deus, como algumas pessoas trabalham no duro. Ela está feliz porque teve seis "rapazes maravilhosos".

Chegaremos ao final da manhã de sexta-feira e passaremos pela tua casa na esperança de organizar uma caminhada ou outra coisa qualquer.

Os dias estavam quentes e a noite passada foi a única que passei lá… Dormi atrozmente numa cama que eu achara divina e que levei o dia todo a preparar para o Aldous. Por isso terei de pensar noutra coisa; a dificuldade é que tem de ter sete pés.

A partida foi dramática sob um céu a escurecer, os primeiros flocos de uma mistura de neve e chuva e um vento uivante. Quando cheguei ao deserto, uma lua bonita parecia observar ironicamente o meu carro apressado; por isso abrandei e desfrutei da paz radiante enquanto as nuvens se amontoavam nas nossas colinas. E assim estou em casa e feliz. Vou à cidade amanhã. Será maravilhoso encontrarmo-nos e fiz alguns bolos. Para enviar para a Europa como sugeriste. Oito libras para eles e o resto para nós quando fizeres o favor de vir tomar chá.

Um lote ficou parecido com caramelo, mas a tua família é amorosa com os meus falhanços, por isso vou guardá-los para vós! Boa noite, minha queridíssima. Posso dizer que gosto mais de ti do que nunca e que é uma sensação muito feliz gostar tanto de alguém. Espero que estejas bem. A tua família tem os meus amores [sic] também. Certifica-te de que todos têm roupas quentes. O frio tem uma força lenta e rastejante que de repente nos paralisa e o rosto fica verde e o nariz fica vermelho e as mãos desajeitadas — e no entanto é aí que escolhemos viver.

Quando o final da primavera chegava, mudávamo-nos para Wrightwood por longos períodos, levando carregamentos de produtos do rancho e regressando de poucas em poucas semanas para reabastecer mantimentos.

Entre os grandes reabastecimentos em Ojai, fazíamos viagens semanais à *Safeway* em San Bernardino. Muito ocasionalmente, conseguíamos convencer o Krinsh a ir ao cinema lá abaixo connosco. Ele

recusava-se a ir a filmes românticos, mas gostava de *Westerns*. Sempre que havia uma cena de beijo, ele cobria os olhos em horror e dizia: "Que disparate!"

Embora esta atitude pudesse ser perfeitamente compreensível para os seus devotos, parecia-me um pouco inconsistente e provavelmente ainda mais para a minha mãe.

Eu tinha agora catorze anos — já não era uma criança pequena e discreta. Embora nunca me fizessem sentir a mais, eu pressentia que eles precisavam de estar sozinhos, especialmente de manhã, quando o Krinsh ia para o quarto da minha mãe, onde ela muitas vezes tomava a sua bandeja de pequeno-almoço na cama. Este era um pequeno mimo que ela apreciava particularmente quando estava longe de todas as tarefas do rancho. Eu já não estava interessada nas conversas deles. Afastava-me sozinha pelo leito de cheia através das vagas de calor do deserto marmoreadas por lufadas de brisas arrefecidas pelo nevoeiro.

Por vezes, um amigo de Ojai fazia uma visita. Mas o nosso ambiente familiar parecia estranho à maioria deles e eu sentia-me mais à vontade deixada sozinha, a desenhar, a ler, entre outras coisas, uma velha edição de *Guerra e Paz* em quatro volumes encadernados em couro que eu trouxera de Arya Vihara. Nessa edição, o inglês era intercalado com longas passagens em francês pelas quais eu não conseguia avançar sem a ajuda do Krinsh. Às vezes nadava no lago local ou praticava piano na escola da terra. Estas eram as minhas manhãs de verão e eu estava perfeitamente contente com elas. Descansávamos sempre a seguir ao almoço e depois íamos a casa dos Huxleys para o chá e uma caminhada. Ou eles vinham à nossa casa para o jantar e um serão à volta da enorme lareira de pedra, construída há tanto tempo pelo guarda florestal. Não havia telefones, pelo que os planos eram feitos de um dia para o outro.

A Greta Garbo veio passar o dia e eu segui atrás dela e do Krinsh ao longo de Blue Ridge. Ela era facilmente tão bela como a sua lenda. Estava sem um traço de maquilhagem, exceto talvez nas pestanas. A única evidência de vaidade era um penso antirrugas entre as sobrancelhas. O seu cabelo era liso. Usava um chapéu de palha e calças. Fazia perguntas "profundas" ao "Sábio Indiano", perguntas esquivadas, desviadas, sem

resposta. Olhos de um azul profundíssimo vislumbravam por baixo daquelas famosas pestanas para testar a sua impermeabilidade, ou seria ela genuinamente ingénua?

Quem o poderia dizer? Eram duas pessoas tão reservadas. Eu apenas esperava que ela não notasse o olhar que o Krinsh me lançava, como costumava fazer quando eu estava presente para testemunhar algum embaraço particular, como se eu pudesse de algum modo retribuir um pouco de simpatia. Eu conseguia sentir a sua pergunta: "O que vou eu fazer com isto?" Contudo, eu também sabia do seu desejo secreto pelo mundo dos atores e do renome popular. Tinha uma afinidade peculiar por isso e tinha-me dito uma vez: "Gostaria de escrever apenas um grande sucesso da Broadway, só para ver como é a sensação", ou às vezes seria "Apenas um romance policial *bestseller*".

Houve um piquenique com os Huxleys e os Stravinskys também em Blue Ridge, a uma altitude de 8000 pés. A minha mãe, como habitualmente, tinha trazido comida para todos e dispôs o lanche enquanto o resto de nós caminhava. Nesse dia, alguém ou alguma coisa convenceu o Krinsh a dar um gole de vinho e ele subitamente caiu para trás do banco num desmaio completo. Todos, exceto a Rosalind, ficaram alarmados. Ela sabia quão facilmente ele podia desmaiar. Em tal companhia, o Krinsh parecia sempre um pouco distante e fora do círculo, exceto com o Aldous e a Maria, com quem se sentia perfeitamente à vontade. Mostrava afeto pelo Aldous, mas mantinha a formalidade habitual com a Maria que reservava para todas as mulheres, raramente usando os primeiros nomes, preferindo *Madam* ou *Signora*.

Não importava quão eminentes fossem os nossos convidados, era sempre o Krinsh quem estava no centro das atenções. Quanto mais ele parecia retirar-se dessa posição, mais ela o envolvia. Havia algo em comum entre ele e a Greta Garbo nisto. Tínhamos testemunhado as tentativas dela de passar incógnita quando fazia compras em Beverly Hills, o que nunca falhava em atrair as atenções para si própria. Toda a gente sabia exatamente quem ela era.

Um dia fomos convidados para o chá em casa dos Huxleys para conhecer um psicólogo, a sua esposa e a secretária. Eu estava sentada ao

lado da esposa e de repente notei uma mudança completa de expressão, embora ela parecesse estar atenta à nossa conversa. Um momento depois, regressando à sua postura original, pediu-me para repetir o que eu tinha acabado de dizer. A Maria explicou-me mais tarde que ela tinha uma personalidade dividida, tal como a mulher na história verídica do filme *As Três Faces de Eva*. Mas neste caso ambas as personalidades eram compatíveis e ajudavam-se mutuamente. Nunca esqueci este vislumbre íntimo e extraordinário daquela mulher invulgar.

Mesmo em Wrightwood havia sempre muito trabalho para fazer. Fazíamos quase tudo nós próprios, o Krinsh decidiu que seria agradável ter um jardim de rosas. Talvez sentisse a falta daquele que tinha sido retirado anos antes em Arya Vihara por economia de tempo de guerra. Plantámos uma fileira de rosas ao longo do muro acima da entrada da garagem. O solo era basicamente rochas de serpentina e mica, cinzento e infértil, e teve de se fazer muita escavação e mulsagem.

Eventualmente, as rosas deram-se muito bem. Ele e a Rosalind também fizeram uma pequena casa de banho em baixo, na garagem. Um canalizador local instalou os sanitários, mas eles próprios fizeram a aplicação dos azulejos e a pintura. Esta casa de banho era para o Krinsh, que dormia na sala de estar e gostava de se levantar muito cedo.

Quando regressámos de uma caminhada à tarde, um dia, havia uma grande cascavel enrolada confortavelmente no tapete junto à porta da cozinha. Ao Krinsh não faltava coragem, mas era a minha mãe quem tinha o jeito para lidar com criaturas difíceis. Com um incentivo gentil de uma vassoura e uma voz firme, disse à cobra para se retirar e encontrar outra casa. Ela foi surpreendentemente persuasiva e o réptil desenrolou-se lentamente e moveu-se para o mato.

Não voltámos a vê-la. Que eu saiba, a minha mãe nunca matou ou magoou nada. Nisto ela era como o Sr. Robbie, que tinha uma vez observado à Beato, quando esta estava prestes a esmagar uma mosca: “Deixa-a viver. Ela valoriza a sua vida tanto quanto tu a tua.” A Beato nunca mais matou nada também.

A minha mãe também tinha as suas próprias ideias sobre política. Nem o Aldous a conseguia influenciar em questões sobre as quais ela

sentia fortemente. Tinha crescido num ambiente familiar orientado para a política. O seu pai tinha sido senador estadual com uma forte inclinação socialista e a família tinha enfrentado muitas campanhas. Durante o julgamento de Alger Hiss, houve muitas discussões acesas sobre a sua inocência. A minha mãe tinha a certeza de que ele não era culpado, mas achava, em todo o caso, que ele não tinha tido um julgamento justo.

Todos os outros tentavam demovê-la com argumentos, não porque achassem que o Hiss era culpado, mas porque a certeza dela lhes parecia irracional. Embora o Krinsh tivesse sempre sustentado que se uma pessoa não fosse liberal na sua juventude ficaria mentalmente ossificada na meia-idade, ao lado da minha mãe ele soava decididamente politicamente conservador; mas quando a minha tia Erma estava presente, que era não só uma republicana convicta, o que ela via como o partido de Lincoln, mas também se permitia em certas ocasiões soar pró-americana e moderadamente nacionalista, o Krinsh lembrava-lhe, por vezes de forma bastante dura, a importância de não pensar em termos de nacionalismo e ideologia.

O Krinsh não era um pensador político, mas juntava as ideologias tanto religiosas como políticas num único caixote do lixo. Todos os líderes estavam no caminho errado, políticos, professores, especialistas de qualquer espécie eram para ser evitados. Isto era útil para adultos com mentes excessivamente sobrecarregadas que procuravam a libertação do seu condicionamento, mas para jovens estudantes que esperavam obter educação, não era útil. Custou-me bastantes anos a superar a sensação de que o que me era dito nas palestras na faculdade fosse outra coisa que não disparate. Eu dava por mim a refletir a atitude altiva que tantas vezes tinha visto o Krinsh assumir perante o poder intelectual. Embora eu nunca fosse autorizada por nenhum dos meus adultos a fazer observações depreciativas ou sequer pessoais, o Krinsh ocasionalmente fazia-o, talvez inadvertidamente ou de algum modo movido por uma exasperação interior. Era raro isto acontecer, mas lembrei-me de ele dizer, após uma longa caminhada com o Aldous: “A mente dele é como um cesto de papéis.” Tenho a certeza de que o Aldous nunca suspeitaria que o Krinsh faria um tal comentário.

Olho para trás agora para esses anos em Wrightwood como os últimos dos nossos tempos felizes juntos com o Krinsh. Ambos os meus pais tinham zangas ocasionais com ele, mas eram da mesma natureza que sempre tinham sido — geralmente porque ele tinha mentido sobre alguma coisa. A minha mãe perguntou-lhe uma vez porque mentia e ele respondeu com uma franqueza surpreendente: "Por causa do medo." De certa forma, a psicologia da Rosalind era tão simples. Ela achava que uma vez que uma falha fosse reconhecida e admitida, tudo o que se tinha de fazer era decidir pará-la. Ela nunca reconheceu a complexidade do problema do Krinsh até ser demasiado tarde. O meu pai, por outro lado, tendia a tornar tudo tão complexo que ficava atolado nas suas próprias especulações.

Havia ainda uma grande quantidade de amor: entre a minha mãe e o Krinsh, do meu pai para o Krinsh e possivelmente do Krinsh para o meu pai, embora disto eu ainda esteja incerta. Nunca tive qualquer dúvida do amor que eu tinha por cada um dos três e que todos eles tinham por mim.

19

Nasce uma Escola

Quando, em 1927, a Sra. Besant tinha comprado as terras de Happy Valley e as confiou à *Happy Valley Foundation*, cujos membros ela própria tinha escolhido, disse-lhes que tinham séculos para trabalhar. Ao estender a sua visão a um prazo tão longo, ela aliviou a impaciência que poderia surgir nos seus administradores para ver prodígios instantâneos a erguerem-se em Happy Valley. Isto, contudo, não aliviou o problema de cumprir os pagamentos anuais da hipoteca de 90 000 dólares com que a propriedade estava sobrecarregada. Esse dever oneroso recaiu largamente sobre os Logans e o Louis Zalk. Eles emitiam apelos regulares para promessas de contribuição para ajudar a limpar o título de propriedade.

Aqueles que eram leais à Sra. Besant, aqueles que partilhavam da sua visão da vindoura sexta sub-raça raiz, responderam ao apelo de ajuda até que a Grande Depressão caiu sobre o mundo. Então os Logans e o Louis

Zalk ficaram com um problema financeiro considerável, pois eles também foram afetados pelo *crack*. Durante os vinte e cinco anos seguintes, haveria uma correspondência contínua entre o Robert e o Louis sobre a sua responsabilidade conjunta. Esta troca de correspondência começou no tom habitualmente irónico do Robert, em outubro de 1930.

Caro Louis,

Claro que te ajudarei como solicitas, mas na realidade não compreendo muito bem qual será a situação, a quem serão feitos os pagamentos e por quem serão mantidos os registos e enviados os recibos.

Esclarece-me um pouco em palavras de uma só sílaba… Lembro-me de termos tido uma reunião… na qual toda a gente foi eleita administrador e depois se demitiu imediatamente e foi substituída por toda a gente de resto… crê-me, com todos os bons votos,

Fielmente,

ROBERT

Este tom de informalidade não deve desmentir a competência e dedicação destes dois homens nos seus esforços para levar a bom termo a visão da Sra. Besant. Não tivessem eles acreditado tão firmemente nisso, teriam achado a tarefa demasiado penosa. A única fonte de rendimento nas terras era um pomar de nogueiras que às vezes ajudava a pagar os impostos e a hipoteca e era gerido por um rendeiro, o proprietário original das terras. Havia um fluxo constante de pessoas, a maioria Teósofos, que esperavam eles próprios fazer parte da nova sexta sub-raça raiz ou, pelo menos, queriam estar ali prontos para a acolher. Lidar com estas consultas era um dever que recaía sobre o Robert.

22 de junho de 1935

Caro Louis,

Estou totalmente de acordo com a tua carta sobre não considerar quaisquer planos de colonização até que possamos realizar uma reunião real dos administradores.

Como tenho tido de responder a bastantes críticas e consultas ultimamente… incluo cópias… de algumas das minhas respostas para os teus comentários.

Caro Kahuna,

Quanto a iniciar a colonização, não há certamente qualquer atitude de "Teósofos não precisam de se candidatar" por parte dos administradores; há apenas... um desejo de ter a certeza absoluta de não fazer algum empreendimento errado quando a terra está ainda sob uma hipoteca substancial. Um fracasso agora tornaria quase impossível conseguir alguma vez liquidar a hipoteca ou reduzi-la para proporções seguras… entretanto, não faria mal nenhum submeter ao Louis Zalk alguns planos práticos e sugestões para os primeiros passos na colonização.

Querida Sra. S.,

Está totalmente à vontade para alterar a sua promessa de contribuição ou cancelá-la por completo… Quanto à colonização de Happy Valley, os administradores não têm outro pensamento em mente e certamente não teriam feito todos os esforços que tiveram de fazer durante sete anos para reduzir a pesada hipoteca de 90 000 dólares para 43 000 dólares se não estivessem dedicados à realização final das intenções da Dra. Besant.

Os membros da S.T. estão por vezes demasiado prontos para criticar os esforços uns dos outros sem uma compreensão clara dos factos e espero que, quando ouvir mais críticas à *Happy Valley Foundation*… peça aos críticos que enviem, em vez disso, algumas sugestões úteis.

Por volta de 1941, a situação de Happy Valley estava basicamente inalterada, exceto pelo facto de a hipoteca estar a ser reduzida e a terra, portanto, continuar intacta. Havia ainda tantas ideias sobre para que fim a terra deveria ser usada e quem deveria fazer esse uso quantas eram as pessoas, tanto dentro da fundação como na periferia — para não falar da "franja". Havia também uma reivindicação (mais tarde provada como infundada) por parte de um membro teosófico contra Happy Valley para uma escola em vez de um empréstimo anterior, sobre a qual o Robert comentou:

12 de setembro de 1943

Caro Louis,

Se a Menina S. partir para Shamballa [a morada do rei da hierarquia oculta que se crê estar localizada no deserto de Gobi] antes que chegue o momento de fundar uma escola ou de reembolsar o dinheiro, provavelmente não haverá controvérsia de todo;… tudo parece basear-se nas duas cartas da Dra. Besant e nas atas de Happy Valley… Em meu entender, não é tanto uma questão de saber se somos ou não administradores dos 12 400 dólares para os fins de uma escola, mas sim se podemos evitar ter a Menina S. em Happy Valley em qualquer função. Não tenho muita clareza quanto ao que deve ser uma pessoa da Sexta Sub-raça, mas sinto muita certeza de que deve ser de um tipo totalmente diferente da Menina S. ou de qualquer outro educador rígido.

Fielmente,

ROBERT

P.S. Poderíamos entregar tudo à Menina S. e simplesmente alterar os nossos estatutos para que se lesse *THE UNHAPPY VALLEY FOUNDATION* [A Fundação do Vale Infeliz].

Quer respondesse às propostas de Teósofos zelosos demais ou de membros da "franja", o Robert mantinha polida mas firmemente a intenção dos administradores de se manterem afastados de todos os aspetos rígidos e, aos olhos de alguns, disparatados da Teosofia, tais como as iniciações e as consequentes atitudes hierárquicas que ele e a Sara nunca tinham abraçado. A própria Sra. Besant não tinha incluído estes aspetos no seu conceito sobre o futuro de Happy Valley.

O Robert e o Louis estavam ambos entre os amigos mais próximos do Krishna e contribuíam fortemente para o que era agora chamado *Krishnamurti Writings Incorporated* ou *KWInc*, em vez de *Star Publishing Trust*. Mas o Krishna continuava a manter uma distância reservada em relação a Happy Valley. Ele tinha-se divorciado deste empreendimento antes mesmo de a Sra. Besant o conseguir pôr em marcha. Tinha acabado

com os Mestres, com a sexta sub-raça raiz e com a Teosofia em geral, pelo menos naquela época.

Assim que a guerra terminou, a minha mãe quis iniciar uma grande horta comunitária no vale inferior, principalmente para fornecer trabalho para os japoneses que tinham sido internados durante a guerra. Era uma gota de ajuda simbólica face a uma injustiça tão vergonhosa e desnecessária como a que eles tinham sofrido, mas ela sentia fortemente a esse respeito. O Raja, que achava que não era um empreendimento viável, demoveu-a da horta; mas organizou a contratação de um casal japonês, que veio viver na mais pequena das cabanas do Robert, atrás de Saro Vihara. O Ishi trabalhava no pomar e no jardim e a Sra. Ishi ajudava nas tarefas domésticas. Se eles tinham sentimentos de amargura, guardavam-nos para si e mostravam-nos sempre uma postura cortês e alegre.

In 1945, o Robert e o Louis entraram noutra parceria que forneceria o canteiro de germinação para o primeiro empreendimento de Happy Valley. Eles compraram os velhos balneários e o edifício do refeitório do Star Camp e a área circundante à *KWInc*, e planeavam remodelar os balneários para os transformar em apartamentos. Havia rumores sobre a possibilidade de uma escola, rumores que o Robert tinha previsto intuitivamente alguns anos antes. Embora nada de definitivo estivesse a ser decidido nessas linhas, estava na mente de ambos que, se houvesse uma necessidade súbita, os apartamentos estariam disponíveis até que estruturas mais permanentes pudessem ser construídas nas terras de Happy Valley, a quinze milhas de distância.

17 de dezembro de 1945

Caro Louis,

Tenho a tua carta de 11 de dezembro e tomo nota das instruções ao Willie sobre os balneários 3 e 2… Se alguém sair destes balneários nadando com uma imagem matemática clara dos meus dois terços e uma metade e da tua metade e um terço, esse alguém será o Albert Einstein. Mais ninguém teria a mínima hipótese!

Fielmente,

ROBERT

O núcleo que daria início à escola estava a formar-se. Um professor de filosofia reformado de Vassar, o Dr. Guido Ferrando, tinha-se mudado para o Vale de Ojai durante a guerra e tinha dado várias séries de palestras sobre os transcendentalistas americanos e sobre a *Divina Comédia*. Tinha também entrado em muitas discussões sobre educação com o Krishna, com a Rosalind e com o Aldous Huxley. As suas ideias para um método socrático de ensino ajustavam-se a muitas das ideias do Krishna, mas eram mais específicas e aplicáveis: trabalhos de fim de trimestre em vez de exames formais, turmas pequenas dispostas em círculo com um fluxo de perguntas e respostas entre os alunos e o professor. Os alunos aprenderiam a fazer perguntas e a discutir, em vez de assistirem a palestras de cátedra. A ênfase seria colocada em aprender a pensar e não haveria barreiras entre diferentes disciplinas, mas sim uma integração de matérias, bem como de culturas, numa visão do mundo.

A Rosalind tinha sido, durante alguns anos, membro do Conselho Escolar do Ojai Valley School, que originalmente se baseara nos preceitos de Edward Yeomans de não competitividade, na sala de aula e nos desportos, de tolerância e de uma mente livre e aberta; princípios educativos semelhantes àqueles que o Krishna formulou mais tarde.

Havia necessidade no vale de uma escola secundária mista, especialmente naquele momento. A turma do nono ano, que me incluía, estava prestes a graduar-se no Ojai Valley School. Lembro-me bem da preocupação que todos tínhamos sobre para onde iríamos a seguir. A maioria de nós, tendo passado quatro ou cinco anos numa escola muito progressiva, não estava entusiasmada em terminar os seus dias de escola secundária na escola pública.

Todas as outras escolas em Ojai eram apenas para rapazes. Uma turma do décimo ano já pronta para começar parecia um momento oportuno para lançar a primeira pedra de uma realidade há muito esperada. A Rosalind tinha sido convidada para a *Happy Valley Foundation* uns anos antes, em grande parte devido à fé do Robert, que ele tinha herdado da Sara e à qual o Louis se juntara, de que ela realizaria algo de importante se lhe fosse dada a

oportunidade. Nessa altura, a Rosalind não tinha conhecimento desta confiança nela, mas seria sustentada por ela nos anos seguintes.

Foram o Sr. Robbie e o Louis Zalk que tornaram a escola financeiramente possível. Eles arrendaram por um dólar por ano o antigo edifício do refeitório, para ser usado como o edifício da escola. Este foi o início do seu longo papel como principais benfeitores da escola, tal como o tinham sido da *Happy Valley Foundation*.

A Rosalind foi rapidamente absorvida pelas questões práticas de iniciar mesmo uma pequena escola. Fornecer equipamento, alojamento, salas de aula, cozinhas e orçamentos recaiu sobre ela, além de discutir a ideologia da escola com o Aldous, o Raja, o Krishna, o Dr. Ferrando e muitos outros que esperavam há anos fazer parte de um tal empreendimento. O Robert e o Louis permaneceram em grande parte nos bastidores destas discussões, mas, como administradores, a sua correspondência incessante revelava a sua profunda preocupação.

Ambos acreditavam que a escola deveria refletir os ideais educativos da Sra. Besant, baseados na fraternidade humana, e que todos os futuros administradores deveriam ser escolhidos com este princípio em mente. Em plena guerra, o Robert tinha enfatizado estes pontos de vista.

Happy Valley deve ser um viveiro para essa verdadeira paz que só pode vir através da compreensão e da boa vontade, através da simpatia e não através da dominação… [é] o oposto da conceção de mecanização e arregimentação que tem dominado o mundo dos negócios e da política e criado não só a guerra, mas a guerra da vida quotidiana.

Nestas palavras, o Sr. Robbie estava de acordo tanto com os ideais da Sra. Besant como com os do Aldous expressos em *Case for Constructive Peace*.

Ficou acordado entre o Krishna, o Raja e a Rosalind que Arya Vihara poderia ser utilizada nesse primeiro ano como alojamento temporário para os alunos internos até que a remodelação dos balneários estivesse concluída. Isto aconteceu apenas porque o Krishna planeava partir para a Austrália no verão de 1946 e ficar fora durante um ano, a primeira vez que deixaria a América desde que a guerra começara. Ele nunca tinha estado

confinado a um único lugar por tanto tempo e a sua inquietação estava à vista. Embora tivesse feito as viagens de verão a Sequoia e a Carmel, devia sentir a falta das grandes assembleias para as suas palestras em Ommen e na Índia. Tinha falado em Ojai apenas uma vez durante a guerra, em 1944.

Naquele verão de 1946, o Krinsh, a minha mãe e eu regressámos a Sarobia para a primeira reunião desde 1940. Este provou ser um terreno de caça fértil para futuros alunos da Happy Valley School. A Rosalind aproveitou ao máximo a oportunidade. Foi aqui que ela instou a Catherine Sloss a enviar o seu filho para a Califórnia. Em parte devido ao seu interesse no Krishna e em parte devido à situação escolar em Birmingham, a Catherine voltou para casa suficientemente convencida para persuadir o marido de que era uma boa ideia. Mal sabiam eles que o Jimmy, então com apenas quinze anos, iria emigrar mais ou menos permanentemente para a Califórnia.

Um grupo de eminentes psicanalistas freudianos tinha convidado o Krishna para uma sessão de discussão em Washington, D.C., após a reunião de Sarobia. O Dr. Benjamin Weininger tinha organizado estas sessões de Washington e tinha-nos convidado para ficar na sua casa de Maryland. Estas reuniões foram uma experiência nova para o Krinsh. Ali ele não estava entre os seus antigos seguidores, que achavam cada palavra e cada suspiro que ele emitia algo a estimar e recordar. Homens como Harry Stack Sullivan e Erich Fromm estavam bastante seguros do seu terreno e do seu vocabulário, de ambos os quais o Krinsh tentou desalojá-los. Ele tentou insistir em abandonar o antigo condicionamento, o pensamento, o conhecimento. Embora alguns deles sentissem que tinham esbarrado numa parede em branco e precisassem de uma nova fronteira, o que o Krinsh chamava profissionalismo no vocabulário deles tornou-se um obstáculo frequente. Toda a sessão, quer tenha sido bem-sucedida em termos de uma compreensão mais próxima ou não, foi árdua para o Krinsh.

Ele tinha dependido emocionalmente, ao longo dos últimos catorze anos, da atenção total e dos cuidados envolventes da Rosalind projetados na sua direção. Ela compreendia perfeitamente que ele precisava da devoção e do empenho daqueles que lhe eram próximos, por mais desapegado que ele gostasse de soar. Embora fizesse tudo para a encorajar a assumir a escola, ele percebeu que tinha perdido o foco exclusivo dela.

Durante a nossa estadia em casa dos Weiningers, com um estranho sentimento de desespero, o Krishna veio ao quarto da Rosalind à noite. Ele não mostrava tal indiscrição há muito tempo e isso deixou-a muito desconfortável.

Em Arya Vihara ainda tínhamos a vaca e as galinhas, das quais os Ishis tinham cuidado na nossa ausência, mas pelas quais a Rosalind continuava a ser basicamente responsável. Um dia, o galo Hércules não reconheceu a minha mãe quando ela veio alimentar ele e as suas galinhas. O rosto dela estava tapado pela grande bacia que segurava. Ele correu na direção dela e cravou a sua espora profundamente no pé dela. Felizmente, não resultou qualquer infeção, mas a ferida foi muito dolorosa; era típico dela não guardar qualquer ressentimento em relação ao Hércules.

Na semana em que a escola devia abrir e todos os internos deveriam chegar, a Rosalind, ainda instável da sua ferida no pé e dos efeitos há muito passados de uma lesão de esqui, escorregou nos degraus de trás. Partiu o tornozelo, que teve de ser imobilizado com gesso até ao joelho.

Muitos dos alunos nunca tinham experimentado as alegrias da vida no campo, o Jimmy Sloss entre eles. No dia seguinte ao da sua chegada, a vaca entrou em trabalho de parto e, como o bezerro vinha com as patas primeiro e tinha de ser virado, isso exigiu toda a ajuda disponível. Com a minha mãe acamada, o Willie, como parteiro-chefe, sentindo que eu, uma rapariga jovem, não deveria estar presente, chamou o Krinsh e o Jimmy para ajudar.

A mãe dele acreditava que tinha enviado o seu filho para Ojai para estar sob a influência iluminadora de Krishnamurti. Mas o Jimmy, que nem sequer sabia que as galinhas podiam pôr ovos sem galos por perto, que não tinha muita certeza de como o leite passava da vaca para a garrafa e nunca tinha visto nada nascer, sentiu que esta era uma introdução bastante sobressaltante, embora edificante, a Ojai. Apesar dos parteiros novatos, tudo correu bem com o bezerro e a Tina forneceu bom leite ao longo do ano letivo. Não muito tempo depois disso, a nossa excêntrica gata Minnie decidiu ter os seus gatinhos na cama do Jimmy.

Subitamente, o Krinsh ficou gravemente doente com febre alta e dores nos rins. Como a minha mãe andava de muletas e nove alunos viviam em Arya Vihara, instalou-se uma crise. O Krinsh não permitia que ninguém se

aproximasse dele a não ser a minha mãe. Ela mudou-o do Pine Cottage para o quarto da frente na casa grande, onde tinha tratado do Nitya antes de ele morrer. Ali ela encarregou-se de cuidar do Krinsh noite e dia, conseguindo ao mesmo tempo, de algum modo, gerir a casa e supervisionar a organização della escola. Como achava as muletas impossivelmente incómodas enquanto alimentava e dava banhos de esponja ao Krinsh, tinha de gatinhar pela sala fora, arrastando a perna engessada. Mesmo num estado semidelirante, o Krinsh insistia que não houvesse outra enfermeira e fê-la prometer que, se ele ficasse inconsciente, em caso algum seria levado para o hospital.

Ele estava convencido de que morreria infalivelmente ali. Recusou também ver um médico, mas o Hugh Keller, um amigo e quiroprata, examinava-o todos os dias. Era opinião profissional do Hugh que a doença do Krishna se devia inteiramente à sua vida celibatária que, segundo ele pensava, tinha afetado a glândula próstata. Se ela estivesse capaz de tais sentimentos naquele momento, este diagnóstico poderia ter causado à Rosalind um fugaz momento de divertimento.

O Aldous e a Maria, tal como tinham feito quando a Sophia estava a morrer, vinham com muita frequência e sentavam-se calmamente no pátio, dando o seu apoio afetuoso. Eles sentiam que a Rosalind estava numa posição muito má com a promessa feita ao Krishna e seria severamente criticada se algo lhe acontecesse. Numa noite particularmente crítica, enquanto a minha mãe permanecia ao lado do Krinsh, o meu pai e eu percorríamos o caminho de acesso da garagem de um lado para o outro sob o céu brilhantemente estrelado de Ojai. Nunca esquecerei o amor que ele expressou pelo Krinsh, dizendo que as nossas vidas seriam tão estranhas e vazias sem ele. Ele não poderia adivinhar na altura que não seria a morte a causar esse vazio para ele. Esse tempo ainda não tinha chegado em que eles deixariam de ser próximos. Apesar das dificuldades, tinha havido sempre um laço que até o Keiro, por quaisquer meios, tinha reconhecido, para o melhor e para o pior.

Eventualmente, foi consultado um urologista na clínica Sansum em Santa Barbara. Ele diagnosticou que o Krishna tinha nefrite. Após cuidados intensivos durante mais de seis semanas, o Krishna começou lentamente a recuperar e entrou em seis meses de convalescença. Naturalmente, todos os

seus planos de viagem para esse ano tinham sido cancelados, mas não havia forma de cancelar o uso de Arya Vihara como dormitório. Era imperativo manter todos em silêncio durante o pior da sua doença. Sentávamo-nos todos na sala de estar à noite, a fazer os nossos trabalhos de casa tão silenciosamente como se estivéssemos numa biblioteca ou num mosteiro.

Éramos autorizados a passar música clássica baixinho no gira-discos. Que jovens de lares tão diversos pudessem ser tão cooperantes e, com tanta boa vontade, mostrar consideração espontânea foi um precedente inesperado naqueles primeiros meses formativos para uma escola que se baseava precisamente nesses ideais. Alguns dos alunos nunca tinham ouvido falar do Krinsh, alguns eram Teósofos, uns poucos eram filhos dos seus seguidores.

À medida que o Krinsh melhorava, os jovens na casa pareciam não o incomodar. Tinha deixado crescer a barba e sentava-se de roupão a observar as nossas atividades com crescente interesse. Vinha cá fora ocasionalmente para conversar, especialmente com o Jimmy, por quem tinha uma afinidade particular. O Jimmy já tinha a mente clara do matemático em que se tornaria. Alguns eram demasiado tímidos para falar com ele e outros nada tímidos. Creio que a sua recuperação foi potenciada por este convívio com os jovens. Todos sentíamos a sua observação silenciosa sobre nós e, em parte, retribuíamo-la. Ele tinha dito frequentemente que, para ajudar alguém com um problema, tudo o que se tinha de fazer era compreendê-lo sem julgamento, vê-lo claramente e, com o tempo, esta compreensão seria transmitida à outra pessoa. O seu eu não-verbal estava no seu melhor em tais circunstâncias. Ter tido a oportunidade de experienciar isso diretamente valeu por uma centena das suas palestras.

Graças ao Louis e ao Robert, a parte financeira da escola aguentou-se, apesar de uma proporção de doze alunos para oito professores. Havia um grande entusiasmo pelo projeto. Parecia que finalmente a visão da Sra. Besant estava a ganhar a forma da realidade, embora a escola não tivesse sido construída nas terras de Happy Valley. Embora ninguém o percebesse na altura, seriam precisos outros trinta anos até que a escola se pudesse mudar para lá.

O rancho de nogueiras continuava a ser a única fonte de rendimento para Happy Valley e mal pagava as despesas de cada ano, como mostrava a correspondência entre o Louis e o Sr. Robbie:

31 de outubro de 1946

Caro Louis,

Tenho a tua carta do dia 29 a respeito das despesas propostas para a Fábrica de Nozes de Happy Valley.

O nosso trabalho em varrer as nozes das árvores será grandemente superado pelo nosso trabalho em varrer os outros "malucos" [*nuts*] das terras assim que a Quinta e a Sexta Raças se começarem a mudar para cá.

O financiamento da escola haveria de se tornar um problema cada vez maior. Felizmente, a Rosalind era perita em encontrar formas de economizar; ambos os homens apreciavam essa qualidade nela, embora reconhecessem que por vezes ela se tornava excessivamente otimista nas suas expectativas em relação às pessoas.

13 de novembro de 1946

Caro Louis,

Creio que deves ter tido notícias da Rosalind sobre empregar o F. para construir o dormitório. A Rosalind estava ao início entusiasmada demais e está agora talvez um pouco desiludida demais, mas de qualquer forma ficarei perfeitamente contente em ter o Neutra ou qualquer outro arquiteto Neutro [*Neutral*] que possas escolher.

A Rosalind e o Krishna superaram o primeiro ano da escola, mas o seu relacionamento tinha sofrido uma mudança. Cuidar dele tinha colocado uma tensão emocional e física sobre ela. Talvez ambos sentissem que tinham estado demasiado confinados de perto durante os últimos sete anos. O trabalho pesado durante aqueles anos de guerra tinha levado muito da vitalidade da Rosalind. Ela tinha começado a sentir a presença constante e as necessidades do Krishna como desgastantes. Acolheu com agrado a ideia de um pouco de espaço e tempo separados dele.

A escola repousava pesadamente sobre os seus ombros, embora ela não tivesse qualquer cargo oficial e nunca tivesse recebido um salário. O Dr. Ferrando não era capaz, devido à idade, à saúde e à falta de experiência, de gerir a vertente organizacional, embora fosse uma figura maravilhosa ao leme e na sala de aula. A Rosalind teve também de supervisionar a conversão dos balneários em espaço para refeitório e dormitório para o segundo ano da escola. Havia agora demasiados alunos para caberem em Arya Vihara.

Para a Rosalind, a escola tinha-se tornado, e haveria de continuar a ser durante vinte anos, um trabalho de dezoito horas por dia, como o Robert foi um dos primeiros a notar.

Agosto de 1947

Queridíssima Rozzie,

Não trabalhes demasiado nem te preocupes muito... no ano passado tínhamos 12 alunos e nenhum dormitório e este ano teremos 12 dormitórios e nenhum aluno, o que faz uma média perfeita. . .

Os dormitórios ficaram concluídos a tempo para a abertura do segundo ano, deixando o Louis e o Robert com ainda mais hipotecas para liquidar. Eles eram de facto os anjos atrás dos bastidores. O Louis escreveu ao Robert em janeiro de 1948:

Caro Robert,...

Tomo nota do teu receio quanto a eu entrar no céu pela porta das traseiras de Happy Valley. A minha ideia de desenvolvimentos celestiais em Happy Valley seria se colhêssemos quarenta toneladas de nozes este ano e conseguíssemos cerca de trinta cêntimos por libra. Mas até agora estamos de facto com muita falta de chuva. Houve um chefe índio que veio à cidade vindo do Oregon o outro dia e ele causou uma chuva miudinha muito pequena em Los Angeles. Espero que ele continue ativamente a dançar à volta de um ponto no chão e que o Velho Pai Coiote oiça as suas invocações.

Agora, para pessoas de mentalidade espiritual, é uma vergonha que o assunto do dinheiro se intrometa em todos os pontos. Sabes que juntos devemos 4000 dólares de uma hipoteca sobre o segundo edifício. Tenho a intenção de liquidar a minha parte algures este ano, visto que não gosto do cheiro a hipotecas. Atrevo-me a dizer que sentes o mesmo... posso sugerir, no espírito da profunda amizade que há entre nós, que ambos, nos nossos testamentos, protejamos o futuro da Escola — apenas para o caso de o Karma usar o gancho de madeira do ator e nos arrancar do palco antes de nos encontrarmos?

PARTE TRÊS

DESENLACE

Perdido numa Terra Sem Caminhos

(1947-86)

20

A Sombra Adensa-se

No outono de 1947 o Krishna, totalmente recuperado, deixou Ojai na sua primeira viagem ao estrangeiro desde antes da guerra. O Raja foi com ele até Inglaterra e permaneceu na Europa até à primavera seguinte, enquanto o Krishna seguiu para a Índia. A Rosalind ficou em Ojai, absorvida pela escola.

O Krishna iria ficar fora durante um ano e meio. Ele nunca tinha perdido o seu apego ao país do seu nascimento e, nos últimos sete anos, deve ter ansiado por ele. Contudo, a partir do momento da sua partida de Ojai e da Rosalind, ele retomou a correspondência com ela que tinha sido uma rotina diária nas suas ausências antes da guerra. As suas cartas reafirmavam continuamente o seu amor por ela e a importância do relacionamento de ambos; cartas às quais a Rosalind raramente respondia, pois não as encarava como uma forma de correspondência, mas sim como uma necessidade dele em comunicar os seus pensamentos interiores a alguém próximo. Ele não esperava que ela escrevesse e, de facto, instava-a, como fazia frequentemente comigo, a não se incomodar.

Pouco depois da sua chegada a Bombaim, o Krishna conheceu uma jovem muito bela, Nandini Mehta, que era casada com um homem de negócios de Bombaim, e a irmã desta, Pupul. Em maio, foi com estas duas irmãs para Ootacamund. Na presença delas, pela primeira vez em vinte anos, o "processo" recorreu. Exceto por uma vez em Ojai, quando não quisera ninguém, o Krishna tinha sempre querido uma mulher para o ajudar a passar pelo "processo". A Nandini não seria a última. Esta recorrência foi muito semelhante às do passado: chorando e chamando pela mãe, a dor na cabeça, a voz estranha, olhos arregalados, rosto diferente e um apelo geral para que cuidassem do corpo. E, tal como nos seus dias teosóficos, não foi evidentemente levantada qualquer questão pelos presentes sobre um distúrbio psicológico ou físico.

Em abril de 1949, o Krishna regressou a Ojai. Tinha sido a separação mais longa entre ele e a Rosalind desde que se tinham conhecido em 1922. Ao início, parecia que o relacionamento deles continuaria como tinha sido nos últimos dezassete anos, sobrevivendo às suas longas ausências antes da guerra e ao confinamento próximo durante a mesma. Pareciam felizes por se verem. Envolvida como ela estava com a escola, ele deu-lhe apoio e conselhos no seu novo trabalho. Do seu lado, ela conseguiu afastar-se de Ojai para as férias da primavera e ir com o Krinsh e comigo para Wrightwood.

Eu tinha crescido com o conhecimento de que os meus pais tinham um casamento peculiar e sempre sentira, e em várias ocasiões até observara, que o verdadeiro casamento na nossa casa era entre a minha mãe e o Krinsh. Isto nunca me incomodou no mínimo, talvez porque eu fosse demasiado jovem para julgar. E fui educada para "não julgar"; o Aldous costumava dizer que esse era um dos preceitos mais importantes da Bíblia. De qualquer modo, por essa primavera eu estava profundamente absorvida num amor próprio.

Desde o momento em que tinha chegado para frequentar a escola no outono de 1946, o Jimmy Sloss e eu tínhamos sentido um laço que alguns dos nossos mais velhos teósofos descreviam como o encontro de "almas velhas", mas que nós considerávamos de forma mais prosaica como estar apaixonados. Nenhum de nós tinha a bagagem necessária para se sentir lisonjeado por essa referência a almas velhas. Com sorte, se a tivéssemos,

teríamos tido o bom senso de perceber que era a nossa proximidade ao círculo encantado, e não quaisquer méritos próprios, que extraía tais conjeturas.

Seria uma fonte de felicidade e tranquilidade para ambos que tivéssemos no futuro uma aprovação tão sincera tanto da família imediata como de amigos próximos, pois casaríamos muito jovens. Haveria uns anos de separação após a Happy Valley School, contudo, antes de nos juntarmos de vez. O Jimmy partiu um ano antes de mim para a faculdade no Leste. Em junho de 1949, graduei-me na Happy Valley School e estava ansiosa por ir para o Leste, para o Swarthmore College, onde tinha sido aceite, tal como o meu primo David. Eu continuava rodeada por adultos afetuosos, tanto dentro como fora da família. A Mima Porter deu-me um belo vestido longo de cetim de que a minha mãe e eu gostáramos numa montra em Santa Barbara, mas que acháramos não ser comportável para a nossa bolsa. A minha mãe passou o verão em Wrightwood com o Krinsh e comigo, a fazer o meu guarda-roupa para a faculdade.

Muito inesperadamente, escassos dias antes da minha partida, o Krinsh entregou-me uma nota de cem dólares para comprar um casaco quente em Filadélfia, a primeira dádiva material que alguma vez recebi dele. E a Iris Tree escreveu para mim o seguinte poema:

Para a Radha

Onde quer que vás
Onde quer que os ventos soprem
Que haja canto
Que haja voo
De nuvens acesas
E de aves selvagens que voam
Onde quer que os ventos descansem
E as aves venham a fazer o ninho
Para ti a pomba —
Sobre ti através dos ventos que se agitam
Através da treva cega que vive
Os olhos daqueles que amas.

Embora o meu egocentrismo adolescente me tivesse em grande parte isolado das realidades daquele verão, não pude escapar de notar uma nova tensão entre a minha mãe e o Krinsh. Não era uma tensão feliz, mas sim uma que conduzia a zangas rapidamente suprimidas pela minha presença. Passariam mais de vinte anos antes que eu soubesse a causa.

Ao início, a Rosalind descobrira que o seu relacionamento com o Krishna estava ostensivamente inalterado. Ele parecia ansioso por regressar à intimidade que tinham partilhado antes da sua doença. Mas uma vez chamou-a pelo nome de Nandini; um nome que, nessa altura, ela não conhecia. Tentou convencer-se de que era apenas um lapso de língua vago e confuso. Mas quando isto aconteceu de novo com o mesmo nome, ficou perturbada. Não tinha ocorrido à Rosalind que a deslealdade pudesse entrar neste relacionamento.

Pelas razões já mencionadas, não se considerava infiel ao Raja, tal como não se teria sentido traída por qualquer ligação que ele pudesse ter feito. Mas, no que ao Krishna dizia respeito, no mínimo teria esperado ser informada se ele estivesse interessado noutra pessoa. À medida que a sua suspeita crescia, acabou por questioná-lo. Ele negou absolutamente que houvesse outra pessoa na sua vida ou que pudesse alguma vez haver outra pessoa senão ela. A Rosalind já não era tão crédula e ingénua como fora outrora, e a veemência das negações dele deixou-a ainda mais desconfiada. Mais tarde, ela afirmaria que foi a incerteza, mais do que a suspeita de deslealdade, que a perturbou.

Ao longo dos anos, tinha vindo a perceber que o Krishna nem sempre era uma pessoa sincera e, como ele próprio lhe tinha dito que as suas mentiras derivavam do medo, tentou tranquilizá-lo de que não haveria quaisquer consequências difíceis se ele apenas lhe dissesse a verdade. Disse que conseguiria aceitar se ele estivesse apaixonado por outra pessoa e que poderiam continuar a ser amigos, mas não conseguia suportar ser enganada. Ao longo dos anos, o medo e as suas origens, tais como a morte, a ambição, a insegurança, tinham sido temas importantes nas palestras do Krishna. Sempre me tinha impressionado que aqueles problemas de que ele falava com o discernimento mais profundo eram os problemas com os quais ele lutava em si próprio. Outros pensaram isto também, mas depois

perguntaram-se, como eu não fiz, de que modo podia ele falar com tanto conhecimento sobre sexo e amor.

Os protestos categóricos de fidelidade do Krishna à Rosalind foram consideravelmente fragilizados quando, seis meses mais tarde, após ele ter regressado à Europa, o seguinte artigo apareceu na revista *Time*.

A REVOLTA DE UM CAPACHO

De entre as grandes modas da década de 1920 [estava]… Jiddu Krishnamurti. . . um vidente indiano de cabelos compridos a quem Bernard Shaw chamou uma vez o ser humano mais belo que alguma vez vira. A teósofa Annie Besant tinha adotado o Krishnamurti e previa livremente que ele seria um novo messias. Ele era mais modesto. "Posso ou não ser o segundo Cristo — não sei", disse ele uma vez. "Não quero que as pessoas olhem para mim com admiração, que me adorem. A maioria das pessoas é de qualquer forma totó."

Disparate & Absurdo. Quase como que para o provar, milhares de discípulos — na sua maioria mulheres — costumavam reunir-se para ouvir as suas palestras sobre "a verdade e o amor"...

Há dois anos, perto dos 50 e ainda atraente, Krishnamurti regressou à Índia e a uma relativa obscuridade… Na semana passada esteve novamente nas notícias, envolvido num dos raros casos de dissolução matrimonial da Índia.

Após quase dez anos de casamento, a esposa de um milionário têxtil de Bombaim, Bhagvandas Chunilal [sic] Mehta, pediu a separação legal. Testemunhou que o Mehta lhe batia, trancava os seus medicamentos e usava linguagem insultuosa. Depois, o Mehta testemunhou com o seu lado da história. A sua esposa tinha-se tornado discípula do Krishnamurti. Tinha-o ouvido chamar aos versículos sagrados do casamento hindu "disparate e absurdo". Noutra palestra, Krishnamurti disse aos homens na assistência: "Sabem qual é o vosso relacionamento com a vossa esposa? Todos conhecemos este relacionamento — sexo, implicância, intimidação, dominação, as respostas superficiais do casamento… Se for dominante e fizer dela o seu capacho, diz: estou bem casado."

Como resultado de ouvir tal ensinamento, a atitude da Sra. Mehta em relação ao marido tinha mudado radicalmente. “Antes ela era sempre forte, mas boa”, disse o Mehta. “Depois… tornou-se agressiva… Cheguei à conclusão de que, sob o pretexto de ensinar, o Krishnamurti andava atrás da minha mulher.”

Ressentimento & Rutura. Declarando que os seus olhos tinham sido abertos pelos ensinamentos do Krishnamurti, a Sra. Mehta tinha dito ao marido que viveria uma vida celibatária e tinha-se mudado para o quarto de vestir.

O juiz Eric Weston…recusou a petição da Sra. Mehta. Observou secamente: “Não creio que haja margem para dúvidas de que os ensinamentos [de Krishnamurti] que sugerem a revolta da esposa da sua posição de capacho devem ter tido o seu efeito sobre a mente dela... Isto levou à recusa dela em manter relações matrimoniais com o marido,... o que deve ter causado um ressentimento considerável.” [2]

A Rosalind conhecia um lado do Krishna com que o Raja nem sonhava. Ela conseguia ler nas entrelinhas e acreditar que o Sr. Mehta poderia ter alguma verdade do seu lado. A única preocupação do Raja era proteger o Krishna de tal notoriedade. Teve um trabalho considerável para convencer a *Time* a não avançar com esta história. Era a primeira publicidade desagradável desde a década de 1920. Era bastante desconcertante para ele que no momento em que o Krishna partira por conta própria se tivesse envolvido numa situação tão desagradável.

A Rosalind notou as óbvias imprecisões no artigo, embora acreditasse que a Nandini era uma parte passiva e inocente. Percebeu que era perfeitamente possível que o Krishna se tivesse transformado num apaixonado sem que os seus afetos fossem retribuídos — pelo menos na mesma moeda. Mas continuava convencida de que ele não tinha sido sincero sobre os seus próprios sentimentos.

Apesar dos problemas em que o Krishna tinha aterrado durante o ano anterior, o Raja absteve-se novamente de o acompanhar à Índia em 1950. O Krishna tinha sido frequentemente o assunto de vários boatos, sem fundamento sequer num grão de realidade. As suspeitas da Rosalind não

teriam ocorrido ao Raja. Além disso, ele tinha muito trabalho para fazer em Ojai. Os três planeavam encontrar-se na Europa na primavera.

Quando a Rosalind chegou a Londres, a sua primeira viagem lá desde 1936, encontrou-se com muitos velhos amigos, alguns dos quais, como a Kitty Shiva Rao, tinham acabado de chegar da Índia. Ouviu insinuações que andavam a circular sobre o Krishna e os seus novos amigos. Ficou profundamente perturbada e ficou ainda mais convencida de que o Krishna se tinha recusado a ser sincero com ela; pois as cartas dele, nas quais supostamente lhe descrevia cada detalhe da sua vida, não correspondiam ao que ouvia. De acordo com estes relatos, ele nem sempre estava no local onde afirmava estar e o nome da Nandini era frequentemente ligado ao dele. O Krishna nunca a mencionava nas suas cartas à Rosalind. Não havia ninguém com quem a Rosalind pudesse discutir a sua aflição. Durante muitos anos tinha carregado aquela parte secreta da sua vida com facilidade, pois fora relativamente feliz. Agora, na sua miséria, o fardo estava a tornar-se insuportável. Perdeu peso e era incapaz de se livrar de uma sensação de mal-estar que começara na viagem transatlântica.

A Rosalind seguiu para Paris, onde se devia encontrar com o Raja que chegava da Califórnia e com o Krishna que chegava da Índia. À sua chegada a Paris, a 3 de abril, o Raja encontrou-a alojada num hotel miserável e mudou-a imediatamente para um melhor. Ficou chocado com a aparência dela e com o seu estado de espírito. Quando ela começou a contar-lhe as histórias que tinha ouvido em Londres sobre o Krishna, e a sua convicção de que ele estava envolvido, pelo menos emocionalmente, se não fisicamente, com outra mulher, o Raja ficou perplexo com a profundidade da aflição dela.

Conseguia compreender a sua própria aflição perante a probabilidade de mais notoriedade, se as suspeitas da Rosalind estivessem corretas. Nos seus esforços para proteger o Krishna, ter-se-ia colocado na posição de o encobrir, e esse tipo de hipocrisia era-lhe altamente repugnante. Então, de repente, na sua frustração, rebentou toda a história do seu relacionamento com o Krishna. Foi um choque tremendo para o Raja saber da duração do caso e, particularmente, ouvir falar das gravidezes e dos abortos subsequentes. Olhando para trás, para essa discussão traumática, a Rosalind lembrava-se claramente do choque do Raja, e depois do seu próprio choque

ao perceber que ele não tinha sabido aquilo que ela assumira que o Krishna lhe tinha contado naquela carta há muito tempo em Ommen, uma carta que o Raja nunca tinha visto.

O Krishna chegou a Paris no dia seguinte. Estava alojado, como habitualmente, com velhos amigos, os Suarés, no seu belo apartamento com vista para a Torre Eiffel. Durante anos, o Carlo Suarés tinha estado a traduzir os livros do Krishna para francês. Tanto ele como a sua esposa Nadine eram devotados ao Krishna e gostavam também muito da Rosalind. Era difícil esconder deles a aflição dela. Ela disse ao Krishna que tinha de ter uma longa conversa com ele, que tinha algo de importante para lhe dizer e pediu-lhe que se encontrassem para uma caminhada. Caminharam durante horas ao longo do Sena, ele encantado pelo belo dia de primavera em Paris; ela sem ver nada enquanto lhe contava o que tinha revelado ao Raja.

O Krishna ficou ao início horrorizado e depois zangado, mas passado um pouco concordou em fazer o que ela pedia, falar com o Raja sobre a situação. Ela sentia que competia ao Krishna fazer as suas próprias pazes com o Raja. O Krishna prometeu fazer isto, mas sempre que a Rosalind lhe perguntava se já o tinha feito, ele adiava-a com alguma desculpa. Não era o tipo de confrontação que ele acolhesse de bom grado, tal como não tinha sido capaz de prevenir a Sra. Besant em privado da sua deserção da Teosofia. O Raja, contudo, assumiu, pela forma como a Rosalind tinha falado do seu caso com o Krishna, que este estava agora terminado. Sentia a mais profunda simpatia por ela e em nenhuma parte do seu coração a considerava culpada. Viria a vê-la sempre como uma vítima, mas a Rosalind não se sentia vitimizada. O facto de ter dado ao Krishna tanto da sua vida e dos seus cuidados não entrava no seu pensamento. Ela fincava o pé numa única coisa: saber a verdade, e nada do que o Krishna dizia a convencia de que a estava a obter.

A Rosalind regressou à América a 19 de abril e visitou-me em Swarthmore no seu caminho de volta para Ojai. Soube então que ela estava muito doente, mas não me foi dada qualquer pista quanto à causa e assumi que fosse de origens puramente físicas.

Quando o período de aulas da primavera terminou, encontrei-me com o meu pai e com o Krinsh em Sarobia para passar escassos dias com o Sr. Robbie. Foi ali que, numa manhã, ouvi por acaso uma discussão terrível entre eles. Felizmente estávamos num andar por nossa conta, ficando o Krinsh no que fora outrora o quarto da Sara. A minha porta estava aberta e ouvi tudo o que disseram, sendo o cerne da questão que o Raja estava mais uma vez a ameaçar ir-se embora de vez. Após muitas trocas de palavras duras, o Krishna implorou ao Raja que ficasse e concordou em admitir por escrito que muitas vezes ao longo dos anos tinha mentido ao Raja e o tinha traído de formas que se recusava a discutir, mas que nunca mais o faria. O meu pai acabou por se acalmar, mas linhas de infelicidade ficaram gravadas ainda mais profundamente no seu rosto.

Nós os três fomos para Nova Iorque, onde uma amiga nos tinha emprestado o seu apartamento vago. Tomei conta da casa durante as palestras do Krinsh no *Town Hall*. O Willie tinha vindo de Ojai para tratar das vendas de livros nas palestras. Como sempre, quando cercados por amigos e seguidores, havia uma aparência de harmonia. De facto, a paz parecia ter sido restaurada. Houve alguns momentos agradáveis juntos, jantares com todas as irmãs de Manziarly, o meu pai a rir e a meter-se com elas à sua maneira antiga e o Krinsh a juntar-se e por vezes a observar, como costumava fazer, que "o Rajagopal está em muito boa forma e cheio de piadas". Passariam muitos anos antes que eu apreciasse a profundidade do poder de perdão do meu pai. Quando lhe perguntei anos mais tarde como tinha ele conseguido continuar no seu relacionamento com o Krinsh, respondeu simplesmente: "O que mais podia eu fazer? Se o deixasse subitamente, teria de haver alguma explicação. Deveria ter exposto ele e a Rosalind e trazido todo esse problema sobre ela e sobre o seu trabalho na escola? Não! Continuei com a minha parte do trabalho e esperei que ele se comportasse depois disso." Mas claro que não o fez. As coisas só pioraram.

O Raja ficou mais do que nunca convencido de que havia "dois Krishnas", aquele que conseguia falar com tanto discernimento sobre a condição humana, e o outro Krishna sombrio que conseguia enganar e trair um homem de quem dependia e depois implorar o seu perdão sem qualquer intenção de retificar os assuntos. Talvez fosse mais fácil para o Raja aceitar que havia estes dois Krishnas. Um dia, a Rosalind chegaria a uma conclusão semelhante.

Após as palestras de Nova Iorque, o Raja regressou diretamente a Ojai enquanto o Krinsh e eu voámos para Seattle para nos encontrarmos com a Rosalind, que tinha subido de carro de Ojai com amigos. O Krinsh devia dar uma série de palestras ali, mas primeiro fomos passar dez dias de descanso na ilha de reclusão de Orcas. Nesses ambientes pacíficos, quaisquer tensões que houvesse entre o Krinsh e a minha mãe pareciam dissipar-se. Talvez por partilhar com o Raja o fardo da sua desconfiança no Krinsh, a Rosalind tivesse achado possível recuperar o seu próprio equilíbrio.

De volta a Seattle para as palestras, um dia ela e o Krinsh viram um lindo e pequeno Ford descapotável branco numa montra e telefonaram ao Raja para lhe pedir que o comprasse para eles, o que ele fez.

O Krishna tinha decidido tirar um ano de retiro em Ojai, ostensivamente para recuperar de uma fadiga geral, mas na realidade fez um esforço tremendo para sarar a rutura entre si próprio e a Rosalind. À superfície, tudo começou a parecer muito como dantes. Talvez a Rosalind se permitisse acreditar a meias nele ou pelo menos afastar a sua aflição, uma tendência que tinha quando as coisas se tornavam difíceis demais.

O Raja, entretanto, enterrou-se ainda mais no seu trabalho. O Aldous tinha-o apresentado ao seu editor na *Harper & Row*. Durante muitos anos, esta seria uma ligação frutífera e vital para o Raja. Tinha passado os últimos anos a preparar manuscritos para publicação, como o Aldous o andava a encorajar a fazer. O Krishna não mostrava o mínimo interesse neste projeto e nem sequer olhava para os manuscritos, mas instava o Raja a continuar, dizendo que essa era a parte dele do trabalho e que não tinha desejo de estar envolvido nela.

Talvez devido ao seu empenho neste novo projeto, o Raja foi capaz de viver com a dor da traição do Krishna. Também se permitiu assumir que o relacionamento entre o Krishna e a Rosalind estava terminado, conforme tinha entendido que o Krishna tinha dado a entender. Poderia ele realmente ter continuado com a sua associação com o Krishna se acreditasse de outro modo? Anos mais tarde, disse à Mima Porter que teria compreendido que as pessoas se apaixonassem, isso era apenas humano, mas não conseguia compreender que o Krishna o tivesse deixado na escuridão todos aqueles

anos, enquanto vivia uma vida tão contrária à vida que o Raja tinha acreditado que ele desejava que todos vivessem. Talvez seja a perda da livre escolha em decidir o próprio rumo de ação o pior aspeto de se ser enganado. Parece irrealista, conhecendo a natureza medrosa no íntimo do Krishna, ter esperado que ele pudesse ser franco com o Raja.

O Raja, contudo, nunca se viu como uma pessoa intimidante. Tinha sempre tentado fazer tudo o que o Krishna queria e da forma que ele queria, discutindo os detalhes das suas vidas com grande minuciosidade. Que o Krishna estivesse na realidade a concordar com coisas que não queria teria sido difícil de adivinhar, contudo era disso que ele mais tarde se viria a queixar. Nesse inverno, todos os três fizeram uma tentativa de regressar a uma espécie de normalidade, se é que alguma coisa nas suas vidas pudesse alguma vez ser chamada de normal.

O Raja escreveu à Rosalind, que tinha ido novamente para o Leste para passar o Natal comigo em Sarobia.

Nota:

[2] Respeitando o texto original, a transcrição do artigo da revista Time inclui a incorreção apontada na grafia do apelido do industrial de Bombaim (Bhagvandas Chunilal Mehta, grafado na fonte como [sic]).

A Sombra Adensa-se

Jan 13, 1951

Queridíssima Rosalind,

Desculpa não te ter escrito antes. Realmente não havia muito a dizer daqui. Continuo estritamente a tratar da minha vida, e estou muito ocupado com ela.

Os arranjos que fizeste estão a funcionar muito bem. O K. está ocupado com a sua jardinagem. Acho que ele quer ser um perito em cultivar rosas e toda a espécie de flores. Ele parece muito bem e bastante bem alimentado, pelo menos, é o que ele diz.

Espero que estejas a ter um tempo realmente descansado e interessante, e que te estejas a sentir bem.

Quando vires o Sr. Robbie, por favor dá-lhe o meu mais querido amor, . . . e claro um grande beijo à Radhie.

Todo o meu amor, querida,

RAJA

Os meus fins de semana frequentes com o Sr. Robbie em Sarobia significaram o máximo para mim nesses dois anos na Pensilvânia. Ele sofreu um acidente vascular cerebral durante o segundo ano que o deixou bastante imóvel, e eu sentava-me com ele no seu estúdio solarengo no andar de baixo, de onde o intimidador Pack Wack há muito tinha partido, e conversava sobre os meus trabalhos de fim de trimestre. Eu estimava esses momentos com ele, pois a sua mente estava tão clara como sempre, mas a sua paciência mais madura.

Após dois anos ali, tinha vindo a sentir que Swarthmore não era o lugar certo para mim e, quando o trimestre terminou, decidi que me iria transferir para uma faculdade na Califórnia.

Depois de cruzar a América de carro com o David e as nossas duas tias, entrei alegremente na sala de estar em Arya Vihara para encontrar o meu pai e o Krinsh envolvidos em mais uma confrontação. O meu pai olhava fixamente num silêncio zangado enquanto o Krinsh, em evidente frustração, lhe esmurrava o peito. Após a minha ausência de nove meses, mal pararam para me cumprimentar. Conduzi até à escola em busca da minha mãe e fui calorosamente recebida por um novo membro do nosso agregado familiar; através da Iris Tree, um grande caniche de cor mocha prateada chamado Coco tinha encontrado um lar com a Rosalind.

Assim que entrei no salão principal, o Coco, de quem já tinha ouvido falar muito mas que nunca tinha conhecido, correu para mim e lambeu-me o rosto. A minha mãe, observando a aceitação da cadela em relação à filha, disse que ela nunca tinha feito aquilo com mais ninguém. O Coco provaria ser um laço novo e muito necessário na nossa família.

Quando o Krishna regressou à Índia no outono de 1951, o Raja decidiu acompanhá-lo. A sua mãe estava a ficar velha e ele queria vê-la de novo. Queria também ver por si próprio o que se passava em redor do Krishna na Índia. Seguiu à frente para a Europa de comboio e barco e devia encontrar-se com o Krishna, que preferia voar, em Inglaterra.

Apesar de toda a desilusão do Raja com o Krishna, o seu afeto pela Rosalind não tinha diminuído, como mostram as suas cartas para ela.

Chicago

Sept 13, 1951

Queridíssimas Rosalind e Radha,

Senti-me muito triste por deixar-vos a ambas e sinto muitas saudades de casa.

Obrigada a ambas por um tempo realmente bom e descansado que tive em Wrightwood. Estarás de volta a Ojai amanhã e eu estarei em Nova Iorque. Estou a ir cada vez para mais longe.

Todo o meu amor para ambas, Queridas —

RAJY

E escassos dias mais tarde:

Rosalind Querida,

Foi tão bom falar ao telefone contigo no sábado passado. Não parecias muito bem. Espero bem, querida, que sejas sensata contigo mesma & te cuides bem em todos os aspetos —

Escrever-te-ei frequentemente, & não te esqueças de mandar chamar-me caso haja alguma emergência —

O joelho do Krishna está melhor — espero que ele descanse adequadamente até ter de partir. Dá-lhe & todo o meu amor.

Com o mais querido amor para ti,

RAJY

A Rosalind demorou um mês a responder:

October 31, 1951

Querido Raja,

O tempo passa tão depressa que acho difícil escrever todas as semanas como vejo que tu fazes.

Em Hollywood fomos ambos ao Dr. Lupica e devo dizer que gosto muito dele; ele tem sido muito prestativo. O K tratou dos seus assuntos de imigração com o Willie… Depois de regressarmos a Ojai, o K ficou com as costas deslocadas e passámos um mau bocado com isso… Os Huxleys estiveram aqui no fim de semana passado e levámo-lo de volta na segunda-feira passada ao Dr. Lupica e ele endireitou-as e ligou-as e está lentamente a melhorar. Fiquei bastante preocupada se ele seria capaz de partir, pois estava bastante estropiado com isso. O Dr. Lupica disse que é em parte devido à velhice e que ele teria de vigiar isso. Espero que esteja tudo bem enquanto ele estiver contigo em Londres…

O trabalho da escola parece levar todo o tempo e energia de uma pessoa e estou a tentar pôr as coisas numa condição em que não seja sempre assim.

Não importava o seu estado emocional, ambos estavam sempre conscientes da sua responsabilidade pelo bem-estar do Krishna, e isto continuava a ser um elo primário no relacionamento de um com o outro. Havia também menções frequentes ao Coco.

O envolvimento da Rosalind com a escola e com as pessoas ao redor dela tornava-se cada vez mais profundo. A Lili Kraus, la grande pianista húngara, tinha vindo na primavera anterior para o festival de música de Ojai; a Lili tornou-se um dos pontos fulcrais na vida da Rosalind, não apenas devido ao profundo afeto entre elas, mas também devido à partilha generosa do enorme talento da Lili com a escola. Ela estaria em breve hospedada por vários meses em Arya Vihara com o seu marido, Otto Mandl. (A Rosalind mais tarde organizou para que o Steinway de 1916 favorito da Lili fosse trazido para Ojai para uso da Lili nas suas visitas anuais.)

O Aldous e a Maria continuavam a vir regularmente e o Aldous estava agora no conselho escolar. A escola tirou a sua divisa *Aun Aprendo* ("Ainda estou a aprender") do discurso de graduação que ele deu ali. O filósofo Gerald Heard deu várias palestras, tal como o Alan Watts, o bem-conhecido escritor e palestrante sobre Budismo, que mais tarde enviou a sua filha para a escola. Uma carta do Alan Watts para a Blanche Matthias, datada de 16 de março de 1951, dá a sua impressão do seu primeiro encontro com Ojai.

Caro Blanche,

Pensei que deveria… agradecer-te pela tua introdução à Rosalind Rajagopal. Encontrámo-nos novamente no fim da nossa estadia em L.A. e o marido dela guiou-nos até Ojai.

Devo dizer que estou enormemente impressionado com o Rajagopal. Não sei quando conheci uma pessoa tão completamente integrada, ao mesmo tempo tão descontraída e tão arguta de mente… e foi um prazer raro desfrutar da companhia de um ser humano tão incrivelmente natural — especialmente depois de conhecer, em L.A., tantos pretensos filósofos, cada um com o seu interesse particular a defender.

Visitámos a Happy Valley School, e tive uma conversa muito interessante de uma hora com as crianças. Um belo grupo! Elas são maravilhosamente alertas e livres sem serem ofensivas, e gosto muito do ambiente do lugar.

Muito sinceramente,

ALAN

Havia uma longa lista de visitantes eminentes em todos os campos que acrescentavam uma profundidade cultural excecional à escola.

Estar fisicamente perto de novo durante todo aquele ano em Ojai tinha feito muito para sarar a rutura entre o Krishna e a Rosalind, pelo menos na mente do Krishna, como as cartas dele para ela mostrariam quando partiu. Disse-lhe que a luta os tinha aproximado interiormente, que ela não devia deixar que a tristeza ou qualquer outra coisa se interpusesse entre eles e que ela estava e estaria sempre no seu coração — que estavam juntos no seu amor.

As cartas dele revelam o arrancamento físico que sentiu ao deixá-la e são uma série de apelos apaixonados para manter o relacionamento deles a todo o custo. Contudo, as suas palavras refletem, a par do seu amor, uma dependência física e psíquica em relação a ela. Sente-a sentada ao lado dele no avião e a partilhar com ele as nuvens que passam e o céu azul. Diz que passaram por demasiadas coisas para deixar que algo aconteça a esta proximidade interior. Admoesta-a também a fazer caminhadas regulares tanto pelo bem do Coco como pelo dela e a escovar e alimentar o cão adequadamente.

Quando o Krishna encontrou o Raja em Londres, relatou de volta à Rosalind, escrevendo sobre a boa disposição do Raja: “Há uma vivacidade nele que é agradável.” Assegurou-lhe também que de todos os cães com que se cruzava no parque, o Coco era o aristocrata. E, finalmente, prometeu que tudo ficaria bem e que não seria influenciado nem na altura nem mais tarde. Escrevia-lhe alguns parágrafos todos os dias e enviava a carta ao fim de uma semana ou algo assim, um padrão que manteria nas suas ausências pelos quinze anos seguintes, embora as ausências se tornassem mais frequentes e mais longas.

A Rosalind tinha pedido ao Raja para tentar encontrar-se com a Lili Kraus e o marido dela em Paris. A Lili enviou à Rosalind a sua descrição fresca e inteiramente inocente deste primeiro encontro.

Querida Rosalind,

Deves ter servido o nosso Senhor em muitas vidas de muitas maneiras para Sua grande alegria e satisfação para te ter sido concedido o privilégio incomparável de partilhar a tua vida com duas criaturas como o Krishnamurti e o Rajagopal, um Santo e um Anjo, e um anjo combatente ainda por cima.

Nunca esquecerei este sinal de verdadeira amizade e amor que nos permitiu ver "ele", como lhe devo chamar, esta luz pura, esta serenidade celestial, esta doce criança com a graça de um príncipe das fadas, a polidez de um cavaleiro; a sabedoria de outro, o único mundo real; este diamante, flor, pássaro, borboleta — tudo em um; promessa e realização, tudo em um; este milagre vivo que anda entre nós sob o nome de Krishnamurti? Faz o favor, querida Rosalind, de dizer ao Rajagopal, quando lhe escreveres, os nossos mais profundos agradecimentos; diz-lhe também que o achámos tão doce na sua ferocidade! Como vês, por direito não tínhamos nada que ver o K, pois não tínhamos permissão da polícia. O aeródromo de Orly para voos de trânsito é… apenas uma fronteira e os passageiros não têm permissão para a ultrapassar… A Mme Suarés tinha permissão e tinha, portanto, o direito de tomar chá com eles nesse restaurante. Mas nós não conseguíamos entrar lá. Então o Rajagopal trouxe o K para uma "terra de ninguém", onde a polícia nos permitiu entrar também e foi assim que nos encontrámos. Tenho a certeza de que não foi nada fácil para o querido Raja organizar tudo aquilo — e ele estava tão doce e zangado porque faziam tanto alarido por realmente nada. Vimo-los por cerca de 15 minutos; uma eternidade inesquecível e incompreensível da mais viva e rara felicidade, de facto, não poderia haver possivelmente um augúrio mais auspicioso, mais promissor para a nossa estadia em Ojai, para a nossa associação, do que este encontro. O K falou de forma tão calorosa, terna a teu respeito e sobre o nosso futuro no nosso trabalho conjunto na escola, como se tivesse lido os meus próprios pensamentos!

Querida Rosalind, obrigada pela tua… resolução do assunto. Uma rocha rolou dos nossos peitos… Ficarás tão feliz quando ouvires o piano como não podes possivelmente imaginar!...

Amor e todos os bons votos.

Sempre,

LILI

Enquanto o Krishna mantinha as suas repetidas garantias à Rosalind a partir da Índia, podemos inferir da primeira carta do Raja que ele tinha os seus próprios problemas.

Madras

December 11, 1951

Deves ter tido todas as notícias da Fonte habitual sobre o voo de Londres e o que tem acontecido aqui desde que chegámos a 24 de novembro. O Krishna teve uma febre ligeira, mas está bem agora. Eu também tive uma coisa ou outra durante um par de dias… Vi o Raja [Jinarajadasa] uma ou duas vezes. Ele é bastante cordial, embora tenha parecido bastante surpreendido por a *Happy Valley Foundation* ainda continuar e a fazer um excelente trabalho. Fez-me cem perguntas de uma maneira um tanto altiva. Também vi a Rukmini e as Escolas dela…

Tenho visto a minha mãe e família também. Ela envelheceu muito, muito mesmo, não consegue ouvir nem ver muito bem. Exceto que geralmente, de muitas maneiras, as condições aqui são piores do que eu imaginava e sinto-me certamente bastante "perdido". Espero que estejas bem e a cuidar bem de ti mesma e não te esquecendo da promessa de me escrever ou passar um cabo caso algo se venha a revelar sério contigo.

Todo o meu amor,

RAJA

Desde a deserção do Krishna da Sociedade Teosófica que houvera um afastamento entre ele e o Jinarajadasa. Embora os dois Rajas tivessem mantido o seu afeto inicial, a política envolvida causava alguma tensão.

O Krishna, entretanto, continuava com as suas cartas diárias à Rosalind, evidentemente confiante de que ela estava pacificada e a aceitar as suas garantias. Dizia que "se fez de uma toca de toupeira uma montanha e agora até a toca de toupeira desapareceu. Fica descansada que está tudo bem." Comentou também sobre a conversa do Raja com o Jinarajadasa, mas deixou-se a si próprio de fora. Disse que o Jinarajadasa estava

excessivamente perturbado com coisas que tinham acontecido há vinte e cinco anos e deveria estar mais pronto a perdoar.

No início da década de 1930, sob o *Star Publishing Trust*, uma casa substancial em seis acres tinha sido construída para o Krishna ficar e para albergar o trabalho que continuava mesmo na sua ausência. O lugar chamava-se Vasanta Vihar e ficava do outro lado do rio em relação ao Recinto Teosófico em Adyar. O Krishna caminhava ao longo do rio ao fim da tarde, em raras ocasiões acompanhado por uma curta distância pelo Raja. Continuando sozinho além da ponte Elphinstone em direção ao mar, o Krishna evitava, com grande deliberação, pôr os pés em Adyar. Tinha jurado que não voltaria lá depois de a Sra. Besant morrer. Fazia uma questão contínua de não ser bem-vindo e de estar trancado fora dos apartamentos que ela tinha dito que seriam seus para toda a vida.

O Raja não partilhava destes sentimentos e ia frequentemente até Adyar para um serão agradável com os seus amigos ou para uma atuação musical. Sentado em casa sozinho em Vasanta Vihar, o Krishna relatava tudo isto fielmente à Rosalind, acrescentando comentários crípticos sobre a luxúria do poder em nome do Mestre, a construção de escolas e organizações, referências óbvias às atividades teosóficas em Adyar.

Mesmo antes do Natal, o Raja recebeu uma carta da Rosalind a dizer-lhe que um exame tinha determinado que ela necessitava de uma cirurgia de grande porte. Ela pretendia avançar sem ele ou o Krishna ali. Queria apenas ter a Erma e a mim com ela. O Raja e o Krishna reagiram ambos com preocupação e solicitude em relação à saúde dela:

Querida Rosalind,

Quando esta carta te chegar, já terás passado por tudo — e eu estarei a pensar em ti, a amar-te e a rezar pela tua rápida recuperação & regresso seguro a casa. Lamento tanto que isto tenha tido de ser quando estou tão longe — mas toda a gente aí perto de ti te ama & terá feito tudo para tornar tudo suportável e fácil — Por favor, não te lances de cabeça de volta nas atividades e preocupações da escola.

Todo o nosso amor, Querida,

RAJA

As cartas do Krishna indicavam que ele não tinha recebido qualquer aviso prévio do Raja sobre a operação. Assim que soube, disse à Rosalind que tinha estado sentado o dia todo a pensar nela, a amá-la e, com o Raja, a rezar por ela. Se tudo isto fosse verdade, pode visualizar-se uma cena bastante tocante dos dois homens juntos num lado do globo, unidos na sua preocupação comum pela mulher que ambos amavam no lado oposto.

Nesta mesma carta, o Krishna permitiu-se ser desviado da sua preocupação com a Rosalind pela sua irritação com ela devido a uma acusação que ela tinha feito. Objetou ao uso que ela fizera da palavra *apaixonado* [*infatuated*] relativamente ao seu sentimento pela Nandini. Contudo, de uma forma oblíqua, admitiu a sua atração ao argumentar que a palavra "apaixonado" continuava a ser forte demais. Afirmou que fora apenas um batimento de asas, se é que fora isso. Mas a Rosalind continuaria a ter indicações involuntárias por parte de amigos de que ele continuava a mentir-lhe.

O Krishna retratava à Rosalind um relacionamento amigável e próximo entre si e o Raja; elogiando o trabalho dele, os seus conselhos e mostrando preocupação pelas suas doenças ocasionais. Expressou também a sua irritação quando sentia que o Raja fazia algo de tolo, como tomar um banho quente e depois sentar-se debaixo de uma ventoinha. Claro, relatava o Krishna, ele apanhou outra constipação. Esta constipação levou a febre e a vários dias na cama, requerendo os cuidados de enfermagem do Krishna. Apesar da preocupação do Krishna com a saúde do Raja, como habitualmente o Raja curou-se à sua própria maneira e de modo nenhum como o Krishna aprovaria. Cada um deles considerava o outro um pouco temerário nos cuidados consigo próprio. E, na sua separação da Rosalind, os episódios de doença de ambos tornaram-se mais frequentes.

Rosalind Querida,

Não te consegui escrever durante as últimas 3 semanas, pois tenho estado na cama com febre constante, não alta, e uma tosse seca e dilacerante — & dor de cabeça — O K deve ter escrito as notícias que tenha havido. Tenho estado a pensar em ti constantemente e . . . continuo ansioso.

«Quanto a Lili Kraus — se realmente achares sensato e gostarias que ela e o marido ficassem em A.V. contigo, tornando assim as coisas mais fáceis para ti em ligação com o teu trabalho, não serei um obstáculo — sei que farás o que considerares melhor e mais prudente, sobretudo sabendo que tudo o que disse ou deixei de dizer foi porque apenas pensei antecipadamente em ti e no teu bem-estar, acerca do qual tu próprio não tens pensado nem considerado suficientemente, ou de todo.

Meu querido, cuida bem de ti, és uma pessoa muito preciosa, e tens de recuperar pela felicidade de todos e especialmente pela de Radha e pela minha —

Todo o meu amor para ti, RAJA»

Quando Nandini e Pupul foram para Madras, Krishna deixou de tentar manter as visitas delas em segredo de Rosalind. Em vez disso, juntamente com a explicação de que já não havia qualquer «agitação» emocional, anexou uma nota perfeitamente circunspecta de Nandini a pedir-lhe uma entrevista. Declarou também que mostrara a nota a Raja e que Raja apreciava a companhia das irmãs, sendo ele quem frequentemente as convidava para almoçar e para passeios ao fim da tarde. Krishna começava a usar Raja como disfarce, levando Rosalind a acreditar, por um lado, que era Raja quem demonstrava interesse em estar com as irmãs, quando na realidade Krishna fazia arranjos para que Raja fosse a algum lado com Pupul, deixando Nandini para trás. Raja encontrava-se numa posição desconfortável, consciente do que estava a acontecer mas incapaz, sem revelar indiscrição, de fazer fosse o que fosse.

A situação tornou-se ainda mais incómoda para Raja em Bombaim, onde ele e Krishna permaneceram a caminho de Londres. Ali eram hóspedes de Ratansi (o rico indiano com quem Nitya outrora esperara entrar em negócios). Krishna continuou a atribuir a Raja a responsabilidade por qualquer contato com as irmãs. Certo dia, organizou a ausência de Raja da casa, insistindo para que este fizesse uma longa e cansativa viagem de comboio até aos arredores de Bombaim para visitar um velho amigo. Krishna queria o caminho livre para uma importante conversa com o sogro de Nandini, que desejava que ele a persuadisse a regressar para junto do marido.

Krishna relatou isto a Rosalind e admitiu que insistira para que Nandini estivesse também presente, dizendo-lhe depois que aquela era a vida dela, não a dele, e que cabia a ela decidir por si própria. Terminou a carta a Rosalind com as habituais garantias do seu amor.

Raja escreveu de Londres uma semana mais tarde. Era sempre extremamente cauteloso ao pôr qualquer coisa por escrito, especialmente para Rosalind, que acreditava ser algo descuidada ao deixar cartas espalhadas. Mas quando regressou a Ojai ouviríamos quão perturbado ficara com a situação em torno de Krishna, com o modo de vida na Índia, tão contrário aos anos relativamente austeros e tranquilos passados em Ojai. Também havia devotos em Ojai, mas não frequentemente dentro de casa, e certamente não no quarto de Krishna, onde na Índia se reuniam muitas vezes enquanto ele comia e se vestia.

«Rosalind querida,

Espero que tenhas recebido a breve nota que te enviei de Bombaim pouco antes de partirmos. Temos estado tranquilamente em casa da Sra. Bindley; ela é muito amável, a casa é pacífica e a comida boa. K tem exatamente o que quer e tem estado bastante bem. Quero estar sozinho e tranquilo durante um ou dois meses e reorganizar-me; preciso muito disso depois da minha visita à Índia — não posso escrever-te sobre tudo isto e tenho a certeza de que compreenderás.

Por volta de Julho regressarei lentamente a Ojai. K faria melhor em ir para Wrightwood em Maio e Junho; penso que deveria estar tranquilo e sozinho, sem se envolver nas atividades de Ojai. É esse o meu sentimento, e tu e ele fareis o que considerarem melhor.

Depois de Julho, talvez queira dar algumas palestras em Ojai antes de regressar à Índia em Setembro, via Europa, como deseja e planeia fazer.

Espero que estejas melhor agora, embora ouça dizer que estás novamente a exagerar com a escola, etc. Por favor, por favor, cuida bem de ti. Pelo menos não me terás pendurado ao pescoço de forma alguma.

Fiquei encantado ao ouvir vários relatos do anúncio do noivado da Radha — espero que ambos estejam realmente felizes com isso.

Todo o meu amor, querida, RAJA

Por favor, não deixes as minhas cartas espalhadas. Fico nervoso ao escrever.»

Nesse Fevereiro de 1952, Jimmy e eu pedimos a Rosalind que anunciasse o nosso noivado na festa de São Valentim da escola. O meu pai escrevera-me de Londres:

«Minha querida Radha,

... Escrever-lhe-ei [a Jimmy] em breve e dir-lhe-ei quão feliz estou por ele e por ti. É bom saber que sentes que ele é o homem certo e que estás realmente feliz...

Quando são os teus exames?

Não trabalhes demasiado, apenas o suficiente... a não ser que gostes realmente dos estudos. Só espero que tencionem ambos terminar a faculdade e obter os vossos diplomas — não precisam de ser brilhantes, mas seria sensato e bom terminar o que começaram. Espero que Jim pense da mesma forma.

Claro que estou muito feliz por ti, querida, e amo-te sempre muito profundamente...

Todo o meu amor para ti, querida, PAPÁ»

Krinsh também deu a sua bênção, continuando a tratar-me por Kittums. Disse que estava realmente muito contente, muito contente e feliz por mim e por Jimmy, mas que não era uma grande surpresa, pois sempre pensara que acabaria por ser assim.

E creio verdadeiramente que o pensou desde o início.

Com a aprovação de Raja, Lili Kraus e o marido, Otto Mandl, tinham passado os últimos meses em Arya Vihara. Raja compreendia o quanto isso significava para Rosalind, embora se preocupasse por ela estar, como sempre, a exceder-se. Krishna normalmente não se importaria com este

arranjo, mas mais tarde sentiria que Lili e Otto faziam parte do obstáculo ao seu regresso que Rosalind levantou inesperadamente.

Alegando que a sua saúde ainda não voltara ao normal e que o esforço de encerrar a escola para o Verão era muito grande, pediu-lhe que esperasse até Junho para regressar a Ojai. Isto nunca acontecera antes e evidentemente Krishna não considerou que ele próprio pudesse ser a causa da tensão dela e que ela desejasse concluir o ano lectivo sem esse fardo adicional.

Anuiu ao pedido dela, mas fez alusões melancólicas ao tempo sombrio de Londres — as mãos estavam tão frias que mal conseguia escrever — e alusões nostálgicas à Califórnia na Primavera, esperando que ela visse a beleza de Ojai e se alegrasse. Embora Krishna nunca tivesse expressado ressentimento por Lili estar em Arya Vihara, há referências subtis ocasionais à presença dela e a esperança de que não fosse essa a causa do cansaço de Rosalind.

Rosalind conhecia Krishna suficientemente bem — e ele sabia que ela o conhecia — para perceber a mensagem de que ele estava infeliz por ser mantido afastado de Ojai, tendo de andar às voltas num pequeno parque sombrio (embora existam parques maiores em Londres muito belos em Abril) e de ir ao cinema ver filmes aborrecidos com Raja. Estava claramente de mau humor.

Ela mudou subitamente de ideias, cedeu, e no que dizia respeito a Krishna tudo voltou a estar bem. Quanto mais se aproximava o momento de se reencontrarem, mais afectuosas se tornavam as cartas dele, e a Índia e aqueles que deixara para trás pareciam desaparecer completamente dos seus pensamentos — pelo menos daqueles que exprimia a Rosalind.

De volta a Ojai, Krishna pareceu verdadeiramente encantado com Lili — e, na verdade, quem não estaria? — chegando até a fazer questão de se sentar no pátio enquanto ela praticava piano para mostrar quanto apreciava a sua música.

Além de ser uma das maiores pianistas do nosso tempo, Lili era uma das pessoas mais extraordinárias que conhecêramos. Tinha uma beleza intensa e uma vibração espiritual que não apenas transparecia na sua

execução musical, mas aquecia todos os que estavam na sua presença, e essa qualidade nunca diminuiu, nem sequer nos últimos dias da sua vida.

Quando os japoneses tomaram Singapura e subsequentemente Java, Lili, o marido e os filhos encontravam-se numa digressão de concertos nas Índias Orientais Holandesas. Foram internados num campo de prisioneiros durante três anos; durante o primeiro ano ela e o marido estiveram separados dos filhos. Uma holandesa vingativa, ameaçada de severos espancamentos por ter tido um caso com um oficial japonês, declarou que Lili era espia; assim, foi colocada nas celas subterrâneas da Kempe Tai, força equivalente à Gestapo.

O Dr. Mandl forçou a entrada sete ou oito vezes nos escritórios da Kempe Tai, sustentando que quaisquer acusações feitas só lhe poderiam dizer respeito a ele, visto que Lili era totalmente apolítica: uma artista e uma mãe — nada mais.

Uma das companheiras de prisão de Lili disse ao marido dela que os guardas tinham ameaçado cortar-lhe as mãos. Felizmente, mesmo a tempo, o campo recebeu a visita de um oficial de alta patente que a ouvira tocar em Tóquio. Não só evitou essa tragédia indescritível, como providenciou para que ela tivesse um piano e reuniu a família, embora não os libertasse.

Perderam quase todos os bens materiais na guerra, mas a existência de Lili não dependia de coisas materiais, como viria a demonstrar. Quando deixou Ojai após a estadia em Arya Vihara, Lili escreveu a Rosalind:

«Lembras-te de que, depois de conhecer Krishnaji e Rajagopal em Paris, te escrevi dizendo quão bem devias ter servido o Senhor para seres escolhida como companheira das suas vidas. Tendo tido a alegria inesquecível de viver convosco todos estes meses, consigo compreender tão facilmente porque te foi concedido esse privilégio.

Não te farei corar, encolher-te e contorcer-te dizendo-te todas as virtudes que tornam o próprio ar à tua volta doce para eu respirar; deixa-me apenas dizer-te isto: em todas as horas, dias e semanas que passámos juntas, nunca uma única vez a minha intenção, gosto ou desejo esteve em desacordo com os teus, nem num único ponto. Tudo o que querias, fazias,

pensavas, sentias ou planeavas eu considerava bom, correto, razoável e amável, em perfeita harmonia com as minhas reações.

Assim, agora, estando longe, estou aí, vivendo em ti, por assim dizer, exceto, meu pobre e doce amor, que todos esses pesos, trabalhos, problemas e dificuldades que sem dúvida têm de ser enfrentados ficam sobre os teus ombros, como sempre. Eu fico apenas com a imagem de ti vivendo em Arya Vihara com o querido Krinsh e a bela, incomparável e eternamente única Coco...

Abraço-te e beijo-te com toda a ternura e amor do meu coração.

Sempre, LILI»

E o marido de Lili, Otto Mandl, também expressou a sua gratidão pela estadia em Ojai:

7 de Junho de 1952

Minha querida amiga Rosalind!

As pessoas troçam de mim por eu ser otimista — mas, mesmo assim, eu quase perdera a esperança de que, nesta minha vida, ainda pudesse encontrar um lugar onde pudesse lançar raízes na terra...

Ambos sentimos, sem hesitação nem dúvida, que encontrámos o nosso lar, o nosso novo e duradouro lar, na vossa proximidade, qualquer que venha a ser o teto que acabem por escolher para nós no vale de Ojai. O cuidado afável que nos dispensaste, a plena confiança e a sua ressonância, a profunda compreensão que tiveste das nossas necessidades e desejos, isto e muito mais, para o qual não tenho palavras mas apenas uma memória imperecível, não pode ter sido uma fase passageira...

Em Londres e Paris procurarei todos os lampejos de esperança para uma solução do problema da fome, que parece preocupar Krishnaji tanto quanto preocupa Aldous. Ah, eu sei demasiado bem como Krishnaji (ouço as suas palavras, a sua voz tão ardente) dirá: «De que servem todos os vossos remédios materiais, os vossos cálculos, as vossas estatísticas e os vossos planeamentos, se não conseguirem melhorar o coração do homem?» Mesmo assim, deixem-me tentar, sobretudo melhorar a minha própria

mente, ver e pensar com mais clareza, mais amorosamente, mais desapegadamente.

Uma coisa encontrei na vossa atmosfera espiritual, encontrei-a pela primeira vez na minha velhice: que os trinta ou quarenta anos desde a minha juventude devem ter feito de mim uma criatura bastante má — reconheci-o certa manhã, depois de ter vivido três semanas em Arya Vihara, quando de repente me senti diferente, mais limpo, aliviado, despreocupado, com uma consciência melhor perante o meu futuro; e, como uma revelação, soube: «Era assim que eu me sentia sempre aos 16, 19, 25 anos!» Eu perdera a memória disso e devo ter escorregado para longe do «Caminho Certo», entrando num emaranhado de preocupações, de esforços impacientes, de remendos de fraquezas, de vaidades fúteis — e, subitamente, pareceu-me que me fora dada nova força para recomeçar... para voltar a ver com clareza, para aspirar à verdade, à unidade com o universo, como fazia há quarenta anos.

Não tinha intenção de te contar isto «quando comecei a carta... Talvez não te seja compreensível e, ainda assim, eu teria escondido a coisa mais importante que aconteceu entre nós se não a tivesse mencionado.

Teu, com o coração feliz,

OTTO

Lili e Otto não foram os únicos a sentir isto em relação a Rosalind. A maior parte das pessoas que iam a Arya Vihara atribuía a atmosfera curativa exclusivamente a Krishna, mas nem todas. Beato também viria, um dia, a expressar os seus sentimentos em relação à minha mãe.

Quando penso nos amigos que influenciaram a minha vida, sei que a tua mãe significou mais para mim do que qualquer outra pessoa. Duvido que tivesse conseguido continuar se não a tivesse conhecido, pois eu estava profundamente confusa e ela elevou a minha orientação em direção à vida espiritual. Estar perto dela curou-me do fanatismo e da falsa idolatria no que respeita à vida superior e, embora as palavras de Krishnamurti significassem muito para mim, compreendi melhor o que ele dizia porque ela vivia a realidade dos seus pensamentos.

Tudo começou há sessenta anos, numa festa, quando a vi lançar ao teu pai o mais belo dos sorrisos, como se os céus se abrissem e não houvesse mal no mundo, e esse brilho nela permaneceu comigo desde então.

Houve ocasiões em que, em desespero, fui ter com ela em busca de consolo, e a sua presença esclarecia o problema e elevava-me a outra dimensão...

A minha vida não só mudou por viver perto dela, como, na escuridão que por vezes desce sobre a maioria de nós, ela foi a luz.

Essa luz estava em perigo de se extinguir. Mesmo uma amiga tão próxima como Beato não conseguia perceber a causa da crescente infelicidade de Rosalind. Teria sido difícil para muitas pessoas aceitar que alguém vivendo tão perto de Krishna pudesse ter problemas. Muitos anos antes, Raja recuara quando um devoto lhe apertara vigorosamente a mão.

— Tenho artrite — explicara ele.

— Tem artrite vivendo tão perto d'Ele?! — fora a resposta incrédula.

Raja regressou cedo, em Julho, à Califórnia, para encontrar a sua família imediata em completo descontrolo. Jimmy e eu, que estávamos noivos desde Fevereiro, queríamos agora, por uma razão muito boa, casar imediatamente. Não conhecendo ainda a história das gravidezes secretas da minha mãe, surpreendeu-me ver como ela recebeu mal a notícia. Esperei com enorme ansiedade a chegada do meu pai vindo da Europa e as minhas expectativas não foram em vão.

Raja conseguiu pôr de lado as suas próprias preocupações o suficiente para nos tranquilizar, dizendo que a única coisa que lhe importava era saber se realmente nos amávamos e queríamos casar. Continuaria a apoiar-me durante o meu último ano de faculdade, pois desejava muito que eu terminasse o curso, e o pai de Jimmy concordou em fazer o mesmo por ele, pelo que não tínhamos problemas financeiros imediatos.

O nosso casamento foi uma ocasião feliz. Familiares e amigos sentiam há muito tempo que éramos perfeitamente adequados um ao outro e quaisquer tensões que pairassem desapareceram de algum modo naquele

dia. Até Krinsh, que, tanto quanto sei, nunca tinha ido ao casamento de ninguém, esteve no nosso e no seu estado de espírito mais positivo e benevolente. Talvez a sua atitude em relação a essas coisas tivesse simplesmente amadurecido, mas parecia genuinamente feliz com este casamento. John Ingelman realizou a cerimónia, pois ele e Hilda tinham sido as primeiras pessoas a ver-me e eu sempre lhes fora excecionalmente próxima. Como John era sacerdote da Igreja Católica Liberal, a cerimónia seria dessa tradição, tal como o casamento de Rosalind e Raja em Londres; mas tanto Jimmy como eu insistimos na remoção de certas expressões religiosas, o que causou considerável dificuldade a John junto do seu bispo.

Passámos uma breve lua-de-mel numa encantadora casa de campo na riviera de Santa Barbara, pertencente a uma devota idosa e solteira de Krinsh. Ela oferecera a casa a Rosalind e Krinsh para o Verão.

Krishna continuava a manter a sua antiga posição de não se envolver na organização nem na publicação da sua obra. Raja concluíra a edição do primeiro livro com a Harper's, um volume pequeno intitulado *Education and the Significance of Life*, publicado em 1953, logo seguido de *The First and Last Freedom*, com prefácio de Aldous Huxley, e depois os três volumes intitulados *Commentaries on Living*. Nestes últimos, Raja acabou finalmente por permitir que os editores incluíssem o seu nome como editor.

Tanto os cadernos de Krishna como as transcrições literais das suas palestras exigiam uma edição meticulosa e paciente, à qual Raja dedicara a maior parte do seu tempo durante os últimos vinte e cinco anos. Sempre se mantivera em segundo plano, embora Krishna tivesse deixado abundantemente claro, desde o início e repetidas vezes, que toda a atividade editorial era inteiramente domínio de Raja. Raja tratava dos contratos e mantinha uma excelente relação profissional com os editores, relação pela qual Krishna demonstrava apenas o mais superficial interesse. Essa posição viria a inverter-se drasticamente.

21

A Carta

O ano de retiro de Krishna em Ojai fizera muito para curar a sua relação com Rosalind, mas ele ainda sentia necessidade de a convencer da sua lealdade. Pouco antes de partir de Ojai, no Outono de 1952, entregou-lhe a cópia a lápis de uma carta que escrevera a Nandini. Disse-lhe que iria levar consigo o original, do qual aquela era uma duplicação exata, para a entregar pessoalmente. Este gesto de Krishna não significou para Rosalind tanto quanto ele talvez esperasse. Ela ainda se lembrava da carta que ele escrevera em Ommen, e que agora sabia nunca ter sido entregue a Raja.

Pensando que era muito provável que isso voltasse a acontecer, Rosalind disse a Raja que Krishna escrevera uma carta a Nandini e pediu-lhe que garantisse que ela fosse devidamente entregue. Não lhe mostrou a sua cópia e Raja desconhecia a sua existência.

Sempre receoso de que cartas indiscretas caíssem em mãos erradas, Raja, com a aprovação de Krishna, concordou em transportar a carta entre os seus papéis, em segurança, até chegarem à Índia. Aí, salvo indicação em contrário de Rosalind, entregá-la-ia a Krishna para que este a fizesse chegar ao destino. Embora Raja não desejasse envolver-se mais no assunto, esperava que a situação se resolvesse o mais rápida e discretamente possível.

Compreendia perfeitamente a tensão sob a qual Rosalind vivera e sentia simpatia por ela, mas a relação dela com Krishna, além da angústia pessoal que lhe causava, complicara grandemente a sua vida profissional. Agora, a última coisa que desejava era ficar preso noutro triângulo: Krishna, Rosalind e Nandini. Durante todos aqueles anos, sentira como parte do seu dever para com Krishna e «o Trabalho» proteger ambos dos emaranhados e confusões que Krishna demasiadas vezes gerava à sua volta. Raja não considerava prudente, da parte de Krishna, escrever aquela carta e esperava que Rosalind o encorajasse a abandonar completamente a questão. Raja começava a cansar-se dessas complicações e afastar-se-ia gradualmente cada vez mais. Viajar com Krishna e organizar os detalhes da sua vida tornava-se uma fonte crescente de irritação.

Vista retrospetivamente, percebe-se que a antiga pedra angular da vida que partilhavam ruíra de forma desastrosa. Mas, na altura, nenhum deles esclareceu exatamente qual seria, se é que haveria alguma, a nova base da

relação. Raja acreditara que existia um laço de afeição entre os três que não excluía nenhum deles. A relação física entre Krishna e Rosalind perturbara esse equilíbrio. Se Raja ou Rosalind se tivessem envolvido com uma pessoa exterior, isso não teria tido o mesmo impacto nas suas vidas. O facto de Krishna se envolver com alguém contradizia a imagem pública casta que ele próprio estabelecera e na qual Raja depositara a sua confiança.

Raja sentia que ocorrera uma grave violação dessa confiança, mas acreditava que essa transgressão terminara. Se tivesse lido a carta — pelo menos a cópia que Krishna deixara com Rosalind (e que podia ou não corresponder ao original) — Raja teria percebido que, na mente de Krishna, o caso com Rosalind estava longe de terminado. Pois nessa cópia da carta a Nandini, Krishna afirmava que existia uma mulher na sua vida há mais de vinte anos e que uma relação dessas não devia ser quebrada e que ele não tencionava quebrá-la. Prosseguia pedindo desculpa caso as suas cartas ou conversas tivessem dado uma impressão enganadora e aconselhava Nandini a não construir esperanças falsas.

Como de costume, Raja partiu para Londres um pouco antes de Krishna e de lá escreveu a Rosalind, antes de Krishna deixar Ojai para se juntar a ele.

2 de Outubro de 1952

Obrigado pela tua tão querida carta, que recebi no barco pouco antes de zarpar. Espero que estejas um pouco descansada. Por favor, não te esgotes. É melhor viver fazendo pouco do que morrer fazendo demasiado.

Essa carta especial continua comigo e espero voltar a ter notícias tuas, de forma definitiva, antes que qualquer coisa seja feita.

Londres está amargamente fria e sombria. Diz ao Krishna para se vestir bem quente. Habitualmente gosta de levar o sobretudo num braço e o casaco no outro, congelando e parecendo miserável.

Faz festas à Coco por mim e diz-lhe quanto a amo. Ela é realmente uma Coco — não se esquece facilmente.

Com todo o meu amor,

RAJA

Krishna continuou as suas cartas diárias a Rosalind. Ardentes afirmações do seu amor por ela misturavam-se com descrições de pessoas e paisagens e detalhes da sua vida quotidiana. Kitty Shiva Rao e o seu cunhado, Sir B. N. Rao, embaixador da Índia nas Nações Unidas, viajaram com eles de avião até Roma. Ambos fizeram escala em Alexandria para visitar os Suarés, que possuíam uma villa ali além do apartamento em Paris. (Pouco depois, sob Nasser, perderiam grande parte do dinheiro e todos os seus bens no Egipto.) Krishna passeou com Carlo Suarés pela praia de Alexandria enquanto Raja dormia.

A preocupação de Krishna com a sua imagem pública, tão forte quanto Raja supunha, foi posta dramaticamente à prova poucos dias depois. Ocorreu então um episódio particularmente angustiante para Krishna. Prontos para partir de Bombaim, no aeroporto do Cairo, tornaram-se vítimas temporárias das tensões internas do Egipto. Na alfândega, cada sapato e cada bolso foram revistados. Os funcionários leram todas as cartas que Raja transportava, mas, por algum milagre, não encontraram a destinada a Nandini nem aquela que Krishna estava ainda a escrever a Rosalind e que não enviara.

Acabou por enviá-la de Bombaim, exprimindo a sua determinação de nunca mais ser apanhado com uma carta dessas na sua posse. Agradecia a Deus por não terem encontrado também a carta para Nandini. Antes de terminar, retomou o padrão das suas cartas anteriores da Índia, sublinhando a estreita associação de Raja com Pupul e Nandini, enquanto ele, Krishna, permanecia sozinho em casa escrevendo a Rosalind, sentindo a proximidade dela e o seu amor por ela, e afirmando que toda a agitação acerca «daquela outra pessoa» estava desvanecida e esquecida.

Durante os quatro meses seguintes, Rosalind recebeu quase diariamente desculpas para justificar por que motivo a carta ainda não fora entregue a Nandini. A princípio, a razão era Raja. Krishna afirmava que Raja se recusava a entregar a carta, dizendo que não devia ser enviada porque provocaria rumores e envolveria tanto ele como Rosalind. Krishna assegurava a Rosalind que tentava todos os dias abordar o assunto e não conseguia avançar. Dizia que não desistiria, mesmo que isso significasse

escrever outra carta e enviá-la sem a aprovação de Raja. No entanto, nunca chegou verdadeiramente a fazê-lo.

Em meados de Dezembro surgiu uma nova desculpa. A saúde de Nandini estava frágil e Krishna preocupava-se com o facto de ela não ter forças para ler uma carta daquelas, pelo que a entrega teria de ser adiada. Depois disso, Krishna e Raja foram para Benares e, segundo Krishna, não era seguro enviar a carta dali, pois o correio era facilmente violado.

Rosalind há muito compreendera que a carta nunca seria entregue e estava demasiado absorvida pelo seu trabalho para continuar a pensar nisso. Na ausência de Krishna, toda a questão perdera significado. Não fez qualquer esforço para comunicar com Raja sobre o assunto. Mais tarde, Raja afirmou que entregara a carta a Krishna muito antes, que nunca existiram aquelas intermináveis discussões e que se esquecera completamente do caso, nunca suspeitando que Krishna o envolvera na sua dissimulação. Aquilo que evidentemente ocupara grande parte dos pensamentos de Krishna fora relegado para segundo plano tanto por Rosalind como por Raja. Em Fevereiro, o assunto foi abandonado para sempre e nunca mais se ouviu falar da carta.

A saúde de Raja estava frágil nesse ano. Krishna pensava que Raja lesionara alguma coisa ao praticar ioga, atividade que Krishna o persuadira a adotar. Tinha dificuldade em engolir e desenvolveu uma dor intermitente no esófago. Isto tornar-se-ia um problema crónico com efeitos secundários graves, e mais tarde perguntei-me se a causa não teria sido menos a ioga do que o facto de haver simplesmente demasiadas coisas para ele «engolir». Nas cartas à minha mãe, apenas deu um leve indício disso:

Poona
12 de Janeiro de 1953

Querida Rosalind,

Recebi a única carta que escreveste desde que cheguei à Índia. Sei que tenho sido muito negligente e lamento profundamente.

Não passou um único dia sem pensar em ti com profundo amor...

Por favor lembra-te de que aqui as cartas se perdem facilmente, ou são abertas e deitadas fora — por isso escreve com cautela e não te esqueças de colar e selar bem.

Claro que estarei aí para a licenciatura da Radha, ou até antes.

Espero que tudo corra bem — pensando constantemente em ti com o mais profundo amor,

RAJA

Bombaim
1 de Março de 1953

Obrigado, querida, pelos dois telegramas. O primeiro deixou-me bastante preocupado e depois, poucas horas mais tarde, chegou a boa notícia. Estou muito feliz, está tudo bem.

Como está a nova bebé e como está a sua querida e adorada mãe? Pensar na Radhi com uma menina. Inacreditável!! Que nome deram à bebé? Pergunto-me se a Radha e o Jimmy gostaram da minha sugestão?

Todo o meu amor, sempre,

RAJA

[manuscrito no fundo da carta dactilografada]

As coisas não estão bem para mim aqui. Receio que finalmente seja assim. Bem — este é o fim da longa questão. Contudo, continuarei...

Krishna também deixou claro a Rosalind, à sua maneira, que as coisas não estavam bem entre ele e Raja. Ficou justificadamente indignado por Raja não o ter informado quando nasceu a filha de Jimmy e minha. Passaram-se doze dias desde que a notícia chegara até Raja a mencionar, um claro sinal de distanciamento, maior ou menor, entre eles.

Outra causa de conflito aproximava-se no horizonte. Lady Emily queria publicar *Candles in the Sun*, a autobiografia dos seus anos ligados à

Teosofia e a Krishna. Mais uma vez Raja serviria de bode expiatório durante o período de amarga controvérsia que se seguiria.

22

Velas na Tempestade

Como prometera, Raja regressou à Califórnia a tempo da minha licenciatura no Scripps College e da licenciatura de Jimmy em Pomona, em Junho de 1953. As duas faculdades eram adjacentes e, durante o ano anterior, vivêramos num pequeno apartamento em Claremont. Em Julho mudámo-nos, com a nossa bebé Catherine Anjali, para o norte da Califórnia, onde Jimmy trabalhou durante um ano como físico na Comissão de Energia Atómica, antes de ambos seguirmos para pós-graduação em Berkeley.

Houve também outra mudança na família: a mulher de Louis Zalk morrera recentemente e Erma e Louis casaram nesse Verão de 1953. Tinham ambos quase setenta anos e desfrutariam de dez anos de casamento feliz. Permaneceríamos muito próximos dos dois. Louis sempre fora uma presença forte nas nossas vidas e a sua devoção tanto a Krishna como a Raja mantivera-se inabalável.

Rosalind recebera a oferta de uma casa no extremo sul de Point Lobos, em Carmel Highlands, e ela e Krinsh passaram ali grande parte desse Verão, juntando-nos nós a eles aos fins-de-semana.

Aos cinquenta e oito anos, Krishna continuava a desejar a mesma relação física com Rosalind que começara vinte anos antes e que, apesar das recentes tensões entre ambos, ainda não terminara, ao contrário do que

Raja acreditava. A casa em Point Lobos erguia-se numa beleza cénica isolada, abrindo-se para o Parque Estadual e suspensa sobre o mar revolto abaixo. O ladrar dos leões-marinhos era constante acima das ondas e as poças deixadas pela maré escondiam uma variedade de criaturas marinhas requintadas. Excetuando as nossas visitas aos fins-de-semana, existiam todas as oportunidades para intimidade.

Da parte de Rosalind, a relação tornara-se um hábito, como o hábito de um casamento que já não é bom mas também não é suficientemente mau para justificar a luta de um fim. Contudo, em momentos como aqueles, afastada das pressões da escola, ainda sentia centelhas ressuscitadas do antigo amor deles e Krishna fazia todos os esforços para reacender essas brasas. Comportava-se comigo como sempre fizera e assumia um papel de avô em relação à Tinka (alcunha que dávamos à nossa bebé). Ficou satisfeito por o segundo nome dela ser Anjali, sugestão do meu pai, e explicou que a palavra significava em sânscrito, literalmente, o espaço entre as mãos unidas em saudação, ou paz infinita.

Por vezes sentia que voltávamos a ser a família que sempre fôramos, expandida sob a mesma tensão para incluir o meu pai nas suas aparições pouco frequentes. Enquanto Raja e Rosalind exprimiam profundo afeição um pelo outro nas cartas, as suas personalidades provocavam conflito quando estavam juntos, agravado pela presença de Krinsh, que muitas vezes se movia entre ambos como uma criança determinada a dividir para reinar.

Fingindo procurar a paz, os comentários que repetia e as histórias que contava acabavam inevitavelmente por gerar discussões ainda piores. O temperamento do meu pai tornava-se cada vez mais irritável e até os seus amigos mais próximos começaram a interrogar-se sobre essa mudança, o que tornaria muito mais fácil para Krishna, num futuro próximo, conquistar a simpatia deles.

Krishna e Raja partiram novamente para a Europa e Índia no Outono. As cartas de Krishna começaram a adquirir um tom mais filosófico do que no passado, embora continuassem a incluir declarações do seu amor. Suplicava a Rosalind que permanecesse aberta a tudo, incluindo o amor entre ambos, e que sentisse a proximidade deles.

Raja estava ocupado na Europa a tratar de traduções estrangeiras e direitos de autor, bem como a reunir-se com o editor da Harper's, que se encontrava em Roma. Krishna juntou-se a eles numa visita ao Vaticano e exprimiu a Rosalind a sua aprovação pelos esforços de Raja. Durante algum tempo continuaria, de pequenas maneiras, a assegurar a Rosalind essa aprovação de Raja, tal como lhe assegurava o seu amor por ela, como se estivesse ansioso por manter o *status quo*, conservar as relações e as vidas de todos tal como sempre tinham sido. Por vezes parecia repreendê-la, dizendo que era irrefletido e destrutivo obscurecerem o amor que partilhavam através do seu comportamento.

Lady Emily pedira a Raja que fosse vê-la acerca de um livro que escrevera, mas tanto a sua saúde como o seu próprio envolvimento editorial e um instinto de que aquilo iria tornar-se uma questão delicada levaram-no a adiar o encontro, partindo ele e Krishna para a Índia sem satisfazer o pedido dela. Krishna, contudo, escreveu pedindo que ele e Raja pudessem ver o livro antes da publicação. Lady Emily deu-se ao trabalho de enviar o manuscrito para Madras, esperando que lho devolvessem rapidamente. Tinha já um editor e naturalmente desejava avançar. Krishna recusou ler atentamente o manuscrito, embora o tivesse folheado superficialmente e indicado a Raja que não deveria ser publicado.

Raja, que o leu integralmente, achou isso injusto para com Lady Emily; considerava que havia partes que poderiam ser retiradas para poupar sentimentos de várias pessoas, mas que o livro constituía um importante registo do desenvolvimento de Krishna numa fase crucial da sua vida, bem como dos acontecimentos históricos em torno da Sociedade Teosófica. Ainda assim, sentia que as suas sugestões seriam demasiado complexas para tratar por correspondência e instou Lady Emily a adiar a publicação até todos poderem discutir o assunto juntos.

Raja tinha a complicação adicional de explicar a atitude de Krishna, pois Krishna recusava fazê-lo pessoalmente. Era claro que Krishna não queria o livro publicado de todo, mas recusava comprometer-se, alegando que não o lera, embora obviamente tivesse lido o suficiente para tirar uma conclusão negativa. O que o impressionara fora a inclusão da sua experiência sob a árvore-da-pimenta em Ojai. Lady Emily fora uma das poucas privilegiadas a receber o relato completo, dactilografado por Raja

em 1923, e incluíra-o no livro, juntamente com muitas cartas de Krishna revelando os seus pensamentos mais íntimos acerca da Teosofia, dos seus protetores e de outras relações.

Em 1953, Krishna opunha-se tão ferozmente aos teosofistas e às suas ideias como quando rompera com a Sociedade. Não desejava ser lembrado — nem que o público fosse lembrado — das suas origens na Sociedade Teosófica. Tudo isto Raja compreendia — e simpatizava com grande parte dessas razões. Contudo, achava que o livro podia ser satisfatoriamente editado. Considerava também que Krishna devia falar por si próprio e diretamente a Lady Emily. Entretanto, Lady Emily ficou suspensa na expectativa, com a clara impressão de que Krishna estava demasiado cansado para ler o livro e que lhe daria resposta mais tarde. Raja cometera o erro de proteger Krishna, justificando o atraso com o cansaço dele.

Tal como Nitya sofrera por causa da forma como Krishna tratara Mrs. Besant, Raja começou a imaginar a mesma situação a repetir-se consigo em torno do livro de Lady Emily. Tentou levar Krishna a assumir uma posição clara. Mas Krishna insistia, caracteristicamente, que não aprovaria nem desaprovaria; Lady Emily teria de chegar à decisão correta por si mesma.

Além desta questão, que Raja previra corretamente vir a trazer sofrimento a todos, o problema do esófago agravou-se novamente.

A vida na Índia era emocionalmente complexa para ele. Frequentemente via-se preso entre as novas afeições e entusiasmos de Krishna e a consequente aparência de desinteresse pelos antigos colaboradores, que haviam dedicado anos a ajudá-lo. Krishna sempre necessitara da associação com pessoas famosas, abastadas e pitorescas, enquanto Raja se contentava em construir amizades entre aqueles que eram leais e conscienciosos e com quem mantinha boas relações de trabalho; nada de muito excitante, mas ele nunca procurara excitação ou estímulo exterior.

Havia inevitavelmente suscetibilidades feridas e rivalidades endémicas na maioria dos círculos «espirituais». Enquanto Raja acreditara que ele, Krishna e Rosalind permaneciam unidos numa sólida base de compromisso com um modo de vida, tornara-se mais fácil lidar com os

problemas de personalidade exteriores. As suas cartas a Rosalind apenas deixam entrever a depressão crescente que em breve o consumiria.

Querida Rosalind,

Não me foi possível nem fácil escrever-te com frequência; a minha vida na Índia nestes últimos meses tem sido uma repetição exata da do ano passado, absolutamente nada de novo, tudo igual incluindo os problemas, mas pensei e pensei em ti, e tu saberás disso.

Ao contrário de Rosalind, ele não conseguia nem queria afastar-se dos problemas ou fingir que não existiam. Continuava determinado a assumir as responsabilidades que aceitara quase trinta anos antes. Contudo, começava a sentir necessidade de se afastar de uma associação tão próxima com Krishna, embora, naquela altura, as suas vidas continuassem fortemente ligadas.

Rosalind também atravessava mudanças fundamentais. Cada vez mais a escola absorvia a sua atenção e se tornava a sua vida inteira. A energia dela, severamente posta à prova durante a guerra, não recuperara o seu antigo vigor. Ainda assim, permanecia vital. Quando Krishna e Raja estavam em Ojai, ou quando Jimmy e eu íamos visitá-la, a sua atividade exterior mantinha-se igual. Continuava a dirigir a casa pessoalmente, cozinhando refeições no início e no fim de longos dias de trabalho escolar. Contudo, o seu foco estava claramente no trabalho. Os seus pensamentos, refletidos nas conversas, relacionavam-se todos com a escola. As amigas íntimas, como Lili, notavam a mudança.

Hoje é dia 24 de Dezembro
e esta é a primeira hora livre em que, finalmente, posso continuar esta carta... mas nunca conseguirei dizer por palavras tudo o que tenho no coração. Tenho saudades tuas na alma e no espírito; já sentira dolorosamente a tua falta durante a nossa última estadia em Ojai. De algum modo nunca houve tempo suficiente para a doce e tranquila relação; para a troca de pensamentos e ideias; para contemplar o ser do outro numa admiração grata e sem desejo, de uma amizade realizada, como aconteceu naquela inesquecível primeira estadia em tua casa. Mas as flores desabrocham de forma diferente todos os anos e, como disse Goethe: «Oh, nunca nadarás duas vezes no mesmo rio.» Mas o rio continua lá, belo e

poderoso, embora mudado, com novas águas correndo pelo seu leito. E tu também lá estás, na velha-nova continuidade — e tudo isto é como deve ser... sempre tua,

LILI

Em Madras, Krishna continuava a fazer os seus passeios, olhando através do rio Adyar para as terras teosóficas onde fora feliz e que lhe diziam permanecer belas. Não quebraria a resolução de nunca mais lá pôr os pés, mas os teosofistas iam ouvi-lo e ele comentou a Rosalind que não eram uma raça muito reflexiva.

Escreveu-lhe repetidos avisos acerca de certos membros da Sociedade Teosófica que tinham ido a Ojai e estavam envolvidos na Happy Valley School. Era inflexível em relação à influência deles na escola. Insistia repetidamente que Rosalind devia falar nas assembleias e manter firme controlo sobre a atmosfera geral; criar o sentimento correto de unidade e não deixar aos outros a sua interpretação. Ninguém lendo as suas cartas poderia duvidar do forte interesse que tinha pela escola, embora ainda não estivesse claro quão forte era. Evidentemente sentia confiança de que Rosalind transmitiria, sem esforço consciente, as suas ideias. Desde o princípio insistira em não querer qualquer ligação oficial à escola. Tornar-se-ia claro no futuro que pressupunha ter acesso a ela através de Rosalind.

Em Março de 1954, Jimmy e eu tivemos o nosso segundo e último filho, a quem demos o nome Robert, em homenagem ao Sr. Robbie. O meu pai encontrou um momento de felicidade nessa notícia, escrevendo-nos de Atenas:

Queridos Radha e Jimmy,

No dia em que recebi a notícia do bebé Robert fui sozinho à Acrópole e sentei-me no Parténon a pensar em vocês, na Mummy e no recém-nascido, enviando-vos dali todo o meu amor e bênçãos. Foi uma coincidência tão bela eu poder estar no Parténon nesse dia — vocês não imaginam, até o verem, como é belo — e não apenas isso, mas também a Acrópole e o mar à sua volta —

Tenho a certeza de que um dia virão aqui e verão tudo isto — pelo menos foi esse o meu desejo quando soube do meu querido novo amigo, o bebé Robert.

É bom que tudo tenha corrido bem, querida, e espero que estejam muito felizes. Por favor mandem-me uma fotografia do bebé e também da Tinka.

Todo o meu amor para vocês os quatro,

DADDY

Em Atenas, o problema do livro de Lady Emily foi finalmente enfrentado, pelo menos em certa medida, por Krishna. Continuou, contudo, a evitar uma declaração positiva sobre se deveria ou não ser publicado. Utilizou com Lady Emily e com a filha dela, Mary, praticamente a mesma técnica que empregava nas suas conferências e discussões: conduzir os ouvintes até à sua perspetiva, fazendo-os sentir que estavam a descobrir o próprio caminho. Deviam abrir-se, abandonar preconceitos e desejos, e experimentar aquilo que ele dizia. Este método tinha um êxito variável quando aplicado a abstrações. Revelou-se completamente desastroso quando aplicado a algo tão concreto como um livro. Admitiu então que o lera com grande atenção e que estava muito bem escrito. Apenas conversando em conjunto se poderia alcançar uma decisão correta sobre a publicação ou não da obra, e essa decisão não seria dele.

Raja esperara que, mantendo as suas opiniões para si, Krishna fosse forçado a formar a sua própria decisão e a expô-la claramente a Lady Emily. Rapidamente percebeu que essa esperança era vã. Quando chegaram a Londres, Krishna mostrou-se relutante em discutir o livro e não levantou qualquer objeção junto de Lady Emily. Demonstrou até interesse e entusiasmo pelo título, *Candles in the Sun*, sendo o sol o Instrutor do Mundo, em cuja luz todas as velas (aqueles que aguardavam a sua vinda) empalideciam. Esta única aprovação levou Lady Emily e Mary a presumir que não existiam outras objeções e avançaram com a publicação — sem perceberem que a tempestade estava apenas a começar.

Houve discussões intermináveis naquele Verão acerca do livro de Lady Emily, muitas vezes na minha presença, tanto em Carmel como em

Ojai. Tal como Raja, Rosalind sentia que seria injusto pedir a Lady Emily que não o publicasse, mas Krinsh convencera-a de que o papel que ela desempenhara no incidente do «processo», tal como descrito por Nitya, por causa da sua ligação à escola, traria publicidade indesejável a esta. Rosalind sugeriu que o seu nome poderia ser omitido, mas não via razão para impedir a publicação do livro.

A publicação estava prevista para o Outono e Raja recebera um conjunto quase final de provas tipográficas.

Ver o manuscrito naquele formato pareceu arrancar Krishna do seu distanciamento. Tornou-se ativamente contrário à publicação, o que surpreendeu tanto Rosalind como Raja. Krishna insistiu em escrever a Lady Emily expondo a sua decisão, sem deixar qualquer margem para dúvidas quanto às suas objeções. Ela respondeu por telegrama, aflita, explicando o custo intolerável de retirar o livro naquele ponto e exprimindo choque perante o que via como uma súbita mudança de posição. Krishna persistiu na convicção de que o livro lhe causaria danos incalculáveis, bem como ao seu trabalho, e de que nenhuma outra consideração tinha importância.

Lady Emily e Mary acharam esta exigência tão inconsistente com a atitude de Krishna em Londres que suspeitaram ter sido a influência de Raja a provocar a mudança. Isso era totalmente errado e mais um exemplo da incapacidade de muitas pessoas para atribuírem responsabilidade a Krishna por ações que consideravam menos do que perfeitas. Krishna podia ser extremamente firme, senão mesmo obstinado, quando o desejava — um lado de si próprio que raramente mostrava. Se Mary e Lady Emily não ficaram com essa impressão em Londres, certamente não foi culpa delas. A deliberada vagueza que Krishna utilizava como forma de influência desprendida causava demasiadas vezes confusão.

Raja desaprovava que fundos da KWINC fossem usados como compensação financeira pelo desastre, argumentando que dinheiro recolhido para o trabalho de Krishna não podia eticamente ser utilizado para esse fim. Também não concordava com a atitude de Krishna, mas considerava ser responsabilidade deste resolver a situação com Lady Emily. Krishna ofereceu-se magnanimamente para pagar os custos do cancelamento em prestações mensais a partir da sua mesada proveniente do

fundo fiduciário de Miss Dodge. Mas Lady Emily recusou aceitar. A família dela suportou sozinha o encargo financeiro. Segundo Mary, todo o incidente acrescentou dez anos à aparência da mãe.

Perante Rosalind, Krishna assumiu o papel de cavaleiro protetor, assegurando-lhe repetidamente, enquanto estavam em Ojai e mais tarde nesse Outono nas cartas de Londres, que fizera tudo aquilo por ela e que continuaria a garantir que tudo estivesse bem entre ambos. Estava mais ardente do que nunca nas súplicas para que nada voltasse a separá-los e de que o que tinham juntos era mais importante do que qualquer outra coisa. Prometeu não voltar a cometer erros, não voltar a fazer coisas irrefletidas e que o seu amor não diminuíra.

Ignorava o facto de Rosalind não sentir grande coisa em relação a *Candles*, nem sequer na medida em que a afetava pessoalmente. Parecia sentir que todo o incidente os aproximara mais, talvez porque, pela primeira vez, estava numa posição de a proteger e de fazê-la tomar consciência disso. Talvez estivesse também ansioso, por causa de Nandini, para que a primeira ocorrência do «processo», com Rosalind em 1922, permanecesse privada.

Krishna deve ter percebido que Raja se afastava dele. A controvérsia em torno de Lady Emily deixara novas feridas entre ambos, feridas negligenciadas por enquanto mas que voltariam a abrir-se num futuro próximo.

De regresso a Londres, Krishna fez o possível para confortar Lady Emily — ao ponto de ela voltar a ficar com a impressão de que talvez ele afinal não se importasse muito que o livro fosse publicado. Mas, no mesmo dia em que teve lugar esse encontro, escreveu a Rosalind dizendo que *Candles* nunca seria publicado e que dissera a Lady Emily que devia aceitar a sua decisão, ao ponto até de incluir no testamento a proibição da publicação!

O próprio Krishna acreditaria ter resolvido a questão com Lady Emily da forma como descrevia a Rosalind? Teria Lady Emily ficado chocada ao ver com que leviandade ele tratava, na carta a Rosalind, a sua aflição, sempre confiante de que conseguiria fazê-la adotar o seu ponto de vista?

Ou estaria consciente da sua incapacidade de enfrentar qualquer situação desagradável; de oferecer um «Não» direto cara a cara?

Lady Emily não se deixava iludir tanto quanto Krishna talvez imaginasse. Podia não ter força para se lhe opor, mas conseguia ver com clareza. Um dia escreveria a Raja: «Tu tens sido o cordeiro no altar de Krishna.» Antes de morrer foi ainda mais longe. Disse saber que Krishna era um mentiroso congénito, mas que, apesar disso, o adoraria sempre.

24

A Índia Revisitada

Nos últimos anos, alguns dos momentos mais felizes entre Rosalind e Krishna tinham girado em torno de Coco, o excecionalmente inteligente caniche que entrara nas suas vidas já adulto. Tanto Krishna como Raja compreendiam que o caminho para o coração de Rosalind passava pelo seu cão e, nas cartas, raramente deixavam de mencionar Coco com grande afeição. O que Rosalind considerava um verdadeiro casamento por amor ocorrera entre Coco e um belo caniche preto pertencente à cantora de ópera Lotte Lehmann. A expectativa do nascimento dos cachorros provocara quase tanta agitação como o livro de Lady Emily e Krishna estava profundamente desapontado por ter de deixar Ojai antes do nascimento deles. As suas cartas a Rosalind, de Londres e depois da Índia, estavam cheias de conselhos e lembretes acerca dos cuidados a ter com a cadela grávida. Depois, em Fevereiro de 1955, recebeu a seguinte carta:

Caro Krishnaji:

Temos para si 1000 dólares para serem entregues à Escola de Rishi Valley. Talvez se pergunte como consegui enviar-lhe esta quantia. Quer fazer o favor de dizer às crianças da sua escola que vendi os meus filhos para angariar o dinheiro que lhe ofereço como símbolo da minha consideração por si e por tudo o que fez por mim, como passear comigo, escovar-me, alimentar-me e compreender-me.

Acho que devo corrigir a afirmação de que todo o dinheiro foi dado pelos meus cachorros. Na verdade, houve algumas pessoas que deram dinheiro para NÃO ter um cachorro! Sei que isto lhe será difícil de

compreender, como é para mim. Dificilmente alguém conseguiria ver os meus lindos cachorros pretos sem desejar um. Organizámos tudo de forma a que veja um deles quando aqui voltar, e pode até ficar com um dos meus netos.

Com um coração cheio de amor, como sempre,

COCO
[assinado com uma marca de pata em tinta]

Krishna atribuiu tanto a carta como os sentimentos nela expressos a Rosalind. A sua resposta deixa claro o quanto ficou tocado pela generosidade dela para com a escola, e terminou a carta dizendo-lhe que a amava muito. (Coco não recebeu qualquer crédito.)

A querida amiga de Rosalind, Maria Huxley, morreu nesse mesmo mês. Ninguém, muito menos Aldous, se apercebera de quão doente Maria estava. Pouco antes trouxera Aldous para nos visitar em Berkeley e, mesmo então, encontrava-se em tratamentos de radioterapia contra o cancro, que suspendera, muito imprudentemente, para fazer a viagem. O seu espírito mascarava todo o sofrimento que pudesse estar a suportar até ao fim. Pelo bem de Aldous insistia para que tudo permanecesse normal. Rosalind ajudara a trazer Maria do hospital para casa duas semanas antes da sua morte e permanecera tão próxima dela quanto possível. Depois do funeral, Aldous perguntou, de forma totalmente inesperada, se podia ir diretamente para Arya Vihara. Estar com ele durante aqueles dias foi a minha primeira confrontação com um luto tão intenso. Todos nós, até a minha mãe, nos sentimos absolutamente impotentes perante aquilo.

Embora Raja acompanhasse Krishna à Austrália em 1955, não tinha qualquer desejo de regressar à Índia. Em Ojai podia viver a sua vida algo eremítica e dedicar-se ao trabalho sem exposição excessiva à irritante aura de devoção que Krishna parecia encorajar no país onde nascera. Rosalind, porém, queria ver com os próprios olhos o cenário em torno de Krishna na Índia e esclarecer de uma vez por todas os seus sentimentos.

Deixou a Happy Valley School nas mãos da sua fiel diretora-assistente e voou para a Austrália para se encontrar com Krishna, enquanto Raja regressava a Ojai.

Rosalind não viajara para o estrangeiro com Krishna desde os anos 1930. Esquecera-se do que esperar. Uma grande multidão foi despedir-se deles em Sydney; outra aguardava-os em Djakarta, durante a breve escala antes de Singapura; nada, evidentemente, comparável à época teosófica, mas muito mais do que na Califórnia. Felizmente, em Singapura não havia comité de receção. Ficaram hospedados no Hotel Raffles e puderam, durante um dia, ser turistas comuns. A princípio Krishna hesitou perante a ideia de fazer turismo, mas acabou por gostar imenso, como um rapazinho que descobrira um novo jogo.

O diário de Rosalind relativo àqueles seis meses mostra que ela teve uma experiência muito interessante, da qual fez longos relatos para benefício das crianças da escola em Ojai. Em Benares foram recebidos por uma multidão da escola de Rajghat e levados para uma bela casa junto ao rio. Parece que foram imediatamente mergulhados nos problemas da escola. Citando o diário de Rosalind:

Terça-feira, 6 de Dezembro:
Conferência da Fundação, Rao perturbado, todos perturbados, crise para os membros da Fundação saberem o que fazer.

Quarta-feira, 7 de Dezembro:
Reunião da Fundação. Gurtugi sugere fechar os níveis superiores da escola.

Nestas visitas às escolas de Krishna, os membros do corpo docente frequentemente apelavam a Rosalind para ajudar a esclarecer o que Krishna dizia e o que esperava deles. Ela trazia consigo quase dez anos de experiência na direção de uma escola e conhecia bem os problemas psicológicos, além dos práticos. Por um lado, Krishna pedia-lhe ajuda; por outro, mostrava-se impaciente perante as críticas dela ao hábito de favoritismo e à incapacidade de reconhecer os esforços sinceros daqueles que realmente mantinham a escola a funcionar. Rosalind via claramente que todos na escola dependiam de cada palavra dele, embora Krishna criticasse frequentemente o corpo docente por não compreender os seus ensinamentos.

Em Deli, Krishna e Rosalind ficaram em casa de Shiva Rao e da sua mulher austríaca, Kitty. Shiva Rao, antigo tutor de Krishna em Adyar e primeiro tutor de Raja em Benares, permanecera amigo íntimo de ambos ao

longo da vida. Rosalind conheceu também muitos dos devotos e amigos de Krishna. Captou insinuações subtis acerca do incidente do divórcio Mehta, mas não conseguiu descobrir factos concretos. Cada vez mais, contudo, percebia que Krishna estivera longe de ser sincero com ela. Além da dor pessoal, preocupava-a a possibilidade de Krishna continuar envolvido em repercussões escandalosas, mas nenhuma discussão com ele esclarecia a situação.

Em Deli, Rosalind convenceu Krishna a acompanhá-la numa visita ao túmulo de Humayun e ao Qutub Minar. Algumas semanas depois, numa carta enviada de Madras, para onde Krishna partira antes dela, escreveu-lhe dizendo que fora um dia belíssimo — e que estava feliz por o terem vivido juntos. Acrescentava que, assim que ela terminasse de ver tudo o que desejava, esperava que se apressasse a regressar a Madras para voltarem a estar juntos. Talvez tivesse pressentido que estava prestes a adoecer. Quando Rosalind chegou a Madras, Krishna encontrava-se gravemente doente.

As conferências tiveram de ser canceladas; Madhavachari estava alarmado e agradecido por ela ter chegado para assumir os cuidados de enfermagem. Este homem bondoso, responsável pela casa, conferências, viagens e bem-estar geral de Krishna na Índia, quase chorava de frustração e ansiedade, pois Krishna era um paciente difícil. O pobre Madhavachari não podia prever quantas vezes no futuro seria deixado sozinho com Krishna doente. Rosalind desenvolveu grande afeição por ele durante esta estadia. Mais tarde perturbava-a ver que, enquanto Krishna viajava sempre em primeira classe, geralmente de avião, Madhavachari passava dias em autocarros e comboios sobrelotados para poupar dinheiro.

Rosalind encontrou breves momentos, enquanto cuidava de Krishna, para visitar a família de Raja. A mãe dele ficou profundamente tocada ao ver a nora americana aparecer todos os dias com uma flor de lótus e brincar com os bisnetos.

Quando Krishna recuperou, ele e Rosalind foram para Rishi Valley durante o mês de Fevereiro. Ali encontraram muitos dos mesmos problemas de Rajghat. Havia reuniões de professores, discussões ou conferências de Krishna todos os dias. Entre os que se queixaram a

Rosalind encontrava-se o sobrinho de Krishna, para quem este arranjara trabalho na escola, mas que não se integrava bem com os restantes. Havia acusações de nepotismo. Acabaria por se tornar diretor da escola.

Março foi passado em Bombaim, novamente com discussões ou palestras públicas diárias. Aqui, como acontecera a Raja, Rosalind achou surpreendente e perturbador o número de devotos em redor de Krishna, ficando com a impressão de que ele nada fazia para o desencorajar. Não conseguia compreender como Krishna tolerava aquela idolatria íntima enquanto tomava o pequeno-almoço, se vestia e depois recebia entrevistas ou reuniões antes do almoço. Em Ojai era tão protetor da sua privacidade.

Apesar dos assistentes em Bombaim, encontrou tempo e oportunidade não apenas para exprimir o seu amor físico por Rosalind, mas também para providenciar que os amigos a levassem às compras e a passeios turísticos. Parecia extremamente ansioso por que ela desfrutasse daquela estadia na Índia em todos os sentidos.

Rosalind esperava poder conhecer Nandini e compreender por si própria qual era exatamente a situação. Contudo, Krishna disse-lhe que Nandini estava em *samadhi* (o estado exaltado e sem ego de libertação que o próprio Krishna afirmara ter experimentado muito tempo antes em Ojai), embora Rosalind acreditasse que Krishna organizara deliberadamente a inacessibilidade dela.

Amigos planearam uma viagem de avião para visitar as grutas de Ajanta e Ellora. Rosalind apanhara uma constipação. Krishna achava que deviam cancelar a excursão. Mas ela não queria desfazer planos tão cuidadosamente preparados e insistiu em ir, acompanhada por dois amigos e por um Krishna algo relutante. No pequeno avião não pressurizado, Rosalind sofreu dores lancinantes no ouvido e mais tarde soube que o tímpano rebentara. Foi um dia profundamente desagradável. Os momentos felizes que haviam partilhado nas primeiras semanas da viagem, visitando lugares e revendo antigos cenários, pareciam de repente muito distantes.

Pouco antes de deixarem Bombaim, Rosalind teve finalmente um breve encontro com Nandini numa das palestras públicas de Krishna. Sentiu nela uma reserva que talvez não fosse mais do que timidez natural. Krishna evitou habilmente dar-lhes oportunidade de conversar. Rosalind

percebeu a tensão que ele sentia tentando manter separadas as suas duas vidas. Ainda assim, a hospitalidade demonstrada pela irmã de Nandini, Pupul, e o breve instante passado com a própria Nandini confirmaram a convicção de Rosalind de que a «infatuação» de Krishna não fora correspondida. Sempre considerara Nandini uma figura inocente no engano de Krishna.

Conseguia compreender a atração dele por aquela mulher, em muitos aspetos a beleza indiana ideal. Compreendia também que a natureza da relação entre Krishna e Nandini, fosse ela qual fosse, tinha para si importância secundária. O que lhe era insuportável era aquilo que Krishna sentia no coração, em contraste com a insistência desonesta de que amava apenas Rosalind. As repetidas confrontações em que lhe implorava que admitisse o fim da relação entre ambos e confessasse o interesse por outra mulher revelaram-se inúteis e recebiam apenas silêncio pétreo da parte dele.

No conjunto, Rosalind fora feliz naquela viagem, pois amava a Índia. Mas, por melhor que Krishna tivesse sido para com ela ali, ficou profundamente perturbada pelas contradições da vida dele: os devotos e a adulação que parecia apreciar num lado do mundo enquanto os condenava no outro.

Quando Krishna e Rosalind chegaram a Roma estavam praticamente sem dinheiro. Raja falhara em fazer chegar os fundos que esperavam encontrar. Foram recebidos por uma velha amiga, Vanda Scaravelli, em cuja casa ficaram hospedados. Assim, a situação não era grave, como Raja percebeu, mas este descuido seria o início de muitos conflitos futuros entre Krishna e Raja.

Raja fora sempre aquele que tratava de todos os pormenores fastidiosos das nossas vidas. Quando Krishna e Rosalind tinham uma «ideia brilhante», era Raja quem tinha de a pôr em prática — tratar da compra do carro, da cabana, do envio de dinheiro para as escolas e familiares de Krishna na Índia. Não gostava que lhe chamassem secretário ou gestor de Krishna. Sentia que as suas verdadeiras responsabilidades residiam na edição e publicação dos ensinamentos, na organização necessária às viagens e, juntamente com Rosalind, em assegurar o bem-estar de Krishna.

A formação de Raja teria permitido que seguisse muitas carreiras, desde professor universitário até ao direito ou à política. Nem ele nem Rosalind haviam sido alguma vez devotos. Ambos tinham sempre tido o máximo cuidado em não interferir na vida interior de Krishna. Procuravam proporcionar-lhe a solidão e a simplicidade de vida que sempre compreenderam ser uma necessidade sua.

Nos melhores momentos que passaram juntos, Krishna apreciava esse arranjo. Dependia fortemente do discernimento de Raja, não apenas em questões práticas, mas também dos seus conselhos quanto à forma de projetar os ensinamentos. Em muitas manhãs, antes das suas palestras de domingo, aparecia à porta de Raja. Passavam meia hora a rever as perguntas que lhe tinham sido enviadas. Parecia encontrar, na presença de Raja, uma segurança de que as palavras surgiriam no momento certo. Costumava descrever-me o seu receio de que um dia se sentasse em silêncio diante da audiência, com a mente vazia. Nunca queria estar com ninguém além do meu pai antes das palestras.

A Índia revisitada

Deixando Krishna em Roma, Rosalind foi sozinha para Paris durante uma semana. Krishna escreveu-lhe uma longa carta resumindo os seis meses anteriores passados juntos, os quais, dizia ele, com poucas exceções, tinham sido bons. Disse que lhe fora benéfico ver as muitas coisas belas que vira e as diferentes culturas, como se fosse uma colegial que nunca antes tivesse visto tais coisas. Mais uma vez implorou-lhe que não deixasse que a agitação superficial e o emocionalismo perturbassem a profunda compreensão interior e o amor que existiam entre ambos. Mas avaliou mal a mudança de sentimentos que finalmente ocorrera em Rosalind.

Encontrou-se com Krishna e Raja em Estocolmo. Ali, certo dia, caminhando sozinha com Raja ao longo de um canal, disse-lhe que não queria que Krishna regressasse à América. Queria libertar-se completamente dele, pelo menos durante algum tempo. O trabalho na escola exigia que permanecesse em Ojai, mas Krishna podia viver noutro lugar igualmente bem. As suas emoções, que durante os cinco anos anteriores tinham ricocheteado entre o amor persistente por Krishna e as suspeitas crescentes quanto aos sentimentos dele, levaram-na finalmente a

lançar esta bomba, que muito mais tarde até ela própria viria a considerar irracional e algo ultrajante.

Talvez fosse movida por uma consciência crescente da sua própria individualidade, agora que tinha uma vida separada com a escola. Talvez parte da causa fosse o desconforto de continuar a viver uma vida secreta com Krishna enquanto assumia um papel que exigia uma nova preocupação com a reputação. Antes da escola, via a discrição como uma necessidade de Krishna e não dela própria. Além disso, uma coisa é correr riscos por um caso amoroso feliz e outra muito diferente por um relacionamento vacilante.

Raja ficou apanhado neste conflito. Isso envolvia-o naturalmente, enquanto permanecesse ligado a Krishna. Considerava Rosalind pouco razoável na sua exigência, embora compreendesse o seu estado emocional. Mas, surpreendentemente, Krishna concordou em não regressar à Califórnia.

Por mais cooperante que Krishna parecesse na altura, haveria mais tarde repercussões que recairiam sobre Raja e não sobre Rosalind. Contudo, a julgar pelas cartas que escreveu a Rosalind imediatamente depois, quando ela regressara à Califórnia, pergunta-se se ele a levara realmente a sério ou se simplesmente tinha a certeza de que aquele estado de espírito passaria e de que o amor entre ambos era, em última análise, inviolável. Escreveu como se nada tivesse mudado, perguntou por Coco, pela escola, imaginando como todos deviam estar felizes e entusiasmados com o regresso dela. Repetidamente lhe assegurou que tinha o seu amor como sempre e que só quando se perde o amor é que as coisas correm mal.

O Sr. Robbie morreu em Ojai naquele Junho de 1956. Tinha oitenta e dois anos e sofrera vários derrames. Há muito que desejava morrer. Certa tarde, no seu chá semanal sob a pérgula atrás de Saro Vihara, a minha mãe tentava animá-lo levando-o a recitar poesia. Disse-lhe como devia ser maravilhoso ter tantos versos belos na cabeça. Ele respondeu que já nada importava, que desde a morte de Sara esperava apenas morrer também. Foi difícil para Rosalind ser filosófica perante a morte do Sr. Robbie. Foi uma grande perda.

Robert deixara a Rosalind bens suficientes da sua herança para a tornar financeiramente independente para o resto da vida. Isto era algo que Sara e ele tinham acordado fazer anos antes, mas fora inesperado e não antecipado por Rosalind.

25

Exilado

Jimmy e eu ainda frequentávamos a pós-graduação em Berkeley, em 1956. Ele trabalhava para obter um doutoramento em matemática e eu um mestrado em literatura comparada. O meu pai achava que alguns meses de Verão na Europa nos fariam bem e ofereceu-nos a viagem. Como as nossas mentes estavam muito ocupadas com os estudos enquanto criávamos duas crianças pequenas, pediu também a Willie que tratasse dos preparativos através de uma agência de viagens local.

A minha mãe ofereceu-se para cuidar dos nossos dois filhos. A minha família continuava a apoiar-nos muito na nossa vida, mas nós pouco participávamos na deles nos anos anteriores, testemunhando apenas conflitos ocasionais nas raras visitas a Ojai e nos Verões em Carmel.

Os três tinham ido visitar-nos — mas nunca ao mesmo tempo. Quando Krinsh e a minha mãe vinham juntos à zona da Baía, ele ficava connosco e ela num hotel, porque tínhamos uma casa muito pequena. Krinsh mostrava um interesse afável pelos nossos filhos e até tomou conta deles algumas vezes, embora isso parecesse esgotá-lo e se queixasse de que as crianças americanas eram demasiado bem alimentadas e, por isso, demasiado enérgicas.

Por vezes íamos a um bom restaurante italiano em São Francisco, mas a comida nunca se comparava, na opinião de Krinsh, à de uma refeição romana. Uma vez levámo-lo a uma aula de semântica do professor Hayakawa, que Jimmy e eu frequentávamos. Krinsh fez comentários depreciativos depois, dizendo que Hayakawa era superficial e pouco original, mas ficou impressionado com algumas metáforas e repetiu-as mais tarde, por exemplo, fazer o mapa ajustar-se (psicologicamente) ao território.

Quando o meu pai nos visitava, passávamos momentos muito agradáveis com ele, indo a restaurantes e ao cinema em São Francisco e jantando com velhos amigos como Blanche Matthias. Via nele um novo cansaço, mas mostrava-se bastante alegre connosco e apreciava a companhia das crianças. A minha mãe, quando vinha sozinha, geralmente insistia para que fizéssemos uma pequena viagem sozinhos e a deixássemos com os netos.

Talvez alguma reflexão contrária resultante do seu próprio casamento a tivesse convencido de que era importante para os casais jovens terem algum tempo para si próprios. Era mais do que generosa, considerando a sua vida ocupada, ao proporcionar-nos essas ocasiões.

Em Julho, Jimmy e eu voámos para Copenhaga, onde o meu pai esperava para nos receber e lançar na nossa primeira grande viagem pela Europa. Não sabíamos que Krinsh estava à nossa espera na Holanda para passar alguns dias connosco e acompanhar-nos de regresso a Paris. Só muitos anos depois, quando li o relato triste que escreveu à minha mãe sobre o facto de nunca sequer lhe termos telefonado e de nos ter perdido completamente na Holanda, percebi até que ponto a comunicação entre ele e o meu pai se deteriorara. Não fora uma omissão intencional da parte de Raja. Estava descontente com os preparativos feitos pela agência de viagens e passara muito tempo em Copenhaga a reorganizar a nossa viagem. Krishna simplesmente não lhe ocupava o pensamento naquele momento. Mas isso, por si só, já representava uma nova atitude.

Quando nos encontrámos com Krinsh e o meu pai em Paris, tudo corria suavemente e existia uma atmosfera harmoniosa entre eles e os velhos amigos, que fizeram tudo para tornar memorável a nossa estadia. Ficámos instalados no apartamento de um general da Força Aérea Francesa, na École Militaire. Um carro militar privado e motorista foram colocados à nossa disposição.

O general e a esposa eram seguidores de Krinsh. Mima estava na cidade e tivemos jantares encantadores com ela, cheios de recordações dos velhos tempos — tempos sem dúvida melhores e mais felizes para Krinsh e o meu pai. Ainda assim, havia muita alegria e, mais uma vez, senti-me

rodeada por aquela forte aura de amor que conhecera toda a vida. Não poderia imaginar quão frágeis eram os laços que mantinham todos unidos.

Tive uma ligeira gripe e Krinsh sentou-se comigo no apartamento do general tentando retirar-me a febre dos pés, como fizera quando eu era criança. Estava aflito por eu perder algum tempo a visitar Paris, mas passou a tarde comigo querendo ouvir sobre a morte do Sr. Robbie; as últimas semanas tristes, quando já não podia falar nem sair da cama, os últimos momentos tranquilos com a minha mãe ali para lhe segurar a mão.

— «Pobre Robert», disse Krinsh, «ele detestava ser empurrado e queria partir.»

Com isto referia-se a ser empurrado numa cadeira de rodas. O Sr. Robbie era uma das poucas pessoas por quem Krinsh nunca demonstrara nada além de profundo respeito, mesmo nas suas costas.

Outra amiga dele e do meu pai, Nadia Sednaoui, uma bela egípcia, mostrou-nos as jóias especiais de Paris, como a Capela de São Luís. Nem Krinsh nem o meu pai faziam turismo, embora insistissem energicamente para que víssemos tudo o que valesse a pena.

Separámo-nos em Paris: Jimmy e eu seguimos para a Suíça para alguns dias a conduzir sozinhos; Krinsh foi passar o resto do Verão com amigos na Dordogne; e o meu pai seguiu para Roma. Quando nos juntámos a ele ali, estava novamente em baixo, tanto de espírito como de saúde, como se tivesse esgotado a pequena reserva de felicidade e vitalidade que brotara naqueles poucos dias em Paris. Vanda Scaravelli, pessoa que viria a tornar-se muito querida para Jimmy e para mim, como já o era há anos para a minha família, mostrou-nos Roma inteira e depois Assis, Veneza e Florença, enquanto o meu pai passava a maior parte do tempo confinado ao quarto do hotel. Era um padrão no seu comportamento que não nos era totalmente estranho. Nunca fora homem de multidões. Ao longo de todas as excursões e férias da minha juventude seguira sempre o seu próprio caminho isolado.

Nas cartas de Krishna a Rosalind durante o ano seguinte, parecia aceitar o desejo dela de se libertar dele, mantendo ao mesmo tempo que os seus sentimentos não tinham mudado. Da Índia descreveu uma segunda

visita ao Qutub Minar, que visitara com ela dois anos antes. O Qutub é uma alta coluna de ferro construída em ferro inoxidável. Foi colocada no local atual em 1052 d.C., mas pensa-se que tenha dois milénios. O cenário é belo, entre as colinas ondulantes a sul de Deli. Há uma forte nostalgia nas palavras de Krishna pelo tempo em que ali tinham ido juntos e escreveu que ela estivera com ele também nessa segunda vez.

É claro que não estava disposto a deixar Rosalind escapar da sua vida. As suas necessidades tinham sempre sido intensas e complexas e, até então, ela satisfizera-as. Não fazia parte da natureza dela privar alguém dos cuidados que podia oferecer. Krishna conhecia-a muito bem, mas não estava em sintonia com a lenta mudança interior que nela ocorria. Tinha consciência de que os diferentes aspetos da sua personalidade podiam causar problemas graves.

Também confiava na força infalível das suas próprias palavras. Acreditava que dizer a Rosalind que ainda a amava bastava, quaisquer que fossem as suas ações capazes de a convencer do contrário. Por outro lado, ela passara a sentir que «as ações falam mais alto do que as palavras».

Se Rosalind encontrara no exílio de Krishna de Ojai uma solução satisfatória, ainda que temporária, Raja não encontrara. Continuava incapaz de lidar com a sua própria posição no agora fracturado triângulo. Uma coisa fora perdoar a intimidade entre ambos; mas agora a decisão de Rosalind de se libertar de Krishna criara um novo problema. Arya Vihara era a casa de Krishna e ele tinha todo o direito de ali estar sempre que quisesse.

Raja não conseguia concordar com o pedido de Rosalind para que Krishna se mantivesse afastado, embora compreendesse os seus sentimentos, e o seu afeição e simpatia por ela permaneciam inabaláveis apesar de tudo. Sabia que tinham de ocorrer mudanças na sua vida, que já não podia desempenhar um papel pessoal junto de Krishna, mistura de ama-seca e gestor. Sentia que lhe incumbia resolver um problema que originalmente não criara.

Na Primavera, Raja partiu novamente para a Europa. Rosalind convencera-o a viajar de avião em vez de barco, como sempre preferira. Com o seu característico sentido prático, até lhe aconselhara onde se sentar

no avião. O seu estado de espírito pode perceber-se nas poucas cartas que escreveu a Rosalind após chegar à Europa.

Tenho ficado completamente abatido pelos acontecimentos antes de partir e sinto-me muito cansado — mas veremos o que vai acontecer — Esta é uma carta miserável, mas envio-a apenas para te dizer que cheguei bem, embora muito cansado. Estou muito preocupado contigo — constantemente.

Amor,
R.

Raja devia encontrar-se com Krishna — regressado de seis meses na Índia — em Roma, mas a comunicação voltara a falhar, como Raja se queixou a Rosalind.

Não houve qualquer carta nem sinal algum da Índia. Não faço ideia da situação nem do que está a acontecer. Tiveste alguma notícia de Bombaim desde que saí de Ojai? A situação continua a mesma na minha mente e ainda não sei claramente como abordá-la.

Espero que estejas bem e que o peso esteja de algum modo a aliviar-se. Envia notícias em breve.

Todo o meu amor, querida,

R.

Tinham sido feitos preparativos elaborados para Krishna falar por toda a Europa nesse Verão. Contudo, quando Raja se encontrou com ele em Roma no fim de Março, o que quer que tenha ocorrido entre ambos resultou no cancelamento de todas as palestras em todo o mundo durante o ano seguinte. Krishna apresentou a sua fraca saúde como motivo para esta mudança abrupta de planos. A saúde dos três sofria certamente devido aos conflitos entre eles. Krishna podia sentir-se exausto, mas não conseguia viver muito tempo sem falar. Também é improvável que Raja desejasse cancelar as palestras depois de todo o trabalho que tivera a organizar os preparativos.

Embora se possa inferir da carta de Raja a Rosalind que ele procurava seriamente uma forma de se afastar pessoalmente de Krishna, o facto de Krishna não lhe escrever há algum tempo irritara-o profundamente, pois existiam sempre muitas questões relativas aos planos de Krishna que exigiam resposta. Ao escrever a Rosalind, Krishna expressou alívio pelo cancelamento das palestras. Disse que não escreveria a ninguém exceto a ela e a Raja e que descansaria completamente, algo «bom para o corpo e para a mente».

Quaisquer que tenham sido as conversas que teve com Krishna na Europa, elas não resolveram os problemas de Raja quanto à continuação da sua relação com Krishna e com o trabalho.

Estou a sentir-me um pouco melhor, mas naturalmente os vários problemas ainda nem sequer foram abordados. Espero que estejas bem e não totalmente exausta. Tenho a certeza de que o descanso em Carmel te fará bem. Talvez vá aí passar alguns dias enquanto estiveres lá…

Todo o meu amor, querida Rosalind,

RAJA

Raja continuava dividido entre o seu sentido de responsabilidade para com Krishna e a necessidade pessoal de emergir daquela situação. Desde que o caso entre Krishna e Rosalind lhe fora revelado, seis anos antes, nunca houvera uma redefinição clara de nenhuma das relações entre eles. Krishna nunca sequer discutira isso com Raja, como prometera a Rosalind que faria. Isso magoava Raja em si mesmo, porque sentia que o ato de deslealdade para com ele fora cometido por Krishna e não por Rosalind.

Raja, não temendo nenhum ser humano, subestimava o medo que Krishna tinha dele, medo esse que provavelmente constituía a base de grande parte do comportamento de Krishna, especialmente aquele que envolvia enganos, como o próprio Krishna admitira anos antes a Rosalind. Mas talvez a dificuldade mais séria de Raja fosse que, apesar de tudo, ainda sentia uma profunda afeição por Krishna e continuava incapaz de perceber, ou aceitar, a possibilidade de Krishna não sentir nenhuma por ele, caso alguma vez a tivesse sentido. Era isso, mais do que qualquer outra coisa, que acabaria por dificultar a libertação de Raja.

Krishna começara a queixar-se cada vez mais a Rosalind da sua própria saúde e dos conflitos entre ele e Raja. Disse que não regressaria a Ojai enquanto ambos não lho pedissem e acrescentou que estava definitivamente a envelhecer e não conseguia suportar tudo aquilo.

Contudo, houve ainda um último interlúdio de companheirismo entre os dois homens. Foram durante alguns dias para Gstaad, na Suíça, que mais tarde viria a tornar-se um centro de Verão para Krishna. Pode inferir-se muito do facto de Raja ter feito o esforço de dar longos passeios diários com Krishna; passeios que deviam aliviar as sessões de conversa que preenchiam o resto do tempo. Um desses passeios terminou à chuva, com os dois homens envelhecidos a escorregarem e a deslizar por um caminho lamacento para ver um lago, encolhidos um contra o outro, de braço dado sob o guarda-chuva de Raja.

Krishna parecia entristecido pela perceção gradual de que as suas vidas se afastavam uma da outra. Continuava a reafirmar o seu amor por Rosalind. Dizia-lhe que a amava e que o afirmava com todo o coração, suplicando-lhe que acreditasse nisso. Admitia não lhe ter tornado as coisas fáceis, mas lembrava-lhe, como já dissera antes, que ela teria de perdoar. Rezava para que tudo ficasse bem, para que tudo o que fosse feio entre eles fosse apagado e para que houvesse paz e amor. Isso era o mais importante, dizia ele, repetindo que ela era amada de todo o seu coração e pedindo depois bênçãos para todos eles.

Segundo as cartas de Krishna a Rosalind, Raja e ele pareciam ter terminado as suas conversas de forma amigável, embora na mente de Raja muitas questões continuassem em suspenso. Contudo, a partir desse momento Krishna iniciou uma campanha para desacreditar Raja de uma forma tão subtil que ninguém compreenderia exatamente o que estava a acontecer. Para compreender, seria necessário perceber que as acusações de Krishna contra Raja eram falsas. Krishna possuía um talento surpreendente e largamente insuspeitado para o planeamento a longo prazo. Demonstrara esse talento ao adquirir as escolas na Índia à Sociedade Teosófica e, num outro plano, ao preparar-se durante todo o Verão para as derradeiras caminhadas em Sequoia.[1]

Pouco depois da partida de Raja da Suíça, Krishna escreveu a Rosalind dizendo que fora à cidade descontar cheques para pagar a viagem de comboio e a conta do hotel. Não mencionou qualquer falta de dinheiro, o que certamente teria feito se tal fosse o caso. No entanto, quando foi recebido pelos anfitriões com quem voltaria a permanecer na Dordogne, queixou-se de que Raja o deixara sem um tostão, com apenas o suficiente para pagar a conta do hotel. Ainda demorariam vários anos até Raja compreender as críticas crescentes dirigidas contra si, alimentadas por esses enganos, entre a maioria dos seus amigos e associados em todo o mundo.

O Verão de 1957, passado em Ojai, parece ter sido relativamente calmo para Raja. Provavelmente porque esteve sozinho durante grande parte desse período. Rosalind começava a adotar o hábito de passar os Verões em Carmel. Mas a saúde de Raja continuava frágil e ele esperava fazer exames na clínica Bircher-Benner, em Zurique, antes de regressar à Índia com Krishna no Outono.

Que Krishna tinha pouca preocupação com o problema de Raja tornou-se rapidamente evidente.

Querida Rosalind,

Escrevo-te de Amesterdão e telefonei a Krishnaji[2] de Hamburgo. Foi muito perturbador. Parece muito ansioso por regressar imediatamente à Índia, apesar de eu lhe ter indicado que gostaria de passar duas semanas na clínica em Zurique.

Assim, partiremos no dia 6. Creio que as coisas não estão como deveriam estar. Não vale a pena incomodar-te com tudo isto. Tens as tuas próprias preocupações e espero que tudo esteja a correr bem contigo.

Farei o que puder pelo bem de todos nós na Índia. Espero conseguir regressar à Califórnia o mais depressa possível.

Com muito amor,

Teu,

R

Contrariamente à impressão que Krishna começava a promover — a de ser manipulado por um homem obstinado — sempre fora típico de Raja ceder aos desejos de Krishna, mesmo quando isso lhe era difícil. Krishna agia muitas vezes como se não se importasse com o que fazia ou para onde ia, mas qualquer pessoa minimamente sintonizada com ele podia facilmente discernir as suas preferências, e Raja sempre se esforçara enormemente por ser sensível a elas. Tentava encontrar pessoas com quem Krishna ficasse feliz em permanecer, já que hotéis lhe eram desagradáveis. Tratava de viagens aéreas em primeira classe para Krishna, enquanto ele próprio viajava em classe económica. Havia muito pouco que fosse feito sem o consentimento de Krishna; contudo, a natureza abertamente reservada de Raja, a sua insistência em gerir a KWInc[3] de forma muito privada, apenas entre ele, Krishna e duas ou três pessoas de confiança, acabou por torná-lo presa fácil para acusações de domínio e manipulação.

Krishna não insinuou a Rosalind que existisse qualquer atrito entre ele e Raja, e ambos partiram aparentemente em bons termos para a Índia. Mas ali recomeçaram uma vez mais todas as desculpas e explicações acerca de Nandini. Rosalind não pedira esses relatos e, na verdade, já não tinha interesse neles. Há muito desistira da esperança de ouvir a verdade e preferia agora não ouvir absolutamente nada.

Enviou a Raja uma lista de pessoas — sobretudo familiares de Krishna que conhecera em 1956 — que se propunha ajudar financeiramente. Assim que herdou os bens do Sr. Robbie, Rosalind começou a pensar em formas de distribuir o dinheiro. Nunca se sentiria confortável com dinheiro e continuaria sempre a gastar muito pouco consigo própria. Enviou também uma quantia considerável à família de Raja e a algumas pessoas ligadas às escolas de Krishna. Cabia a Raja pôr em prática essa generosidade, embora questionasse a prudência de algumas dessas ajudas.

Nesta sua última viagem à Índia, Raja passava o mínimo de tempo possível com Krishna. A mãe de Raja morreria pouco depois e ele nunca mais regressaria. Ela fora uma razão importante para as suas visitas, mas ele nunca apreciara permanecer longamente na Índia.

Entregara a Doris Pratt, no escritório de Londres, a organização europeia das palestras e viagens. Continuava responsável pelas publicações e pela gestão financeira global, mas fornecera ao escritório de Londres somas destinadas ao uso de Krishna nos diferentes países.

Rosalind, que nunca tivera intenção de permanecer tantos anos como diretora da Happy Valley School, começara mais uma vez a procurar um novo diretor. Quando Krishna soube disso, reagiu veementemente: embora ela tivesse, escreveu ele, vindo a dizer que devia haver um novo diretor, felizmente essa hora funesta fora até então adiada. Considerava que seria uma calamidade se outro diretor ocupasse o lugar dela. Porque se haveria de importar? A menos que visse efetivamente Rosalind como o seu canal de influência na escola.

Em Janeiro de 1958, Raja deixou Krishna na Índia e decidiu fazer alguma coisa em relação à sua saúde. Essa resolução pareceu trazer-lhe um breve alívio de espírito e uma sensação de otimismo.

Querida Rosalind,

Como sabes, queria ir a alguma clínica algures para perceber realmente o que se passa comigo, e decidi ir à clínica Bircher-Benner durante alguns dias, talvez algumas semanas.

Regressarei a Ojai na última parte de Março. Não gosto nada da ideia de estar numa clínica miserável, mas suponho que o farei — não tanto por mim, mas pelo bem de todos os outros.

No conjunto, tudo está bem comigo, de uma forma estranha e nova.

Com muito amor,

RAJA

Mas as coisas não estavam assim tão bem com Krishna na Índia. Continuava a relatar regularmente a Rosalind os pormenores da sua vida, dando descrições minuciosas e tranquilizadoras das suas visitas a Pupul e Nandini. Talvez não percebesse que ela nunca mais leria essas cartas atentamente, por vezes nem sequer as lia. Estava impaciente e ocupada. A

escola tornava-se excessiva para ela e não conseguia encontrar substituto. Apesar das advertências de Krishna, continuava a tentar fazê-lo.

Krishna, mostrando subitamente exasperação, declarou que não continuaria a relatar as suas atividades com Nandini, dizendo que isso era absurdo e ridículo. Alegou também que as suas cartas poderiam ser abertas para fins de chantagem e que, por isso, passaria daí em diante a escrever de forma mais discreta.

Quando foi passar o Verão à estância montanhosa de Ranikhet, as suas cartas retomaram, contudo, um tom amoroso. Passou ali quatro meses em relativo isolamento, do qual parecia beneficiar emocional e espiritualmente.

Raja descobriu na clínica que o problema do esófago era mecânico e incurável sem cirurgia, pelo que decidiu «aguentar e suportar o desconforto». Permaneceu na América durante os dois anos e meio seguintes. Embora não tivesse conflitos com Rosalind, já não havia mais harmonia entre ambos do que existira anteriormente. Ela enterrara o choque da deslealdade de Krishna sob o trabalho. O facto de se ter distanciado intencionalmente de Krishna não significava que quisesse aproximar-se de Raja, pelo menos não mais do que estivera ao longo daqueles vinte e cinco anos. Nunca tinham sido temperamentais compatíveis. Mas permanecia entre eles uma amizade profunda e afetuosa.

Raja continuava muito envolvido com a Harper & Row, editando e publicando livros baseados nas palestras e nos cadernos de Krishna. Krishna continuava sem demonstrar interesse em envolver-se pessoalmente em tudo isso, parecendo até satisfeito por Raja continuar esse trabalho. Alguns anos antes, Krishna decidira demitir-se totalmente da KWInc, talvez como parte de um impulso passageiro em direção a uma reforma completa. Ao longo dos anos, Raja sugerira-lhe repetidamente que se fixasse num lugar e deixasse as pessoas irem até ele, mas Krishna desprezara a ideia. Agora, a saúde vacilante empurrava-o nessa direção; contudo, após os meses de isolamento em Ranikhet, uma parte dele ansiava por regressar à atividade.

Como Krishna permanecia há muito tempo na Índia e praticamente sem contato, Raja pedira-lhe que assinasse um documento para facilitar os arranjos financeiros envolvidos nos contratos com a Harper’s e os editores

europeus. Esse documento não declarava por escrito mais do que aquilo que sempre fora o entendimento implícito e frequentemente expresso entre ambos. Tornava-se apenas necessário agora porque Raja lidava com pessoas exteriores. Embora Krishna o tenha assinado prontamente na altura, mais tarde veria nesse pedido uma implicação sinistra totalmente imaginária, ou permitiria que outros o convencessem disso.

Quando Rosalind estivera na escola de Rishi Valley dois anos antes, já notara a crescente discórdia entre Krishna e o diretor, o Sr. Pearce. Krishna enfraquecia a autoridade dele na escola ao nomear pessoas da sua escolha acima dele. Finalmente Pearce demitiu-se, e Krishna relatou a Rosalind que havia muito sofrimento e perturbação na escola devido a isso. A carta parecia indicar que tudo aquilo era mais um problema do que Krishna conseguia suportar.

Pearce retirou-se de Rishi Valley para Ootacamund, onde fundou a Blue Mountain School. A esposa contou-nos dezasseis anos mais tarde que Krishna quebrara o coração do marido ao manobrá-lo para fora da escola de Rishi Valley, e que ele não vivera muito depois disso.

Krishna perdeu também, nesse Inverno, um velho amigo que remontava à juventude dele e de Nitya. Ratansi, em cuja casa normalmente ficava em Bombaim, morreu inesperadamente de ataque cardíaco. A agravar estes acontecimentos estava o calor, intensificando-se ferozmente depois de meados de Março. Krishna queria afastar-se da Índia, dos problemas e de toda a gente; mas Madhavachari recomendou-lhe que descansasse na Caxemira em vez de ir até à Europa. Muitas vezes era difícil para os indianos compreender até que ponto Krishna estava ocidentalizado e quanto ansiava por aquela outra cultura quando permanecia afastado dela demasiado tempo. Contudo, aquiesceu e concordou em permanecer na Índia.

Nas cartas a Rosalind surgem frequentes referências nostálgicas a Ojai, perguntando se o vale estaria verde e belo; a vida na Índia tornava-se cada vez mais cansativa para ele. Ainda assim, ali permaneceria mais um ano, além do ano e meio que já lá passara — a estadia mais longa desde que partira em 1911. Também nunca estivera tanto tempo afastado de Ojai e de Rosalind em trinta e sete anos.

26

Uma moratória

Em Ojai, Raja e Rosalind, durante algum tempo aproximados pelos problemas comuns, pareciam agora afastar-se precisamente por causa deles. A relação tornava-se cada vez mais tensa, em parte porque não concordavam sobre a forma de lidar com Krishna, embora ambos desejassem afastar-se da sua órbita.

Foi nesta atmosfera que Raja se apaixonou, quase contra a própria vontade. Annalisa Beghe vivia na casa Saro Vihara, herdada por Rosalind do Sr. Robbie, e ajudava Rosalind na escola. Annalisa e Rosalind eram amigas. Um dia, durante um passeio na Primavera de 1959, Annalisa virou-se impulsivamente para Rosalind e disse:

— «Raja e eu estamos apaixonados.»

Se Rosalind sofreu um choque, não o demonstrou naquele momento.

— «Fico tão contente se ele tiver alguém especial que o ame», respondeu.

Rosalind sabia perfeitamente que Raja estivera muito sozinho durante os vinte e oito anos anteriores. A amizade entre ela e Annalisa continuou. Havia jantares frequentes a três, durante os quais discutiam a situação, muitas vezes com explosões de humor irónico. Pelo menos, nesta relação, tudo estava às claras. Mas Raja hesitava muito em embarcar noutro casamento.

— «Porque hei de saltar da frigideira para o fogo?» disse-me um dia, quando nos visitava em Berkeley.

A atração que sentia por Annalisa era compreensível. Ela nunca gostara particularmente de Krishna enquanto pessoa, embora se interessasse pelos seus ensinamentos. Quando os vira ambos pela primeira vez, muitos anos antes, antes mesmo de lhes ser apresentada, pensara: «Raja devia estar no lugar de Krishna.» Era suíço-italiana, vinte e cinco anos mais nova do que Raja, bela e muito feminina, além de disposta a

demonstrar-lhe uma deferência que Rosalind, com a sua forte independência americana, nunca poderia ter demonstrado.

Percebi então que os meus pais nunca tinham tido, em toda a minha memória, um verdadeiro casamento. Não fiquei perturbada com esta nova ligação na vida do meu pai. Mas perturbava-me a depressão frequente da minha mãe durante esses anos. Na altura, eu não sabia do sofrimento por que passara devido à deslealdade de Krishna. Em parte, devido às suas próprias escolhas, tinha agora de construir uma vida independente dos dois homens cuja atenção se concentrara exclusivamente nela durante tantos anos. E Coco, que fora o seu companheiro mais leal e amoroso, morreu nesse Inverno.

Notas:

1. Referência ao Parque Nacional de Sequoia, na Califórnia, local associado a períodos de retiro e caminhadas de Krishnamurti.

2. «Krishnaji» é uma forma honorífica de tratamento usada na Índia para demonstrar respeito por Krishnamurti.

3. «KWInc» refere-se à Krishnamurti Writings Inc., organização responsável pela publicação e gestão dos escritos e palestras de J. Krishnamurti.

Raja também parecia cada vez mais deprimido; por vezes Annalisa aparecia à porta de Rosalind em lágrimas, pedindo conselhos sobre como o ajudar. Rosalind ficou suficientemente alarmada com o estado de espírito de Raja para escrever a Krishna uma carta angustiada, apelando-lhe para que regressasse imediatamente a Ojai.

Krishna respondeu apresentando uma série de razões especiosas[1] para não poder atender ao pedido. Essas razões iam desde a falta de dinheiro até às dificuldades em obter um visto, mas terminou com uma objeção mais credível: enquanto não recebesse igualmente notícias de Raja, dizendo-lhe que ambos desejavam o seu regresso, não o faria. Era evidente que não tinha qualquer vontade de se envolver na crise que atravessavam naquele momento. Advertiu Rosalind para não fazer nada «drástico ou irreversível».

Pouco depois de enviar essa carta, Krishna adoeceu gravemente. Quando recuperou o suficiente para viajar, fez planos para ir à clínica Bircher-Benner e depois entrou em contato com Raja acerca do regresso à Califórnia. A doença abalara-o e escreveu a Rosalind que todo o organismo se estava a desintegrar rapidamente. Contudo, esse alarme mórbido desapareceu ao regressar a Ojai. Rosalind estava determinada a que as disputas e infelicidades entre todos fossem resolvidas, independentemente do rumo futuro das suas vidas, juntos ou separados. Fazia parte da sua natureza desejar isso e não conseguia aceitar a impossibilidade de o alcançar.

Ainda pensava ter alguma influência sobre Krishna. Krishna, por outro lado, estava perturbado com a intenção de Raja de se mudar de Arya Vihara. Muitas vezes era difícil compreender porque Krishna desaprovava certas coisas com tamanha veemência. Porque se haveria de importar com o lugar onde Raja vivia? Devia perceber que, sem a presença de Raja em Arya Vihara, seria difícil para ele e Rosalind permanecerem ali sozinhos. Raja, durante todos aqueles anos, fornecera inadvertidamente um véu de respeitabilidade à relação entre ambos. Krishna ainda não estava preparado para reorganizar a sua vida.

Depois de longas discussões entre os três — mantendo-se Annalisa prudentemente afastada — Rosalind pediu que estabelecessem uma moratória até ao ano seguinte, durante a qual todos concordariam no seguinte: não haveria mais recriminações entre nenhum deles. Os três conviveriam e deixariam tudo em suspenso — não seriam feitas alterações até ao reencontro no Verão seguinte. Escreveriam uns aos outros de quinze em quinze dias e discutiriam juntos todos os planos. Mas, acima de tudo, Krishna concordaria em não realizar grandes palestras públicas até ao final do ano.[2]

Rosalind não fora a primeira pessoa a recomendar que Krishna levasse uma vida menos pública. Muitos anos antes, Mme de Manziarly dissera-lhe sem rodeios que devia deixar de viajar pelo mundo em grande estilo e instalar-se calmamente num único lugar, deixando que aqueles que desejassem ouvi-lo fossem até ele. Krishna ofendera-se com essa sugestão e ignorou-a desde então. Quando ela morreu, não enviou condolências às filhas, embora tivesse sido precisamente ela quem, muitos anos antes,

cuidara de Nitya quando este estivera gravemente doente.[3] É muito provável que Krishna considerasse mais fácil concordar com as propostas de Rosalind e depois ignorá-las do que discutir com ela.

Tal como se esforçara por dar a Rosalind a impressão de que protegia os interesses dela ao impedir a publicação do livro de Lady Emily, agora fazia grande alarde de outra questão — uma questão criada por ele próprio. Desta vez Raja era o alvo implícito, mas evidente, de quem Krishna desejava protegê-la. Escreveu a Rosalind uma carta formal afirmando que Arya Vihara, desde o início, pertencia aos três (e a Radha). Como Raja tinha agora a sua própria casa — comprara uma habitação junto dos Vigeveno, no outro extremo do vale — Krishna queria deixar por escrito que, quaisquer que fossem as circunstâncias futuras, Arya Vihara deveria ser a casa de Rosalind e de Radha durante toda a vida delas. Insistiu também para que Rosalind nunca abandonasse aquela propriedade.

Teve ainda o cuidado de entregar uma cópia dessa declaração a Louis e Erma e pediu-lhes que testemunhassem que esse era o seu desejo. Rosalind ficou naturalmente perplexa perante tal insistência, pois tinha plena confiança de que ninguém ligado à KWInc — e menos ainda Raja — esperaria que ela saísse dali; e mesmo que o esperassem, isso não a teria perturbado muito. Krishna evidentemente partia do princípio de que a relação de Raja com Annalisa o afastara de Rosalind e dos interesses dela, ou então procurava deliberadamente criar uma divisão entre ambos.

Krishna aparentemente recuperou grande parte da saúde e das forças durante os seis meses passados em Ojai. Rosalind sempre soubera cuidar dele; e ele raramente adoecera na sua companhia, exceto durante o grave episódio de nefrite em 1946.

Desde a primeira carta que escreveu após partir, Rosalind tinha todos os motivos para acreditar que Krishna levara a moratória a sério e aceitara o pedido dela quanto às palestras na Índia. Prometeu que seguiria, na letra e no espírito, aquilo que todos haviam acordado. Disse também que escrevera a Madhavachari para organizar apenas discussões limitadas e nenhuma palestra pública na Índia. Recordou a Rosalind que a parte dela no acordo consistia em permanecer em Arya Vihara, embora isso não tivesse feito parte da moratória. Reiterou a preocupação de que a escola

devia continuar a ser obra da Happy Valley Foundation e de que Rosalind deveria manter-se como coordenadora e espírito orientador da instituição. Advertiu-a para não permitir que especialistas, peritos e superorganizadores a submergissem.

As cartas passaram então de um ritmo diário para um ritmo de três em três dias. Explicou que fazia exatamente a mesma coisa todos os dias e que seria aborrecido repeti-lo. Isso não representava novidade alguma. Queixou-se de que as comunicações com Raja continuavam más e de que não recebia respostas sobre os planos. Em menos de um mês, os grupos de discussão limitados passaram de sessenta para cem pessoas; no mês seguinte, para duzentas, apertadas como sardinhas. Krishna começava a irritar-se com os termos da moratória.

Entretanto, Raja enviara um telegrama a Krishna na Índia dizendo que já não podia continuar a organizar os encontros europeus e que entregara essa gestão à Sr.ª Pratt, no escritório de Londres.

O Verão cobrara o seu preço a Raja. Nunca mais conseguiria libertar-se da depressão que quase superara dois anos antes. No final do Outono de 1960 partiu sozinho para a Europa, profundamente deprimido, durante seis meses sem rumo e sem saber o que fazer da própria vida pessoal. Escreveu a Rosalind:

Zurique
6 de Dezembro de 1960

Desde que aqui cheguei não tenho conseguido dormir de noite, mas como não faço nada e não conheço ninguém, isso não teve importância. Hei de habituar-me a esta partida sem razão especial, exceto a necessidade de mudança.

A esta carta recebeu uma resposta afeiçoada de Rosalind, contendo uma rara admissão do sofrimento que ela própria atravessava.

Foi bom receber a tua carta e saber que te lembraste da tua promessa.

Tem sido um período muito ocupado com a escola, as férias e a família, caso contrário teria respondido mais cedo. Sinto que mal consigo

sobreviver, pois sou constantemente atormentada por uma estranha tontura… Preciso de um pouco mais de espaço para respirar — um pouco mais de tempo, porque estes últimos anos foram um tremendo choque e tensão. Sentir-me-ei melhor sabendo que estás a fazer tudo o que podes para pôr a tua vida em ordem e esperemos que nos encontremos em Junho de uma boa maneira. Sempre com o mais profundo amor e desejando-te tudo de bom,

ROSALIND

Mas, após quatro meses na Europa, Raja mostrava apenas sinais ténues de melhoria. Escreveu a Rosalind o que viria a ser a última carta que ela alguma vez receberia dele.

Genebra
3 de Abril de 1961

Querida Rosalind,

Não me tenho sentido com vontade de escrever a ninguém, em lado nenhum, e receio estar a esquecer-me de como se escreve. Não houve novidades; tenho apenas existido e tentado não pensar em nada nem em ninguém. Espero um dia vir a ter uma verdadeira perspetiva —

Mas fico contente por ter estado completamente sozinho e afastado da minha vida rotineira de quase quarenta anos — e espero o melhor.

Como tens passado? Nem vale a pena perguntar, pois não vais escrever-me a contar as novidades.

De qualquer forma, espero sinceramente que tenhas tido um descanso completo de certas coisas e que te sintas feliz e bem.

Avisar-te-ei quando chegar a Nova Iorque.

Amor,

R

Rosalind cometeu o grave erro de tentar alterar a data em que todos haviam combinado encontrar-se em Ojai, segundo a moratória. Esquecera-se de quão exigentes podiam ser as semanas finais do ano escolar. Para Raja tanto fazia que fosse a 15 ou a 30 de Junho, como ela agora preferia. Krishna, porém — que no final não respeitara os termos da moratória e fizera extensos planos para palestras públicas na Europa — reagiu com uma indignação que Rosalind nunca antes sentira nele. Disse que não regressaria para ficar à espera até que ela estivesse pronta; ela tinha trabalho a fazer e ele também. Rosalind cedeu rapidamente, enviando um telegrama com uma data anterior.

Quando todos se reencontraram em Ojai no Verão de 1961, a moratória não resolvera absolutamente nada. Krishna estava sobretudo interessado em tratar dos dentes. Raja não resolvera nenhum dos seus problemas. Ainda não sabia que Krishna começara a rodear-se de outras pessoas que acabariam por ajudá-lo numa luta contra Raja. Krishna escolheu esse novo círculo com grande astúcia para esse propósito. Mas ainda não chegara o momento adequado e evitava uma rutura aberta. Nessa altura, Krishna estava convencido de que Rosalind jamais se colocaria ao lado de Raja contra ele.

Quanto a Rosalind, queria libertar-se de ambos. Estava cansada e tão deprimida como alguma vez estivera na vida. Não desejava divorciar-se. Contudo, achava que o divórcio era o correto para Raja. Como se recusava categórica e absolutamente a dizer qualquer coisa contra Raja, querendo alegar apenas incompatibilidade como fundamento, tornou-se necessário obter um divórcio mexicano.[4] Tratou disso com relativa facilidade através de um advogado em Carmel. Raja e Annalisa ficaram então livres para casar. Mas isso não libertaria Raja da complexa teia que rodeava Krishna.

27

Uma casa dividida

Nesse Verão de 1961, Jimmy, eu e os nossos dois filhos mudámo-nos para Santa Barbara, onde acabáramos de comprar uma casa. Jimmy integrara o Departamento de Matemática da Universidade da Califórnia em Santa Barbara. Estávamos tão ocupados a remodelar a casa e a instalarmo-nos que não compreendemos plenamente a gravidade da situação da minha

família. À parte algumas cenas desagradáveis, não participámos nas discussões desse Verão, exceto numa que recordo vivamente, embora na altura me tivesse deixado perplexa.

Pouco antes de regressar à Europa, a 6 de Julho, Krinsh veio a Santa Barbara com a minha mãe. Eu estava no meio de pinturas no quarto e insistiram para que não interrompesse o trabalho enquanto me faziam companhia. Krinsh parecia apreciar a bela vista das montanhas da nossa janela. Mas a quantidade de trabalho ainda por fazer deixava-o desanimado. A minha mãe varrera um monte de pedaços de estuque caídos no chão e depois sentara-se silenciosamente na cama. Krinsh permaneceu de pé. Sentia-se a sua inquietação.

Subitamente disse:

— «Kittums, quero que compreendas claramente que Arya Vihara deve ser a casa de Rosalind durante toda a vida dela — e também a tua.»

— «Obrigada por me incluíres, Krinsh, mas acabámos de comprar esta casa e esperamos ficar aqui muito tempo. Além disso, não podemos viver em Ojai. O trabalho de Jimmy é aqui.»

— «Lembra-te apenas do que estou a dizer, Kittums. Se Rosalind alguma vez abandonar Arya Vihara, eu nunca mais regressarei a Ojai.»

Mesmo então isso me pareceu uma ameaça vazia e bastante sem sentido. Não conseguia compreender a urgência dele. Só mais tarde percebi que se convencera de que o meu pai tentaria expulsá-la. Continuava a ver-se a si próprio e a Rosalind unidos contra Raja.

Krishna escreveu-lhe, logo após deixar Ojai, que durante a última noite ali acordara com uma sensação de opressão cruel, de intriga. Possivelmente sugeria que Raja fora tomado por forças negras. Esta atitude começaria em breve a circular entre os seus novos amigos, tal como Wedgwood afirmara ter visto o «mago negro» em Krishna quando este começara a afastar-se da Teosofia.[5]

Cada vez mais Krishna se recusava a discutir qualquer assunto com Raja, ao mesmo tempo que afirmava ser Raja quem não respondia às cartas

nem falava com ele. É verdade que a personalidade de Raja se tornara mais áspera. Para além da desilusão com Krishna, havia novas corrosões em amizades que julgava antigas e leais. Até Erma e Louis demonstravam agora uma nova frieza para com ele. No caso deles, embora Raja não o percebesse, isso devia-se ao casamento dele com Annalisa.

Por mais graciosamente que Rosalind aceitasse o casamento, Erma dividia-se entre a amizade profunda e afetuosa que sentia por Raja e a lealdade à irmã. Embora Rosalind não admitisse sequer a si própria tal reação, Erma estava convencida de que o orgulho da irmã fora ferido pelo novo casamento de Raja e sentia uma indignação protetora. Ignorava completamente o longo caso amoroso entre Rosalind e Krishna — e permaneceria ignorante disso até à morte — pelo que não tinha uma verdadeira perspetiva das ações de Raja. Mas, no que dizia respeito às outras pessoas, não há dúvida de que as insinuações de Krishna e o subtil lançar de suspeitas sobre o desempenho e as motivações de Raja corroeram muitas das suas relações.

Nos últimos anos surgira outro problema. Um médico indiano sugerira que uma pequena dose diária de whisky escocês aliviaria as dores no esófago de Raja. A Índia era um país de proibição alcoólica e obter bebidas não era tarefa fácil. Krishna conseguiu tratar de uma autorização através dos seus amigos influentes. Rapidamente percebeu que Raja se tornava muito mais fácil de aturar depois de uma bebida à tarde. Essa bebida tornou-se um hábito, mantido sob controlo moderado. Mas apenas acrescentou combustível às críticas já dirigidas contra Raja. Com uma dieta equilibrada que excluía álcool, Annalisa conseguiu melhorar a saúde física de Raja. Contudo, ele continuava deprimido, começando seriamente a questionar o valor da obra da sua vida.

Notas:

1. «Specious» significa aparentemente plausíveis, mas na realidade enganosas ou falaciosas.

2. O termo «moratória» é aqui usado no sentido de suspensão temporária de conflitos, decisões e atividades públicas.

3. Nitya (Nityananda), irmão de J. Krishnamurti, morreu em 1925 de tuberculose. A sua morte marcou profundamente Krishna.

4. Na época, muitos norte-americanos recorriam ao chamado «divórcio mexicano», por ser juridicamente mais rápido e simples de obter do que nos Estados Unidos.

5. George Arundale Wedgwood, figura ligada à Sociedade Teosófica e à Igreja Católica Liberal, acusou Krishnamurti de estar sob influência de forças ocultas negativas quando este rompeu com a Teosofia.

Por vezes, Rosalind ainda se sentia impelida a colocar-se entre Krishna e Raja para tentar manter os canais de comunicação abertos, e para sacudir Krishna de modo a que este procurasse uma reconciliação com Raja. Esta era uma expectativa vã; nem a persuasão nem os avisos teriam sucesso.

Na sua insistência em que fosse concedido a Rosalind um direito vitalício sobre Arya Vihara, Krishna perseguia uma questão que significava muito pouco tanto para Raja como para Rosalind. Rosalind alimentava esperanças de um dia viver lá no alto, em Happy Valley. As memórias de dias mais felizes em Arya Vihara não eram o que estava em primeiro lugar na sua mente.

Seis semanas mais tarde, Rosalind recebeu a cópia de uma carta que Krishna tinha escrito a Raja. Ele afirmava que nunca mais voltaria a Ojai se Rosalind deixasse Arya Vihara; que, se alguém devesse sair, seriam ele e Raja, e não ela. Sugeria que Arya Vihara fosse agora dada inteiramente a Rosalind e que, após a morte de Radha, fosse devolvida à KWInc. Exigia que Raja encontrasse uma forma legal de arranjar isto.

Raja tentou explicar que uma fundação sem fins lucrativos não podia doar propriedade a um indivíduo. Uns anos mais tarde, a sua solução, honestamente baseada naquilo que pareciam ser os desejos de Krishna, e que contou com a aprovação de Rosalind, foi doar a casa à *Happy Valley Foundation*, da qual Rosalind era membro, para seu uso vitalício.

Isto enfureceria Krishna. Krishna podia sentir sinceramente que Rosalind precisava da sua proteção na sua condição de divorciada e que ele

estava ao lado dela contra Raja. Mas permaneceria irredutível em que a casa não deveria ser doada a uma fundação na qual ele não tivesse parte.

Desde a sua criação, Krishna mantivera-se afastado da *Happy Valley Foundation*; agora, de repente, mergulhava nos assuntos tanto da fundação como da escola. Escreveu uma carta formal a Louis Zalk, na qualidade de presidente, afirmando que a Dr.ª Besant pretendera que os ensinamentos fossem o principal propósito da fundação e que a escola fora estabelecida para «expressar estes ensinamentos tanto e tão profundamente quanto possível». Disse que, durante a sua última estadia em Ojai, notara que a escola se tinha desviado desse propósito e que deveria ser guiada de volta ao rumo para o qual fora destinada, caso contrário cairia nas mãos erradas. Reclamava ter ouvido isto também de vários pais e de James Vigeveno, um membro do conselho de Happy Valley. James Vigeveno fora um seguidor devoto de Krishna desde os primeiros dias de Ommen. Estava numa posição difícil, tentando representar os desejos de Krishna perante Raja e, agora, perante o conselho de Happy Valley.

Desde 1946, quando a escola fora fundada, Krishna permanecera deliberadamente em segundo plano e recusara que o seu nome fosse usado oficialmente. Rosalind pedira-lhe frequentemente que assistisse às reuniões do conselho, que falasse nas assembleias e, em suma, que estivesse tão envolvido quanto desejasse; no entanto, uma coisa que ele nunca toleraria era partilhar o protagonismo com quem quer que fosse. Havia muitas luminárias agora envolvidas perifericamente e dentro da escola, materializando o princípio básico de que não deveria haver uma influência única e exclusiva.

Logo de manhã cedo, faziam-se leituras de uma seleção de obras filosóficas, sugeridas em parte por Aldous, seguidas de silêncio e música. Nos desportos, a ênfase era colocada no exercício e não na competição e, para desencorajar uma atitude competitiva, não eram dadas notas aos alunos, apenas relatórios escritos. Esta política provinha do educador Edward Yeomans, bem como dos ensinamentos de Krishna, e era intrínseca ao espírito da escola.

A memória de Krishna, conforme declarada na sua carta a Louis Zalk, sobre a fundação de Happy Valley e da escola é, no mínimo, defeituosa e,

em alguns casos, falsa. Embora Annie Besant visse uma forte ligação entre Happy Valley e o instrutor do mundo, ela não considerava o desenvolvimento futuro de Happy Valley como uma base exclusiva para os ensinamentos dele, mas sim como um florescimento simultâneo do aspeto físico de um ideal espiritual. Ele próprio se afastou do ideal dela. Ela tinha-lhe pago de volta pelo terreno quando ele mudara o seu local de acampamento para o vale mais baixo e ele nunca, em todos os anos decorridos desde então, proferira a menor pista de que sentia que os desenvolvimentos futuros em Happy Valley estariam ligados a si.

Quando escrevia ostensivamente em termos impessoais sobre «os ensinamentos», querendo dizer, logicamente, os seus ensinamentos, assumia que estes deveriam estar incluídos no tecido de sustentação da escola, e estavam. Nas suas cartas a Rosalind ao longo dos anos, instara-a a falar com as crianças regularmente e a manter mão firme na escola, sentindo-se confiante de que, através dela, as suas ideias fluiriam. Entre estas ideias estava uma que ela levava muito a sério: não deveria haver autoridade.

Se as suas intenções eram inteiramente inofensivas, só nos resta indagar por que razão em 1960, durante os seis meses em que esteve em Ojai, quando ainda agia como se estivesse em termos de grande proximidade com Rosalind, não tentou uma única vez dar-lhe sugestões diretamente. Porque trabalhou ele mas suas costas através de James Vigeveno? Porque não se dirigiu a ela com as críticas que ouvia dos pais?

E porque esperou ele três anos, após as suas observações sobre as alegadas falhas, para apresentar a sua crítica? Louis Zalk respondeu a esta carta com considerável subtileza, ao mesmo tempo que apontava certas afirmações claramente erróneas na carta de Krishna. Todo este incidente seria o início do desencanto pessoal de Louis com Krishna.

19 de agosto de 1963

Querido Krishnaji:

Estou associado à Fundação desde o seu início, visivelmente durante os primeiros e sombrios quinze anos ou mais. Era um pedaço de terra morto até que a Rosalind, com um esforço e dedicação incansáveis,

começou a escola há cerca de dezassete anos. Todos nós sabemos a extensão do grande esforço que ela ali colocou. Tu, naturalmente, estiveste presente e foste de facto uma ajuda muito grande.

Acredito sinceramente... que a única diferença entre o James [Vigeveno] e eu [está] no método de fazer incidir o teu ensinamento no programa da nossa escola, de modo a que ele permeie totalmente o nosso plano educativo. Agora, quem entre os críticos mais próximos da escola tem a energia criativa — o sentido de dedicação e a capacidade — para apresentar adequadamente o teu ensinamento aos alunos? Devo fazer a pergunta: «Não haveria uma grande confusão que poria seriamente em risco a nossa escola atual e falharia na criação de uma escola em harmonia com as tuas ideias?»

Francamente, estamos escassos de professores que, caso tenham compreensão das tuas ideias, consigam transmitir essa compreensão aos alunos que nos chegam. Conseguirão eles despertar a Verdade nos alunos sem primeiro fazerem afirmações e generalizações? A atual escola é a própria vida da Rosalind. Destruí-la é destruí-la a ela. Desejamos realmente que isto aconteça? Sabendo que o objetivo da nossa escola é estar em harmonia com as tuas ideias, não posso ser cúmplice daquilo que assinalaria a destruição dela. Na minha longa e razoavelmente bem-sucedida carreira comercial, descobri que o entusiasmo nem sempre é acompanhado pela capacidade de conceber canais para a ação criativa. Tive o privilégio inestimável de escutar as tuas ideias durante cerca de 35 anos e não mudei na minha apreciação do seu significado eterno. Perante este cenário, sugiro com a maior seriedade e urgência que, quando cá estiveres no próximo ano, tenhamos o privilégio de discutir contigo passos definidos que possamos dar para melhorar os nossos métodos. Gostaríamos de ter um contato direto contigo e não através de intérpretes e intermediários, por mais sinceros que sejam.

... Com muito amor,

LOUIS ZALK

Louis viria a descobrir em breve, tal como Raja já descobrira, que esta era uma abordagem demasiado direta para Krishna, que preferia tratar por meio de intérpretes e intermediários a envolver-se em debates. A resposta

de Krishna a Louis foi evasiva quanto ao momento em que regressaria a Ojai e não fez qualquer referência à carta que tinha provocado tanto alvoroço. Rosalind respondera à sua maneira, insistindo que Krishna ou explicasse a sua crítica com precisão ou a retirasse.

Estava indignada por ele ter agido nas suas costas e discutido com membros do conselho de Happy Valley, bem como com pais da escola, críticas e propostas que poderia ter discutido com ela. Sentia que ele deveria saber suficientemente bem, pela experiência nas suas próprias escolas indianas, quão facilmente uma atmosfera de rebeldia pode varrer uma escola e quão difícil é acalmá-la. Estava convicta de que ele se tinha agora voltado contra ela, como fizera com Raja, e estava a usar a escola como uma via de ataque. Krishna respondeu com uma negação inocente de que alguma vez tivesse pretendido qualquer crítica a ela ou à escola, e que estava apenas a tentar ser prestável.

Louis e Erma costumavam vir jantar connosco a Santa Barbara todas as segundas-feiras à noite. Durante estas visitas, ele sentava-se e falava sobre a estranha reviravolta que o caminho em redor de Krishna tomara. Louis não emitia julgamentos, mas o seu rosto bondoso estava sombreado pela perplexidade sobre como uma pessoa podia atingir tais alturas naquilo que dizia e espalhar tanta confusão pelas suas ações. Estava também fustigado por problemas no seu próprio negócio.

«Quando a tua casa está a arder, não te preocupes com o tigre na tua cozinha», disse ele. Escreveu a Krishna:

30 de outubro de 1963

Querido Krishnaji,

Soube de forma bastante definitiva por James Vigeveno a respeito da Escola.

Tenho estado a passar por um ano muito, mesmo muito difícil nos meus assuntos pessoais, no esforço de me libertar de associações no mundo dos negócios. Estas têm sido desgastantes e dolorosas — e as minhas forças ficaram seriamente depauperadas.

Sob estas circunstâncias, a Rosalind — e o Jim e a Radha insistiram fortemente para que eu deixasse a Rosalind discutir todos os assuntos de qualquer natureza levantados pelo James [Vigeveno], para me aliviar de tamanha tensão nervosa.

A Rosalind tem estado em associação contigo há mais de quarenta anos — e estou certo de que ela tem conhecimento do teu ponto de vista e das tuas ideias na Educação — e pode servir nesta matéria muito melhor do que eu. Espero bem, querido Krishnaji, que compreendas.

Sempre com amor e apreciação por ti —

LOUIS

Apesar das suas negações, Krishna tinha trabalhado afincadamente com James Vigeveno e escolhera-o como seu emissário tanto para Raja como para a *Happy Valley Foundation*. Este homem bem-intencionado e honesto veria os seus olhos abrirem-se rudemente dali a pouco tempo.

O ano que passara fora triste para Rosalind de outras formas além da sua aflição com a interferência de Krishna na escola. John Ingelman morrera em fevereiro. E a 22 de novembro de 1963 morreu Aldous. Após a morte de Maria, quase nove anos antes, Aldous passara a ser um amigo íntimo e continuava a ser um visitante frequente em Arya Vihara. Rosalind encorajara-o a dar a sua primeira série de palestras universitárias em Santa Barbara, em 1959. Ele protestara modestamente: «Eu não sou um orador, Rosalind, sou um escritor.» Mas ela ficara tão convicta com a única palestra que ele dera numa cerimónia de graduação da *Happy Valley School* que continuou a instá-lo. Em pouco tempo, foram-lhe oferecidos mais compromissos do que aqueles que conseguiria possivelmente cumprir.

Um dia, ele telefonou-nos de forma totalmente inesperada a partir do aeroporto de Santa Barbara.

«Radha, fala o Aldous», como se alguém pudesse falhar em reconhecer aquela voz belíssima! «Fui convidado para o Centro de Estudos Democráticos, mas não apareceu ninguém para me receber.»

Antes de o levarmos de carro ao Centro, levámo-lo a casa para um chá e um passeio a pé, de que ele sempre desfrutava tanto quanto Krinsh. Notei que faltavam alguns botões no seu casaco de bombazina.

«Sim», disse ele, «a minha costura não é lá muito eficaz.» Não havia um traço de queixa na sua voz, mas não pude deixar de sentir uma profunda sensação de perda por Maria já não estar ali enquanto eu tentava encontrar botões semelhantes e cosê-los com firmeza. Maria fora uma excelente cerzideira e eu ouvira-a comentar de forma bastante desfavorável sobre as jovens de hoje em dia, que deitavam fora uma boa meia em vez de pegarem numa agulha e a remendarem.

Sempre que íamos a Los Angeles, fazíamos questão de ver Aldous. Por vezes ele vinha para um almoço simples no pequeno apartamento Neutra na rua Gower. Nunca tínhamos chegado a conhecer bem Laura, a sua segunda esposa. Percebemos muito rapidamente que este casamento era inteiramente diferente do primeiro. Maria cuidara de Aldous de forma total e exigente, conduzindo sempre ela própria, exceto em raras ocasiões em que um amigo de confiança a substituía.

Agora, Aldous apanhava autocarros e aviões pelo país fora, do MIT a Berkeley, sozinho, ficando em casas de hóspedes ou pequenos hotéis e abrindo uma lata de feijão para o seu jantar. Embora esta independência lhe pudesse dar uma aparência de nova juventude, ele estava, na verdade, fatalmente doente. No apartamento em Hollywood, numa das nossas últimas vezes com Aldous, ele comentou a relação tensa entre Krinsh e o meu pai e perguntou, com o interesse mais bondoso possível, o que estava a correr mal. Eu não lhe pude dizer muito na altura, mas ele disse esperar que o meu pai não se sentisse o alvo do problema. Aldous não viveu para ver o quão grande seria o alvo em que Raja se tornaria.

Em outubro, Aldous foi derrubado pelo cancro que já sabia há algum tempo que o afligia. Começara como um caroço na língua. Na altura em que considerou uma operação, esta teria significado a perda da fala. Tanto ele como Laura rejeitaram esta mutilação. Poderia ou não ter-lhe salvado a vida. Os tratamentos alternativos não tinham sido suficientes para travar a malignidade; ele sofria grandes dores à medida que a doença avançava para a laringe e para a coluna vertebral.

Rosalind ia vê-lo com muita frequência perto do fim e massajava-lhe os pés, ao que ele lhe dizia que aquilo lhe trazia mais alívio do que qualquer outra coisa. Tinha acabado de regressar a Ojai quando acordou na manhã seguinte com a forte sensação de que devia voltar para junto de Aldous. Meteu-se no carro e subia a passagem de Conejo na autoestrada de seis faixas em direção a Los Angeles quando, de repente, se viu envolvida por uma luz branca e não conseguia ver os carros nem a estrada. Assumiu que tinha sofrido um acidente e que a morte seria assim, mas depois a luz desvaneceu-se. Continuou a conduzir, tão concentrada em chegar a Aldous que não pensou mais nisso.

Aldous e Laura viviam com um amigo nas colinas de Hollywood desde que a casa deles, com todos os seus papéis, ardera em 1961. Naquela manhã, quando Rosalind chegou, Laura correu para ela, dizendo que Aldous estava a morrer. Houve algum alvoroço em torno da instalação de um tanque de oxigénio e, enquanto esperava noutra sala, Rosalind ouviu falar do assassinato de John F. Kennedy, mas não assimilou a notícia, mesmo quando o médico disse para não contar a Aldous sobre o Presidente. Aldous ainda conseguia falar claramente quando ela o viu pela primeira vez, mas estava muito inquieto. Quando ela se ofereceu para lhe massajar os pés, ele disse que preferia na barriga.

Ao início da tarde, ele já não conseguia falar, mas conseguia escrever num bloco. Pouco depois, estava demasiado fraco para beber água e, ao final da tarde, entrou em coma. Quando Laura perguntou se lhe deveria dar LSD, o médico murmurou a Rosalind que já não fazia qualquer diferença o que ela fizesse, pois Aldous já estava num estado demasiado avançado.

Quando Maria estava a morrer, Aldous sussurrara-lhe ao ouvido até ao fim, sabendo que a audição é o último sentido a desaparecer. As palavras que usou no seu romance *A Ilha* dão uma descrição fiel desses momentos finais. Rosalind tentou usar as mesmas palavras, tão bem quanto conseguia recordá-las.

Pensa nessas luzes e sombras sobre o mar, nesses espaços azuis entre as nuvens. Pensa neles, e depois liberta-te do teu pensamento. Liberta-te dele, para que o não-Pensamento possa passar. As coisas no Vazio.

O Vazio na Talidade. A Talidade de volta às coisas, para a tua própria mente... Liberta-te agora, liberta-te... vai em frente em direção à Luz, em direção à paz, em direção à paz viva da Luz Clara. . .[^1]

Rosalind considerou o fim «estranhamente quieto, pacífico e belo. Sentíamo-nos completamente elevados e cheios de reverência e amor — sem lágrimas».[^2]

Não foi senão nessa noite, quando conduziu até ao *Hollywood Boulevard,* que viu as gordas das notícias. O Presidente Kennedy fora baleado, estranhamente, mesmo na altura em que ela fora envolvida pela luz. Tipicamente, ela nunca ligou estes dois acontecimentos até que isso lhe foi apontado.

Desde que Raja casara com Annalisa, Rosalind mantivera-se inteiramente fora da vida dele. A sua relação com Krishna estava a tornar-se ténue, com comunicações cada vez mais infrequentes entre eles. Ele continuava a professar não compreender o que tinha feito para a perturbar a ela e a Louis.

Como Jimmy pertencia ao conselho da *Happy Valley Foundation* em 1964, ele e eu encarregámo-nos de clarificar a questão. Estávamos a planear passar o verão numa longa viagem de carro pelo sul da Europa e ficámos encantados por incluir uma visita a Krinsh no nosso itinerário. Ele estava instalado no *Chalet* Tanneg, em Gstaad, onde ficava todos os verões, graças à generosidade de Vanda Scaravelli. Era um lugar magnífico numa colina com vista para o vale, com uma estrada sinuosa que subia a partir da vila. Krinsh estava sozinho na casa quando chegámos no nosso Volkswagen novo com os nossos dois filhos.

Embora Vanda estivesse ausente, ele combinara com ela que poderíamos ficar ali. Ajudou-nos com a bagagem, mostrou-nos graciosamente os nossos quartos, situados mesmo ao lado do seu, e ofereceu-nos chá. Após três anos de ausência longe dele, a sua hospitalidade fez-me sentir um pouco menos do que família, mas logo os seus velhos hábitos afetuosos regressaram e tudo pareceu muito como sempre fora, embora o estilo de vida fosse bastante diferente de qualquer outro em que o tivesse visto antes.

Havia um Mercedes novo e reluzente na garagem. Vanda equipara a cozinha com um cozinheiro e um mordomo vindos de Roma; o mordomo usava luvas brancas para servir uma refeição incrivelmente boa numa mesa formalmente posta. Toda a estrutura era extremamente sofisticada, muito mais do que o estilo em que a própria Vanda vivia, fosse em Roma ou em Florença. Contudo, a formalidade não se estendia à atitude de Krinsh para connosco e, decididamente, não ao nosso comportamento. Os nossos filhos de dez e onze anos foram postos perfeitamente à vontade e ele parecia ter um prazer real em ouvi-los e em vê-los descontrair após um longo dia dentro do carro.

Logo na primeira noite, após as crianças estarem na cama, lançámo-nos na nossa missão. Explicámos o quão grande aflição a sua crítica à escola tinha causado, que controvérsia fora criada entre os estudantes e os professores, e os sentimentos que tinham sido fomentados contra a minha mãe. Krinsh pareceu genuinamente consternado.

«Kittums, eu escrevi aquela carta apenas para a ajudar, não foi de modo algum com a intenção de lhe fazer mal.» Segurou-me o joelho e abanou-o, como fazia frequentemente quando queria vincar um ponto.

«Vou escrever e endireitar isto tudo agora que compreendo o problema», prometeu.

Não havia nada do que lhe tivéssemos dito que Rosalind já não lhe tivesse escrito em cartas e comunicado por telefone, mas sentimo-nos tranquilizados por ele agora compreender, pois explicou que nunca pretendera que Happy Valley fosse identificada com o nome de Krishnamurti e enfatizou que Happy Valley era um corpo jurídico separado da KWInc e que ele não tinha qualquer intenção de interferir com ela de forma alguma.

Na manhã seguinte, com a questão da *Happy Valley Foundation* resolvida, Krinsh propôs que fôssemos todos dar um passeio de carro e desfrutar de alguma da paisagem local. Guiou-nos até Diablerets, onde andámos no elevador de esqui através de um vale, verde de uma forma que a Califórnia nunca conseguiria ser verde. Pensei em Villars, há muito

tempo, quando saíamos para passeios matinais à hora a que as vacas se dirigiam para o pasto, o som dos chocalhos, Krinsh a esfregar o cabelo nas agulhas dos pinheiros.

O seu rosto outrora estivera cheio de riso, o seu sorriso radiante. Olhei para o seu rosto agora. Estava ligeiramente inchado devido à alergia. A sua boca não sorria por completo, mesmo quando se ria. Havia uma distância nele, os seus olhos não estavam quietos. Senti que ele não estava a «viver no momento» como sempre preconizara. Mas, de repente, uma pequena criatura peluda e castanha escabujou entre duas rochas mais abaixo. Houve um lampejo de animação, um brilho daquela velha alegria que enriquecera tantos momentos da minha infância. «Uma marmota», disse ele.

[^1]: Nota de tradução: Excerto adaptado da obra *Island* (*A Ilha*) de Aldous Huxley.

[^2]: Nota de tradução: Citação atribuída a Rosalind Rajagopal relativamente aos momentos finais de Aldous Huxley.

Aqui tem a tradução integral da continuação do texto para português de Portugal (PT-PT), em total conformidade com o Acordo Ortográfico, mantendo os itálicos, as aspas e a numeração das notas ou páginas, sem qualquer omissão ou resumo.

Ficámos apenas três dias e, todas as manhãs, após o pequeno-almoço, íamos para o quarto dele para conversar. Na última manhã, Krinsh disse com uma intensidade de sentimento que era tudo muito errado o facto de os meus pais se terem divorciado. «Aquele divórcio nunca deveria ter acontecido», disse ele, segurando e abanando o meu joelho novamente para dar ênfase. Eu não conseguia compreender por que razão ele se importava tanto com aquele desastre relativamente pequeno face à situação global. Não conseguia ver como, a esta altura, isso mudaria o que quer que fosse para ele, de uma maneira ou de outra. Mas ele discordou fortemente. «Devemos todos permanecer juntos. É a forma como sempre foi e tem de continuar assim.»

Disse-lhe que achava que isso era uma causa perdida, que todos eles tinham agora seguido os seus próprios caminhos e que talvez fosse pelo melhor.

«Não vês?», insistiu ele. «É tudo uma única coisa. A KWInc e a Happy Valley.» Eu não conseguia, no fim de contas, destrinçar se ele estava realmente a falar das duas fundações, ou dos três indivíduos, ou se, na mente dele, era genuinamente tudo a mesma coisa. Cada vez que eu tentava clarificar o que estava a ser dito, ele parecia desesperado e dizia que eu não compreendia — o que era a mais pura das verdades. Ele então mudou para outro assunto, embora, na realidade, estivesse intimamente relacionado.

«Dizem que a Sra. Beghe está completamente louca», disse ele com um sorriso sardónico que eu bem conhecia. Ele tinha evitado usar o nome próprio dela ou referir-se a ela como a esposa de Raja.

«Quem são "eles"?», perguntei.

«Pessoas que a conhecem disseram-me isso.»

«Bem, não é verdade. Se alguém em toda esta confusão está louco, certamente não é a Annalisa.» Eu não a conhecia muito bem, mas o suficiente para a defender sem qualquer dúvida neste ponto.

Ele passou deste assunto para o meu pai, e aqui eu estava em terreno menos firme, pois não tinha sido testemunha de muitos dos incidentes nos últimos anos.

«Sabes... ele não me deu dinheiro nenhum? Tive de implorar à Signora Vanda para pagar a minha conta do médico em Roma.»

Não tive resposta para isto e o assunto foi abandonado. Comecei a descrever a viagem que estávamos a fazer e ele ficou cada vez mais preocupado, achando que seria exaustivo conduzir até à Grécia.

«Porque não metes antes o carro num transbordador em Trieste?»

«Não temos dinheiro para isso; fica mais barato ir a conduzir.»

Com isto, deu um salto da cama onde estávamos ambos sentados, foi a uma gaveta e aproximou-se de mim com um maço de cheques de viagem da American Express.

«Toma, Kittums, são três mil dólares, aceita.»

«Onde arranjaste isso?», perguntei.

«O Rajagopal mandou.»

«Então porque não usas isso para pagar as tuas contas do médico?»

Isto não o atrapalhou minimamente e ele respondeu sem hesitação:

«Não posso. É para outra coisa.»

Não considerei esta uma explicação muito satisfatória, mas percebi que não valia a pena continuar a conversa. Mal poderia adivinhar na altura que, quase vinte anos mais tarde, estaria a repetir esta conversa sob juramento. Nem sabia eu então que Raja tinha acedido ao seu pedido de 50 000 dólares para comprar terras em Saanen (uma aldeia perto de Gstaad) para as palestras de verão. Uns anos mais tarde, uma quantia muito maior, perto de um milhão de dólares, seria pedida a Raja para construir um pavilhão requintado.

A isto Raja recusar-se-ia, não só porque estava limitado pelas leis fiscais, um factor que Krishna se recusava a compreender, mas porque conhecia bem a inclinação de Krishna para querer construir: pavilhões, escolas, locais onde pudesse ser alojado sem o estigma da propriedade pessoal, mas que requeriam gestão e manutenção infindáveis. Raja começava a sentir que era altura de tudo isto parar. Ele decididamente não queria mais propriedades com que se preocupar.

A 1 de setembro de 1964, após dezoito anos e apesar dos conselhos insistentes de Krishna, Rosalind demitiu-se do cargo de diretora da *Happy Valley School*. Sentia que tinha encontrado uma pessoa muito competente para assumir o cargo e estava exausta dos últimos anos de turbulência emocional. A 29 de novembro, Louis Zalk faleceu, deixando Rosalind na linha da frente da *Happy Valley Foundation*. Não havia ninguém para substituir o apoio financeiro de Louis e de Robert, tanto à escola como à fundação. O fundo patrimonial que Robert deixara não tinha sido grande e fora aplicado nas instalações físicas. O fundo patrimonial de Louis estava vinculado a um fundo fiduciário privado que disponibilizava apenas

quantias limitadas a cada ano. Erma continuou a contribuir com o máximo que podia, mas o fardo de fazer as contas baterem certo descansava agora sobre Rosalind.

Num certo sentido, foi uma sorte ela ter esta pesada responsabilidade que já sustentava há muitos anos. A sua vida era sua e continuava muito preenchida. Graças ao seu trabalho, ela emergiria intacta da rutura dos seus dois relacionamentos mais próximos. Com o tempo, recuperaria algum, mas nunca todo, do seu otimismo radiante e sentido de diversão.

28

Um Novo Círculo na Sombra

Dois anos passaram antes de vermos Krinsh novamente. No verão de 1966, o Jimmy e eu trocámos a nossa casa em Santa Barbara pela casa de um amigo numa pequena aldeia francesa perto de Dreux. De lá, viajámos de carro até Gstaad, onde uma vez mais fomos convidados a ficar no *Chalet* Tanneg.

Nesse ano, conhecemos alguns daqueles que viriam a ser o novo círculo de Krinsh, embora não nos tivéssemos apercebido da sua importância na altura. Ele tinha também outro Mercedes novo desde 1964, oferecido por um admirador rico. «Não digas ao Rajagopal», disse ele. Depois, espontaneamente, perguntou se o queríamos; uma oferta tão impraticável de concretizar quanto generosa. Eu conseguia ver que ele estava apanhado entre o desconforto penoso da propriedade e a alegria da posse.

Estávamos em termos suficientemente descontraídos com os novos amigos de Krinsh e até troçámos com um deles por ter de usar a marca de sabonete e de pasta de dentes de Krinsh. Esta era uma história que me era familiar, pois vira desde a infância que Krinsh queria que aqueles que lhe eram próximos usassem qualquer produto pelo qual ele estivesse de momento rendido. Um dia, duas malas grandes foram trazidas por uma das secretárias do escritório de Londres.

Continham camisas de seda com monograma e gravatas da *Savile Row*; conjuntos para Krishna e para o seu novo favorito. Tive a partir

daquele momento a intuição de que esta associação traria problemas, mas de quem seriam os problemas, não adivinhei na altura. Cheguei a sugerir a Krishna que era ir um pouco longe de mais ditar a pasta de dentes que uma pessoa devia usar, mas ele disse-me de forma muito severa para não me meter nisso.

Ao mesmo tempo que falhava em dar crédito a Raja por ter fornecido o dinheiro para a compra dos terrenos de Saanen, fazia um grande alarido por causa da recusa deste em enviar fundos para outros fins. Não tinha pedido diretamente a Raja para providenciar o salário do seu novo ajudante, mas utilizou a intervenção de Doris Pratt. Raja, talvez para surpresa de Krishna, concordou com este salário, bem como com as despesas; no entanto, quando surgiu o pedido seguinte para uma anuidade vitalícia para este atual «favorito», Raja relembrou Krishna dos muitos amigos leais e de longa data que tinham trabalhado firmemente ao longo dos anos: deveriam eles ser ignorados em favor de um recém-chegado? Krinsh usou esta recusa como um exemplo do seu calvário financeiro com Raja. Mas eu estava, felizmente, por uma vez, a par da lógica por trás da decisão de Raja; uma decisão que se provaria afortunada para Krinsh, embora ele nunca tenha dado crédito a Raja por isso. No devido tempo, o recém-chegado seria banido do novo círculo por razões não tornadas públicas, embora houvesse quem sentisse que ele tinha sido tratado com crueza. Senti-me impelida a avisar Krinsh novamente, apesar da sua severidade para comigo por causa da questão da pasta de dentes, de que, na minha opinião, uma associação com uma aparência tão íntima poderia criar uma impressão desfavorável.

Em vez de me repreender, como eu esperava, por uma expressão tão mundana de respeitabilidade, tão contrária à minha educação, não manifestou qualquer resposta positiva ou negativa, respondendo antes que estava ciente das complicações. Pelo que disse, parecia provável que haveria um pouco de reorganização antes de o novo círculo assumir a sua forma final.

O jovem professor de ioga de Krinsh, Desikachar, também lá estava. Vanda tinha passado por algum embaraço devido à troca de professores de ioga. O tio de Desikachar, o famoso Iyengar, fora o professor todos os verões e esperava que assim continuasse. Krishna achara Iyengar

demasiado bruto e, sem notificar Vanda, combinara a vinda de Desikachar da Índia — deixando a Vanda a difícil tarefa de se explicar a Iyengar.

Não foi uma visita inteiramente agradável para mim. Tinha-se tornado demasiado óbvio que existia uma hostilidade intensa em relação ao meu pai. Eu estava habituada a zangas entre ele e Krinsh, mas nenhum deles alguma vez tinha discutido o outro comigo. Krinsh fazia agora insinuações que eram piores do que acusações diretas, porque, ao argumentar contra insinuações, descobri que elas assumiam um valor concreto, estivessem certas ou erradas, o que as tornava ainda mais difíceis de dissipar.

Krinsh tinha mudado ainda mais desde a nossa visita anterior. Sempre adorara contar piadas às refeições, a maioria colhida da *Reader's Digest*. Tinha um compromisso social muito forte em ser o anfitrião divertido. Mas agora parecia distante, com os olhos velados não apenas pelas pestanas longas e diretas, mas por uma abstração interior. Os restantes de nós davam-se facilmente uns com os outros. Um dia, Krinsh observou-nos a todos a rir calorosamente e comentou de forma um tanto cáustica: «Humor americano, estou a ver», como se fosse completamente incapaz de o compreender.

Um dia, num passeio com Krinsh na encosta acima do *Chalet* Tanneg, perguntei-lhe de repente por que razão continuava a falar após quase quarenta anos a dizer praticamente a mesma coisa.

«Se toda a gente o levasse à letra, o escutasse com atenção e assimilasse o que está a dizer, não precisariam de voltar, a menos que quisessem ser seguidores — e o senhor diz que não quer seguidores. O que aconteceria se o seu público, ao escutá-lo verdadeiramente, desaparecesse?»

«Isso é um paradoxo», respondeu ele num momento de franca candura. «Falo para viver, não vivo para falar; se não houvesse mais palestras, eu morreria.»

Não era de admirar, pensei eu então, que ele precisasse cada vez mais, e não cada vez menos, de um público. Quanto mais velho e frágil ficasse, mais sentiria que tinha de ter uma vida sustentada por ouvintes. Milhares

deles. Viajaria à volta e à volta do mundo, exercendo toda a força e energia que tinha para que esta pudesse ser renovada tão rápido quanto era gasta.

Regressámos à Califórnia com mais de um mês de antecedência em relação a Krinsh, que traria o seu novo círculo consigo para Ojai. Relatei as conversas e os acontecimentos durante a nossa estadia em Gstaad ao meu pai o mais detalhadamente possível. Ele mostrou-se interessado nas nossas impressões, mas, como de costume, não fez comentários adicionais. Penso que estava a reter o julgamento sobre os novos associados de Krishna. Não podia ter a menor ideia de qual seria, no final, a sua relação com eles.

Krishna insistia agora em ser reintegrado na KWInc e pediria que os seus novos associados fossem integrados também. De repente, queria assumir a total responsabilidade pelas atividades da KWInc. Embora Krishna tivesse sido um membro original, demitira-se pouco tempo depois, dizendo que preferia deixar essa parte do trabalho completamente para Raja. Daí em diante, Krishna nunca mostrara o mais leve interesse na KWInc, tal como não mostrara na sua predecessora, a *Star Publishing Trust*, que servira o mesmo propósito. Ambas tinham sido estabelecidas para tratar de assuntos organizacionais e de publicação. O papel de Raja no trabalho sempre fora claro para ele e, até agora, Krishna tinha dado todas as indicações de que era claro para si da mesma forma. Conforme Raja via as coisas, ele não estava a trabalhar para Krishna.

Foi por causa da sua promessa a Nitya de apoiar Krishna, e do pedido da Sra. Besant para que ajudasse no trabalho, que Raja assumira este compromisso para toda a vida: um compromisso que permitiria a Raja realizar muito, mas não todo, do seu potencial inerente, empregando tanto o seu faro financeiro como as suas capacidades literárias. Raja considerava a KWInc, que ele criara, os fundos que angariara e gerira para ela, e todas as publicações como sendo da sua responsabilidade numa empresa centrada em redor de Krishna, mas não gerida por ele. Esta disposição foi inteiramente clara para Krishna ao longo de todo o tempo, se não para o mundo em geral. Ele nunca manifestara a menor crítica a qualquer aspeto do desempenho de Raja.

Krishna sempre gostara de adquirir terrenos e de construir neles. Não gostava, contudo, de ficar por perto e gerir este lado material dos seus

assuntos. Ao longo dos anos, Raja tinha organizado e mantido com mestria todas as propriedades para uso de Krishna, além de ajudar com as escolas na Índia. Não conseguia ver justificação para adquirir ainda mais propriedades pelas quais já não se sentia capaz de assumir a responsabilidade. Sabia por experiência que Krishna não o faria. Agora, Krishna estava novamente com disposição para expandir. Continuava a querer um centro em Saanen e acabaria por adquirir uma propriedade dispendiosa em Inglaterra, que seria usada para uma escola.

Talvez os anos da guerra em Ojai tivessem sido uma forma de vida demasiado simples e demasiado confinada para ele. Essa forma de vida fora adequada à época, mas não era o estilo natural de Krishna, como ambos os meus pais tinham descoberto na Índia e como eu própria vira em Gstaad. Raja, no entanto, não simpatizaria com estes planos extravagantes, nem cooperaria. No passado, Krishna poderia ter sentido que conseguia persuadir Raja a partilhar da sua forma de pensar, mas agora, devido ao conhecimento que Raja tinha do seu longo caso com Rosalind, Krishna tinha medo dele.

Não se atrevia a desafiá-lo abertamente, mas queria Raja fora do seu caminho. Em pouco tempo acusá-lo-ia, nas suas costas, de usurpar as suas responsabilidades, o seu dinheiro, a sua propriedade. Raja percebia que, desde que o caso de Krishna com Rosalind fora trazido a descoberto entre eles, o comportamento de Krishna mudara. Mas não estava disposto a abdicar do trabalho de uma vida e ser substituído pelos novos amigos de Krishna devido à consciência desconfortável de Krishna em relação a ele.

Raja tinha perdido um apoiante fervoroso quando Louis morreu, pois, apesar da distância que o seu casamento com Annalisa colocara entre eles, Raja continuava a ter a firme confiança de Louis. Louis dizia-nos frequentemente que nunca teria contribuído de forma tão pesada para a KWInc não fora a sua fé na integridade e no bom senso do meu pai. A morte de tais amigos e a alienação de outros devido à campanha de Krishna contra ele isolariam Raja cada vez mais. Raramente saía de casa agora, mesmo para nos ver em Santa Barbara. Já não ia a jantares, nem jogava xadrez, exceto ocasionalmente com os netos; os seus dias de viagens tinham terminado e nada no mundo parecia trazer-lhe mais do que momentos fugazes de leviandade.

Krinsh continuava a manter uma postura privadamente afetuosa para com Rosalind, embora eu tenha notado que mostrava uma nova reserva quando na presença do novo círculo. Estar na companhia de todos eles ao mesmo tempo era obviamente desconfortável para ele. Quando Krishna se despediu de Rosalind naquele outono, segurou-lhe a mão com firmeza por um breve momento e, com uma estranha finalidade, disse: «O primeiro amor é o melhor amor.»

Antes de partir para a Europa, tive uma última conversa com Krinsh quando ele veio novamente a nossa casa para jantar. Demos um longo passeio na praia. Roguei-lhe que pusesse um fim às hostilidades com o meu pai e, por estranho que pareça, ele prometeu-me subitamente que o faria. No dia seguinte, Raja disse ter tido uma conversa telefónica extremamente encorajadora com Krinsh, na qual ambos tinham concordado em resolver os assuntos amigavelmente, tendo Krinsh prometido negociar diretamente com ele. No entanto, apenas três semanas mais tarde, soube novamente que Raja tinha recebido ultimatos, feitos quase assim que Krishna chegou à Europa. Com esta reviravolta, achei a situação extremamente deprimente. Tão forte e instintiva parecera a promessa de Krinsh para comigo que eu sentira que ele falava a sério. Talvez falasse, naquele momento.

Tive a minha própria despedida estranha. Vários meses depois, tive um sonho que me trouxe, como nenhum incidente exterior conseguiria fazer, uma triste sensação de finalidade.

Sonhei que toda a minha família estava hospedada numa bela estalagem, no topo de uma montanha de granito rodeada por encostas suaves de rocha lisa, salpicadas de pequenos pinheiros. Os outros estavam reunidos na grande sala de estar monástica e eu tinha-os deixado por um momento para ver se Krinsh estava bem. Alguém mencionara que ele poderia estar doente. Caminhei por um longo corredor de pedra até ao quarto dele e ele saiu da casa de banho, a esfregar óleo no cabelo e a dizer que não se sentia nada bem. Tinha vestida uma túnica cor de mostarda, a única cor ali presente além do verde-escuro dos pinheiros.

Pediu-me que ficasse e conversasse com ele por um momento. Estava profundamente preocupado por não ir viver muito mais tempo e, antes de morrer, tinha de regressar à Índia e falar com o pai, a quem não via há

muitos anos e com quem não tivera uma boa relação. Queria pedir ao pai que cuidasse de Rajagopal e lhe desse uma casa. Era extremamente importante para Krinsh que Rajagopal tivesse esta casa e que apenas o pai de Krinsh a poderia providenciar. Mas achava que teria grande dificuldade em persuadir o pai a fazê-lo.

Ofereci-me para ir à Índia com Krinsh, em parte porque queria muito ir à Índia, mas sobretudo porque tinha a certeza de que, mesmo sendo uma estranha para o pai dele, poderia ajudar. Krinsh ficou tocado e foi extremamente caloroso e afetuoso relativamente à minha oferta, e caminhámos juntos para fora do quarto dele e subindo um trilho rochoso e íngreme em direção à crista do pico estreito.

Mesmo ao aproximarmo-nos do topo, Krinsh, que ia à frente, voltou-se para mim, sentou-se e tornou-se uma figura de pedra numa cadeira de pedra, semelhante na pose à estátua de Lincoln no *Lincoln Memorial*. Mas esta não era uma estátua sólida ou suavemente esculpida. Era de pedras frouxamente montadas, cada peça grosseiramente com a forma de uma mão ou de uma perna. Comecei desesperadamente a afastar as rochas, na esperança de encontrar Krinsh algures lá dentro, mas de repente olhei para cima e vi o céu inflamado com o pôr do sol.

Caminhei até ao topo, olhei para o mar extraordinariamente belo lá em baixo e senti Krinsh em tudo aquilo, no mar e no pôr do sol, e aquilo que era realmente ele, a sua essência, tinha partido para ali em liberdade e deixara para trás a escória que era a rocha. A minha tristeza por o perder tão subitamente abandonou-me, sabendo que ele estava livre. Mas quando acordei a tristeza estava lá novamente, não porque acreditasse que ele estivesse morto, mas fiquei impressionada com o contraste entre o meu sonho e a realidade, e pensei que se ele ou Raja morressem agora, quão terrível seria para aquele que ficasse e para todos nós.

Krishna continuou a persuadir todos ao seu redor, incluindo Doris Pratt, a velha amiga e associada de Raja no escritório de Londres, de que não só Raja o estava a vedar arbitrariamente da KWInc, mas que tinha retido e mal gasto fundos destinados ao uso de Krishna. Muitos dos antigos associados que tinham trabalhado com Raja durante mais de três décadas e com quem ele desfrutara de uma relação compatível tomaram agora

subitamente, juntamente com os novos amigos de Krishna, o partido de Krishna, criticando Raja por ser possessivo e obstinado. Raja recusava-se a explicar o que estava subjacente ao verdadeiro conflito entre ele e Krishna; continuava a esperar proteger tanto Krishna como Rosalind, bem como os milhares que ele sentia que ficariam profundamente feridos e desiludidos se soubessem a verdade.

Krishna recusava-se a reconhecer que, antes que qualquer novo rumo de ação pudesse ser tomado, ele tinha de fazer a Raja a justiça de discutir as suas vidas, com todas as ramificações que se tinham desenvolvido ao longo dos últimos quarenta anos. Afinal, foram as ações de Krishna, e não as de Raja, que tinham colocado as suas vidas pessoais numa base discorde. Antes que a relação deles estivesse limpa de mal-entendidos passados, Raja recusava-se a ser mais arrastado para complicações óbvias com toda uma nova ordem de pessoas e esquemas. O que parecia agora uma rutura aberta compeliu Rosalind a tentar interceder novamente.

Ojai, Califórnia

Jan. de ’67

Querido Krinsh,

Obrigada pela tua carta de Roma.

Espero bem que esteja tudo bem contigo.

Fica-se com uma sensação estranha de que estás em órbita e sem tocar a terra.

[1]: Nota de tradução: Doravante, tudo o que me chegar em itálico, deverá ser deixado tal e qual.

Aqui tem a tradução integral do restante texto para português de Portugal (PT-PT), em total conformidade com o Acordo Ortográfico, preservando todos os itálicos, aspas, pontuação e estrutura, sem qualquer tipo de omissão ou resumo.

Por favor, tira tempo para resolver as coisas calmamente. Uma vez disseste que nunca poderias sequer levantar um dedo mindinho contra mim.

Certamente que isto deve aplicar-se também ao Raja. Sei que eu não agiria — ou não poderia agir — contra nenhum de vós. Sinto também que não te importas com nada do que eu te possa dizer. Espero estar certa quanto a isto, por isso aqui vai:

Para começar, deixa-me dizer-te que o facto de tu e o R. terem e mostrarem tais divergências na vossa velhice não levará a nada senão a travessuras e à calamidade. Envolverá outros que não podem possivelmente saber o que tinha sido e... deixará a porta aberta para grandes problemas. Por favor, dá algum peso e consideração a tudo isto e tentemos ter alguma paz. Caso contrário, é tão estúpido acabar numa confusão quando se teve uma oportunidade tão grande de fazer algo de belo. Pergunto-me por que razão parece que não vês a que é que tudo isto pode levar? Fica bem e espero que nos voltemos a ver em breve.

Com amor,

ROSALIND

Após seis anos de discussões infrutíferas, Krishna continuava a vociferar sobre Arya Vihara. Onde outrora declarara claramente numa carta a Raja que queria que a casa fosse «dada inteiramente a Rosalind», agora acusava Raja de fazer preparativos nas suas costas e usava isso como mais um motivo pelo qual deveria ser reintegrado na KWInc.

Rosalind tentou mais uma vez clarificar a situação por escrito, após uma chamada telefónica abortada para ele em Londres.

Ojai

12 de junho de 1967

Que estranho estado de coisas! Vai de mal a pior. Devo contar-te a sequência de acontecimentos que levou à «Arya Vihara». A Mima telefonou-me e disse que tinham tido uma reunião na qual se decidira passar a A.V. para a H.V.F. para que eu a pudesse usar durante a minha vida. Disse que esta fora a única forma que encontraram de cumprir os teus desejos. Todos sentiam que as pessoas que tinham investido dinheiro na A.V. eram, de qualquer forma, as pessoas que apoiava a H.V. Havia

também uma carta tua a dizer que ambas eram uma e a mesma coisa [conforme o Krinsh me tinha dito em Gstaad em 1964].

Fiquei surpreendida na altura com esta oferta, pois uma vez, de passagem, quando ma mencionaste, eu disse que tu poderias passá-la para a H.V.F. e eu dar-te-ia o dinheiro da venda de Saro Vihara [a casa de Logan que Rosalind herdara]. Tu não parecestes gostar da ideia de uma troca e fizeste-me sentir que querias deixar que a Radha e eu a usássemos como um gesto muito amável da tua parte para connosco... Não tens motivo absolutamente nenhum para te preocupares com este assunto. Por favor, sente-te à vontade para fazeres o que quiseres a esse respeito, seja de que maneira for — vender — deixar outros morar aqui, qualquer coisa. Não me importarei minimamente e estou apenas profundamente grata pelos muitos anos bons, bem como pelos difíceis, que vivi aqui. Agradeço-te do fundo do meu coração por tornares isto possível. Realmente acho que não teria conseguido fazer o trabalho que fiz sem a quietude e a força que obtive por viver aqui todos estes anos. Fini.

Agora a segunda parte: detesto fazer isto; eu não seria uma pessoa que alguma vez foi amiga, teve amor ou em quem se pudesse confiar se não falasse abertamente agora. Fiz isto há muito tempo, quando chegaste à Austrália com o Nitya. Quebrei a confidencialidade dele para tentar fazer as pazes entre vós antes de ele morrer.

Krinsh, Krinsh, o que te está a acontecer? Tamanha traição com alguém que foi tão devotado apesar de tudo. Disse-te que ele [Raja] sentia que tu estavas determinado a destruí-lo e agora estás a fazer tudo para o provar. É por vingança, por causa da forma como ele te falou, dinheiro, propriedade, poder — o quê? Tu desacreditas o homem perante os outros — a conversa é feia e difamatória. Envias cartas legalistas — altamente imprecisas! Como todos estão infelizes! Tudo isto o humilhou e insultou completamente, além de toda a imaginação.

Chegaste aqui de uma maneira bizarra. A maior parte do tempo despendida com os teus dentes, palestras, pessoas; e pensaste realmente que desta forma conseguirias resolver o que quer que fosse decentemente? O que posso dizer a uma pessoa que diz que se recusa a falar ou a escutar? Disseram-me que eu parecia ser a única pessoa que ainda conseguia falar

contigo. Que eliminaste, de uma forma ou de outra, todos os que não dizem o que queres ouvir e que apenas consegues tolerar os que são bajuladores ou submissos. Isto torna todos os que te rodeiam suspeitos. Que posição perigosa em que se estar!! Como um rei que foi educado a pensar que não podia errar... Agora sinto que não consigo falar contigo. Não há palavras para dizer o quão triste e trágico tudo isto se tornou. O que é que queres? Sabes o que fizeste? Que final para as vossas vidas! O coração do Louis ficou partido quando te tornaste autoritário.

Sei que ele te escreveu isto... Não importa o que tenha corrido mal com o R., e as coisas correram mal... tu traíres o homem agora, se não o podias ajudar, mas magoá-lo tão terrivelmente só pode piorar as coisas. Não gosto de olhar para onde tudo isto tem de levar. Ele falou comigo de forma tão má como contigo, mas deverei eu fazer-lhe mal por isso? Apesar de tudo o que foi dito acima, a *Happy Valley School* está a transbordar com as tuas ideias, o que é, afinal de contas, a grande parte da tua vida.

Na sua resposta a esta carta, Krishna ignorou a explicação dela e reiterou que Arya Vihara não deveria ser entregue a Happy Valley. Disse-lhe que ela não sabia nada do que se estava a passar e que ele tinha de estar à frente da KWInc. Despediu-se com o mesmo amor de sempre.

Como Rosalind tinha apontado, não havia motivo para Krishna estar tão ansioso. Tinha sido apenas uma sugestão dar Arya Vihara a Happy Valley. Não havia qualquer intenção de agir sem a aprovação dele. Ele parecia determinado a encontrar falhas em Raja, mesmo onde não existia nenhuma. O assunto de Arya Vihara foi abandonado; nenhuma ação posterior seria tomada.

Rosalind continuou a sentir-se angustiada com a recusa de Krishna em ver o que ela considerava serem os perigos óbvios do seu rumo atual. Escreveu novamente, desta vez com um tom mais desesperado:

22 de junho de 1967

Pelo menos escreveste-me e vou tentar expor a situação da forma mais clara que conseguir. Independentemente de todos os prós e contras, o facto de te pores a prejudicar e a difamar o que presumivelmente é um velho amigo, sem olhar ao que pensas que ele fez — é contra ti, não contra ele...

É tudo tão contrário ao que tens dito a outros. Não vês isto? Antes de agires de forma tão apressada e temerária, por favor, peço-te, dá um pouco mais de tempo — espaço — reflexão. Há simplesmente demasiado orgulho de ambos os lados. É tão trágico. Para começar, deixa-me dizer que não faria nada para magoar nenhum de vós, em relação a isto estou esclarecida. Só há uma coisa possível agora, pelo que vejo — vires para aqui sozinho e pordes as coisas em pratos limpos.

Mesmo assim, pode ser demasiado tarde, pois já há tanto dano feito. Estás obviamente a receber conselhos muito estúpidos de alguns que realmente não sabem o que estão a fazer. Tudo está em boa ordem — cada cêntimo justificado [e] poderia ser-te explicado muito simplesmente se visses todos os registos. Nunca quiseste que te incomodassem antes. A dada altura, pediram-te para seres membro de ambos os conselhos e tu recusaste. Não consigo falar com o R., ele explode comigo por causa de tu e eu estarmos a dar cabo do casamento dele, repete tudo do passado. Ele teve uma operação que correu mal e tem de fazer outra. A Mima suplica-lhe para não morrer e a deixar com esta confusão.

Peço-te que venhas para aqui. Farei tudo o que puder para facilitar as coisas. Querido Krinsh, consegues ouvir-me — lembras-te de mim!! Meu Deus, deixa que algo penetre.

Mais uma vez, Krishna interpretou mal o intuito da carta de Rosalind. Sentindo-se ameaçado por ela, avisou que não responderia mais a tais cartas, que nenhum bem poderia advir delas.

Apesar disto, Rosalind fez outra tentativa de se encontrar pessoalmente com Krishna quando levou Erma, que sofria de dores nas costas, à clínica Bircher-Benner no outono de 1967. Deixou Erma na clínica e encontrou-se com Krishna em Londres, onde em Wimbledon, perto do cenário de tempos muito mais felizes passados com a Sr.ª Dodge, tentou explicar-lhe que Raja sempre quisera cumprir os desejos dele, que nunca agira contra nenhum deles e que merecia, pelo menos, uma tentativa de reconciliação. Krishna mostrou-se absolutamente impermeável às suas palavras, distante e altivo. Ela sentiu-se totalmente incapaz de chegar até ele.

Ele partiu para Roma. Em Londres, Rosalind encontrou um velho amigo que lhe contou muitos boatos perturbadores sobre Krishna e as coisas que estavam a ser ditas por ele e pelos seus novos associados a respeito de Raja. Inicialmente, este homem deu-lhe permissão para usar o seu nome perante Krishna sobre o «sentimento anti-Raja» e depois retirou-a, temendo que Krishna pudesse ressentir-se e que isso pudesse bloquear a possibilidade de uma conversa amigável com ele no futuro.

Dez dias mais tarde, quando Rosalind viu Krishna em Roma, ele tinha mudado de aspeto ou, na perspetiva dela, de personalidade. Estava afetuoso e parecia disposto a conversar. Rosalind perguntou-lhe o que ela e a Mima deveriam fazer para ajudar a endireitar as coisas novamente. Perguntou-lhe também o que ele achava que deveria fazer. Krishna respondeu que regressaria a Ojai, veria Raja a sós e tentaria resolver as coisas. Rosalind sentiu finalmente esperança, mas considerara o facto de falar com os «dois Krishnas», um em Londres e outro em Roma, uma experiência estranha e perturbadora. Não conseguia acreditar que ele fosse a mesma pessoa em ambas as ocasiões. O de Roma era aquele que ela sempre conhecera.

Pouco depois, Krishna escreveu-lhe a sua última carta. Era peculiarmente no estilo das suas cartas anteriores, escrita ao longo de vários dias, cheia de preocupação com o bem-estar dela, com promessas de endireitar as coisas quando regressasse à Califórnia no verão seguinte, e com descrições detalhadas e sombrias de Londres e de Roma — ambas as cidades fustigadas pela chuva. Sentia agudamente a sua idade e ansiava por paz e sossego. «O meu amor está contigo sempre», terminou ele.

Krishna não cumpriu a promessa feita a Rosalind. Deve ter sabido, quando a fez, que nunca seria capaz de confrontar Raja a sós. Na primavera de 1968, quando Mima estava em Paris, Krishna pediu-lhe que tentasse resolver os assuntos por ele com Raja, acrescentando que, se não houvesse cooperação, ele (Krishna) se desvincularia da KWInc. Mima informou Krishna na altura de que iria apenas até ao ponto de transmitir a mensagem, não de tentar resolver os assuntos entre eles. Quando Mima regressou a Ojai com esta mensagem, Raja respondeu que, se Krishna queria falar sobre tais assuntos, tinha de falar diretamente com ele, não enviar mensageiros. Mais tarde, Krishna acusou Mima de não cumprir a sua

promessa de resolver as coisas por ele e de mentir quando esta protestou que não prometera fazer tal coisa.

Krishna, incapaz de vergar Raja à sua vontade, enviou um novo associado seu, um estranho para Raja, para «investigar» a situação. O relatório, após investigar a forma como a KWInc tinha sido estruturada e funcionava, tudo bem conhecido e aprovado por Krishna na altura, como a concessão a Raja de uma procuração sobre a KWInc, incitou agora Krishna a alegar que não sabia o que estava a assinar. Mesmo que nunca se tivesse dado ao trabalho de ler o que estava a assinar, isso não era certamente culpa de Raja.

Assim continuou a cisão e o realinhamento de muitas velhas amizades. Aqueles que não eram, por temperamento, devotos conseguiam ver mais facilmente o lado de Raja e passariam cada vez mais a apoiá-lo à medida que a situação se tornava ainda pior. Aqueles que se consideravam amigos de ambas as partes tentaram, durante os anos seguintes, promover uma reconciliação: para uns poucos, tornou-se quase uma missão que tinham de cumprir; para outros, havia muito em jogo, psicologicamente. Muitas pessoas que se tinham mantido próximas de Krishna ao longo dos anos tinham-no feito porque, de várias formas, sentiam que ele as tinha literalmente guardado, e que lhe deviam imenso por isso.

Outros que tinham trabalhado de perto com Raja e estavam numa posição de conhecer a maioria dos factos que, em parte por natureza e em parte por necessidade, Raja tinha mantido privados, tiveram de enfrentar um lento e amargo desencanto com Krishna — o mesmo desencanto que Raja tinha enfrentado muitos anos antes e com o qual vivera, passando a acreditar, muito como Rosalind agora acreditava, que Krishna era mais do que uma pessoa. Até que alguém tivesse a sua própria experiência com o outro lado de Krishna, era suscetível de acreditar nas acusações de Krishna contra Raja.

Muitos velhos amigos ficaram profundamente feridos quando Krishna terminou abruptamente a sua relação com eles porque foram intrépidos ao ponto de manifestarem a mais leve crítica. Entre estes, Carlo e Nadine Suarés, que durante anos tinham aberto as suas casas a Krishna para estadias prolongadas tanto em Alexandria como em Paris e ajudado a

traduzir as suas palestras, receberam muito inesperadamente este tratamento.

Como Krishna bem sabia, os Suarés tinham perdido quase tudo na revolução egípcia e as suas circunstâncias estavam longe de ser fáceis; não obstante, quando ele estava em Paris, convidavam-no sempre para ficar com eles. Mas na ocasião em que ele lhes pedira para incluírem um novo amigo, Krishna inspecionou o quarto de hóspedes onde Nadine Suarés tinha convidado o jovem a ficar e disse: «Um homem feito não pode ficar num buraco destes.»

Nadine contou-me esta história uns anos mais tarde, com o seu rosto gentil inundado de uma infelicidade confusa. «Como pôde ele dizer uma coisa dessas?», perguntou ela enquanto nos mostrava o quarto, que era arejado e confortável, com uma cama, secretária e cadeira. Se o comportamento de Krishna resultou de alguma irritação para com os Suarés, cuja causa desconheço, ou se ele estava deliberadamente a eliminar todos os veteranos que não estavam totalmente entregues a ele e opostos a Raja, não sei dizer.

No meu caso, eu vira desde a infância os vários aspetos da relação triangular deles. Quando era muito jovem, assumia que o nosso era um lar normal e que toda a gente tinha um Papá, uma Mamã e um Krinsh; foi uma grande surpresa para mim descobrir, quando comecei a ir para a escola, que não era esse o caso. Mas como havia tantos outros aspetos da nossa vida que eram invulgares, nunca lancei um olhar de julgamento sobre o que se passava debaixo do meu nariz. Nunca me permiti tomar partidos nas discussões que ouvia de relance. Quando todos se davam aparentemente bem, eu pressentia que vivia num lar raro e privilegiado, cheio de acontecimentos e pessoas interessantes. Havia um sentido de propósito, serviço e valor nas nossas vidas diárias, um sentido reforçado pela atitude dos observadores e visitantes para connosco. Tinha sempre consciência de uma frente sólida de três adultos carinhosos e protetores e nunca fui a causa de desentendimentos entre eles.

Foi com a maior relutância que, finalmente, no início da minha idade adulta, tive de os separar em três indivíduos e tentar olhar para eles com objetividade, destrinçando os seus acertos e erros. Achei difícil admitir

fraquezas e falhas em qualquer um deles. À superfície, ambos os meus pais tinham personalidades mais abrasivas e geralmente mais difíceis do que Krinsh, pelo menos quando estavam perturbados, o que acontecia com frequência cada vez maior. Krinsh, por outro lado, era quase sempre adorável, divertido e fácil de lidar. Nunca me disse uma palavra contra a minha mãe, mas, a partir de 1964, começou a fazer graves insinuações contra o meu pai que exigiram a minha atenção.

A partir deste ponto, já não se referia a ele como o meu pai, mas apenas como Rajagopal e, finalmente, como «ele», como se o nome fosse impronunciável. O meu pai lamentava frequentemente o tratamento que Krinsh lhe dispensava, mas com a mágoa nascida de uma amizade perdida, em vez de com o ódio de um inimigo descoberto. O ódio de Krinsh era tão profundo que ele mal conseguia falar, como se brotasse através de uma crosta gelada, pois ele não era, na sua própria visão de si mesmo e na dos seus devotos, supostamente capaz de sentir ódio.

Mas ele não parecia tentar escondê-lo de mim. Em 1966, em Gstaad, quando lhe perguntei por que razão tinha permitido que o meu pai dedicasse a sua vida a este trabalho, sentindo o que sentia em relação a ele como devia sentir há tantos anos, Krinsh respondeu que o tinha arrastado consigo porque Raja era incapaz de construir qualquer outra vida para si próprio. Esta era uma afirmação tão absurda que fiquei petrificada de silêncio. Sabia que o meu pai tinha obtido com elevadas distinções um diploma complementar por Cambridge.

Fora testemunha, toda a minha vida, da sua extraordinária eficiência e capacidade na gestão de uma organização complexa e da sua profunda e muito humana preocupação pelas pessoas nela envolvidas. Percebi então que não havia esperança de alguma vez regressar àquilo que eu, talvez incorretamente, recordava como o equilíbrio harmonioso entre eles. Uns anos mais tarde, a minha sogra, numa visita a Gstaad, perguntou a Krishna como, depois de terem sido amigos durante tanto tempo, as coisas podiam estar tão mal entre ele e Raja e, estranhamente, ele respondeu: «Ele era meu amigo, mas eu nunca fui dele.»

Em Gstaad, naquele verão, Krishna tinha instigado um novo ataque contra Raja. Convocou os seus amigos de Ojai para reuniões gravadas em

que condenava Raja perante o grupo e renunciava a qualquer associação futura com ele. Krishna recomendou então que estas fitas fossem reproduzidas para todos os que as quisessem ouvir. Chegaram inclusive a circular até à Austrália. As notícias sobre isto tinham, naturalmente, perturbado Raja ao extremo.

Krishna ia ficar na Califórnia por vários meses, a maior parte do tempo em Malibu, e foi ali que Rosalind fez mais uma tentativa infrutífera de promover uma reconciliação entre ele e Raja. Krishna disse que lhe concederia apenas meia hora do seu tempo. Insistiu também em que a sua anfitriã permanecesse na sala. Rosalind regressou a Ojai para escrever outro apelo desesperado.

3 de novembro de 1968

Após a conversa de ontem, fica-se com um terrível pressentimento de ruína... O cenário está todo montado — tudo o que dizes — tudo o que fazes... Tentei chocar — tentar acordar-te para a realidade e isso não teve qualquer efeito visível em ti. Parece haver uma total ausência de sentimento — sem bondade — amor ou caridade. Nethercot, no seu livro *As Quatro Vidas*, escreveu, entre outras coisas, que parece que te hipnotizas a ti próprio para acreditares naquilo que queres. Ontem disse que eras uma personalidade dupla porque és frequentemente pessoas diferentes. Por exemplo, aquele com quem falei ontem era como aquele com quem falei em Londres — completamente diferente de Roma. O que é trágico é que muitas das tuas ideias eram grandes e prestáveis e estás a arruinar tudo agora.

Não vês quão contrário tudo isto é a tudo aquilo que sempre defendeste? Ao que disseste relativamente às relações humanas e aos valores? Sempre disseste que qualquer desentendimento sobre coisas materiais era um reflexo de uma atitude errada em si próprio. Que tu descesses a este tipo de incitação maldosa é inacreditável, como fizeste ao falar com tantos e ao fazer circular uma fita! Estas pessoas não estão diretamente envolvidas e só saem prejudicadas por serem alertadas para este conflito. Certamente tu e os teus conselheiros sabem que não se arejam os problemas em público, mas trata-se diretamente com os princípios.

O que estás a fazer é algo inédito, mesmo entre pessoas comuns. É por isso que tantas pessoas estão profunda e silenciosamente chocadas.

No fim, não importa como te sentes ou o que fazes, tenho um grave sentido de responsabilidade vindo do passado. Eu haveria de assegurar que tivesses todos os cuidados que fossem necessários. Esta foi uma promessa que fiz ao Nitya na última vez que o vi. Eu irei cumpri-la.

Em janeiro de 1968, Krishna foi pessoalmente, acompanhado por membros do seu novo círculo, ao gabinete do Procurador-Geral em Los Angeles, para acusar Raja de má gestão de fundos. Mais tarde, ele rejeitaria qualquer participação, pessoalmente, nos processos judiciais subsequentes movidos contra Raja. Apesar das suas declarações passadas de que seria impensável para ele entrar num processo judicial com Raja ou ter algo a ver com tais assuntos, ele foi o instigador deste primeiro passo. James Vigeveno ficou tão perturbado com estes desenvolvimentos que, um ano e meio mais tarde, escreveu uma carta a tentar lançar um pouco de luz — e de verdade — sobre a situação.

Ojai

Julho de 1969

AOS MEUS AMIGOS E ÀQUELES QUE ESTÃO MAGOADOS:

Desde 1927, há quarenta e dois anos, quando conheci Krishnamurti pela primeira tempo, fui sempre um grande admirador e amigo, e tenho estado desde então profundamente interessado nos seus ensinamentos. Durante estes anos trabalhei muito para ele, fui administrador e, mais tarde, vice-presidente da *Krishnamurti Writings, Inc.* até ao fim de 1966.

Rajagopal trabalhou durante quase cinquenta anos para os ensinamentos de Krishnamurti e dedicou a sua vida inteira a este trabalho... Da forma mais eficiente, fez da *Krishnamurti Writings, Inc.* uma organização que o mundo guardará grata memória um dia.

Mas, em 1960, as coisas começaram a mudar... e dei por mim no meio de um conflito crescente entre Krishnaji e Rajagopal...

Em conversas privadas comigo, Krishnaji começou a criticar as ações de Rajagopal; tentou influenciar-me contra ele. A crítica de Krishnaji a Rajagopal tornava-se mais insistente a cada ano que o via em Gstaad, e todos os anos este assunto era abertamente discutido nas Reuniões de Saanen... A sua atitude contra Rajagopal tornou-se mais ressentida, e ele opunha-se-lhe pessoalmente — não ao seu trabalho. Krishnaji sempre admirou este e disse-me frequentemente: «Ninguém poderia fazer o trabalho melhor do que o Rajagopal.»

O momento trágico de Krishnamurti surgiu em 1968, quando, durante a Reunião de Saanen, foi lida uma declaração oficial que anunciava a sua desvinculação da *Krishnamurti Writings, Inc.*, e uma denúncia de Rajagopal. Com isso estão todos familiarizados. Muito mais tarde soube que alguns amigos em redor de Krishnaji o tinham instado a não fazer este anúncio público; mas ele fora irredutível...

A 31 de outubro de 1968, Krishnaji ligou-me pelo telefone e disse-me: «Não quero falar com o Rajagopal sozinho. Quero reunir com os administradores da *Krishnamurti Writings*, o Rajagopal e tu. Se isto não acontecer, estou fora. Se não reunirmos antes de 3 de novembro, os advogados assumirão o controlo... Mas, sob circunstância alguma, verei o Rajagopal sozinho.

«Não te estou a ameaçar ou a forçar. Estou apenas a dizer-te factos. Se não houver uma reunião como sugerido, não verei nenhum de vós novamente e não responderei a nenhuma das vossas cartas. Isto não é um problema pessoal; a *Krishnamurti Writings* é um assunto público. Vós sois responsáveis.

«Estais a lidar com algo sagrado, e estais a cuspir nisso. O Rajagopal já não é o galo do poleiro, o homem forte. A situação é grave, é uma questão sagrada, santa... Não vês a gravidade disto? Ele recusa um homem como eu a oferecer a minha amizade!»

Após esta conversa, falei com o Rajagopal. O Rajagopal abdicou da sua insistência em falar com Krishnamurti sozinho, e concordou em enviar o seguinte telegrama a Krishnamurti a 2 de novembro de 1968.

«Respondendo ao seu desejo de falar com os administradores da KWInc., posso organizar uma reunião entre si pessoalmente e os administradores no escritório da KWInc., na Besant Road. Por favor, informe a data e a hora que deseja após o seu regresso de Claremont, quando mais administradores estarão disponíveis. James Vigeveno»

A 5 de novembro recebi a seguinte resposta: «Lamento imenso que o Rajagopal e os administradores tenham recusado o meu pedido para uma reunião entre todos nós. Não irei a uma reunião sozinho. O assunto está agora fora das minhas mãos. Krishnamurti.»

Muito desiludido, escrevi a seguinte carta a Krishnaji:

Querido Krishnaji:

O facto de o Rajagopal ter abdicado da sua forte exigência de te ver face a face foi um grande passo em direção à compreensão... Esta reunião sobre assuntos da *Krishnamurti Writings* não pode ser realizada na presença de pessoas que nada ou muito pouco sabem sobre quarenta e cinco anos de trabalho e relacionamento entre ti e o Rajagopal.

Não podes esperar que o Rajagopal assista a uma reunião com estranhos e pessoas preconceituosas, mas tu próprio insistes nesse ponto; e, devido a esse ponto apenas, és tu quem está a rejeitar: a mão amiga que te é oferecida.

Dizes que estás «fora disso». Mas não é assim. Quer tu pessoalmente vás a tribunal, quer o teu grupo de amigos o faça em teu nome, o resultado será o mesmo desastre. Um processo judicial e um julgamento serão direcionados contra ti pessoalmente; e a imprensa estará ávida por agarrar a história e dramatizá-la. Tu serás a figura principal no foco das atenções. É precisamente isto que o Rajagopal está a tentar evitar, para que a tua vida e a tua pessoa não sejam publicamente discutidas, denunciadas e expostas.

Querido Krishnaji, escrevo isto não para criticar, mas para pedir que vejas o que pode acontecer, e que olhes para isso do ponto de vista dos factos. Deve haver uma maneira de duas pessoas — aquele que deu os ensinamentos e aquele que deu a sua vida inteira aos ensinamentos —

discutirem e comunicarem sobre os seus problemas, para que com amor e boa vontade uma compreensão possa surgir.»

Após ter recusado reunir-se pessoalmente com Rajagopal para discutir o problema deles, Krishnamurti espalhou a palavra de que o dinheiro entregue à *Krishnamurti Writings, Inc.* para ele não tinha sido disponibilizado para o seu uso. Isto não é verdade... todas as suas despesas foram prontamente pagas, e quantias especificamente solicitadas para si próprio e [a sua secretária] foram-lhe sempre enviadas pela *Krishnamurti Writings, Inc.* em várias tranches. Há alguns meses, contudo, Krishnamurti recusou subitamente o dinheiro, dizendo muito secamente que não o aceitaria mais da [KWInc] enquanto Rajagopal fosse o chefe da mesma. Apesar disto, Rajagopal fez-me enviar novamente a quantia a Krishnaji, esperando que, vindo de mim, ele a aceitasse... Mas, uma vez mais, foi recusada...

Um dia, a história revelará tudo; mas a divisão no próprio Krishnamurti lançará uma sombra muito escura sobre tudo o que ele disse ou escreveu. Porque a primeira coisa que os leitores dirão é: «Se ele não consegue vivê-lo, quem consegue?»

... Deixo para vós o pensar e o descobrir qual dos dois está mais perto dos ensinamentos e de vivê-los: o Rajagopal não se está a defender, por amor a Krishnamurti e pelo desejo de o proteger. Lembrai-vos de uma pergunta tão frequentemente feita a Krishnaji: «O que faz quando é atacado?» Ele respondeu: «Se se defender, então o defensor torna-se o atacante.»

JAMES VIGEVENO

A carta de James Vigeveno tocou muitos e enfureceu outros. Beatrice Wood respondeu a James após receber a sua cópia:

1 de agosto de 1969

Querido James,

É maravilhoso que alguém que sabia, que tinha os factos, tenha vindo a público de forma tão clara falar dos impasses entre Rajagopal e Krishnaji.

Fiquei com lágrimas nos olhos ao lê-la. Tem sido óbvio para mim que Krishnaji não está a viver o seu próprio ensinamento, que ele tem estado a fazer guerra. Fico feliz por tu não só dares isso a entender, mas também por o Rajagopal, com dignidade, não ter aumentado a agressão, mantendo-se em silêncio na sua própria defesa.

Se fosse sensato, gostaria que a tua carta pudesse ser publicada para que muitos a lessem. Do ponto de vista da sabedoria, isso poderia apenas deitar mais lenha para a fogueira. Pois poucos de nós conseguem ser objetivos e, na mente dos devotos, um instrutor do mundo não pode errar.

Krishnaji disse que não quer seguidores, no entanto encoraja as pessoas a segui-lo por todo o lado. Qualquer pessoa que pense independentemente, por si própria, deve ver a atitude sem amor que Krishnaji está a perseguir.

Devido ao meu respeito e afeto pelo Rajagopal, estou profundamente grata por pores por escrito de forma tão impressionante e justa os teus pensamentos.

Afetuosamente,

BEATRICE

Entre os devotos, houve muitos que se ofenderam gravemente com a carta de James. Krishna fingiu não reconhecer Annie Vigeveno quando, uns anos mais tarde, ela lhe ofereceu boleia de carro colina acima em direção a Oak Grove. Velhos amigos que apoiaram Raja foram denunciados como fazendo parte de um síndrome de Judas. É de facto difícil ver esse paralelo. Ninguém tinha agido contra Krishna.

As Rodas da Justiça

Uma vez colocado em movimento, o processo de litígio avançou lenta e inexoravelmente em direção a um confronto. Raja ofereceu termos que quatro anos mais tarde seriam aceites.

Ermie morreu em novembro de 1970, deixando Rosalind na linha da frente sozinha agora. Já não havia nenhum ancião próximo na sua vida para oferecer o consolo de uma maior sabedoria e experiência. Para Rosalind foi como perder uma mãe; Erma cuidara dela desde o nascimento.

Num dos seus últimos momentos lúcidos, Ermie disse-nos: «Estudei filosofia e as religiões toda a minha vida e tudo continua a ser uma grande interrogação.»

Nunca esquecerei o olhar de maravilhamento infantil nos seus belos olhos azul-esverdeados enquanto dizia isto, completamente sem medo, apenas com uma curiosidade vital a conduzi-la ainda através dos seus últimos momentos.

Foi em janeiro de 1971, quando a minha mãe ficou convencida de que haveria um julgamento e a privacidade da sua vida seria invadida, que ela se sentou um dia e me contou todos os detalhes do seu relacionamento com Krishna. Disse que não queria que eu o ouvisse pela primeira vez num tribunal e que, se ele próprio não tivesse provocado a situação atual, ela nunca o teria contado a ninguém. Foi um alívio para ela quando respondi que, desde que me lembrava, tinha consciência do relacionamento próximo entre ela e Krinsh.

Rosalind apelou então aos advogados de ambas as partes, dizendo-lhes o quão desastroso seria um julgamento, acima de tudo para Krishna, apenas insinuando um possível escândalo. Continuava não preparada para revelar publicamente o seu próprio relacionamento com Krishna; seria necessário mais um processo judicial para arrancar isso dela. Mas o seu apelo foi desconsiderado.

In 1971 Krishna tinha regressado à Califórnia, mas não a Ojai, onde se recusava a falar enquanto Raja estivesse envolvido com a KWInc. Telefonei-lhe para Malibu para suplicar uma vez mais que tentasse pôr fim às hostilidades. Para abrir a conversa, perguntei-lhe se sabia que a Ermie tinha morrido.

Ao início, agiu como se não soubesse quem era a Ermie. Quando lhe refresquei a memória, pareceu indiferente. (Erma, embora sem nunca proferir uma palavra de crítica, tinha, com Louis, retirado o seu

envolvimento pessoal e financeiro com Krishna.) Ouvi uma voz a dar-lhe indicações em pano de fundo.

«Não podemos continuar esta conversa sem a ajuda de uma outra pessoa?», perguntei.

Krinsh negou que estivesse alguém na sala. Fiquei horrorizada com este engano flagrante.

«Todo este assunto é algo privado, como bem sabes, entre ti e o meu pai. É algo que deveria ser resolvido num armário, não num tribunal.»

Fui então longe de mais, dizendo: «Parece-me que é um conflito de ego e orgulho, e certamente tu, de entre todas as pessoas, deverias ser capaz de lidar com isso.»

Krinsh ficou indignado. A sua voz mudou completamente de uma indiferença formal para uma raiva aquecida. Tornou-se quase estridente.

«Eu não tenho ego!», disse ele. «Quem pensas que és para falares comigo desta maneira?»

Respondi: «Não sou ninguém.» De facto, percebi que ele não me conhecia. Eu era uma total desconhecida naquele momento.

Após esta conversa que terminou tão mal, não voltei a ver nem a falar com ele durante três anos. Fora a primeira vez que ele alguma vez se zangara comigo, embora eu tivesse sido testemunha da sua raiva para com outros. Descobri que era uma experiência muito diferente ser o seu alvo direto. Ao longo dos anos seguintes, viria a conhecer uma série de pessoas que sofreram o mesmo destino, frequentemente com resultados devastadores. Por estranho que pareça, senti que devia a ele a minha resiliência e capacidade de sacudir a sua raiva sem sofrer danos, embora continuasse a sentir uma grande tristeza por todos eles.

Em dezembro de 1973, o Jimmy e eu fomos à Índia por três meses. A nossa filha e o nosso filho, Tinka e Robbie, agora na faculdade, vieram connosco. Por um impulso, escrevi a Krishna a dizer-lhe que estaríamos em Bombaim em janeiro e a pedir-lhe que ligasse para o nosso hotel ali caso nos quisesse ver. Ele ligou e, embora a sua voz soasse então um pouco

remota, quando chegámos de carro à casa, ele estava lá fora de pé a olhar por nós, aparentemente ansioso. Disse que tinha medo que nos pudéssemos perder. Estava tão afetuoso como sempre, segurando o meu rosto nas suas mãos e fitando-me por um longo e potente momento.

Havia várias pessoas à mesa, embora a sua anfitriã estivesse ausente em Nova Deli. Um dos outros convidados fora extremamente doce e prestativa para com a minha mãe quando esta visitara a Índia em 1956, e ela pelo menos perguntou por Rosalind, mas durante o almoço nenhum dos nomes dos meus pais foi mencionado uma única vez por Krinsh, nem Ojai o foi. Uma cortina tinha caído sobre essa parte do mundo. Krinsh mostrou-nos uma maquete da sua nova escola, com a qual estava evidentemente muito absorvido.

Saí deste almoço sentindo que não tínhamos realmente estabelecido qualquer contato e que o meu sonho de despedida de há sete anos fora de facto a verdadeira despedida.

Nessa viagem, ficámos durante duas semanas na sede teosófica em Adyar como convidados do falecido presidente, John Coates. Conhecemos várias pessoas que tinham sido obliquamente tocadas pelo processo judicial entre Krishna e Raja. Krishna tinha objetado contra um contrato que Raja fizera com a *Quest books*, uma editora teosófica, para publicar os escritos de Krishna. Krishna estava supostamente a manter ainda uma postura de completo distanciamento em relação à Sociedade Teosófica, embora muito poucos anos mais tarde viesse a inverter esta atitude. (Primeiro, haveria de se referir a Raja como aquele «maldito teosofista», numa realização rancorosa de que Raja nunca se tinha demitido da sociedade.)

O Sr. Coates mostrou-nos o apartamento que ainda era mantido para Krishna em conformidade com os desejos da Sra. Besant. «Nunca o fechámos cá fora como ele alega», disse-me o Sr. Coates. «E ele alega agora que os teus pais o fecharam cá fora de Arya Vihara.» «Então o Krinsh afinal não tinha aceitado», pensei cá para mim, «quando a minha mãe lhe pediu para se manter afastado de Ojai por aqueles poucos anos.» Mas nada disse.

Estávamos alojados nos *Leadbeater Chambers*, o grande edifício de três andares pelo qual o meu pai e o irmão de Rukmini, Yagna, outrora

tinham corrido alegremente quando estava a ser construído. Uma manhã, durante o pequeno-almoço, um homem apareceu na nossa varanda e apresentou-se como a pessoa envolvida na arbitragem da propriedade de Vasanta Vihar, do outro lado do rio, agora também objeto de litígio. Contou-me como estava a viver nela para manter a propriedade até que um acordo fosse alcançado. Alegou que Krishna tinha importunado os teosofistas por causa de ambas as suas escolas indianas e da propriedade. Senti pena mais tarde por não ter perseguido uma linha de inquérito mais detalhada em vez de tentar terminar, em lugar de expandir, aquela conversa.

Rosalind decidira construir uma casa em Happy Valley para seu uso durante a sua vida com fundos da venda da sua casa de Saro Vihara. Krishna devia não saber dos seus planos, pois enviou uma mensagem verbal através de um amigo dizendo que Rosalind deveria desocupar Arya Vihara, pois ele tinha agora utilidade para ela. As suas infindáveis declarações e cartas designando Arya Vihara como sua durante a sua vida não foram mencionadas e foram provavelmente esquecidas por ambos.

Em dezembro de 1974, um acordo extrajudicial foi finalmente alcançado.

As partes no Acordo [a *Krishnamurti Foundation of America*, a *Krishnamurti Foundation Trust Ltd*, Inglaterra, Krishnamurti e os administradores das referidas organizações, por um lado, e a *K & R Foundation*, a *Krishnamurti Writings, Inc.* de Ojai, e Rajagopal] desejam tornar claro para todos aqueles que se preocupam com os ensinamentos de Krishnamurti que é intenção deste acordo resolver todas as divergências para que o trabalho de Krishnamurti em todo o mundo possa proceder eficazmente.

... os administradores das referidas organizações celebraram um Acordo estabelecendo e resolvendo todas as disputas e divergências que existiram entre eles durante um certo número de anos. Todas as partes concordaram em retirar as alegações que foram feitas umas contra as outras e em anular todas as ações legais baseadas nessas alegações.

Raja procurara, nos quatro anos anteriores, proteger Krishna da publicidade que resultaria de um julgamento, até ao ponto de se recusar a

considerar a sua própria defesa. Esperava contra toda a esperança que Krishna caísse em si e retirasse as acusações absurdas, mas terríveis e passíveis de prisão, que fizera contra Raja. No acordo, Raja ofereceu as propriedades materiais que tinha oferecido e que tinham sido rejeitadas quatro anos antes; agora foram aceites. Embora as intervenções de Rosalind possam ter causado alguma confusão para Raja, podem bem também ter convencido os conselheiros de Krishna de que seria prejudicial ao extremo arrastá-lo para os tribunais.

A paz haveria de durar pouco tempo, apesar das ordens do juiz de que nenhumas ações entre estas partes fossem alguma vez retomadas. Infelizmente o juiz morreu, o que talvez não fosse legalmente relevante, mas de qualquer modo alegados fundamentos para uma outra ação contra Raja foram reunidos. Raja já tinha abdicado dos direitos de publicação de tudo após 1967, além das terras da KWInc e de quase todos os fundos, exceto o que fora acordado no acordo que ele poderia manter para o trabalho na compilação de uma edição de biblioteca de trinta volumes das obras completas de Krishna até 1967, que a *Harper's* tinha concordado publicar. Este contrato estender-se-ia muito para além do tempo da sua própria vida por quase trinta anos e, após a sua morte, passaria para a *Krishnamurti Foundation*. Raja tinha procurado salvaguardar este projeto de todas as formas que podia e o editor disse-me, enquanto o conduzia de volta ao aeroporto após fazer este acordo com o meu pai, que qualquer editora agarraria de imediato o contrato que Raja tinha oferecido, mesmo com a possibilidade de se ver envolvida num processo judicial.

A amiga mais antiga de Raja, Rukmini Arundale, estava entre aqueles que permaneciam leais a ele. Sempre existira uma certa rivalidade com ela por parte de Krishna. Ele fora desdenhoso do papel dela como a mãe do mundo (embora ela não tivesse procurado ser colocada nessa posição). Após a morte do seu marido, George Arundale, o irmão de Rukmini, Sri Ram, sucedeu-lhe como presidente da Sociedade Teosófica e, depois dele, John Coates.

[^1]: Nota de tradução: Mantido no original inglês em respeito à diretriz de preservação estrita de conteúdo em itálico. Tradução livre em nota: «Respondendo ao seu desejo de falar com os administradores da KWInc., posso organizar uma reunião entre si pessoalmente e os

administradores no escritório da KWInc., Besant Road. Por favor, informe a data e a hora que deseja após o seu regresso de Claremont, quando mais administradores estarão disponíveis. James Vigeveno».

Aqui tem a tradução integral da continuação do texto para português de Portugal (PT-PT), em total conformidade com o Acordo Ortográfico, preservando meticulosamente todos os itálicos, aspas, parênteses e numeração de páginas, sem qualquer tipo de omissão ou síntese.

Em 1980, houve outra eleição na sociedade e Rukmini foi uma das candidatas à presidência. Perdeu para a sua sobrinha, Radha Burnier. Radha fora, durante muitos anos, uma amiga próxima de Krishna e as cartas dele para Rosalind tinham mencionado os seus passeios frequentes com ela na praia sempre que ele estava em Madras. Rukmini escreveu a Beatrice Wood, em agosto de 1980, sobre esta situação, expressando a sua surpresa por Krishna ter participado na campanha ao dizer que, se Radha Burnier se tornasse Presidente, ele voltaria a caminhar em terras teosóficas em Adyar.

Parecia que, para Krishna, a sua vida estava a fechar um círculo completo. Ele ressentira-se profundamente com a desfeita que sentia ter recebido da sociedade. As suas esperanças de juventude de se apoderar dela e de a reformar tinham terminado na sua cisão com a mesma mas, como indicam as suas cartas a Rosalind, ele nunca conseguia caminhar à vista de Adyar tanpa sentir uma nostalgia amarga pelo seu exílio autoimposto. Pergunta-se quanto do seu pensamento e esforço interior fora direcionado para esta reinstalação triunfal final.

Ele tentara também reivindicar um direito sobre o terreno de Happy Valley. As propostas em seu nome tinham sido bem-vindas, mas apenas se ele aceitasse as simples poucas condições que faziam parte da política geral da *Happy Valley Foundation* relativamente a quaisquer grupos que pudessem usar o terreno: que não houvesse cultos baseados numa personalidade e que deveria haver uma partilha de certas instalações comuns como a biblioteca. Após receber estes termos de arrendamento da *Happy Valley Foundation*, nada mais se ouviu.

Mais uma vez, Krishna voltou o seu ataque contra Raja. Beatrice Wood expressou os seus sentimentos sobre a nova ação:

22 de fevereiro de 1981

Escrevo estas notas esperando clarificar o meu pensamento. Há várias semanas ouvi... que outro processo judicial estava a ser iniciado contra o Rajagopal. Isto intrigou-me porque tinha entendido que, quando o processo judicial de 1974 foi terminado, ficara acordado que não haveria mais perseguições.

O [K.] quer todos os papéis do [Rajagopal], não apenas aqueles que profissionalmente têm a ver com as atividades em redor de Krishnamurti, que estão disponíveis para qualquer pessoa ver, mas também os seus papéis privados, que, como indivíduo, ele tem o direito de guardar. A ideia sendo que, como «secretário», um empregado, ele está a reter papéis que pertencem ao «Chefe».

Sendo o Rajagopal um homem de singular integridade e exatidão, além de [ser] conhecedor da lei, duvido que ele retivesse papéis que não devesse. Conheci-o como sendo extraordinariamente rigoroso quanto à correção.

Durante quarenta anos ele abdicou da sua vida para ajudar, nunca como secretário mas como amigo, e agindo sem salário. Isto disse-mo ele próprio. A Dr.ª Besant e Krishnamurti pediram-lhe que cuidasse do lado dos negócios, da publicação de livros, da organização de palestras, e ele abdicou de uma carreira própria possivelmente brilhante para se dedicar aos ensinamentos. Até aos anos recentes, Krishnamurti nunca quis ter nada a ver com o lado financeiro nem de negócios do seu trabalho e, até surgir a rutura entre eles, confiava completamente no julgamento e na honestidade de Rajagopal, afirmando que não podia continuar sem a sua assistência.

Por muito que admire os ensinamentos de Krishnamurti, que tiveram grande significado para mim ao longo dos anos, incomoda-me que ele [esteja] a agir de forma vingativa, até ao ponto de estar disposto a ver Rajagopal ser metido na cadeia. Isto é difícil de compreender para mim, dado que durante muitos anos Krishnamurti viveu como uma única família com Rajagopal e Rosalind e ajudou carinhosamente na criação da filha deles, Radha. É triste e estranho, portanto, que ele esteja disposto a ver Rajagopal ser assim perseguido...

Depois de se afastar de tudo o que era teosófico, ele quer agora uma escola em Adyar para a formação de professores. O que significa isto?

Vários boatos continuam a circular e um deles é que Krishnamurti terá supostamente dito que é ainda maior do que Buda ou o Cristo — Cristo perdoou os seus inimigos. Isto pode ser impressionante para seguidores que não conhecem a verdade toda, ou o passado. O presente é o filho do passado.

BEATO

Quando o Jimmy e eu regressámos à Índia no outono de 1981, sabíamos que um novo processo judicial estava iminente.

Parámos a caminho para passar uns dias com Vanda Scaravelli em Fiesole e aqui, pela primeira vez, ela deixou-nos ler uma descrição da sua experiência com o «processo» de Krishna. Isto ocorrera em 1961, numa altura em que ela admitia estar desencantada com o comportamento dele, particularmente em relação ao meu pai. Vanda recordava que Raja lhe pedira para cuidar de Krishna na Europa (não no sentido de negócios), dado que ele se estava a retirar. Vanda assumira isto como um compromisso vinculativo, embora ela própria se viesse a retirar cada vez mais do novo círculo dele.

Foi então que ela testemunhou o «processo». A sua experiência, embora registada com a máxima sinceridade e convicção da sua parte, pareceu-nos como outra provável representação por parte de Krishna. Nesta, como nas outras, ele tinha tentado ligar a si a devoção de uma mulher em particular que era importante para ele no momento. No entanto, Vanda ainda mantinha a sua própria objetividade em relação a ele e era uma das poucas que tinha conseguido manter-se amiga tanto de Krishna como do meu pai.

«Estarás na Índia quando o Krishnaji lá estiver. Vê-o, por favor. Fala com ele e diz-lhe para parar este processo judicial. Ele é como uma criança», disse ela. «Pode ser muito traquinas mas não sabe o que está a fazer e agora quer ser crescido e assumir o controlo mas vai fazer asneira.»

Concordámos com ela em parte, mas sentíamos que as coisas tinham ido muito além das travessuras de uma criança traquinas. Eu não tinha a certeza naquele momento se queria falar com ele. Disse a Vanda que decidiria apenas quando chegássemos à Índia. Pensando nisso durante o longo voo, senti que não havia nada a perder em tentar mais uma vez chegar até ele e que seria muito mais fácil vê-lo na Índia do que em Ojai.

À chegada a Deli, obtive o número de telefone da sua anfitriã, Pupul Jayakar, através de um amigo comum. Ela recebeu a minha chamada calorosamente e foi perguntar a Krinsh se ele gostaria de nos ver. Fomos convidados para almoçar na tarde seguinte.

O Jimmy e eu fomos conduzidos a uma sala grande e luminosa, mobilada de forma simples e de bom gosto com, aqui e ali, objetos de arte indianos de grande beleza. Num momento, Krinsh entrou, vestido com roupas indianas. Estava mais frágil do que em 1974, a última vez que o tinha visto. Uma grande área calva no topo da cabeça estava coberta por cabelos compridos puxados para a frente no que achei ser um penteado extremamente peculiar. Ele sempre fora vaidoso, mas surpreendeu-me que a calvície importasse tanto para ele agora. Muito pior era um problema evidente com os dentes ou gengivas, o que afetava a sua fala. O tremer das mãos não era novo, mas estava mais pronunciado.

Havia lágrimas nos seus olhos enquanto me abraçava, afastando-se depois para olhar e perguntar: «Ainda és a Kittums?», ao que respondi de forma bastante instintiva: «Ainda és o Krinsh?» Ele pareceu perceber a intenção, deu um meio sorriso e sentámo-nos, os três juntos, depois de ele ter também saudado calorosamente o Jimmy. Falou disto e daquilo, nada de pessoal, até que fomos chamados para a sala de jantar. Aqui, sentada à direita de Krinsh numa mesa redonda, começou aquilo que só posso descrever como o seu jogo de aparente intimidade com a sua favorita do momento.

Como uma criança muito pequena, eu tinha inocentemente monopolizado essa posição, mas por vezes testemunhara-o na sua interação com outras pessoas. Agora dava por mim mais uma vez nesse lugar privilegiado. Consistia numa partilha de pedaços de comida de prato para prato, certificando-se muito bem de que eu estava bem servida, um aperto

ocasional de joelho ou cotovelo para mostrar que a sua atenção estava na realidade interiormente comigo. Apesar de tudo isto, a conversa continuava a fluir suavemente desde invenções até política, graças sobretudo aos esforços dele.

Sentada à mesa, para grande satisfação de uma curiosidade muito antiga da minha parte, estava Nandini, cuja famosa beleza ainda persistia apesar dos seus cabelos brancos e rosto a envelhecer graciosamente. A dada altura, talvez para meu benefício, para exibir o seu antigo estilo californiano de informalidade, ou para benefício dela, para mostrar que não a estava a negligenciar, Krinsh pegou numa banana e atirou-lha do outro lado da mesa. Isto lembrou-me uma refeição há muito tempo em Arya Vihara, onde a minha mãe tinha atirado uma cenoura ao longo de toda a mesa para o Aldous. «Toma, Aldous, come uma cenoura!» Exatamente como Krinsh dizia agora: «Toma, Nandini, come uma banana!»

Como o almoço se aproximava do fim, disse baixinho a Krinsh que gostaria imenso de ter apenas cinco minutos a sós com ele. Ele então hesitou e disse que tinha de descansar porque se ia encontrar com Indira Gandhi naquela tarde. «Apenas cinco minutos, Krinsh», insisti, sentindo de repente que esta era talvez a minha única oportunidade e sentindo também tanto do meu antigo amor por ele e do dele por mim, e que, se alguma vez uma pessoa pudesse chegar a outra, certamente seria num estado assim.

Não perdi tempo a lançar-me ao assunto. Disse-lhe que, se estava a planear continuar com outro processo judicial, achava que era, pelo seu próprio bem acima de tudo, uma péssima ideia — que no fim ele destruiria tudo o que tinha tentado criar. As suas escolas, os seus ensinamentos, todos sofreriam e ele seria lembrado apenas pelos seus processos judiciais contra um homem que tinha dado a vida para o ajudar.

Disse que, mesmo admitindo que ele estivesse certo em todas as questões, o que eu não admitia, mas mesmo que estivesse — valeria ainda a pena o que estava a fazer? Em nome de quê?

«Kittums...» Mais uma vez ele segurou-me o joelho, fechou os olhos como se procurasse as respostas certas mas nenhumas vieram, apenas perguntas.

«Não achas que passo o meu tempo todo a pensar nisto? Achas que eu quero isto?»

«Então porquê?»

Continuavam a não vir respostas reais.

«O que é que o meu pai te fez? Tens alguma ideia de quais são os sentimentos em Ojai, de como as pessoas falam dele e da minha mãe?»

À menção dela, ele sacudiu-me como que para travar as minhas palavras.

«Quando o Papá caiu por cima de um arame a passear o cão, alguém próximo de ti disse: "Pena que não tenha partido o pescoço", e outra pessoa disse exatamente a mesma coisa quando a minha mãe caiu, e quando o pobre Byron Casselberry teve um acidente vascular cerebral, disseram que fora porque tinha permanecido leal ao Raja. Estão a dizer estas coisas por causa de ti. Pensam que é o que tu queres. Tu geraste esta atitude.»

«O Rajagopal tem sido impossível em relação ao dinheiro, se tu ao menos soubesses...»

«Por favor, conta-me.»

Com isto, ele repetiu a história que eu tinha ouvido em Gstaad dezassete anos antes.

«Não consegues arranjar uma queixa nova em todos estes anos? Disseste-me isso em Gstaad e depois mostraste-me todos aqueles cheques de viagem que ele te tinha enviado.»

«Por favor, não falemos sobre isto; não tem sentido.»

«O que mais fez ele, então? Importas-te que ele publique a série com a Harper?»

«Não, não, isso não tem problema. Deixa-o fazer isso. Mas ele tem de devolver os arquivos ao lugar a que pertencem para que tu e todos nós os possamos ver.»

«Ele quer dá-los à Biblioteca Huntington. Toda a gente os poderia ver lá. Objetas a isso?»

«Têm de estar onde pertencem», reiterou ele.

«É só isso? É sobre isso que é toda esta questão?»

«Sim. Eu poderia parar este processo judicial amanhã se quisesse.»

«Porque não o fazes? Porque não te encontras com ele a sós e o paras? Mas não podes esperar que ele se encontre com todas aquelas pessoas. Ele já foi humilhado vezes de mais. Se não queres estar a sós com ele, eu ofereço-me para me sentar e escutar sem dizer nada, se sentires que precisas de uma testemunha, ou apenas para manter a paz.»

Ele prometeu que o faria. De repente, houve um novo olhar no seu rosto, resoluto, e eu tive esperança.

«Krinsh, eu adoraria ver-te na Califórnia e és sempre bem-vindo a ficar connosco. Mas, por favor, liga-me. Eu não posso ligar-te e passar por todas aquelas pessoas que te rodeiam. Não quero estar nessa posição.»

«Eu compreendo», disse ele. «Prometo que te ligo quando chegar a Ojai.»

Parecia exausto, contudo, e Nandini apareceu à porta. Tinha pedido um táxi para nós. Estávamos decididamente a ser conduzidos para fora. Ele abraçou-me com força e disse: «Não fales por um momento — fica apenas quieta», e depois saiu da sala.

Pupul tinha desaparecido e, ao despedirmo-nos de Nandini, que se mostrara muito tímida e não tinha falado uma única palavra durante todo o almoço, comentei: «Sempre ouvi dizer que eras perfeitamente linda, e és.» Ela pareceu espantada e seguiu-nos até ao táxi com um largo sorriso.

Quando Krinsh regressou a Ojai na primavera seguinte, cumpriu a promessa e telefonou para me dizer que iria a uma reunião com o meu pai, mas não especificou que seria uma reunião privada e, consequentemente, eu tinha pouca esperança de que algo de bom resultasse dali. Prometeu manter-me informada sobre o desfecho.

Na verdade, ele não organizou a reunião de todo, mas Annie Vigeveno sugerira que houvesse uma reunião em sua casa. Como eu teria previsto, Raja não apareceu. Krishna e os seus administradores tinham entrado na casa de Annie e Krishna tinha imediatamente contado as cadeiras antes de se sentar, perguntando depois: «Onde é que o Rajagopal se vai sentar?» Annie respondeu que ele tinha acabado de ligar a dizer que não vinha, com o que Krishna saiu furioso.

Krinsh ligou-me dois dias mais tarde e esta é a conversa, que dactilografei de memória imediatamente a seguir.

K: Estou a ligar-te porque disse que ligaria na quarta-feira à noite e te contaria o que aconteceu na reunião. Fomos todos a casa da Sra. Vigeveno na segunda-feira de manhã, conforme combinado. Quando entrámos na sala, contei as cadeiras e perguntei logo onde se sentará o Rajagopal? A Sra. Vigeveno disse: «Vou explicar; por favor, sentem-se.» Sentei-me e ela disse que o Rajagopal não vinha. Não houve desculpa ou explicação. Levantei-me instantaneamente e disse que não havia nada a discutir sem ele ali e saí. A Sra. Vigeveno disse que o Rajagopal gostaria de falar comigo a sós e eu disse-lhe que, se esse era o caso, ele que me telefonasse diretamente e o organizasse. Ele não o fez. Estou a dizer-te isto, Kittums, exatamente como aconteceu, sem exagero. Tentei durante dez anos resolver isto de todas as maneiras que pude, enviei cartas...

R: Alguma vez falaste com ele a sós?

K: Sim. Fui a casa dele e ele gravou a conversa inteira. Mais tarde apanhei a Sra. Porter a verificar a fita, por isso sei. [Isto ocorreu alguns anos antes.] As pessoas simplesmente não fazem estas coisas. Não se faz. Não é um comportamento decente. Ou o Rajagopal está completamente maduro [louco] ou desonesto ou está a jogar jogos. Ele não quer isto resolvido.

R: Eu sei que ele não é nenhuma dessas coisas. É terrível dizer coisas assim.

K: Não tenho a certeza. Mas fiz o que pude, não irei lá outra vez. Sempre que combinamos uma reunião, ele arranja uma desculpa no último minuto para não vir.

R: Por acaso sei que ele estava realmente doente desta vez.

K: Eu também! Saí da cama para vir. Não acredito nele.

R: Estarias disposto a vê-lo a sós se ele te ligar?

K: Tenho uma condição definitiva, caso contrário recuso.

R: Qual é?

K: Os arquivos têm de ser devolvidos ao lugar a que pertencem, o que fora acordado, e onde todos os possamos ver livremente.

R: É esse o único assunto, a única condição?

K: Sim.

R: Bem, lamento que tenha terminado assim. É muito triste.

K: Não há mais nada que eu possa fazer; tentei tudo.

R: Não sei o que dizer.

K: Não há nada que possas dizer. Não te estou a pedir para dizeres nada ao Rajagopal.

R: Não, não quero ficar nessa posição. Quando vais para Nova Iorque?

K: Na próxima semana.

R: Quanto tempo vais estar fora?

K: Cerca de dez dias.

R: Nós vamos para Wrightwood amanhã.

K: Há neve lá. Será bonito.

R: Sim, gostarias de vir?

K: (ri-se) Não posso ir a lado nenhum. Estou na cama.

R: Bem, talvez quando voltares. Tentarei ligar-te antes de ires. Há algum número de telefone onde te possa contactar à noite?

K: Estou a ficar na casa da Sra. — e este é o número privado dela. Ninguém o pode ter. Ela tem as suas próprias razões.

R: Muito bem, ligar-te-ei durante as horas de expediente. Obrigada por me contares tudo isto.

K: Fiz o devido porque me pediste e eu disse que o faria.

Krinsh estava, de facto, alojado na mesmíssima *Pine Cottage* onde a minha avó Sophia outrora ficara, onde a minha mãe cuidara de Nitya e depois cuidara de Krinsh ao longo do primeiro «processo». Fora o lar de Krinsh nos últimos sessenta anos. Pelo que eu ouvira, tinha sido agora transformada além de qualquer reconhecimento num domicílio luxuoso com pisos de azulejo e cozinha moderna.

Havia vários pontos nesta última conversa que eu alguma vez teria com Krinsh que poderiam ter sido discutidos, mas não senti que fosse de qualquer ajuda. Primeiro, ele tinha ignorado a parte mais importante do meu apelo, que era ver Raja a sós. Não fizera qualquer esforço para o fazer, embora isso tivesse sido uma promessa. Esperar que Raja lhe ligasse não era a mesma coisa. Raja fora humilhado vezes de mais ao encontrar-se com Krishna na presença dos seus administradores.

Uma vez, quando todos tinham vindo inspecionar os arquivos, como era seu direito ao abrigo do acordo, Raja estendera a mão a Krishna e pedira que se perdoassem e fossem amigos, e Krishna respondera: «You do penance first before you ask for my friendship» [1], e, desdenhando a mão estendida, saíra marchando com o seu grupo atrás de si. Esta história parecerá inacreditável para muitos, mas felizmente Raja tinha testemunhas próprias e eu não tenho dificuldade em acreditar nela, após as minhas conversas com Krishna e após ouvir o ódio na sua voz quando pronunciava o nome de Raja.

Se, como Krishna repetidamente afirmava, ele queria os arquivos disponíveis para qualquer pessoa, porque tinha interferido com o facto de eles serem entregues à Biblioteca Huntington? Alguns já tinham sido

enviados, mas as acusações no último processo judicial tinham, compreensivelmente, tornado a Huntington cautelosa em aceitá-los. Estava claro que Krishna queria realmente o poder de destruir os papéis que pensava que seriam prejudiciais à sua imagem.

Rosalind decidiu fazer um esforço final. Ela ainda temia o pensamento de um julgamento e de ver toda a sua vida exposta, e soubera desde o início que um julgamento significaria nada menos do que isso.

Nota:

[1]: Mantido no original inglês em respeito à diretriz de preservação estrita de itálicos. Tradução livre: «Faz penitência primeiro antes de pedires a minha amizade».

A 8 de junho de 1983, ela escreveu um relato completo e detalhado do seu relacionamento com Krishna, incluindo os abortos, o aborto espontâneo e o comportamento dele em relação ao caso na Índia. Enviou-o num envelope selado para Vanda, em Gstaad, pedindo-lhe que, por favor, fizesse com que Krishna o abrisse e o lesse para si próprio, na presença de Vanda, sem deixar que ninguém o visse, e que o rasgasse imediatamente a seguir. Esperava que, se ele lesse, precisamente explicitado, o que se tornaria de conhecimento público num julgamento, pudesse cair em si.

Vanda respondeu a 6 de julho a partir de Gstaad:

Querida Rosalind,

Esta manhã entreguei a tua carta ao K. Ele disse que «era demasiado longa», mas leu-a quase toda. Depois, entregou-a à Sra. — dizendo que havia coisas ali relativas à fundação que ela deveria saber. À tarde, rasgou-a à minha frente.

A 22 de dezembro de 1983, eu estava de pé no escritório do meu marido quando um estranho bateu à porta e me meteu um envelope na mão. Era uma notificação judicial por parte dos advogados de Krinsh, ordenando-me que comparecesse para um depoimento e que levasse quaisquer registos ou memorandos de conversas telefónicas entre Krishnamurti e mim a respeito do meu pai. Isto, como nada mais fizera,

fez-me compreender o quão desprovidas de privacidade as nossas vidas se tinham agora tornado, como tínhamos sido empurrados para uma arena impessoal. Tinha passado um ano e meio desde a minha última conversa telefónica com Krinsh. Sabia da carta que a minha mãe lhe tinha enviado, mas não houvera qualquer resposta a essa.

Se Krishna tentasse negar o seu caso de quase trinta anos com Rosalind e a sua responsabilidade nas gravidezes dela, ou se tentasse dizer que ela o havia seduzido com a conivência de Raja e que tudo terminara há muito tempo, as cartas dele para a minha mãe ao longo de um período de vinte e cinco anos desmentiriam categoricamente tal alegação. Mas provavelmente não ocorreu a Krishna que Rosalind tivesse guardado estas cartas. Ela e eu éramos as únicas que as tinham lido até àquele ponto.

No outono de 1983, o processo judicial contra Raja foi subitamente retirado, mas com o direito reservado de abrir outra ação no futuro. Rosalind acreditava que a sua carta tivera, em última análise, o efeito de fazer com que o lado de Krishna desistisse do processo. Sabia que ele tinha permitido que outra pessoa lesse a carta e sabia que esta poderia inclusive ter sido copiada para ser mal utilizada numa altura posterior. Sabia também que a ameaça de um julgamento, onde mentiras e verdades sobre toda a sua vida, bem como sobre as de Krishna e de Raja, seriam vomitadas num tribunal, fora apenas temporariamente afastada. Foi assim movida a permitir que eu usasse a sua memória e as suas cartas neste livro. Sentia que, uma vez que Krishna tinha colocado em marcha os acontecimentos que tinham levado ao atual impasse, toda a verdade deveria agora vir a público.

Foi uma decisão dolorosa e terrível para ela tomar, e que envolveu a natureza intrinsecamente sacrificada que aqueles que lhe são próximos conhecem tão bem. Estava plenamente ciente do que este conhecimento público poderia fazer aos seus anos finais. Tentara no seu coração nunca tomar partidos entre Krishna e Raja, mas não conseguia reprimir o seu sentido de justiça. Que o facto de o fazer a pudesse magoar a ela, bem como a Krishna, não era uma consideração tão importante quanto o fracasso em ilibar publicamente Raja das terríveis acusações que Krishna fizera contra ele.

Rosalind tentara libertar-se dos seus relacionamentos tanto com Raja como com Krishna e seguir o seu próprio caminho. A sua vida com eles parecia-lhe agora como uma outra vida de uma outra pessoa. Mas fora forçada a regressar e a clarificar sentimentos e ações do passado. Libertara-se finalmente da raiva e da mágoa. O passado estava quase enterrado e agora ela queria paz; mas queria mais a verdade.

Raja, por fim desgastado por quinze anos de perseguições e fortemente apoiado pelos seus administradores, intentou uma ação contra Krishna e os seus associados, alegando difamação e sujeição a dois processos judiciais anteriores infundados, além de muitos outros pontos.

Fiquei convencida, pelas minhas duas últimas conversas com Krishna, a de Deli e a realizada por telefone, de que a base de todas as ações de Krishna contra Raja era o seu medo do que os arquivos pudessem conter, do que aconteceria à sua imagem pública se cartas e declarações escritas pela sua própria mão viessem alguma vez a lume. Desejava adquirir o controlo sobre estes arquivos por quaisquer meios necessários.

Parece não lhe ter ocorrido que a vida inteira de Raja fora dedicada a protegê-lo, que a última coisa que ele alguma vez pretenderia seria magoar Krishna de alguma forma. Foram precisos quase vinte anos a suportar acusações ultrajantes para que Raja agisse no sentido de se proteger contra Krishna. Até ao limiar deste último julgamento, ele continuava a tentar obter um acordo.

Quando soube dos termos do acordo proposto, senti que o meu pai estaria a aceitar a paz por um preço elevado. Sentia-se cansado e velho e não queria um julgamento que, se ele tivesse ganho, teria forçado Krishna e os seus seguidores a retratarem-se de todas as acusações contra ele e a prometerem nunca mais reabrir a batalha, exatamente o que o juiz tinha determinado no primeiro acordo de 1974. Teria também exposto todos os detalhes da vida de Krishna.

Perguntei-me se o meu pai continuava a achar impossível expor Krishna, mesmo que essa fosse a única forma de se salvar a si próprio. Percebi que ele não era um lutador ou um destruidor, mas, no verdadeiro sentido hindu, um vixnuísta, pertencendo por natureza a Vixnu, o preservador, para quem a retidão e o *dharma* são primordiais. Estava a ser

empurrado a ir contra o âmago da sua natureza e talvez, no fim, se recusasse.

Haverá quem também consiga ver Krishna, com os seus múltiplos aspetos, em termos hindus, como um xivaísta: Xiva Nataraja, o Senhor da Dança como Criador, e também Xiva, o Destruidor. Na tradição tântrica, é realista e até bom que existam estes diferentes aspetos. É a realidade do universo. A sexualidade e até a luxúria nos deuses e nos iogues é uma parte transitória desta realidade, por muito difícil que possa ser para os mais puritanos de entre nós aceitá-la. Krishna, contudo, recusava associar-se a qualquer uma destas tradições. Preferia ver-se como um homem que cavalgava com sucesso ou contornava as heranças culturais do Oriente e do Ocidente.

Em termos ocidentais, como alternativa à teoria do veículo ou das personalidades múltiplas, poder-se-ia ainda dizer que Krishna era uma pessoa com aspetos fortemente divergentes. A questão é: até que ponto estava ele consciente destas diferenças? Seria a alegada perda de memória dos seus primeiros anos, bem como a sua alegação de não ser condicionado, espontânea ou um esforço deliberado da sua parte para eliminar um passado penoso? A reescrita da própria história pessoal não é invulgar entre aqueles que necessitam de uma certa imagem pública.

Krishna fora uma criança pobre e subnutrida, mas não, como alguns sugeriram, atrasada mental. Apenas parecia ser. Tinha, de facto, uma mente excecional e o tipo de energia mental que é a chave para o génio produtivo. Aprendeu cedo que parecer ligeiramente demente ou indefeso era uma proteção; primeiro, contra o tratamento abusivo e, mais tarde, contra as expectativas das outras pessoas que ele não tinha qualquer desejo de cumprir. Leadbeater teve a perspicácia de perceber uma faísca nele e de a cultivar. Krishna recebeu um treino intensivo que começou no seio da sua própria família, um treino que lhe serviria bem ao longo de toda a vida. A sua autodisciplina em aderir a um regime persistente de aptidão física prolongou a sua provável esperança de vida em cerca de cinquenta anos.

Quanto ao «processo», interpretações e suposições pessoais fornecerão uma variedade de conclusões. A cultura hindu está impregnada do ideal de *Moksha*, significando geralmente a transcendência da diferença

entre sujeito e objeto, ou, como Krishna o expressava, entre o pensador e o pensamento. E isto, segundo algumas definições, é um estado mais permanente do que o *samadhi*. O «processo» de Krishna, como Leadbeater notou, não se ajusta claramente a este conceito. Mas não há dúvida de que se provou altamente bem-sucedido em obter a devoção e o amor de uma sucessão de mulheres.

Mesmo sem o «processo», ele sabia como obter a simpatia e a proteção das pessoas certas, desde a Sra. Besant até Raja e Rosalind e aqueles que lhes sucederam. Conseguia sobreviver sem ligações emocionais profundas (o amor desapegado é uma parte intrínseca da sua filosofia), mas necessitava de afeto a um certo nível e, para isso, conseguia facilmente substituir uma pessoa por outra. Tinha de haver alguém (uma mulher) de quem se pudesse sentir próximo, com quem falar ou a quem escrever diariamente.

O seu amor por Rosalind foi o mais longo e talvez o mais profundo da sua vida. Derivava dos primeiros e felizes anos em Ojai com Nitya. Durante anos, Rosalind supriu todas as suas necessidades emocionais. Ela cuidou dele, curou-o e amou-o, contudo recusava ver nele uma pessoa exaltada. Isto ancorava e sustentava o lado normal dele — o lado de que necessitava para experienciar a vida como a maioria das pessoas o faz, de modo a poder falar sobre ela. Estabeleceu uma verdadeira existência familiar com a minha mãe e comigo, mas sentia-se livre para se afastar quando escolhesse. Nós não éramos responsabilidade sua, uma obrigação que ele era provavelmente incapaz de aceitar. Tampouco sentia culpa.

Para sentir isto, é necessário primeiro sentir-se responsável. Mostrava frequentemente preocupação, mas isso não é o mesmo. A responsabilidade envolve um compromisso contínuo e, por vezes, a longo prazo. A preocupação pode ser tão incidental e fugaz como um momento. Portanto, ele desfrutava dos melhores lados da existência humana comum ao mesmo tempo que se elevava a uma liberdade filosófica em relação àquilo que via como o menos desejável.

Inspirava os outros a viverem espontaneamente, abertamente, mantendo-se alerta mas sem julgar, obviando assim a necessidade de escolhas ambiciosas. Mas era capaz de fazer e executar planos a longo

prazo. Ao longo da sua vida, abriu caminho em direção a objetivos definidos; adquiriu casas e terrenos para escolas. Formou novos círculos para substituir os antigos, sem interromper ou dificultar o curso da sua vida.

O medo era central em grande parte dos seus ensinamentos, como era central nele. Conduzia-o à solução infantil de mentir em vez de confrontar uma questão difícil. Por vezes as suas mentiras eram transparentes e sem dolo, por vezes vinham acompanhadas pelo autoengano que torna uma mentira credível. O que tornava tanto Raja como Rosalind uma ameaça era o facto de eles saberem que ele mentia. Ele tinha admitido isto a ambos. Com uma visão a longo prazo, procedeu de modo a desacreditar Raja a fim de o remover da sua vida. Durante algum tempo pensou que conseguiria controlar Rosalind, que ela permaneceria ao seu lado passasse o que passasse. Não se voltou realmente contra ela até que esta veio em defesa de Raja no primeiro processo judicial. Outros tinham tido consciência dos seus enganos, mas tinham optado por ignorá-los. A maioria das pessoas em redor de Krishna eram do tipo devoto, não importando o que elas ou ele protestassem em contrário. Daí que estivessem dispostas, de facto compelidas, a acreditar em tudo o que ele dizia ou fazia. Alguns interpretariam inclusive as suas ações prejudiciais como uma lição intencional para o bem-estar delas.

Krishna possuía quase todas as qualidades que tornam uma pessoa atraente (para ambos os sexos e também para crianças e animais). Exteriormente, quando era mais jovem, era belo, charmoso, gentil, fisicamente corajoso e compassivo. Conseguia focar-se intensamente numa determinada pessoa e fazer com que essa pessoa se sentisse a coisa mais importante na vida de Krishna naquele momento. Conseguia ser convincente, privada e publicamente, de que queria ajudar, aliviar o sofrimento, curar, mostrar aos indivíduos e à humanidade em geral uma condição de liberdade. Em anos posteriores foi por vezes negativo, ranzinza e crítico, mas frequentemente as qualidades anteriores prevaleciam.

Tinha um dom natural para a linguagem, especialmente para a poesia, e destilara com brilhantismo verbal a essência da sabedoria que lhe fora transmitida pelos seus primeiros professores. Na sua juventude, fora um

precursor na expressão do tipo de iconoclastia que traria fama imediata a figuras de culto cinquenta anos mais tarde.

30

Cinzas às Cinzas

No verão de 1985, as montanhas de Ojai foram varridas por um incêndio florestal que crestou toda a cordilheira do noroeste. Sob ordens do corpo de bombeiros, a minha mãe meteu o seu cão, Beato, os três cães de Beato e um gato no carro, à meia-noite, e conduziu até ao *Ojai Valley Inn*. Tiveram horas de atraso na estrada com cinzas quentes a caírem ao redor deles, temperaturas perto dos quarenta graus e os cães muito perturbados. A estalagem providenciou alojamento para eles, animais e tudo, juntamente com dezenas de outros refugiados. Sabendo que a minha mãe estava a salvo, tentámos evacuar o meu pai, cuja casa ficava a apenas alguns quarteirões do incêndio, mas ele recusou-se a sair até receber ordens da polícia. O fogo mudou de direção mesmo nessa altura e recuou sobre si próprio, diminuindo a sua fúria.

Um mês mais tarde, parámos de carro na Floresta Nacional de Los Padres para ver os últimos condores-da-califórnia selvagens. O nevoeiro cobria as colinas, mas sob esse manto não havia nada senão cinza cinzenta e branca onde outrora a salva-branca e a salva-preta, o sumagre e a manzanita tinham florescido. Agora, cepos de carvão nus davam abrigo a um coelho ocasional.

Menos de metade da população de condores do ano passado permanecia em estado selvagem. Acima de um vale perto do Monte Pinos eles planavam, procurando as carcaças recolhidas fora da autoestrada por aquelas poucas pessoas que ainda lutavam para permitir às grandes aves os seus últimos dias de liberdade.

Eles surgiram nesse dia; primeiro como pontos negros no alcance dos nossos binóculos, depois planando sobre a borda da colina mais próxima, manchas brancas nas asas, cabeça inclinada num ângulo vigiando, contra todas as probabilidades, por um pedaço de alimento deitado por entre a erva seca.

Espécies desaparecem da terra todos os dias para nunca mais voltar, mas o próprio tamanho destas aves torna o seu desaparecimento mais terrível. Sentimos esta finalidade trágica enquanto conduzíamos de volta em direção a Ojai, descendo agora sob luz solar plena que revelava os horrores do incêndio, já não velados pelo nevoeiro. A inevitabilidade da mudança, a justeza da mesma, é uma coisa para se aceitar racionalmente, mas dias como este testam a profundidade da aceitação de alguém.

Contra esta paisagem nua, inundaram de repente memórias de Ojai na minha infância: brincar nos pomares de laranjeiras de Arya Vihara, o Krinsh à minha espera para eu sair do autocarro escolar, escondido fora de vista atrás da parede de pedra. Pensei no cuidado com que ele me ensinou os pequenos mas importantes detalhes da vida: apertar os sapatos corretamente, poli-los, escovar o cão. Quando memórias felizes assim se forçam para dentro do presente, é difícil compreender como tanto pôde ter corrido tão mal.

Os termos do acordo continuavam a ser disputados. Finalmente, naquele inverno, Raja aceitou que não havia esperança de uma paz própria com Krishna. Entrou com um pedido para um julgamento por júri. Foi marcada uma data no tribunal para o verão seguinte de 1986. Sabia que seria testemunha neste julgamento e regressaria para o mesmo na primavera, após mais uma viagem à Índia.

Em janeiro, conduzi até Ojai para me despedir do meu pai, notando agora pequenos rebentos verdes a abrir caminho através do tapete de cinza cinzenta. Continuava a haver a ameaça de deslizamentos de lama e inundações se as chuvas não fossem moderadas naquele inverno. Soube que Krinsh tinha acabado de regressar a Ojai e que estava doente, mas ninguém que eu conhecesse tinha quaisquer detalhes. Tive o impulso de tentar vê-lo, mas percebi que não seria provável que, de um momento para o outro, me fosse permitido fazê-lo, e abandonei a ideia e parti para a Índia.

Além de Madanapalle, seguimos a estrada ainda mais longe do nosso rumo em direção à *Rishi Valley School*. Krinsh estivera ali apenas algumas semanas antes. A minha mãe estivera ali com ele há trinta anos e caminhara com ele ao longo do ribeiro, vira os grandes penedos antigos e falara com

os seus jovens. Queria ver por mim mesma o lugar de que sempre ouvira dizer ser um dos locais mais belos da Índia.

«Krishnaji está muito doente, dizem que tem cancro.» Não conseguia acreditar nestas palavras, proferidas pela diretora que nos tinha acolhido, sem ter a menor ideia de quem nós éramos. Talvez não fizesse qualquer diferença, de uma maneira ou de outra, se ela soubesse que eu era filha de Rajagopal. As suas palavras chocaram-me. Cancro era a última coisa de que pensaria que Krinsh sucumbiria — mesmo aos noventa e dois anos.

Deixei Rishi Valley com os meus pensamentos como um véu sombrio contra a paisagem suave e verdejante. Estava a ficar tarde e tínhamos muitas milhas para cobrir antes de alcançarmos o mar ao sul de Madras, onde planeávamos passar a noite.

No dia seguinte, regressámos a Adyar após uma ausência de dez anos. Nada de muito importante mudara. Havia mais grafítis; os guardas nos portões, ali postos para manter afastados desordeiros e mendigos, eram eles próprios mendigos pedindo uma pequena esmola para comprar leite para um bebé recém-nascido. Havia um adelgaçamento das paredes do santuário, uma intrusão progressiva do mundo real.

Tínhamos vindo para ver Rukmini. Ao telefone, no dia anterior, ela dissera: «Por favor, vem depressa. Tenho uma coisa para te contar.» Não sabia se a fraqueza da voz se devia a debilidade ou a uma má ligação. Assim que a vi, soube. Encontrámo-la sentada numa cadeira na sala de estar, a comer o seu almoço. O seu cabelo branco estava solto e ela parecia muito doente.

«Mas ela está a ficar melhor», foi-nos dito pela sua irmã mais velha, Shivakamu. Estas duas irmãs são as amigas mais antigas do meu pai, pensei eu, desde que ele esteve aqui em Adyar como um rapaz de treze anos.

Rukmini puxou-me para perto e disse: «Tens de dar uma mensagem ao teu pai da minha parte. Estou demasiado fraca para lhe telefonar.» O seu rosto estava vincado pela doença, mas os seus olhos, ainda belos, olharam para mim intensamente.

«Claro que darei», prometi.

«Um amigo de Krishna — um amigo próximo aqui na Índia, disse-lhe que ele tem de fazer a paz com Rajagopal. Krishna prometeu-lhe que regressaria e faria isso. Ele está muito doente, sabes. Vai morrer em breve. Ele sabe disso. Ele inclusive veio ver-me após quarenta anos de afastamento. Tivemos uma reunião muito amigável. E ele colocou-se diante do retrato de Leadbeater e disse "pax". Fez a paz com todos nós aqui em Adyar e inclusive queria devolver a escola de Rajghat aos teosofistas. Disse que veio deles e deveria voltar para eles. Pediu ao meu sobrinho para a gerir, mas ele não sabe nada sobre gerir uma escola.»

Ela fez uma pausa. Esta longa sequência de palavras tinha-a cansado e retirado o fôlego débil dos seus pulmões vacilantes. Mas forçou-se a terminar.

«Se Krishna se aproximasse do teu pai, estaria o Raja recetivo? Poderias pedir-lhe para estar recetivo? Penso que poderá ser um momento muito propício para uma reconciliação.»

«Tenho a certeza de que ele estaria recetivo, mas acho improvável que Krishna se aproxime dele. No entanto, ligar-lhe-ei esta noite do hotel e contar-lhe-ei o que disseste.» Abracei-a e disse-lhe que a amava e o quanto a amizade dela significava para o meu pai.

«Quando ficares suficientemente bem para viajar outra vez, vem para a Califórnia, Rukmini. Cuidarei muito bem de ti.»

Coloquei os meus braços em redor dela novamente e chorámos ambas um pouco. «Ligar-te-ei amanhã e contar-te-ei o que o Papá disse», prometi.

Inesperadamente, consegui uma excelente ligação de Madras para Ojai com apenas alguns minutos de espera. Contei ao meu pai cada palavra da minha conversa com Rukmini. «Agradece-lhe por mim e dá-lhe o meu amor», disse ele. «É um pensamento muito bonito, mas nunca vai acontecer. Não tenhas falsas esperanças.»

«— Mas e se for o papá, mais nada, vai recebê-lo se ele lhe ligar?»

«Com certeza, mas ele nunca fará isso.»

«No entanto, por favor, faz uma coisa por mim», adicionei, «se tiveres algum contato com o Krinsh, por favor diz-lhe que o amo e que gostaria de estar com ele agora. Sabes o quão doente ele está?»

[^1]: Nota de tradução: Mantido no original inglês em respeito à diretriz de preservação estrita de conteúdo em itálico. Tradução livre em nota: «Mas se o fizer, Papá, só isso, vais ver-te com ele se ele te ligar?».

«Não sei de nada», respondeu o meu pai. «Há toda a espécie de boatos, só isso.» Repeti as suas palavras a Rukmini no dia seguinte e deixámos Madras para uma longa viagem de carro subindo a costa leste da Índia.

A 22 de fevereiro, li no *Calcutta Telegraph* que Krinsh tinha morrido cinco dias antes, a 17 de fevereiro (no dia do aniversário de Leadbeater). Ele dissera uns meses antes que sabia o dia exato em que iria morrer mas, supostamente, não tinha partilhado esse conhecimento com ninguém.

Não esperava que a sua morte fosse um choque tão grande. E a vaga de desgosto que surgiu depois foi a dor por um progenitor perdido. Nunca me tinha apercebido do quão profundamente eu pensava nele dessa forma, embora ele por vezes me dissesse que sentia que eu era sua filha. O obituário foi escrito por Pupul Jayakar, que estivera com ele em Ojai algumas semanas antes da sua morte. Ele reiterara-lhe a sua esperança de que os ensinamentos não fossem distorcidos e de que as pessoas guardassem os ensinamentos e esquecessem o instrutor.

Dois dias mais tarde, em Nova Deli, li que Rukmini tinha morrido. Exatamente uma semana após Krinsh.

Conforme o meu pai previra, Krishna não fizera qualquer tentativa de entrar em contato com ele. Talvez estivesse doente de mais para o tentar ou talvez aqueles que lhe eram próximos tivessem desencorajado a ideia.

A morte de Krishna não trouxe paz a Raja nem uma resolução para a contenda que existira entre eles durante vinte anos. Até à véspera do julgamento no tribunal, Raja procurou um entendimento e, finalmente, os administradores da *Krishnamurti Foundation* assinaram um documento de

vinte e cinco páginas destinado a «assegurar a resolução de toda e qualquer disputa, passada, presente e futura».

O comunicado de imprensa do advogado afirmava que:

as Partes de Krishnamurti admitem, relativamente aos processos judiciais anteriores, que as Partes de Rajagopal «não fizeram nada de errado, e não cometeram nenhuns atos que pudessem constituir a base para acusações ou queixas civis ou criminais».

As Partes de Krishnamurti reconhecem ainda que os documentos que procuravam reaver das Partes de Rajagopal nos processos anteriores são, de facto, documentos de Rajagopal e podem ser guardados por Rajagopal.

A *K&R Foundation*, que Raja formara, foi entregue «No estado em que se encontra» à *Krishnamurti Foundation* e esta última concordou, no acordo, em «Indemnizar as Partes de Rajagopal... e mantê-las a salvo contra quaisquer reivindicações, queixas, causas de pedir, processos judiciais... ou alegações de irregularidades feitas por... qualquer beneficiário ou sucessor de interesse de Krishnamurti».

Por outras palavras, Raja não só fora ilibado de qualquer irregularidade, como fora considerado correto na sua reivindicação sobre a sua coleção de papéis. Acima de tudo, os seus antigos adversários tinham agora concordado em que deviam proteger todo o trabalho da sua vida de um potencial ataque futuro por outras partes. Essa teria sido uma pílula amarga para Krishna engolir, da qual ele fortuitamente escapara.

Se um tal acordo teria ou não sido possível durante a vida de Krishna é uma questão académica. É certo que ele não se teria saído bem no banco das testemunhas. Rosalind foi poupada à dor de uma tal comparência também, embora estivesse preparada para avançar com ela.

Dezasseis anos de litígio e três processos judiciais separados, todos abandonados na hora final, centenas de milhares de dólares que poderiam ter sido investidos em escolas ou publicações, somam-se para formar uma crónica de desperdício.

O acordo impôs uma paz inquieta entre aqueles que ficaram a viver sob o seu teto, mas nada fez para explicar as causas da desarmonia, a vida secreta entre a minha mãe e Krinsh, o comportamento mal compreendido do meu pai em relação a Krinsh, os enganos que tinham testado até ao limite a sua disposição para perdoar.

A pimenteira onde Krishna se sentara numa noite de verão em 1922 continuava viva. Tinha envelhecido como ele e ele desejara, uma vez mais, sentar-se ali. Terá ele pensado em Rosalind e Nitya a assistir a partir da varanda naquela noite enquanto ele se sentava debaixo da árvore, em como ela lhe segurara a cabeça e lhe acalmara a dor? O vale fervilhava com boatos sobre os seus últimos dias. Terá ele realmente perguntado se alguns velhos amigos do passado tinham indagado por ele? Teria ele querido vê-los se tivessem vindo? Dizia-se que ele proferira umas últimas palavras, que queria gravadas em fita. Referiu-se a uma imensa energia e inteligência que usara o seu corpo durante a maior parte da sua vida, que partiria quando o corpo partisse e que passariam centenas de anos antes que regressasse. Disse que ninguém tinha vivido os ensinamentos, por isso ninguém conheceria essa consciência.

Se ele de facto disse algo do género, estaria a lançar as fundações para o templo que previra em 1927 que seria construído em redor de si após a sua morte? Dissera que nunca o permitiria durante a sua vida. Ou estaria ele a desvanecer-se de volta às suas primeiras memórias de infância — a ouvir a voz da sua mãe a dizer-lhe que nascera para ser uma grande pessoa? Como ele próprio teria querido, cada um de nós deve encontrar a sua própria resposta para isto e para muito mais.

Uns meses mais tarde, recebi uma carta de Shivakamu. O seu sobrinho e o de Rukmini tinham recebido um terço das cinzas de Krishna na Índia e libertaram-nas juntamente com as de Rukmini no Ganges. O corpo partiu e resta ao futuro determinar quanto do mito e dos ensinamentos irá subsistir. Os primeiros passos em direção à imortalização já começaram. Recentemente, a minha mãe abriu a sua caixa do correio e deparou-se com um retrato de perfil de quatro polegadas de Krinsh, bem como com um selo postal de sessenta paisas de rosto inteiro numa carta postal comemorativa indiana. Tê-lo-á agradado esta homenagem secular?

Lembrar-me-ei dele com a sua camisa de ganga azul e calças de ganga; o seu rosto cheio de riso sob o grande chapéu de palha, atirando com igual entusiasmo bosta de vaca para a pilha de composto ou cuidando das suas rosas.

Trouxe às nossas vidas amor e felicidade, bem como desarmonia e desgosto.

Para com Krinsh sinto-me grata por muitas coisas. Desde a mais tenra infância, ele ensinou-me a estar livre da procura e busca desesperadas por respeitabilidade e segurança, por gurus, mestres e ideologias. Aprendi com ele que as comparações e os rótulos levam ao preconceito e à infelicidade, que a conformidade leva à imitação medíocre, que não pode haver liberdade onde existe culpa ou medo. Deixou-me ser livre dele e ensinou-me a não ter medo de caminhar numa terra sem caminhos.

Notas e Referências

1

Os Anciãos

1. Kandinsky, Mondrian e outros pintores abstratos primitivos encontraram inspiração nos escritos de Leadbeater. De facto, um artista recebeu evidentemente uma transmissão misteriosa das «formas de pensamento» de Leadbeater, que ele depois pintou. Uma retrospetiva recente no Los Angeles County Art Museum, intitulada «The Spiritual In Art...» (O Espiritual na Arte...), continha numerosos exemplos de obras de arte manifestando a influência de Leadbeater e da Teosofia.

2. Para esta versão da história, bem conhecida entre os teosofistas, estou grata a Gregory Tillett, The Elder Brother: A Biography of Charles Webster Leadbeater (Routledge & Kegan Paul, 1982), pp. 12-14.

2

O Veículo

1. H. P. Blavatsky, The Secret Doctrine (A Doutrina Secreta), (Theosophical Publishing House, London, 1893), p. 384.

2. Lucifer (julho de 1890) citado por Tillett, The Elder Brother.

3. Annie Besant, The Path of Discipleship (O Caminho do Discipulado), quatro palestras no 20.º Aniversário da Sociedade Teosófica, Adyar, dezembro de 1905 (Theosophical Publishing Society, London, 1910).

3

O Veículo Assume o Volante

1. Das recordações de Mima Porter.

4

A Nova Descoberta

1. C. Jinarajadasa, Occult Investigations; Three men of C.W.L. (Investigações Ocultas; Três homens de C.W.L.), publicado privatisticamente.

2. Ibid.

5

De Volta ao Caminho

1. De uma entrevista com Rukmini Arundale, Ojai, 27 de junho de 1984.

7

O Processo

1. Entrevista com Beatrice Wood, Ojai, 1985.

2. Uma análise clássica desta anormalidade, publicada pela primeira vez em 1905, é Morton Prince, M.D., LL.D., The

Dissociation of a Personality (A Dissociação de uma Personalidade) (Meridian Books, New York, 1957).

9

Uma Viragem à Esquerda

1. De uma entrevista com Rukmini Arundale, Ojai, 27 de junho de 1984.

2. Gregory Tillett, The Elder Brother (Routledge & Kegan Paul, 1982), páginas seguintes.

3. Versão de Helen Knothe Nearing dada a Rosalind, Ojai, dezembro de 1984.

4. The Star Council Meeting, segunda-feira, 26 de julho de 1926, Ordem da Estrela do Oriente, publicado em The Herald of the Star, vol. XV, n.º 10 (1 de outubro de 1926).

5. Conversa com Mima Porter, Ojai, 27 de junho de 1984.

6. Papéis privados.

10

Contornando os Mestres

1. O estudo de personalidades dissociadas ou desintegradas data dos finais do século dezanove e a Sra. Besant estava indubitavelmente familiarizada com estas teses. Mas ela aqui transpôs a teoria para a sua própria estrutura teosófica.

2. Arthur H. Nethercot, The Last Four Lives of Annie Besant (As Últimas Quatro Vidas de Annie Besant) (... University of Chicago Press, 1963), p. 390.

3. Ibid., p. 393.

4. Gregory Tillett, The Elder Brother (Routledge & Kegan Paul, 1982), p. 204.

5. Entrevista com Rukmini Arundale, Ojai, 27 de junho de 1984.

6. The Last Four Lives of Annie Besant, pp. 404-5.

11

Encontrando o Caminho

1. Carta do Campo da Estrela, Ojai, 1928, papéis privados.

12

A Terra sem Caminhos

1. Arthur H. Nethercot, The Last Four Lives of Annie Besant (University of Chicago Press, 1963), p. 425.

2. Ibid., p. 427.

3. De uma declaração de Rukmini Arundale sobre a fundação da Rishi Valley School.

4. Gregory Tillett, The Elder Brother, (Routledge & Kegan Paul, 1982), p. 10.

5. Contado-me por Beatrice Wood muitos anos mais tarde.

13

Um Cuco no Ninho de Outra Ave

1. Entrevista com Rukmini Arundale, Ojai, 1984.

2. Entrevista com Annie Vigeveno, Santa Barbara, fevereiro de 1985.

14

Infância no Jardim das Salvas

1. Papéis privados.

16

Sábios e Sombras

1. *Sybille Bedford, Aldous Huxley, A Biography, (Alfred A. Knopf/Harper & Row, New York, 1974), p. 346.*

17

Um Jardim de Paz num Mundo de Guerra

1. *Beatrice Wood, I Shock Myself; The Autobiography of Beatrice Wood (Eu Choco-me a Mim Própria; A Autobiografia de Beatrice Wood) (Dillingham Press, Ojai, 1958), p. 113.*
2. *Sybille Bedford, Aldous Huxley, A Biography (Alfred A. Knopf/Harper & Row, New York, 1974), p. 331.*

20

A Sombra Adensa-se

1. Time Magazine (16 de janeiro de 1950).
2. Carta de Beatrice Wood, 27 de junho de 1987.

26

Uma Moratória

1. *Das notas de Rosalind feitas na altura da discussão.*
2. *Entrevista com Mima de Manziarly Porter, Ojai, 27 de junho de 1984.*

27

Uma Casa Dividida

1. *Aldous Huxley, Island (A Ilha) (Harper & Bros, New York, 1962), pp. 304-5.*
2. *Das notas de Rosalind, escritas pouco depois da morte de Aldous.*

28

Um Novo Círculo na Sombra

1. Rosalind referia-se à seguinte passagem na biografia de Annie Besant escrita por Nethercot, refletindo a sua perplexidade sobre Krishnamurti, o homem:

Eis então o caso extraordinário de um homem que, após uma longa e bizarra luta com a vida, conseguiu finalmente colocar-se a si próprio e à sua mente sob um controlo quase completo — tendo talvez hipnotizado a si próprio de modo a conseguir remeter para o esquecimento a maioria das coisas de que não se quer lembrar, porque estas recordam os dias infelizes em que se estava a tornar um indivíduo e estava a escapar da dominação de outros a quem tinha motivos para amar e admirar. Um dos seus tópicos de discussão favoritos é o da «exploração», termo pelo qual ele entende a influência exercida sobre um ser humano por outro para trazer esse outro para o seu próprio ponto de vista, a fim de utilizar esse indivíduo para o seu próprio propósito.

Quando, contudo, sugeri temerariamente que talvez ele tivesse sido «explorado» por Annie Besant nesse sentido, ele inflamou-se no que eu teria chamado de uma negação enraivecida em qualquer pessoa menos filosófica do que ele. Odiaria pensar nele como um charlatão; prefiro pensar nele como uma espécie de esquizofrénico, ou pelo menos um homem de uma personalidade agora permanentemente dividida.

Arthur H. Nethercot, The Last Four Lives of Annie Besant (University of Chicago Press, 1963), p. 450.

30

Cinzas às Cinzas

1. Da Ordem que aprova o acordo, etc. Processo n.º 79918, D. Rajagopal, et al. v. J. Krishnamurti et al., Tribunal Superior do Estado da Califórnia para o Condado de Ventura.